

ERNESTO SENNA
DO JORNAL DO COMMERCIO

RASCUNHOS

E

PERFIS

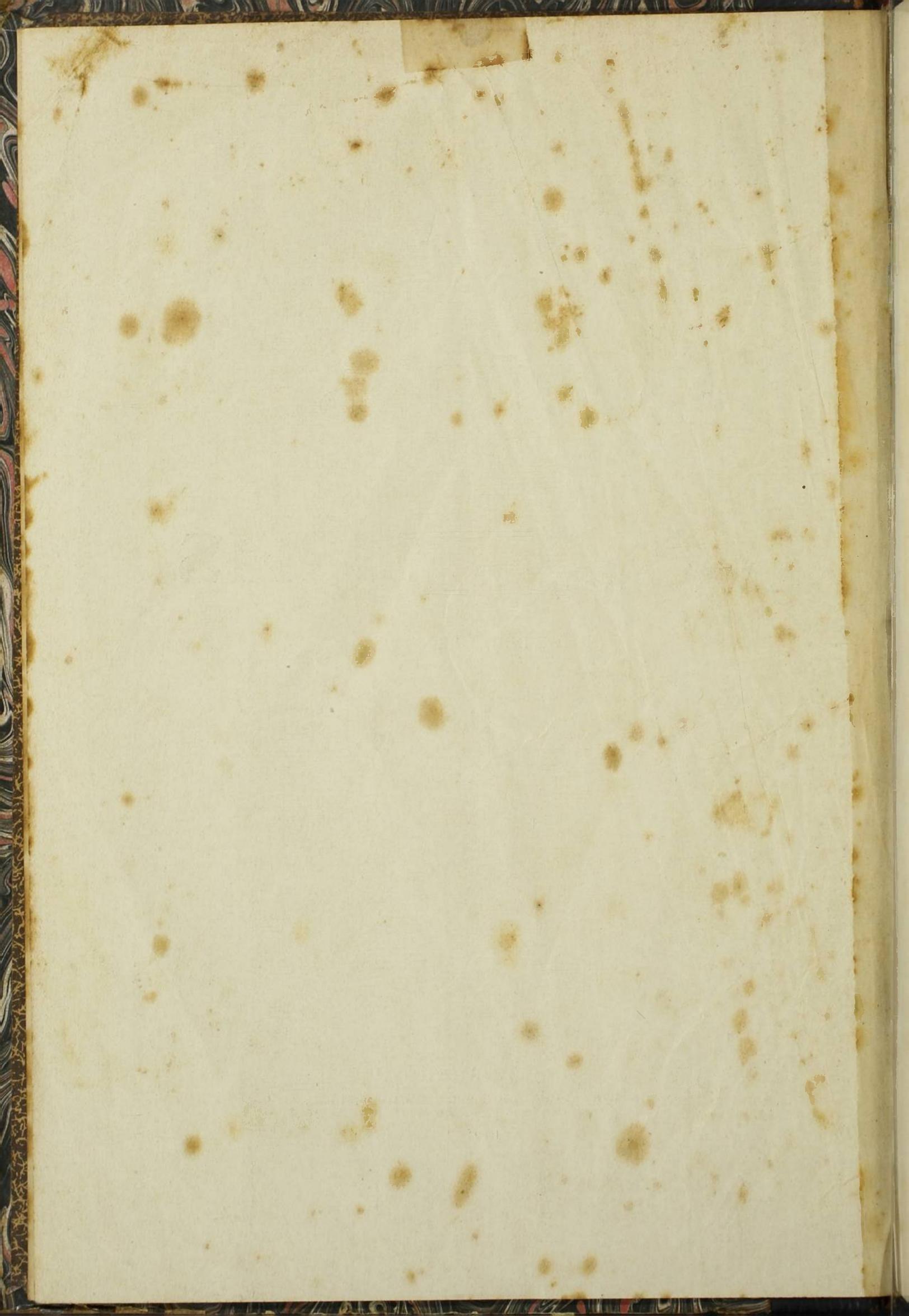
(NOTAS DE UM REPORTER)



RIO DE JANEIRO

Typ. do "Jornal do Commercio", de Rodrigues & C.

—
1909



À MEMORIA SAUDOSA

DE MEUS PAIS

O ATTENTADO DE 5 DE NOVEMBRO DE 1897

I

Ja havia bastante concurrencia no Arsenal de Guerra na manhã de 5 de Novembro. Desde as 6 horas começou a affluencia de povo que aguardava a chegada do General Silva Barbosa e dos batalhões que vinham da Bahia.

Sentados sobre os diversos canhões que se acham dispostos ao longo da alameda central do Arsenal, viam-se muitos dos mais exaltados e conhecidos partidarios do Marechal Floriano Peixoto.

A concurrencia de civis nesse dia era effectivamente uma das maiores que alli têm havido.

Pouco a pouco foi chegando a officialidade dos diversos corpos da guarnição e grande numero de senhores, em sua maioria parentes e conhecidos dos que regressavam do campo da luta.

Já se achavam no Arsenal o Sr. Vice-Presidente da Republica, as commissões das duas Casas do Parlamento e do Club Militar, officiaes generaes e superiores do Exercito, officiaes da Brigada Policial e do Corpo de Bombeiros e diversas bandas de musica.

A's 10 horas mais ou menos, chegou o Sr. Ministro da Guerra, Marechal Bittencourt, acompanhado de seus ajudantes de ordens e se dirigio para o pavimento superior do Arsenal, onde funciona a Secretaria, e ali esteve longo tempo em conversa com o Sr. General Cantuaria, Coronel Neiva e outros officiaes.

Dahi sahio o Sr. Marechal e atravessando o pateo encaminhou-se para a sala do Estado-Maior do Arsenal, sala denominada *Marechal Enéas Galvão*, onde esteve conversando com varios officiaes e alguns Deputados. Pouco depois foi o Sr. Mi-

nistro em companhia do Sr. General Mallet e Coronel Neiva percorrer o pateo do quartel dos menores do mesmo Arsenal, os quaes já estavam em fórma para o rancho.

Voltando, de novo dirigio-se para a sala acima referida, onde esteve conversando sobre os factos da campanha de Canudos com os mesmos General Mallet, Coronel Neiva, Major Carlos de Alencar, Capitão Jesuino e outros.

Pouco depois ficou o Sr. Ministro na sala com os Srs. Coronéis Neiva e Paiva, Leopoldo Cabral, representante do *Debate* e o autor destas notas representante do *Jornal do Commercio*.

O Sr. Coronel Neiva estava sentado no sofá e o Sr. Marechal Bittencourt em uma cadeira de braços, com a frente para a porta de entrada. Nas extremidades de uma pequena mesa, perto, estava ao lado do Sr. Ministro o Sr. Leopoldo Cabral e do outro lado Ernesto Senna.

O assumpto da conversação versava ainda sobre providencias a tomar e factos relativos á dolorosa campanha, quando um empregado trouxe uma bandeija com café.

O Sr. Coronel Neiva observou que o café era bom e torrado no proprio estabelecimento, ao que accrescentou o Sr. Marechal, que effectivamente estava muito bom.

Em conversa, o Marechal disse ao Coronel Neiva que tinha resolvido deixar em abandono em Canudos o canhão 32, que perdera a culatra na occasião de um disparo, visto que elle fizera um calculo e reconheceu que o transporte do canhão, as despezas para a sua conducção até á Bahia, os promptos e necessarios reparos o haviam convencido de que devia abandonal-o, pois com o dinheiro que nelle teria de gastar, ou com pouco mais adquiriria um outro.

Disse então o Coronel Neiva que se poderia mandar collocar em pé o referido canhão, para que elle ficasse assignalando as grandes e cruentas lutas que travaram, ao que retrucou o Sr. Ministro: — Sim, mas é que a época é de economia absoluta.

Ainda o Coronel Neiva lembrou que esse trabalho era facil e de pouco dispendio, pois que a propria policia da Bahia disso se poderia encarregar.

O Marechal referio-se ainda ao estado infeccioso em que deve estar o arraial de Canudos e onde a variola, a febre malaria

e outras graves enfermidades arrebataram grande parte do Exercito e dos proprios fanaticos.

— Abandono o canhão 32, disse o Marechal, mas faço questão que venham para esta Capital os outros quatro, que pertenceram á expedição Moreira Cesar, e nesse sentido já dei, mesmo na Bahia, as necessarias providencias e as reiterei por telegramma.

Conversaram ainda sobre assumpto relativo ao Pombal Militar e aos resultados pouco praticos que tem dado esse genero de serviço.

Pouco depois dirigio-se ao Sr. Marechal um artifice militar e communicou que o Sr. Presidente da Republica já havia sahido do Palacio com destino ao Arsenal.

— Bem, esperarei aqui, disse o Sr. Ministro da Guerra.

A conversação continuou, tomando parte nella, além das pessoas já acima referidas, o Sr. Capitão Jesuino de Albuquerque.

Nessa occasião, um Capitão do Exercito chefe de uma das officinas do Arsenal, dirigindo-se ao Sr. Ministro convidou-o a assistir á fundição de grande peça que ia fazer nas mesmas officinas.

O Sr. Ministro agradeceu e declarou que ficaria para outra vez, ao que disse o Coronel Neiva que não demorava, pois era para já.

O Sr. Ministro respondeu, porém:—“Não, estou cansado, não sei que tenho hoje, sinto-me indisposto; ficará para outra vez.”

Conversaram todos ainda um pouco, quando o corneta deu signal de Chefe do Estado, levantaram-se todos e se dirigiram para o portão do Arsenal.

Desembarcando do carro o Sr. Presidente da Republica, acompanhado dos Srs. Coronel Mendes de Moraes, Dr. Borges Monteiro, Capitão Neiva de Figueiredo e Alferes Cunha Moraes, foi recebido pelo Sr. Marechal Bittencourt, Coronel Neiva e outras pessoas que se dirigiam com S. Ex. em direcção ao cães de embarque.

Na entrada da alameda do Arsenal ouviam-se vivas ao Presidente da Republica, ao Dr. Prudente de Moraes, vivas que foram correspondidos com enthusiasmo.

Na frente do Arsenal e no cães havia muita gente e notadamente sobressahia o grande numero de senhoras.

Nesse ponto estava tambem uma banda de musica militar e ao longo da alameda, a dos batalhões de infantaria de policia e a do 2.º regimento de artilharia.

No cães que forma a dóca, cães que se denomina *Floriano Peixoto* era grande a concurrencia de povo.

A ressaca era forte e a lancha *Quintilla* estava um pouco distante do cães do Arsenal.

O Sr. Presidente da Republica tomou um pequeno escaler em companhia do Sr. Ministro da Guerra, General Cantuaria, Coronel Mendes de Moraes, Capitão Neiva de Figueiredo e outras pessoas e dirigio-se para bordo da lancha *Quintilla*.

Quando embarcou no escaler, o Dr. Borges Monteiro disse-lhe a meia voz: *a athmosphera está carregada*, ao que respondeu o Dr. Prudente de Moraes: *já vi*.

Em seguida voltou o escaler e conduzio outras pessoas para bordo da lancha.

De novo voltou o escaler ao cães e então embarcaram os Srs. Dr. Borges Monteiro, Alferes Araujo e Cunha Moraes, Leopoldo Cabral e Ernesto Senna; mas apenas o escaler desatracava, a lancha *Quintilla* partio, pelo que regressaram á terra aquelles senhores, queixando-se alguns delles da inconveniencia de deixarem embarcar na lancha pessoas extranhas á comitiva, sem haver o minimo cuidado e a necessaria precaução.

A's 12 e 50" as salvas das fortalezas e navios de guerra annunciavam que o Sr. Presidente da Republica deixava o paquete *Espirito Santo* com destino ao Arsenal.

Na ponte deste, ao lado de uma banda de musica, formou-se um grupo, abrindo alas para uma passagem que dá para o pequeno cães de embarque e onde deviam desembarcar as pessoas que vinham de bordo, pois que, sendo grande a ressaca, não dava embarque nem desembarque na escada da ponte.

Trepados em diversos caixões de materiaes de guerra e em cima de pilhas de madeira, via-se grande numero de senhoras.

Na frente do grupo estava um soldado com uma grande palma de louros com espiguilhas douradas e com elle, pelos flancos e á retaguarda, muitos civis, o General Marciano de Magalhães, Tenente-Coronel Rodolpiano, Major Martiniano Teixeira, e outros

officiaes do Exercito e honorarios que aguardavam a chegada do General Silva Barbosa.

Desembarcando o Sr. Presidente da Republica, foram ao seu encontro até á ponte os Srs. Dr. Borges Monteiro, Alferes Araujo e Cunha Moraes, Ernesto Senna, Leopoldo Cabral e outros cavalheiros.

Com difficuldade se approximaram do Sr. Presidente, que ao entrar no estreito local que dá passagem do cães para uma parte da frente, foi recebido por vivas ao Marechal de Ferro, ao Marechal Floriano Peixoto, vivas que partiam do grupo como um grito sedicioso.

O Sr. Presidente passou por meio desses repetidos vivas e se dirigio para a alameda central do Arsenal, ouvindo-se então calorosos vivas a S. Ex. e á Republica.

O Sr. Presidente trazia á sua direita o Sr. Ministro da Guerra e á esquerda o Sr. Coronel Mendes de Moraes, que tinha á sua esquerda o Coronel Ernesto Senna, e aquelle o Sr. Leopoldo Cabral e o Alferes Cunha Moraes. Logo após vinham os Srs. Coronel João Neiva, Dr. Borges Monteiro, Capitães Neiva de Figueiredo e Guilherme Silva, Alferes Araujo e outros muitos militares e civis.

O Sr. Presidente trazia o chapéo alto na mão direita e a sua comitiva tambem estava de cabeça descoberta, pois que as bandas de musica executavam o Hymno Nacional.

Repentinamente, inesperadamente, quando o Sr. Presidente entrava na alameda central, surgio-lhe na frente um soldado, apontando-lhe uma arma.

O Sr. Dr. Prudente de Moraes desviou o corpo para o lado direito, tendo com o chapéo alto feito rapido movimento afastando o cano da arma.

O Coronel Mendes de Moraes, rapidamente, desembainhando a espada, atirou forte golpe de prancha no soldado, na frente do lado esquerdo, seguindo-se-lhe o Sr. Ministro da Guerra, que avançou para o soldado com ambas as mãos para agarral-o, e o Alferes Cunha Moraes e outras pessoas que armadas de bengala atiravam-se ao soldado.

O aggressor cahio com a cabeça quasi debaixo de um canhão, que estava á esquerda do local, e logo immediatamente levan-

teu-se a meio corpo, recebendo ahi golpes de espada dos diversos officiaes do Estado Maior do Sr. Presidente e de outros corpos.

Immediatamente o Sr. Coronel Thomé Cordeiro, Commandante do 10º batalhão de infantaria, passou a mão esquerda pela cintura do Sr. Presidente da Republica e o Sr. Coronel Neiva pela esquerda, acercando-se do Sr. Dr. Prudente, bem como os Srs. Dr. Luiz Murat, Leopoldo Cabral, Ernesto Senna e outras pessoas que accudiram.

O povo prorompeu em gritos de *mata, mata*, ao que o Dr. Prudente respondia em alta voz: *não matem, não matem o homem!*

O soldado lutava para não se deixar desarmar, os gritos de *mata, mata* continuavam e a voz do Sr. Ministro da Guerra, se ouvia tambem: *não, não matem!*

Com difficuldade e no meio de estrepitosos vivas ao Dr. Prudente de Moraes, e apezar da reluctancia de S. Ex. em deixar o local da luta, conseguiram os que se acercavam de S. Ex., encaminhal-o para seu carro, junto ao portão do Arsenal.

S. Ex. insistia continuamente em perguntar pelo Ministro da Guerra, que se atirara, desarmado, sobre o soldado.

Ainda ao entrar no carro S. Ex. vacillava quando lhe disseram que já havia alguém ferido.

Pallido, porém altivo, com uma leve expressão de profundo sentimento pela aggressão nefanda que soffrera, o Dr. Prudente apertou nervosamente as mãos das pessoas que o cercavam e tomou seu carro com o Capitão Neiva, Alferes Cunha Moraes e Dr. Borges Monteiro.

O povo rompeu em vivas calorosos ao Presidente da Republica e o carro acompanhado do respectivo piquete, deixou o portão do Arsenal, em direcção ao Palacio do Governo.

O soldado aggressor surgio inesperadamente, como já disse, do lado direito do Sr. Ministro da Guerra, e de um salto apresentou-se na frente do Sr. Presidente da Republica, apontando-lhe ao peito uma garrucha de dois canos.

O soldado tinha o corpo um pouco curvado para o chão, o pé direito á frente e o esquerdo á rectaguarda, com a mão direita separando o fecho da garrucha e com a esquerda segura

ao cano da mesma arma, em posição de quem em quadrado defende-se de uma carga de cavallaria.

A' primeira espaldeirada do Coronel Moraes, elle tonteou e foi cahir perto do já mencionado canhão. O Coronel Moraes avançou sobre o soldado, já sem o bonet, acontecendo isso a outros officiaes que investiram tambem contra o soldado.

O Alferes Cunha Moraes já estava, junto com o Ministro da Guerra, atracado com o aggressor, tendo aquelle Alferes arrebatao a garrucha da mão do assassino. No ardor dessa luta, que durou talvez cinco a seis minutos, ainda o Marechal Bittencourt disse ao Alferes Moraes: *Defenda-se Tenente, senão morre.*

O assassino aproveitando-se da luta, tentou ainda puxar o sabre punhal da bainha do cinturão, mas este lhe foi tirado á força.

Lutavam peito a peito, ora o soldado escorregava, levando na sua quéda os que com elle estavam atracados, ora soerguia-se a meio corpo, empregando todos os esforços para se ver livre.

Ainda na luta em que estavam empenhados o Sr. Ministro da Guerra e outras pessoas, as espadas subiam até á cabeça do soldado, mas era impossivel tocal-o porque teria de ferir os que com elle lutavam.

Era uma féra no auge da desesperação.

Foi neste momento que, sorrateiramente, tirando talvez de dentro da farda uma faca, com ella, no meio da luta braço a braço, ferio o Marechal Bittencourt, o Coronel Mendes de Moraes, o Alferes José Mendes de Faria, que estava á paisana, e o Alferes do 1.º batalhão de infantaria Oscar de Oliveira.

Subjugado afinal, foi-lhe arrancada a faca da mão pelo Capitão do 1.º batalhão de infantaria Marcos Curius.

Ferido mortalmente o Sr. Ministro da Guerra foi amparado pelo Commandante do 1.º batalhão de infantaria Edmundo Bittencourt e Alferes Gonçalves, do 38.º batalhão, Coronel Dr. Diogo de Vasconcellos e outras pessoas e conduzido para a sala das entradas de fornecimentos para o Arsenal, onde foi collocado sobre um colchão forrado por um cobertor vermelho.

Ao entrar na sala exclamou o Marechal, com a voz um tanto fraca e vagarosa: *Meu Deus! Meu Deus! é um horror...*

e, momentos depois, fazendo apenas duas contorsões com a bocca, expirou.

Amparado por diversos officiaes, foi o Sr. Coronel Mendes de Moraes, conduzido para a sala *Marechal Enéas Galvão*, sendo-lhe prestados promptos soccorros pelos Srs. Drs. Ferreira Nina, Ascanio Cintra e Siqueira Dias, cirurgiões do Exercito e em seguida collocado sobre um colchão no gabinete desta sala.

Ahi soffreu novos curativos feitos pelos Srs. Drs. Daniel de Almeida, Marcos de Araujo e Emilio Gomes, casado este com uma sua cunhada.

Deitado ahi, fumava tranquillamente um cigarro durante o tempo em que lhe costuravam a larga ferida, ignorando ainda a morte do Ministro da Guerra.

Disse então que desejava ir para sua residencia.

No meio da operação o Coronel Moraes virando-se para um dos cirurgiões disse: *Ahi tem um bonito trabalho para se fazer... nos outros.*

O Sr. Presidente da Republica, porém, que no Palacio já havia recebido noticias do que occorrera, ordenou que o Coronel fosse transportado para o Palacio, mas este insistio em ir para a sua residencia na rua *Marechal Floriano*, predio situado junto do Palacio de Itamaraty.

A's 3 horas da tarde, em uma padiola carregada por praças do Exercito, e acompanhada por uma força de cavallaria, seguiu o Coronel Mendes de Moraes do Arsenal de Guerra para a sua residencia.

Seguiam a pé ao lado da padiola os Srs. Drs. Daniel de Almeida e Emilio Gomes, Capitão Neiva de Figueiredo, que regressara do Arsenal, Prudente de Moraes Filho, Drs. Augusto Clementino e Paula Guimarães, Justo de Moraes, filho do Coronel, varios Senadores, Deputados e amigos do ferido.

Grande massa de povo acompanhava a padiola, acclamando o Presidente da Republica e dando vivas ao Coronel Mendes de Moraes e á memoria do *Marechal Bittencourt*.

A padiola foi depois collocada em um bonde especial da Companhia Carris Urbanos, que a conduzio até á residencia do Coronel.

Deitado sobre o seu leito procederam os Srs. Drs. Daniel de Almeida, Góes de Vasconcellos e Emilio Gomes ao levantamento do primeiro curativo e iniciaram a sondagem e exame do ferimento.

O cadaver do Marechal Bittencourt foi então transportado em padiola para a capella do Arsenal e collocado pouco depois em uma éça cercada por seis tocheiros e ladeada por quatro praças do 10º batalhão de infantaria, com as armas em funeral.

Cobria parte do cadaver uma Bandeira nacional.

O exame cadaverico foi feito pelos Srs. General Dr. Bayma, Chefe do Corpo Sanitario do Exercito, Dr. Nina Rodrigues e um cirurgião, assistindo ao exame os Srs. Drs. Marcos de Araujo e Barros, assistente do Corpo Sanitario.

Os ferimentos encontrados no Sr. Ministro da Guerra foram os seguintes: tres ferimentos, sendo dous penetrantes: o primeiro de oito centimetros de extensão na parte antero-superior direita do thorax, correspondente á região mammaria, havendo hernia do pulmão; o segundo de tres centimetros de extensão, no flanco esquerdo correspondente á região renal; e o terceiro, perfuro-inciso, de cerca de dois centimetros de extensão, situado na espinha illiaca antero-superior direita.

Foi verificado ainda mais um ferimento na região parietal direita, sendo pelos cirurgiões attribuida a morte á hemorragia, consecutiva do ferimento do pulmão, achando-se de accôrdo com esse parecer os medicos legistas da Policia, Drs. Cunha Cruz e Moraes Brito, que compareceram immediatamente em companhia do Sr. Dr. Vicente Neiva, 1.º Delegado Auxiliar.

O termo de exame cadaverico foi lavrado e redigido de accôrdo com o regulamento processual criminal militar, respondendo aos quesitos da lei.

O Sr. Coronel Mendes de Moraes apresenta uma ferida incisa, longa, na região inguinal. Os Srs. Drs. Paulo de Lacerda e Sebastião Côrtes, medicos legistas, em companhia do Sr. Dr. 2º Delegado Auxiliar, Monteiro de Barros, procederam na tarde do dia do attentado ao respectivo corpo de delicto.

O Alferes João Manoel Garcia, que procurava arrancar a faca da mão do soldado, recebeu um ferimento de meio centi-

metro de extensão no primeiro espaço interdigital da mão direita, sendo-lhe feito o curativo no proprio Arsenal pelo Sr. Dr. Nina Rodrigues.

O Alferes Oscar de Oliveira apresenta um ligeiro ferimento perto da região mammária esquerda.

A calça do Marechal Bittencourt apresentava na altura do joelho um largo rasgão que denunciava ter o Marechal cahido quando subjugava o assassino.

Dominado e desarmado este, arrancado o cinturão, apenas com a bainha, foi elle conduzido preso para uma das salas do quartel dos menores do Arsenal, ainda agarrado por dois officiaes e praças e dahi para o xadrez do Arsenal.

Quando entrou no xadrez estava offegante de cansaço, parou, voltou-se para a porta que ainda estava aberta. Nessa occasião o Sr. Coronel Thomé Cordeiro, seu commandante exprobou-lhe, gritando : *tu, tu, miseravel, meu soldado!*

O assassino levantou a cabeça, e tremulo, apontou com o dedo index a lingua como dizendo não poder fallar. O Coronel Cordeiro empurrou-o com o braço para o fundo do xadrez.

Pouco depois chegaram os medicos da Policia para examina-rem o assassino. Este nesta occasião, estava junto da grade, mordendo-a e fazendo esgares de agitado, arregalando muito os olhos.

Pelos medicos foi-lhe ordenado que se despisse para ser examinado. Preparava-se para ficar nú, quando foi observado que só tirasse a camisa.

Examinado, vio-se que tinha no lado direito da cabeça dois ferimentos produzidos por golpes de espada, mas sem importancia, na mamma direita, uma leve escoriação e diversas echimoses pelo corpo.

Marcellino Bispo tem 22 annos de idade, é natural das Alagoas, pertence á 3.^a companhia do 10.^o batalhão de infantaria e fôra ha tempos alumno da Escola Militar.

E' de estatura mediana, pardo, quasi branco, de dentes alvissimos e musculatura vigorosa.

Terminado o exame medico, olhou para fóra do xadrez e gritou : *Exercito brasileiro, não deixe entrar aqui a policia!*

Em seguida, vendo que se agrupavam á porta da prisão os seus companheiros de armas e alguns curiosos, poz-se a fazer esgares.

Perguntado pelo Capitão Marcolino, Ajudante do Arsenal, porque commettera tão nefando crime, declarou *ser innocente. Nada ter feito.*

Foi logo após interrogado em segredo de justiça pelo Dr. Vicente Neiva, 1º Delegado Auxiliar, negando nessa occasião ter commettido o crime.

Por vezes tem Marcellino sido interrogado pelo Coronel José Christino, Presidente do Conselho de inquerito policial militar, pelo Coronel Neiva, pelo Tenente-Coronel Campello, Delegado Urbano e até aconselhado pelo Monsenhor Breves, com vestes sacerdotaes, para dizer a verdade.

Obtinadamente nega-se a responder ás perguntas que lhe são feitas, declarando que o mandem fuzilar porque é um desgraçado.

Come e dorme perfeitamente, quasi sempre de bruços, mostrando certa calma.

Uma das vezes em que foi interrogado, respondeu que a sua religião é a do Marechal Floriano, que não matou o Ministro da Guerra, que queria matar o Sr. Presidente da Republica; outras vezes diz que não sabe porque matou o Marechal Bittencourt e que jurou nada dizer.

Leram-lhe um trecho da noticia de um dos jornaes da Capital, em que se descrevia a commovente scena dos funeraes do Marechal.

Ouvio parte da leitura com os olhos humedecidos e, em seguida, fixando-os para um canto da prisão, mostrou não querer ouvir o resto da leitura.

Mostra o habito da leitura dos jornaes, revela alguma intelligencia, rebatendo com argumentos certas objecções que fazem ás suas negativas.

Quando passava o corpo do Marechal Bittencourt, em maca, da capella para a ambulancia, o Capitão Marcolino abriu a porta do xadrez. O assassino, que estava deitado no assoalho, levantou-se bruscamente e foi espiar das grades a passagem do corpo.

Marcellino assentára praça no 10º batalhão de infantaria ha cerca de um anno e meio e gosava de bom conceito no meio de seus camaradas.

Contam que ha cerca de seis mezes, do alojamento de um dos officiaes do seu batalhão desapparecera certa quantia e que Marcellino, sendo ordenança desse official, sentindo-se comprometido, pretendeu suicidar-se com uma carabina, sendo obstado por esse official.

Ora, se fosse a lei militar cumprida com o rigor que deve ser exercida nos quartéis, Marcellino não estaria solto talvez no dia 5 do corrente, porque os artigos de guerra mandam submeter á prisão e a conselho de guerra o soldado que tenta suicidar-se.

Accresce que é de lei militar a revista nos bahús, malas, etc., das praças alojadas nos quartéis; no entanto desde que foi abolida a pena de morte no Exercito, esta revista cahio em abandono completo.

Na madrugada de 31 do mez passado, Marcellino foi preso na Ladeira do Ascurra em companhia de Deocleciano Martyr e do Sargento do 9º Regimento de cavallaria João Peixoto de Lacerda, por ser alli encontrado quando a população desta Capital era attrahida pela apparição de um celebre phantasma.

Como não recebessem parte alguma contra elles, os Commandantes do 9º e 10º batalhões os puzeram em liberdade no fim de tres dias, sendo Marcellino designado para servir como ordenança do Sr. General Silva Guimarães, Inspector addido do Corpo Sanitario do Exercito.

Affirma pessoa séria e criteriosa que passando no dia de finados pelo tumulo do Marechal Floriano, no cemiterio de São João Baptista, notara um paisano e dois soldados do Exercito, ajoelhados resando, e que, procurando reconhecer aquelle paisano, vira ser elle Deocleciano Martyr.

Nesse dia em que Marcellino commettera o crime, não estava de serviço nem se apresentara ao General Silva Guimarães.

Sua farda, logo depois de preso, foi revistada, não se encontrando senão um lenço, cigarros e algum dinheiro.

O Sr. Coronel Thomé Cordeiro, Commandante do 10º batalhão, no mesmo dia do attentado fez lacrar a mala da anspeçada Marcellino Bispo de Mello.

Informaram-me que ella continha roupa e varios objectos do criminoso e entre estes o retrato do Capitão Deocleciano Martyr e um pequeno quadro com uma allegoria á Republica, tendo no verso o seguinte: "O Capitão Deocleciano Martyr, o primeiro brasileiro; Marcellino Bispo de Mello, anspeçada de ferro."

A letra de assignatura era do proprio Marcellino, porém, a daquella não o é.

A mala foi enviada ao Sr. Ajudante General do Exercito.

Marcellino de Mello veio do Norte, transferido para o 10º batalhão, ha cerca de dez mezes mais ou menos.

Domingo, no Arsenal de Guerra, o Sr. Alferes Floresta, do 9º Regimento de cavallaria e secretario da commissão do inquerito policial militar, na presença do Sr. Coronel José Christino Bittencourt, Capitão Gonçalves da Silva, presidente e interrogante da mesma commissão, e do autor destas linhas, descarregou a garrucha de que se servio Marcellino para a tentativa contra o Sr. Presidente da Republica.

A garrucha era de dois canos e nova. Por meio de um saccatrapos verificou-se que a bucha era de papel de jornal, que a carga de polvora (de caça) era tal que, disparando o tiro, o cano não supportaria com certeza a pressão e rebentaria.

Dentro do cano existiam estilhaços de duas balas Comblain, partidas cada uma em quatro partes.

A arma tinha a marca da casa que a vendera, mas raspada cuidadosamente, deixando apenas apparecer a palavra Rio.

A faca, que era de dois gumes, afiadissimos, tinha a ponta quebrada e estava toda tinta de sangue até ao cabo.

O cinturão tinha larga mancha de sangue na chapa de metal e nodoas no couro, que era pintado de branco.

O sabre-punhal não apresentava nenhum signal, mas a bainha tinha largas manchas de sangue e a ponta de metal achava-se um tanto amolgada.

II

Collocado o cadaver do Marechal sobre a éça na capella do Arsenal de Guerra, que foi logo transformada em camara ardente, ficaram junto do cadaver seu genro Dr. João Pedroso, um seu amigo dedicado o engenheiro Diogo Rdrigues de Vasconcellos e os ajudantes de ordens que serviam com o illustre morto.

A's 5 horas e 1/4 da tarde, chegou ao Arsenal uma ambulancia do serviço de hygiene municipal.

No Arsenal, logo depois do attentado, formou no pateo o 10º batalhão de infantaria.

A' chegada da ambulancia a corneta tocou sentido para a formatura.

Com as armas em funeral formou o batalhão.

Era grande o concurso de officiaes que estavam na pequena capella nesta occasião.

Trasladado o corpo descoberto para uma maca, foi então conduzido da capella para a ambulancia pelos Generaes Cantuaria e Avila, Coroneis João Vieira e Callado, Capitães Miranda Azevedo, Guilherme Silva, Alonso Niemeyer, Tenente-Coronel Marques Porto, Dr. Teixeira Neiva e Alferes Galvão.

A maca passou vagarosamente pela frente do batalhão formado, ao som de uma marcha funebre.

Era geral o sentimento, o silencio e o respeito da solemnidade mais augmentaram a tristeza desse quadro.

Collocado o corpo dentro da ambulancia, tomaram logares ao lado do cadaver os Srs. Capitão Alonso de Niemeyer, Heitor Guimarães e Gabriel Cerqueira.

Duas grandes bandeiras nacionaes cobriam a ambulancia que, deixando o portão do Arsenal, se dirigio para a residencia do finado, á rua Voluntarios da Patria.

Um esquadrão do 9.º regimento de cavallaria, sob o commando do Capitão Pedreira Franco, acompanhou o improvisado carro funebre.

Em dois *landaus* acompanharam o sequito o Sr. General Cantuaria, Capitão Neiva de Figueiredo, ajudante de ordens do Sr. Presidente da Republica e o Capitão Guilherme Silva, ajudante de ordens do inditoso militar.

O Sr. Capitão Alonso de Niemeyer foi, por ordem do então Ajudante-General do Exercito, General Cantuaria, á residencia da familia do bravo Marechal communicar o criminoso attentado, que victimou um dos mais honrados membros do Exercito Brasileiro.

Era indescrível o desespero da esposa e filhos do Marechal. A Sra. Bittencourt foi logo accommettida de forte accesso nervoso, sendo soccorrida immediatamente pelos Drs. Malcher Serzedello e Abelardo de Souza.

Familias da vizinhança já se achavam na residencia do Marechal, pois já tinham sabido do tristissimo acontecimento.

Compõe-se a familia do Marechal, de sua esposa, seis filhos e cinco filhas.

Uma de suas filhas, senhora de grande fortaleza de animo, é casada com o Dr. João Pedroso.

O cadaver chegou á residencia ás 5 horas e 55 minutos da tarde.

Em frente ao portão da residencia era enorme a agglomeração de pessoas do povo.

Aberta a porta do carro da ambulancia foi a maca carregada pelos empregados da Hygiene Publica e pelo Estado-Maior do illustre morto.

O cadaver estava completamente livido.

Foi um triste e doloroso espectaculo ver-se a maca atravessar o jardim sobre os hombros daquelles homens que marchavam em passo igual e cadenciado.

Entraram todos na sala de visitas que tinha as janellas cerradas.

Alguns dos moveis haviam sido retirados para um corredor que communica com a sala de jantar.

A sala de visitas foi ornamentada com muita simplicidade.

Tinha ella quando muito oito metros de comprimento por seis de largura, tres janellas de frente com saccadas para o jardim e uma de peitoril.

Das janellas pendiam cortinas de damasco vermelho lavrado, cobertas de renda côr de creme.

Na parede do lado esquerdo via-se um pequeno espelho quadrilongo, de crystal lavrado, ladeado pelos retratos dos pais do Marechal, trabalho feito a oleo.

A parede do fundo da sala tinha duas portas, uma que communicava com a escada do pavimento superior e outra com o corredor que dá entrada para a sala de jantar.

Entre as duas portas estava collocada uma bella photographia do morto com o seu Estado-Maior, tirada dias antes da sua partida para Canudos.

Esta photographia tinha uma metro de altura por sessenta centimetros de largura e a moldura era dourada e larga, com um vivo vermelho.

Na parede esquerda, nos dois lados, pendiam quatro paizagens, sendo duas grandes e outras pequenas.

O papel da parede era vermelho, com ramagens douradas e pretas.

Na sala estavam collocadas duas mobílias, uma estofada e outra de palhinha.

A primeira foi retirada. Chegando a maca foi collocada sobre duas cadeiras, sendo immediatamente aberta uma das janellas.

A gola do dolman do Marechal, estava desabotoada e por ahi viam-se diversas echimoses no pescoço e o sangue que levemente escorria da ferida do peito.

A familia, entre prantos e angustiosos gemidos estava recolhida aos aposentos do andar superior.

Momentos depois appareceram nas portas da sala, vestidas com saia preta e corpete branco as irmãs do Marechal, que traziam os cabellos soltos, em completo desalinho e os olhos amortecidos pelo pranto.

Ao approximaram-se da maca em que jazia inerte o corpo de seu irmão proromperam em horriveis gritos. Não tiveram coragem de tocar no corpo.

Emquanto na sala se presenciava esta scena, que a todos confrangia o coração, outra ainda mais pungente estava preparada.

As filhas do Marechal desciam as escadas; pareciam allucinadas. Trajavam todas rigoroso lucto.

Logo que viram a agglomeração de pessoas em torno da maca exclamaram a um tempo: *E' impossivel, não temos coragem para vê-lo !*

O amôr filial bradava-lhes, porém, mais alto que a fraqueza e com os passos vacillantes acercaram-se do corpo.

Uma, ao lançar rapidamente a vista para o cadaver, levou as mãos aos olhos, volveu atrás alguns passos e cahio desfallecida. Outras, abraçando-se com o cadaver do infeliz militar, pronunciavam phrases sem nexo, soluçavam n'um desespero horrivel.

Ainda uma outra das filhas do Marechal desabotoou-lhe o dolman, pondo a descoberto todas as vestes ensanguentadas.

Este horroroso espectáculo causou-lhe ligeira vertigem.

Tornando a si disse a uma de suas tias: *Veja tia Nenê, como elle está banhado em sangue. E' preciso que haja justiça!*

Nisto, a desolada viuva acompanhada de dois de seus filhos, assomou na sala mortuaria.

Trajava saia preta e corpete listado de preto e um mantelete de rendas pretas sobre a cabeça.

As creanças estavam vestidas de branco, tendo laços pretos nos braços.

A distincta senhora estava com a physionomia completamente transformada, pelo grande e angustioso soffrimento que a pungia.

Não respeitando ninguém, bruscamente, loucamente, afastando os que a amparavam, gritou:—*quero vê-lo ! quero vê-lo !*

Avançou para o corpo, ajoelhou-se, levantou a cabeça daquelle que era parte da sua alma, cobrio-lhe as faces de beijos e de lagrimas, exclamando, numa angustia suprema e desesperadora:

“Ah! Carlos, sabiste hoje daqui tão cheio de vida e voltas cadaver! Sempre te dizia que tivesses medo do punhal do assassino, e tu não me querias acreditar quando te fallava em inimigos! Meu querido marido de 25 annos, vê, ouve, responde á tua esposa e aos teus filhos, dize que não morreste!

O que será de todos nós ? Meu Deus !”

Em seguida, um dos officiaes, tomando a creança menor (de 4 annos) nos braços, quiz retiral-a da sala porque a coitadinha perguntava: *porque papai está deitado e todos choram ?* Quando já transpunha a porta do corredor, a infeliz senhora tomando-lhe a creança exclamou: “Não a levem daqui, é preciso que para o fu-

turo ella tenha alguma idéa do que se passa". Approximou a creancinha do cadaver, fez com que ella o beijasse... e a creança começou a chorar. Havia comprehendido!

A viuva do *Marechal de Ouro*, como o povo o denominou, abraçada ao General Cantuaria, em cujas barbas brancas e longas cahiam a miudo as lagrimas sinceras do seu grande coração, disse-lhe: "General, o Sr. é meu amigo e era do meu marido; não abandone esta desolada familia".

Nenhuma das pessoas presentes conseguiu suffocar as lagrimas, diante destas commoventes scenas. Todos choravam, todos compartilhavam da immensa dôr que angustiava uma familia inteira e que roubava á patria um dos seus melhores caracteres e servidores, e á sociedade um amigo leal e dedicado.

A noite começava a cahir e a tenue claridade que entrava pela janella mais augmentava a tristeza daquelle quadro.

Por cinco minutos esteve a inditosa senhora como que desfallecida, com a cabeça apoiada ao hombro esquerdo do venerando General.

O Coronel Callado, Secretario do Ministro, nesta occasião pedio ás senhoras para se retirarem da sala, visto ser necessario lavarem-se as feridas e vestir o uniforme no cadaver.

Depois de grande reluctancia e de continuos rogos a infeliz viuva abandonou a sala, seguida de suas amigas e filhos.

Um do criados trouxe um colchão, para onde foi transportado o cadaver.

A maca foi desarmada, deixando vêr a lona completamente coberta de sangue coagulado.

Emquanto se despia o corpo, chegaram os primeiros preparativos para a armação da camara ardente.

Tal era a rigidez do cadaver que se tornou necessario rasgar o dolman para poder retiral-o.

Viam-se então, perfeitamente, os signaes dos terriveis golpes do punhal do assassino.

Todas as peças de roupa estavam cheias de sangue.

O corpo foi completamente despido, com excepção das botinas que não foi possivel descalçar.

Trazidas as bacias com agua morna, começou a lavagem do corpo, que foi feita por quasi todos os cavalheiros presentes.

A mortal ferida do peito começou nessa ocasião a derramar sangue em quantidade.

O medico que assistia á lavagem, mandou á pharmacia buscar algodão em rama e alguns medicamentos e embebido o algodão, foi collocado na ferida.

Esta, que era enorme, foi entumecida com quasi todo o algodão que pouco depois tornou-se vermelho, tal era a abundancia do sangue.

Concluida esta tarefa continuou-se a vestir o corpo.

Sobre uma das cadeiras já estavam as roupas que deviam ser vestidas no cadaver. Estas tinham unicamente o nome *Carlos* bordado com linha de marca vermelha.

A camisa foi rasgada nas costas afim de não levantar-se o corpo, e assim evitar que os ferimentos se abrissem novamente. Com bastante custo foi vestida a sobrecasaca de primeiro uniforme.

Este esforço fez manchar de sangue o peito da camisa, que ficou encoberto pela farda, sendo ainda assim preciso collocar entre esta e a camisa uma grossa pasta de algodão para não manchar os bordados e o proprio panno da farda.

Quando foram retirar as roupas ensanguentadas, da sala de visitas, cahio, de um dos bolsos do dolman, um pince-nez de ouro com trancelim fino do mesmo metal. Ambos os vidros estavam cobertos de sangue, já secco.

O cadaver foi deitado em um caixão de 1.^a classe.

Os empregados da Empreza Funeraria entregaram-se ao triste trabalho da decoração da sala, tudo sob as ordens do Coronel Callado.

Este Coronel mandou logo saber se era possivel obter uma sepultura perto da do irmão do honrado militar, o Dr. Jacyntho Machado Bittencourt, o que não foi possivel.

O trabalho de decoração, que começou ás 6 horas da tarde, só ficou concluido ás 10 horas da manhã seguinte.

As cortinas foram retiradas, bem como os quadros, e todas as paredes ficaram despidas.

A ornamentação da casa foi substituida pela funebre côr preta.

As janellas e paredes foram revestidas de velludo preto com listas de galão prateado, da largura de tres dedos mais ou menos.

No velludo estavam bordados a ouro, os emblemas da morte. Caveiras, tibias entrelaçadas, ampulheta e a fouce exterminadora viam-se espalhadas por toda a parte.

Na janella central foi armado o altar.

De cada canto do tecto partiam em fórma de cruz largos fachos de crépe, que vindo encontrar-se no lustre de gaz do centro da sala, por este desciam envolvendo-o completamente.

O soalho tambem foi revestido com tapetes pretos.

No centro elevava-se uma rica éça onde foi o caixão depositado.

Ladeavam a éça seis longos cirios e no altar foi posta a imagem de Christo crucificado, tendo em um e outro lado seis tocheiros de prata lavrada.

Depois do cadaver collocado no caixão foi permittido á familia vir para a camara ardente.

Ahi então a viuva do Marechal, tomando um pequeno crucifixo de marfim, collocou-o nas mãos entrelaçadas do Marechal, espargindo nos claros do caixão flôres naturaes.

Ainda em seguida, a inditosa senhora collocou ao lado esquerdo do cadaver, a espada de honra que ao Marechal fôra offerecida ha annos, pela officialidade do 1.º regimento de cavallaria, e collocou aos pés o chapéo armado.

Nas mangas do fardamento foram tambem postas as suas insignias de Ministro do Supremo Tribunal Militar.

Durante toda a noite foi o cadaver velado por alguns officiaes do Exercito, amigos do morto e familias da visinhança, que espontaneamente se offereceram.

A's 10 horas da noite, seu filho Raul, alumno do Gymnasio Nacional, abraçado ao cadaver, chorava desesperadamente, cofiava-lhe a barba e alisava-lhe os cabellos.

Preso de cansaço e de soffrimentos, adormeceu sobre o peito do venerando auctor de seus dias.

O silencio sepulchral que então reinava era de quando em vez quebrado pelos gemidos e prantos da familia, que constantemente vinha á camara ardente abraçar e cobrir de lagrimas as faces de seu bom e generoso chefe.

Pela manhã notou-se que a pequena almofada de setim branco, franjado a ouro e na qual repousava a cabeça do heroico militar, estava tinta de sangue proveniente do ferimento daquelle local.

A noite passou... e o dia, atirando por entre as janellas limpidos raios de sua luz suave sobre a face do Marechal, fazia parecer que elle dormia calmo, tranquillo e sereno o somno do justo, do bom e do santo!

— Marcellino Bispo que se suicidou na prisão em que estava no Arsenal de Guerra ha muito que premeditava matar-se, pois que constantemente pedia que o mandassem fuzilar, que estava demorando muito a sua morte.

Uma occasião procurou suicidar-se fazendo esforço para introduzir a cabeça entre as grades do xadrez, o que não conseguiu.

Na prisão era elle a principio vigiado por uma sentinella, mas como foi por vezes observado que elle conversava com as praças que eram alli postadas, o Sr. Director do Arsenal ordenou que fosse cerrada a porta que dá accesso para a pequena sala onde está o xadrez, ficando a sentinella do lado de fóra em uma guarita.

Habitualmente, Marcellino só trajava calça e camisa e tinha os pés descalços, conservando, porém, a sua farda e botinas dentro do xadrez.

Um par de machos prendia-lhe as pernas de fórma que, pesando este cerca de 3 kilos, não lhe privava de andar.

Ultimamente pouco se alimentava, almoçando bem, entretanto, no dia em que se suicidou.

Junto ao colchão em que dormia Marcellino, foi encontrado um numero do *Debate* que traz o inquerito sobre o attentado.

A' margem desse inquerito existem notas a lapis feitas por Marcellino e entre estas as seguintes phrases: *Sim senhor, apoiado, é verdade*. Na parte em que se refere ao Dr. Barbosa Lima escreveu: *Não é verdade, elle sabia de tudo*, etc.

Este jornal acha-se por ordem do Sr. Dr. Chefe de Policia junto aos autos.

— Existem ainda vinte e tantas tiras de papel escriptas a lapis pelo proprio Marcellino, na prisão, trabalho este que levou a fazer do dia 29 a 31 de Dezembro do anno passado.

Estas tiras têm o seguinte titulo: *Despedida ao meu paiz*; e nella, elle conta a sua vida, desde que nasceu até ao dia do attentado.

Narra como travou conhecimento com Deocleciano Martyr e todas as peripecias que o movem ao crime.

Marcellino escreveu ainda alguns versos e entre estes um soneto com o titulo *Jesus Christo e Floriano*.

Conversando com alguém, algumas vezes, dizia elle que o seu desejo era poder ainda esfaquear tres individuos a quem agora odiava e citou os nomes.

Disse que, apezar de ser Deocleciano o auctor de sua desgraça, elle não lhe queria mal por isso; que o attentado foi uma desgraça para seu paiz e para a memoria do Marechal Floriano, a quem elle adorava.

Pedia Marcellino para ser fuzilado com todas as honras militares. Era este o seu constante desejo, e á propria pessoa com quem elle se expandia, quando ia vel-o na prisão, ainda perguntou dias antes de suicidar-se: — *Então Capitão o que me prometteu?*... ao que o Capitão X, fingindo não se lembrar da promessa, retrucou-lhe: *O que foi que te prometti?*

Marcellino com a voz um tanto abafada disse: — *Não me prometteu que eu seria fuzilado com todas as honras?*

— *Ah! é verdade, sel-o-has em breve*, respondeu-lhe o Capitão.

Marcellino se mostrava satisfeito com essa promessa.

Ainda em conversa dizia que commetteu o crime, porque fôra instado; estava tão furioso que, quando lhe cahio a pistola da mão, empunhou a faca na direita e conservou a bainha na esquerda.

Uma occasião lhe foi lida a noticia de um dos jornaes, sobre a morte do Marechal Bittencourt. Marcellino ouviu a leitura chorando, e ao terminar a mesma disse que julgava estar ferindo um sargento de policia; e, referindo-se ao Marechal, dizia que elle era um bom homem, honrado, um militar valente e cheio de familia.

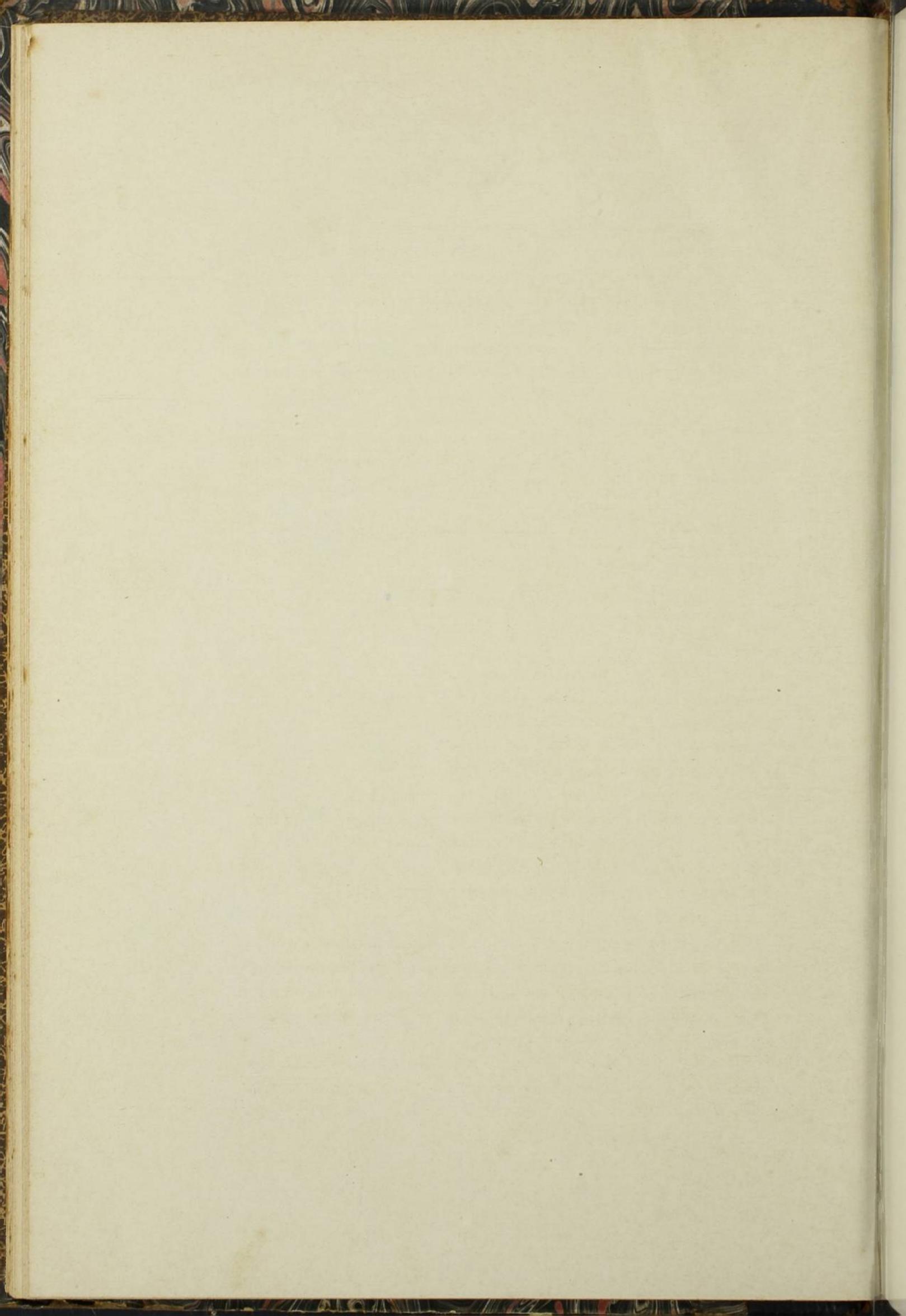
O autor destas linhas tem em seu poder o lapis com que Marcellino escrevia na prisão.

Ainda me informaram que nas linhas escriptas por Marcelino, nas tiras já referidas, este critica certas noticias publicadas em alguns dos jornaes desta Capital, que o chamavam de feroz assassino, quando em alguns *desses orgãos da imprensa* (textual), foi onde elle aprendeu a venerar a memoria do Marechal de Ferro.

Marcellino assignou aquellas vinte e tantas tiras da seguinte fórma: *Marcellino Bispo de Mello, anspeçada de banana.*

NOTA. — Devo aqui consignar com justo desvanecimento que tive a honra de ser ajudante de pessoa do saudoso Marechal, quando Commandante Superior da Guarda Nacional e assim poder affirmar com segurança a nobreza alevantada do seu character, o seu ardoroso patriotismo, o seu respeito á disciplina militar alliado a uma bondade paternal e fidalga educação.

1898.



CORPO DE BOMBEIROS

Por decreto de 10 de Setembro de 1859 foi creado nesta Capital o Corpo de Bombeiros, sendo seu director o Tenente-Coronel Juvencio Cabral de Menezes.

Compunha-se elle de cinco secções e divididas estas com as denominações de 1.^a, 2.^a, e 3.^a, occupando a primeira um dos compartimentos do Arsenal de Guerra, a segunda um dos do Arsenal de Marinha, demorando a ultima na Casa de Correção, sendo as restantes consideradas como posto central e de obras publicas.

O quadro do pessoal era o seguinte: 1 director geral, 1 ajudante do director, 2 commandantes de secções, 2 instructores, 1 chefe ajudante, 2 chefes de secção e 80 bombeiros; o director era um official superior do Corpo de Engenheiros, o seu ajudante um capitão de qualquer das armas scientificas, reunindo ao todo 309 homens, dos quaes 9 officiaes e 300 praças.

O material compunha-se de 7 bombas manuaes, de grandes dimensões, e de 10 de pequenas dimensões, movidas a braços, exigindo uma dellas o esforço combinado de mais de 20 homens. Eram todas puxadas á corda, sendo precizo, para fazel-as funcionar, recrutar pessoas do povo.

Além desse pessoal possuia mais o Corpo de Bombeiros 10 carros de duas rodas com pipas de agua que, á noite, ficavam cheias, para acompanharem aquelle modesto material, até que seu numero tivesse augmento com as celebres pipas de agua que a policia coagia a comparecerem aos incendios.

Por decreto n. 2.587, de 30 de Abril de 1860, foi dado novo regulamento a esse Corpo, conservando-se essas mesmas secções, pessoal e material, estabelecendo-se apenas os deveres de cada um dos seus empregados.

A 19 de Junho de 1865 foi o Tenente-Coronel Juvencio Cabral de Menezes exonerado por ter de seguir para a guerra do Paraguay, sendo substituido no commando pelo Major Antonio Pedro Drummond, que exerceu este cargo até 1 de Setembro de 1866, mantendo o serviço de direcção tal qual como o recebera do seu antecessor.

A 1 de Setembro de 1866 assumio o cargo de Director interino o Tenente-Coronel Joaquim José de Carvalho, que servio até 12 de Janeiro de 1876. Sob sua administração foram creadas as officinas de carpinteiro, ferreiro e selleiro e com insignificantes operarios, attenta a insufficiencia do Estado effectivo, que naquella época era diminuto. Elevou de 1\$ a 1\$500 os vencimentos dos bombeiros aprendizes e de 1\$500 a 2\$ os dos bombeiros trabalhadores. Durante a sua administração, isto é, de 1866 a 1876, deram-se 442 incendios, sendo grandes 117, médios 21, pequenos 65, insignificantes 151, em chaminés 88.

Assumindo a 12 de Janeiro de 1876 o cargo de director geral o Tenente-Coronel Conrado Jacob de Niemeyer, apresentou ao Governo um relatorio minucioso, expondo o estado em que se achava aquella corporação, propondo medidas urgentes para o serviço de extincção de incendio, entre as quaes: escola de instrucção primaria, edificio apropriado para um quartel central,apparelhos de gymnastica e outros, aquisições de bombas a vapor por tracção animal, etc., etc. Sob a sua administração foram executados grandes melhoramentos, entre outros o calçamento a paralelipipedos do pateo do quartel central, alojamentos para secções de bombeiros, telheiro para abrigar o material, até então á mercê das intemperies das estações, bombas a vapor por tracção animal, apparelhos de socorros dos melhores fabricantes, inclusive o importante sacco de salvação.

Durante a sua direcção occorreram 50 incendios, sendo 11 grandes, 4 médios, 4 pequenos, 18 insignificantes e 13 em chaminés.

A direcção do Sr. Tenente-Coronel Niemeyer foi o inicio de uma éra de desenvolvimento para o corpo de bombeiros e graças aos seus esforços, á sua boa vontade e ao seu tino administrativo, essa corporação principiou a tomar grande desenvolvimento e a prestar reaes serviços.

A 1 de Março de 1877 passou o commando ao Tenente-Coronel João Soares Neiva, que alli então servia como seu ajudante.

Sob a administração do Sr. Tenente-Coronel Neiva foram organizados os regulamentos que baixaram com os decretos numeros 8.337 de 16 de Dezembro de 1887, este apresentado pelo Ministro da Agricultura Conselheiro Rodrigo Augusto da Silva e aquelle pelo Conselheiro José Antonio Saraiva.

O quadro que acompanhou o primeiro regulamento marcava o effectivo de 15 officiaes e 285 praças, divididas em tres secções comprehendendo cada uma tres officiaes, sendo um commandante com o posto de capitão, um coadjuvante com o de tenente, e um de chefe de estação com a patente de alferes, cinco sargentos dos quaes um devia ser o chefe do serviço com a graduação de 1.º sargento, oito cabos de esquadra, 82 bombeiros, inclusive artifices, trabalhadores, aprendizes, conductores e corneteiros, sendo porém o estado-maior incluído na 1.ª secção, comprehendendo o commandante, ajudante, 1.º e 2.º cirurgiões, almoxarife e secretario, o primeiro tenente-coronel, o segundo capitão, o terceiro tambem capitão, o quarto tenente e os ultimos alferes.

O quadro que acompanhou o segundo regulamento deu um estado-maior composto de 7 officiaes, outro menor com 14 praças e 4 companhias com 4 officiaes, 5 sargentos, 3 forrieis, 8 cabos, 15 conductores, 10 artifices, 46 trabalhadores, 2 corneteiros, 16 aprendizes, dando um effectivo de 109 praças para cada companhia e perfazendo um total de 436 homens.

Este regulamento cogitou da criação da caixa de beneficencia do Corpo e a sua base foi formada por donativos das companhias de seguros, que se elevaram a 20:000\$ em 1887, por iniciativa do então Ministro da Agricultura Conselheiro Rodrigo Silva.

Foram estabelecidos os 1º, 2º e 3º postos; o primeiro occupava, como ainda occupa, parte do pavimento terreo n. 1 da rua da Saude; o segundo está localizado no proprio nacional do largo da Carioca n. 2 e o terceiro está funcionando no proprio nacional á rua de D. Manoel, em frente á Secretaria do Ministerio da Agricultura.

Foram ainda na administração do Sr. Coronel Neiva creadas as estações do Norte, Sul, Este e Oéste, a primeira situada em

um proprio nacional, construido para esse fim na rua da Gambaôa, proximo da estação maritima da Estrada de Ferro Central do Brasil; a segunda, situada no Cattete, em proprio, construido tambem para esse fim no largo de S. Salvador; a terceira, no proprio edificio da Alfandega; a quarta, situada em S. Christovão, na rua do mesmo nome, ao lado do antigo Matadouro, em proprio, construido expressamente para estação. Foram essas estações inauguradas: a de Este em 30 de Novembro de 1881, a do Sul em 1882, a do Norte em 1883 e a de Oéste em 1887.

Pertence a esse commando o importante serviço das caixas de avisos de incendio, collocadas no anno de 1881, e que hoje são em numero de 48, collocadas nas seguintes ruas:

Rua do Sacramento, esquina da praça da Constituição, ao lado do Theatro; rua Sete de Setembro, ao lado da Capella Imperial; rua da Alfandega, esquina da de Primeiro de Março; rua Theophilo Ottoni, esquina da de Primeiro de Março; rua Bragança, esquina da da Quitanda; rua de S. Pedro, esquina da da Quitanda; rua da Quitanda, esquina da da Assembléa; rua dos Ourives, esquina da do Hospicio; rua dos Ourives, esquina da do Visconde de Inhaúma; largo de S. Francisco da Prainha; rua da Uruguayana, esquina da do General Camara; rua da Uruguayana, esquina da do Ouvidor; largo do Moura, no quartel dos Aprendizes Artifices do Arsenal de Guerra; rua de Santa Luzia, no predio em frente ao antigo Asylo de Mendigos; rua Evaristo da Veiga, no predio da esquina da rua Visconde de Maranguape; rua do Riachuelo, no predio que faz esquina com a rua do Monte Alegre; rua Conde d'Eu, no predio n. 146 (Fabrica de Carros Rohe); rua Marquez de Pombal, junto á estação do 8º Districto da Guarda Urbana; rua União, esquina da praia do Sacco do Alferes; rua João Alvares, esquina da rua da Harmonia; rua da Saude, predio n. 142; largo do Deposito, no predio da esquina da rua Barão de S. Felix; rua Larga de S. Joaquim, esquina da rua da Imperatriz; rua do Regente, no predio da esquina da rua da Alfandega; rua das Laranjeiras, em frente á da Guanabara; rua das Laranjeiras, em frente á de Cardoso Junior; rua do Cosme Velho, junto á bica da Rainha; rua Marquez de Olinda, esquina da de Bambina; rua Bambina, esquina da de S. Clemente; rua de S. Clemente, esquina da da Real Grandeza; rua de

Humaytá, esquina da dos Voluntarios da Patria; rua da Real Grandeza, esquina da de Pinheiro Guimarães; rua Voluntarios da Patria, esquina da de S. João; rua dos Voluntarios da Patria, esquina da de Andrade Figueira; rua do General Polydoro, esquina da de D. Polyxena; rua do General Severiano, esquina da Praia da Saudade; rua da Passagem, esquina da do General Polydoro; Praia de Botafogo, esquina da rua de D. Carlota; Praia de Botafogo, esquina da rua Farani; Praia de Botafogo, esquina da do Senador Vergueiro; rua Marquez de Abrantes, esquina da do Marquez de Paraná; rua do Senador Vergueiro, em frente ao Palacete Cotegipe; rua do Cattete, esquina da de Buarque de Macedo; rua do Cattete, esquina da de Silveira Martins; rua do Cattete, esquina da de Pedro Americo; Largo da Gloria, no edificio da Secretaria do Ministerio do Exterior; rua Conselheiro Bento Lisboa, esquina da de Corrêa Dutra, e rua de Carvalho de Sá, em frente á Igreja.

Durante a administração do Tenente-Coronel Neiva, deram-se 969 incendios, sendo grandes 66, pequenos 139, médios 72, insignificantes 330, em chaminés 89.

A despeza com a manutenção do Corpo, na administração do Sr. Tenente-Coronel Niemeyer, foi de 253:658\$636, isto é, no anno de 1876.

1877.....	212:749\$276
1878.....	169:204\$176
1879.....	189:679\$079
1880.....	211:708\$757
1881.....	238:444\$424
1882.....	278:401\$906
1883.....	309:735\$227
1884.....	302:675\$558
1885.....	292:608\$243
1886.....	297:924\$478
1887.....	338:846\$810
1888.....	357:588\$040
1889.....	397:784\$196
1890.....	429:622\$785

A 19 de Dezembro de 1891 o Tenente-Coronel Neiva passou o commando ao seu substituto major Antonio Geraldo de Souza Aguiar, que servio até 8 de Janeiro de 1892.

Sob a administração desse commandante teve começo a estação de Villa Isabel, ultima organizada no proprio nacional na rua Oito de Dezembro, esquina da de Jorge Rudge; iniciou-se e concluiu-se o assentamento das 24 caixas de avisos de incendios no bairro de Botafogo, a que acima já nos referimos.

Dirigio o serviço de extincção de 61 casos de incendio, sendo 5 grandes, 12 médios, 22 pequenos, 12 insignificantes e 10 em chaminés, despendendo com a manutenção do corpo a quantia de 468:853\$930.

A 8 de Janeiro de 1892 assumio o commando o Tenente-Coronel de engenheiros Antonio Ernesto Gomes Carneiro. Sob sua administração foi a etapa das praças elevada de 800 réis diarios a 1\$ e concedida aos alferes a gratificação mensal de 40\$000. Inaugurou-se então a estação de Villa-Isabel e organizou-se a 4.^a companhia, de que tratava o regulamento n. 9.829 de 31 de Dezembro e 8 de Março de 1892.

Foi então estabelecido o serviço de irrigação, mandado executar por aviso do Ministerio da Justiça e Negocios do Interior de 15 de Março do mesmo anno.

O Sr. Tenente-Coronel Carneiro prestou serviços em 68 incendios, sendo 8 grandes, 14 médios, 26 pequenos, 18 insignificantes e 2 em chaminés.

No numero dos incendios classificados grandes figuram o da ilha dos Melões e o do Lycêo de Artes e Officios, despendendo durante a sua gestão para a manutenção do corpo a quantia de 577:665\$462.

Por decreto de 28 de Outubro de 1893 foi exonerado, passando o commando interino ao Capitão-fiscal Eugenio Rodrigues Jardim, que servio até 3 de Abril de 1894.

Organizou esse distincto militar, na qualidade de Commandante interino, o actual regulamento, approvado por decreto de 7 de Março daquelle anno e posto em execução em 1 de Abril.

O quadro do pessoal annexo ao referido regulamento, indicava para o estado-maior 10 officiaes, sendo: 1 coronel ou tenente-coronel, 1 major-fiscal, 1 capitão chefe do serviço sanitario,

1 capitão-ajudante, 2 capitães, primeiros cirurgiões; 2 tenentes, segundos cirurgiões; 1 tenente secretario, 1 tenente quartel-mestre, um outro menor de 17 officiaes inferiores, comprehendendo: 1 sargento ajudante, 1 sargento quartel-mestre, 1 primeiro sargento, primeiro machinista; 1 primeiro sargento, telegraphista; 1 primeiro sargento, mestre da lancha; 1 primeiro sargento, ferreiro; 1 primeiro sargento, corneteiro-mór; 1 primeiro sargento, ferrador; 3 segundos sargentos, segundos machinistas, e 6 forrieis, terceiros machinistas; 4 companhias, tendo cada uma: 4 officiaes, 5 sargentos, dos quaes um é primeiro sargento, 3 forrieis, 83 bombeiros, 16 aprendizes, representando a somma de 26 officiaes e 477 praças, dando um total de 503 homens.

Durante a revolta de 6 de Setembro o Corpo de Bombeiros teve de prestar serviços extraordinarios, não só no transporte de munições e material bellico, como tambem no serviço de destacamentos para Nictheroy, fortaleza de Santa Cruz, Ilha do Governador e até em navios da esquadra do Governo, sendo que o cruzador "Benjamin Constant" foi tripulado por 50 praças do corpo que durante seis longos mezes estiveram na Europa.

O novo regulamento, pois, posto em execução, deu lugar ás seguintes nomeações: Commandante Coronel Dr. Francisco de Abreu Lima, Major-fiscal Capitão Eugenio Rodrigues Jardim, ajudante Capitão Antonio José Lopes, Capitão-chefe do serviço sanitario o 1.º cirurgião Dr. João de Deus da Cunha Pinto, Capitães primeiros cirurgiões Drs. José Joaquim de Azevedo Brandão, Guilherme Frederico da Rocha, Tenentes segundos cirurgiões Drs. Adolpho Paulo de Oliveira Lisboa e Secundino Ribeiro.

Ainda sob o commando interino do Sr. Major Jardim teve começo a construcção da enfermaria, em uma parte do interior do predio em que funciona o Deposito Publico, sendo essa enfermaria inaugurada a 1 de Janeiro do anno passado, com dous salões, um para enfermaria de cirurgia, outro de medicina, salas de pharmacia e de operações. Os salões são bem ventilados, e aparelhados com modestia, mas com grande asseio e conforto, comportando 34 leitos.

Na mesma data deu-se começo ás obras para a construcção do refeitório de inferiores e praças, sendo inaugurado juntamente com a enfermaria.

Esse refeitório é espaçoso e tem todos os requisitos hygienicos e condições adequadas áquella serventia.

O Sr. Major Jardim na sua administração tambem obteve a elevação das etapas das praças de 1\$ a 1\$150 e deste ultimo valor a 1\$400, de accordo com as que percebiam as praças da Brigada Policial.

Dirigio 81 incendios, sendo 7 grandes, 19 médios, 27 pequenos, 24 insignificantes e 4 em chaminés.

Despendeu com a manutenção do serviço 681:592\$026, dando um saldo ao Estado de 19:350\$274, que se verifica deduzindo daquella parcella a despeza da verba votada de 700:942\$300.

A 3 de Abril de 1894 passava o Sr. Major Jardim o commando ao Coronel Dr. Abreu Lima, que apresentou ao Governo um minucioso relatorio, solicitando diversos melhoramentos urgentes e indispensaveis.

O estado effectivo do Corpo é hoje de 477 praças de pret e 26 officiaes e compõe-se de um estado maior e menor de quatro companhias.

E' tão deficiente esse pessoal que, o bombeiro, quer na estação central, quer nas estações de destacamento, fica de serviço quatro e cinco dias consecutivos, para folgar apenas 24 horas.

Nas estações e postos acham-se destacados cinco officiaes e 179 praças de pret, sendo que o resto da força, que está no quartel central, é aproveitada como unidades operarias nas officinas, onde servem como conductores, empregados na conservação dos registros de incendio, bombeiros hydraulicos, etc., sendo o pessoal de promptidão muito deficiente.

O serviço nos theatros é feito pelos bombeiros operarios que sahem das officinas ás 4 horas da tarde e ás 8 da noite seguem para aquelle serviço.

O Commandante actual, Coronel Abreu Lima, propôz ao Governo a criação de mais duas companhias.

Do minucioso relatorio desse commandante extrahimos alguns topicos mais importantes ácerca do actual estado do corpo e suas necessidades.

“A deficiencia do actual pessoal, diz o relatorio, póde ser calculada pelos seguintes dados:

Promptidão na central.....	2	officiaes	75	praças
Destacados na estação do Norte	1	official	40	"
Destacados na estação do Sul	1	"	33	"
Destacados na estação de Este	1	"	26	"
Destacados na estação de Oeste	1	"	34	"
Destacados na estação de Villa Isabel.....	1	"	26	"
<hr/>				
Somma.....	7	"	234	"
Estado Effectivo de praças...			460	
<hr/>				
Diferença.....			226	

Vê-se, portanto, que nem mesmo para meio dia de folga ha pessoal, visto que a differença não attinge a 234. Descontando-se ainda desta differença os corneteiros-operarios que trabalham nas officinas diariamente e muitas vezes á noite, após estragos no material em qualquer das viaturas que não têm outras semelhantes para reserva; além disto, descontando-se ainda os doentes na enfermaria, plantões e guarda do quartel, empregados nas cavallariças e outros serviços, fica esta differença reduzida a menos de 100 praças para um serviço diario que absorve 234; o que quer dizer que o bombeiro na estação central conserva-se de serviço tres a quatro dias consecutivos, para descansar 24 horas, e estas mesmas sujeitas ás faxinas de limpeza diaria do seu grande material, todas as manhãs.

As pessimas condições do velho pardieiro, a que, impropriamente, se dá o nome de Quartel do Corpo de Bombeiros, acachapado e exotico em sua fachada, acanhado no seu interior sem alojamentos apropriados nem dependencias indispensaveis a um quartel, é um attestado de que o grande conceito e elogios que costumam ser feitos á pericia e bons serviços dos bombeiros da Capital Federal, limitam-se a benevolas palavras, sem jámais se traduzirem em factos reaes que comprovem o zelo e a confiança dos Poderes Publicos, para com uma corporação que, perante o tribunal da opinião publica, honra o nosso paiz.

Estou certo de que, se fosse permittido appellar para a poderosa classe do commercio, para as companhias de seguros, e para

a propria massa da população, abrindo subscrição publica, o Corpo de Bombeiros, em poucos dias, obteria recursos mais que necessarios para as suas necessidades e bem estar de suas praças. Isto, porém, nos é vedado pelas leis e "pro decorum" — da administração publica do paiz. Entretanto, existem tres proprios nacionaes contiguos ao quartel, um delles destinado a recolher estragados moveis de miseraveis casas de tavolagem, animaes vagabundos, etc., isto é, o chamado Deposito Publico, onde espaçozos salões acham-se completamente desoccupados. Os outros dois predios immediatos são tambem proprios nacionaes.

Se estes tres proprios nacionaes fossem entregues ao Corpo de Bombeiros, concedendo-lhes uma verba de 200:000\$, para sua adaptação, reparos e concertos, ficariamos assim com um soffrivel quartel, mais economica e rapidamente do que construindo um grande edificio, cujo orçamento attingirá a 900 e tantos contos."

Existem actualmente seis estações e tres postos como já acima nos referimos, sendo que um desses postos paga 960\$ annuaes por estar em proprio particular.

Na Estação Central se conservam noite e dia em rigorosa promptidão, além do official de estado e medico de dia, dous officiaes e 75 praças, 10 viaturas tiradas por 20 muares, se fôr o percurso no centro da cidade, ou por 26 muares se fôr mais longe.

Ainda ficam de promptidão o carro do fiscal e medico, com uma parelha de muares, que deve sahir sempre na frente do material, bem como a caleça do commandante, que sahe após o material.

Estas viaturas são, na primeira promptidão: 1º, carro de escadas; 2º, uma bomba a vapor; 3º, carro do pessoal; 4º, carro do registro; 5º, 2ª bomba a vapor; 6º, carro de carvão; 7º, carro de materiaes; 8º, carro com pipa d'agua; e na segunda promptidão: 1º, uma bomba a vapor; 2º, um carro de pessoal.

A estação do Norte é estação mixta, terrestre e maritima. Eis como sobre estas estações se manifesta o viatorio:

"A terrestre só se resente, como todas as outras, da deficiencia geral do pessoal do Corpo; a maritima, além desta deficiencia, tem falta de material fluctuante. Este consiste, actualmente, em uma unica bomba fluctuante a vapor, collocada sobre lancha tambem a vapor, porém com mais de 12 annos de serviço e com o grave in-

conveniente de não ter a sua machina condensadores para com o proprio vapor alimentar a caldeira, sendo obrigada, nos sinistros maritimos, a interromper muitas vezes o trabalho de extincção de incendio, para vir a qualquer ponto da costa receber agua doce, para alimentar as caldeiras.

Para conservação, vai esta lancha de dous em dous mezes á carreira particular contractada na occasião, para ser ahí limpo externamente o seu casco e renovada a pintura, o que, além das repetidas despezas, por ser este serviço feito por pessoal extranho da industria particular, acarreta tambem o grave inconveniente de não poder durante os dias daquelle trabalho acudir promptamente a qualquer incendio no mar, como se deu na ultima desgraça da barca "Terceira" em viagem desta Capital para Nitheroy.

Proponho, pois, não só a aquisição de outra lancha para alternar com aquella, quando estiver em limpeza, como tambem a construcção de uma carreira na estação onde esse serviço seja feito mais prompta e economicamente, pelo proprio pessoal do corpo.

Os meus antecessores já reclamaram esta providencia, não só em officio, como nos proprios relatorios.

Esta limpeza do casco da lancha acarreta fatalmente uma despeza superior a 500\$ annuaes, que pesa sobre o orçamento e, quasi sempre, sob a rubrica "eventuaes", porque a industria particular pede sempre o dobro e mais por este serviço, caso tenha de receber sua importancia no Thesouro Nacional.

Assim, na ultima limpeza declarou o proponente que a fazia por 60\$, se os pagassem immediatamente no quartel pela verba — despezas miudas; porém, que se fosse obrigado a receber no Thesouro Nacional, só a faria por 100\$, pagando o Corpo 10\$ de estadia por cada dia que a lancha permanecesse no estaleiro, e que só de lá desceria depois de pagas as despezas.

Ora, a julgar pela demora que tem o pagamento dos vencimentos das praças, algumas das quaes ainda estão no desembolso dos seus soldos dos mezes de Novembro e Dezembro de 1893, resolvi pagar os 60\$ da limpeza da lancha por conta da verba — despezas miudas."

O material terrestre desta estação consta de quatro carros tirados por oito ou seis muares, conforme a distancia a percorrer,

a saber: 1.º, bomba a vapor; 2.º, carro de registro; 3.º, carro do pessoal e material; 4.º, carro com pipa de agua. Sendo o pessoal de promptidão um official e trinta e quatro praças, não só para as quatro viaturas do material terrestre, como também para a bomba fluctuante, conclue-se que diariamente folgam apenas seis praças.

A bomba fluctuante é guarnecida por nove praças, sendo um 1.º sargento, mestre da lancha, um dito machinista, um foguista e seis bombeiros, estando de promptidão constantemente o mestre da lancha, o machinista e o foguista.

A força destacada nesta estação compõe-se de um official commandante da estação, e 40 praças, inclusive nove praças da guarnição da lancha.

Na estação do Sul, no largo de S. Salvador, compõe-se o seu material, de cinco viaturas, puxadas por 10 ou 12 muares, conforme a distancia da corrida, a saber: 1.º bomba a vapor; 2.º, carro de registro; 3.º, carro de mangueiras; 4.º, carro do material e pessoal; 5.º, carro com pipa de agua. O pessoal consta de official commandante da estação e 21 praças.

Na estação de Este, situada no edificio da Alfandega, do lado da rua do Mercado, o material de promptidão consta de tres carros puxados por seis ou oito muares, sendo bomba a vapor, carro de registro, carro de material e mangueiras.

O pessoal de promptidão é ahi de um official commandante e 22 praças. Esta estação pede com urgencia sua remoção para outro ponto, visto como não offerece boas condições de hygiene, nem o seu local é apropriado para um estabelecimento desse genero.

Na estação de Oéste, em S. Christovão, ao lado do antigo matadouro, o material consta de cinco viaturas tiradas por 12 muares, sendo bomba a vapor, com registro, carro do material e pessoal, carro com pipa de agua.

O pessoal de promptidão compõe-se de um official commandante da estação e 27 praças.

Esta estação possuia um carro apropriado para correr nos trilhos da companhia Villa Isabel, facilitando assim o transporte do material para os lugares mais afastados e servidos por aquella linha, isto porém desapareceu com a renovação dos contractos feitos pela Companhia e a Intendencia Municipal,

Na estação de Villa Isabel, na rua Oito de Dezembro, esquina da de Jorge Rudge, o material compõe-se de quatro viaturas, puxadas por oito ou dez animaes, sendo bomba a vapor, bomba manual, carro de registro, material e pessoal, e carro com pipa de agua. O seu pessoal de promptidão consta do official commandante da estação e 21 praças.

As estações do Norte, Sul, Oeste e de Villa Isabel são bem construidas e elegantes e offercem excellentes condições para o fim a que se destinam, precisando de melhoramentos a de Villa Isabel que fica alagada quando chove.

O primeiro posto na rua da Saude tem sempre de promptidão o commandante do posto, inferior ou cabo e cinco bombeiros, guarnecendo um carrinho com mangueiras para levarem os primeiros soccorros. No segundo posto, no largo da Carioca, o material e pessoal é em tudo identico ao primeiro e terceiro postos; em frente á Secretaria da Industria, tem o mesmo pessoal que o primeiro e segundo postos e as obrigações identicas áquelles.

O Sr. Coronel Abreu Lima propoz a remoção deste posto para o largo da Lapa, onde poderá prestar melhor serviço, attendendo a que a estação de Este mais rapidamente poderá prestar promptos soccorros, ficando este posto como intermediario entre aquella estação e a do Sul, no Cattete.

Brevemente será inaugurada a nova estação da rua do Humaytá, em Botafogo.

O Sr. Coronel Abreu Lima, em officio dirigido ao Governo, pediu a creação urgente de uma estação suburbana, a meio caminho entre a Estação Central da Estrada de Ferro e a Estação de Sapopemba.

Nesse pedido, aliás de grande vantagem, lembra o Commandante que, collocando-se em vagões proprios o respectivo material, e dispondo-se de vagões, tambem proprios, para a conducção de animaes arreados e todos estes vagões sobre trilhos de um desvio da Estrada de Ferro, poderá o trem de soccorro suburbano ser puxado, como expresso, por uma locomotiva fornecida na occasião precisa e chegar promptamente á estação mais proxima do sinistro e dahi seugir pela tracção animal ao local do mesmo sinistro,

O Governo pensa em attender a esse justo pedido e é bem possível que os moradores dos suburbios tenham em breve esse grande melhoramento.

Pensa ainda o Governo, á vista da proposta do actual commandante do Corpo, na criação de postos nos morros de Santa Thereza, Castello, Conceição e Pinto, onde é grande a densidade da população.

O Corpo tem na Estação Central pequenas officinas de machinistas, limadores e torneiros, ferreiros, carpinteiros, correeiros, pintores, pedreiros e calceteiros, isto em ambitos bem acanhados e onde os trabalhos são executados com grandes difficuldades devidas á falta de espaço.

Essas officinas são dirigidas pelo Tenente Henrique Presgrave e o Alferes Francisco José de Almeida Saldanha. Nellas são executados trabalhos que trazem grande economia para o Estado e que feitos com maior cuidado offerecem solidez e duração.

Por falta de local não pôde ainda funcionar a escola regimental do Corpo nem a Bibliotheca para instrucção technica dos officiaes e praças, melhoramentos estes introduzidos pelo actual Commandante.

Sobre os registros de incendio ou hydrantes assim se expressou o Sr. Commandante:

“Como é facil reconhecer, os registros de incendios e a abundancia de agua são indispensaveis ao serviço do Corpo, para não retrogradarmos ás priscas éras em que a agua para os incendios era conduzida em pipas.

Infelizmente, esta cidade parece, fatalmente, condemnada á escassez de agua e o serviço de collocação de hydrantes, apesar de todas as recommendações do Governo, vai de mal a peor; em 1893 existiam 1.900 hydrantes em toda a cidade, em Dezembro de 1894 apenas se contavam 1.819; isto é, tinham desaparecido 81 hydrantes.

Pelo art. 63 do regulamento deste Corpo deve existir, pelo menos de cem em cem metros de extensão, um destes aparelhos.

Creio que a Inspectoria de Obras Publicas tem verba para isto; entretanto, pelo quadro annexo sob a letra *E*, se verifica que o numero de hydrantes foi augmentado annualmente desde 1886 até 1893; nota-se, porém, que este accrescimo, diminuindo

de anno para anno, tornou-se negativo em 1894 com o desaparecimento dos 81 hydrantes do anno anterior.

Podem calcular-se as difficuldades com que luta este Corpo, pela falta destes apparatus, verificando-se que muitas vezes é necessario prolongar as mangueiras e manobras com as aguas em distancias superiores a 500 metros.

Para evitar as delongas das informações, percorrendo os estreitos canaes da burocracia, conservo uma turma de bombeiros, sob a direcção de um official, constantemente occupada em verificar o bom funcionamento destes apparatus e sua localização. Ultimamente, tendo até mandado fazer substituições e concertos nestes apparatus, para poupar o incommodo de delongas neste serviço.

Chamo, pois, a mais apurada attenção do Governo para a collocação annual, pelo menos, de 500 hydrantes, pois que, contando esta cidade mais de 3.500 ruas, praças, beccos e travessas, não será com menos da terça parte deste numero, isto é, com 1.819 hydrantes que se poderá garantir a propriedade particular, com a efficacia do soccorro em caso de sinistros de incendio.

Para terminar direi que, se continuar a repartição de Obras Publicas a consentir que em vez de augmentar-se o numero de registros elle vá diminuindo, na proporção em que foi o anno passado, isto é, de 81 hydrantes, teremos forçosamente de voltar ao antigo systema das celebres pipas de agua, sem ao menos termos os recursos do recrutamento de pipas particulares que, então, se fazia quando era um ramo de negocio a venda de agua pelas portas, conduzida em pipas.

Durante a noite, isto é, quando são mais frequentes os incendios e mais perigosos, a falta de agua é proverbial, apesar do telephone directo que temos para o reservatorio do Pedregulho, e quasi diariamente os manometros dos diversos encanamentos marcam zero de pressão e já se tem dado caso de faltar agua neste quartel."

O Ministerio da Agricultura remetteu ultimamente nove bombas portateis do systema Babcock, que foram offercidas ao Corpo pelo Presidente da Commissão Brasileira na Exposição de Chicago, o Almirante Cordovil Maurity.

Tem mais o corpo a sua Caixa de Beneficencia, que é formada pela contribuição de um dia de soldo por mez e a que são obrigados os officiaes e praças que no fim de quatro annos têm direito a uma pensão mensal equivalente a 15 quotas de contribuição em casos de invalidez temporaria ou permanente, deixando á familia no caso de fallecimento a mesma pensão.

O patrimonio dessa benemerita Caixa era de 89:491\$404 em 31 de Dezembro de 1893, a receita em 1894 foi da quantia de 119:603\$306, desta deduzida a despeza de 11:354\$486 houve um saldo de 108:248\$820, que addicionado ao patrimonio anterior elevou-se a 197:730\$224. Dos cofres publicos não teve ella o menor auxilio; sua base foi formada por donativos das Companhias de Seguros que se elevaram a 20:000\$ em 1887. Devemos acrescentar que o Club Frontão Brasileiro tem concorrido para augmentar o seu patrimonio.

Trata o Sr. Commandante de organizar uma banda de musica e dar ao Corpo de Bombeiros um estandarte que symbolize a sua collectividade.

De 1875 até 1894 houve os seguintes incendios casuaes: por imprudencia, 123, por descuido 284, defeito de construcção 16; incendios propositaes: especulação 64, por maldade 19, por causas desconhecidas 312, por excesso de fuligem nas chaminés 139.

Tem o Corpo de Bombeiros linhas telephonicas e telegraphicas, comapparelhos exclusivos para o seu serviço, ligando todas as estações á Estação Central.

E' admiravel a rapidez com que o corpo se prepara para sair ao primeiro alarma de incendio.

Dado o signal a sentinella das armas nas estações grita ás armas, os bombeiros de promptidão correm uns em direcção ás baias, onde dão gritos de alarma, outros se aprestam junto do material rodante.

Os animaes que estão sempre arreados, ouvindo aquelles gritos, abandonam as baias e dirigem-se a toda brida para junto das lanças dos carros onde são immediatamente atrellados.

A um toque de corneta sahem para o lugar necessario de seus serviços, enquanto em caminho as bombas a vapor estão sendo preparadas para funcionar, o que se realiza quasi sempre

no trajecto, chegando ao lugar do sinistro promptas para funcionar.

Fronteira á Estação Central existe uma sineta para avisar a sahida do material no intuito de evitar abalroamento com os bonds, carros, etc.

Não descrevemos o estado do quartel deste Corpo na Estação Central porque o seu Commandante precisamente o descreveu no seu relatorio.

Apezar, porém, do estado em que se acha, é notavel alli o asseio, o cuidado e o zelo que existem na conservação do respectivo material.

Tivemos occasião de ver o rancho distribuido ás praças e podemos assegurar que é de primeira qualidade e abundante.

Todos os ramos de serviço da corporação, desde a escripturação até o movimento do material, é feito com admiravel methodo, clareza e ordem e a disciplina é observada como um rigoroso preceito.

Os serviços prestados pelo Corpo de Bombeiros a esta cidade desde a sua reorganização pelo então Coronel Niemeyer, são incontestaveis e a sua popularidade é ainda a mais incontestavel no Rio de Janeiro. O Coronel Niemeyer, hoje Marechal do Exercito, teve felizmente continuadores da sua obra nos Coronéis Neiva e Girard e Major Jardim.

Em toda a parte a instituição do Corpo de Bombeiros é considerada da maior benemerencia e a nossa cidade não tem em menor conta o que possue.

E' nessa corporação que o sentimento do dever resulta da justa disciplina, firmando a solidariedade de todos os seus membros, desde o commandante, que representa a responsabilidade collectiva, até á simples praça de pret, que timbra em honrar a farda que veste e de bem cumprir o seu dever na missão commum.

Para o publicista e para o observador ainda o Corpo de Bombeiros é uma lição aproveitavel no estudo do que era elle antes da reorganização a que alludimos e o que se tornou depois. O Coronel Niemeyer não teve que formar materia especial para a nova estrutura que lhe deu. Foi a mesma massa que encontrou elementos do novo Corpo de Bombeiros; o que fez foi aproveitar a sua plasticidade para amoldal-a á disciplina e ao dever com o

seu exemplo e com as suas instrucções, justas mas severamente cumpridas.

O que fez a disciplina e a instrucção professional, diz-nos a excellencia da corporação, cuja organização e adaptação aos grandes serviços a que é chamada a prestar, descrevemos nesta noticia.

1895.

ANTONIO CONSELHEIRO

De pessoa que conheceu de perto Antonio Conselheiro e seus parentes, pude eu obter algumas informações. Antonio Conselheiro nasceu em Quixeramobim e devia ter actualmente 73 annos de idade.

Seu pai, Manoel Felicio Maciel, era abastado negociante e proprietario dos melhores predios naquella localidade.

A politica colonial do principio do segundo Imperio, arrastou-o para uma tremenda luta armada com as poderosas familias Feitosas e Mourões, luta que se prolongou por quatro longos annos e de que sahio completamente anniquillado Maciel pai, que depois morreu numa destas lutas.

Um filho deste, Francisco Maciel, foi fuzilado na praça denominada Santo Antonio, em Quixeramobim, e em 1888 ainda existia o paredão onde elle soffreu aquelle supplicio.

Francisco Maciel, o mais velho de todos os filhos daquelle negociante, era dotado de mãos instinctos, e sobre si pesavam alguns crimes de morte.

Antonio Maciel, depois Antonio Conselheiro, succedeu a seu pai nos negocios commerciaes, já arruinados, e pouco tempo se demorou nesta gestão, porque os credores lançaram mão de todos os haveres, reduzindo o resto da familia Maciel (Antonio e duas irmãs) á extrema miseria.

Dahi a vida bohemia de Antonio Conselheiro.

A mãe de Maciel morreu de cholera, em 1862, e sua mulher, procedendo mal, elle a abandonou, mandando-a para a cidade de Sobral, onde, ainda em 1894, vivia da caridade publica.

E' falsissima a versão do assassinato da mãe e da mulher de Antonio Maciel.

Este era naquelle tempo de grande ternura e affabilidade para com todos.

As crianças procuravam-n-o no seu estabelecimento e elle com certa bondade presenteava-as com biscoutos, bolachas, pão com manteiga, etc.

Era de uma singular predilecção pelas crianças.

Fallava pouco, e concentrado para com todos, nem por isso deixava de ser cortez e mesmo delicado.

Durante o tempo em que viveu em Quixeramobim nunca houve motivo para julgal-o um máo homem: dizia-se sempre:— *Maciel é manso e bom, mas é valente e feroz como uma onça; ninguem bula com elle.*

Antonio Maciel entregando os seus haveres aos credores, nada lhes ficou devendo, pois que, tanto elle como os seus pais e parentes, tinham o maior orgulho em não faltar aos seus compromissos.

Reduzido á miseria, Antonio Maciel, sem o habito de trabalho rude, procurou comtudo fazer uma *vasante* (termo cearense que significa roça nas corôas do rio) de melancias, melões e outros legumes e os seus freguezes só pagavam as fructas se queriam, pois elle não fazia disso grande questão.

Não tirando resultado com este novo meio de negocio e acabrunhado pelo abandono da mulher e pela pobreza a que ficou reduzido, Antonio Conselheiro que era já bastante religioso e que ahi mesmo procurava constantemente a igreja, assistindo aos *terços, ás novenas, etc.*, mudou-se para o Cariry ou Crato, onde se entregou completamente á pratica exclusiva da religião, esmolando para construcções de igrejas e cemiterios. Em Cariry ou Crato já existia um asylo de caridade, dirigido por mulheres sob a invocação de Coração de Jesus.

Ahi tomou elle o tradicional habito que usava até agora e os seus sentimentos religiosos chegaram ao fanatismo, julgando-se elle um missionario e nessa presumpção percorrendo os valles e aldeias do sertão fazendo predicas e esmolando.

Foi por estas peregrinações atravessando todo o interior das então provincias do Ceará e Parahyba do Norte, onde demorou-se muito tempo na cidade de Joazeiro, já tão fallada pela propa-

ganda fanatica do Padre Cicero, que Antonio Maciel chegou aos sertões da Bahia.

Nestes sertões foi que elle recebeu o appellido de Conselheiro, em virtude dos bons ensinamentos que dava ao povo sertanejo, que decidia as suas questões e contendas desde as de familia até ás de terras pelo *verdictum* de Antonio Conselheiro que era sempre consultado e obedecido.

Nos sertões bahianos elle fundou diversas igrejas e estabeleceu cemiterios, como é geralmente sabido.

Em 1880 esteve na capital do Ceará, já envergando o seu habito azul, pedindo esmolas para a construcção de duas igrejas, tendo ido alli a casa do Dr. João Brigido, não aceitando hospedagem, pois que dormia nos adros das igrejas ou no campo.

A casa em que na rua de Santo Antonio, em Quixeramobim, era estabelecido Antonio Maciel, é uma das melhores da cidade e nella reside actualmente o Dr. Lima Freire, casado com uma filha do Dr. João Pinto de Mendonça e sobrinha do Dr. Antonio Pinto, ex-redactor da *Gazeta da Tarde* desta Capital; em outra mora a familia do Coronel Theophilo dos Santos Lessa e ainda uma outra pertence á familia do Coronel Silva Camara.

Este ultimo predio é notavel pela circumstancia de estar levantado sobre duas paredes parallelas dando passagem a um esconderijo interno em torno de toda a casa; e isto só foi conhecido alguns annos depois que o predio mudou de proprietario.

Esta era a da residencia do velho pai de Antonio Conselheiro, o qual a construiu toda de pedra e cal.

Esta casa tinha uma estreita varanda na frente, em fórma de muro, tapando toda a mesma frente, protegendo assim as tres janellas e as duas portas das extremidades, de que ella se compunha.

Das batalhas successivas dos Macieis e sua gente contam-se episodios horrorosos e alguns originaes.

Por exemplo, no lugar denominado Muxuré, depois de um encontro entre elles e os seus inimigos, cada grupo sepultava os seus mortos em campo differente, e assignalavam com uma cruz negra os Macieis, e os Mourões e Feitosas com uma cruz tosca de madeira.

Esse ponto era considerado pelo povo supersticioso como um lugar mal assombrado, e todos temiam transital-o á noite, pois que affirmavam ouvir alli toques de sino, tiros, e ver gente decapitada, etc.

Accresce mais que, na passagem do riacho Muxuré, existe uma encruzilhada que dá caminho para uma fazenda denominada S. João e para um outro lugar conhecido por Canhotim.

E' corrente em Quixeramobim, que naquella encruzilhada vão á meia noite de 24 de Junho, dia de S. João, individuos fazer *pactos com o cão*, principalmente os que querem ser bons vaqueiros, caçadores, etc., tanto que, quando se quer exaltar a valentia de qualquer individuo se diz alli: *tomou pacto com o cão no Muxuré*.

Neste local existe agora uma estação da Estrada de Ferro de Baturité que dista de Quixeramobim cerca de 30 kilometros e da capital do Ceará 240 mais ou menos.

Em Baturité existem diversos sobrinhos de Antonio Conselheiro, filhos de uma irmã já fallecida ; um Manoel Felicio Maciel mudou-se depois para o Amazonas, pela seducção dos seringaes e ahi fez grande fortuna.

Ha cerca de dous annos, era elle senhor e donatario da villa de Anti-Mary, no alto Purús, villa que foi incendiada ha pouco tempo e completamente destruida.

Manoel Felicio esteve nesta Capital ha cerca de um anno e tanto, tratando de obter uma indemnização de 1.200:000\$ pelos prejuizos que soffreu.

Depois de grande trabalho, conseguiu arranjar um telegramma assignado pelos Srs. Generaes Francisco Glycerio, Pires Ferreira e outros, recommendando-o ao actual Governador Dr. Fileto Pires, partindo então para o Amazonas, com a pretensão de reduzir a metade o seu pedido de indemnização.

A outra irmã de Antonio Conselheiro é tambem fallecida.

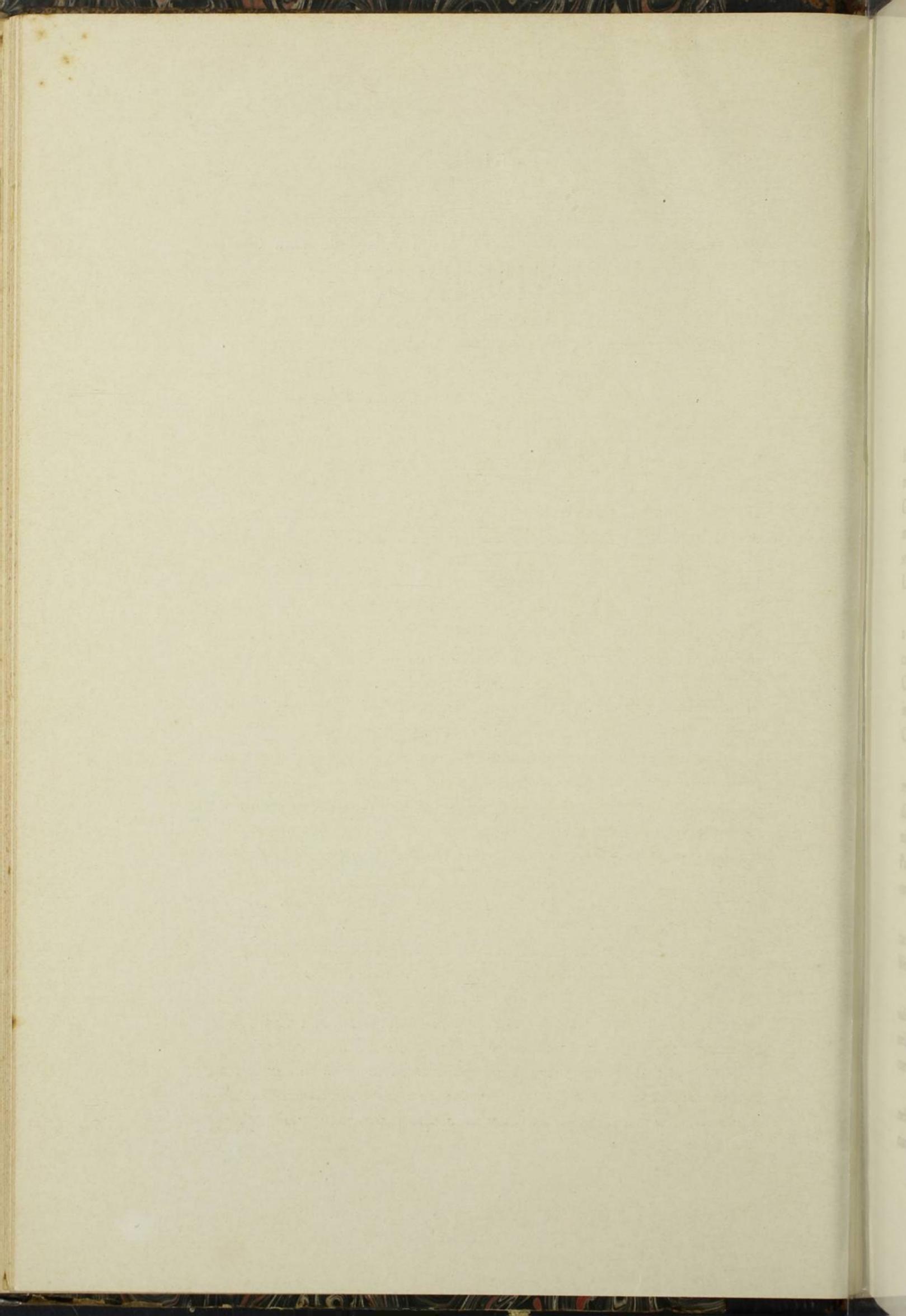
Affirmam que Antonio Conselheiro era um homem casto, levando o seu fanatismo religioso ao ponto de esquecer todos os prazeres mundanos, alimentando-se pouco e dormindo sem a menor commodidade ou conforto.

Nas suas peregrinações trazia a cabeça descoberta, sempre envergando o seu habito, arrimado a um pedaço de vara tosca, usando alpercatas de couro crú.

Caminhava um tanto lento e um pouco curvado.

; Eis tudo quanto pude colher na ligeira entrevista que tive com o Sr. X. que foi vizinho do celebre fanatico em Quixeramobim.

1897.



CEMITERIOS

A Santa Casa da Misericórdia, de que era Provedor o illustre estadista José Clemente Pereira, comprou em 7 de Fevereiro de 1839, um terreno na praia de S. Christovão a João Goulart e sua mulher, para alli estabelecerem um cemiterio extramuros, que ficou desde logo conhecido por Campo Santo da Misericórdia, extinguindo-se o que até então existia na praia de Santa Luzia, junto do seu hospital.

Em 1849 a Ordem Terceira de S. Francisco de Paula, contra a qual havia muitas reclamações, pela permanencia de suas catacumbas da rua Sete de Setembro, então rua do Cano, comprou em Catumby, rua de Catumby Grande n. 22, uma chacara para ali installar o cemiterio, dez annos depois do estabelecimento do Campo Santo da Misericórdia na praia de S. Christovão.

Os enterramentos nos cemiterios eram mal vistos e quasi só reservados a escravos e indigentes, razão por que só a Misericórdia possuia um para catholicos e os Inglezes um para protestantes, na Gambôa, julgo que desde 1811, e a Ordem de S. Francisco de Paula, imitando a Misericórdia, veio romper tambem com o preconceito.

Em 1850 resolveu o Governo extinguir o enterramento nas catacumbas das igrejas, por motivo de hygiene publica e a Assembléa Geral Legislativa preoccupou-se seriamente com o assumpto.

De par com semelhante medida de salubridade havia a considerar a necessidade de attender á pobreza enferma, e bem assim zelar do Hospital Geral da Misericórdia, unico a que podiam recorrer os enfermos atacados pela epidemia que então lavrava.

E' tambem preciso notar que os fornecedores de pompas fúnebres, abusando da occasião, haviam elevado seus preços e, gananciosos, exploravam o sentimento piedoso do culto aos mortos.

Essas diversas considerações deram em resultado a promulgação da lei n. 538, de 5 de Setembro de 1850, que autorizava o Governo a fundar Cemiterios publicos extra-muros e bem assim a estabelecer enfermarias e tratar de um serviço funerario geral, podendo commettel-o a irmandade, confraria ou empresa particular.

Para dar cumprimento a essa lei, expedio o Governo o decreto n. 791 de 14 de Junho de 1851, promulgando o regulamento do serviço funerario.

Sendo a Santa Casa de Misericordia a irmandade que dispunha de um Campo Santo extra-muros, em terreno vasto e conveniente, e além disso já fazia a assistencia publica por seus serviços hospitalares e asylos de orphãos, além de que para força do seu compromisso attendia com especial zelo á obrigação de dar sepulturas decentes aos indigentes, o Governo consultou o Provedor José Clemente Pereira se a pia instituição queria encarregar-se do serviço funerario em creação, tendo préviamente encarregado de estabelecer quanto seria preciso dispender para desapropriar as empresas de enterramento que então existiam e que abusavam nas occasões de epidemia, e bem assim indagar quaes as irmandades que pretendiam extinguir suas catacumbas e estabelecer cemiterios extra-muros, e em que local.

E' notavel que José Clemente, que já havia constituido para a Santa Casa o seu Campo Santo, installado em vasto terreno com probabilidade de poder vender parte para os cemiterios publicos projectados, não só desse Campo Santo, mas ainda de chacaras em Botafogo, de sua propriedade, com a altivez de character que o distinguia, em homenagem á opinião da maioria, informou ao Governo que, desejando quasi todas as irmandades possuir seus cemiterios em Catumby, onde estava installado o da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula, parecia conveniente escolher esse bairro para cemiterios publicos, embora a sua opinião individual fosse que melhor seria o bairro da Ponta do Cajú.

Resolveu-se então estabelecer os cemiterios na praia do Cajú e em Botafogo, e por decreto n. 842, de 16 de Outubro de 1851, foram instituidos os cemiterios de S. Francisco Xavier, no Campo Santo da Misericordia, em duas chacaras contiguas do Murundú e

de D. Anna Mathilde de Oliveira, então já partilhada entre herdeiros, e os de S. João Baptista, em terrenos pertencentes a A. Hulton, Dr. Francisco Lopes da Cunha e Manoel Carlos Monteiro.

Para dar cumprimento a essas fundações, já então commettidas á Misericordia pelo decreto n. 843, de 18 de Outubro de 1839, obedeceu José Clémente á designação da compra dos terrenos da chacara do Murundú e da de D. Anna Mathilde de Oliveira, no Cajú, para o Cemiterio de S. Francisco Xavier, e prevendo que outras seriam as necessidades do futuro, além dessas compras, fez aquisição no mesmo local de outros terrenos para o lado do Retiro Saudoso, então Sacco do Raposo e Caldeireiro. Foi, porém, menos feliz em relação ao cemiterio de São João Baptista, pois teve que declarar ao Governo que A. Hulton e os outros proprietarios dos terrenos designados exigiam o quadruplo do preço primitivo, o que difficultava a compra, não convido usar da desapropriação por utilidade publica, por vexatoria, e então propunha a aquisição da chacara de Francisco da Cruz Maia, 63 braças de frente ou 138^m,60, maior e melhor situada.

O Governo, por portaria do Ministerio do Imperio a 28 de Junho de 1852, declarou que approvava a substituição. Mas tambem ahi a Santa Casa da Misericordia, querendo desempenhar-se cabalmente da commissão de que fôra encarregada, acrescentou ao terreno da chacara de Francisco da Cruz Maia outros comprados em 1859 e mais tarde, em 1873 a 1875, quando Provedor o Conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos, mandou construir o portico e gradil do cemiterio de S. João Baptista pelo architecto Bethencourth da Silva que tambem foi o director das obras do cemiterio de S. Francisco Xavier, cujo plano é do engenheiro José Jacintho da Silva Rabello, modificado pelo seu successor.

Os enterramentos feitos no Campo da Santa Casa da Misericordia, na praia de S. Christovão, foram, de 1 de Janeiro de 1839 a 4 de Dezembro de 1851, os seguintes:

Enviados do hospital — 10.496 do sexo masculino e 4.881 do feminino; de fóra do hospital 21.502 do sexo masculino e 11.912 do feminino, o que dá um total de 48.791 enterramentos.

O decreto n. 843 de 18 de Outubro de 1851, commettendo á Santa Casa da Misericordia o serviço funerario, entregou-lhe pelo prazo de 50 annos o seguinte:

a) fundação e administração dos dous cemiterios publicos, de S. Francisco Xavier e de S. João Baptista;

b) fornecimento dos objectos relativos ao serviço dos enterros, segundo os preços fixados pelo Governo, por meio de tabella reformavel de dez em dez annos.

c) estabelecimento, manutenção e conservação de tres enfermarias para tratamento da pobreza enferma, nos bairros de Botafogo, Saude e S. Christovão.

A Santa Casa desobrigou-se do seu compromisso, em relação aos cemiterios, da fórmula a que acima nos referimos e em relação ás enfermarias como se segue:

Fundou a enfermaria de S. João Baptista, em Botafogo, á rua da Passagem, em terrenos que eram de sua propriedade, na Chacara do Vigario Geral, mas para esse fim teve necessidade de comprar bemfeitorias dos seus foreiros Conde de Paraty, Augusto Julio Coulon e outros e fazer grandes e dispendiosas obras.

Estabeleceu enfermarias de Nossa Senhora da Saude na casa em que funciona a Casa de Saude do Dr. Antonio José Peixoto, no morro então denominado do Chichorro, junto da estação Maritima da Gambôa, da Estrada de Ferro Central, arrendando primeiro a propriedade que era de Manoel Machado Coelho, e mais tarde comprando-a. Ahi teve necessidade de fazer novos edificios e grandes obras de consolidação, capella e o serviço de abastecimento de agua.

Installou a enfermaria de N. S. do Socorro no predio que pertencera a D. Anna Mathilde de Oliveira, na praia de S. Christovão, onde tambem fez importantes obras, augmentando as suas dependencias e adaptando-as ao fim a que se destinavam.

O hospicio de Nossa Senhora da Saude foi arrendado pela Santa Casa por 3:600\$ annuaes, pagando de bemfeitorias e material existente 50:000\$. Em 1865 foi então comprado por 79:288\$000.

O numero de enfermos tratados nas enfermarias da Santa Casa foi de 1851 a 1901 o seguinte:

No Hospicio da Saude — 123.588; consultas 242.841, receitas aviadas 325.948.

Hospicio de S. João Baptista — 28.139, consultas 148.543, receitas aviadas 210.145.

Hospicio de Nossa Senhora do Socorro — 20.139, consultas 92.628, receitas aviadas 189.545.

Temos, pois, das tres enfermarias o seguinte total: enfermos internos 171.866, consultas 484.012, receitas aviadas 725.638.

E' tambem digno de nota que a Santa Casa em relação á assistencia creada annexa ao serviço funerario não se limitou a cumprir a sua commissão, foi muito além, já no que dizia respeito ao numero de enfermos, já quanto ao estabelecimento do asylo das crianças que ficavam abandonadas por seus pais fallecidos nas enfermarias.

Não obstante ainda as difficuldades pecuniarias que assaltaram a Santa Casa durante o prazo da missão não se utilizou ella da reforma das tabellas de dez em dez annos e durante longo tempo conservou a de 1861, só reformada em Dezembro de 1899, quando já sob o peso de grande *deficit* propôz ao Governo a desistencia do compromisso, entregando o serviço á Administração Publica, sem indemnização alguma, não obstante não estar findo o prazo da commissão.

No dia 18 do corrente mez completou os 50 annos do serviço funerario, que em virtude da clausula 9.^a do decreto n. 843 de 18 de Outubro de 1851 fôra entregue á Santa Casa da Misericordia.

A Empreza Funeraria não foi, segundo estamos informados, de seguro interesse para a Santa Casa, que por vezes se vio de tal modo embaraçada, que seus provedores cogitaram em desistir de semelhante commissão.

E' de justiça consignar que nenhuma instituição brasileira tem prestado mais alevantados e benemeritos serviços de caridade e de philantropia que essa piedosa irmandade que, ha mais de um seculo, tem sido o amparo dos desherdados da fortuna, mãi boa, meiga e carinhosa, em cujo regaço se acolhem nacionaes e estrangeiros, sem distincção de côres, em procura de allivio para os sofrimentos physicos, força para seus organismos depauperados pelas enfermidades, conforto e animo para conservação da existencia.

Foi, pois, reconhecendo esses serviços que o Conselho de Intendencia Municipal autorizou o Prefeito do Districto Federal a renovar o contracto por mais 50 annos. Vetada esta justa resolução pelo Dr. João Felipe Pereira, foi o véto rejeitado pelo Senado, depois de demorada discussão, a qual poz em evidencia não só os grandes serviços prestados a esta cidade pela Irmandade da Santa Casa de Misericordia, como a impossibilidade de serem feitos pela Municipalidade ou por particulares os enterramentos.

O Dr. João Felipe Pereira deixou a Prefeitura sem cumprir a resolução do Senado, e no dia 19 do corrente o Sr. Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior, já então Prefeito, assignou com a Irmandade da Santa Casa de Misericordia o seguinte contracto:

“1.^a *clausula* — Entre a Municipalidade do Districto Federal, representada pelo Prefeito Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior, de accôrdo com a autorização expressa na lei n. 818, de 5 de Setembro do corrente anno, de uma parte e, de outra, a Santa Casa de Misericordia, por seu Provedor, com plenos poderes, representado este pelo Dr. Augusto Alvares de Azevedo, nos termos da procuração que apresentou e é archivada, fica justa e contractada a prorogação por mais 50 annos, contados da presente data, da commissão outorgada á segunda contractante por effeito do disposto no art. 1.^o § 3.^o do Decreto n. 583 de 5 de Setembro de 1859, considerada para esse fim a mesma Santa Casa como proposta da Municipalidade do Districto Federal, a qual lhe confia o serviço dos funeraes e dos enterramentos desta cidade, assim como a guarda e manutenção dos cemiterios de São Francisco Xavier e S. João Baptista e dos hospicios de Nossa Senhora da Saude, de S. João Baptista e de Nossa Senhora do Socorro.

2.^a *clausula* — Os cemiterios terão character inteiramente secular, ficando livre a todos os cultos religiosos e praticos dos respectivos ritos com relação aos seus crentes, comtanto que não offendam ás leis federaes e municipaes e os regulamentos dos cemiterios.

3.^a *clausula* — E' expressamente prohibido nos caixões e vehiculos o uso de symbolos de qualquer religião, sendo licito, porém, aos interessados adoptar nos caixões os emblemas religio-

sos que quizerem. Nos jazigos e tumulos pertencentes a particulares é inteiramente livre collocar os distinctivos das respectivas crenças.

4.^a *clausula* — O ampliamento da área dos actuaes cemiterios será feito por meio de simples autorização da Prefeitura mediante requisição da Santa Casa, provando a sua necessidade e observadas as prescripções da hygiene. A criação de novos cemiterios dependerá, porém, de lei e das convenções especiaes entre as partes contractantes.

5.^a *clausula* — As duas partes contractantes entrarão em accôrdo sobre as alterações do serviço dos enterros, na parte relativa aos caixões e vehiculos de cadaveres, distribuindo-se os enterros no numero de classes ou categorias, que se julgarem convenientes, formuladas as tabellas das taxas pela Santa Casa da Misericordia, as quaes, porém, não se poderão executar sem a approvação da Prefeitura.

6.^a *clausula* — Dentro de seis mezes se fará a revisão das tabellas a que se refere a clausula antecedente e bem assim as das taxas das sepulturas, definidos novamente os planos e dimensões desta. Até novo accôrdo subsistirão as taxas, tabellas e determinações vigentes.

7.^a *clausula* — As tabellas das taxas das sepulturas, como as do vehiculo e caixões serão revistas de cinco em cinco annos, quando convenha a qualquer das partes contractantes.

8.^a *clausula* — Nenhum dos immoveis mencionados na clausula 1.^a poderá ser objecto de alienação, permuta, hypotheca ou acto analogo, sem prévia autorização da Municipalidade.

9.^a *clausula* — As duas partes contractantes providenciarão com a necessaria urgencia sobre a extincção das sepulturas comuns, expedindo a Municipalidade os indispensaveis actos, de accôrdo com o disposto na lei municipal n. 548, de 12 de Maio de 1898.

10.^a *clausula* — Haverá recurso para a Prefeitura nos actos da Santa Casa de Misericordia que offenderem á clausula 3.^a do presente contracto. O recurso só poderá ser interposto pela familia do morto ou pela pessoa encarregada do enterro.

11.^a *clausula* — Findos os 50 annos da presente commissão, a administração da Santa Casa da Misericordia entregará os cemiterios publicos de S. Francisco Xavier e de S. João Baptista e

os edificios dos hospícios de Nossa Senhora da Saude e de Nossa Senhora do Socorro, no estado em que se acharem, sem direito a haver dos cofres municipaes qualquer indemnização e especialmente estipulada no decreto n. 707, de 28 de Setembro de 1899, e com excepção do terreno em que foi estabelecido o Campo Santo do Cajú, cuja propriedade continuará a pertencer á Santa Casa, bem como as obras que nelle existirem, com a natureza de cemiterio particular e para os fins indicados na clausula 9.^a do decreto n. 843, de 18 de Outubro de 1851.

12.^a *clausula* — Continuum em vigor todas as clausulas e disposições anteriores, que não se oppuzerem ao regimen do presente contracto.

13.^a *clausula* — Os actos regulamentares que forem necessarios para execução da lei n. 818, de 5 de Setembro de 1901 e do presente contracto, serão expedidos pela Prefeitura, mediante accordo com a administração da Santa Casa.

14.^a *clausula* — A cocheira dos carros funebres será estabelecida em local approved pela Directoria de Hygiene e Assistencia Publica.”

Para os effeitos de impostos foi pelas partes contractantes arbitrado em mil contos de réis o valor do presente contracto, sendo a Irmandade da Santa Casa representada pelo advogado Sr. Dr. Alvares de Azevedo.

Os cadaveres sepultados nos Cemiterios de S. Francisco Xavier e S. João Baptista, de 5 de Dezembro de 1851 a 30 de Junho ultimo foram em numero de 578.480; sendo nacionaes: do sexo masculino 207.285; do feminino 164.803; estrangeiros: do sexo masculino 142.644, do feminino 40.542; nacionalidade ignorada: do sexo masculino 14.471; feminino 8.735.

O numero de carneiros existentes no cemiterio de S. Francisco Xavier é de 8.021; sendo, catholicos: adultos 5.692, anjos 2.238; acatholicos: adultos 153, anjos 28.

Jazigos, 1.629 catholicos e 14 acatholicos.

De 1894 a 1901 inhumaram-se: em jazigos 7.061, em carneiros 28.839 e em sepulturas communs 50.901, total 96.821.

Era costume até o anno de 1898 fazerem-se os enterramentos communs promiscuamente, sem differença de sexo ou de idade.

O Sr. Conselheiro Paulino de Souza, Provedor da Santa Casa determinou que se inhumassem os anjos separadamente e, no anno seguinte, estendeu-se esse seu generoso e piedoso acto com relação aos cadáveres de mulheres.

No decennio de 1891 a 1901 o numero de sepulturas "comuns" abertas foi o seguinte:

ANNOS	NUMERO DE CADAVERES	ANNOS	HOMENS	MULHERES	ANJOS	TOTAL
1891 a 1892.....	7.616	1891 a 1892.....				422
1892 a 1893.....	3.501	1892 a 1893.....				482
1893 a 1894.....	5.514	1893 a 1894.....				411
1894 a 1895.....	3.537	1894 a 1895.....				434
1895 a 1896.....	5.697	1895 a 1896.....				450
1896 a 1897.....	3.705	1896 a 1897.....				445
1897 a 1898.....	4.087	1897 a 1898.....				411
1898 a 1899.....	3.855	1898 a 1899.....		397	70	467
1899 a 1900.....	3.975	1899 a 1900.....	348	161	224	733
1900 a 1901.....	4.073	1900 a 1901.....	385	196	226	807
	45.530					5.062

Importantes são pela sua construcção artistica e originalidade os monumentos que se vêem espalhados no vasto cemiterio, e bem assim a grande diversidade de inscrições. Aqui damos algumas:

Em um jazigo: "Sacred to the memores of Wenfield Scott Harrah. — Born, 17th September 1857. — Died 14th March 1860. — Sacred to the memory of Maria Luiza Hancock. Born in Philadelphia, U. S. A., 11th February 1839. Died at Rio de Janeiro 1th March 1859."

— Tumulo de D. Rosa Avondano Pereira, nascida na cidade do Porto em 6 de Janeiro de 1779. Fallecida nesta Capital aos 8 de Maio de 1850. Bemfeitora da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro. A Irmandade da mesma Santa Casa, em testemunho de sua eterna gratidão, levantou a estatua da Caridade no dia 2 de Novembro de 1859."

— Em um jazigo: "Jazigo que mandou erigir o Barão de Alegrete para si e sua familia. Aqui jazem os restos mortaes da

Baroneza de Alegrete, que nasceu a 30 de Junho de 1805 e falleceu a 21 de Maio de 1853.”

— Carneiro de anjo, n. 1.962. Olavo.

“E no seio de uma mãe dá-se esta magoa!

E ao coração de um pai dão-se estas dôres!

C. B.”

— Em um carneiro: “Jazigo perpetuo de D. Maria Delphina Mendes Tavares e do seu innocente filho Oscar Tavares. Fallecido a 15 de Junho de 1875 — Aqui descansa em paz Dona Maria Delphina Mendes Tavares. Nascida a 20 de Abril de 1837. Fallecida a 24 de Dezembro de 1896. — Dorme o somno bello emquanto por ti oramos. Extremosa saudade eterna que te tributa neste simples marmore o teu infeliz esposo Antonio Tavares da Silva”.

— Em um jazigo: “A’ memoria do Commendador João Bernandes Machado. Nasceu em 7 de Dezembro de 1759. Morreu em 4 de Novembro de 1849 — Amou a Deus como a religião prescreveu. Tributo de gratidão e saudade de seu sobrinho G. A. Machado Pereira. Amou ao proximo como Deus ordenou.

— Em outro jazigo: “A’ minha mulher, a meus filhos, a meus irmãos e a mim!!... A meu pai, á minha irmã — Manoel Joaquim de Macedo Campos Pereira, Magno Pinto e Souza de Almeida e Mello do Amaral Gurgel. Ao sacro empyreo a alma se arrebatou. No sepulchro os despojos adormecem. Saudade e gratidão jámais fenecem!”

— Carneiro n. 2.544, onde repousam os restos mortaes da veneranda D. Rita Maria de Azevedo Lima, morta aos 75 annos de idade.

— Simple e bello é tambem o tumulo de D. Angelica dos Santos, morta na flôr dos annos. Andam sempre por alli mãos carinhosas espargindo flores.

O seu tumulo representa uma artistica capellinha, coroada por um anjo que derrama flores sobre a liza lapide em que se lê o singelo nome de “Angelita”, como era conhecida por todos que a estimavam.

Está cercada de vasos sempre cheios de flores naturaes.

— Carneiro em que foi sepultado o Ministro do Chile D. Isidoro Errazuriz: E’ de marmore nacional e coberto de uma

estela encimado por um frontão circular e tendo na base duas volutas elegantes. Na frente da estela, vêem-se as armas da Republica do Chile em alto relevo de marmore branco, e a dedicatoria em lettras de bronze. No frontão está em relevo e tambem de marmore branco uma allegoria ao talento litterario do illustre extincto: um livro aberto tendo sobre as paginas abertas uma penna.

Sobre a lapide está a cruz symbolica da religião catholica tendo sobre os braços um ramo de louros.

Este trabalho é do estatuario Benevenuto Berna.

— Tumulo do Coronel Senna Madureira: Foi mandado erigir pelos seus amigos e collegas, em 1890. Compõe-se de uma estela de marmore cinzento (bardilho), tem a altura de 2 metros, rematado na parte superior por emblemas da Republica; no centro e na face anterior sobre uma "misula" acha-se o busto do pranteado Coronel (de marmore branco de Saravezza); abaixo e sempre na parte anterior estão como que formando trophéo, o uniforme, a espada e o chapéo da antiga farda, tudo de bronze; atravessa a estela lateralmente da direita para a esquerda uma peça de artilharia de bronze. O todo levanta-se sobre um embasamento de marmore de fórmula quadrilonga.

Contém o monumento a seguinte inscripção: "Por iniciativa da Escola Militar. O Exercito e Armada e o Povo ao Tenente-Coronel Senna Madureira."

Este artistico trabalho é do professor Bernardelli.

— Em outro carneiro perpetuo: "Aqui jazem os restos mortaes de Paulo Estevam Brochado, natural da Africa, provincia de Osú. Fallecido no dia 12 de Abril de 1895, numa sexta-feira santa e sepultado no mesmo dia, com 120 annos de idade. Sendo feito isto por sua mulher Maria do Bomfim Brochado, em signal de amizade e gratidão. Oraí por elle."

— Tumulo do pranteado Dr. Rocha Lima: Uma simples lapide coberta de flores á espera do busto do saudoso medico, que Rodolpho Bernardelli ainda não terminou.

— Em um jazigo perpetuo: "Aqui descansa José Ribeiro de Faria, fallecido em 21 de Junho de 1893. Saudade eterna. Pai extremoso. Assim tinhas saudades de tua filha Marietta. Cedo quizeste fazer-lhe companhia. Junto velaremos por minha desditosa mãe e queridos irmãos. Descansa, extremoso esposo, as la-

grimas com que sempre hei de regar a tua sepultura serão para mim o unico linitivo da eterna saudade, como vossos filhos hão de ser a bussola e conforto unico para a minha curta peregrinação.”

— Em outro carneiro, representando um soldado em primeiro uniforme, com a arma em funeral, tendo a fronte pendida para o tumulo. Este trabalho artistico é todo de marmore e de grande effeito. Na lousa do tumulo lê-se: “Parada final do Conselheiro de Guerra, Severiano Martins da Fonseca, Barão de Alagoas, Marechal de Campo, Ajudante General do Exercito, 18-11-25—19-3-89. Homenagem de veneração e saudade dos seus companheiros de armas. (Devidamente autorizados.) 18-3-90.”

— Em um jazigo perpetuo: “Eterna saudade de sua esposa e filhos. Aqui jazem os restos mortaes de Manoel Gomes de Andrade, nascido a 21 de Dezembro de 1862 e fallecido a 11 de Julho de 1898. Dorme, que eu velo.”

— Jazigo n. 10. Emblema funebre. “Restos mortaes de Antonio Ribeiro Moreira. Nasceu em Portugal, no bispado do Porto, e morreu com 43 annos de idade em 1848. Com elle aqui descansam suas innocentes sobrinhas Custodia e Maria, fallecidas no anno de 1850, victimas da febre amarella. Oraí por elles!”

— Em carneiro perpetuo: “Gratidão ao Major Francisco José de Freitas e Maria do Carmo Nabuco de Araujo Freitas. A Caridade praticaram sem ostentação,
Fé immensa no omnipotente Deus,
Esperança constante almejavam
A’ mansão que Deus reserva aos seus.

Maria do Carmo Nabuco de Araujo Freitas. Oraí. Nascida a 23 de Setembro de 1883 e fallecida a 29-1-97.”

— Em carneiro perpetuo: “Dorme, que eu velo. Quatro annos e meio de tantas alegrias e esperanças! Hoje, adorado filhinho, só deixastes lagrimas e saudades a teus pais. A’ memoria do innocente Amando. Amor e saudade de seus pais — 7-10-96 — 13-5-1901.”

— Em carneiro de anjo:

“Brisas, passai fagueiras, não perturbeis o somno da minha querida Stella.”

— No jazigo perpetuo do Barão da Saude:

“Manoel Dias da Cruz e sua familia. Oh! anjo que abraçado ao symbolo da sagrada religião, a cruz do bom Senhor, guardai este sepulchro e alcançai de Deus a bemaventurança para as almas cujos ossos aqui descansam.”

— Em um carneiro:

“José Clemente Pereira

Varão illustre entre seus concidadãos por seu piedoso zelo para com os infelizes.

A Irmandade da Santa Casa da Misericordia levantou, no dia dous de Novembro de MDCCCLVII, a estatua da piedade, symbolo da sua vida, tendo conseguido erigir dous magnificos hospitaes.

Falleceu no Rio de Janeiro
no dia X de Março
de MDCCCLIV
na idade de LXVII annos.”

— Em um jazigo:

“Aqui descanso
os restos mortaes de
D. Anna Nery
denominada Mãi dos Brasileiros, pelo Exercito
na campanha do
Paraguay.”

— Em outro jazigo:

“O que é a vida?
Um sonho e nada mais.
Aqui descanso
Braz Martins da Costa Passos
e sua esposa
D. Anna Francisca de Assis Coelho Martins.”
Falleceu em 2 de Fevereiro de 1863 e nasceu em 12 de Junho
de 1838.”

— Em um carneiro lê-se, em relevo de letras de bronze sobre marmore preto:

“Deodoro
Non destii!
Exstat et semper manebit.”

— Em um carneiro:

“Aqui jaz o velho marinheiro
Marquez de Tamandaré
13 de Dezembro de 1807
20 de Março de 1897
Orae por elle.”

— Em outro carneiro:

“Joaquim da Costa Ramalho Ortigão
pequenas alegrias que passam
grandes desgostos que ficam.”

Se te roubou a morte aos nossos corações, se para sempre nos privou do carinhoso affecto e dos judiciosos conceitos com que nos dirigias, viverás na immortalidade gloriosa das tuas obras, da nossa saudade amantissima e do exemplo perfeito, que fostes, do trabalho, da honra, do civismo, da lealdade e da modestia, que fizeram de ti — o grande homem que tu foste.

Tributo de immorredoura saudade e inexcedivel gratidão de sua familia.”

— Em um carneiro sobre uma pedra preta com letras brancas, lê-se:

“A’ nobre preta
Maria Joanna.”

— Em uma rica sepultura com pedra de marmore preto, vê-se uma pomba morta, de marmore branco, e o seguinte:

“Isabel Christina, filha legitima de Ernestina Pires e do Dr. Pires de Almeida.

Debaixo testa lousa repousam dous corações:

o teu... e o meu, minha filha, porque
levaste-o contigo

N. a 2 de Março de 1886
Fallecida a 20 de Agosto de 1897
11 annos apenas.”

— Em outra lapide, com letras de bronze:

“Lucia — 5-1-94 — 3-3-90.

“Ella era nosso amor, nosso carinho,
Veio pousou na terra um só instante,
Mas, saudosa, talvez, de um outro ninho
Abrio o vôo para o Céu distante.”

— Em outro carneiro:

“Ultimo remanso do Visconde de Bom Retiro e sua familia.”

“Mors trustee raparii qui vivit corde suorum cur luges orbis?
Cœlo jam fungitur ille.”

— Em outra sepultura:

“A’ minha boa e infeliz esposa Celeste F. de Menezes Sliva:

“Das flores d’alma, dos rosaes, das veigas
Todos os mimos a tua alma veste,
Tão meiga esposa como a Virgem Meiga
Sorriste a Deus, livrou-te Deus, Celeste?
26-6-1873—18-4-1891.

20—6—1891.

Tributo de eterna saudade”.

— Em outro carneiro:

“Aqui jaz Joaquim da Silva Guimarães.”

A ti esposo e dedicado pai,
Imagem que adoramos tanto e tanto,
A ti sonho de um somno que se vai
Que dá-nos por legado a dor e o pranto.
A ti deixamos nesta soledade,
Sob o marmore frio que te encerra,
Mas não consome o tempo como a terra,
Essencia dina, eterno amôr, nossa saudade.”

— Em um carneiro:

“Treze annos! como as rozas
Ella é morta e não viveu,
Passou na terra cantando
E, muda, orando morreu.”

A entrada principal do cemiterio compõe-se de dous pavilhões separados por um portão de ferro de alto valor artistico. A construcção dos pavilhões e do portão obedece á planta do Engenheiro J. H. J. Rabello, modificada pelo Engenheiro J. F. Bethencourt da Silva, observando-se no dito portão em alto relevo as armas da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro.

Em frente ao portão central começa a rua principal do cemiterio destacando-se ao fundo o grande cruzeiro de granito. Todo o longo da rua de ambos os lados é cercado de banquetas de flôres e de sargetas cimentadas dando-lhe esse conjuncto uma majestade imponente e uma impressão agradável.

Na entrada principal está, á direita de quem entra, a portaria, a sala do deposito dos objectos que servem para os empregados que fazem o serviço de acompanhamento dos cadaveres; á esquerda a sala onde funciona a administração, pintada de um estylo severo na qual se observam em armarios os livros da escripturação, inteiramente reformados.

São dignas de especial referencia as reformas introduzidas ultimamente no serviço de escripturação do cemiterio que facilmente obtem o publico quaesquer informações que digam respeito á vasta necropole.

A entrada principal do cemiterio offerece ao visitante um aspecto que impressiona, pelo bello de sua disposição.

A frente é cercada em toda a extensão por um gradil de ferro, tendo em toda a extremidade dous portões com as seguintes inscripções: *Revertere ad locum tuum — Requiescat in pace — Ecce loco in quo habitamus.*

O cemiterio, que até 1898 se resentia de grandes reformas, soffreu dessa época para cá as seguintes:

Drenagem das principaes ruas de fórma a conseguir-se uma mais ou menos perfeita descarga das aguas para o mar e em auxilio da mesma drenagem foram niveladas muitas ruas, construindo-se em toda a sua extensão sargetas cimentadas.

O ossario temporario, mandado construir pelo actual administrador, tem em vista auxiliar ás pessoas que não podendo de prompto adquirir jazigos perpetuos, possam por essa fórma alli depositar os restos mortaes dos que lhes são caros, dando assim tempo áquella aquisição.

O deposito de cadaveres e a capella, que em virtude da grande humidade do terreno necessitavam de um radical concerto, foram reconstruidos inteiramente.

A falta de terreno do cemiterio para enterramento de cadaveres foi assumpto que muito preoccupou o actual administrador no inicio de sua administração e assim esforçadamente conquistou-se ao mangue e ao morro terrenos que até esta data receberam cinco mil corpos, conquista que continúa a ser feita com o maximo cuidado e empenho. Como considerações finaes diremos:

O ajardinamento do cemiterio que augmenta todos os dias, as ruas nas quaes as epidemias obrigaram as anteriores administrações a procederem a enterramentos nas mesmas e que presentemente têm sido abertas para aformoseamento do cemiterio, as cocheiras e as dependencias de morada do pessoal do serviço mortuario e muitos outros melhoramentos introduzidos pela actual administração, são taes, que se poderá affirmar que todo o cemiterio passou por uma completa e absoluta reforma.

O que ali fica é uma descripção, tão completa quanto nos foi possivel obter, do cemiterio do Cajú. Injustos seriamos se nos esquecessemos de que o admiravel estado de aceio e conservação da bella necropole é obra do muito zelo e da muita actividade do Administrador Sr. Capitão Joaquim Fernandes da Costa. Ha poucos annos atrás a imprensa clamava sem cessar contra o abandono em que estava aquelle cemiterio. De repente toda essa grita, como por encanto, cessou. E cessou porque o cemiterio, confiado ao actual administrador, foi melhorando sempre de aceio, até chegar a ser o que hoje é: uma necropole digna de ser vista e onde, na limpeza irreprehensivel, nas grandes reformas feitas, se nota particular cuidado em fazer da casa dos mortos um lugar hygienico e bello, valendo isso como que um consolo aos que lá vão orar pelos parentes que se foram.

Merece tambem francos encomios o estado de boa ordem que reina na escripturação, o que muito recommenda o zelo e intelligencia do Ajudante do Administrador Sr. João Henrique dos Santos, do escripturario Manoel Fernandes Machado Junior, do Collaborador Carlos Pimentel e do coadjuvante de escripta João Alcantara.

Cemiterio de S. João Baptista — O numero de carneiros deste cemiterio é de 5.000 para adultos e 2.000 para anjos, entrando nesse numero 1.472 carneiros perpetuos de adultos e 105 de anjos. São renovados 487 carneiros de adultos e 330 de anjos; os jazigos são em numero de 2.205 e as sepulturas communs 10.500, incluindo 601 de anjos.

De 1852 até Junho do corrente anno foram enterrados neste cemiterio 114.402 pessoas.

São tambem notaveis os monumentos esparcos neste cemiterio, já pelas suas construcções majestosas e artisticas, já porque nelles repousam os restos mortaes de grandes benemeritos da patria, que se elevaram pelo talento e pelos seus serviços em todos os ramos da actividade nacional.

Neste cemiterio acham-se dous monumentos que merecem especial referencia. O do Marechal Floriano, notavel trabalho já pela majestade da sua construcção, já pelo seu estylo artistico. E' um grande templo todo de marmore, tendo no interior em sarcophago o cadaver embalsamado do ex-Vice-Presidente da Republica. Dá accesso para esse monumento uma larga escadaria de marmore, destacando-se no portico do monumento o busto em marmore do Marechal. O outro monumento é o que o Governo mandou construir para o Marechal Machado Bittencourt, e cujo artistico trabalho é do estatuario brasileiro Benevenuto Berna.

O monumento, executado todo em marmore nacional, consta de um *stelo* onde se vê o busto em bronze do glorioso Marechal — cercado do pavilhão nacional e corôa de louros — na base está a estatua em marmore da Republica, apresentando louros; no pedestal do busto peças de artilharia em funeral limitam a grade de marmore que cerca o monumento, só nos tres lances.

O busto em bronze e a estatua constituem verdadeiros trabalhos que honram a arte nacional.

— Entre os carneiros e jazigos destacam-se os seguintes:

O jazigo n. 25 é encimado por uma columna representando em gravação a vista de um cemiterio e sobre ella destaca-se a figura de um anjo amparado por tres criancinhas como que pedindo o seu patrocínio, trabalho este todo executado em marmore.

— Tumulo do poeta Gonçalves Magalhães, Visconde de Araguaya: Compõe-se de una pilastra de fórmula ligeiramente py-

ramidal; na parte superior acham-se uma urna e umas mascaras, livros, etc., um panejamento onde se acham bordadas as armas titulares, cobre todos esses attributos: estes accessorios são de bronze, como tambem é de bronze o retrato do poeta em alto relevo, que se vê no centro da face anterior, ornamentado de ramos de louros e carvalho. Esta pilastra repousa sobre tres degráos; na parte anterior e sobre os ditos degráos está a figura do genio da poesia em posição de tristeza, tendo ao lado a lyra envolta em crépe; nas partes lateraes existem fragmentos de obras do poeta; e na parte posterior, a lapide respectiva. Todo este mausoléo é de marmore, excepto o retrato e a urna. Este trabalho é de Rodolpho Bernardelli.

— Jazigo da familia Braconot. Todo guarnecido de hera, cuidadosamente tratado, sobresahindo em alto relevo, no centro do jazigo, uma cruz de marmore.

— Jazigo n. 23, grande tumulo de cantaria e marmore, encimado por um nicho, dentro do qual destaca-se o busto em bronze do saudoso estadista brasileiro Barão de Cotegipe.

— Jazigo n. 53, rica capella de marmore, tendo aos lados as figuras da Fé, Esperança e Caridade, pertencente á familia Silva Cardoso.

— Jazigo n. 57, vistoso monumento com as estatuetas da Fé, Esperança e Caridade, erigido pela familia do Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, Visconde de Bom Conselho.

— Carneiro perpetuo n. 3.413, todo guarnecido de marmore, sobresahindo uma grande estatua assente sobre o tumulo, guardando os restos mortaes de Jorge Luiz Teixeira Leite.

— Carneiro perpetuo n. 3.409, todo forrado de marmore, tendo o sólo coberto de mosaico, onde repousam os restos mortaes da esposa do Dr. Graça Couto.

— Carneiro perpetuo em cuja lousa lê-se: Conselheiro Antonio Pedro da Costa Pinto. Ao lado deste carneiro acha-se um rochedo tosco onde está gravada a palavra *Saudade*.

— O carneiro n. 3.318 é um bello e artistico trabalho de marmore bardilho e branco e tem a seguinte inscripção: *Aqui jaz José Pereira Soares Filho. Tributo de sua familia, tendo ao*

lado rico tumulo onde tambem se segue um rochedo, no qual em um livro aberto, atravessado por uma ancora, lê-se *Elle passou fazendo bem. Pai querido. De Deus e dos homens abençoada seja a sua memoria.*

— Carneiro perpetuo n. 1.916. Artístico trabalho executado em lousa, tendo no centro uma columna com a inscripção: *Conselheiro Diogo Duarte Silva. O Banco do Brasil ao seu Director. Junho de 1892.*

Occupa este tumulo apenas o espaço de um carneiro, sobre o qual levanta-se uma pilastra que serve de base ao busto em bronze do pranteado Conselheiro. Na base e seguindo a fórmula quadrangular, na parte posterior e lateral, uma balaustrada cêrca a pilastra: este monumento compõe-se todo de marmore de Carandahy, e o busto foi fundido na antiga Companhia Argentifera.

Todo o trabalho é de Rodolpho Bernardelli.

— Carneiro n. 3.521. Todo forrado de marmore com a inscripção seguinte: *Marquez de Muritiba. Manoel Vieira Tosta. A benção do Senhor acompanha o justo (Santo Ambrosio).*

— O monumento do Conde de Souza Dantas é um trabalho digno de apreço pelas suas linhas architectonicas severas e harmonicas no seu conjuncto.

Consta de uma cruz de cêrca de tres metros de altura, assente sobre pedestal massiço de marmore, limitado por duas volutas que recebem o pedestal onde se destacam dous vasos de marmore para flores.

Nos braços da cruz vê-se o *Sudario*, symbolo da paixão de Jesus Christo.

Na lousa ricamente lavrada está a dedicatória em letras de relevo de marmore branco.

— Carneiro perpetuo n. 2.082. No centro, amparado por um gradil de bronze, eleva-se um penhasco em bruto e nelle está a inscripção: *Isabel Maria Teixeira de Souza.* As letras de bronze collocadas em diversos sentidos.

— Carneiro n. 685, forrado de marmore, em fórmula de uma cruz em relevo, e no centro, entre dois cirios, o retrato bem expressivo do Conselheiro Thomaz Coelho, "Homenagem da Directoria do Banco do Brasil".

— Carneiro perpetuo n. 15, de anjo, ornado de marmore cinzento e sobre a pedra um bem acabado caixão funebre do mesmo marmore, todo elle em ponto natural, estando os galões e garras artisticamente executados em alto relevo. Sobre o caixão está estendido um grande panno de marmore e sobre este, em relevo, o nome de *Rodolpho Gross*, e no tampo do referido caixão, rica corôa com fitas e franjas, de bronze.

— Monumento á memoria de José de Almeida Albuquerque, artistico trabalho de estylo gothico.

— Carneiro n. 213, do Dr. Oscar Pederneiras. Na lousa vê-se gravado um numero do *Jornal do Commercio* e o seguinte: "Jornal do Commercio". — Oscar Pederneiras — 12-6-60 — 26-8-90. — "Alegria Morta."

— Carneiro perpetuo n. 4.149. Rico mausoléu do Coronel Dr. Francisco Antonio Carvalho da Cunha. Sobre a pedra eleva-se uma capellinha onde ahi está collocado o retrato do morto, em photographia; aos lados lê-se: "Guiou a mocidade no caminho da sciencia. Era um modelo das mais peregrinas virtudes, foi gloriosamente ferido na ilha das Cabritas (no combate). Era uma gloria da patria. Gloria in excelsis Deo."

— Carneiro perpetuo n. 229. Simples trabalho, apenas com o busto do morto, o Barão de Lavradio. Na pedra lê-se: "Hic Jacet qui non Abut in consilio Impiorum, nec speravit in Pecunia et Thesauris."

— Carneiro de anjo n. 355, artistico trabalho; e, sobre a cabeceira do carneiro, vê-se uma concha de marmore e dentro uma creancinha deitada como que dormindo; na lousa lê-se: "A' Rosita — Ditosos os que vivem como esperanças. Felizes os que morrem como um sonho."

— Um dos monumentos mais bellos e mais ricos do Cemite-rio de S. João Baptista é a capellinha da familia Murinelly, toda em marmore côr de rosa muito bem trabalhado. Simples, sobrio, finamente artistico, sem grandes e rebuscadas inscrições votivas, a formosa capellinha, isolada dos outros tumulos, attrahe a attenção de todos e encanta.

— Proximo á bella capellinha da familia Murinelly existe um tumulo modesto, mas muito bem cuidado e limpo. E' o do Dr.

Theodoro Alves Pacheco, Senador pelo Piauí, na Constituinte Republicana. Os seus conterrâneos o julgam uma das maiores glórias do Estado. Foi elle quem realizou a unificação dos melhores elementos dos dous partidos que antes de 15 de Novembro viviam em luta aberta, unificação que, aliás, não subsistio á sua morte, occorrida pouco depois da revogação do golpe de Estado. A proposito é curioso lembrar que quasi todos os Senadores eleitos por seis annos na primeira legislatura republicana não chegaram até o fim do mandato; uns morreram, outros resignaram, poucos concluíram o tempo.

— Jazigo da familia Rebouças. Todo de granito, encimado por uma pyramide da mesma pedra e placa de bronze com uma cruz do mesmo metal.

— Jazigo de D. Clara Servette. Uma grande pyramide, cercada por tres anjos e em uma folha de papel a seguinte inscripção: “Saudosos dos teus carinhos.”

Gravamos neste marmore os nossos nomes e o teu está gravado em nossos corações.”

— Expressivo é o seguinte carneiro, todo de marmore branco. Sobre a lousa do mesmo ergue-se o emblema da Escola Militar, feito todo de marmore e nelle se lê o seguinte:

“Joaquim Luzo Torres. Saudades dos seus companheiros da Escola Militar do Brasil. 1880-1900.”

— Rico e artistico monumento todo de marmore com os seguintes dizeres: “A Pio Torelli os seus parentes, amigos e camaradas” e no pé da cruz “Victima do cumprimento do dever”. 16 de Agosto de 1899.”

Na base deste monumento acha-se uma corôa de bronze com a seguinte inscripção:

“In memoriam. Homenage de *La Prensa Argentina* al malogrado Teniente Pio Torelli, victima del deber. Buenos-Aires. Agosto de 1899.”

Entre o grande numero de inscripções, notámos ainda as seguintes:

— Na sepultura de um anjo:

“Que importa o nome. Descansa
Sob esta pedra tão fria...
Quem fez de luz a esperança,
De seus pais a alegria.”

— Na de João Gualberto Pereira de Souza:

A' esposa foi sempre tão fiel e dedicado
Que ella o coração aqui encerrou a seu lado.”

— No jazigo do Visconde de Araguaya lê-se aos lados:

“E quando eu desça
A' sepultura,
Ahi sobre a lage
Da cobertura
Dize: aqui jaz
De Urania o vate,
Na eterna paz!”

Urania.

“Entôa, oh! minh'alma
Um hymno ao Senhor,
Um hymno de gloria
Ao teu Creador.”

(Suspiros poeticos.)

“Nada por mim, por minha patria tudo:
Fados brilhantes ao Brasil concede.”

(Suspiros poeticos.)

— Em outra sepultura via-se o seguinte em letras de alto relevo sobre o marmore:

Junto á minha madrinha na morte ao menos.

A
18—26—78

—

8

ZINHA
18—17—96

—

16

— Em um jazigo:

“Jazigo do innocente Domingos J. da C. G. Filho dos Irmãos, ex-Mestre de Noviços Domingos José da Costa Guimarães e de D. Rita Rosa Cardoso Guimarães. Nasceu em 30 de Julho de 1846 e falleceu a 20 de Dezembro de 1848.”

“Aqui o amor gerou
De um pai a pungente dôr,
Dos anjos morto na flor
O unico filho incendeu.
Magoa que só lhe restou.
Ergueu p’ra seu lenitivo
Este tumulo expressivo
E p’r’o filho que aqui tem
Uma lagrima tambem
Pede hoje compassivo.”

— Em outra sepultura:

“Aurelio
Soltou-se alma gentil, vida immatura,
Do corpo que em mil graças florescia,
Saudade paternal geme e avalia
O thesouro de que é cofre a sepultura.”

— Carneiro n. 1.278, todo forrado de marmore e sobre a pedra que o cobre lê-se: “O templo da immortalidade é o coração humano.

Amar é trazer em si o objecto amado.

Os homens de coração vivem naquelles de que se fizeram amar!

Quando vai-se o osso e a fibra para poeira lugubre do tumulo o espirito amado fica sobreexistindo nos peitos a que souberam se impôr.”

“Esta é a grande immortalidade.”

Na cabeceira do tumulo está um anjo com um livro aberto e mais abaixo um outro livro em que se lê: “Atheneu, o coração é o pendulo universal dos rythmos. Jazigo perpetuo de Raul Pompeia.”

— No 1.º quadro, á entrada, do lado direito, lê-se em outra sepultura:

“Octaviano Hudson — O amigo das crianças.”

“As lagrimas das crianças
enxuguei quando tiritavam de frio.

(*Musa do Povo*).”

No cemiterio de S. Francisco de Paula:

Sobre o tumulo de Antonio José Rodrigues de Oliveira lê-se:

“Pertence esta triste morada a um peccador que deseja viver além tumulo com todos os que amou nesta terra de sua predilecção.”

— Ao centro de uma capella de marmore, onde se levanta uma cruz da mesma pedra, lê-se em um medalhão com letras douradas:

“Ego dormite et cor meum vigilate.”

Esta sepultura é de Antonio A. G. de Azevedo.

— Em um tumulo:

“Mãe! Escuta do leito sombrio
Onde, hoje, dormes idolatrada,
De teu filho o cruento desvario,
A dor que sente n'alma amargurada.”

Quando eu te amei, minha illusão dourada,
Oh! minha santa amiga. O fatal rio —
Da morte, em uma onda encapellada,
Tornou-me o mundo tetrico e vasio.
Quando eu menino, o nome tu me ensinaste,
Que a justiça, a bondade omnipotente
Tudo era Deus, o Deus que tanto amaste.
Mais do que a Deus te amei eternamente,
Hei de te amar, que o filho que deixaste
Ha de ver-te em tua alma onde te sente.

— Na sepultura de um anjo: *Orai por ella*; na lousa lê-se:

“Feliz de quem passou por entre magoa
E as paixões da existencia tumultuosa,
Insciente como passa a rosa,
Eleva como a sombra a agua.
Eleva-te ó vida, ao sonho indefinido,
E tenue mas suave transparente;
Acordaste... Sorraste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido!”

Adelia Ribeiro Moreira.

— Em um carneiro de anjo:

“Assim como as flores morrem,
A minha Sylvia morreu.”

Sobre a collina da necropole de S. João Baptista, do lado esquerdo de quem entra, se encontram:

— Jazigo perpetuo de Felix Emilio Taunay, Barão de Taunay, Director e Lente da Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro. Traz o seguinte epitaphio composto pelo proprio Barão de Taunay:

“Philologue, á demi poète,
Spectateur éternel du beau,
Je perdis mon temps á sa quête,
Un doux regard sur mon tombeau.”

— Jazigo perpetuo da Baroneza de Taunay, D. Gabriella de Escragnolle Taunay, esposa do Barão de Taunay e mãe do Visconde de Taunay. Sobre a pedra marmore do seu tumulo se lê o seguinte epitaphio, que bem resume a bella vida de virtudes da progenitora do autor de *Innocencia*:

“...Angélique, personne noble, vie employée á charmer des regrets; elle a semé le bonheur sur sa route et a passé ici-bas en faisant le bien.”

— Carneiro perpetuo onde descansam os restos mortaes da Condessa de Escragnolle, viuva do Coronel Conde Alexandre de Escragnolle, fallecido como commandante das armas no Maranhão, e de suas filhas.

Na parte plana do cemiterio se acham:

— Carneiro perpetuo n. 59, onde se acha sepultado o Coronel Gastão Luiz Henriques d'Escragnolle, Barão de Escragnolle no Brasil e Marquez de Escragnolle em França, antigo administrador da floresta da Tijuca, depois de haver militado com brilho nas fileiras do Exercito.

— Carneiro perpetuo n. 1.464, sepultura de Alfredo d'Escragnolle Taunay, Visconde de Taunay. São estas as inscrições que se podem lêr sobre o marmore do tumulo do eminente Brasileiro:

Visconde de Taunay
(1843—1899)

E, mais abaixo, o seguinte epitaphio composto pelo proprio autor de "Innocencia" e da "Retirada da Laguna":

"Aqui jaz o autor de duas obras
Que alcançaram renome valioso;
De Innocencia a historia sertaneja
E da Laguna o feito glorioso."

— Carneiro n. 1.147, onde se encontra sepultado Theodoro Maria Taunay, Consul de França no Rio de Janeiro por mais de 40 annos, sabio e poeta do maior quilate, philantropo cuja memoria é das mais recommendaveis.

— Jazigo perpetuo n. 2 A, onde jaz sepultado o Vice-Almirante Theodoro de Beurepaire, marinheiro dos mais illustres na Historia Naval do Brasil, o chefe escolhido para guiar a divisão brasileira que foi a Napoles buscar a 2.^a Imperatriz do Brasil, D. Thereza Christina.

— Carneiro perpetuo n. 832, onde se acha sepultado o Dr. Luiz Couty, sabio da maior esphera, lente da Escola Polytechnica, o glorioso companheiro de d'Arsonval e de Vulpian, finado no Rio de Janeiro a 22 de Novembro de 1884.

E' este o epitaphio do Dr. Luiz Couty, epitaphio devido ao Visconde de Taunay:

“Este modesto canto da immensa terra brasileira
pertence

para todo o sempre ao

Doutor

Luiz Couty

doado

por muitos dos seus admiradores e amigos

como prova de saudade e gratidão

ao joven e illustre sabio tão

cedo roubado ao Brasil e

á

França

sua patria

Nasceu aos 13 de Janeiro de 1854

falleceu

aos 22 de Novembro de 1884.”

— Jazigo perpetuo n. 187 A, onde se acha sepultado o Coronel de engenheiros, Antonio Carneiro Leão, antigo director das obras militares da Côrte sob cujas vistas foram construidos muitos dos nossos estabelecimentos civis e militares, entre elles a praça do Mercado e o Asylo de Invalidos da Patria.

— O cemiterio de S. João Baptista obedece, mais ou menos na sua entrada principal, a plano igual ao de S. Francisco Xavier. Foi inaugurado a 4 de Dezembro de 1852, sendo administrador o Tenente José Joaquim Alves e ajudante Luiz José Barbosa.

Nesse dia foram sepultados quatro cadaveres, sendo o primeiro de uma criancinha de nome Rosaura, filha de Candida Maria da Silva; o segundo, de Antonio Elias de Menezes, Alferes ajudante da Companhia de pedestres da cidade de Goyaz; o terceiro, de Matheus Antonio Martins e o quarto de Antonio José Ribeiro.

Actualmente a administração do cemiterio compõe-se dos Srs. administrador Antonio Carlos Pereira, ajudante Genesio Euclides de Lima Camara e escripturario Alberto de Assumpção.

O Sr. Carlos Pereira é um funcionario da Santa Casa da Misericordia, onde ha 40 annos tem a ella prestado relevantes serviços. Zeloso, cumpridor dos seus deveres, administrou tambem o Cemiterio de S. Francisco Xavier e, sendo depois removido para o de S. João Baptista, dedicou toda a sua energia e actividade para a sua geral reforma e para os melhoramentos que actualmente alli se fizeram.

O cemiterio, como dissemos, passou por varios melhoramentos; ainda neste anno foi terminada a grande escadaria, que é toda de cantaria lavrada com patamares de mosaico, patamares que dão ingresso aos carneiros situados junto á montanha, quer para o quadro do lado direito, quer para o da esquerda, medindo a referida escadaria o comprimento de 64 palmos por 80 palmos de largura.

Foi creado o deposito apropriado para guardar temporariamente os ossos com destino indicado por ordem superior.

Ao entrar na vasta necropole, vê-se quer para a direita, quer para a esquerda, junto dos carneiros ahi existentes, o melhoramento de um passeio, bastante longo em seu comprimento, todo construido de alvenaria e cimento, bem como caprichosa banquetta plantada com flôres proprias do jardim e, pelo lado externo, uma sargeta para o escoamento das aguas.

Na rua principal está em construcção, aos lados, um passeio cimentado, o qual já mede a extensão de 290 palmos, quer de um, quer de outro lado. A' esquerda do grande cruzeiro, as tres avenidas á direita, onde se acham fronteiros os jazigos do Marechal Floriano Peixoto, familia Murinelly e Conselheiro Camillo Faro, passaram por grandes reformas, achando-se hoje completamente promptas e cuidadosamente tratadas.

Ao redor do cruzeiro mór, desse Campo Santo, existe como que uma cesta, junto do seu pedestal, repleta de flôres, e os canteiros que formam o ajardinamento estão cobertos de violetas, margaridas, cravos raros e outras mimosas flôres.

O cemiterio occupa uma área quadrada de 1.166 metros, tendo de largura 386 metros e de comprimento 780.

Cemiterio da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo — Este cemiterio está situado na praia de S. Christovão, começando na rua José Clemente e terminando na encosta do morro do Cemiterio da Ordem Terceira da Penitencia. Tem bastante fundo e está situado em plano. Inaugurado a 28 de Junho de 1859, foi nesse mesmo dia sepultado no carneiro n. 1, do primeiro quadro, o irmão Francisco da Motta.

No periodo de 42 annos tem este cemiterio dado sepultura a 8.400 irmãos da Veneravel Ordem.

Tem 744 carneiros para adultos, divididos em cinco quadros com a denominação de A a E e 40 carneiros para anjos com a denominação B, 720 jazigos e 1.320 sepulturas communs.

A frente do cemiterio é cercada por um gradil artistico sobre uma murada de alvenaria. O portico é de estylo romano, encimado por um anjo annunciando o Juizo Final, tendo aos lados dous anjos implorando a Graça Divina. No primeiro plano destacam-se duas figuras symbolizando o fim da vida; todas essas figuras são de marmore.

Segue-se uma rua de mangueiras com largo tanque e repuxo no centro, a qual termina no adro da capella, que é calçado de marmore. Ao lado vê-se uma pilastra de marmore tendo torneiras com agua potavel, ladeadas tambem por dous grandes vasos com plantações de violetas e tinhorões.

Junto ao adro da capella está, do lado direito, a residencia do administrador e, do esquerdo, o escriptorio, sendo o adro todo ajardinado.

A capella é vasta e ornamentada com simplicidade e no altar destaca-se uma imagem de Jesus Christo, quasi de tamanho natural. A sacristia tem tambem seu altar e acha-se provida dos paramentos necessarios para os actos funebres que alli se realizam.

Tem o cemiterio uma sala para autopsias, que tambem serve para deposito de cadaveres, dous ossarios geraes e um para os irmãos graduados.

Varios são os tumulos que merecem especial menção e entre estes os seguintes:

O primeiro da direita da entrada, do Barão do Amparo, construcção ampla de bella apparencia, todo de marmore, em fórma de uma pequena capella. Tem no salão subterraneo seis

catacumbas e na parte exterior do monumento a seguinte inscrição: "Jazigo do Barão do Amparo".

— Em frente, do lado esquerdo, está o tumulo do Barão de S. Gonçalo, construcção semelhante á anterior, com salão subterraneo, tambem com seis catacumbas, e na parte exterior lê-se a seguinte inscrição: "Jazigo do Barão de S. Gonçalo, de seus pais e de suas irmãs."

— Em frente ao gradil, do lado da rua José Clemente, destaca-se uma grande capella toda de marmore, que, segundo ouvimos, custou 100:000\$. É o tumulo do irmão bemfeitor da Ordem, João Gonçalves Raposo. Dá accesso á mesma uma escadaria de marmore, tendo aos lados dous leões de tamanho natural, um velando e outro dormindo. Tem seis catacumbas na capella e altar onde celebram-se missas. Na parte exterior ha a seguinte inscrição: "Jazigo perpetuo de João Gonçalves Raposo e sua familia."

— Na face da primeira rua lateral á direita acha-se o tumulo de granito do Conselheiro Dantas.

Foi mandado erigir pela Directoria do Banco da Republica. É todo de granito nacional do morro da Viuva, compõe-se de uma estela de 3 metros de altura, na face anterior está o busto colossal em bronze do notavel homem de Estado; supporta este busto uma "misula" de granito lavrado, e no rez do chão e em primeiro plano, um sarcophago colossal de granito de uma só peça; todo o mausuléo descansa sobre um dado tambem de granito. Do lado esquerdo existe uma escada que dá entrada para a crypta.

No monumento vê-se a seguinte inscrição: "Ao seu Presidente o Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, o Banco da Republica do Brasil, 1895". O trabalho é de Rodolpho Bernardelli.

— A' esquerda deste monumento está o tumulo do irmão Antonio Gonçalves de Carvalho. Tem salão subterraneo com seis catacumbas e a seguinte inscrição: "Jazigo de Antonio Gonçalves de Carvalho e sua familia".

— Em frente a este, na face da primeira rua lateral á esquerda, está o grande tumulo da familia do Commendador Ma-

noel José Coelho da Rocha. Tem no salão subterraneo 16 caticumbas, onde estão corpos embalsamados e outros sepultados, da mesma familia. Simples é a inscripção desse tumulo: "Finis".

— No extremo desta rua, ao lado da de José Clemeate, está o tumulo do finado Commendador Henrique José Caminha, encimado com a estatua de S. Pedro, que aponta para o céo e tem em outra mão um livro e duas chaves. Debaixo de quatro columnas está um rico catafalco.

Todo este trabalho é de marmore de Lisboa e no monumento vê-se a inscripção seguinte: "A' memoria de D. Emerenciana Theresza Alves Caminha, fallecida em 8 de Fevereiro de 1854, tributo de eterna saudade de seu esposo Henrique José Caminha."

— Em frente a este tumulo acha-se um grupo de jazigos que pertence ao primeiro Visconde e Barão do Rio Bonito, e onde se acha o corpo embalsamado da Viscondessa de Vergueiro, fallecida em Roma. Em um destes jazigos, o de n. 21, tem a seguinte inscripção: "A' saudosa memoria de D. Mariana Joaquina da Fonseca Faro. Nasceu nesta cidade a 26 de Março de 1812 e falleceu a 31 de Dezembro de 1841. Seu desolado esposo, em signal da sua pungente dor, lhe consagra este tributo de perenne tristeza."

"Terna Mãi, meiga esposa, se impia sorte
Tua existencia quiz em flôr cortada;
Por teus filhos, por teu triste consorte,
Serás eternamente pranteada.
Urna que ora possues depois da morte,
Caras reliquias de uma esposa amada,
Da dura viuvez triste orphanade,
E's monumento de cruel saudade.

— No jazigo n. 59, encimado por uma columna partida, tendo no segundo plano um cão que vela, lê-se o seguinte: "Ultima jazida da familia de Carlos José de Souza."

— Em seguida está o jazigo n. 38, do Irmão ex-Definidor Manoel Luiz Martins e de D. Maria Magdalena Martins, tendo a estatua o tamanho natural do ex-Definidor. Este trabalho é de marmore de Lisboa.

— Junto a este jazigo está o tumulo da familia Cornelio, com dous carneiros no interior. Tem a fórma exterior de uma capella e a seguinte inscripção: “Familia Cornelio”.

— Do lado da rua de José Clemente está o tumulo da familia Claudio José da Silva, lindo monumento encimado por um anjo da Anunciação, o qual tem esta inscripção: “A’ memoria de Claudio José da Silva. Sua viuva e filhos saudosos.”

— Um pouco mais afastado acha-se o jazigo do Barão de Catumby, encimado por uma estatua que deposita uma rosa sobre uma urna; é o mais bello specimen deste cemiterio, e tem a seguinte inscripção: “Ao Dr. Francisco Lopes da Cunha, Barão de Catumby, nascido em 21 de Julho de 1821 e morto a 27 de Fevereiro de 1874. Tributo de amor conjugal.”

— Em outro quadro está o jazigo n. 207 do Commendador Estevão José da Silva e contém a seguinte inscripção: “Jazigo perpetuo da familia Estevão José da Silva. Anno de 1900.”

— Neste mesmo quadro no carneiro n. 284 lê-se a seguinte inscripção: “Aqui jaz o irmão Mario da Costa Pereira, Engenheiro Civil, filho do Commendador Manoel Antonio da Costa Pereira e de D. Maria Carolina da Costa Pereira. Nasceu em 9 de Outubro de 1877 no Rio de Janeiro e falleceu em Liége, Belgica, em 24 de Abril de 1900.”

— Em outro quadro está um jazigo encimado por duas lindas figuras abraçadas a uma cruz.

Nesse singelo, mas artistico monumento, lê-se:

“Unidos em vida, abraçados na cruz.”

— Em outro quadro, no jazigo n. 192, da irmã Eleuteria Candida de Lima, lê-se: “A’ memoria de minha amada mãe Dona Eleuteria Candida de Lima. Enviuvou a 25 de Julho de 1842 e falleceu em 21 de Junho de 1864. Oh! triste dia para mim, de eterna recordação; ah! ella já não vive, mas vive sempre, sempre em minha mente, esse amôr filial que longe della só me é dado carpir... chorar saudades. Por caridade orai, fieis”.

— Logo adiante deste tumulo está o carneiro n. 127, em que repousam os restos da irmã Candida Torres Rangel de Campos. Entre dous grandes vasos eleva-se uma cruz partida, tendo a

seguinte inscripção: “Se as lagrimas de teus filhos pudessem reanimar os teus restos mortaes, estarias viva”.

— Entre as inscripções das sepulturas deste cemiterio notámos ainda as seguintes:

— Em urna sepultura:

“Fiat voluntas tua
in memoriam
Maria Thereza de Azevedo.”

— Em outra :

“Aqui dorme o somno eterno D. Ignacia Rosa Teixeira dos Santos, ex-Zeladora desta Veneravel Ordem, nascida a 10 de Junho de 1825 e fallecida a 21 de Fevereiro de 1896. Saudade eterna de sua filha, netos e neta.

E vós, christãos, que chegais
Junto a esta campa fria!
Rogai por esta que aqui dorme
Padre Nosso-Ave Maria!”

— Sobre outra sepultura:

“Hic Jacent
Joanna Midosi Pereira e Nascimento
et jusque fillæ
Maria et Delfit”

“Mater octavo calendas Januarii,
Maria quinto calendas Februarii
Delfina sexto idus Aprilis Perit
Anno domini MDCCCXLVII.”

— Em uma urna:

“Tributo de gratidão de saudosa memoria de João de Cerqueira. Nasceu a 7 de Janeiro de 1783. Falleceu a 1.º de Abril de 1847.

“Da celeste mansão onde repousas,
Onde vives na ausencia de um amigo,
Da amizade recebe este tributo
Que saudoso consagra a teu jazigo.”

— Em um jazigo perpetuo:

“Jazigo perpetuo onde descansa eternamente o corpo do innocente Gaston, filho de Joaquim Ferreira de Almeida e D. Maria Stein de Almeida, nascido em 21 de Janeiro de 1891 e fallecido em 18 de Abril de 1896.

“Tributo de saudade de seus pais.”

“Não perturbes as timidas crianças
No pequenino tumulto risonho...
Felizes os que vivem com espr'ranças
Ditosos os que morrem como um sonho

Sinite parvulos venire ad me
Talium est de Rgno Dei.”

— Em outra lousa:

“Aqui dorme o somno eterno a esposa exemplar, carinhosa, filha obediente e amiga sincera.

D. Ignacia Rosa dos Santos Pomares.

Nascida a 7 de Julho de 1849.

Fallecida a 15 de Agosto de 1877.

Amada e querida esposa,
Que alma aos céos voou
No mundo eterna saudade
A seu marido deixou.

Filha amante e extremosa,
Consorte fiel e pura,
Foi uma mãe carinhosa,
Foi um lyrio de candura.

E vós, fieis, que votais
A' virtude sympathia,
Orai por ella uma prece
Padre Nosso-Ave Maria!”

Administra este cemiterio o Sr. Augusto Cesar de Senna, que com especial dedicação tem conservado sempre irreprehensivel asseio e notavel ordem em todas as dependencias do Campo Santo, observando com rigorosa exactidão as obrigações inherentes a seu cargo e cuidando zelosamente dos monumentos artisticos que alli se acham esquecidos e dos daquelles que não deixaram descendentes.

Vimos a planta do projecto da reforma geral deste cemiterio, projecto que levado a effeito, pela Veneravel Ordem, o collocará em belleza interna, á vista das suas pequenas dimensões, á altura de um dos mais elegantes e artisticos desta Capital.

Cemiterio da Ordem Terceira da Penitencia — Este cemiterio está situado na praia de S. Christovão.

Quando em 17 de Junho de 1857 era Ministro o irmão João Antonio da Silva Guimarães, comprou á Ordem da Santa Casa da Misericordia um terreno em S. Christovão, antiga chacara do Murundú, com 65 braças de frente e 116 de fundos.

A compra foi pela quantia de 45:000\$, importando a ciza, planta e outras despesas em 14:496\$460.

Em 1858 fizeram-se os primeiros enterramentos na parte do terreno considerado proprio.

Em 9 de Junho de 1871, benzeu-se a pedra fundamental da capella para o cemiterio permanente.

Mais tarde foi então abandonado o antigo cemiterio, que era no morro, sendo mudado para o terreno ao lado.

A administração de 1888 a 1889 fez erigir a capella actual, que, construida com simplicidade, é comtudo elegante.

Nessa capella destaca-se, no altar-mór, um grande painel representando Christo na Cruz, trabalho este executado em fins do seculo XVIII e na sacristia uma grande imagem de Christo, que pertenceu á antiga fazenda do Balthazar, a que pertencia o actual terreno do cemiterio.

Possue este campo santo 467 carneiros, 40 jazigos e 789 sepulturas razas.

Não possui monumentos de grande valor artistico, sendo os mais notaveis os jazigos perpetuos de Vicente Francisco Ferreira, de Manuel dos Santos Fiães, de D. Thereza Maia da Costa Pinto,

de Luiz Monteiro de Araujo, de Manoel Gomes da Silva Braga, de José Cardoso Gaspar, de Manoel Pereira de Souza Barros.

Entre as inscrições nas lousas apenas pudemos colher a seguinte:

“Jazigo perpetuo de Braz Antonio Carneiro e sua familia. Nascido a 3 de Fevereiro de 1816 — Fallecido a 9 de Maio de 1889 — Homem bom e honesto.”

Neste cemiterio foram sepultados desde a sua fundação 5.356 irmãos.

Grandes foram as reformas por que passou, principalmente de 1898 até o anno corrente. Junto á capella foi edificada uma casa para residencia do administrador, sendo demolida a antiga casa destinada para escriptorio.

Procurando aformosear o cemiterio, mandou a administração continuar o córte da barreira ao lado direito, alargando a rua principal, que mede 76 metros de comprimento por 11^m,62 de largura, sendo aterrados os mangues fronteiros ao mesmo. A rua está convenientemente calçada a parallelepipedos.

Desde a entrada do cemiterio vêem-se de um lado artisticas banquetas e canteiros de flôres, dispostos com requintado gosto e tratados com especial cuidado pelo zeloso administrador Sr. Manoel Joaquim Lisboa, que ha 15 annos serve a Veneravel Ordem com dedicação.

O local onde estava a casa que foi demolida acha-se transformado em um vasto jardim e a divisa com o cemiterio do Carmo foi cercada com grades de ferro.

Percorremos todo o cemiterio e é de justiça consignar aqui o asseio geral que se observa.

Pretende a dedicada administração da Veneravel Ordem continuar os trabalhos de aformoseamento, mudando a entrada do cemiterio para a frente da rua principal, de fórma a estabelecer uma recta até á capella.

Antes desta destaca-se uma grande cruz com o Christo crucificado, trabalho de alto valor artistico.

Ainda nos fundos do cemiterio foi reformada, offerecendo aos visitantes uma impressão agradável.

Cemiterio da Veneravel Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula — Este cemiterio está situado no largo de Catumby, na chacara ou terreno que pertenceu a Dionysio de Oriot, adquirido por compra pela Veneravel Irmandade em 1849.

O primeiro enterramento feito neste cemiterio foi de Antonio Joaquim da Rocha, de nacionalidade portugueza, contando 12 annos de idade, em 20 de Março de 1850.

Desde a sua fundação até ante-hontem foram inhumados 9.874 cadaveres, distribuidos pelos oito quadros do cemiterio, inclusive o de sepultura rasa.

Tem este campo santo 1.300 carneiros, 200 jazigos e grande numero de sepulturas.

O Cemiterio de S. Francisco de Paula possui os monumentos mais artisticos e de grandes proporções, notando-se alli trabalhos de alto valor executados por artistas de merecimento taes como o finado architecto José Berna, Rodolpho Bernardelli, Benevenuto Berna e outros.

Entre os monumentos mais notaveis acham-se as capellas das familias Agra, Carapebús, Nioac, Lemgruber, Marqueza de Valença, Gonçalves, Mauá, Itamaraty, Luciano Leite Ribeiro, Cupertino, Visconde Jaguary, Dr. Zeferino Vaz de Carvalhoes, Tavares Guerra, Barão de Guaratyba e a do Visconde do mesmo titulo, Commendador Pereira Bahia, Vidal Leite Ribeiro, Commendador Carlos Maximo de Souza, memoria de Chiquita e a do Marechal Simeão de Oliveira.

Entre os jazigos e tumulos, merecem tambem especial Menção os de Narciso Francisco da Costa e Silva, Coronel José Antonio da Silva Pinheiro, Domingos José Monteiro, Antonio da Silva Arcos, José Maria Pinto Guerra, Torres Neves, Irmãos Mangeon, Commendador Salerno, Almeida Paschoal, Baroneza de Paquetá, José Vidal Dias, Viuva Missick, Chagas Andrade, Mathilde Chagas, Conselheiro Paulino, Barão de Araujo Ferraz, Calazans Raythe, Paulo de Castro, Domingos Theodoro, Remedios Marcondes, Coronel Pinto de Oliveira, Barão do Flamengo, Dr. José Ferreira de Souza Araujo, Viuva D. Laurentina Pereira, Domingos de Carvalho, Bernardo Joaquim de Faria, General Francisco de Lima e Silva, Capitão Anacleto da Silva Ramos, Tenente-Coronel Raphael da Cunha Cabral, Major Bento

José Martins, Brigadeiro Ignacio Gabriel Monteiro de Barros, Miguel de Avellar, Commendador Manoel José de Bessa, Marquez de Paranaguá, Domingos Silverio Bittencourt e Viscondessa de Pirassinunga.

O monumento do Barão de Guaratiba é um dos mais notáveis quer pelas suas proporções, quer pelo seu valor artistico.

— Tumulo da senhora do Sr. Mendes Campos: E' todo de marmore de Carandahy, compõe-se de uma grande cruz de um só bloco, na parte anterior e em baixo acha-se uma grande figura representando a saudade sentada sobre o fragmento de uma columna e em attitude de tristeza; tem nas mãos e sobre os joelhos uma corôa de sempre-vivas (de bronze).

Este trabalho é do professor Rodolpho Bernardelli.

Entre outras inscrições encontrámos as seguintes:

— Em um tumulo:

Aqui repousão em paz
os restos mortaes de

D. Maria Thereza Ferreira da Silva Roxo,
Que nasceu nesta Côrte a 13 de Abril de 1824

E falleceu na mesma a 27 de Agosto de 1869

Emquanto soffreu na vida,

Decerto gozará na mansão dos justos

A eterna bemaventurança.

Para perpetuar a sua memoria

E em testemunho de saudade

Mandou erigir este tumulo

seu marido Manoel Luiz da Silva Roxo,

Orai pela sua alma.

— No jazigo de Narciso Francisco da Costa e Silva:

Lamenta oh! homem que és terra,

Pó, cinza e nada: E em nada te tornarás,

O que vós sois nós já fomos;

O que nós somos vós sereis.

— Na sepultura de Francisca Rita Telles:

De soffrer aqui alfim
 Descanço tem.
 Quem a vida consumio
 Em fazer bem.

— Na sepultura de um anjo: Uma rosa gravada no mar-
 more e a seguinte inscripção:

“Assim eras tú, minha filha Edméa.”

— Em um jazigo:

O sangue de Christo purifica de todo o peccado,
 Eu sou a Ressurreiçãõ em Vida;
 Quem crê em mim
 Ha de viver ainda que esteja morto.

S. João, XI—25.

— No jazigo de Francisco Antonio de Campos:

Pai e mãe os filhos choram
 E delles os filhos tambem.
 A morte de tudo zomba;
 A verdade aqui a tem.

— No tumulo de Otilia Pereira Leitão:

Filha orphanou seus pais do mais
 santos dos affectos; irmã
 deixou no lar um vacuo de
 maternal amôr; noiva, foi
 de prantos e goivos o seu
 cortejo de nupcias.
 Pobre Tilocá!

— Na sepultura de Margarida de Lima Paes Leme:

Por tudo quanto em vida tu nos déstes,
 De affectos, de ternura e caridade,
 Recebe, cara esposa, a mais saudosa,
 Tristes prantos da mais triste saudade.

— No jazigo de Francisco da Silva Castro:

Felizes dos que passam
e na terra
deixam saudades!

— Na sepultura de Florinda de Assumpção Brito:

Por que choras saudades?
Por que em pranto debulhada,
Eu te vejo neste tumulo
Soluçante debruçada?

Mas silencio, neste tumulo!
Não mais chores caridade!
Quem no mundo foi a esmola
Se-lo-ha na eternidade!

— No tumulo de Domingos Custodio de Azevedo:

Raptus est ne malitis
mutaret
intellectum ejus.

Deus o levou para que o
mal não lhe manchasse a alma.

Spient, IV—II.

— No jazigo de Luiz Lopes Pereira Bahia:

Ton corps qui dort dans ces sombres regions
N'entendra plus mon humaine voix,
Ton ame qui ne connut qu'amour et religion
Vivra perpectuelment en moi.

— No tumulo de Mathilde de Castro:

Elle était simple et sans envie
Et ne connut, Helas! la vie
Que pour paraître et pour mourir
En y laissant son souvenir.

— No jazigo de Augusto A. G. de Azevedo:

Ego dormio et cor meum vigilat
Eu durmo e o meu coração véla.

Canticos V—17.

— Na sepultura de Isabel Candida Pedrosa:

Varou-te esposa querida
A séta fatal do destino.

— No jazigo do Senador Antonio Luiz Dantas de Barros
Leire:

Descansa! Se no céo ha luz mais pura,
De certo gozarás nessa ventura,
Do justo a placidez.
Se ha doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranquillo á sombra do cypreste,
Não tarda a minha vez.

— No planalto, em frente á rua principal e no fim da escadaria, ergue-se a majestosa capella do cemiterio, de vastas dimensões. A capella tem além do altar-mór, onde se destaca uma grande imagem de Christo na Cruz, mais dous altares lateraes. No lado direito está a sacristia e no esquerdo o necroterio, com duas mesas de marmore. Nestas dependencias da capella existem dous altares.

Esta capella substituiu a que ficava mais acima da montanha e a sua construcção cabe á Administração da Veneravel Ordem quando Procurador o Sr. Manoel Fernandes Guimarães.

Por grandes reformas tem passado o cemiterio, recebendo utilissimos melhoramentos graças aos esforços do Procurador do Cemiterio o Sr. Coronel Francisco Pinto de Oliveira.

Foram ainda construidas diversas secções de carneiros e ainda está em andamento a muralha do novo quadro de carneiros.

E' actualmente administrada pelo Sr. José Francisco de Carvalho, dedicado e zeloso funcionario da Veneravel Ordem, que muito se esforça para trazer o Campo Santo cuidadosamente tratado e asseiado como temos tido occasião de observar.

O CORREIO NO BRASIL

I

O serviço de Correios em Portugal esteve durante muitos annos em mãos de particulares, monopolio este constituido por autorização do Governo.

Luiz Homem foi o primeiro que obteve esse monopolio, que mais tarde passou para o dominio exclusivo da familia Gomes da Matta, que o explorou até 1797. Tinha o titulo de *Correio Mór* o individuo que gozava do privilegio de explorar o serviço postal.

Por decreto de 18 de Janeiro de 1797 foi abolido e extinto o *officio* de Correio Mór, passando o serviço a cargo da Repartição dos Negocios Extranjeros, sob a denominação de Administração das Postas, Correios e Diligencias de Terra e Mar.

Este decreto é do teor seguinte:

“Tendo-Me sido presentes os graves inconvenientes que experimenta não só a Minha Fazenda Real, mas a facilidade das communicações interiores do Reino e dos Meus Dominios Ultramarinos, tão indispensavel e necessaria em Estados Commerciantes por causa de achar-se entre a Administração do Correio das Cartas a huma pessoa particular que considera como patrimonio este importante cargo politico; e sendo igualmente evidente o direito que Me assiste de reivindicar para a Minha Real Corôa, por meio de huma justa indemnização, este Emprego Publico, cuja alienação temporaria não podia de modo algum considerar-se como perpetua e irrevocavel: Fui servido ordenar a D. Rodrigo de Souza Coutinho, do Meu Conselho de Estado e Meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos, que propuzesse ao actual Correio Mór do Reino a generosa indemnização que Mando publicar com este decreto, assignada pelo

mesmo Ministro de Estado, com a communição que, não aceitando voluntariamente a offerta, ficasse livre á Corôa o reivindicar por meios legaes o Seu inalienavel Direito. E havendo o mesmo Correio Mór preferido voluntaria aceitação do que Mandei offerecer-lhe: Hei por bem extinguir e abolir o dito Officio de Correio Mór do Reino, que Mando incorporar na Minha Real Corôa, suspendendo o actual Correio Mór do exercicio deste Emprego, logo que Eu fôr servido incumbir esta Administração a hum dos Meus Ministros de Estado. Os Conselheiros de Estado, Meus Ministros e Secretarios de Estado dos Negocios do Reino, dos Negocios Extranjeiros e da Guerra o tenham assim entendido e façam executar, concluindo com as solemnidades necessarias á verificação das condições da dita Cessão. Palacio de Queluz, em 18 de Janeiro de 1797. — Com a Rubrica do Principe Nosso Senhor.”

“Condições que o Correio Mór do Reino aceitou voluntariamente para ceder o dito officio a Sua Majestade Fidelissima a Rainha Nossa Senhora:

O titulo de Conde, de Juro e Herdade com tres vidas fóra da lei Mental.

A conservação da Honra de Criado de Sua Majestade.

Huma renda permanente, e que possa vincular em Morgado, de quarenta mil cruzados por anno, ou em Commendas, ou em Bens da Corôa, ou em Renda do mesmo Correio.

Pensões vitalicias de quatrocentos mil réis cada huma para sua Mãi, para seu Irmão e suas Irmãs; e de seu Irmão até que alcance a Commenda de Graça que Sua Majestade lhe promette pedir ao Grão-Mestre de Malta; sendo estas Pensões reversiveis para elle Correio Mór no caso que sobreviva a cada huma das Pensões pensionadas, mas que de modo nenhum passarão a seu Filho ou outros Herdeiros.

Declarar-se-ha em Nome de Sua Majestade que estas Pensões desobrigarão o Correio Mór de dar o equivalente das mesmas a sua Mãi, Irmão e Irmãs; e que o poderá descontar dos Legitimos ou Arrhas que fosse obrigado a dar. Pede o Correio Mór a Sua Majestade que em attenção ao sacrificio que fazem elle e seu Irmão, sejam avançados de hum ou dous postos em algum dos Regimentos de Cavallaria da Côrte, que já Sua Majestade foi

servido mandar-lhes prometter que os adiantaria em postos militares. Palacio de Queluz, em 18 de Janeiro de 1797. — *D. Rodrigo de Souza Coutinho.*”

Um alvará de 16 de Março desse mesmo anno concedeu ao Correio Mór todas as condições estipuladas.

— O serviço postal ficou então subordinado ao Ministerio de Extrangeiros, sendo expedidos regulamentos e instrucções a 6 de Junho de 1799 e mais tarde substituidos pelo regulamento de 8 de Abril e instrucções de 20 de Junho de 1805.

Por alvará, porém, de 26 de Janeiro de 1798 já haviam sido creados os Correios maritimos, que iniciaram serviço regular entre a Metropole e o Brasil.

Por decreto de 24 de Setembro de 1817 foi concedido privilegio, por 10 annos, a José Pedro Cesar para estabelecer um Correio regular entre S. Paulo e a então villa de Porto Alegre, com escala por Santa Catharina.

O Governador do Ceará, Manoel Ignacio de Sampaio, estabeleceu um Correio entre aquella capitania e as de Pernambuco e Pará, de 1812 a 1818, sendo mais tarde, por aviso de 6 de Abril de 1829, encarregado de estabelecer Correios entre Goyaz e São João d'El-Rei e entre aquelle lugar e Cuyabá.

Em 24 de Janeiro de 1820 creou-se o Correio entre a cidade do Rio de Janeiro e a villa de Morro Queimado, em Nova Friburgo, sendo confiada a direcção desse serviço ao Juiz de Fóra das villas de Macacu' e Magé, com dous auxiliares, um em Macacu' e outro em Morro Queimado.

Ainda em 6 de Abril de 1820 foram encarregados os Governadores do Pará, Maranhão, Ceará, Parahyba, Minas Geraes e Goyaz, de promover o estabelecimento dos Correios entre essas diversas provincias.

A 24 de Janeiro de 1822 foi creado o serviço do Correio entre esta Capital e a Ilha Grande e a 5 de Janeiro de 1825 entre as capitaes das provincias de Santa Catharina e S. Pedro (Rio Grande do Sul) e entre aquella provincia e a villa de Paranaguá, então na de S. Paulo.

Em 5 de Março de 1829, José Clemente Pereira, Ministro do Imperio, reorganizou o serviço completo de Correios por autorização da Assembléa Geral, em todas as provincias.

O regulamento expedido para execução desse serviço creou o lugar de Director Geral, além de Administradores, Agentes e outros empregados subalternos e codificou toda a legislação existente sobre o assumpto.

— O primeiro Director nomeado foi o Chefe de Esquadra Diogo Jorge de Brito, que antes exercera o cargo de Ministro da Marinha, não chegando a tomar posse por ter fallecido, isto depois da publicação do decreto de sua nomeação datada de 8 de Abril de 1829, ficando exercendo esse cargo interinamente o Administrador Caetano Luiz de Araujo até 1831, em que foi o cargo supprimido e restabelecido por decreto de 10 de Março de 1842.

Em 1844 foi dado novo regulamento ao serviço dos Correios no Brasil, e o Director Geral, Dr. Bernardo Jacintho da Veiga, que já exercia esse cargo desde 1842, teve então pelo mesmo regulamento mais amplas attribuições.

Fallecendo este em Junho de 1845, foi nomeado para substituí-lo o Commendador Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça, que a 31 de Dezembro tomou posse do referido cargo.

Por morte deste, em Janeiro de 1850, foi então nomeado o Dr. Thomaz José Pinto de Serqueira, que tomou posse em 4 de Setembro do mesmo anno.

Creada em 1861 a Secretaria do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, passou a Directoria Geral dos Correios a fazer parte da 4ª Directoria daquella Secretaria de Estado, tendo como Chefe o Dr. Pinto de Serqueira, mais tarde, em 1865, considerado addido.

Estabelecendo-se em 1865 a Directoria Geral dos Correios, foi nomeado o Dr. Luiz Plinio de Oliveira Director Geral, cargo este que exerceu até Junho de 1880, quando foi exonerado a seu pedido.

Por decreto de 26 de Junho desse mesmo anno foi nomeado Director Geral o Commendador João Wilkens de Mattos, que obteve aposentadoria em Março de 1882, sendo substituído pelo Dr. Luiz Betim Paes Leme, que foi exonerado a 19 de Dezembro de 1891.

Em Fevereiro de 1892 foi nomeado para esse cargo o Dr. Demosthenes da Silveira Lobo, que o exerceu até 22 de Abril de 1895,

sendo substituído pelo Dr. Aarão Reis, que pouco tempo se demorou na Direcção Geral desse serviço.

Em Novembro de 1895 foi então nomeado o Dr. Adolpho Emygdio Victorio da Costa, que ainda hoje occupa o cargo.

O Vice-Director de então, Dr. Martinho de Freitas, hoje fallecido, por vezes dirigio interinamente a superintendencia geral do serviço.

Em 1888 foi creado o lugar de Sub-Director e nelle provido o Sr. José Francisco Gomes, que então administrava os Correios de S. Paulo. Aposentado em 1890; teve como successor o Bacharel Aristides Cesar de Almeida, substituído em 1891 pelo Sr. Affonso do Rego Barros, que se aposentou em 1894, seguindo-se-lhe o Dr. Martinho de Freitas Vieira de Mello, fallecido em Abril de 1897 e que teve por successor o actual Sub-Director Feliciano Gonzaga, nomeado em 15 de Maio.

Presentemente serve como interino, na Direcção Geral o Sub-Director Feliciano José Neves Gonzaga, funcionario competetissimo, já pela sua illustração, capacidade e pratica, já pelo longo conhecimento e estudos especiaes que tem feito sobre o assumpto durante os 22 annos que tem de serviço na Repartição.

O Correio funcionou no Rio de Janeiro em varias casas, como o Arsenal de Marinha, o pavimento terreo da actual Camara dos Deputados, em um predio da rua da Assembléa, na casa onde hoje está estabelecida a livraria Laemmert, á rua do Ouvidor, e no antigo Paço da cidade. Nesta ultima casa a correspondencia era distribuida na janella do Palacio, apregoando-se os nomes dos destinatarios. O povo agglomerava-se no largo, e não eram poucas as chufas espirituosas que dirigiam aos empregados.

Finalmente estabeleceu-se no antigo Palacio dos Governadores, na rua Direita, em cujo edificio permaneceu desde 1829 até 1879, edificio que foi demolido e em cujos terrenos está hoje o edificio da Praça do Commercio.

Acanhado como era o Palacio dos Governadores, o Governo mandou construir o grande edificio do largo do Paço para nelle ser installado o Correio Geral e bem assim um outro edificio na rua Direita, destinado á Caixa da Amortização.

O edificio do Correio foi construido pelos architectos Pedro Bosisio e José Ballirini e os grupos em marmore que alli se acham collocados foram executados pelo estatuario Pasquarelli.

Prompto o primeiro destes proprios nacionaes, foi elle occupado pela Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas e mudando-se então para o edificio destinado á Caixa da Amortização a Repartição Geral dos Correios.

Apezar de ser esse edificio um dos melhores proprios nacionaes, contudo ainda se resente da falta de accommodações para o bom desempenho desse serviço, de fórma que a Directoria Geral funcionou na ala esquerda do edificio da Associação Commercial desde Outubro do anno passado.

A Directoria Geral tem naquella ala as salas da Sub-Directoria e Contadoria Geral e Archivo no pavimento superior, e no terreo, na parte que faz esquina com a rua Visconde de Itaboraahy, o respectivo almoxarifado.

O gabinete do Sub-Director fica no angulo do edificio por cima do almoxarifado. Pelas paredes acham-se em quadros diversas photographias representando as secções da repartição, dos edificios de todas as administrações na Republica e o retrato do finado primeiro Sub-Director José Francisco Soares.

Ao lado está uma boa bibliotheca contendo obras relativas ao serviço postal, legislação, regulamento, convenções, etc., e onde se acham guardadas as riquissimas colleções de sellos nacionaes e estrangeiros.

Nesta sala vimos em elaboração o Diccionario Geographico Postal do Brasil e o Guia Postal, volumoso e paciente trabalho, que dentro de breves dias será dado á publicidade.

A Sub-Directoria funciona com tres turmas distinctas em salas differentes, sendo a 1ª turma dirigida pelo 1º Official José Candido de Mesquita Soares, e a ella incumbe toda a correspondencia dos Correios estrangeiros e Secretaria Internacional de Berna e nella têm exercicio dez empregados, quatro dos quaes são addidos.

A 2ª turma é dirigida interinamente pelo 2º Official Arnaldo de Albuquerque e ella está encarregada de todo serviço interino dos Correios, relativo ao pessoal, nomeações, suspensões, exonerações, multas, etc., do expediente para o Ministerio da Industria,

Directoria, Contabilidade e autoridades, redacção do Boletim Postal Mensal, registro geral de todo o pessoal dos Correios da Republica e resolução de todas as questões de interpretação da legislação postal, reclamações em geral e expediente do *Diario Official* e nesse serviço occupam-se sete empregados.

A 3ª turma é dirigida pelo 1º Official Major Maximino Serzedello e a ella compete o expediente para conduções de malas, exames de contractos de fornecimentos de material, expediente de todas as agencias, nomeações e demissões de todos os agentes do Correio da Republica, etc.

No archivo da Repartição existem documentos que pódem servir de segura fonte para a confecção do historico do serviço dos Correios no Brasil.

O actual Sub-Director Technico Feliciano Gonzaga, que ha muitos annos estuda com amor e invejavel paciencia os negocios relativos á sua repartição, tem prompta a *Historia Postal do Brasil*, curioso repositorio de factos e anedotas historicas sobre o serviço postal, precedida de extensa e erudita historia dos Correios de todos os paizes do mundo desde a mais remota antiguidade.

Aquelle funcionario espera publicar aquelle interessante trabalho em 1900, com o titulo de *O Correio do Brasil no seculo XIX*.

Vimos ali uma provisão de 30 de Agosto de 1799, e que manda executar as instrucções e regulamento do serviço dos Correios, expedida em 1798, e que é o mais antigo papel archivado.

O archivo é dirigido pelo amanuense Pedro de Arbues Moreira, que tem um auxiliar para esse serviço.

A Contadoria Geral está a cargo do Contador Francisco Genelicio Lopes de Araujo, funcionario zelozo, que conta 27 annos de bons serviços á repartição, tendo por Ajudante o intelligente Sr. Ernesto Pinto de Azeredo Coutinho, empregado desde 1879.

A Contadoria é dividida em duas turmas que funcionam em salas distinctas uma da outra: a 1ª turma é dirigida pelo 1º Official Leocadio Rayol e nella têm exercicio 11 empregados, e a 2ª turma é dirigida pelo 1.º Official Jorge Brown, tendo nella exercicio 15 empregados.

A' 1.^a turma incumbe o assentamento do pessoal, pagamentos do pessoal da Directoria Geral, escripturações do Montepio, de sellos e da Casa Forte, liquidação de vales internacionaes, estatística, fornecimento do material, protocollo, etc., e á 2.^a turma orçamento da receita e despeza; classificação das despesas por fornecimentos ao almoxarifado; conferencia e processo das contas por fornecimentos de material; organização e distribuição dos credits e registro das despesas, quer da Directoria quer das Administrações; escripturação dos Credits em geral; exame dos balanços, conferencias e preparo dos documentos para liquidação de contas de transito com os Paizes da União Postal Universal.

O Almoxarifado que funciona, como dissemos, no pavimento terreo é dirigido pelo respectivo almoxarife Sr. Antonio de Souza Martins, nome bastante conhecido do publico do Rio de Janeiro, que durante cêrca de vinte annos o applaudio no palco dos nossos principaes theatros. Naturalmente o desanimo pelo futuro do theatro nacional levou-o a abandonar a arte ha oito annos e a sua actividade foi aproveitada no Correio com beneficio do serviço publico.

A' Direcção dos Correios, quando confiada ao Sr. Dr. Luiz Betim Paes Leme, se deve o inicio dos grandes melhoramentos por que passou a repartição, devendo-se os que têm sido introduzidos ultimamente aos bons desejos e esforços da sua Directoria actual, que todos os dias estuda, modifica e melhora este importante ramo da administração publica.

Muitos foram os regulamentos e instrucções que baixaram sobre esse serviço, cabendo especial menção ao Decreto n. 3.443 de 12 de Abril de 1865, que reorganizou por completo o serviço postal, creando as classes de correspondencias registradas com ou sem valor declarado, permittindo a permuta do numerario pelo Correio por meio de vales postaes e encarregando-o de tomar assignaturas, por conta de particulares, de jornaes e outros periodicos; a reforma approvada pelo Decreto n. 9.912 A de 20 de Março de 1888, que completou a organização de todos os serviços e deu ao Correio meios amplos de realizar do modo mais satisfatorio seus utilissimos fins; o regulamento de 1.^o de Maio de 1890, destinado a pôr os serviços postaes de accôrdo com as

novas instituições adoptadas e que entre outros melhoramentos creou o das caixas economicas postaes, que breve será posto em execução, e ainda o regulamento actual dado á repartição pelo Decreto n. 2.230 de 10 de Fevereiro de 1896.

O Brasil adherio em 1877 á União Postal Universal, instituição que presta inestimaveis serviços não só á garantia dos interesses internacionaes e busca uma uniformização desse serviço, como procura estabelecer entre as administrações dos Correios de todo o mundo civilizado a necessaria solidariedade.

Entre os diversos melhoramentos que foram introduzidos no serviço postal brasileiro está a adopção do systema de pagamento prévio do porte das cartas e do *sello adhesivo*, systema este creado por Sir Rowland Hill.

A taxa, devida pelo transporte das cartas, era a principio paga pelo destinatario no momento de lhe ser entregue a correspondencia.

O Sr. Dr. Rodrigo Octavio, em um seu trabalho sobre a administração do serviço postal, diz o seguinte:

“O Decreto de 1817, que concedeu privilegio postal a José Pedro Cesar, estabeleceu que cada carta pesando 4 oitavas pagasse entre S. Paulo e Santa Catharina 150 réis, augmentando 75 réis por peso de 2 oitavas que accrescesse. Entre Santa Catharina e Porto Alegre pagava 100 réis por 4 oitavas, taxa igual á que se pagava do Rio de Janeiro a S. Paulo.

Do Rio de Janeiro a Porto Alegre a taxa era de 350 réis. Nas linhas creadas em 1820 para o Morro Queimado e Macacú a taxa de uma carta de 4 oitavas era de 40 réis entre Rio de Janeiro e Morro Queimado e 20 réis entre aquella cidade e Macacú.

Era desse modo um systema confuso e difficil o então adoptado para a franquia da correspondencia.

O regulamento approvedo pelo Decreto de 3 de Março de 1829 uniformizou todas as taxas e estabeleceu as regras para pagamento do porte proporcional á distancia a percorrer e ao peso das cartas, e sob esses principios se manteve o serviço postal, até que da Inglaterra partio o éco da revolução, que devia, simplificando, transformar e augmentar consideravelmente o serviço dos Correios de todos os povos.

O inicio dessa revolução tem sua origem em uma pequena e simples anecdotia.

Conta Alphonse Esquiros que, pelo anno de 39, certo viajante atravessava um paiz ao norte da Inglaterra e parou na porta de um albergue, onde tambem chegava, para fazer entrega de uma carta, um agente postal. Uma rapariga tomou a carta nas mãos, olhou-a em todos os sentidos attentamente e perguntou qual o preço do porte. E como lhe respondesse o carteiro que era um *shilling*, somma avultada para a rapariga, que era muito pobre, tristemente a moça restituiu a carta, que era de seu irmão, por não ter dinheiro para a receber. O viajante, que era um homem de bom coração, penalizado com aquella scena, offereceu-se para pagar o porte da carta e, apezar da resistencia da moça, deu o *shilling* ao carteiro, que se foi embora. E então perguntando o viajante á rapariga porque não queria ella aceitar d'elle aquelle pequeno favor, que lhe valia o prazer de ter uma carta de seu irmão, esta lhe respondeu simplesmente que o favor era inutil, porque ella, sem a abrir, já sabia tudo o que aquella missiva lhe queria dizer. Como fossem muito pobres, ella e o irmão tinham convencionado um systema de signaes, que, escriptos na parte exterior das cartas, informassem á simples vista um e outro do que precisavam saber. E dessa fórma, não pagando o porte das cartas que constantemente trocavam entre si, estavam perfeitamente informados um do outro.

Esse pequeno episodio deu que pensar ao viajante, que era um homem rico, illustrado e observador. Dirigio sua attenção para o serviço postal e vio a quanta crueldade levava o systema vigente e como se prestava á defraudação do Thesouro; e, pouco tempo depois, ao Governo Britannico era apresentado um projecto de organização dos Correios que reformava radicalmente tudo quanto até então estava estabelecido.

O obscuro viajante chama-se Sir Rowland Hill...

Em Janeiro de 1840 seu systema estava adoptado e uma carta á qual, em qualquer estação postal de Inglaterra, se adherisse um pequeno sello de um *penny*, circulava livremente por toda a extensão do paiz. Os calculos de R. Hill tiveram a mais brilhante confirmação; a reduccão enorme que soffreu a taxa determinou

tal augmento de correspondencia que em pouco tempo a renda dos Correios tinha ultrapassado a espectativa do innovador.

Pois bem. Ao passo que a França, só em 1848, e Tour e Taxis, só em 1850, primeiro que os outros paizes, imitaram o exemplo da Inglaterra, o Brasil, afastada região da America Meridional, foi a primeira nação que acompanhou o salutar movimento.

O citado decreto n. 255, de 29 de Novembro de 1842, estabeleceu as linhas geraes da reforma de Rowland Hill.

Em 1843 foram emittidos os primeiros sellos, conhecidos pela denominação de *olhos de boi*. Estes com os que se succederam até 1866, apenas consistiam em um algarismo representativo do seu valor; eram gravados e impressos aqui. Na Casa da Moeda ainda se conservam as chapas que serviram para a impressão destes primeiros sellos. De 1866 até 1881, data em que os sellos começaram a ser feitos no paiz, os que tivemos, todos com a effigie do Segundo Imperador, foram de fabricação estrangeira, sendo commendados á *American Bank Note Co.*, de Nova York. De 1881 até o presente todos os diversos sellos que têm sido emittidos são fabricados na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, etc.

Os sellos fabricados neste estabelecimento são bastante inferiores aos que já tivemos e na sua collecção encontram-se exemplares de máo gosto artistico e mal manufacturados.

II

Depois das reformas internas porque passou esta Repartição ultimamente e dos diversos melhoramentos introduzidos pelo actual Administrador fizemos, em Maio ultimo, uma visita a esse estabelecimento.

Na sala de entrada do primeiro pavimento da ala direita do edificio funciona a venda de sellos e de fórmulas para o franqueamento das correspondencias, dependencia da Thesouraria, bem como o registro da correspondencia sem valor declarado, dependencia esta da 6^a secção.

O espaço médio e posterior deste pavimento é occupado pelo serviço de collecta da correspondencia da Caixa Geral, depen-

dencia esta da 5^a secção, e pelos serviços pertencentes á 7^a secção: de distribuição de correspondencia ordinaria na área central da cidade e seus arrabaldes; da recepção das correspondencias urbanas, sua marcação, apartação e distribuição; do registro dos indicadores das mudanças de domicilios; da classificação e guarda das correspondencias que não tiverem podido ser entregues; da escolha e classificação das correspondencias da Capital cahidas em refugio.

Neste pavimento fica o publico separado do pessoal pelos moveis da Posta Restante de cartões e de jornaes e pelas caixas de assignantes, que se acham collocadas ao longo do espaço, médio e posterior referidos, onde se executam os trabalhos acima, sendo executado o preparo da correspondencia para a distribuição a domicilios pelos carteiros na área central do edificio, onde se acha installado o elevador que communica para o serviço de malas e correspondencia, entre si, com as secções 7.^a, 4.^a, 5.^a, 6.^a e 8.^a.

Ainda no primeiro pavimento acha-se o deposito geral de sellos e fórmulas de franquia, dependencia esta da Directoria Geral, em casa forte junto á entrada do edificio pela rua Visconde de Itaborahy.

No segundo pavimento, sobre-loja da referida ala direita do edificio, funcionam os seguintes serviços incumbidos á 6^a secção: registro de cartas e encommendas com valor declarado, recepção e abertura dos volumes de correspondencias registradas procedentes da Republica e de paizes estrangeiros; conferencia e demarcação, manipulação e lançamento destas correspondencias, assim como sua distribuição, tanto no Correio como nos domicilios, por carteiros privativos; preparo dos volumes das correspondencias registradas a expedir-se e a distribuir-se; classificação e devolução do que não puder ser distribuido; apprehensão das correspondencias prohibidas ou transportadas fraudulentamente; troca de avisos de recepção e reclamações sobre registrados em geral.

O registro com valor funciona na sala da frente, ficando situado nos fundos deste pavimento o gabinete da portaria e em seguida o espaço destinado aos carteiros privativos do serviço de registrados, dando acesso a estas duas ultimas sub-divisões a escada da entrada pela rua Visconde de Itaborahy.

Neste segundo pavimento o publico é separado dos empregados pelos moveis destinados á Posta Restante dos registrados e assignantes, troca de avisos de recepção e todo serviço referente a registrado com valor declarado.

Cada um dos serviços já discriminados, incumbidos á secção de registrados, acha-se convenientemente preparado.

No terceiro pavimento, com entrada pela rua Primeiro de Março, acha-se localizado, na sala central, o Gabinete do Director Geral e na sala da frente da ala direita executam-se os seguintes serviços, a cargo da Thesouraria: arrecadação de receita, serviço de emissão e pagamento de vales para o interior da Republica e Portugal, recepção, guarda e expedição de sellos e formulas de franquia para as agencias, recebimento, guarda, fornecimento, conferencia e expedição, as agencias e secções de fórmulas impressas, objectos de expediente, material e utensilios.

Este ultimo serviço é executado em pequeno espaço, encravado em seguida á sala da frente, no salão do mesmo pavimento, ficando em frente á porta da entrada para a Thesouraria a sala de espera das pessoas que carecem de audiencia do Director Geral.

No salão referido, compartimento central, com entrada pelas ruas Primeiro de Março e Visconde de Itaborahy, se executam os seguintes serviços a cargo da 4.^a secção: recepção, abertura e conferencia das malas do interior e exterior; manipulação da correspondencia ordinaria contida nessas malas e sua remessa ás outras secções; organização dos documentos de debito pelas correspondencias oneradas de taxa a pagar, entrega dos volumes e objectos registrados á 6.^a secção, apprehensão das correspondencias ordinarias transportadas fraudulentamente, organização da estatistica das correspondencias em geral, das repartições dos Correios do Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro; recepção, manipulação, distribuição, entrega, devolução e consumo das correspondencias cahidas em refugo nas repartições acima.

A referida 4.^a secção tem a seu cargo a fiscalização da recepção de malas e correspondencias incumbidas aos empregados do serviço do mar.

No mesmo salão, em um compartimento dos fundos, com entrada pela rua Visconde de Itaborahy, funciona a 5.^a secção, onde se encontram os seguintes serviços á mesma pertencentes: preparo

e expedição de malas para o interior e exterior da Republica; preparo de annuncios e fechamento de malas.

No quarto pavimento, com entrada pela rua Primeiro de Março, se executam na ala esquerda os seguintes serviços a cargo da Contadoria: escripturação da receita e despeza da administração e da entrada e sahida de sellos e outras fórmulas de franquia; tomada de contas correntes com as agencias; exame das contas que têm de ser pagas pela administração; preparo de documentos de despezas, assim como das guias para expedição de sellos e outras fórmulas de franquia, de material, objectos e utensilios, registro do ponto, preparo das guias para pagamento do pessoal, orçamento e balanços, fiscalização e escripturação da entrada e sahida de material a cargo da Thesouraria; conta corrente dos responsaveis para com o Thesoureiro, por sellos e outras fórmulas de franquia e dos devedores á Fazenda Nacional, por imposto de sello, multa ou extravio de valores; preparo de documentos de *deficits* de agentes, de arrecadação de dinheiros e pagamento de despezas; escripturação do serviço de vales e processos de fianças e cauções dos empregados a ellas sujeitos.

Na referida ala, em seguida á Contadoria, funciona a 1.^a secção, que tem a seu cargo os seguintes serviços: preparo de toda correspondencia official sobre objecto de serviço publico e de papeis para despacho do administrador, bem como recebimento, entrada e processo das reclamações contra a execução do serviço do Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro; recebimento, exame de propostas e contractos para o serviço de conducção de malas e outros, organização de horarios e itinerarios de Correios ambulantes e linhas postaes; processo de concursos, nomeações, distribuição de pessoal, licenças, castigos, recompensas e promoções, aposentadorias, assentamento e matricula do pessoal da Administração e suas gerencias, registro das linhas postaes do Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro.

Em seguida á 1.^a secção e nos fundos da mesma ala esquerda, acha-se parte do archivo e Muséo Postal da Directoria Geral.

Na sala central do 4.^o pavimento acha-se o gabinete do Administrador e a Bibliotheca, ainda em inicio, da Administração.

Na ala direita com entrada pela rua Primeiro de Março e pela rua Visconde de Itaborahy, se executam os seguintes serviços

a cargo da 8ª secção: preparo da correspondencia e malas para todas as repartições servidas por Correios ambulantes e conductores estafetas que partem da Administração, bem como os serviços relativos; superintendencia e fiscalização de todos os serviços dos Correios ambulantes e de transporte de malas do Correio no Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro.

Sómente com entrada pela rua Visconde de Itaborahy funciona em compartimentos dos fundos da 8ª secção a officina de correaria, tendo a seu lado a sala das malas da 5ª secção.

O dormitorio dos empregados do Correio ambulante e a respectiva sala de preparo de malas, occupam a sala da frente do 4º pavimento da ala direita.

Até então os empregados desse serviço dormiam por cima das mesas e dos taboleiros das diversas secções, sem a menor commoidade ou conforto, de fórma que quando tomavam conta do serviço estavam indispostos e muitas vezes adoentados.

A administração é exercida pelo Administrador Sr. Major Antonio Theodoro da Silva Costa, que além de grandes aptidões que possui do serviço postal é um funcionario honesto, zeloso, cheio de força de vontade e de dedicação por esse ramo de trabalho, em que se emprega ha cerca de 30 annos.

Todos os melhoramentos internos por que passou esta administração a elle se devem e á acção da Directoria Geral, que não lhe recusa os meios de desempenhar o serviço, como bem merece.

A 1ª secção — *Expediente*, acha-se sob a immediata direcção do Ajudante do Administrador Sr. Luiz Moreira de Cerqueira Braga, funcionario zeloso, que já conta 18 annos de serviço.

Nesta secção têm exercicio 29 empregados.

A 2ª secção — *Contadoria*, é dirigida pelo contador Sr. Antonio Teixeira Peixoto, que ha cinco annos desempenha esse cargo.

Nesta secção têm exercicio 25 empregados.

A 3ª secção — *Thesouraria*, é dirigida pelo Thesoureiro Sr. José Francisco da Rocha, honrado funcionario, que já conta 16 annos de serviço de Correios.

A Thesouraria tem 31 empregados em exercicio, sendo seis fideis do Thesoureiro.

A 4.^a secção — *Conferencia, Estatistica e Refugio*, é dirigida pelo chefe de secção João Luiz Rodrigues Pinheiro, que ha 18 annos serve nesta Repartição do Estado.

Esta secção tem em exercicio 42 empregados.

A 5.^a secção — *Recepção de correspondencia e Expedição de malas*, é dirigida pelo chefe de secção Major Francisco Antonio da Veiga Cabral, um funcionario zeloso, cumpridor de seus deveres e que ha 17 annos trabalha no serviço postal.

Nesta Secção têm exercicio 46 empregados.

A 6.^a secção — *Correspondencia registrada*, é dirigida pelo Sr. Trajano Adolpho dos Santos, funcionario com 27 annos de serviço na repartição.

Nesta secção 184 empregados têm exercicio, sendo 59 car-teiros.

A 7.^a secção — *Distribuição das correspondencias ordinarias e serviço urbano*, é dirigida pelo Chefe de Secção Sr. Luiz Pe-reira de Lima Velasco, funcionario dedicado e trabalhador, con-tando já 23 annos de bons serviços.

Nesta secção têm exercicio 324 empregados, sendo 262 car-teiros.

A 8.^a secção — *Correios ambulantes e transportes*, é dirigida interinamente pelo 1.^o official José Peixoto de Guimarães Gua-rany, funcionario com longa pratica desse serviço e que ha 25 annos presta seus serviços á repartição.

Nesta secção têm exercicio 129 empregados, sendo que o chefe desta secção é o Sr. Joaquim Carneiro de Miranda Horta, que está exercendo as funcções de Administrador dos Correios de S. Paulo.

Completando-se o melhoramento concernente á execução do serviço e á hygiene do edificio, está quasi a concluir-se a pintura interna e já está concluida a nova escada de madeira em conti-nuação da de marmore, até ao ultimo pavimento. As modificações por que passou o edificio, em beneficio de suas condições hygie-nicas, foram bastante salutareas e espera-se dentro em pouco a conclusão dos novos moveis necessarios ao serviço, e o estabeleci-mento de um novo elevador duplo, de systema aperfeiçoado, cuja introduccção foi contractada com a acreditada casa Arens & Ir-mãos.

As novas caixas de assignantes inauguradas no dia 20 de Dezembro do anno passado, attingem ao numero de 2.278, isto é, 1.812 caixas, fazendo-se a subtracção de taes *guichets* que occupam quatro caixas cada uma e dos numeros terminados em 9 e 0, que não existem por conveniencia do serviço.

Houve dessa fórma um augmento de 875 caixas.

Estas novas caixas fazem parte das 4.960 contratadas pela Directoria Geral com a casa E. S. Bontencout & C., em 19 de Outubro de 1894 pela importancia de 11.061,20 dollars, ouro americano.

Foi em grande parte substituido e mesmo augmentado o numero de caixas de collecta, tratando o Correio de adquirir outras de systema aperfeiçoado, ultimamente privilegiado.

Tambem trata o Correio de adquirir pequenas carroças para facilitar o serviço de collecta dos Correios urbanos distribuidas pela cidade, seus arrabaldes e suburbios.

Foi introduzido tambem no serviço da Administração, no corrente anno, o carimbador mechanico, com o qual se obtem nitidez de carimbo, celeridade na carimbação e economia de tinta.

Entre os muitos melhoramentos que espera a repartição introduzir, acha-se a adopção dos *fechos de segurança* — *Marquez de Souza*, ultimamente privilegiados e a adopção de novas malas especiaes para o serviço de registrados, em substituição dos actuaes saccos, improprios para o serviço a que são destinados, faceis de serem violados, e rotos pela falta de consistencia do panno usado no seu fabrico e pelo seu nenhum preparo.

Estas novas malas vão ser feitas na officina de correaria da Repartição, officina a cargo do habil operario Sr. Francisco Ignacio de Carvalho.

O serviço de distribuição de correspondencia na cidade, para ser ampliado só se aguarda a publicação do novo indicador postal, já no prélo, achando-se já inaugurados os novos serviços suburbanos até á estação de Madureira, com o estabelecimento das sédes: Estação Central, Engenho Novo e Cascadura, elevados de classe os das 1.^a, 2.^a e 4.^a circumscripções suburbanas, faltando apenas a inauguração da séde da 3.^a circumscripção — Engenho de Dentro — que se realizará proximamente, ficando assim com-

pleta a nova organização dada ao serviço urbano, cujo numero de agencias foi elevado a 34, recebendo as agencias novas vistosas placas.

Estas placas são de folha, pintadas de verde no fundo e orladas com friso amarello, tendo as armas da Republica e a denominação das respectivas agencias.

Visitando essa repartição logo se observam grandes melhoramentos por que ella passou e os esforços que a Directoria Geral dos Correios emprega para que possa o serviço postal do Brasil equiparar-se aos melhores neste genero e tornar essa repartição um estabelecimento de primeira ordem.

Na caixa geral para a recepção de correspondencias foram collocados novos receptores, divididos por destinos, como sejam — Norte, Sul, Portugal, Italia, Correios terrestres, Minas, S. Paulo, Goyaz e Correio urbano, etc., o que facilita enormemente a manipulação e encaminho da mesma correspondencia.

As secções estão sendo dotadas de novos, modernos e aperfeiçoados moveis.

Estatistica — Tem o Correio Geral vinte administrações de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª classes nos Estados e as seguintes agencias:

Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro 421; São Paulo 388; Minas Geraes 706; Espirito Santo 44; Bahia 194; Pernambuco 156; Alagôas 50; Sergipe 35; Parahyba do Norte 54; Ceará 83; Piauhy 33; Rio Grande do Norte 37; Pará 57; Amazonas 14; Matto Grosso 21; Rio Grande do Sul 112; Paraná 55; Santa Catharina 36; Goyaz 49 e Maranhão 57. Total 2.482 agencias de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª classes.

O numero de empregados do Correio da Republica é de cerca de 5.000.

Expedição de malas — Durante o anno de 1897 foram feitas 1.877 expedições, sendo 1.143 para o interior e 7.300 para o exterior.

Estas expedições constaram de 57.549 malas, das quaes 46.457 para o interior e 11.092 para o exterior.

Recepção de malas — Durante o mesmo periodo foram recebidas 44.119 malas, sendo 33.065 do interior e 11.054 do exterior, ou mais 5.145 do que no anno anterior.

Em transitio foram recebidas do interior 5.013 e do exterior 4.067, dando o total de 9.080 ou mais 2.251 do que no anno de 1896.

— A correspondencia ordinaria entrada elevou-se ao numero de 19.976.115 objectos, sendo 12.210.204 de cartas e 7.765.911 de outros objectos, com as seguintes origens:

Posta na Repartição, cartas.....	3.489.546
Outros objectos.....	3.796.660
Da Capital, cartas.....	2.296.816
Outros objectos.....	272.825
Do Districto Federal, cartas.....	110.587
Outros objectos.....	35.320
Do Estado do Rio, cartas.....	1.599.824
Outros objectos.....	696.100
Do interior, cartas.....	2.860.266
Outros objectos.....	1.409.934
Do interior, cartas.....	1.853.165
Outros objectos.....	1.545.072

—

Correspondencia ordinaria sahida — Entrega

Assignantes:

Cartas nacionaes.....	1.158.872
Outros objectos.....	414.177
Cartas estrangeiras.....	369.654
Outros objectos.....	119.377
A domicilio, cartas nacionaes.....	2.518.875
Outros objectos.....	1.319.042
Cartas estrangeiras.....	590.131
Outros objectos.....	376.946
Na Posta Restante:	
Cartas nacionaes.....	30.905
Outros objectos.....	31.054
Cartas estrangeiras.....	25.275
Outros objectos.....	24.911

Expedida para a Capital e Districto Federal:

Cartas.....	424.840
Outros objectos.....	310.350
Estado do Rio, cartas.....	2.203.233
Outros objectos.....	1.573.832
Interior da Republica, cartas.....	3.890.214
Outros objectos.....	3.130.796
Exterior, cartas.....	926.913
Outros objectos.....	583.509

Reexpedida:

Cartas.....	254
Outros objectos.....	26

Devolvida:

Por declaração de carteiros:

Cartas.....	1.768
Outros objectos.....	214

Cahida em refugo:

Cartas.....	35.343
Outros objectos.....	18.449
Perfazendo o total de 19.872.920.	

Sendo:

Cartas.....	12.180.277
Outros objectos.....	7.692.643
	<hr/>
	19.872.920

Correspondencia registrada — Entrada

Postada para o Districto Federal....	14.029
Para o interior.....	278.871
Para o exterior.....	97.232
Recebida do Districto Federal.....	33.285
Do Estado do Rio.....	162.095
Do interior.....	486.956
Do exterior.....	172.194
Contendo valores.....	8.854
Postada com valor.....	36.964
Recebida com valor do Districto Fe- deral.....	4.948
Do Estado do Rio.....	31.515
Do interior.....	52.295
Contendo remessas da Thesouraria...	30.112
Contendo remessas do Almojarifado..	366
Perfazendo o total de.....	1.382.817

Sendo:

Sem valor.....	1.253.517
Com valor.....	129.300

A correspondencia com valor continua:

A postada.....	1.389:305\$932
A recebida do Districto Federal.....	192:107\$286
A recebida do E. do Rio.....	1.335:494\$796
A do interior.....	2.254:635\$993
As remessas da Thesouraria.....	359:388\$587
As do Almojarifado.....	2.637:728\$000
Perfazendo o total de.....	8.178:260\$594

Correspondencia registrada sahida:

Entregue aos assignantes.....	91.342
Entregue em domicilios.....	374.696
Entregue na Posta Restante.....	6.725
Apprehendida.....	8.509
Entregue á secção de refugo.....	1.070
Expedida para o Districto Federal...	16.362
Expedida para o Estado do Rio.....	124.539
Expedida para o interior.....	441.246
Expedida para o exterior.....	171.864
	<hr/>
Perfazendo o total de.....	8.236.353

sendo que o valor encontrado nos 8.509 objectos acima referidos elevou-se a 36:710\$685.

Com valor declarado — Entregue á Thesouraria 2.159 com 199:180\$361.

Entregue á Posta Restante 50.567 objectos na importancia de 1.802:380\$326.

Expedidas para o Estado do Rio 27.484, com 1.817:493\$475.

Expedida para o interior 43.787, com 4.136:257\$497, perfazendo o total de objectos 128.411 — no valor de 8.146:021\$966.

Resumindo verifica-se que o movimento de registrados durante os 11 mezes referidos foi: Entradas 1.382.817, sendo 129.300 com valor declarado, na importancia de 8.178:660\$594, dando por consequencia, o movimento de entrada e sahida, em serviços distinctos, embora com os mesmos objectos, o elevado numero de 2.765.634 e de valores na importancia de 16.357:321\$188.

Receita e despeza — A renda arrecadada pelas Repartições Postaes do Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro foi de 1.490:752\$830, que comparada com a do exercicio de 1896 — 1.462:475\$550 mostra uma differença a maior de 28:277\$380, distribuida do modo seguinte:

Sellos e outras fórmulas de franquia 22:942\$780;

Sellos de taxa devida, 249\$490;

Assignatura de caixas, 5:428\$600.

A Receita Geral foi de 8.932:056\$605, sendo a do exercicio de 1895 de 6.985:741\$304, resultando uma differença a maior de 1.945:315\$300.

A *Despeza Geral* foi de 8.575:199\$948, que deduzida da Receita Geral, 8.932:056\$605, resulta um saldo de 356:856\$657.

Foram emittidos 9.635 postaes no valor de 987:852\$253 e pagos 18.290 no valor de 3.548:811\$391, ou mais 487:861\$206 do que no exercicio de 1895 em que foram pagos 16.421, na importancia de 3.110:950\$185.

A importancia de vales para serem emittidos pelo Correio Portuguez foi de 4:931\$ e a d'alli procedente para a emissão desta Capital foi de 7:618\$200.

1898.

A IGREJA DA CANDELARIA

A TRADIÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA NOVA IGREJA

No seculo XVII, havia nesta cidade uma só freguezia, cuja séde era na igreja de S. Sebastião do Castello.

Pelo anno de 1630 navegavam em fragil embarcação de sua propriedade em viagem de regresso das Indias para sua terra natal, a Ilha de Palma, Antonio Martins da Palma que aqui casou, como já demonstrou o historiador da Santa Casa desta Capital.

Commandava o navio o proprio Palma, quando foi acossado por tremendo temporal que, dismantellando todo o velame e aparelhos, poz em risco de vida toda a tripulação.

Homem affeito ao mar, religioso, espirito temente a Deus, no meio dos angustiosos momentos por que passava, invocando a protecção e soccorro divino, prometeu construir uma igreja no primeiro porto a que o seu navio arribasse.

Lutando com o furor dos mares, resolutos e cheio de fé, conseguiu depois de desuzados esforços encontrar abrigo na bahia do Rio de Janeiro.

Palma cumprio a sua promessa fazendo edificar uma pequena capella no local conhecido por Sitio da Varzea.

Não se sabe bem a data da edificação desta capella, como tambem é ignorada a da arribada do navio a este porto.

Outra tradição affirma que a igreja de Nossa Senhora da Candelaria está edificada no sitio onde deu á praia uma não de nome "Candelaria".

No seu importante e minucioso trabalho o Sr. Dr. Marques Pinheiro sobre o historico da igreja, desde a sua fundação, assevera que a Martins da Palma, se deve a construcção da pequena ca-

peila, hoje transformada na mais imponente e sumptuosa igreja da America do Sul.

A segunda freguezia da cidade foi então estabelecida na capella que Palma havia edificado em cumprimento da promessa.

Elevada a parochia a capella, o seu fundador fez della mais tarde doação á Santa Casa da Misericordia por escriptura de 4 de Julho de 1639.

Apezar de innumeradas pesquisas feitas nos archivos do Bispado desta Capital e da Torre do Tombo, em Lisboa, foram ellas infructiferas para chegar ao conhecimento exacto da criação da parochia da Candelaria, sendo aceita, porém, como mais provavel a data de 1634.

Creada a freguezia, grande numero de fieis moradores no morro do Castello e na immensa varzea cuja povoação foi delineada por Mem de Sá e que se prolongava e augmentava para o interior, aggreuiaram-se e constituiram a devoção e o culto do Santissimo Sacramento, cujo compromisso só organizaram muitos annos depois, tendo então existencia legal.

Um requerimento dirigido pela Mesa Administrativa, em 1757, a Frei Antonino do Desterro pedindo a confirmação do compromisso, demonstra ter sido a Irmandade erecta em 1699.

A Irmandade, porém, já existia, pois que o Provedor da Fazenda Real Pedro de Souza Pereira desempenhou o cargo de Provedor de 1683 a 1685; Domingos Pereira Fontes, de 1685 a 1686 e Gonçalo Ferreira Souto de 1686 a 1687 e assim successivamente outros até hoje, como se vê pelo apanhado seguinte:

1687 a 1688, Capitão Antonio Maciel; 1688 a 1694, Capitão João Franco Viegas; 1694 a 1695, Capitão Manoel Ferreira Raymundo; 1695 a 1697, Capitão-mór Francisco Ribeiro; 1697 a 1700, Diogo Valente; 1700 a 1701, Capitão Manoel Pinto Duarte; 1701 a 1702, Capitão João Pereira da Silva; 1702 a 1703, Capitão Ignacio Corrêa; 1703 a 1704, Capitão Antonio Rider; 1704 a 1705, Sargento-mór Felix Carvalho Bragança; 1705 a 1706, Simão Pereira de Sá; 1706 a 1707, Salvador Vianna da Rocha; 1707 a 1708, Capitão Francisco Gomes Ribeiro; 1708 a 1709, Gonçalo Ferreira Souto; 1709 a 1710, Manoel Casado Vianna; 1710 a 1711, Antonio Ribeiro Nunes; 1711 a 1712,

Capitão Marcos da Costa da Fonseca Castello Branco; 1712 a 1713, Francisco Rodrigues Silva; 1713 a 1714, Capitão Francisco Moreira da Costa; 1714 a 1715, Capitão Manoel Luiz Lessa; 1715 a 1716, Capitão Antonio Corrêa Pimenta; 1716 a 1717, Capitão Francisco de Oliveira Leitão; 1717 a 1719, Capitão Antonio Moreira da Cruz; 1719 a 1720, Mestre de Campo Domingos Teixeira de Andrade; 1720 a 1721, Mestre de Campo Manoel de Almeida; 1721 a 1722, Capitão Antonio Moreira da Cruz; 1722 a 1724, José de Souza Ribeiro; 1724 a 1726, Domingos Francisco de Araujo; 1726 a 1727 (falta a folha do livro); 1727 a 1729, Capitão Paulo Carvalho da Silva; 1729 a 1730, Domingos Martins Brito; 1730 a 1731, Manoel Nascences Pinto; 1731 a 1732, Capitão Ignacio Francisco de Araujo; 1732 a 1733, João Alves André Pinho; 1733 a 1734, Tenente-Coronel André Pinto Guimarães; 1734 a 1735, Antonio Corrêa de Azevedo; 1735 a 1736, Amaro Vieira; 1736 a 1740, João Martins Brito; 1740 a 1741, Domingos Pereira Guedes; 1741 a 1742, Mathias Rodrigues Vieira; 1742 a 1743, Sargento-mór Manoel da Costa Nogueira; 1743 a 1744, Antonio de Araujo Pereira; 1744 a 1745, João Rodrigues Silva; 1745 a 1746, João Gonçalves da Costa; 1746 a 1747, Braz de Pinna; 1747 a 1748, Francisco Braz Segurado; 1748 a 1749, Faustino de Lima; 1749 a 1750, Braz Dias da Costa; 1750 a 1751, Capitão José Ferreira de Brito; 1751 a 1752, Ignacio de Almeida Jordão; 1752 a 1753, Francisco Rodrigues Silva; 1753 a 1754, Miguel Rodrigues Botelho; 1754 a 1755, Antonio Fernandes Maciel; 1755 a 1756, Capitão José Rodrigues Nunes; 1756 a 1757, Manoel da Costa Mourão; 1757 a 1758, Padre Marcos Gomes Ribeiro; 1758 a 1759, João Rodrigues Cunha; 1759 a 1760, Capitão Antonio Lopes da Costa; 1760 a 1762, Capitão Antonio Pinto de Miranda; 1762 a 1763, Capitão Antonio de Oliveira Durão; 1763 a 1764, Agostinho de Faria Monteiro; 1764 a 1765, Manoel da Costa Cardoso; 1765 a 1766, Pedro Pinto da Costa; 1766 a 1767, Manoel Rodrigues Ferreira; 1767 a 1768, Belchior Soares de Aguiar; 1768 a 1769, Domingos Rabello Pereira; 1769 a 1770, Francisco Ferreira Guimarães; 1770 a 1771, Lourenço Fernandes Vianna; 1771 a 1772, Manoel dos Santos Borges; 1772 a 1773, José Francisco dos Santos; 1773 a 1774, Capitão José Alves

Esteves; 1774 a 1776, Bispo Diocesano D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco; 1776 a 1777, Sargento-mór Anacleto Elias da Fonseca; 1777 a 1778, Manoel Luz Taralhão; 1778 a 1779, Antonio da Cruz Ferreira; 1779 a 1780, Capitão Manoel Rodrigues de Barros; 1780 a 1782, Capitão Luiz Antonio de Miranda; 1782 a 1783, Antonio José Coelho; 1783 a 1784, José Rodrigues de Carvalho; 1784 a 1785, Francisco Pinheiro Guimarães; 1785 a 1786, Braz Carneiro Leão; 1786 a 1787, Capitão João Antunes de Araujo Lima; 1787 a 1788, Capitão Luiz Manoel Pinto; 1788 a 1789, Tenente-General Francisco Xavier de Macedo Pereira; 1789 a 1791, Capitão Joaquim da Silva Lisboa; 1791 a 1792, Capitão Manoel de Souza Meirelles; 1792 a 1793, Capitão Claudio José Pereira da Silva; 1793 a 1794, Tenente José Dias da Cruz; 1794 a 1795, Capitão Antonio Gomes Barroso; 1795 a 1796, Capitão Luiz Antonio Ferreira; 1796 a 1797, Capitão João José Coelho; 1797 a 1798, Capitão Manoel Velho da Silva; 1798 a 1799, Capitão Joaquim Gesteira Passos; 1799 a 1800, Capitão José Ferreira Pires; 1800 a 1801, Francisco da Cunha Pinheiro; 1801 a 1803, João Serqueira da Costa; 1803 a 1804, Capitão Elias Antonio Lopes; 1804 a 1805, Tenente João Fernandes Vianna; 1805 a 1806, Capitão Francisco Xavier Pires; 1806 a 1807, Capitão João Gomes Barroso; 1807 a 1808, Capitão Manoel Pereira de Mesquita; 1808 a 1809, Capitão Bento Antonio Moreira; 1809 a 1810, Capitão Custodio Moreira Maia; 1810 a 1811, Tenente Domingos Antonio Guimarães; 1811 a 1812, Capitão Francisco José Rodrigues; 1812 a 1813, Capitão Manoel Gonçalves de Carvalho; 1813 a 1814, Tenente-Coronel Fernando Carneiro Leão; 1814 a 1815, Manoel Ferreira Codeço; 1815 a 1816, Sargento-mór José da Costa de Araujo Barros; 1816 a 1817, Capitão José Luiz Alves; 1817 a 1818, Capitão Antonio Alves; 1818 a 1819, Capitão Manoel Pinheiro Guimarães; 1819 a 1820, Commendador Antonio Ferreira da Rocha; 1820 a 1821, José Marques Pereira; 1821 a 1822, Sargento-mór Custodio José da Silva; 1822 a 1823, João Alves de Souza Guimarães; 1823 a 1824, Henrique José de Araujo; 1824 a 1825, Francisco Lopes de Araujo; 1825 a 1826, Antonio Francisco Leite; 1826 a 1827, Manoel Ferreira Gomes; 1827 a 1828, José Joaquim Guimarães; 1828 a 1829,

Domingos Carvalho de Sá; 1829 a 1830, Manoel José de Oliveira; 1830 a 1831, Francisco José Guimarães; 1831 a 1832, Antonio da Siva Henriques; 1832 a 1833, Coronel Manoel Moreira Lyrio; 1833 a 1834, Coronel Leandro José Marques Franco de Carvalho; 1834 a 1835, Luiz Gomes dos Santos; 1835 a 1836, Constantino Dias Pinheiro; 1836 a 1837, José Joaquim de Almeida Regadas; 1837 a 1838, João Francisco de Pinho; 1838 a 1839, Manoel José Gomes de Moraes; 1839 a 1840, Luiz Francisco Braga; 1840 a 1841, João Pedro da Veiga; 1841 a 1842, Manoel Machado Coelho; 1842 a 1843, João Bernardes Machado; 1843 a 1844, Manoel José Duarte; 1844 a 1845, Fernando José de Souza; 1845 a 1846, Jeronymo Francisco de Freitas Caldas; 1846 a 1847, Veador Francisco José da Rocha Filho depois Conde de Itamaraty; 1847 a 1848, João Pedro da Veiga; 1848 a 1849, Manoel Martins Vieira; 1849 a 1850, João Teixeira Bastos; 1850 a 1851, João Antonio de Castro Leite; 1851 a 1852, João Baptista Lopes Gonçalves; 1852 a 1853, José Carlos Mayrinck; 1853 a 1854, Commendador Manoel Antonio Ayrosa, depois Barão de Sapucaia; 1854 a 1855, João Pedro da Veiga; 1855 a 1856, Guarda-Roupa Antonio Alves da Silva Pinto; 1856 a 1857, Manoel Monteiro da Luz; 1857 a 1858, Commendador João Baptista Lopes Gonçalves; 1858 a 1859, Felipe de Barros Corrêa; 1859 a 1860, José Vicente Cordeiro; 1860 a 1861, Francisco José Gonçalves Agra; 1861 a 1862, Joaquim José de C. Araujo Sampaio; 1862 a 1863, José Pereira da Rocha Paranhos; 1863 a 1864, José Raphael de Azevedo; 1864 a 1870, Commendador Guilherme Pinto de Magalhães; 1870 a 1871, Commendador Francisco José Gonçalves Agra; 1871 a 1872, João Antonio da Silva Guimarães; 1872 a 1874, Commendador Francisco José Gonçalves Agra; 1874 a 1875, Visconde de São Salvador de Mattosinhos, depois Conde; 1875 a 1876, Antonio José Gomes Brandão; 1876 a 1877, Visconde de S. Salvador de Mattosinhos, depois Conde; 1877 a 1878, Antonio Joaquim de Carvalho Lima; 1878 a 1879, Commendador Manoel Pinto Torres Neves; 1879 a 1882, Luiz Augusto de Magalhães; 1882 a 1883, Francisco da Silva Castro; 1883 a 1886 Antonio Ferreira da Silva; 1886 a 1888, Francisco Baptista Marques Pinheiro; 1888 a 1889, Luiz Augusto da Silva Canedo; 1889 a

1891, Custodio Olivio de Freitas Ferraz; 1891 a 1894, Antonio Carlos da Silva Braga.

De 1894 até hoje tem sido reeleito o Commendador Julio Cesar de Oliveira cujos serviços á irmandade têm sido devidamente apreciados e a cujos esforços se deve principalmente a inauguração do templo.

A igreja edificada por Palma foi a terceira construida nesta cidade com a invocação da Virgem da Candelaria.

Dizem ainda que a antiga ermida ou capella tinha a frente para a rua de S. Pedro e que quando foi reedificada pela irmandade em 1710, mudaram a frente para a rua da Candelaria, e corre como certo que a bella imagem da padroeira que figura na igreja é a da primitiva capella.

O primeiro vigario collado da freguezia foi o padre licenciado João Manoel de Mello, que parochiou desde 1637 a 1665, e não aceitou a autoridade da Santa Casa da Misericordia, a quem Palma havia feito doação da igreja.

Nas condições da doação ficou estipulado que os doadores teriam sua sepultura na Capella-Mór, bem como todos os seus descendentes, se porventura deixassem patrimonio para as missas, o que não aconteceu.

Quando em 1711 Duguay Trouyn invadio esta cidade, saqueou a igreja, levando os paramentos e alfaias e destruindo os livros e documentos que alli existiam.

A reedificação da capella em igreja, estando aquella bastante arruinada, foi feita por iniciativa do seu provedor, o Bispo D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castello Branco, traçando o plano o sargento-Mór de engenharia Francisco João Rocio.

A primeira pedra foi lançada em 6 de Junho de 1775 com a celebração de uma pomposa cerimonia que servio tambem para commemorar o anniversario natalicio de D. João V.

A' solemnidade compareceram o Marquez do Lavradio, 3.^o Vice-Rei do Estado do Brasil, e corporações ecclesiasticas, civis e militares.

O termo de sagração da primeira pedra e padrão é o seguinte:

“Aos 6 dias do mez de Junho de 1775, no Consistorio da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, estando congregados o Exm. Revm. Sr. Bispo Diocesano, Provedor actual desta Irmandade, com os irmãos de mesa abaixo assignados, para se sagrar a primeira pedra da nova Igreja da Candelaria, como se determinou no termo deste livro a fls. . . . o que com effeito se executou pelo dito Exm. e Revm. Sr., na presença do Illm. e Exm. Sr. Marquez do Lavradio, Vice-Rei deste Estado, com a assistencia de todos os corpos Ecclesiastico, Militar e Civil, em cuja Pedra se lançaram as Moedas que corriam no presente anno, de todas as especies, com o padrão seguinte:

— PADRAM DA NOVA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO — Governando a Santa e Universal Igreja de Deus o Santissimo Padre Pio VI, no primeiro anno do seu Pontificado;

Reinando em Portugal e em todos os seus Dominios o Fidelissimo Rei Senhor D. José I, no vigesimo quinto anno do seu faustissimo Reinado;

Governando esta Capital da America por 3.º Vice-Rei do Estado do Brasil o Illm. e Exm. Sr. D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça de Mello Silva e Mascarenhas, Marquez de Lavradio, Tenente-Coronel dos Reaes Exercitos, no 6.º anno de seu feliz governo;

Sendo Bispo desta Diocese o Exm. e Revm. Sr. D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castel-branco, natural e baptisado nesta Parochia, no 1.º anno deste seu Bispado, no qual serve de Provedor da Irmandade do Santissimo Sacramento;

Servindo de Vigario Collado o Revm. João Pereira de Araujo e Azevedo, e seu Vigario Encommendado o Revm. Sebastião Rodrigues Ayres;

Servindo de Escrivão da referida Irmandade o Capitão Francisco de Araujo Pereira, e de Irmãos de Mesa os que abaixo se assignão;

Havendo-se arruinado a dita Igreja da Candelaria, que serve de Parochia, determinou a referida Irmandade fundar esta nova Igreja de Nossa Senhora da Candelaria, para a qual se

sagra e lança a primeira Pedra aos 6 de Junho de 1775. E na tampa da referida pedra se poz a seguinte inscripção:

*Deo optimo Maximo
Beatissimæ Virgini
Mariæ
Sub titulo Candelariæ
Templum hoc sacrauit
Primum Lapidem
D. Joseph Joachim Justinianus Mascarenhas
Castel-branco
Hujus Diœcesie Episcopus
E solemni ritu
Jecit
An. MDCCLXXV
Die
VI Junii*

E para a todo o tempo constar da referida Sagração, mandou o dito Exm. e Revm. Sr. Provedor fazer este termo, que assignou com os Irmãos da Mesa; e eu, José Alves Esteves, Escrivão actual da Irmandade, que este fiz escrever, subscrevi e assignei.

J. B.

Sebastião Rodrigues Ayres. — José Alves Esteves. — Francisco de Araujo Pereira. — Manoel Rodrigues Ferreira. — Luiz Antonio de Miranda. — Belchior Soares de Aguiar. — Manoel Rodrigues de Barros. — Anacleto Elias da Fonseca. — Domingos Rabello Pereira. — Lourenço Fernandes Vianna. — Manoel da Costa Cardoso. — Manoel dos Santos Borges. — Antonio da Cruz Ferreira. — Manoel Rodrigues Vaz. — Francisco Ferreira Guimarães. — José Monteiro Fialho."

Lançada pois a primeira pedra deu-se começo ás obras, cuja planta como já dissemos, era do Engenheiro Rocio.

O plano desse engenheiro era um grande projecto que apezar de muito modificado ainda mostra hoje o seu valor no frontespicio, torres, zimborio e mais accessorios.

A planta era uma perfeita cruz latina, servindo de haste a nave central; de apice, a Capella-Mór, e de braços, as Capellas fundas do Sacramento e de Nossa Senhora das Dôres.

O plano não attendeu o espaço de que então dispunha a irmandade e por isso teve-se de modificá-lo varias vezes com acquiescencia das Mesas Administrativas de então.

As obras da igreja pódem, pois, dividir-se em tres periodos distinctos: da iniciação em 1775 até á inauguração da igreja em 1811, e desse anno ao de 1860, em que se tratou da construcção do zimbório, e dessa época até á presente.

Eram, no tempo em que se construiu a igreja, escassos os recursos para o andamento das obras, pelo que as administrações lutaram com dedicado esforço para levar a effeito a construcção do templo.

Não se conhece a renda da Irmandade daquelles tempos, proveniente de esmolas e donativos; presume-se, porém, ter sido avultada para aquella época, sendo mais tarde encontrado em um inventario de 1788 a descripção de uma corveta com todas as suas pertenças, dada de esmola por José Luiz Teixeira, residente em Benguela, corveta esta que foi entregue á Irmandade pelo Capitão Manoel Gomes Cardoso.

Com o pouco salario que pagava aos operarios e possuindo a Irmandade alguns escravos, uns doados e outros comprados, proseguio nas obras isto com grande difficuldade e não pequeno trabalho.

Afinal em Maio de 1811 resolveu a Mesa Administrativa que se inaugurasse o templo em 14 de Setembro desse anno.

A parte que se ia inaugurar comprehendia sómente a nave central até quasi ao arco real das capellas fundas, pois estavam em construcção as paredes da capella de Nossa Senhora das Dôres, do lado da rua de S. Pedro e só em 1812 é que se deu principio aos alicerces da capella do Sacramento, do lado da rua General Camara.

Em 8 de Setembro procedeu-se á cerimonia da benção dessa parte da igreja, assistindo ao acto a Mesa Administrativa, o Vigario da freguezia Luiz Mendes de Vasconcellos Pinto e Menezes, sacerdotes e grande concurso de povo, sendo celebrada pela

primeira vez no altar-mór uma missa pelo referido Vigario Luiz Menezes.

Em 18 do mesmo mez fez-se a trasladação do Sacramento e das imagens, havendo nessa occasião um oitavario de pomposas festas, como assim narrou o escrivão da Irmandade José Luiz Alves:

“Em 18 do corrente mez foi feita a trasladação do Santissimo Sacramento da casa velha que representava a freguezia, para a nova igreja, em vistosa procissão feita pelas ruas principaes da cidade, com grande acompanhamento de irmãos, levado em custodia que patenteava o Exm. e Revm. Sr. Bispo de Moçambique pelos poderes que lhe havia concedido o Exm. e Rev. Sr. José Caetano da Silva Coutinho, Bispo desta diocese que por andar em visita geral não pôde fazer esta representação, e as irmandades com seus andores e perfeitas imagens para collocar nos seus altares, sendo de Nossa Senhora da Candelaria, Nossa Senhora das Dôres, Sant’Anna, S. José e S. Joaquim, S. João Baptista, S. Miguel, S. Manoel e S. Chrispim e S. Chrispiano.

As Irmandades do Santissimo Sacramento das freguezias da Sé e S. José, a Irmandade de S. Domingos com o seu andor, a Irmandade de Nossa Senhora Mãi dos Homens, de Nossa Senhora da Lapa, de Nossa Senhora da Conceição do Hospicio e de Nossa Senhora da Bôa Morte, sendo esta extensa procissão acompanhada pelo regimento de milicia que tem o titulo da Candelaria, e suas bandeiras, com o maior luzimento; cuja vista apparatusa bem mostrava o respeito da Religião e a veneração com que se acompanhava o Divino Culto.

No dia 19 do corrente mez foi feita a primeira festividade do Santissimo Sacramento pelos ditos irmãos mesarios, sendo a missa Pontifical pelo dito Exm. Revm. Sr. Bispo de Moçambique, a que assistiram com grande prazer o Serenissimo Sr. Dom João, Principe Regente de Portugal e do Brasil, o Serenissimo Sr. Dom Pedro de Alcantara, Principe da Beira, o Serenissimo Sr. Infante D. Miguel, a Serenissima Sra. Princeza D. Maria Thereza e o Serenissimo Sr. D. Pedro Carlos, Infante de Hespanha.

Nos dias 20 e 21 se seguiu a festividade do triduo; em 22, foi feita a festividade da padroeira de Nossa Senhora da Candelaria; em 23, a do Anjo S. Miguel; em 24, a dos Santos Martyres; em 25, a de Sant'Anna, pelos moedeiros da Real Casa da Moeda e em 26, a de Nossa Senhora das Dôres, em cujo dia se cantou *Te Deum* por ficar concluido este oitavario de devoção."

Nesse dia 18 sahio, como já acima se leu, a procissão acompanhada das irmandades, sobresahindo a todas pela riqueza a de Nossa Senhora da Candelaria, com a sua bella imagem em magnifico andor.

Fechava o prestito o clero da freguezia e debaixo do pallio conduzia o Sacramento o Bispo de Olba, prelado de Moçambique, seguindo-se o primeiro regimento de milicias.

A parte baixa da cidade e as ruas por onde passou a procissão estavam decoradas com festões de folhas e flôres e em todos os cantos das ruas foram soltas gyrandolas.

Quatro coretos foram levantados: um na rua da Quitanda, outros dous em frente do Palacio e o quarto na rua dos Pescadores.

A familia Real assistio á procissão das janellas do Palacio e o Principe Regente mandou salvar a fortaleza da Ilha das Cobras.

Na igreja celebrou-se missa pontifical pelo Bispo Olba, sendo prégador o padre Dr. Antonio Pereira de Souza Caldas.

A' solemnidade compareceu a familia Real, apresentando-se o Principe D. João em magnifico coche que mandára vir de Lisboa, escoltado pela cavallaria, seguido de outras carruagens conduzindo os Principes e as pessoas da Côrte.

No adro da igreja deu guarda de honra o regimento de milicias da freguezia, sendo grande o concurso de povo que affluio á festa.

Terminada esta, de novo empenhou a administração os seus esforços para levar por diante a ardua tarefa de proseguir nas obras do templo e bem assim as que succederam.

Estas obras continuaram com intermittencias até 1857, já por falta de recursos, já por não ter a Irmandade o terreno necessario para executar a planta da igreja.

Depois de encontrarem grande difficuldade por parte dos proprietarios dos predios que relutavam em ceder ou vender os

mesmos, conseguiram o terreno de que necessitavam, isto após grandes delongas e muito trabalho.

O ultimo periodo das obras que é de 1860 até hoje, deve-se á iniciativa do Provedor Manoel Monteiro da Luz, que nomeou para dirigir os trabalhos o Engenheiro Job Justino de Alcantara, pois os trabalhos careciam de um profissional diligente e sobretudo habil.

Fechada a cupola da capella mór em 1857 e feitos depois os simples que tinham de servir á formação dos arcos reaes do zimbório, em 1860 ficou concluido o acroterio das duas capellas lateraes para a frente até encontrar as torres.

Nesse mesmo anno continuou-se a cintar a igreja, ligando-se as paredes por linhas e braçadeiras de ferro.

No decennio de 1850 a 1860 tiveram as obras grande desenvolvimento.

Para a construcção do grande zimbório do majestoso templo, muitos foram os projectos apresentados e as administrações que se succederam durante esse longo tempo procuraram arredar de si responsabilidades futuras de qualquer insuccesso.

Eleito provedor da Irmandade, em 28 de Maio de 1864, o Commendador Guilherme Pinto de Magalhães, rodeou-se elle de auxiliares competentes e entre estes o Sr. Fernando Antonio Pinto de Miranda, Visconde de Thayde que combateu o plano apresentado da construcção de um zimbório de madeira, sem architectura e sem belleza.

Proveitosa como foi a sua administração para a Irmandade, entre muitos serviços que a ella prestou está o da collocação das oito estatuas que figuram nos angulos da baluastrada que remata o tambor e circumda o zimbório.

Estas estatutas que foram alli collocadas sob a direcção do engenheiro Daniel Pedro Ferro Cardoso, são de *S. Matheus*, da *Religião*, de *S. Marcos*, da *Caridade*, de *S. João Evangelista*, da *Fé*, de *S. Lucas* e a da *Esperança*.

Quando se collocava esta ultima estatua compareceu o Sr. D. Pedro II, que assignou o auto que se lavrou e que se acha collocado no pedestal por baixo da estatua, como se havia practicado em relação ás outras.

Tendo o Engenheiro Ferro Cardoso, em conferencia com a administração da Irmandade, declarado ser possível a construcção, com toda a solidez, de um zimbório com cupola e lanterna de marmore de Lisboa, a Mesa Administrativa ordenou-lhe que apresentasse o respectivo projecto e depois de varios exames e estudo, enviou o projecto para Lisboa, ao artista portuguez José Cesario de Salles, que já havia executado os trabalhos das estatuas e da balaustrada.

Esse artista encarregou-se de preparar a pedra para o zimbório, pela quantia de 45:680\$000, moeda forte, sendo a pedra "lizo" da melhor qualidade, brunida pelo exterior e lavrada de picola pelo interior e dos outros apetrechos necessarios.

Enquanto o artista executava a encomenda o engenheiro Ferro Cardoso, nomeado então engenheiro das obras, dirigia outros trabalhos para a conclusão do templo.

Outras medidas tomou a administração no sentido de melhorar as condições da igreja, ampliando a parte da mesma aberta ao culto, estabelecendo mais dous altares, e trazendo o Altar-Mór para proximo do arco cruzeiro, pintando e assoalhando a parte interna no sentido de dar toda a decencia ao culto.

Logo após, na provedoria do Sr. Commendador Francisco José Gonçalves Agra, concluidas as obras, abriu-se o templo ao culto que foi bento a 10 de Outubro de 1873, celebrando-se a 12 a festa do Santissimo Sacramento com grande pompa, orando os notaveis prégadores Dr. João Manoel de Carvalho e o padre-mestre Joaquim Ferreira da Cruz Belmonte.

Retirando-se para a Europa o engenheiro Ferro Cardoso que, solicitado por vezes para reassumir o seu cargo, apresentou motivos pelos quaes não podia continuar a exercel-o, nem dirigir a collocação do zimbório.

Para substituil-o foi nomeado o Engenheiro Evaristo Xavier da Veiga que dirigio todos os trabalhos até á conclusão da collocação do zimbório, depois de serem ouvidos diversos profissionaes sobre a sua segurança e sobre a fiel execução dada nas obras da construcção pelo referido Engenheiro.

Commissões foram nomeadas pelo Provedor Visconde de S. Salvador de Mattosinhos e ouvidos notaveis Engenheiros so-

bre o assumpto. Substituiu o Sr. Visconde na Provedoria o Sr. Antonio Joaquim de Carvalho Lima que mandou continuar as obras sem consultar mais commissões, arredando de si os infundados receios que espalhavam.

A 15 de Dezembro de 1877 ficou concluida a cupola externa e na pedra que fecha o annel recebeu esta inscripção em relevo:

Com esta pedra se fechou o annel do zimbório da Matriz de Nossa Senhora da Candelaria, em 15 de Dezembro de 1877.

Concluido o lanternim em 27 de Janeiro de 1878 e o coruchêo a 18 de Fevereiro desse anno e inauguradas em seus lugares a esphera e a cruz de bronze no dia 24 de Março, o Sr. Dom Pedro II assistio ao descerramento e benção da mesma cruz, fazendo a irmandade celebrar, nesse dia, solemne *Te-Deum*, a que assistiram a familia Imperial, o Ministerio e grande numero de pessoas gradas de todas as classes sociaes.

Por uma questão de arte deixou então o cargo de engenheiro o Dr. Xavier da Veiga, sendo nomeado para substituil-o o Sr. Dr. Antonio de Paula Freitas que até hoje dirigio todas as obras internas e externas do grandioso templo.

Possuido de grande força de vontade e cheio de dedicação deu elle principio á cupola interna de tijolo, collocando o annel e a balaustrada de marmore em Janeiro de 1879, coadjuvado efficazmente pelo mestre geral das obras, José Francisco dos Santos, cuja proficiencia, zelo e intelligencia foram consagrados durante trinta e cinco annos no serviço da construcção do templo.

Em duas grandes placas de marmore, collocadas ao lado da porta principal do templo, acham-se gravados os nomes dos irmãos das duas administrações. A do lado direito, tem a da construcção da igreja em 1775, e que são os seguintes:

“Provedor: — D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco (Bispo da Diocese); escrivão o Capitão José Alves Esteves; procurador o Capitão Francisco de Araujo Pereira; thesoureiro, Diogo Antonio Pereira; mesarios Manoel L. Ferreira, Luiz A. de Miranda, Belchior R. de Barros, Anacleto E. da Fonseca, Domingos R. Pereira, Lourenço F. Vianna, Manoel da C. Cardoso, Manoel dos S. Borges, Antonio da C.

Ferreira, Manoel R. Vaz, Francisco F. Guimarães e José M. Fialho”.

A do lado esquerdo com os seguintes dizeres:

“Construida pela irmandade do Santissimo Sacramento da Candelaria, sagrada pelo Exm. Sr. Arcebispo D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Inaugurada sob a administração dos Srs.:

Provedor, Commendador Julio Cesar de Oliveira; Vice-Provedor, Antonio Valentim do Nascimento; Secretario, Visconde de Avellar; Procurador, José Casemiro da Silva Pinto; Thesoureiro, Antonio Ferreira da Silva Brandão; Thesoureiro do Côro, Coronel Alfredo José de Freitas.

Mesarios: Coronel José Thomaz da Cantuaria, João V. da S. Borges, Commendador Antonio de F. Guimarães, Francisco de P. Santos Gouvêa, Commendador Joaquim da C. V. Mendes, Antonio P. Soares, Antonio G. Freitas, Eduardo L. da S. Ribeiro, Manoel Lopes de Carvalho, Antonio F. Monteiro Junior, João Carlos Muratori, José S. de Andrade, José L. G. B. da Assumpção, Lucio S. Dias. Antonio P. Mendes Junior, Victorino J. Pires, Francisco M. da Costa Braga, José A. de Mattos, Joaquim G. de O. Guimarães, Visconde da Veiga Cabral, Eduardo J. D. Pereira e Manoel Alves Ribeiro.

Engenheiro: Dr. Antonio de Paula Freitas; Mestre de obras, José Francisco dos Santos; Pintor, João Zeferino da Costa.

Anno MDCCCXCVIII.”

E’ provedora da Irmandade D. Francisca de Paula da Silva de Oliveira; Vice-Provedora, D. Maria das Dôres Mendes; Es-moler, D. Emilia Augusta da Silva Pinto.

Zeladoras: D. Laura Lima Montenegro, D. Carlota Vieira Souto, D. Rosa Pereira de Mattos, D. Maria da Piedade Carneiro Villela, D. Luiza Elizabeth Tappe Mendes, D. Maria Benedicta da Silva Ribeiro, D. Anna da Silveira Bastos Monteiro, D. Maria Eugenia da Fonseca Muratori, D. Emilia da Costa Dias Pereira, D. Rita Cabral Guimarães, D. Adelaide Tasso Maciel Braga e D. Firmina de Almeida Pires.

O TEMPLO

A igreja da Candelaria que occupa uma área de 3.520 metros quadrados, tendo a sua frente para a rua da Candelaria, mede de fundo 80 metros e de largura 44 metros de face a face das paredes exteriores das capellas fundas.

A fachada principal é toda de cantaria e em estylo barroco com duas grandes torres lateraes e um zimborio em plano reentrante.

Este tem de altura, desde o chão da igreja até ao apice da Cruz, 63m.51, de diametro externo 16m.77 e de diametro da cupola interna 13m.62.

Por uma escada de 227 degráos que parte do lado da capella funda de Nossa Senhora das Dôres, sobe-se até ao lanternim.

O primeiro lance de escada é de pedra, por dentro do pegão do arco; é em fôrma de caracol e tem 111 degráos; o segundo em leque e lance recto de ferro, tem 13 degráos; o terceiro é de caracol, de ferro, com 37 degráos; o quarto, tambem de ferro, em lance recto, de 25 degráos; o quinto, de tijolos, em lance sobre o extradorso da cupola interna, tem 23 degráos; e o sexto e ultimo, de ferro movel, com 18 degráos, manobrando sobre o annel da cupola, por um systema de cremalheira simples, a ponto de poder um homem dar-lhe movimento até ao lanternim.

Construida a igreja no terreno em que Antonio da Palma levantara a sua capella, a pedra para a edificação foi extrahida de uma das pedreiras do Cattete, que é conhecida até hoje com a denominação de Pedreira da Candelaria e tambem da da Conceição e da de S. Diogo, sendo, porém, toda a silharia e pedras lavradas da primeira destas pedreiras.

O antigo adro foi transformado por uma escada central e duas campas lateraes guarnecidas de balaustres, tudo de cantaria lavrada.

Na torre do lado esquerdo, foi collocado um grande relógio de 2m.40 de diametro, mandado executar nas importantes officinas de Strasburgo, pela casa *Pendula Fluminense* dos Srs. Maeder du Bois & C.

Breve chegará também daquellas officinas um relogio calendario para a torre da direita.

A Igreja é toda revestida de marmore da Italia até á cimalha geral, bem como todos os altares, as abobadas são de alvenaria, e o chão é todo de ladrilho.

Nos altares vêem-se ornamentações de marmores de subido valor, taes como o lapis-lazuli, o verde antigo, o verde malachito, o amarello e o vermelho de Verona, o brocatello, o agathe, etc.

As portas do sacrario são de um trabalho de preciosa marquetaria, de gosto artistico e feito de pedras finissimas.

Tem o templo duas capellas fundas, uma sob a invocação do Santissimo Sacramento e outra sob a invocação de Nossa Senhora das Dôres.

Nos altares das seis capellas lateraes estão as imagens: de S. Manoel, Sant'Anna, Nossa Senhora e S. Joaquim, em grupo; Nossa Senhora da Piedade, a Sagrada Familia, em grupo; Nossa Senhora da Conceição e S. Miguel e Almas.

Tem a igreja oito tribunas de saccadas de marmore com ornamentações de esculptura da mesma pedra.

Ao fundo, no Altar-Mór, está a padroeira da igreja em um rico e luxuoso altar, nicho de marmore e com artisticas ornamentações e allegorias da mesma pedra, notando-se ahi lindas qualidades de marmore de variegadas côres.

Do lado esquerdo do Altar-Mór está collocado rico docel para o Sr. Arcebispo.

Os altares estão decorados com custosos castiçaes de prata, palmas de flores do mesmo metal e ramos de flores artificiaes confeccionados em seda e malacacheta.

A igreja, além dos cirios dos altares, tem 30 candelabros de 12 luzes, 8 de 7 luzes, 8 de 4 e 2 grandes tocheiros no Altar-Mór, tudo illuminado a gaz.

A primeira obra de arte que se nos depara ao entrar no majestoso templo da Candelaria é o Baptisterio, trabalho imponente, um dos bons trabalhos de arte, sem duvida alguma, que o templo encerra e que honra bastante o artista que o concebeu e executou.

Do conjuncto destacam-se: o grande quadro de madeira que assenta sobre um retabulo de marmore, o Tabernaculo também de

marmore, com porta de bronze, e a tampa do mesmo metal que cobre a pia Baptismal.

Examinando-se todo esse bellissimo conjuncto, percebe-se que o artista encarnou-se, por assim dizer, no sacro episodio que nos contam os Livros Sagrados, tanta é a vida, a verdade e a naturalidade que elle soube imprimir com seus formões, escopro e cinzel, á madeira, ao marmore e ao bronze.

Vê-se alli em differentes paineis do quadro a historia textual, como a conta a Sagrada Escripura, desse acontecimento da historia de Christo quando elle foi baptizado por S. João Baptista.

Na parte superior do quadro o Padre Eterno, surgindo de entre nuvens e rodeado de anjos e resplendores, presencia o acto e o Espirito Santo, symbolizado em uma pomba, desce sobre Jesus Christo, ao mesmo tempo que um grupo de anjos se approxima e dentre nuvens offerece manto e tunica a Jesus.

No terceiro painel uma legião de anjos entôa canticos e toca instrumentos, erguendo hosanas e hymnos sagrados ao Redemptor do Mundo.

A grande e custosa moldura deste quadro, é tambem de apurado gosto, pois toda a ornamentação comprehende o estylo Barroco primitivo, fazendo fachas na divisão dos tres episodios, e é de grande belleza artistica.

Foi ella extrahida de assumptos marinhos da natureza e dos ornatos em folhas e flôres do mesmo estylo.

Aquella transformação rapida das conchas de fórmãs irregulares por onde se distillam veios d'agua em ornatos que terminam por folhas e festões, além de se combinar na idéa com o episodio sacro do quadro, patenteia a pureza do estylo que o artista empregou na sua obra.

O quadro é todo dourado com ouro finissimo, exceptuando o baixo relevo que representa o Baptismo, cujo trabalho é do dourador Carlos Noble.

Ao centro, na base do quadro sahe do mesmo o Tabernaculo, todo de marmore, com lindos e artisticos trabalhos de esculptura que é fechado por uma pequena porta de bronze primorosamente cinzelada com um baixo relevo representando a Santissima Trindade, dourado a fogo.

A tampa de bronze da Pia Baptismal é uma bello trabalho; toda cinzelada e repuxada com folhagens allegoricas do Baptismo e dourada a fogo tambem.

Em resumo, o Baptisterio em uma igreja é a ante-camara da Religião Christã; alli vão os neophitos receber o Sacramento que lhes dá ingresso no coração de Deus, e a Candelaria, o templo mais importante da America do Sul, póde regosijar-se por possuir um Baptisterio notavel.

O autor destes trabalhos é o conhecido artista Manoel Teixeira Tunes, que tão apreciado é nesta Capital pela execução que dá aos que lhe são confiados.

Outros trabalhos, em marcenaria, mas de não menor importancia, o Sr. Tunes fez para a igreja da Candelaria, e são: a restauração do guarda-vento, os bancos da orchestra, os sofás para os ecclesiasticos, os faldistorios e tamboretos e varias estantes de officios.

Os bancos, sofás, faldistorios e tamboretos têm os assentos de couro, pregados com taxas douradas, sendo os couros cinzelados com baixos relevos, trabalho feito a capricho, e primeiro neste genero que se apresenta no Rio de Janeiro.

Já muito se tem fallado do guarda-vento da Igreja, que depois de restaurado foi apenas escurecido por uma infusão chimica, que segundo diz o Sr. Tunes é segredo seu.

O pulpito que está collocado junto da capella funda de Nossa Senhora das Dôres, no centro da igreja, é provisorio e foi armado pelo armador Azevedo, pois ainda não ficou concluido o de bronze artistico que tem de alli servir e que é uma peça de elevado valor e de apurado gosto.

De toda a pintura decorativa foi encarregado o Professor João Zeferino da Costa.

Na cupola a composição allegorica representa a Santissima Virgem acompanhada das tres virtudes theologaes — *Fé, Esperança e Caridade* e das quatro virtudes cardeaes — *Prudencia, Justiça, Trabalho e Temperança*.

São representadas estas virtudes por figuras do sexo feminino, sentadas em thronos, collocadas sobre uma platibanda imaginaria que circula a parte inferior da cupola.

Estão vestidas de tunicas e mantos de variadas côres, porém, apropriadas não só ao que significa cada uma figura de per si, como também aos preceitos da harmonia chromatica.

Cada uma destas figuras grupa-se com dous meninos completamente nús, e com os attributos apropriados, excepto a que representa a *Fortaleza* que se grupa com um só menino; com um leão e attributos, a que representa a *Caridade* que se grupa com tres; e a que representa a *Virgem* que se grupa com dous, collocados no primeiro plano, e com os anjos que successivamente vão-se agrupando em diversos planos até ao fundo do quadro.

As posições de todas as figuras são differentes, segundo o que cada uma representa e as dos meninos são relativas ás figuras.

De uma nuvem que envolve a parte inferior desses oito grupos e que vai circulando o conjuncto da composição desprendem-se massas da propria nuvem, que ora aqui, ora alli pezam e sahem fóra da platibanda; em quanto que, pela parte superior, vai-se evaporando e confundindo com o grande clarão amarello do céu de glorias, que é o fundo do quadro e que circula toda a cupola; notando-se que na parte das nuvens e do céu que serve de fundo ao grupo da *Virgem*, espalham-se outros grupos pequenos de anjos.

O assumpto desta allegoria refere-se ao capitulo IX verso I dos proverbios de Salomão — *A Sabedoria edificou para si uma casa e nella collocou sete columnas.*

As tres primeiras columnas são as virtudes theologaes e as outras quadro as cardeaes.

Os grupos dos triangulos das sancas representam os prophetas Zaias, Jessé, David e Salomão.

Estão assentados em posições diversas, trajando costumes que lhes são proprios e cada um delles está grupado com dois anjos também em posições differentes.

Na Capella-Mór existem quadros representando o *Espousalicio da Virgem*, *Annunciação da Virgem*, *Purificação* e *Assumpção*.

Nos tectos do corpo principal do templo, estão seis grandes paineis representando a *Partida* do fundador da primitiva capella de Nossa Senhora da Candelaria, Antonio Palma e outros, para as Indias; *A Tempestade* que sobreveio na viagem e promessa que o mesmo fizera; *O Desembarque no Rio de Janeiro*; *A inaugura-*

ção da capella em cumprimento de voto feito; a *Sagração* da primeira pedra do actual templo e *A Inauguração* da primeira parte da igreja e trasladação das imagens para a mesma.

Estes quadros foram concebidos em relação ás datas daquelles acontecimentos, de 1630 a 1811.

O assumpto da pintura do côro, no tecto, representa a *Coroação da Virgem* e o grande quadro allegorico, *Invocação de Santa Cecilia*, é assim concebido:

Na parte superior do quadro, grupos de anjos descem do céu em direcção a Santa Cecilia, que acompanhada de donzellas e sob o docel da cupola de um majestoso e rico templo canta o versiculo do *psalmo CXVIII* de David, v. 80, "*Fiat cor meum immaculatum ut non confundar*" que, segundo a tradição, foi o verso de que a santa se servio para cantar a sua invocação a Deus. No plano inferior e servindo de sustentaculo ao templo, outro corpo architectonico vem mais á frente e desce até ao nivel da parte inferior das tres janellas; e como uma destas janellas, a central, é muito maior, transformam-se em tres porticos, apresentando o effeito illusorio de parecer o portico central puxado á frente.

Por effeito de perspectiva, os dous intervallos das janellas ficam transformados em dous planos obliquos, os quaes partindo um da direita e outro da esquerda do portico central, fogem para o fundo, um para cada lado, até ao plano dos outros porticos lateraes.

Em cima da grande cimalha deste grande corpo architectonico, e correspondente aos tres porticos, acham-se collocadas outras tantas tribunas, ornadas com emblemas; sendo no centro o emblema do Santissimo Sacramento e nos lados os emblemas do Brasil e Portugal.

Entre o espaço destas tribunas, no plano onde se acha a santa, apparecem lateralmente dous pilares elevados; tanto estes como as tribunas são occupados por diversas pessoas que assistem á solemnidade.

O distincto professor Sr. Zeferino da Costa, executor desses bellos trabalhos, teve como ajudante na pintura mural o artista Rodrigues Duarte e como auxiliares seus discipulos Oscar Silva, Guilherme dos Santos, João Baptista Castagneto, Sebastião Fernandes, Pinto Bandeira, Gomes de Souza e Victorino da Silva.

Todo o trabalho de esculptura a gesso foi feito pelo Sr. Bartholomeu Meira e é digno de ser examinado.

O trabalho de douramento foi confiado ao velho artista Antonio Araujo de Souza Lobo, sendo encarregado de dirigir e harmonizar a combinação das diversas côres do ouro, seu filho Henrique de Souza Lobo, e o trabalho de douração foi coadjuvado pelos artistas Victor Santos, H. Bourse, Albino Lima, Antonio De Grossl, José, Augusto, Gedeão, Miguel e Carlos de Barros, Joaquim de Barros, Paulino Barros, Almério Lobo e Domingos Abrantes Junior.

O ouro consumido foi de 23 kilates, das fabricas "Boa Fé" e "Boa Confiança", de Portugal.

A imagem de Nossa Senhora da Candelaria foi encarnada e estofada pelo artista Moraes, que já ha 30 annos executára esse mesmo trabalho.

Ao lado da Capella-mór estão, pela rua do General Camara, a sacristia e o consistorio e do outro lado está a Secretaria.

O consistorio onde a Mesa Administrativa celebra as suas sessões mede 22m,50 de comprimento e 8m,43 de largura.

No tecto está um bom trabalho allegorico do professor Zeferino da Costa, representando bandos de anjos de diversas gerarchias que, em côro, entoam hymnos e lançam flôres.

O salão é illuminado a gaz por 2 lustres de 12 bicos e diversos candelabros.

Nos angulos do salão ha quatro escudos representando as repartições dependentes da Irmandade — o Côro, a Caridade, o Hospital dos Lazaros e o Asylo.

Uma vasta mesa de 15,m.05 de comprimento e 1,m.52 de largura está collocada no centro e cercada por 54 cadeiras de espaldar de diversos tamanhos, sendo todos estes moveis de jacarandá e páo rosa, trabalho da fabrica Moreira Santos.

A Sacristia tem um rico e artistico altar de marmore, rica commoda para acondicionar os paramentos, sofás, faldistorios e tamborettes para os ecclesiasticos.

Em um dos lados está um antigo e riquissimo relógio de pendula que pertenceu ao ex-monarcha, o Sr. D. Pedro II.

A Irmandade fez aquisição na Casa Sucena de novos paramentos, entre os quaes contam-se os seguintes:

Paramento para o pontifical, de damasco de seda pura, ricamente bordado a ouro, desenho escolhido, e fabricado expressamente; forrado de seda portugueza com guarnições de ouro de superior qualidade, e composto das peças seguintes:

Uma casula, quatro dalmaticas, quatro estolas, seis manipulos, uma bolsa de corporaes, uma pala, um véo de calix, outro de hombros, duas capas de asperges, seis capas de asperges para as capellas, um panno de estante do Evangelho, uma candela e uma capa para faldistorio, uma almofada para faldistorio, um véo para mitra, um cingulo de seda e ouro, quatro cingulos de seda, duas tunicellas, um par de luvas de lhama bordado a ouro com o emblema da irmandade, um par de caligas, um dito de sandalias, uma almofada de damasco bordado a ouro, um gremial e um missal rico, alvas e amictos, corporaes bordados, manutergios e sanguinhos bordados.

As peças principaes do paramento, têm o emblema da Irmandade bordado a ouro com o centro azul.

Fez ainda aquisição de casulas, toalhas, opas, alvas, estantes para missas, galhetas, murças, imagens, palmas de flôres de malacacheta, prateadas e de côr, e grande quantidade de outros objectos necessarios para a celebração dos actos divinos.

A Secretaria possui elegantes e solidos armarios onde se acham depositados todo o archivo da Irmandade e documentos.

Na parede pende o retrato a oleo do velho servidor da Irmandade, o mestre das obras José Francisco dos Santos, já fallecido.

Na entrada da Secretaria e no corredor que dá accesso para o Consistorio acham-se collocados nas paredes os retratos a oleo e em tamanho natural dos Srs.: Bispo O. José Joaquim, Provedor e fundador da nova Igreja, Commendador Julio Cesar de Oliveira, Antonio Gonçalves de Araujo, Commendador Luiz Augusto de Magalhães e o Conselheiro Dr. Antonio Ferreira Vianna.

Ao lado da Secretaria está a Casa Forte, construida solidamente e revestida de grossa cantaria.

Entre muitos objectos de subido valor que estão encerrados na Casa Forte, vimos uma grande e pesada custodia de prata, de igual modelo da offerecida por D. João V á Cathedral desta ci-

dade, uma ambula de ouro macisso, frontaes de altar, banquetas e grande numero de outros objectos antigos, tudo de prata

O vestibulo occupa um grande espaço e serve para dar passagem para a Secretaria e o Consistorio pela rua da Quitanda. A igreja está toda atapetada desde o Altar-Mór até á nave central e capellas fundas, e ao longo della está collocado grande numero de cadeiras e bancos de assentos de palinha para os convidados.

Nas portas foram collocados custosos reposteiros com galerias douradas.

Sente-se a mais profunda e agradavel impressão ao penetrar no templo que vai ser hoje inaugurado e que attesta o zelo, esforço e a dedicação de anteriores e especialmente da actual administração.

1898.

COMMÉMORAÇÃO DOS MORTOS

O dia de hoje, de tristezas e de saudosas recordações, consagram-n-o diversos povos á visita das necropoles.

Não ha quem não tenha descançando na paz dos tumulos um ente querido, uma affeição que foi a alegria de sua existencia, que foi o consolo nos seus dias de desgostos e de magoas e por isso enchem-se os cemiterios e em quasi todas as sepulturas se vê a piedosa lembrança traduzida em uma flôr, em um ramo, em uma grinalda e junto a ellas os que choram quem alli adormeceu para sempre.

Se ha quem em tão santos lugares se esqueça do recolhimento que alli se deve guardar, faz felizmente excepção á grande regra geral dos que vão em sincera e piedosa romaria.

Como, porém, nem o dia 2 de Novembro é o fixado para essa commemoração em todos os povos, nem são os mesmos os meios de realizal-a, julgamos interessante dar algumas informações colhidas de fonte que julgamos insuspeita, do modo por que é ella celebrada nesta Capital por algumas das diversas nacionalidades aqui residentes, conforme a pratica e uso seguidos pelas suas religiões ou seitas.

— Os Chins, para commemorar o dia dos mortos — *Pai-Sane* — reúnem-se no dia 3 de Março na residencia de um delles e ahí observam a seguinte pratica:

Na sala principal da casa collocam sobre o sólo uma figura de papel, vestido com calças, paletot, camisa e sapatos feitos tambem de papel e cercam a figura de objectos de uso do morto, taes como escovas, pentes, tesouras, moveis, etc., tudo tambem artisticamente feito de papel.

A' cabeceira da figura accumulam uma boa porção de alimento, pois é crença entre elles que os mortos se servem de partes dessa alimentação.

Depois de recitarem orações á memoria dos mortos, nas quaes relembram suas qualidades, bens de fortuna, etc., prendem fogo na figura e nos objectos alli expostos, continuando as orações até que o papel fique reduzido a cinzas.

Depois dessa cerimonia reúnem-se todos os Chins em volta de uma mesa, isto é, á meia noite desse dia, e ahi servem-se de uma ceia que se compõe de um bom prato de canja e outro de peixe secco.

Não têm por costume visitar os cemiterios no dia de finados, mas no dia em que commemoram os seus mortos conservam-se em jejum até á hora da ceia.

Existem nesta Capital duas sociedades chinezas beneficentes e funerarias, uma intitulada *Hac-Ka* e outra *Ponter*.

— Os negros minas, filhos da Costa d'Africa, commemoram o dia dos mortos a 3 de Novembro.

Nesse dia visitam os cemiterios, collocando nas sepulturas dos seus mortos fragmentos de arbustos e pequenas folhas de arvore.

Sobre os tumulos recitam a seguinte oração, que faz parte de um trecho do Alkorão:

(* سورة فاتحة الكتاب *)

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ * الْحَمْدُ لِلَّهِ رَبِّ الْعَالَمِينَ * الرَّحْمَنِ
الرَّحِيمِ * مَالِكِ يَوْمِ الدِّينِ * إِيَّاكَ نَعْبُدُ وَإِيَّاكَ نَسْتَعِينُ * اهْدِنَا
الصِّرَاطَ الْمُسْتَقِيمَ * صِرَاطَ الَّذِينَ أَنْعَمْتَ عَلَيْهِمْ * غَيْرِ الْمَغْضُوبِ
عَلَيْهِمْ وَلَا الضَّالِّينَ *

Traducção:

COMEÇO DO LIVRO

(Alkorão)

“Em Nome de Deus (*Allah*) Misericordioso. Louvores a Deus, Creador do Universo. Graças ao Todo Misericordioso, ao Juizo reinante no Dia do Julgamento. A Vós, Senhor, adoramos e

pedimos auxilio. Guiai-nos pelo verdadeiro Caminho, pelo Caminho seguido pelos que já mereceram a Vossa Graça e evitai, Senhor, que nos transviemos nos atalhos dos injustos oppressores que mereceram a Vossa ira.”

Desde o dia 3 de Novembro até o dia 4 de Dezembro nada comem durante o dia, sendo as refeições tomadas ás 3 horas da madrugada.

Quando termina esse jejum, reúnem-se na casa do *Cheik*, o mais graduado entre elles, e ahi celebram a sua festa “Sada-cá” que consta de dansas e banquete.

As damas são acompanhadas por instrumentos de sua terra natal, taes como o tambor, o tabaque, o caxambú, etc.

Os que tomam parte nas dansas trajam pequenos saiotos, todos enfeitados de missangas, collares e trazem á cabeça pequenos gorros de pontas triangulares, tambem adornados de lantejoulas, missangas e contas de variegadas côres e forrados de veludo de côres vivas.

Nos tornozellos amarram um pedaço de couro ou de fazenda de côres, tambem enfeitado de lantejoulas e de pequenas pennas de aves.

As dansas são acompanhadas de canções, em que o cantador é secundado por um poderoso côro de homens, mulheres e até crianças.

Depois da ceia, as dansas continuam até pela manhã e não é raro servirem mais de uma vez durante a noite a referida ceia.

— Os que seguem a religião israelita commemoram os mortos recitando orações nas suas sinagogas, estabelecidas em diversos pontos desta Capital.

No *Ticaboaf*, assim se denomina o mez de Julho, é que se realiza essa commemoração, variando, porém, a data desse dia.

Alguns que querem seguir o rito com certo rigor observam a cerimonia de irem aos cemiterios e espargirem cabeças de alhos nas sepulturas.

Quando commemoram, porém, o anniversario da morte de um parente ou de um amigo, as mulheres vão ás synagogas e accendem velas de cêra nos altares, recitando unicamente os homens

as orações, isto na tarde da vespera do anniversario e no dia do anniversario pela manhã e antes de recolher-se o sol.

Em Agosto visitam o cemiterio de novo, os mais crentes, e ahi junto das sepulturas pedem aos mortos a sua intercessão junto a Deus para perdão dos seus peccados, sendo denominado esse dia *Yom-kipur* (grande dia).

Nesse dia jejuam todos e passam-n-o no mais rigoroso recolhimento e no seguinte festejam a terminação do jejum reunindo os amigos em casa ou realizando bailes.

Para amparo das mulheres que o vicio contaminou e collocou em uma vida desregrada, crearam ellas mesmas uma instituição denominada "Sociedade Israelita Funeraria e Beneficente, que tem por objectivo protegel-as no caso de enfermidade, auxiliial-as nas suas doenças, tratat-as, repatrial-as e fazer os enterros, quando não possuam meios para esse fim.

— Os Syrios catholicos celebram o dia *Tezcar al Amoath* (commemoração dos mortos) com as mesmas formalidades nossas, tendo nesta Capital como Missionario Maronito Geral no Brasil o Padre Petros Abi-Jaudi e o Frade da Ordem Basiliane Salvatoriane Frei Basilios Bacha.

— Os que seguem a religião Mahometana celebram o dia de *Kamisse al Amoath* (quinta-feira dos mortos) no dia 15 de Rajah que corresponde este anno ao dia 29 de Novembro, visto que os mezes são contados por elles pelas luas, como os Syrios catholicos contam pelos sóes.

Nesse dia compram grande quantidade de fructas, figos secos, passas e comestiveis para distribuir pelos pobres, a quem tambem dão esmolas em dinheiro.

Nos cemiterios collocam ramos de flores nas sepulturas dos seus mortos e recitam orações, lendo alguns delles trechos do Alkorão.

Na colonia syria, nesta cidade, é muito limitado o numero dos que professam a religião mahometana.

Todos, porém, sem distincção de religião, fundaram uma sociedade funeraria, a que deram o titulo de Sociedade Syria no Rio de Janeiro.

—Os Gregos orthodoxos visitam os cemiterios doze dias depois do dia por nós consagrado aos mortos, visto que o calendario delles é o Juliano e observam as mesmas praticas da religião catholica, menos as que se referem ás ceremonias religiosas da igreja.

E' esse *νεκρο-ἡμέρα* — *Necrémario* (dia dos mortos).

— Os presbiterianos tambem não usam a visita aos cemiterios, nem a commemoração dos mortos, por acreditarem que elles estando bem com o Evangelho têm a graça de Deus.

— Os que seguem a seita spirita commemoram o dia dos mortos fazendo nas suas sédes discursos de propaganda spirita, terminando por uma invocação a Deus e rogando pelo progredimento dos spiritos desincarnados, no dia 1 de Janeiro.

— Os positivistas orthodoxos consagram o dia ultimo do anno, quando não é bisexto, para commemoração dos mortos, e o penultimo dia quando o anno é bisexto.

Essa commemoração consiste em espargir flores sobre a sepultura dos entes que lhes são caros, preferindo as rosas.

— As outras nacionalidades que são protestantes, como os Americanos do Norte, os Inglezes, os Allemães, os Dinamarquezes, os Suissos e outros povos, não têm dia marcado para commemorar os seus mortos, visitam o cemiterio nos dias dos anniversarios natalicios e da morte dos seus parentes e amigos e collocam flores sobre as sepulturas.

Observam, porém, o maior zelo e maior cuidado no asseio e conservação das mesmas.

— Já hontem foram os cemiterios bastante concorridos, notadamente o de S. Francisco Xavier, onde era avultado o numero de pessoas que alli foram ornar as sepulturas.

Esse movimento de povo que começou ás 6 horas da manhã se prolongou até á meia noite, sendo difficil o acesso nos bonds.

Em muitos vimos senhoras viajando de pé por falta de lugares, amparadas aos balaustres e ás correias das cortinas.

As sepulturas de homens notaveis cujas familias, por motivo talvez superior deixaram em completo abandono, o Sr. Administrador do cemiterio mandou limpá-las convenientemente.

E' notavel o grande melhoramento por que passaram os cemiterios desta Capital, e as obras ultimamente executadas deram o

aspecto respeitoso de um local sagrado e condigno, principalmente ao de S. Francisco Xavier, que tanto carecia de sérias reformas.

Hoje póde-se livremente transitar em todas as ruas e estreitos caminhos das sepulturas, sem que se fique atolado na pegajosa lama ou envolvido em emmaranhadas moitas de capim.

Tudo alli foi consideravelmente melhorado; de modo a poder rivalizar com os melhores do Brasil, pelo asseio e pelo cuidado que se observa para com os objectos depositados sobre as sepulturas.

Além da vasta e longa avenida ladeada por longas banquetas de flôres, foram levantadas largas escadas de poucos degrãos para o accesso aos diversos quadros do Cemiterio.

O Cruzeiro de pedra no centro da Avenida foi todo raspado e dos braços do mesmo pende entrelaçada uma larga facha de panno preto.

Todos os empregados subalternos do Cemiterio trazem presa no braço uma fita com lettras douradas, designando quaes os lugares que alli exercem e estão espalhados pelos diversos quadros afim de prestarem informações ao publico e indicarem os locaes das sepulturas que procuram.

Um carro de tres rodas com longas pegadeiras ao lado recebe á porta do Cemiterio o caixão dos enterros de 1.^a e 2.^a classes e os conduz para o logar destinado.

O carro, que é pintado de preto, com largas listras amarellas, é empurrado facilmente por um empregado do Cemiterio, de forma a evitar o transito interno dos coches funebres que estragam os caminhos e difficultam a conservação e asseio.

Este carro foi offerecido pelos Srs. Mendes Almeida & C.

Ha, além desse melhoramento, grande numero de lanternas e globos para o serviço dos enterros á noite. Junto á entrada na parte interna, foram collocados lampeões a gaz de cada lado, generosa offerta do Sr. Dr. Rego Barros.

Ricas e vistosas sepulturas e monumentos foram collocados no espaço comprehendido entre a frente do Cemiterio até o começo dos quadros, de ambos os lados, e junto de toda a grade, na parte interna, vê-se longa banquetta de flôres de todas as qualidades.

A Capella e Deposito de Cadaveres foram tambem muito melhorados e pintados com capricho e gosto.

Junto da sala da Secretaria foi estabelecida uma sala convenientemente mobiliada, para repouso das pessoas que inesperadamente se sentirem enfermas.

Hontem, ás 9 horas da manhã, o Padre Couto celebrou a primeira missa na capella daquelle Cemiterio, depois da restauração por que passou.

A capella estava elegantemente decorada e pela sua simplicidade e artistica disposição dos ornamentos apresentava um aspecto agradabilissimo.

Ao acto assistiram a superiora e irmãs de caridade do Hospital de Nossa Senhora do Socorro e grande numero de senhoras e cavalheiros.

Cabe aqui consignar os bons e revelantes serviços que o actual Administrador do Cemiterio, Sr. Tenente Fernandes da Costa, prestou e a cujos esforços, dedicação e actividade se devem esses grandes e proveitosos melhoramentos.

No portão do Cemiterio varias senhoras esmolavam para as obras da igreja do Senhor do Bomfim.

Crescido tambem era o numero de pobres que alli estendiam a mão á caridade publica.

Ao longo do cães fronteiro ao Cemiterio viam-se alinhadas extensas filas de carros e de vendedores de ramilhetes de flôres e grinaldas.

Por muitos melhoramentos passaram tambem os Cemiterios de S. Francisco da Penitencia e do Carmo, achando-se ambos em excellentes condições de asseio e conservação.

No primeiro têm sido construidos muitos carneiros, obedecendo ao alinhamento da nova planta.

Ao lado da capella foi construida uma casa para residencia do Administrador, pretendendo a Veneravel Ordem adquirir uns terrenos nos fundos para igualal-os em comprimento ao do Carmo.

O Cemiterio de S. João Baptista, sem duvida um dos melhores desta Capital, pelo cuidado, asseio e conservação que alli existem, tem ao fundo em construcção uma majestosa capella mortuaria.

Nestes cemiterios não foi grande a concurrencia no dia de hontem.

O Cemiterio de S. Francisco de Paula está em constantes obras de melhoramentos utilissimos, tendo já concluida a sumptuosa capella no alto do morro, enfrentando com a escadaria de entrada e a rua principal.

O Administrador é o Sr. Salvador dos Anjos, antigo e zeloso funcionario que ha longos annos presta inestimaveis serviços ao Cemiterio.

Tambem não foi hontem importante o movimento de visitantes a este campo santo.

Hoje enchem-se os Cemiterios para a santa romaria aos mortos e preces fervorosas se elevarão ao Todo Poderoso pelo descanso eterno dos que alli repousam.

1898.

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

A Academia Nacional de Medicina realiza hoje, ás 8 horas da noite, a sua sessão solemne, anniversario de sua fundação. Esta festa scientifica terá lugar no salão nobre do Ministerio do Interior, sob a presidencia do Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, que é o Presidente Honorario da instituição pelos estatutos que a regem.

O bello salão está festivamente preparado para receber nesta noite a mais antiga de nossas instituições scientificas, desde que somos nação, e com certeza se encherá com senhoras e cavalheiros, que irão allí cumprimentar a illustre corporação, em cujo seio se acham muitos de nossos medicos mais illustres.

A excellente banda do Corpo de Bombeiros ensaiou alguns trechos de bella musica para esta festividade.

Depois de aberta a sessão pelo Sr. Ministro, ouvido o Hymno da Proclamação da Republica, do maestro Leopoldo Miguez, será concedida a palavra ao Dr. Silva Araujo, Presidente da Academia, para leitura do seu discurso de abertura.

Lerá depois o Dr. Carlos Seidl, 1.º Secretario, o relatorio dos trabalhos mais importantes e das principaes occurrencias do anno. Em seguida fallará o Dr. Alvaro de Lacerda, lendo a biographia dos socios fallecidos no correr do anno academico. Nos intervallos dos discursos serão executados bellos trechos musicas, a começar pela ouvertura do Guarany.

Em seguida o Presidente Honorario concederá a palavra aos academicos ou pessoas extranhas á Academia, representantes de associações, etc., que se tiverem inscripto antes de começar a sessão, encerrando-a, depois, do modo que julgar mais conveniente.

Ha muitos, entre nós, que não suspeitam da existencia de uma associação como a Academia de Medicina, que tem, entre-

tanto, conseguido atravessar tempos e regimens politicos, guerras e revoluções, extrarha por completo a todo esse movimento e adstricta tão sómente ao culto das sciencias medicas, como se evidencia dos sessenta e tres volumes de seus *Annaes*, publicados sempre com a maior solitudine.

Não cabe nos limites de uma noticia o historico de uma instituição desta importancia, e mesmo o trabalho já ficou feito este anno, pelo Secretario Geral Dr. Alfredo Nascimento, e está impresso na *Noticia Historica* dos serviços, instituições e estabelecimentos pertencentes á repartição do Ministerio da Justiça, elaborada por ordem do Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, e está tambem publicado nos *annaes* do ultimo numero dos "Annaes da Academia"!

E', pois, um simples bosquejo que daremos.

Começa a historia da Academia de Medicina em 28 de Maio de 1829, em que dous clinicos nacionaes, os Drs. Joaquim Candido Soares de Meirelles e José Martins da Cruz Jobim, associando-se a tres estrangeiros illustres, os Drs. Luiz Vicente De Simoni, José Mauricio Faivre e José Francisco Cigaud, fundaram a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, com os nobres intuitos de promover a illustração, progresso e propagação das sciencias medicas, soccorrer gratis os pobres nas suas enfermidades e beneficiar geralmente a humanidade favorecendo e velando pela conservação e melhoramento da saude publica.

Ainda existe no Archivo da Academia este autographo importante.

Realizadas mais duas sessões e incorporados outros membros, effectuou-se em 30 de Junho de 1829 a installação solemne da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, sob a presidencia do Dr. Soares de Meirelles e assumindo as funcções de Secretario o Dr. De Simoni, que tantos serviços devia neste posto prestar á Academia.

Solicitada a approvação official de sua fundação e de seus estatutos, foram seus votos satisfeitos, recebendo ella, por cópia, o Decreto de 15 de Janeiro de 1830, que approva a lei fundamental, em uma portaria do Ministro do Imperio, Marquez de Caravellas, approvando a installação da nova Sociedade.

Crear-se e desde logo prosperar tal foi o destino desta agremiação de sabios medicos, que apertou logo estreitas relações com as sociedades congeneres do velho continente e creou seu quadro de Honorarios, inscrevendo nelle os nomes do Marquez de Maricá, do Marquez de Baependy, de Martim Francisco, de José Bonifacio, de Antonio Ferreira França e de Saint Hilaire e Martins.

E agora um trabalhar ininterrupto e um prestar de serviços ao Governo e ao Paiz, em materia de consultas medicas, hygienicas, que só poderiam ser enumerados com a transcripção de seus opulentos *Annaes*.

Passemos agora todo esse glorioso passado, até chegarmos á transformação da Sociedade em Academia, sem deixar, entretanto, de transcrever da *Memoria Historica*, do Dr. Alfredo Nascimento, os periodos a seguir, e em que se assiste ao desabrochar das Faculdades de Medicina, do seio da *Sociedade*.

“Nesse mesmo anno, diz o citado chronista, recebeu a Sociedade de Medicina a mais alta prova da consideração em que era tida pelos Poderes Publicos, sendo encarregada pela Camara dos Deputados de apresentar-lhe um plano de organização ás Escolas Medico-Cirurgicas do Imperio.

Depois de largamente estudado e discutido, o projecto elaborado foi definitivamente approved em 17 de Novembro de 1831; e, enviado á Camara, soffreu apenas pequenas emendas em certos pontos, e foi a base de organização das nossas Faculdades de Medicina, em 3 de Outubro de 1832.”

Dentro em pouco devia a Sociedade receber ainda outra prova de alta consideração:

Foi em 1835 que “tendo em consideração os serviços prestados não só á humanidade, mas tambem ao Estado, pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, fundada, como já ficou dito, em 1829 e desejando animar e promover tão importante estabelecimento:

A Regencia, em nome o Imperador o Senhor Dom Pedro Segundo, houve por bem converter a referida Sociedade em Academia, com a denominação de Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro.”

São estas as palavras textuaes do decreto com que baixaram os estatutos da mesma Academia, em 8 de Maio de 1835, decimo quarto da Independencia e do Imperio.

Está agora definitivamente constituida a *Academia Imperial de Medicina*, que, em virtude dos acontecimentos politicos de 1880, passou a denominar-se *Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro*.

Eis, em esboço, o que foi a Academia até 1889, porque em minucioso relatar pequenas seriam as columnas desta folha no dia de hoje.

Damos em seguida a lista de todos os presidentes que tem tido a Academia, desde o seu inicio.

Ex-presidentes — Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro:

1830-1831 — Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, 1º trimestre ; Dr. José Francisco Sigaud, 2º dito ; Dr. Christovão José dos Santos, 3º dito ; Dr. João Alves Carneiro, 4º dito.

1831-1832 — Dr. Octaviano Maria da Rosa, 1º trimestre ; Dr. José Martins da Cruz Jobim, 2º dito ; Dr. Jacintho Rodrigues Pereira Reis, 3º dito ; Dr. José Francisco Sigaud, 4º dito.

1832-1833 — Dr. José Francisco Sigaud, 1º trimestre ; Dr. Francisco Freire Allemão, 2º dito ; Dr. Joaquim Vicente Torres Homem, 3º dito ; Dr. Octaviano Maria da Rosa, 4º dito.

1833-1834 — Dr. João José de Carvalho, 1º trimestre ; Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, 2º, 3º, e 4º ditos.

1834-1835 — Dr. Francisco de Paula Candido, 1º e 2º trimestres ; Dr. José Martins da Cruz Jobim, 3º e 4º ditos.

Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro :

1835-1838 — Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles.

1838-1839 — Dr. Francisco Freire Allemão.

1839-1840 — Dr. José Martins da Cruz Jobim.

1840-1842 — Dr. Francisco de Paula Candido.

1842-1848 — Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles.

1848-1851 — Dr. José Martins da Cruz Jobim.

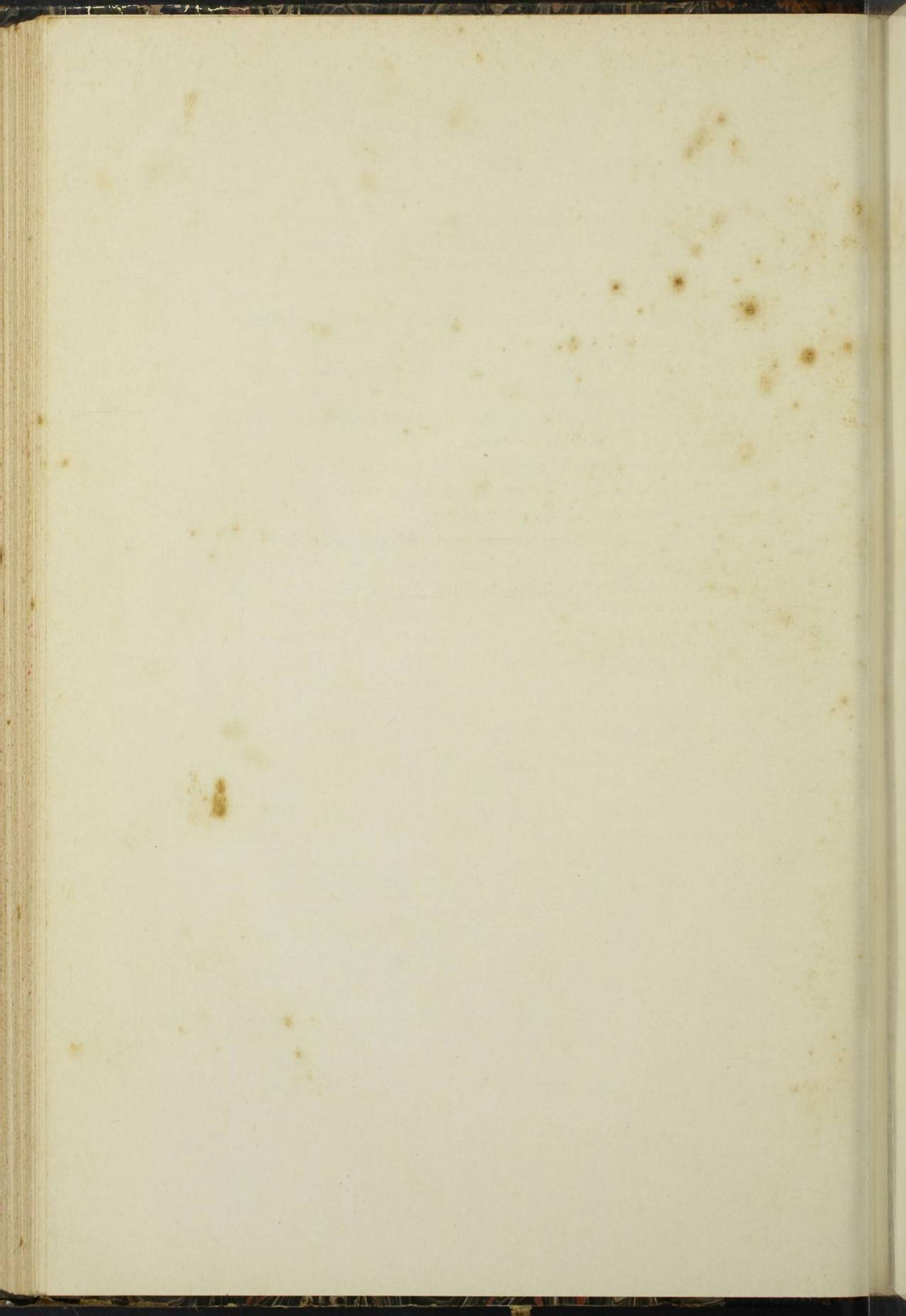
1851-1852 — Dr. José Francisco Sigaud.

1852-1855 — Dr. Francisco de Paula Candido.

1855-1857 — Dr. José Pereira Rego (depois Barão do Lavradio).

- 1857-1859 — Dr. Antonio da Costa.
1859-1861 — Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho.
1861-1864 — Dr. Antonio Felix Martins (depois Barão de S. Felix.)
1864-1883 — Dr. José Pereira Rego (dentro desse periodo Barão do Lavradio).
1883-1889 — Dr. Agostinho José de Souza Lima.
Academia Nacional de Medicina:
1889-1891 — Dr. José Cardoso de Moura Brasil.
1891-1892 — Visconde de Saboia.
1892-1893 — Dr. João Baptista de Lacerda.
1893-1894 — Dr. A. J. de Souza Lima.
1894-1895 — Dr. J. B. de Lacerda.
1895-1896 — Dr. José Lourenço de Magalhães.
1896-1897 — Dr. A. J. de Souza Lima.
1897-1898 — Dr. A. J. P. da Silva Araujo.

1898.



A RAINHA REGENTE DA HESPAÑHA

Maria Christina Henriqueta Disirée Felicidade Renière, Rainha Regente da Hespanha, nasceu em Gross-Seclowitz, na Austria, a 21 de Julho de 1858, casando-se em Madrid a 29 de Novembro de 1879 com o Rei Affonso XII.

A Rainha Christina está hoje em plena vigor de sua existencia.

Possuindo uma constituição vigorosa e de socegada e tranquillidade attitudinal, tem grande resistencia para o trabalho e prodigiosa actividade, pois que, methodica em todos os assumptos, é de um caracter energico e cheio de decidida vontade.

Não mostra-a, porém, em toda a sua amplitude, velando quasi sempre a sua energia e a sua vontade por uma apparencia tranquillidade e affavel e por um quê de melancolia que revela em seu semblante desde que perdeu o esposo que idolatrava.

Era alegre e expansiva quando vivia seu esposo. Hoje, triste, pensativa e impressionada, recorda saudosa o seu perdido carinho, sentimento que transparece na sua physionomia e no fulgor um tanto amortecido de seus olhos.

Esta circumstancia talvez a torne ainda mais interessante e tenha produzido na sua alma dilacerada uma forte reacção que se traduz no cunho de majestosa serenidade que imprime em todos os seus actos.

Todos os seus sentimentos affectivos concentraram-se em seus filhos, que sentem por sua extremosa mãe verdadeira idolatria, retribuindo-lhe assim em troca desse affecto todo intenso amor que póde encerrar o coração humano.

Maria Christina, cuja singular distincção attrahe no primeiro momento, é uma das senhoras mais esbeltas e mais elegantes da Córte de Hespanha.

Nos dias sollemnes de recepções officiaes apresenta-se vestida com modestia e singeleza, adornada, porém, com as suas melhores joias, que são valiosissimas, caminhando com passo lento e majestoso por entre a compacta e brilhante multidão que concorre ao grande salão do Régio Palacio, acompanhada da Infanta Isabel e altos funcionarios da sua Côrte e das principaes senhoras da aristocracia hespanhola.

Sua presença produz sempre na selecta concurrencia um movimento de admiração e de respeito, sentindo-se todos avassalados pela simplicidade e nobre majestade de uma Rainha em que brillam de elevado modo a dignidade real, sem soberbia, nem arrogancias, a modestia e a humildade, sem hypocrisias e sem baixeza.

Terminada a cerimonia, sauda, e conversa com todos, ingenua e carinhosa, sem emphases e sem pose.

A Rainha possui um timbre de voz suave e doce e sua palavra é grave e discreta. Sustenta com viveza a conversação sobre assumptos de familia, da sociedade ou de character geral e publico para terminar quando menos se pensa, em dado preciso ou em uma noticia que parecerá trivial, porém, que a ella dá-lhe o fio de algum acontecimento e lhe revela o character e qualidades pessoas de algum individuo que observa e estuda.

No meio das mais irritadas paixões politicas, que em repentinhas e inesperadas mudanças ministeriaes, têm chegado ás vezes em revolta e ameaçadora onda até aos degráos do throno de Afonso XIII, Maria Christina tem sempre mostrado possuir grandes dotes de governo, serenidade e prudencia.

Conhecendo a fundo todos os homens politicos que a cercam, os trata com respeito e confiança quando estão no poder e com delicadeza e carinho quando não occupam cargos ministeriaes ou as altas dignidades da nação.

Falla pouco e ouve muito nos assumptos de gravidade e mais de uma vez tem deixado os Ministros admirados com as suas atiladas observações nos Conselhos que preside e dirige com admiravel prudencia, adiantando-se frequentemente com intuições politicas, aos desejos e pensamentos dos primeiros homens de Estado.

Os que têm tratado com a Rainha, seja particular ou homem politico, é impossivel que não lhe professem profunda veneração e respeitoso carinho.

Não lhe escapa nenhum detalhe da vida social. Sente as tristezas e toma parte nas alegrias de familia com as pessoas que frequentam o Palacio e tendo para todos, até para os que lhe são menos affectos, uma phrase opportuna e feliz. E' pontualissima nos actos officiaes.

Com os seus familiares, com os empregados da sua Real Casa e mesmo com os mais humildes é sempre affavel e delicada, sempre circumspecta e prudente, que é a nota com que sella o seu caracter moral.

Todos lhe consagram grande estima e respeito, porque fazendo justiça não admitte nem jámais admittio imposições de camarilhas.

Odeia os enredos e as intrigas tão funestas nos régios palacios e ninguem póde jactar-se de exercer em seu animo influencia decisiva, por mais elevado que esteja.

Pouco incommoda as suas damas de honor e a sua Côrte e sempre ordena rogando, e nunca com imperio e dureza.

Essa qualidade torna-a mais querida e mais venerada.

Todo o serviço do Palacio ordenou ella que fosse feito por meio de toques de campainhas e soube rodear-se de pessoas de respeito, de virtude, especialmente as damas que viviam mais ao seu lado, recordando assim o typo legendario da autocracia dos melhores tempos da monarchia hespanhola.

O mesmo póde-se affirmar da Infanta Isabel, irmã de Afonso XII, e, isto só, é o bastante para engrandecel-as, para tornal-as dignas da veneração e do respeito do povo.

E' indubitavel que hoje o Régio Alcasar póde servir de modelo e de exemplo não só a alguns palacios, senão a muitas familias.

Quem não tiver tratado junto da Rainha, acreditará ter ella um character retrahido, grave e de fria autoridade e é, apezar de séria e comedida em seus actos, modestamente jovial e até graciosa e expansiva com os seus e as pessoas de sua amizade e confiança.

Quando está com os seus filhos a sós, falla e brinca com elles como se fôra uma menina de quinze annos, o que não succede quando presente qualquer pessoa extranha á familia.

Seu filho o Rei Affonso XIII, que hoje deve contar 13 annos de idade, é dotado de uma intelligência precoce, que não só se revela pelos seus estudos, como pelos seus actos, mostrando comprehender a sua elevada posição de Rei.

O Rei Affonso é tratado por sua mãe, por *Baby*, appellido carinhoso muito usado no seio das nossas familias.

Uma occasião o General Polavieja, no Palacio, despedindo-se da Rainha, dirigio-se ao Rei Affonso, pronunciando o diminutivo com que sua mãe costuma chamal-o.

O menino-Rei formalizou-se e respondeu: "General, sou *Baby* para minha mãe, para o senhor sou o Rei."

Um dos sentimentos que mais actúa na generosidade do coração da Regente, é a caridade. Por seu mandato a Intendencia Régia distribue mensalmente pensões a viúvas e orphãos, de 10 a 50 mil pesetas, sem contar os donativos extraordinarios que a mesma Intendencia dispensa por sua ordem.

E' severa, exigente na educação de seu filho e todos os dias se informa das materias do estudo e do seu aproveitamento.

Apezar das multiplas occupações que sobre ella pesam, segue uma invariavel conducta de economia e de methodo.

Levanta-se todos os dias das 7 ás 8 horas da manhã, no tempo de inverno, e das 5 ás 6, no verão.

Depois de vestir-se, ajudada pelas suas camareiras, cumpre com religioso escrupulo os seus deveres christãos, visitando antes os seus filhos nos seus aposentos.

Jámais fez alarde dos seus sentimentos religiosos, guardando no templo modesta compostura e gravidade que são a admiração de todos que a rodeiam e signal de acendrada piedade de seu coração e salutar exemplo para seus filhos, que observam admiravel respeito junto de sua mãe, no momento de suas orações.

Alguns domingos, na temporada do verão, faz com que um sacerdote das mais distinctas corporações monasticas da Hespanha explique o Evangelho a toda a familia e aos servidores do Palacio.

Entre os livros piedosos lê frequentemente Kempis que é objecto de seu estudo e predilecção. Depois de ouvir missa serve-se de um frugal almoço e lê os principaes jornaes madrilenos, reflectindo sobre todas as intrigas politicas e movimentos da opinião, que ella profundamente conhece.

Das 10 ás 11 horas recebe as visitas do Chefe de alabardeiros e do Capitão-General. Por elles se informa das ultimas noticias de character local e militar, e dá a ordem e o santo ao Chefe do primeiro Corpo do Exercito.

Recebe depois a todos os Chefes e Generaes de terra e mar que desejam comprimental-a.

Conhece perfeitamente toda a organização militar e é decidida partidaria da dignificação do Exercito e com elle está identificada. Por esse motivo os Generaes têm por ella verdadeira predilecção e o têm demonstrado eloquentemente mais de uma vez, sacrificando nas aras do throno e do carinho pessoal que professam á augusta Soberana, discrepancias de criterio e até determinadas idéas de grande parte da instituição armada, e assim têm abortado todos os esforços revolucionarios e anti-dynasticos dos inimigos das actuaes instituições.

Os assumptos de Cuba e Filippinas foram e são ainda os que mais profundamente preocupam hoje a attenção da Rainha Christina.

Para accentuar o seu character energico e o seu acendrado patriotismo ahi está a declaração da guerra aos Estados Unidos da America.

O Presidente do Conselho, Sr. Sagasta, ao retirar-se da conferencia presidida pela Rainha sobre o assumpto, admirado pela sua energia e pela sua indignação, exclamou: "Quando estavamos na conferencia havia uma mulher e seis homens e quando ella terminou havia um homem e seis mulheres."

Maria Christina comprehende sua immensa transcendencia dynastica e politica, de que é muitissimo conhecedora, bem como da engenharia militar e estrategica da guerra, que aprendeu com seu irmão o Archiduque Alberto, debaixo da direcção de experimentados professores; estuda com afan a topographia militar da grande Antilha e do Archipelago e segue com o dedo todos os movimentos do Exercito, no mappa colonial que tem constantemente sobre a mesa de seu salão de despachos, conversando largamente sobre as occurrencias da campanha com todos os Generaes que diariamente a visitam.

Depois dessa visita assigna os decretos que lhe são apresentados pelos Ministros e informa-se detidamente de todos os assumptos, os quaes têm que trazer-os bem estudados, pois que a augusta Rainha, embora sempre delicada e comedida, faz perguntas e observações que os deixam ás vezes atrapalhados e sorprendidos. Em seguida recebe o Presidente do Conselho, a quem trata sempre com grande distincção e confiança.

A' 11 da tarde almoça, comendo pouco, muito parcamente, em frugal mesa. A' noite os chefes militares do Palacio, as damas de serviço e os camaristas, umas dez pessoas, sentam-se á mesa de Sua Majestade e bem assim o official de guarda do Palacio. Durante o jantar gosta a Rainha de conversações alegres e animadas em que toma a principal parte a Infanta Isabel, possuidora de admiravel agudeza de espirito e de especial graça, sem que jámais se ouça naquella mesa uma palavra menos correcta, uma phrase incommoda, nem cousa alguma que tenha visos de murmuração e maledicencia, porque neste ponto são inexoraveis tanto a Rainha como a graciosa Infanta.

Depois do jantar, assiste a Rainha a um pequeno concerto, com algumas pessoas de sua confiança, em um salão immediato ao da sala de jantar, e retira-se depois para os seus aposentos, passando pelos do Rei e das Princezas, suas filhas, para beijal-as com effusiva ternura maternal.

Sahe todas as tardes a passeio, preferindo sempre o campo solitario, que a encanta, e gosa alli de intimos e doces affectos, rodeada de seus filhos. Algumas vezes dá um ligeiro passeio a cavallo, montando com toda a galhardia, acompanhada de alguma de suas damas, percorrendo o caminho do El Pardo e o campo de Corabanchel; outras vezes se entretem tocando piano ou jogando xadrez, que conhece perfeitamente.

Todos os dias escreve extensamente a sua mãe, a quem professa um amor profundo e entranhado, sem que jámais se refira á politica.

Antes de deitar-se lê algum livro litterario ou instructivo, escripto em algum dos sete idiomas que ella conhece e que falla correctamente.

A's 11 horas o silencio é geral no Palacio da Rainha.

Em um bello trabalho do Sr. Sibul, em que este escriptor exalta todas as nobres qualidades e alevantados sentimentos e virtudes da Rainha Maria Christina, termina dizendo que um dia e não longe ella poderá dizer á patria hespanhola:

“Cumprí leal e fielmente meus deveres de mãe e de Rainha; entregaste-me um menino orphão no berço e eu te devolvo um homem digno de ser Rei. Povo hespanhol, se cumprí com o meu dever, cumpre tu agora o teu.”

1899.

ISRAEL SOARES

Israel Soares foi um dos mais notáveis batalhadores em prol da liberdade de seus irmãos.

Não ha propagandista desta benemerita causa, que tanto exaltou a nossa cara Patria aos olhos do estrangeiro incredulo e indifferente, que não conheça esse negro, magro, esguio, ossudo, com a carapinha esbranquecida pela neve dos annos, com aquella curta barba branca, com aquelle buço sempre bem escanhado, formando todo o seu physico a compostura de um homem serio, honesto e digno.

Ha dias encontrando-o na rua do Ouvidor, convidei-o para uma pequena palestra sobre aquelles bons tempos de propaganda.

Ainda bastante emocionantes lembrou elle diversos factos, as lutas em que se empenharam os abulicionistas, os obices a vencer, as mil difficuldades com que embarcavam escravos para o Norte e os meios que empregavam para dar abrigo aos *fugidos* que procuravam a protecção das associações, etc.

No meio da conversa pedi que me contasse a sua vida: Israel reluctou bastante, mas afinal teve de ceder diante das ponderações que lhe apresentei.

Vou, pois, nestas notas relatar fielmente as suas palavras taes como foram pronunciadas em nossa entrevista.

“Não posso deixar de obedecer ao seu pedido, não porque se trate de minha mesquinha pessoa, mas sim porque se trata de um livro que tem de lembrar aos vindouros os feitos gloriosos daquelles que como o senhor, tanto concorreram para a redempção da raça opprimida.

Tenho escrupulos de fallar de mim mesmo, mas não posso esquivar-me ao seu generoso pedido. Não fui eu quem provocou esta narração, simples e singela, porém, franca e verdadeira.

E por ser franca e verdadeira vou lhe contar a minha vida sem lhe occultar a menor circumstancia.

Permittam os Céos que esta minha singela historia que por si nada vale, sirva ao menos de estímulo aos meus companheiros de trabalho.

Quando fallo em companheiros de trabalho, refiro-me aos antigos escravos como eu, que devem procurar por todos os meios serios imitar a raça branca em todas as suas virtudes, desprezando os vícios e com especialidade a vaidade e a presumpção, pois para mim não ha nada mais nojento do que ver um negro vaidoso e presumido.

Infelizmente é o mal que mais afflige a nossa raça. Quando um negro vê-se pouco mais ou menos avantajado, a primeira cousa que faz é evitar o convívio com os seus...

Quereis uma prova, não vêdes que são sempre o negro e o mulato que mais guerra fazem ao grande José do Patrocinio e que os peiores são aquelles que já foram escravos?

Alguns conheço eu, que para negarem a sua raça, dizem que são filhos de caboclo...

.....

Com quanto eu pareça ter mais idade, nasci no anno de 1843, a 19 de Agosto, na casa da rua de S. Pedro n. 30, hoje Senador Euzebio 38. Meus pais eram africanos. Minha mãe era de nação mina e meu pai monjollo. Este chamava-se Rufino e não tinha appellido de familia pelo facto de ser escravo. Minha mãe chamava-se Luiza e ambos eram escravos de Joaquim José da Cruz Secco.

Minha mãe foi mais feliz do que meu pai, pois conseguiu libertar-se em 1846, graças aos esforços de um preto mina chamado Antonio, que tambem era escravo, mas que vivia como livre por capricho de um dos seus senhores moços, como era costume chamar-se aos filhos dos senhores de escravos. A sua vida de livre foi originada pelo seguinte caso:

O senhor, antes de morrer, recommendou que libertassem esse preto, porém, o tal senhor moço que tinha birra com esse escravo por ser elle de muita confiança do senhor velho, não lhe deu a

carta de liberdade, e como o pai lhe recommendou, aggravou-se mais a sua situação, pois o pedido foi feito da seguinte maneira: O velho era xarqueador em Pelotas; indo um dia da cidade para a xarqueada, no meio do rio virou-se o batelão que o conduzia. Fazendo esforços para se salvar e vendo que não conseguia, pediu a um companheiro que tinha probabilidade de se salvar, que dissesse a seu filho Antonio, que desse carta de alforria ao preto Antonio.

Aquelle não só não deu a carta, como obrigou a Antonio a retirar-se de Pelotas para o Rio de Janeiro, dizendo-lhe que não queria os seus serviços, mas que também não cumpria o pedido do velho.

Antonio, que era official de obra grande, pois só trabalhava em casacas e sobrecasacas, veio para esta Capital e empregou-se em uma casa de grande nomeada naquella época: era a casa Blanchom.

Nestas condições travou Antonio conhecimento com minha boa mãe e condoendo-se de sua sorte deu a necessaria quantia pela sua liberdade. Foi por este serviço prestado á humanidade que eu tomei o nome de Antonio para o meu sobrenome.

A minha mãe, lutando sempre com bastante trabalho, libertou, em 1856, minha irmã, mulata, que ainda hoje vive cheia de filhos e netos.

Custou um conto de réis a sua liberdade e por esse motivo houve uma divergencia entre minha mãe e meu padrasto, pois este era de opinião que fosse eu primeiro libertado, com certeza por ser eu preto como elle, porém, minha mãe ao contrario disse que devia ser minha irmã, que era mulher e tinha familia que poderia crescer na escravidão.

Para felicidade de minha pobre familia, esta foi a opinião que prevaleceu e por este motivo podemos agradecer a Deus o não termos dezenas de membros da nossa familia na escravidão.

Tenho sobrinhas, e sobrinhas tão brancas que sabem que são mulatas por que têm tio preto. Tenho uma sobrinha casada com um mulatinho nas mesmas condições, mas neste ponto sou feliz, nunca vi nelles o menor vislumbre de preconceito, pelo contrario, todos me respeitam e me dão o lugar de chefe supremo da familia.

Com a idade de 14 annos, vim para S. Christovão, para a praia do mesmo nome, no numero 41 e ahi comecei a ser homem e a comprehender que era muito esquerda a posição de escravo.

Felizmente já sabia alguma cousa, atirei-me a tudo que me podia ser util, provoqueei sympathias, travando nessa occasião conhecimento com o pharmaceutico Marcellino Ignacio de Alvarenga Rosa.

A esse cidadão devo o pouco conhecimento que tenho da vida. Foi com elle que acompanhei toda a questão do *Ventre Livre* e era com soffreguidão que lia os discursos de João Mendes, Pinto de Campos, Pereira Franco, Junqueira e do sublime Rio Branco.

Mas, ao lado de toda esta esperanza, quanto era triste o pio agoureiro de Paulino de Souza e Andrade Figueira e até deste grande homem que se chama — Teixeira Vianna!

Nesse tempo minha mãe estava atrazada com o seu negocio; pois ella era quitandeira, tinha uma barraca no Largo da Sé, e isto ha já 26 annos. Não obstante ser eu escravo, tinha boa vontade para o trabalho; trouxe, pois, minha mãe para S. Christovão, para a rua de S. Luiz Durão n. 19, que nesse tempo chamava-se de rua *Almirante Mariatte*, cujo aluguel era de 18\$000 mensaes e estabeleci uma casa de quitandeira.

Coitada!... Mal sabiamos, eu e ella, que os seus dias estavam contados. Nesta modesta choupana onde nas horas do meu descanso, alegre e respeitoso conversava com ella. Lembro-me que ás vezes pegava-me na cabeça e me estreitava no collo, dizendo estas palavras que nunca mais poderei esquecer: *pobre filho, eu não te posso libertar!*

Eu que já estava resignado, e que já tinha fé no meu trabalho e no futuro, dizia a ella que não se incomodasse comigo, que tratasse de si, e que quanto a mim não haveria novidade.

Pobre velha, já muito pouco tempo tinha que durar sobre a terra. Uma constipação rebelde estava minando-lhe a vida, cujo infeliz desfecho teve lugar em 12 de Fevereiro de 1880. Preciso que seja consignado que nada lhe faltou, tinha medico á cabeceira que gratuitamente a isso se prestava e para clareza, aqui, cito-lhe o nome: — Dr. José Peixoto.

Os remedios eram fornecidos pelo meu amigo e mestre — o pharmaceutico Marcellino. Nesta emergencia encontrei como Deus, um homem que foi o meu anjo tutelar; chamava-se este cidadão José Boyd, que concorrendo com o aluguel da casa por espaço de dous annos, mesmo no dia em que minha mãe falleceu me deu a quantia de 36\$000 para tratar do enterro.

Minha mãe era *mahometana*, porém morreu na lei Catholica Apostolica Romana. Confessou-se e sacramentou-se.

Algumas *minas* ficaram zangadas com este motivo, porém eu não me importei com isto e até tive bastante prazer, porque sou daquelles que pensam que a nossa religião está acima de tudo.

E' verdade que respeito muito as *minas*, por serem da nação de minha bôa mãe, porém, não posso deixar de conhecer que ellas foram grandes verdugos da nossa raça. Logo que apanhavam algum dinheiro, a primeira cousa que faziam era comprar escravos e, deixe que lhe diga, eram muito rigorosas.

Havia alguns que deixavam de libertar os filhos para fazer taes compras.

Um conheci que morava no Jogo da Bola, que negociava em café torrado, e que tendo augmentado a quantia de 2:000\$000, foi nestas condições encommendar a um celebre Guimarães, da rua Larga de S. Joaquim, duas creoulas bahianas, porém, no dia em que tinha de effectuar a compra, teve de libertar a filha que alli estava para ser vendida. Deixe tambem que lhe diga que raro é o filho de preta mina que esteja bem; se se casa, em breve tempo larga a mulher, indo cada um para seu lado; se tem negocio, em breve tempo dá com os burros nagua.

E' inegavel que alguns são intelligentes e trabalhadores, porém, não sei porque poucos, muito poucos têm sido aquelles que se têm salvado, não digo com certeza, mas me parece que isto tudo é devido aos crimes de seus pais.

Conheço um *mina* que se destaca de todos os outros: Entre os seus é elle uma notabilidade é *Alufá*, isto é, especie de medico, padre e advogado.

E' um dos pretos que mais considero pela sua honradez e character e para lhe mostrar as suas bôas qualidades eu vou citar factos de sua vida que muito o ennobrecem.

Tinha um parente delle dado para guardar em confiança 2:000\$000; achando-se doente foi para a Bahia e lá morreu. Quando a companheira pensava que estava na miseria, elle appareceu como um anjo salvador e deu-lhe a citada quantia. Outra occasião, outra preta mina que estava em sua companhia morreu e quando foi na missa do 7.º dia elle entregou a quantia de 600\$000 ao filho da fallecida, que esta lhe havia dado a guardar.

Ora, na quadra que atravessamos, quando se encontra um procedimento destes, não podemos desesperar da sorte, pois é motivo para esperar que ha de vir com o tempo, a época em que a raça negra ficará bem regenerada.

Abri um curso nocturno na casa de quitanda em que falleceu minha mãe e o pouco que eu sabia distribui com aquelles que nada sabiam.

Entre os meus alumnos posso citar alguns: Abel da Trindade, Pedro Gomes, Marcolino Lima, Justino Barbosa, Joaquim Vicente, Venancio Rosa, Estanisláo, Fausto Dias, Victor de Souza, Thomé Pedro de Souza, Martinha Benedicta, Antonia, Eugenia, Rosa, Victoria e Joanna, escravos e ex-escravos.

Entre estes alguns ha que aprenderam depois mais alguma cousa e hoje governam sua vida muito bem.

Por esse tempo formei uma sociedade de dança com o titulo de *Bella Amante*, sociedade que durou 10 annos.

Os cinco primeiros annos fui eu seu secretario e os cinco ulmos annos fui sempre eleito Presidente. Essa sociedade era composta de escravos na sua totalidade e dava duas partidas por anno: Era uma na vespera do Natal e outra na vespera de S. João. Era tal a maneira por que nos portavamos que sendo Chefe de Policia da Côrte o Desembargador Tito de Mattos que mandou caçar todas as licenças de bailes populares e particulares, foi a nossa a unica considerada pela autoridade do lugar apta para funcionar.

Neste mesmo tempo este anjo celeste, bemdito por todos, que se chama liberdade, começou a adejar as suas azas, já se avistando no horizonte um reflexo deste grande pharol que hoje se chama 13 de Maio. Foi então que comprehendí que era necessario levantar a minha tenda para outros arraiaes.

Armado com a couraça do patriotismo, vim prestar os meus pequenos serviços á Santa causa da abolição e no dia em que faziam dez annos que tinha fundado a sociedade de baile, dia de S. João, 24 de Junho de 1880, fundei a *Caixa Libertadora José do Patrocinio*. De todos os pequenos trabalhos foi este o de que mais orgulho tenho na minha vida, pois foi nesta occasião que pude approximar-me deste grande vulto que se chama José do Patrocinio. Foi ahí que pude admirar as suas grandes virtudes, o seu enorme talento para poder dizer um dia que elle foi o Moysés da nossa raça.

O que foi a Caixa Libertadora, ahí estão os jornaes do tempo que podem dizer alguma cousa, e quando isto não bastasse temos nas mãos do nosso Chefe, Capitão Emiliano Senna, o glorioso livro das nossas actas. E' nesse livro que podeis achar o que eu não posso vos dizer agora.

Quanto á minha liberdade, adquirira-a pela quantia de 600\$000, com o contracto ainda de quatro annos de serviço e quando fui eleito presidente da Caixa Libertadora, ainda me faltavam seis mezes para a minha completa liberdade.

Tive escrupulos em acceitar; porém, o Sr. Capitão Emiliano Senna levantou-se e em eloquente discurso disse que eu não podia recusar um cargo para que tinha sido eleito pelos meus companheiros, á vista do que, nelle permaneci até ao magno dia 13 de Maio, em que, de uma vez para sempre, ficou abolida a escravidão no Brasil.

E' preciso que eu diga que no meio de toda a luta não me esqueci de constituir familia e tive a felicidade de encontrar uma companheira que tem sido o meu braço direito como se costuma dizer.

Fui eu mesmo que a libertei por 800\$000. Para adquirir esta quantia fiz tudo quanto humanamente é possivel fazer honestamente.

Tinha 600\$000, faltavam-me 200\$000 e eu só tinha dois dias para o prazo fatal, pois que a questão estava affecta ao Juiz da Provedoria que era a esse tempo o Dr. Segurado.

Nesta occasião me dirigi a José do Patrocinio para ver se elle me podia valer, elle coitado tinha na vespera desse dia com-

prado o material da *Gazeta da Tarde*. Estava sem recursos, mas ainda assim me deu 50\$000 que era o ultimo dinheiro que tinha na algibeira. Só uma alma grande e generosa como a delle era capaz de sacrificios desta ordem, e a minha bôa estrella me fez encontrar um portuguez de nome Domingos José Marques que me abonou o resto da quantia e ainda me fez mais, no dia 28 de Setembro em um banquete em que se festejava o anniversario da liberdade em casa de um compadre e amigo meu, esse portuguez, que estava presente nesta occasião deu-me o recibo como saldo de todas as contas.

Graças a Deus e aos meus esforços e de minha mulher já estamos de posse de uma casinha onde estamos agasalhados, na rua Alves do Monte n. 3 A, em S. Christovão.

São estas as informações que posso dar a meu respeito, não podiam ser melhores, pois não frequentei collegio, e aprendi a ler em jornaes velhos em um canto da cozinha.

— Eis ahi a succinta historia da vida desse preto que assignalados serviços prestou durante o terror da propaganda da abolição dos escravos.

Em todos os actos solemnes, em todos os trabalhos feitos pela propaganda a sua presença era necessaria e o seu apoio era incondicional.

Devido a iniciativa sua, crearam-se outras associações abolicionistas.

Entre os grandes vultos dessa gloriosa jornada da liberdade, onde figuram José do Patrocinio, Luiz Gama, André Rebouças, Ferreira de Menezes, Miguel Dias e outros, deffensores da sua raça, a historia ha de registrar o nome deste preto honesto, digno e nobre que se chama Israel Antonio Soares.

OS INVALIDOS DA PATRIA

Todas as nações rendem o mais justo preito de veneração aos que, affrontando os maiores sacrificios, só têm o nobre intuito de defender-lhes a honra e a integridade.

E' por isso que ellas nunca esquecem as merecidas recompensas aos que as defenderam e por ellas derramaram seu sangue, como preparam para os que se invalidam nessas terriveis pugnas os meios de garantir-lhes honrosa subsistencia, quando delles se tornam necessitados.

E' assim que em França Luiz XIV em 1670 creou em Pariz um asylo para os seus soldados invalidos e que é geralmente conhecido por *Hotel des Invalides*.

Outras nações secundaram o grande commettimento do monarcha francez e hoje em quasi todas ellas existem asylos ou hospitaes para amparo, auxilio e protecção dos que se invalidaram no serviço da patria.

A Inglaterra tem o *Shelter-sea Hospital*, em Londres; a Alemanha o *Invalidenhaus*, em Berlim; os Estados Unidos da America os *Soldiers-Home*, nas principaes cidades da Republica; Portugal o *Hospital de Runa*; a Hespanha o *Cuartel de Invalidos*, em Madrid, junto da Igreja de Atocha; a Italia o *Ricovero dei Veterani*, em Milão; a Turquia o *Malja El-Kuçah*, em Constantinopla; a Austria o *Kundiz Invalidenhaus*, em Thyrnan, na Hugria; a Gregia o *Tepovoueiod*, em Athenas; o *Asilo de Invalidos* em Tres Cruces, na Republica do Uruguay; o *Asilo de Invalidos*, em Buenos Aires, na Republica Argentina, etc.; todos esses paizes têm estabelecimentos destinados unica e exclusivamente para os que lhe conquistaram renome e gloria quer nos campos de batalha, quer no serviço á patria no remanso salutar e benefico da paz.

E' uma divida que a gratidão nacional paga, honrando os seus filhos, é a identificação da mãe-pátria com os que tudo esqueceram por ella, que a ella deram tudo quanto lhe inspiraram o civismo e o patriotismo.

No Brasil o Decreto n. 43, de 11 de Março de 1840, creou na Côrte e nas provincias fronteiras do Pará, Rio Grande de S. Pedro e Matto Grosso, Asylos de Invalidos para as praças de pret, que estivessem nas circumstancias de serem reformadas, sendo estabelecido o da Côrte na Fortaleza de S. João.

Estes asylos, porém, foram pouco depois extinctos, por não se tornarem necessarios.

Comtudo, mais tarde, não podia o Governo deixar de seguir o nobre exemplo das outras nações, que fundavam asylos para os seus soldados invalidos nas guerras ou no serviço militar, e a guerra que sustentou com o Governo do Paraguay, que lhe impoz os maiores sacrificios, deixando grande numero de seus filhos invalidos pela rudeza dessa demorada, mas gloriosa campanha, despertou a generosa idéa de crear para esses um ponto a que se recolhessem e no qual, recordando passados feitos, bem disséssem a Patria que os não esquecera.

Subscrições foram abertas e outros meios foram empregados para a fundação de um Asylo.

A idéa venceu, o Asylo foi creado, mas infelizmente não corresponde elle agora aos fins patrioticos para que se destina.

Nos estabelecimentos desse genero, fundados na Europa e na America, os invalidos gosam de maior commodidade e conforto, tendo desde a alimentação abundante e boa, tratamento medico, bom vestuario, regalias especiaes e, o que é mais, particular consideração e quasi que profundo respeito e estima de todas as classes sociaes, desde o mais humilde dos homens até os que mais elevados se acham nas eminencias do poder, quer civil quer militar.

Ha pouco ainda os jornaes noticiavam que o Presidente McKinley, á porta do palacio da Casa Branca, em dia de recepção, aguardava a passagem dos invalidos da guerra apertando as mãos de cada um dos patrioticos servidores.

Ainda este anno, na Republica Argentina, os veteranos da patria foram ao palacio comprimentar o Presidente da Republica,

passando entre alas de tropas em continencia no meio das mais affectuosas acclamações do povo, que saudava os heróes mutilados da guerra, os filhos estremecidos da patria argentina.

O que vamos narrar provará a verdade desta nossa triste affirmativa, e, peza-nos dizel-o, o fazemos porque acima das conveniencias estão o cumprimento do nosso dever e a obrigação de sermos as sentinellas avançadas contra a injustiça, em favor do direito da invalidez pela patria.

O Asylo de Invalidos da Patria foi fundado no Rio de Janeiro em 25 de Fevereiro de 1865 e inaugurado na ilha do Bom Jesus, antiga da Caqueirada, em 29 de Julho de 1868, pelo Imperador D. Pedro II, em presença da Côrte, guarnição dos corpos do Exercito e da Armada e de grande numero de pessoas altamente collocadas nas diversas classes sociaes.

Tratando desta inauguração, assim se exprimio o *Jornal do Commercio* de 30 de Julho de 1868:

“Na presença de uma numerosa e escolhida concurrencia inaugurou-se hontem effectivamente, como estava determinado, o Asylo de Invalidos da Patria, na Ilha do Bom Jesus.

Foi uma verdadeira festa nacional, que liga ao dia 29 de Julho, já notavel por ser o do anniversario natalicio da Princesa herdeira do throno, mais uma recordação grandiosa e immorredoura.

Era geral o contentamento por ver realizado o sublime pensamento que se convertia, não em soberbo e majestoso edificio, muitas vezes méra ostentação de vaidade, mas em um abrigo verdadeira manifestação de caridade, seguro, modesto e commodo para o invalido da patria, para o soldao que volta mutilado do campo de batalha e precisa achar o conforto, a consolação e o amparo que lhe falta no seio da familia, para a qual, em vez do arrimo, se tornou um onus por não poder trabalhar.

Satisfez-se assim o compromisso nacional para com os defensores da honra e dignidade do paiz, para com aquelles que pela patria derramaram seu sangue e por ella se invalidaram. N'um decente asylo, na pittoresca ilha do Bom Jesus, situada na bahia desta Capital, estão elles hoje abrigados da miseria e da mendicidade.

O lugar foi bem escolhido: refrescada pelos ventos geraes, offerece a ilha por toda a parte excellentes banhos de mar, presta-se não só ao plantio de arvoredos fructiferos, mas tambem á cultura de productos de horta e jardim, e é abundante de pesca. Além de tudo isto, preenche as condições hygienicas; o terreno é elevado, favorecendo o escoamento das aguas pluviaes, e por toda a parte está exposto aos raios solares; ao mesmo tempo sem ser muito distante da cidade, está isolado de povoações."

Celebrou-se nesse dia solemne *Te-Deum* na igreja alli existente, sendo celebrante o Bispo do Ceará D. Luiz Antonio dos Santos e subindo á tribuna sagrada o Conego Fonseca Lima, executando a orchestra o *Te-Deum* de D. Pedro I, escripto em 1820.

Tradicional era essa igreja, onde D. João VI reunia selecta sociedade para assistir á festa do Senhor Bom Jesus da Columna.

A ilha que se estende de éste a oeste, tem de comprimento pouco mais de meia legua e foi primitivamente de propriedade de D. Ignez de Andrade, nora do Capitão Francisco Telles Barreto, que a doou em 1705 aos religiosos franciscanos, afim de ahi estabelecerem um hospital para convalescentes, dos mesmos religiosos, e na construcção da igreja e dos edificios annexos trabalharam muitos religiosos que eram artistas.

Antes de ser o Asylo de Invalidos estabelecido na ilha, passou o convento por diversas phases.

Em 1824 os frades cederam o convento para Hospital da Marinha de Guerra; em 1830 passou a servir de Hospital dos Lazaros; em 1850 foi Hospital dos atacados de febre amarella, tendo-se construido na base da escadaria que conduz á igreja um pequeno cemiterio; em 1852 fundou-se ahi um pequeno recolhimento e casa de educação das irmãs do Santissimo Coração de Maria, estabelecimento que pouco durou por terem fallecido irmãs e frades e outras pessoas que foram enterradas no já alludido cemiterio, em que em tempo existio um grande cruzeiro de pedra.

Em 1853 foi Hospedaria de Immigrantes; em 1855 servio de hospital de cholericos, continuando, depois da epidemia, em

Hospedaria de Immigrantes; em 1865 foi quartel dos diversos corpos de Voluntarios da Patria em transito para a guerra do Paraguay, e em 1866 servio de Hospital da Marinha.

Em 1867 passaram os invalidos do Exercito, que se achavam na fortaleza de S. João, para o edificio do convento, onde se alojavam as praças que vinham do norte com destino á guerra.

Em 15 de Outubro de 1868, depois de terminadas as obras para adaptação do Asylo foram os Invalidos da Patria que estavam na Armação transferidos para o novo Asylo na Ilha do Bom Jesus.

A Ordem Franciscana cedeu para o estabelecimento do Asylo o pequeno convento alli existente, mediante 60 apolices de 1:000\$000 cada uma, ficando, porém, a igreja e uma das cellas do convento sob immediata disposição da Ordem, e a ilha foi comprada ao Sr. Alexandre Wagner pela quantia de 97:000\$000.

O Asylo, segundo narrou o *Jornal do Commercio*, no dia de sua inauguração, em uma publicação feita sob a assignatura das iniciaes B. T., era o seguinte:

“O antigo convento da Ilha do Bom Jesus esta completamente transformado. A igreja, restaurada, apresenta um lindo aspecto, já pela sua situação no alto da eminencia em que foi construida, já pela singeleza interna de sua decoração.

Aos lados do corpo da igreja, tanto no primeiro como no segundo pavimento, ha vastissimos dormitorios, destinados sómente a este fim, e não á persistencia diaria dos invalidos, como succede nas companhias ou dormitorios dos quartéis, que são o unico abrigo dos soldados. Existem ao fundo, convenientemente construidas, as latrinas, quer de um quer de outro pavimento.

A cozinha, despensa e accomodações annexas estão de certo modo isoladas, mas com perfeito nexo com os dormitorios do grande edificio do refeitório, cuja grandeza, de 221 palmos de fundo e 45 de largo, permite que se accomodem á mesa em um só pavimento todos os invalidos.

O segundo pavimento deste edificio, meio chalet, é destinado a sala de recreio e descanso dos invalidos, sendo o terceiro pavimento morada do Commandante.

Esta grande peça do Asylo, avarandada na frente, lembrará sempre pela sua decoração externa aos nobres soldados qu' alli

têm de entrar, muitas vezes os mais queridos nomes dos seus chefes, soldados como elles e amigos seus, porque a gloria que os ennobrece é tambem obra de seus feitos e valentia.

Sobre a porta da entrada, que fica ao centro do edificio, aberta em marmore, lê-se a seguinte inscripção:

"D. Pedro II, Imperador do Brazil e Perpetuo Defensor, mandou erigir este Asylo para os bravos que ficarão mutilados na defesa da Patria. 1868."

A' direita da inscripção, em outra pedra marmore, vê-se gravado em um brazão o memoravel 29 de Julho de 1868, dia da inauguração, e á esquerda, em contraposição áquella, está uma pedra em branco, na qual se ha de gravar a data do dia em que a nação, volvendo ao seio da paz, houver terminado esta guerra a que fomos provocados pelo Governo do Paraguay.

No segundo pavimento, sobre as vergas das tres janellas da frente, ha tres escudos, tambem de marmore, com as seguintes inscripções — no centro, *Marquez de Caxias*; no da direita, *General Polydoro* e no da esquerda *Visconde de Herval*.

Sobre as janellas do terceiro pavimento gravaram-se em identicos escudos, no centro, *Conde de Porto Alegre*; á direita *Barão do Triumpho* e á esquerda *General Argolo*.

No ponto mais elevado da eminencia, em que está assentado o Asylo, construiu-se uma caixa d'agua de recepção e distribuição, a qual, alimentada por um encanamento submarino, o primeiro talvez que se fez na America, derivado da Caixa de S. Christovão e submergido da Ponta do Cajú até á ilha, fornecerá agua sufficiente a todas as necessidades do estabelecimento.

Ao desembarcar-se na ilha, está a 180 palmos distante do futuro cáes, um vasto edificio de dous pavimentos, levemente assobradado, tendo 260 palmos de frente e 80 palmos de fundo, de onde partem duas alas que se alinham pelo lado do edificio em uma extensão de 60 palmos de comprimento e 45 de largo.

A direita desta grande habitação está designada, no pavimento inferior, para as irmãs de Caridade, tendo em cima a enfermaria bem ventilada, que é um grandissimo salão com capacidade para 60 leitos, pelo menos. Ha annexos, salas de banho,

latrinas, etc. Na ala da direita está a cozinha das irmãs de Caridade, suas dependencias e bem assim sua capella particular.

A esquerda é reservada para a Secretaria, arrecadação, Casa da Ordem, Estado-Maior, Botica, tendo tambem em baixo uma cozinha e refeitório para os officiaes invalidos, cujos aposentos são no pavimento superior.

A' entrada, sobre o patamar da escada principal, está em uma pedra a seguinte legenda: "*No Reinado do Sr. D. Pedro II, sendo Ministro da Guerra o Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, erigio-se este edificio — 1868.*"

Ao fundo desta casa e a conveniente distancia ha um gazometro, assentado pelo Sr. Dutton, e que dará luz para todos os edificios, perfeitamente illuminados.

Todos os edificios serão guardados por *pára-raios*, que por falta de tempo não foram assentados, mas que estão promptos."

Foram engenheiros architectos de todas estas obras o Sr. Coronel Antonio Carneiro Leão, Director das Obras Militares e os seus ajudantes Dr. Carlos Frederico de Lima, Dr. João da Rocha Fragoso, Dr. Cornelio de Barros e Azevedo e Dr. Miguel A. J. Rangel de Vasconcellos.

Repitadas queixas chegaram á redacção do *Jornal do Commercio* sobre o estado de abandono em que se achava o Asylo.

Tantas foram ellas, que ha tempos enviámos á Ilha do Bom Jesus um nosso representante para de *visu* conhecer a veracidade das queixas.

Effectivamente eram justas e mereciam ser de prompto sanadas.

Repugnava-nos então dar publicidade minuciosa do estado do Asylo, contando com as providencias que se esperavam fossem tomadas pelo Quartel-Mestre General, Sr. General Santiago, que havia visitado o estabelecimento e que mostrava-se interessado em melhorar a situação dos invalidos alli recolhidos.

Como, porém, fossem improficuas as medidas tomadas, a julgar peio estado cada vez mais deploravel em que se acham aquelles servidores da patria, resolvemos hoje publicar as notas que colhemos em uma recente visita, depois de uns ligeiros reparos que foram feitos no edificio.

O clima da ilha é mais saúbre que o da Capital e isto vê-se pela inanidade que têm tido seus habitantes nas épocas em que grassam as epidemias.

O sólo é fertilissimo e presta-se a todas as culturas, principalmente á de canna, legumes e fructas, de que abastece abundantemente o mercado na estação propria, sem que entretanto haja cultivo sério e desenvolvido.

A sua população é actualmente superior a 700 almas.

Dos 46 predios que existiam em 1869, todos pertencentes ao Estado, apenas existe uma meia duzia em ruinas, graças ao abandono e á indifferença.

Os invalidos construíram á sua custa, por toda a ilha, 36 casinhas (ranchos), onde habitam com suas familias, já por falta de accommodações no Asylo, já para evitar a morada em velhos pardieiros, que ameaçam ruinas.

Estes ranchos são feitos a sopapo, sendo apenas cobertos de telha cerca de treze e os demais de zinco e palha.

Conta o Asylo actualmente 455 invalidos do Exercito e 57 da Marinha, bem como 46 mulheres das praças e 46 crianças filhos dellas, a quem o Governo mantém abandonando, além de luz, casa, medico e remedios, uma etapa em dinheiro para cada mulher e uma para cada criança (filho mais velho) ou meia, conforme a idade.

Estas mulheres e estas crianças em nada se occupam e nem ao menos têm uma escola para aprender a lêr.

Logo ao desembarcar na ilha notamos o abandono em que está a instituição, acobertada com o pomposo titulo de Asylo de Invalidos da Patria.

O capim cresce com abundancia e o local, que se prestava para um bello e formoso jardim, apenas ostenta vistosas palmeiras enfileiradas em frente do edificio, ennegrecido pela acção do tempo, pela falta de pinturas e de concertos externos e internos.

No da ala esquerda ergue-se um longo andaime que alli apodrece ha quatro annos, cercando essa parte que, apesar de retelhada de novo, mostra as paredes apenas com o rebôco e esboroadas em diversos pontos.

As pessoas pouco affeitas a essa ordem de construcção não conseguem avaliar o quanto é absurda a architectura das facha-

das do edificio e o quanto é pouco pratica e pouco criteriosa a distribuição interna desse colossal barracão de triple-estruque e cal.

Mas, quem transpuzer a entrada principal de uma ou outra ala do edificio, sente certa oppressão ao reparar nas escadas velhas, immundas, deixando á mostra os montantes lateraes de estuque sem rebôco e os forros azebrados pela humidade que se escôa pelas paredes e onde existem faltas de taboas.

Galgando a escada da ala direita, no segundo pavimento, o visitante sente as exhalações das immundas latrinas sem agua, sem portas, sem tampas e sem a menor attenção aos preceitos da hygiene.

E' nesta ala do edificio que se acham os quartos reservados aos officiaes.

Residem nestes quartos cinco officiaes invalidos, solteiros.

Escusado é repetir que esses quartos são immundos e repugnantes. Soalhos pretos e ennegrecidos pela falta de asseio, paredes, portas, etc., reclamando de ha muito uma mão de tinta. Enormes teias de aranha, vidros partidos nos caixilhos, por onde penetra a chuva, o embôco das paredes esboroado, caixas de sabão e de kerozene servindo de mesa de jantar e de assento, de lavatorio e de fogão.

Velhas camas de ferro enferrujado, com as molas partidas e sem taboas e sobre ellas colchões immundos e travesseiros que reclamam de ha muito um lugar na ilha da Sapucaia.

E o official pobre, que só tem 60\$000 por mez para manter-se e para vestir-se, não póde melhorar a sua habitação, porque dessa quantia pouco lhe resta nas sobras da alimentação, e mesmo o colchão e o travesseiro, que já serviram a outros, são emprestados da arrecadação por concessão generosa do Commandante do Asylo.

O estabelecimento não fornece ao official nem um accessorio de cama ou de quarto, de maneira que para lavar o proprio rosto é preciso que comprem bacia.

Com o pequeno vencimento que recebem esses officiaes, que mal chega para as despesas da alimentação, vêem-se na necessidade até de cozinharem e, o que é mais, retrahem-se á pre-

sença de qualquer visitante, por não terem roupa decente para apresentarem-se.

A ala esquerda do edificio está dividida em dous vastos salões, um terreo e outro superior, o qual está subdividido em pequenos cubiculos de madeira, onde residem com suas familias algumas praças casadas.

No pavimento terreo vimos, em um vasto salão, atravancado de ferros velhos, madeiras, etc., a colossal estatua equestre do artista Chaves Pinheiro, representando o Sr. D. Pedro II em Uruguayana, trabalho este que muito honra a quem o executou e que no estabelecimento deveria ter melhor e mais adequada collocação.

E a proposito de Bellas-Artes, não podemos deixar passar sem referencia o acto praticado com os dous trophéos em alto relevo que se acham no topo do patamar das escadas das alas direita e esquerda.

Esses trophéos, trabalho delicado de arte, devido ao cinzel do notavel esculptor José Berna, já fallecido, não escaparam ao zelo de alguns patriotas, que entenderam ser de boa justiça perante a historia e obra de acendrado patriotismo mutilar tão bello trabalho em marmore e pela simples razão de estarem representadas tambem em alto relevo as armas da Nação na época da inauguração do estabelecimento.

Tambem devido ao cinzel de José Berna, pai dos illustres artistas Benevenuto Berna e Ludovico Berna, o primeiro continuador das glorias artisticas da arte paterna, a estatuaria, o outro, architecto laureado com os primeiros premios da ex-Academia das Bellas-Artes, eram os tympanos de marmore dos frontões das entradas e cuja composição decorativa representava as armas de guerra.

Hoje esses tympanos de marmore jazem dispersos em fragmentos de todas as dimensões nos quatro cantos da ilha.

Ha muito tempo que as praças invalidas viviam em meio da mais repugnante immundicie, visto como os alojamentos do asylo estavam todos em pessimas condições hygienicas, habitando velhos pardieiros, esburacados e sujos e onde a chuva penetrava á vontade e com abundancia.

Além disso, é completa a falta de hygiene que alli se observa, pois que as praças invalidas, por falta de severa inspecção, dormem em colchões immundos, em velhas camas ou tarimbas sem a necessaria pintura, sem lençol e sem fronhas, o que dá aos alojamentos um aspecto de desleixo e de abandono inacreditaveis.

Em um pateo rectangular e de um e outro lado de altas paredes, vê-se ao fundo uma porta que dá acesso para um compartimento que a principio sahia de uma penumbra enquanto lá fóra o sol do meio dia inundava de luz o mar e a vasta ilha. Era a cozinha do Asylo.

Escura e immunda, tendo quasi todo o sólo esboroadado e onde o ar difficilmente se respirava, tal era a immensa nuvem de fumaça que se desprendia do fogão, velho, completamente arruinado e onde eram apenas aproveitados dous dos buracos destinados aos caldeirões.

Dous soldados invalidos exercem alli as funcções de 1.º e 2.º cozinheiros.

E' verdade que actualmente restauraram o edificio ao lado da igreja, que é o alojamento das praças e o refeitório.

Este corpo de construcção compunha-se de dous pavimentos e acabava em terraço.

A adaptação actual pedia um telhado, em vez de terraço, visto que os salões dos 1.º e 2.º pavimentos destinam-se ao alojamento das praças e o terreo ao refeitório.

O terraço foi desmanchado e, ahi, collocaram uma cobertura, que é de duas meias aguas.

No primeiro pavimento notámos que uma grade de ferro fundido acompanhava o primeiro lanço da escada, e que como decoração da mesma grade existiam as armas do Brasil, no antigo regimen, tambem de ferro fundido, artistico trabalho este, que tivemos occasião de ver, atirado ao chão e quebrado a martello, pouco antes da nossa visita.

A pintura externa geral dessa construcção é de côr amarella, de óca, côr predilecta dos mestres de obras pouco zelosos de seus creditos artisticos e o pedaço da platibanda foi pintado côr de azeitona secca.

Latrinas foram collocadas no alojamento unicamente por luxo, pois que não existe encanamento para o serviço das mesmas.

Não tem o asylo mesas dignas de figurarem no refeitório, porque as duas que vimos, apesar de serem de marmore, precisam as guarnições de prompta pintura.

Os dous edificios que se acham situados na praça da ilha e a que já nos referimos carecem de sérios e promptos concertos, quer internos, quer externos, pois não offerecem segurança alguma, e a demora em tomar-se essa providencia pôde occasionar desastres.

Os edificios achaletados que ficam aos lados da igreja precisam de immediatos concertos internos e externos, pois que a varanda de um delles ameaça proxima ruina.

A igreja data do anno e 1705, segundo se lê no portico que dá accesso para o convento.

De accôrdo com a architectura adoptada nesta construcção, a igreja é de uma só nave, como todas as de estylo jesuitico.

Na frente vê-se uma arcada triplíce, formando o portico. O interior da igreja nada apresenta de notavel, a não ser a lapide de marmore lioz que cobre a sepultura do D. Abbade Menezes, que se acha quasi no centro da capella-mór e tem a seguinte inscripção:

“S.^a DO PR.^o PADROEIRO DESTE CONVENTO ANTONIO TELLES DE MENEZES E DE TODOS OS SEUS DESCENDENTES, Q' NO DIA 28 DE ABRIL DE 1757 EM Q' FALLESEO.”

Debaixo do arco cruzeiro, no soalho de madeira, ha uma porta de fórma rectangular, que mede um metro sobre dous de comprimento, a qual dá entrada á crypta do convento e que, partindo dahi ia terminar no lado opposto da ilha, mas hoje está tapada por grossa parede.

O côro, na parte inferior que fórma o tecto, sobre a porta principal de igreja, está decorado com bellas pinturas ornamentaes feitas com aquella correcção e sobriedade, cujo segredo guardaram os artistas dos seculos XVII e XVIII.

Vimos no côro as cadeiras de jacarandá massiço da época monastica, cuja severidade de construcção impõe profundo respeito.

O claustro do convento compõe-se de dous porticos de arcadas baixas e sobrepostas e nas duas outras faces apenas ha portas communicando com o interior do convento.

No centro vê-se ainda a cisterna, que é de cantaria lavrada.

Ahi tudo inspira tristeza. Aguas estagnadas, paredes cobertas de humidade e esverdeadas pelo limo, portas artisticas em ruinas, emfim, um convento em completo abandono.

Comtudo, apesar dessa tristeza que inspira ao visitante, nesse claustro deserto e em ruinas, fulge um raio de luz que espadana no conjuncto da architectura "barrôca".

Uma porta de madeira da antiga capella, trabalho typico de talha dos tempos coloniaes, ameaça desprender-se dos gonzos, quando bem poderia ser aproveitada para o Museu Nacional.

O desenho dessa peça é de um primor artisticamente acabado. Notavel tambem é o trabalho das portas de madeira da entrada principal da igreja, que merecem ser concertadas, como documentos archeologicos da arte ornamental do seculo passado no nosso paiz.

E isto evitará que de novo as broxas dos pintores de casas cubram outra vez de camadas de tinta verde os bellissimos lavo- res que a ornamentam.

Possue a igreja, além de antigas imagens, um velho altar, que está na sacristia e que servio na capella mortuaria do convento, onde esteve o corpo embalsamado do legendario Marquez de Herval.

O gazometro que fornecia luz para todas as dependencias do asylo já de ha muito que não existe, sendo ellas illuminadas por parques lampeões de kerozene e algumas lampadas belgas.

Enfermaria não existe, pois foi substituida por uma pequena ambulancia deficiente, como tambem não tem uma pharmacia que possa, de momento, socorrer aos que enfermarem.

As praças não têm um banheiro e o fogão para as que têm familia é commum, pois está no pavimento terreo do alojamento dos casados e consta de um grosso paredão de tijolo com 36 bocas, e isto mesmo em pessimas condições.

O fardamento das praças, além de mal confeccionado, é distribuído tardiamente, tendo ellas chegado a passar tres annos em que apenas lhes foram abonados sapatos, camisas de algodão e lenços de chita!

A tabella de fardamento e roupas de cama que devem ser distribuidos ás praças do Asylo, quer do Exercito, quer da Armada, é a seguinte:

	3 MEZES		6 MEZES	
	31 DE MARÇO, 30 DE JUNHO, 30 DE SETEMBRO, 31 DE DEZEMBRO		DE 30 DE JUNHO A 31 DE DEZEMBRO	
	Botinas (par)	Camisa de algodão	Calça de brin branco	Calça de brin pardo
Peças de fardamento.....	1	1	1	1
			Camisola de brin pardo	1
			Ceroula de algodão	1
			Colecha de chita	1
			Fronha de algodão	1
			Lenços de chita	2
			Meias de algodão (pares)	2
			Lençol de algodão	1

	1 ANNO			2 ANNOS	4 ANNOS
	EM 31 DE DEZEMBRO DE CADA ANNO			EM 31 DE DEZEMBRO DE CADA 2 ANNOS	EM 31 DE DEZEMBRO DE CADA ANNO 4 ANNOS
	Bonet de panno azul f. rrete				
	Bonet redondo sem pala para serviço interno				
	Calça de panno azul fer ete				
	Calça de ganga azul				
	Camisola de baeta azul				
	Divisa de panno garance				
	Gravata de couro envernizado.				
	Sobrecasaca de panno azul.				
	Cobert r de lã encarnado				
	Capote de panno alvadio				
Peças de fardamento.....	1	1	1	1	1

OBSERVAÇÕES

1.^a O bonet, sobrecasaca, calça e botinas, conforme o plano dos uniformes e as demais peças do fardamento, não terão vivos nem vistas de côres.

2.^a Os inferiores não usarão banda de lã.

3.^a O fardamento de panno azul para os sargentos-ajudantes e quartel mestre será de panno fino.

4.^a As praças que nas épocas de vencimento das peças de fardamento tiverem mais da metade do tempo da duração para cada peça têm direito a recebê-las, excepto, porém, o capote e a roupa de cama, que receberão depois de vencidos.

5.^a Ao invalido que fôr incluído no Asylo, sem ter fardamento algum, se abonarão a vencer, para ser descontados quando vencidos, um par de botinas, um bonet redondo sem pala, uma camisola e calça de brim pardo, uma camisa e ceroula de algodão, dous lenços e dous pares de meias.

6.^a Os asylados que residirem fóra do estabelecimento, na Capital Federal ou nos Estados, sómente receberão bonet, sobrecasaca e calça de panno azul, calça de brim branco e botinas.

A ordem do dia regimental n. 996 de 17 de Setembro de 1897 determina que para as praças da Armada licenciadas com soldo e etapa não se tira fardamento algum.

7.^a O asylado que desertar, quando se apresentar perderá o direito a todo o fardamento que houver vencido.

O rancho é, comtudo, preparado com algum cuidado, sendo os generos de boa qualidade.

O actual Commandante esforça-se com zelosa dedicação para melhorar a situação do Asylo, cuja verba para mantel-o é deficiente.

E' assim que se fez preparar em um terreno em frente á sua residencia e junto ao mar uma boa e abundante horta que fornece todos os legumes para o Asylo, resultando uma economia mensal de cerca de 200\$, que são empregados em outros melhoramentos do Estabelecimento.

Muitas reclamações nos foram apresentadas por praças invalidas, das quaes citaremos as seguintes, por nos parecer reclamação de prompta providencia:

Invalidos: Basilio Fernandes perdeu os dous pés em combate, precisa de um novo apparelho *bota-pilão* para poder caminhar, visto estar o que possui completamente gasto.

Antonio Martins da Silva Ramos, paralytico, não tem muleta.

Manoel Fernandes de Souza perdeu as pernas, precisa de um apparelho para caminhar.

Antonio Manoel dos Santos precisa de muleta.

Francisco Fernandes Ferreira perdeu as pernas, tem muleta ordinaria de páo comprada á sua custa.

José Calixto Machado tem muleta ordinaria que adquirio tambem á sua custa.

Francisco Virgolino de Souza fez a campanha do Paraguay, requereu reforma e ainda não obteve.

João Telles de Menezes, enviuvando, casou com a viuva de outro companheiro de armas que residia no Asylo e que recebia étapa, bem como um filho.

Suspenderam a étapa que ella e o filho recebiam.

Ainda mais, por occasião da revolta, Menezes vivia em uma casinha, que construiu no alto da Ilha e em cuja construcção gastara 1:113\$000.

Sendo necessario esse ponto, o Governo collocou bocas de fogo junto á casinha e fez della deposito de munições.

A casa ficou arruinada e o pobre invalido reclamou.

Examinada por profissionaes, por parte do Governo, foram avaliados em 700\$ os concertos de que ella necessitava.

Até hoje espera que lhe entreguem o dinheiro ou que a mandem concertar, pois ameaça ruina.

José Maria dos Santos, precisando levar a Sergipe sua velha mãe e uma irmã, requereu licença sem tempo e passes para a viagem.

Deram-lhe a licença e negaram os passes.

Arthur José Pinto precisa de uma muleta.

Queixam-se ainda que se lhes deve fardamento de 1897.

A prisão destinada aos invalidos que commettem faltas disciplinares é impropria de um estabelecimento humanitario, pois que, além de ser excessivamente humida, nem barras de ferro sufficientes tem para os presos, obrigando-os a dormir no sólo ou nos vãos das janellas junto ás grades.

A Secretaria, o Estado-Maior, emfim as dependencias da Administração do Asylo resentem-se da falta de moveis apropriados para o serviço e condignos com o estabelecimento, que bem pôde ser visitado por estrangeiros que extranharão tamanho abandono em um Asylo de Invalidos da Patria.

O telephone não funciona e o estabelecimento não possuiria um cofre, se o zelo do actual Commandante não mandasse construir uma arca de madeira cintada de ferro.

No Asylo reside um medico do Exercito, o Sr. Dr. Bagueira, que presta seus bons serviços profissionaes ás praças invalidas e aos moradores do estabelecimento e de toda a ilha.

Os invalidos crearam no anno passado a Irmandade do Senhor Bom Jesus da Columna, cuja administração ficou assim constituída:

Presidente, o sargento da Armada Gabriel Francisco do Nascimento; Vice-Presidente, a praça da Armada Manoel Pedro dos Santos; 1º Secretario, a praça do Exercito Pedro da Costa Ramos; 2º Secretario, o sargento do Exercito Izidro José da Silva; Thesoureiro, o sargento do Exercito João Paulo do Espirito Santo; Procurador, a praça da Armada Cornelio Maciel.

Esta Irmandade, que é também beneficente, teve como iniciadores o sargento da Armada Casimiro Cavalcante de Albuquerque e a praça da Armada Manoel Pedro dos Santos.

Por iniciativa do Major Asylado Frederico Severo de Souza Pereira, que ha doze annos serve no Asylo, acaba de ser fundada em um dos salões do estabelecimento cedido pelo Sr. Ministro da Guerra, que forneceu os utensilios necessarios, uma escola mixta primaria elementar, para as crianças residentes na ilha.

Para essa escola, que se denominará *Honorio Ribeiro*, concorre a Associação Commercial com a quantia mensal de 300\$, quantia esta que será despendida com o ordenado dos professores e expediente.

O programma da escola comprehende leitura, escripta, arithmetica até proporções, systema metrico, historia do Brasil, noções de cousas, desenho geometrico e de figura, escripturação militar, gymnastica, labores, economia domestica e córtes de roupas.

A escola distribuirá annualmente diplomas de honra e de quatro em quatro annos duas medalhas de ouro e duas de prata aos quatro alumnos mais distinctos que concluirem o curso.

Estes premios serão denominados: *Patria, Visconde de Tocantins, Exercito e Armada*.

Conta a ilha do Bom Jesus mais de 153 crianças analphabets e é para lamentar que só agora e isto devido á iniciativa patriotica e humanitaria do Sr. Major Frederico Severo, se tenha tratado de tão urgente assumpto.

'E' de esperar que o Governo e o povo brasileiro não deixarão de auxiliar e proteger a novel instituição que, sob tão bons auspicios, começa.

Vem de molde fazer aqui algumas considerações sobre o modo por que o Ministerio da Guerra tem procedido com os officiaes e praças asyladas, no tocante á etapa.

O art. 5º das instrucções para o Asylo, publicadas em ordem do dia do Exercito n. 546, de 26 de Abril de 1867, dispõe: que aos officiaes e praças de pret do Asylo serão abonadas etapas, que serão recolhidas a uma caixa, pela qual se fará a despeza da alimentação dos mesmos officiaes e praças."

No entanto, o Sr. Marechal Vasques, quando Ministro da Guerra, baixou um aviso, declarando que os officiaes asylados eram pensionistas do Estado e, portanto, não tinham etapa, pelo que apenas devia a Pagadoria abonar-lhes, indistinctamente, de alferes a coronel 60\$, que qualificou de quantitativo para alimentação; entretanto, logo depois, mandou que se pagasse 78\$ a alguns majores, quantia esta correspondente á etapa daquelle posto pela tabella de 1890.

Ficaram, pois, taes officiaes com etapa, ao passo que seus companheiros com os mesmos postos e alguns mais graduados continuaram com os 60\$, isto, não obstante no disposto no art. 2º do decreto n. 496 A, de Novembro de 1890, que diz: "Os officiaes addidos ao Asylo têm etapa."

Em 10 de Agosto do anno findo, um official asylado requereu ao Congresso augmento do tal quantitativo (60\$) e taes razões allegou, tão poderosas foram ellas, que a Commissão de Orçamento e a Camara pronunciaram-se unanimemente em favor dos asylados, consignando verba para pagamento de etapas aos officiaes asyados pela tabella vigente e ainda mais tornou extensiva a medida ás praças asyladas reformadas com honra de posto incluídas no Asylo.

Approvada a lei pelo Senado e sancionada pelo Presidente da Republica, não foi cumprida pelo Ministerio da Guerra, sob o futil pretexto e erronea interpretação da rubrica 11 da lei do orçamento que assim se exprime:

E'tapas... diminuida de 164:195\$ por annullação do decreto n. 2.881, de 18 de Abril de 1898, contempladas nesta rubrica as etapas dos postos creados por decreto de 25 de Novembro de 1892 e a dos Invalidos da Patria, de accôrdo com o art. 10 do decreto n. 496 A, de Novembro de 1890, etc.

O art. 10 deste decreto diz: "As praças reformadas, tendo honras de posto, quando recolhidas ao Asylo, têm direito á etapa de suas patentes."

Vê-se, pois, que o legislador quiz, invocando tal artigo, tornar extensivo ás mesmas praças, muitas das quaes ainda recebiam e recebem etapa de praça de pret, a mesma etapa que aos asylados compete como officiaes.

E tanto isso é real, que na rubrica 12 diz: "*Classes inactivas idem, idem, com a reduccão de 99:645\$ de etapas aos asylados, que passaram a ser comprehendidos na verba geral—E'tapas.*"

Estes 99:645\$ eram a dotação dos orçamentos anteriores e os officiaes asylados o *quantitativo* de 60\$ para alimentação.

Não tratou, pois, o Congresso de tabella especial para os asylados.

Deprehende-se da lei do orçamento deste anno, que os officiaes e praças asylados têm direito á mesma etapa que os effectivos do Exercito, e se assim não fôra, seria uma redundancia o disposto na rubrica 12 da mesma lei e o legislador teria determinado a tabella por onde deveriam perceber, se não quizesse que a etapa fosse pela que está em vigor para o Exercito.

Assim não aconteceu.

O honrado Sr. Ministro da Guerra ordenou, em Janeiro, que a Contadoria continuasse a pagar aos officiaes os antigos 60\$ e assim se lhes pagou em Janeiro e Fevereiro, descontando-se-lhes 2 % da lei.

Em Março nova interpretação baixou.

Mandou-se pagar a tres praças reformadas com honras de posto, incluidas no Asylo, etapas pela tabella de 1890, e, aos demais officiaes, os minguados 60\$, fosse qual fosse o posto.

E' preciso narrar ainda aqui o seguinte caso: !

Entre os officiaes asylados, cinco officiaes superiores tinham etapa do posto, ao passo que os demais companheiros de identicas graduações e outros mais graduados, em peiores condições pecuniarias venciam os mesmos 60\$; pois bem, agora o Ministerio da Guerra nivelou os cinco aos demais, com excepção de um coronel honorario e major reformado, a quem mandou abonar a etapa de *major*.

Por que essa excepção?

Allega-se que o coronel está muito doente, desempregado e que tem muitos e relevantes serviços prestados ao Estado.

E os outros cinco asylados não têm também taes serviços? Não estão enfermos e inutilizados?

Ha entre os cinco officiaes um major que tem relevantissimos serviços de guerra e que ainda ha dous annos exercia um cargo

importante no Asylo. Este official acha-se completamente paralytico, pauperrimo e onerado de familia e o unico vencimento que tem agora para todas as necessidades são 58\$000!

E' caso para ser tomado em consideração pelo Governo.

A étapa da praça de pret do Asylo, quando desarranchada, é de 1\$ diarios e quando arranchada de 1\$370.

A citada lei do orçamento não cogitou de tal differença entre arranchados e desarranchados, nem existe disposição alguma a respeito.

Pois, quando a praça tem de comprar generos directamente no mercado, quando tem o recurso dos preços da tabella do contrato com os fornecedores e que se lhe cerceia os meios de aquisição dos generos de primeira necessidade?

E' admiravel, e o que mais admiravel se torna é o equilibrio financeiro dos pobres invalidos, muitos dos quaes sobrecarregados de numerosa familia.

Os invalidos da Armada têm direitos adquiridos, pois contribuiam mensalmente com o vencimento de um dia, quando estiveram em serviço activo, especie de montepio, que deve dar-lhes mais conforto e melhor tratamento.

Segundo nos informaram, a étapa e todos os soccorros que recebem, á excepção do soldo e fardamento, que são pagos pelo Ministerio da Marinha, são prestados pelo Ministerio da Guerra, isto é, casa, luz, medicamentos, hospital, funeral e etapas da tabella vigente no Exercito para cada praça solteira e quando casada ainda a étapa para sua mulher e outra inteira ou meia, conforme a idade, para o filho ou filha mais velha, estendendo-se este beneficio á viuva e filho, quando fica, por morte do asylado, residindo no estabelecimento.

O Ministerio da Marinha paga aos seus invalidos não asylados apenas 400 réis de étapa diarios, mas nem mesmo esses 400 réis recebe o da Guerra, emquanto estão asylados, havendo, pois, uma differença de 300^o/_o e mais, em favor do marinheiro invalido que se aquartela no estabelecimento.

Em seu relatorio de Abril de 1893, o Sr. Almirante Custodio de Mello, então Ministro da Marinha, assim se exprimio em relação á contribuição feita pelas praças da Armada para o Asylo de Invalidos:

“Ha factos que realmente não se explicam e no numero destes está o de haverem contribuido até hoje os marinheiros nacionaes, desde 1848, data da criação do Asylo, com 1 dia de soldo para sua manutenção, ao passo que os soldados do Exercito nunca fizeram contribuição alguma e, no emtanto, gozam dos beneficios desta instituição.

Entendo que, por equidade, deve o Congresso mandar cessar essa contribuição, estabelecendo-se um asylo separado para os marinheiros, o qual será custeado com subsidio do Governo, se não gastar os juros do capital que existe em caixa, provenientes da mesma contribuição e que monta a 757:837\$530, não incluindo nesta quantia importancia dos juros, á razão de 5% ao anno, por ignorar a quanto montam elles, apesar de já haver pedido ao Thesouro Nacional informações a respeito.

Um dos governos da Monarchia teve a idéa que acabo de propôr, chegando-se a comprar com o producto da referida contribuição o edificio onde funciona a Escola de Aprendizes Marinheiros n. 8.

Se não fôr aceito aquelle alvitre, proponho outro, talvez melhor, que consiste em continuar a contribuição para com o producto della e com o capital existente crear-se para os marinheiros a caixa de invalidos, *ad instar* do que está adoptado na Marinha franceza.

Para estudar este e outros assumptos, foi á Europa o Capitão-Tenente Carlos Vidal de Oliveira Freitas.

Ha desigualdades que convém reparar em relação á contribuição, a qual para alguns inferiores é tirada dos vencimentos e para outros só do soldo.”

No Ministerio do Sr. Almirante Barbosa attingio essa contribuição a 834:037\$218, sendo suspensa por Decreto n. 477, de 9 de Dezembro do anno proximo passado, ficando então arrecadada a quantia de 836:495\$514.

Se o Ministerio da Marinha indemnizasse ao da Guerra de todas as despesas feitas com as praças da Armada asyladas, ficaria mais desafrontado o orçamento da Guerra no tocante ao estabelecimento, podendo assim ter margem para melhorar as condições dos asylados e do edificio.

Com relação á subscrição popular para fundação do Asylo e criação da Sociedade de Invalidos da Patria existem as seguintes informações:

Em uma das sessões do Senado, tratou um dos seus membros do Asylo de Invalidos e foi dirigida ao Presidente da Republica uma mensagem, pedindo informações sobre o mesmo.

Em 22 de Julho remetteu o então Presidente, Sr. Dr. Prudente de Moraes, a exposição que lhe foi apresentada a respeito pelo então Ministro da Guerra, o Marechal Bernardo Vasques.

Nessa exposição refere o Sr. Ministro como foi constituida a Sociedade, denominada Asylo de Invalidos da Patria, e qual a intervenção do Governo nella.

Essa sociedade foi constituida por meio de uma subscrição popular e na fórma dos estatutos com o fim de concorrer e auxiliar o Governo na fundação de um asylo para recolher e tratar os servidores do paiz, invalidos ou mutilados, proteger a educação dos orphãos dos militares mortos em campanha, prestar soccorros ás mãis, viúvas e filhos desses militares ou dos impossibilitados do serviço.

A duração seria por todo o tempo que existisse o Asylo e como pertencesse ao Governo a administração e regimen desse Asylo, a mesma Sociedade considerada como elemento auxiliador seria representada e dirigida por um Conselho, composto de presidente e vice-presidente e dous conselheiros, sendo os dous primeiros de nomeação do Governo e os outros por eleição dos socios. Que a Sociedade teve os estatutos approvados pelo Governo, por Decreto n. 3.904, de Julho de 1867, e a administração do Asylo era independente da Sociedade. Que o requerimento da fusão da Sociedade com a Associação Commercial teve impugnação por parte do Ministro da Guerra de então, Conselheiro Junqueira, que indeferiu a pretensão da Associação em 14 de Outubro de 1885, justificando desenvolidamente o seu despacho.

E no emtanto, em virtude de resolução de Abril de 1888, tomada sob consulta do Conselho de Estado, foram subrogados á dita Associação os direitos e as obrigações da Sociedade Asylo de Invalidos da Patria, averbando-se em nome da Associação as apolices pertencentes ao Asylo.

Quanto á pergunta do Estado em que se achava a acção que o Governo mandou proceder para salvaguardar o patrimonio da Sociedade, declarou o Sr. Ministro que ainda não tinha sido promovida a que se pretendia intentar por se aguardar a remessa dos documentos solicitados ao Ministerio da Fazenda, que foram nessa data recebidos e que constam da seguinte communicação:

“Sr. Presidente da Republica—Para satisfazer ao pedido de esclarecimentos que vos foi dirigido pelo Senado Federal, em mensagem n. 17, de 15 de Junho ultimo, tenho a honra de informar-vos relativamente ao 5º e 6º quesitos da referida mensagem:

1.º Que existem actualmente inscriptas na Caixa de Amortização, como patrimonio da Sociedade Asylo dos Invalidos da Patria, 1.519 apolices do valor nominal de 1:000\$ cada uma e 10 de 500\$, as quaes, conforme vos dignareis de ver da demonstração junta, submetto á vossa apreciação, organizada pela repartição citada, foram adquiridas por aquella Sociedade, de 20 de Abril de 1865 até esta data, umas por compra e outras por meio de doação.

2.º Que os juros desses titulos, na importancia semestral de 38:100\$, têm sido pagos ao Thesoureiro da Associação Commercial, Hermano Joppert, em virtude da Portaria deste Ministerio n. 107, de 4 de Setembro do anno passado.

Capital Federal, 20 de Julho de 1896.—*Francisco de Paula Rodrigues Alves.*”

O numero de apolices de 1:000\$ era de 1.799 e de 500\$, dez.

Foram deduzidas desse patrimonio 280 apolices, sendo 220 por transferencia ao Barão de Itacurussá, por compra do palacete destinado á fundação do Collegio Militar e 60 ao Convento dos Franciscanos para utilização do Convento e igreja na ilha do Bom Jesus, pelo que as apolices de 1:000\$ ficaram reduzidas a 1.519.

As apolices transferidas ao Convento dos Franciscanos foram as de ns. 236.904 a 236.963.

As transferidas ao Sr. Barão de Itacurussá foram as de ns. 257.294 a 257.313, 21.705, 21.706, 56.583, 56.584, 163.056 a 163.058, 141.984, 27.321, 21.640, 30.673, 23.595, 24.710, 165.689, 178.909, 108.945, 108.946, 94.512. 71.690,

a 71.692, 76.191, 239.244, 133.181, 104.643, 165.556 a 165.565, 142.421 a 142.430, 197.301 a 197.305, 209.158 a 209.163, 273.029 a 273.061, 265.408 a 265.443, 229.340 a 229.369, 204.323 a 204.325, 14.425, 14.426, 19.774 a 19.778, 35.537 a 35.541, 35.543, 1.939, 1.940, 37.763, 37.764. 42.551, 43.138 a 43.140, 49.722, 83.397, 83.398, 124.445 a 124.447, 257.977 a 257.979, 24.132, 24.133, 25.545, 45.099, 45.100, 126.645 a 126.648, 162.536 a 162.538.

Como se vê, desse patrimonio foram retiradas 220 apolices para a criação do Collegio Militar e no emtanto os filhos dos invalidos da patria que deveriam ser alli admittidos de preferencia, estão pelo Regulamento do Collegio em 5º ou 6º lugar, na admissão, se não nos enganamos, achando-se o Collegio cheio de filhos, na maior parte, de officiaes promptos, reformados ou honorarios e paisanos.

O Asylo é commandado pelo Coronel Victorino dos Santos Silva, tendo como fiscal o Coronel honorario Arnaldo Adolpho Alvares de Almeida Guimarães, como Secretario o Tenente honorario Candido Reynaldo da Rocha, ajudante o Capitão honorario Julio Soares de Andréa, quartel-mestre o Major honorario Manoel José Gomes de Carvalho e medico o de 4ª classe do Exercito Dr. Joaquim Bagueira do Carmo Leal.

Commandante da 1ª companhia o Major honorario Eloy Martins dos Santos Jacome e da 2ª o Major honorario Augusto Rodrigues da Silva Chaves; subalternos Tenentes honorarios João Alves da Silva Corrêa e José Vieira da Costa, Alferes Alipio de Souza Brandão e Ernesto Zeferino Duarte Nunes.

Foram estas as informações que colhemos e as impressões que trouxemos da nossa visita ao Asylo dos Invalidos.

Cabe aos Poderes Publicos tomal-as na consideração que merecerem, lembrando-se, porém, de que nesse estabelecimento vive um punhado desses heróes anonyms que engrandeceram a patria e que levaram á posteridade os vultos legendarios de Caxias e de Osorio.

PAULA NEY

Fazer um estudo psychologico da individualidade do grande, do extraordinario reporter, cuja morte ainda hoje pranteamos, é para o autor destes despretenciosos perfis tarefa superior ás suas aptidões e aos seus conhecimentos.

Deseja apenas fixar um ou outro traço, uma ou outra nota interessante que accentue mais vivamente a personalidade desse fidalgo espirito, cuja verve e alta intelligencia o tornaram um dos mais populares e apreciados dos finos bohemios desta Capital, e consignar os movimentos irresistiveis da sua espontaneidade natural e o que é mais—os rasgos de alevantados sentimentos de caridade e de philantropia que lhe eram tão peculiares e tão d'elle.

Francisco de Paula Ney nasceu no Estado do Ceará a 2 de Fevereiro de 1858.

Filho do Capitão da Guarda Nacional Mariano de Mello Ney e de D. Carlota Cavalcanti Ney, estes dedicaram-lhe todo o seu carinho e todo o seu puro amor paternal, esmerando-se na sua educação com firme intuito de fazel-o seguir a carreira sacerdotal.

Ney não se sentia com verdadeira vocação para essa vida, tão contraria a seu temperamento, tão opposta ao seu espirito irrequieto que lhe tolheria os arrebatamentos francos e bruscos do amor pela liberdade, da franqueza rude sem peias e sem convenções.

Ainda assim, mostrando-se obediente, diante da severidade paterna, matriculou-se no Seminario do Ceará, onde fez os preparatorios.

Contrafeito, procurava simular o genio expansivo de que era dotado, dedicando-se seriamente aos estudos e seguindo uma linha de conducta aparentemente calma e socegada.

Por vezes seu espirito se rebellava ante a hypocrisia dos professores, submissão dos seus companheiros seminaristas, e então procurava sopitar os impetos de seus arrebatamentos, não sem grande esforço e cheio de contrariedade, o que o tornava um enfermo impertinente e nervoso.

Um bello dia, porém, ante uma injustiça praticada contra um dos seus companheiros, foi por este delegado para representar contra o caso ao Reitor do Seminario.

Já não era um seminarista paciente, um condemnado pelo dever da obediencia paterna, o advogado dos seus companheiros.

Em seu espirito irromperam todas as indignações de um revolucionario fanatico pela liberdade, pela justiça e pela solidariedade, convicto do seu dever, certo de que saberia cumpril-o com satisfação intima, obedecendo assim aos impulsos do seu temperamento e do seu intelligente espirito.

A' chegada do Reitor ao Seminario, Paula Ney, cercado de seus companheiros, trepou em cima de uma mesa e pronunciou vehemente discurso em que fez um resumo dos actos de oppressão que soffriam os seus collegas, e as constantes injustiças de que eram victimas por parte dos professores.

Cheio de entusiasmo, e em linguagem franca, dissertou sobre a liberdade individual e a do pensamento, discorreu com eloquencia sobre as occurrencias havidas no Seminario e a serie enorme das injustiças e das prepotencias exercidas pelos professores.

Palmas e bravos perturbaram o silencio do Seminario, até então observado com a mais rigorosa obediencia e respeito.

O seu discurso calou tão profundamente no animo do Reitor pelos elevados conceitos que continha, pela logica irresistivel da argumentação, que providencias foram dadas no sentido de cohibir os abusos apontados. Reitor, porém, não se conformara com a quebra da disciplina do estabelecimento e, entendendo-se com o respeitavel pai de Paula Ney, delle se queixou amargamente, não sem exaltar o seu talento, o seu character independente e o seu genio leal e franco.

O Major Mariano, chamando o seu filho a casa, castigou-o physicamente e com severidade.

Ney voltou ao Seminario, mas antes dirigio-se ao Delegado de Policia, dando queixa do castigo que soffrera e que julgara

injusto, mas o Delegado, mandando, chamar seu pai, o entregou, declarando que repetisse o castigo.

Dahi, Ney assentou não seguir a carreira que lhe destinavam e tão resoluto se mostrou nesse proposito que o Major Mariano o mandou para o Estado da Bahia em 1877, afim de cursar a Faculdade de Medicina, onde estudou tres annos; em 1880 veio para o Rio de Janeiro, matriculou-se no 4º anno em que foi reprovado, abandonando então os estudos.

Já como academico exercia o lugar de reporter da *Gazeta de Noticias*, revelando-se um profissional emerito, intelligente, arguto e perspicaz.

Poeta, muitas foram as suas producções publicadas nos jornaes desta cidade e julguem-nas aquelles que receberam o baptismo nas aguas inspiradas da Castalia fonte.

Não se poderá, porém, negar que os seus versos não fossem a expressão nitida dos seus sentimentos, a nota dulcissima de um coração apaixonado, cheio de arroubos de inspiração e sonhadas e acalentadoras aspirações.

Este soneto é uma confirmação desse asserto:

DE VIAGEM

Vôa minh'alma, vôa pelos ares,
Como um trapo de nuvem fluctuante,
Vai, perdida, sozinha e soluçante,
Distende as azas tuas sobre os mares.

Leva contigo os languidos scismares,
Que um dia acalentaste delirante,
Como acalenta o vento roçagante
A copa verde-negra dos palmares.

Atira tudo isto aos pés de Deus,
Lá onde brilha a luz e estão os céos
E virgens mil coroadas de verbena;

Isto que já brilhou como uma estrella
A Deus dirá: só pertenceu a ella,
Corpo de anjo,—coração de hyena.

Orador, a sua linguagem era unvida de sentimentos elevados, de imagens espontaneas, ricas de colorido, de concepção e de conceitos. Nella vibrava toda a sinceridade eloquente desse grande coração affeito ás contrariedades da vida, mas prompto e sempre resolutto em pról do bem e do amor pelos seus semelhantes.

Nas *Notas de um reporter* consagrei uma pagina a este saudoso amigo e collega, onde se encontram algumas das suas muitas pilherias que dariam para encher um livro, e que são a affirmação da naturalidade e do chiste, do bom humor e do grande talento de que era dotado.

Coração aberto, prodigo do bem-fazer, foi um batalhador incansavel em favor dos seus conterraneos victimados pela secca, promovendo conferencias e festas nos theatros, em seu beneficio.

Do seu espirito caritativo e desinteressado basta o seguinte factto que é a sagração da generosidade altruistica da sua alma bem conformada e sã:

Um dia um empresario theatral lemboru-se de distribuir todas as noites aos espectadores um bilhete numerado que dava direito a receber como premio um lindo e valioso collar de brilhantes.

O Ney collocava-se á entrada do theatro e pedia aos espectadores os bilhetes-tombola, pois a maioria delles os jogavam fóra.

Pois bem, corre a roda e o bilhete premiado coube ao Ney.

Com aquella abundancia de coração que lhe era tão sua, com aquelles movimentos de generosidade em que ninguem lhe excedia, Paula Ney, pobre de recursos, entregou o collar ao Provedor da Santa Casa de Misericordia, para ser doado á orphã que primeiro se casasse...

No convivio de todas as festas da intelligencia, da caridade e da liberdade, Paula Ney era uma figura saliente.

Se se tivesse dedicado ao estudo, se não preferisse a vida aventureosa, poderia ter conquistado invejavel posição, tal a sua feliz intelligencia, a grande facilidade de allocução, pois sabia dominar o auditorio, quando discorria sobre assumpto que o interessava ou apaixonava.

Se em taes occasiões assim succedia, na palestra era de um inesgotavel espirito e ninguem podia estar triste perto delie.

E no emtanto, quantas contrariedades o assoberbavam, quantos desgostos não sentia aquella alma cruciada pelas vicissitudes da vida...

Daquella voz que se fazia ouvir de longe, não chegará já-mais aos nossos ouvidos aquelle seu dilecto e especial *enorme!*, nem aquelles estalos de lingua que só elle sabia dar e que serviam para apagar a impressão má, causada pelos seus arrebatamentos.

Deixando a redacção da *Gazeta de Noticias*, publicou o *Meio*, revista mensal, que teve pouca duração, tendo exercido o lugar de reporter do *Diario de Noticias* em 1886 e na *Cidade do Rio*.

Exerceu os cargos de Inspector da Hospedaria de Immigrantes, na ilha das Flores, de 1893 a 1895, sendo depois transferido para a de Pinheiros e depois nomeado amanuense da Inspectoria de Saude dos Portos.

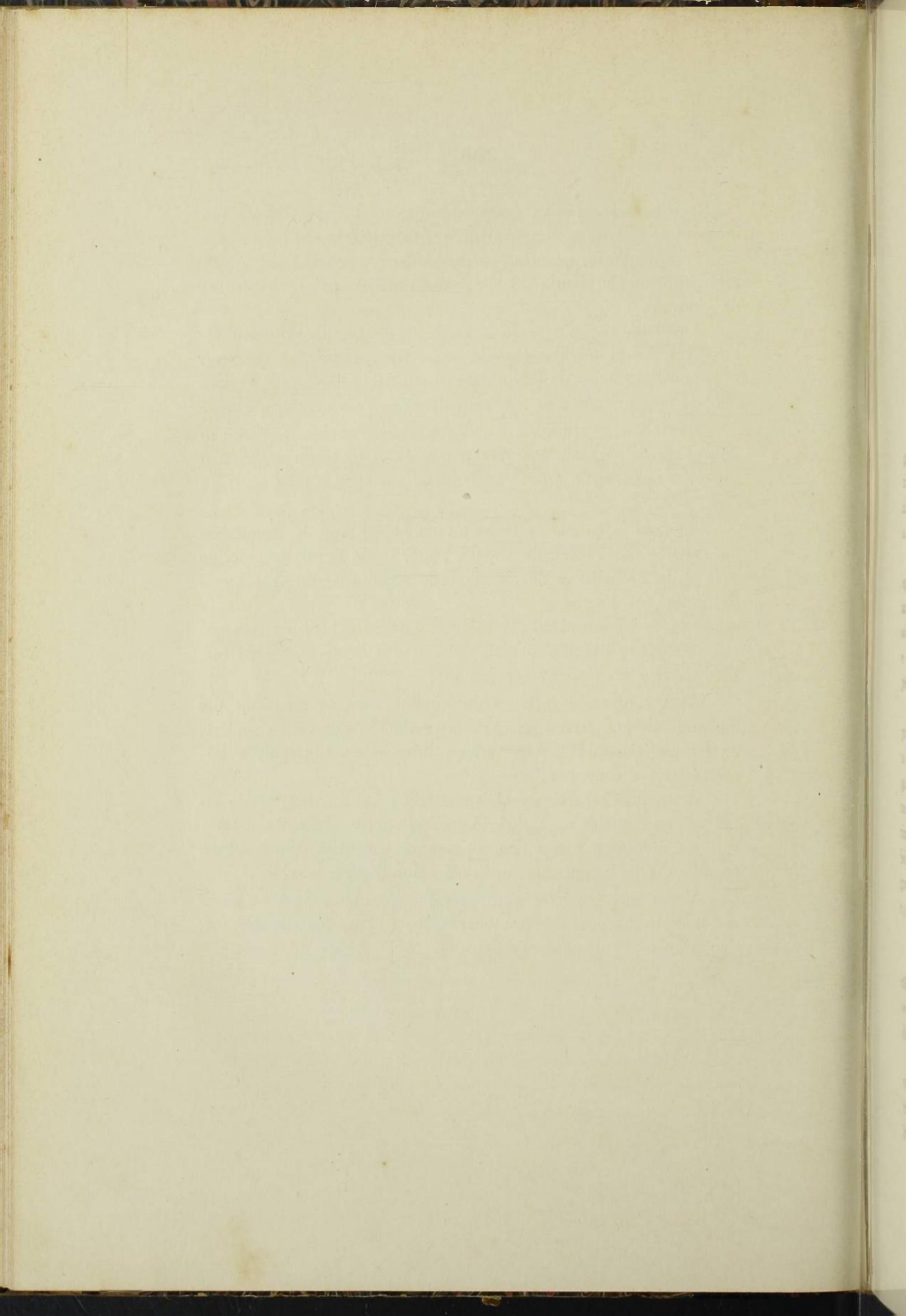
Pertinaz enfermidade ia lhe corroendo o organismo sem que elle procurasse debellar o mal, na observancia de uma vida methodica, sem excitações e sem excessos.

Mas... nem os affagos da familia, nem os conselhos dos amigos puderam detel-o na marcha accelerada que emprehendera, confiando que ainda longa seria a jornada da existencia e que muito teria a caminhar.

A 13 de Outubro de 1897 fallecia nesta Capital, sendo sepultado no carneiro n. 4.096 do cemiterio de S. João Baptista.

Na imprensa o seu nome é sempre lembrado com saudade, porque elle foi sempre um dedicado e intelligente servidor.

Viveu pouco, soffreu muito, mas o seu bom coração e a generosidade do seu proceder grangearam-lhe amigos que sinceramente deploram o seu desaparecimento.



A RAINHA MARIA PIA

O nome da illustre senhora, a cuja vida ousou consagrar algumas linhas, é de ha longos annos repetido com respeito e estima pelos Brasileiros, que admiram na excelsa Rainha os seus alevantados dotes de coração e de espirito e lhe prestam o culto a que tem direito.

A esse merecido culto, muito moço me associei de coração, applaudindo com indizível contentamento a sua nobre fama e acompanhando com o mais intimo interesse as noticias publicadas sobre os seus nobilissimos sentimentos de caridade, de philantropia e de piedoso amor por aquelles a quem a crueldade do destino persegue tenaz e persistentemente.

Coração aberto a todos os que soffrem, espirito sempre prompto para acudir áquelles que a desgraça fére, D. Maria Pia, a quem a gratidão já acclamou *Anjo de Caridade*, vai dia a dia conquistando novos titulos de benemerencia. Justificando a bella denominação *Alma mater* da caridade portugueza, ainda nestes ultimos tempos a nobre e humanitaria missão se dedicou a grande Soberana da piedade e do amôr, Rainha em cujo diadema fulguram todas as auroras da bondade, todas as alvoradas de nobres e generosos sentimentos.

E o que tem ella conseguido?

Quantas dores não tem mitigado, quanto allivio e consolo não tem levado aos que soffrem os embates da sorte cruel e adversa, ora perseguidos pela enfermidade, ora victimados pelas inundações e pelos desastres, reduzidos á miseria e á fome?

São constantes os seus actos de caridade e beneficencia; ninguem chora ante essa sacerdotiza do Bem, que não veja enxutas as suas lagrimas por aquella que não se deixa deslumbrar pelo brilho da realza e que não hesita nunca em sacrificar a vida

para socorrer e amparar os desafortunados e os esquecidos da felicidade mundana.

Percorra-se a historia dos ultimos tempos da nação portugueza em que se trate de actos de generosidade e de philantropia que se ha de encontrar sempre constante e continuamente, e devotadamente, envolvido o nome dessa magnanima Rainha, que é o exemplo do bem e do amor.

No proprio nome tem ella a significação expressiva dos seus nobres sentimentos, e piedosa tem sido ella em toda a sua fecunda existencia.

A infancia e a velhice têm nella desvelada protectora e, se alguma calamidade assoberba a patria sua e de seus filhos, á frente da cruzada do Bem a encontrarão para conjural-a.

A que missão mais nobre, mais santa, mais digna póde se entregar a mulher christã e rainha?

Maria Pia nasceu para fazer o bem, porque no bem e no amor, na caridade e na philantropia, foi vasada a sua alma immensa, pura e immaculada.

Quem deixará, pois, de render-lhe o mais vivo e sincero preito de respeito e de veneração? Quem deixará de abençoar-lhe o nome e fazer votos pela conservação da sua preciosa e utilissima vida?

As benções dos povos são a sua glorificação.

Filha da illustre casa de Saboya, tão nobilitada por seus filhos, a caridosa Rainha tem sabido honrar-lhe as tradições, e dado as mais eloquentes provas do poder da virtude em um coração bem formado.

Escrevendo sobre a sua vida, nenhum outro sentimento que não seja o de prestar-lhe sincera homenagem inspirou este trabalho deficiente, é certo, mas nobilitado pela mais leal sinceridade, pelo mais profundo respeito de alta veneração por essa Rainha, de que tanto se orgulham a patria portugueza e a Humanidade e que tanto sabe elevar e ennobrecer a de seus progenitores.

Sirva elle como testemunho do muito apreço e da mais justificada admiração que ha muitos annos lhe consagra quem estas linhas escreve.

Nasceu Maria Pia de Saboya a 16 de Outubro de 1847, na cidade de Turim. Filha de Victor Emmanuel II, Principe do Piemonte, e de Maria Adelaide, Rainha de Sardenha e Archiduezza da Austria, teve como padrinho de baptismo o Papa Pio IX.

A sua infancia passou-a grande parte entre as luctas da guerra em que se empenhavam o Reino da Sardenha e o Imperio da Austria, lucta que terminou pela victoria dos exercitos austriacos.

Sua mãe que passára uma existencia agitada e cheia de at-tribulações, teve, como Rainha de Sardenha, poucos annos de vida, consumida pelos desgostos acerbos que lhe causaram as lides de seus pais e irmãos contra seu esposo, o Rei Victor Emmanuel.

Orphã de mãe aos sete annos de idade, Maria Pia não teve a doce fortuna de gozar os carinhos maternas. Sua adolescencia foi confiada aos cuidados da Condessa de Villa Marina. Ainda não havia completado 15 annos de idade quando foi pedida em casamento por El-Rei D. Luiz I de Portugal.

Coube ao Conde da Carreira, Luiz Antonio de Abreu Lima, Camareiro-mór, a missão de negociar o casamento do Rei com a filha de Victor Emmanuel a 3 de Agosto de 1862, tratado que foi assignado a 9 do referido mez. Realizou-se o consorcio por procuração, em Turim, a 27 de Setembro desse mesmo anno.

Além de joias no valor de 60 mil francos, recebeu de seu pai o Rei Victor Emmanuel o dote de 500 mil francos para o respectivo enxoval, sendo a dotação do Rei de Portugal da quantia de 60 contos annuaes, moeda portugueza.

A 29 de Setembro embarcou para Portugal a bordo da corveta *Bartholomeu Dias*, acompanhada das corvetas *Estephania* e *Sagres*, da Armada portugueza, commandadas pelo Chefe de Esquadra Francisco Soares Franco, e das fragatas italianas *Maria Adelaide*, *Duque de Genova*, *Italia* e *Garibaldi* e do aviso a vapor *Anthion*, esquadra sob o commando do Vice-Almirante Conde de Albini.

Ao sahir do palacio com o Embaixador portuguez e a comitiva que a devia acompanhar a Lisboa, lançou um olhar saudoso para o vasto jardim onde tantas vezes passára as horas da sua infancia entre os prazeres innocentes e folguedos proprios

de sua idade e onde ella mesma se entretivera muitas vezes no carinhoso cultivo de flores. Com os olhos humedecidos e os labios tremulos pronunciou a palavra — *Perdono!*...

Suave e expressiva phrase; adeus transido de dôr, de saudade e de recordações, marco que limitou a infancia feliz e descuidosa, vida que findava para o renascimento de outra, cheia dos encantos da realza, mas agitada de preocupações e de responsabilidades, de incertezas e de duvidas...

Dirigindo-se á novel esposa do Rei Portuguez, o Syndico de Turim, Marquez de Rosa, disse-lhe: “Tendes sido até aqui, na côrte de Victor Emmanuel, o espelho da bondade e da innocencia. Agora tornareis feliz o joven Monarcha que vos estende a mão de esposo; e, Rainha, sereis para o povo lusitano o anjo da paz e da benemerencia.”

Descrevendo as suas feições, disse notavel escriptor: “Sua Majestade a Rainha é uma senhora de figura muito agradável, sympathica e expressiva. E’ de elevada estatura e muito airosa. Cabellos louros, olhos vivos e pretos e tez alvissima. Suas maneiras extremamente affaveis, revelam coração benigno e doçura de character.”

Ao deixar a terra em que nascêra, mandou distribuir pela pobreza a quantia de 20.000 francos, e cheia do mais vivo sentimento filial, do mais acrisolado amor, do mais vehemente affecto, por longo tempo convulsivamente se demorou entre os braços do *galantuomo* que ainda hoje a Italia pranteia e o mundo civilizado admira no seu valor e na nobreza das suas qualidades.

Significativas como uma previdente inspiração foram as phrases que lhe dirigio o Syndico de Turim quando a chamou de anjo de paz e da benemerencia, para mais tarde ser acclamada na patria portugueza com o nome de *Anjo da Caridade*.

Chegando a Lisboa a 5 de Outubro, sorprendida pela belleza majestosa do Tejo e pelo variado panorama que se desenrolava ante seus olhos, exclamou cheia da mais viva emoção: *E’ piu bella che Torino!*

Magnificentes foram as festas realizadas por ocasião dos seus esponsaes, que se effectuaram a 6 de Outubro na igreja de S. Domingos. Muitas e significativas foram as inscrições collocadas nos pavilhões e nos coretos levantados no Terreiro do

Paço, e entre aquellas destacava-se a da lavra de Feliciano de Castilho, assim concebida:

“Da bella Italia — estrella soberana,
Sejaes bem-vinda á praia lusitana!”

Muitos e notaveis escriptores portuguezes por vezes têm em longos artigos psycho-physiologicos demonstrado as qualidades superiores dessa Rainha que tanto tem sabido exercer o santo sacerdocio da caridade.

De alguns delles extractaremos os trechos mais notaveis e os mais interessantes:

“Maria Pia, muito joven quando casou, seu physico não era ainda o que depois mostrou. Sua melindrosa saude a levou a procurar lenitivo a seus padecimentos em duas viagens que fez á Italia em 1865 e 1867.

Foi principalmente depois do nascimento do Principe Real que se desenvolveu a sua gentileza e adquirio a majestade esbelta que tanto a distingue.

Porte e maneiras da maior nobreza e affabilidade.

Entre todas as damas das diversas classes, sobresahe e distingue-se sempre Maria Pia de Saboya; é verdadeiramente Rainha pela graça, majestade e elegancia, como é pela sua posição a consorte do Chefe do Estado.

Quando em uma noite de gala, a filha de Victor Emmanuel se apresenta, em trajo da côrte, na tribuna de algum theatro e saúda o publico, nesse comprimento a Soberana reúne todas as graças da mulher, a dignidade e nobreza da Rainha e os requisitos da mais sympathica amabilidade.”

Affirmam que dos retratos de Maria Pia, nenhum tem da magnanima senhora a perfeita semelhança. Parecem-se todos, mas falta algo de expressiva mobilidade da sua physionomia, levezas de traços que se resentem da sua impressão physica ou moral.

Mãi amantissima, achando-se a 2 de Outubro de 1873 em uso de banhos em Cascaes e tendo seus filhos os Principes sido envolvidos pelas ondas, Maria Pia, affrontando o furor das vagas, arroja-se ao mar e em lucta heroica procura salvar os filhos, quasi perecendo com elles, se não fosse a coragem de um rustico pharoleiro que a arrastou para terra em companhia daquelles entes queridos, fructo bemdito do seu amor conjugal.

Seu esposo o Rei D. Luiz, por decreto de 3 de Outubro, conferio-lhe a medalha de ouro, premio concedido aos que praticam actos de caridade e philantropia.

Acompanhou o decreto a seguinte Carta Régia:

“Muito alta e excellente Princeza e Senhora D. Maria Pia de Saboya, Rainha de Portugal, minha muito amada, querida e prezada esposa. Eu, D. Luiz I, Rei de Portugal, envio muito saudar a Vossa Majestade como áquella que sobre tudo mais amo e prezo. Desejando dar a V. M. um publico testemunho do vivo amor, respeito e gratidão que consagro á pessoa de V. M. pela coragem de que deu provas no dia de hontem, concorrendo com a maior dedicação e animo varonil para salvar as preciosas vidas do Principe Real e do Infante D. Affonso, nossos augustos e queridos filhos, que tendo sido envolvidos pelas ondas no sitio do Mexilhoeiro, proximo á villa de Cascaes, estiveram em imminente risco de perecerem afogados; e cumprindo-me como Pai carinhoso e como Rei conferir a V. M. uma prova authentica do alto apreço em que tenho este relevante serviço, prestado em favor da conservação de tão caros penhores do meu coração e da futura felicidade destes Reinos: offereço a V. M. a medalha de ouro para distincção e premio concedido ao merito, philantropia e generosidade, a qual será apresentada a V. M. com esta carta:

“Muito alta e muito excellente Princeza e Senhora Dona Maria Pia de Saboya, Rainha de Portugal, minha amada, querida e prezada esposa, Nosso Senhor haja a Augusta pessoa de V. M. em sua Santa Guarda. Escripta no Paço de Cascaes em 3 de Outubro de 1873. — De V. M. extremoso esposo. — *Luiz.*”

Em 1876 grandes chuvas produziram inundações e deram origem a enormes desgraças, desmoronando casas e habitações pobres, destruindo gado e cereaes e levando a miseria a trabalhadores, rendeiros e pequenos proprietarios.

Maria Pia promoveu diversas festas populares para amparar esses infelizes, conseguindo obter cêrca de 200:000\$000.

As Côrtes Portuguezas, mesmo por iniciativa de opposicionistas, votaram louvores aos sentimentos generosos da Rainha, que os praticára repetida e incognitamente, sem alarde e sem os pruridos da publicidade vaidosa.

Respondendo a uma dessas moções das Côrtes portuguezas, assim se expressou Maria Pia:

“Agradeço á Camara dos Srs. Deputados os sentimentos que manifestam pela minha pessoa, e peço a Deus que a minha diligencia e a daquelles que me ajudam possam aproveitar aos que padecem.

Feliz em ser Rainha dos Portuguezes, com prazer me occupo de realizar um pensamento que em todos os corações nobres desperta sympathia e excita a caridade, que é uma das mais nobres virtudes desta Nação generosa.”

Em Maio de 1877 a *Sociedade Franceza de L'encouragemente au Bien*, sabendo de muitos actos de piedosa caridade praticados por D. Maria Pia, conferio-lhe a medalha de honra por serviços prestados em prol dos que soffrem e dos desherdados da fortuna.

Quando no Norte da nossa Patria, no generoso Ceará, a terra da liberdade, a mãe redemptora dos escravos, assolada pela inclemencia da secca, levantava os braços hirtos pedindo a misericordia de Deus para seus filhos famintos e nús, seu brado angustioso, atravessando a vastidão do mar impassivel, foi repercutir no coração dessa Rainha, que pressurosa correu, com aquella grandeza de alma e aquelle desprendimento christão, em socorro dos desherdados cujos campos o sol calcinara e que iam morrendo, exhaustos e vencidos pela miseria e pela fome.

Do saldo avultado da Commissão de Soccorros para os inundados, resolveu a generosa Rainha que uma certa quantia fosse destinada a soccorrer os desgraçados victimados pela secca, apresentando á Commissão a seguinte proposta:

“As informações que á nossa Commissão acabam de ser dadas pela Sub-Commissão de se acharem satisfeitas ou proximo de o serem as necessidades das victimas das inundações e temporaes em Portugal, devendo sobejar um avultado saldo, ao qual é conveniente dar a applicação que esteja mais em accordo com os sentimentos de caridade, tão largamente manifestados pelos nossos generosos subscriptores, justificarão a seguinte proposta que faço:

Que á Commissão que se acha organizada em Lisboa com o fim de recolher donativos em favor dos que estão padecendo

fome, em consequencia das seccas do Ceará, provincia do Brasil, seja entregue uma quantia que a sub-Commissão, de accôrdo com o novo thesoureiro, julgue que se póde destinar a esse caridoso fim.

Que, no caso de ser approvada esta minha proposta, seja ella communicada á Commissão do Porto, á qual igualmente a dirijo para ella a apreciar e resolver como achar de justiça.

Convenço-me de que nenhum acto nosso póde melhor satisfazer o espirito de caridade dos subscriptores nacionaes e estrangeiros, dentro e fóra do paiz, do que valer á desgraça em qualquer parte e sob qualquer fórma que ella se apresente.

Attenuados os males de nossa patria, vamos, em nome de todos aquelles caridosos subscriptores, em soccorro dos que sofrem em uma parte daquelle paiz que mais contribuiu para alliviar os nossos e ao qual nos ligam laços da mais intima e fraterna amizade.

E' esta a proposta que eu tencionava apresentar desde que a Portugal chegaram as primeiras noticias dos desastres que estão pairando sobre a provincia do Ceará, não a apresentando senão agora, por haver aguardado as informações que acabamos de ouvir, e me dão a convicção de que o podemos fazer, depois de termos accudido ás victimas das inundações e temporaes em Portugal.

Paço de Queluz, 29 de Fevereiro de 1877."

Approvada esta proposta, foi enviada para as victimas da secca a quantia de 36:000\$000 (moeda forte).

Do resto da subscrição, ainda por proposta da generosa Rainha, foi o saldo capitalizado em inscrições para formar um fundo permanente para occorrer aos necessarios soccorros quando se produzisse algum desastre por effeito de temporaes ou inundações.

Como esposa amantissima e mãe, são bem conhecidos os seus sentimentos de abnegação e de amor. Junto ao leito de agonia do seu marido, o Rei amado do povo portuguez, D. Luiz I, ella foi toda dedicações, carinhos, zelos e extremos.

A excelsa soberana, que era modelo de elegancia e de des-affectado donaire, até á hora em que seu illustre esposo deu a alma ao Creador, foi vista em doloroso desalinho, tremula e an-

ciosa junto do leito; e, quando a morte ultimou a sua missão sinistra, teve na religião, que fortifica os desanimados, o melhor consolo á sua immensa dôr.

Do seu casamento houve dous filhos, o actual Rei Dom Carlos I e o Principe Duque do Porto.

Sobre as relações da Rainha Mãi com o Paço pouco se sabe.

Guardam intima reserva sobre isso, o que se comprehende.

Quanto á sua vida intima, sabe-se que se levanta muito cedo e deita-se muito tarde. Dorme muito pouco e tem soffrido muito nestes ultimos tempos. Princeza e Rainha, deu sempre a nota da mais alta elegancia, não tendo rival em nenhuma casa soberana. Hoje traja de preto ou violeta sem enfraquecer a sua natural elegancia. Só nas festas officiaes, bailes, récitas de gala, apparece de branco.

Alimenta-se frugalmente

Vive no palacio da Ajuda rodeada de todos os cuidados pelo pessoal que a serve e que a estima, em numero approximado de 60 criados, uns privativamente seus, outros d'El-Rei seu filho, ao seu serviço.

Mantém relações com o Paço com muita discreção. Por considerações de ordem pessoal e politica, muitas vezes se tem retrahido nas suas manifestações pelo povo portuguez, que a idolatra, deixando de visitar o Porto e outras terras no Reino, de onde lhe tem sido solicitada com empenho essa visita.

A sua popularidade no norte de Portugal é grande, e ainda quando visitou o Porto, logo depois do incendio do theatro Baquet, foi acclamadissima, pois logo que a noticia do sinistro chegou a Lisboa abandonou o Palacio e a Côrte e, trajando de luto, acompanhada de seu filho D. Affonso, foi áquella cidade, correu as viellas e as localidades mais infimas, distribuindo auxilios e consolos ás victimas do terrivel incendio, com um desprendimento soberano de amor e de caridade.

Muitos são os estabelecimentos de beneficencia cuja fundação e iniciativa lhe pertencem e entre estes contam-se como mais notaveis: O Sanatorio D. Luiz, instituido em 1895 para o tratamento e soccorros dos militares feridos nas expedições da Africa; o Instituto D. Affonso, da iniciativa dos officiaes do Re-

gimento de infantaria 1, para educação dos filhos de militares; fundou a crèche Victor Emmanuel, na Calçada da Tapada, em Alcantara; é protectora desvelada de innumeras casas de beneficencia, crèches e asylos; instituiu premios annuaes, dados pelo seu bolso particular a operarios de diversos arsenaes, premios estabelecidos durante a sua regencia em 1892 e denominados premios *Maria Pia*, que são distribuidos por propostas das direcções dos estabelecimentos fabris.

Ainda este anno vai ser inaugurado na cidade do Porto o hospital *Maria Pia* para crianças, sob os auspicios da sua instituidora, a generosa Rainha.

Querida e venerada pelo povo, a sua presença em qualquer festa ou solemnidade é motivo de jubilo e de testemunhos dos mais entusiasticos sentimentos de affecto, de estima, de respeito e de veneração.

O tempo e a sua viva pallidez em nada diminuíram o *do-naire* de seu porte esbelto e elegante.

Affligio-a muito a enfermidade de seu filho, o Infante Dom Affonso, cuja saude a inquieta.

Referindo-se á Rainha, V. B., iniciaes de erudito escriptor portuguez, disse: "Delicadamente intellectual, conhece, aprecia e sente os primores dos grandes poetas e dos grandes prosadores. Filha da Italia, dessa patria eterna das artes, sobre a qual os genios da pintura e da esculptura adejam como as pombas brancas de Virgilio, a Sra. D. Maria Pia cultiva com paixão a arte Casanova, tanto quanto lh'o consentem os seus multiplos deveres."

Em 1879 o Visconde de Benalcanfor escreveu: "Anjo da Caridade lhe chamaram então por milhares de vozes os pobres e os famintos, e este cognome em que se adivinha a espontaneidade do sentimento popular, ha de viver para sempre na tradição e na historia, unido inseparavelmente á memoria da excelsa Princeza, enaltecendo-lh'a de brilho, sagrando-lh'a com as apotheeses da posteridade."

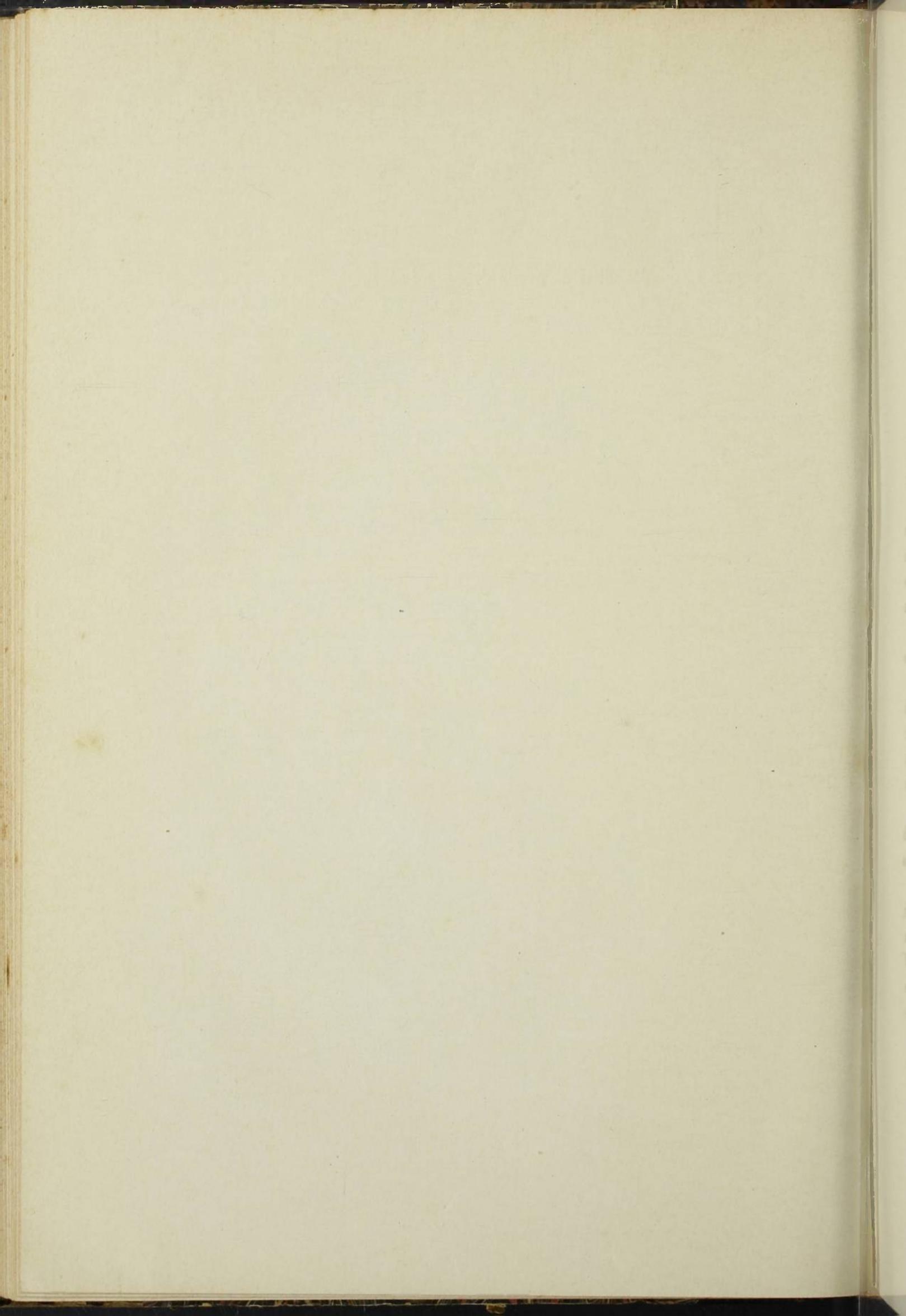
Prosadores e poetas notaveis do velho Portugal por vezes levaram-lhe as oblações do seu talento, exaltando os seus sentimentos de caridade, engrandecendo a nobreza do seu coração,

com aquella leal sinceridade que caracteriza as velhas tradições lusitanas.

Esta quadra final da poesia de Luiz de Campos bem exprime o sentimento do povo portuguez, em cujos corações Maria Pia é e será sempre soberana:

“ Rainha : quando um dia a eternidade,
Por nosso mal, te houver chamado á gloria,
Nas benções deste povo e nas da Historia
Terás um nome só — a Caridade.”

1901.



OS IRMÃOS PARLAGRECCO

E' com o mais vivo prazer e intima satisfação que registro, nestas linhas despretenciosas, um pequeno testemunho de estima e de apreço aos irmãos Carlos e Benjamin Parlagrecco.

Estes dous irmãos, que representam um papel saliente na bella e operosa colonia italiana do Brasil e na nossa vida artistica e intellectual, são sufficientemente conhecidos do nosso publico e não será sem importancia uma noticia resumida da biographia de ambos.

Na Italia, em Napoles, particularmente, eram appellidados *os inseparaveis*.

Moços, sem recursos de fortuna e sem pretensões, passaram desde 1880 a mocidade em Napoles, onde Carlos estudava litteratura e fazia os primeiros annos no jornalismo e Benjamin completava na Escola de Bellas Artes os seus estudos de esthetica, de perspectiva e pintura.

Ambos viviam em Mojoas, meditando sobre as obras primas da arte antiga e moderna, e alli passando as horas vagas que lhes sobravam dos pesados trabalhos de todos os dias.

Em 1883, Carlos era redactor-chefe de um jornal politico e fundava um jornal litterario *L'Arcadia*, no qual collaboravam as primeiras illustrações da Italia, como Giovanni Bovio, Mario Vaperarde e Felice Cavalloti; Benjamin fazia fallar de si nas exposições annuaes com seus quadros aristocraticos cheios de luz e de graça artistica.

Em 1884, Carlos foi nomeado professor de latim e de grego no Gymnasio de Andria; no anno seguinte, commissario de exames no Seminario de Tarsi, e em Dezembro de 1885, professor de litteratura latina e grega no ultimo curso do Gymnasio de Aversa.

Em 1886, continuando na cadeira de professor, em Aversa, foi encarregado de reger interinamente a cadeira de historia, na Escola Normal Superior de Napoles, com agrado especial do chefe dos estudos, que sentio a necessidade de lhe testemunhar, publicamente, o apreço em que o tinha.

Em 1888, apezar das occupações escolares, fundára outro jornal litterario—*Cronaca Napolitana*, que teve uma vida curta, mas gloriosa.

Em 1890, fundou, com Imbriani, Bovio, Roberto Mirabelli e Agostini Casini, eminentes chefes politicos da Democracia no sul da Italia, o jornal republicano a *Montagna*, cujos proprietarios eram Alexandre D'Atri, o estimado e conhecido redactor actual da *Revue du Brésil* e o Deputado Casilli.

Entre o ensino e a politica, os estudos, as obras de arte e de litteratura foram sempre por elle cultivados com grande amor e, quando appareceu pela primeira vez na Universidade de Napoles, com um discurso sobre os *Estudos Modernos*, que está publicado em portuguez, nas *Questões de Arte* por elle edictadas no Rio de Janeiro, o Ministro Brasileiro em Roma, que fôra encarregado de procurar um professor para a nova Escola de Bellas Artes, contractou-o e aqui o tivemos leccionando até o fim de 1895.

Seu irmão Benjamin não podia resignar-se a viver longe d'elle e veio para o Brasil trabalhar, diante desta nossa soberba natureza encantado pela vegetação luxuriosa, pela brilhante luz do sol, pela pittoresca majestade das nossas matas e dos nossos rios.

Ha cerca de dous annos, o professor Carlos Parlagrecco entrou definitivamente para a reportagem politica e diplomatica da redacção d'*O Paiz*, honrando pelo seu saber e qualidades pessoas a classe de que é um legitimo orgulho.

Espirito fino e de uma educação esmeradissima, cavalheiro honesto e digno, em pouco tempo mostrou-se um reporter habil, um dos mais activos e mais perspicazes.

Pelo seu talento e pelas suas qualidades se tem imposto á estima, á consideração dos seus collegas e ao apreço de todos que com elle travam relações.

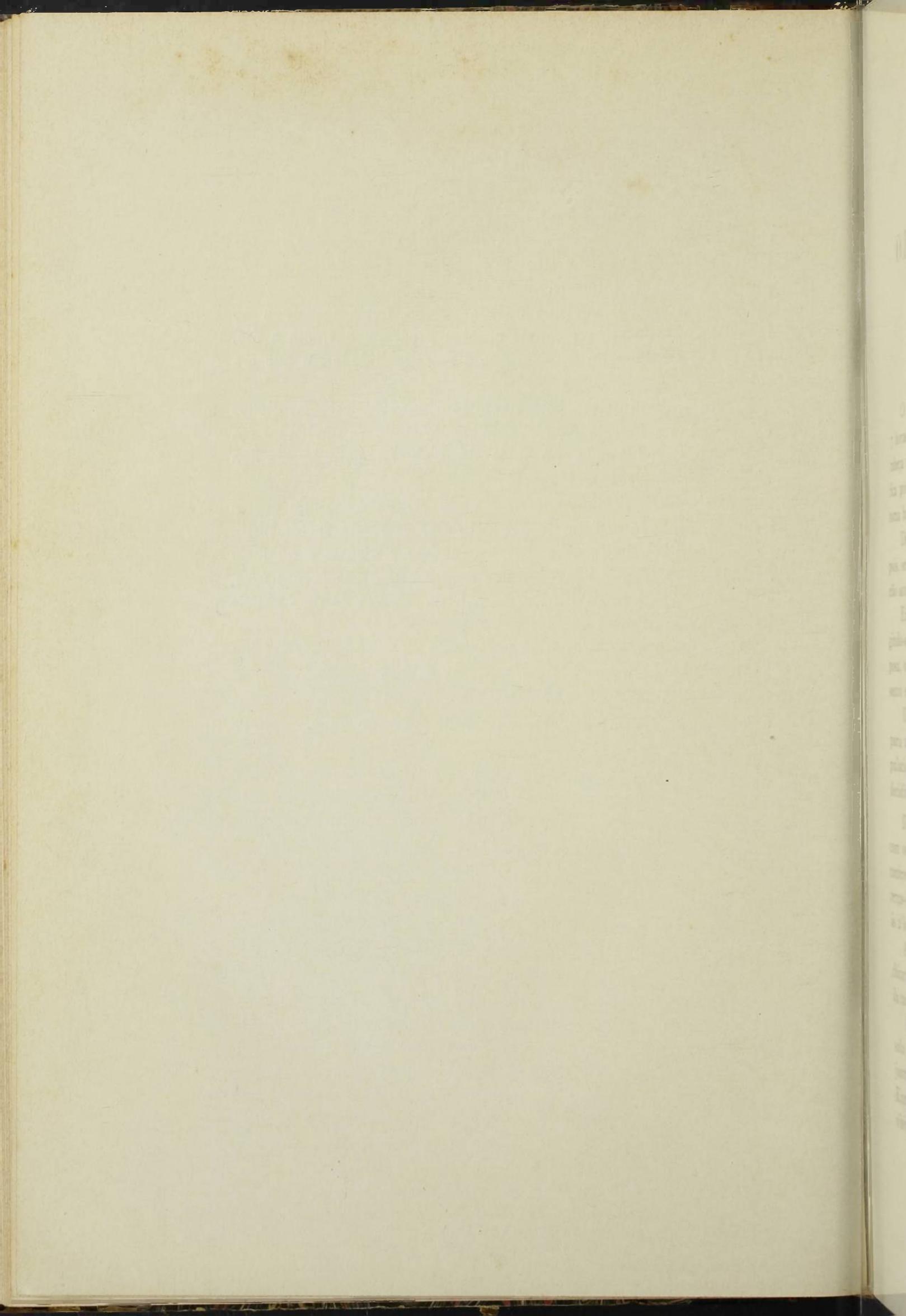
Actualmente, na *Gazeta de Noticias*, tem sabido manter a sua reputação de reporter activo, intelligente, publicando importantes trabalhos sobre questões internacionaes e de outros assumptos de palpitante interesse.

Felizes tempos em que o autor destas notas trabalhou ao lado de Carlos Parlagrecco, na afanosa profissão que, dia a dia, parece perder daquella consideração e respeitabilidade em que era tida.

Horas, dias inteiros, passavamos com os outros collegas dignos e honestos, no Palacio do Governo, aguardando as novidades em sincera camaradagem e no meio da mais franca e expressiva alegria.

Parlagrecco deleitava-nos, cantando bellos trechos de operas italianas, fazendo espirito fino e delicado, narrando factos historicos, estabelecendo conversações instructivas e alegres e no meio de toda essa expansibilidade, não se esquecia de preparar um *furo*, de applicar a sua intelligente actividade na colheita de uma noticia *pendão* para arrelliar os *phocas*.

Que a singeleza destas linhas exprima as saudades daquelles bons tempos em que essa classe laboriosa e digna procurava sustentar a nobreza de seus creditos, honrando-a e ao jornalismo de que a reportagem é, sem duvida, o seu grande ponto de apoio.



O DR. PRUDENTE DE MORAES INTIMO

O Sr. Presidente da Republica acorda-se invariavelmente ás 7 horas da manhã e, vestido de seu *robe de chambre*, tendo á cabeça um bonet de seda preta, dirige-se para o seu banheiro, que fica proximo do dormitorio, logo depois da sala de *toilette*, onde toma banho morno.

Depois do banho S. Ex. bebe um copo de leite, pouco depois, serve-se de café, que deve ser forte, rejeitando-o quando assim não acontece.

Em seguida faz a sua *toilette* e passa a ler os jornaes, dirigindo-se depois para a sala de visitas, particular de sua Exma. esposa, onde conversa algum tempo, sempre com aquelle modo frio, secco e pouco expansivo.

Depois de alguns instantes de conversação (isto das 10½ para as 11 horas), almoça e desce para a sala dos despachos no palacio, onde examina e estuda os papeis e as questões que tem a decidir.

Durante o dia conserva-se na sala dos despachos, em trabalho com os Ministros que o procuram ou vem á sala das audiencias conferenciar com alguma pessoa sobre assumpto importante. Nas terças-feiras dá audiencias publicas no salão *Silva Jardim*, de 1 ás 2 horas da tarde.

A' 1½ toma S. Ex. um copo de leite e ás 2 horas uma chicara de café, continuando na sala dos despachos até ás 6 horas da tarde, quando não ha muito serviço.

Dirige-se a essa hora pela arcada interna do palacio para a sala particular de visitas de sua Exma. esposa e dahi para a de jantar, sentando-se á cabeceira da mesa, tendo á esquerda sua Exma. consorte e á direita seu filho Prudente, quando não ha visitas a jantar em casa.

Depois do jantar, conversa com sua familia e parentes, e recebe as pessoas de sua amizade, ficando ás vezes até meia-noite, com os seus amigos e parentes, quando não ha assumpto de ordem publica que o obrigue a voltar de novo para as salas dos despachos.

A' tarde, ás vezes, e, raramente, á noite, passeia no parque do palacio e quando isto faz quasi sempre anda só.

Aos domingos passeia tambem pela manhã, no parque, onde aprecia, parando por vezes, os grandes arvoredos, denotando singular satisfação.

E' excessivamente sobrio e não usa de vinhos.

Tem para com todos, quer com os pobres, quer com as pessoas de alta posição social, a mesma compostura, as mesmas maneiras, reservado sempre e pouco communicativo, o que não o priva de ser affavel e attencioso.

A' hora de dormir toma um banho morno, e em seguida um copo de leite e no seu quarto ainda lê diversos papeis que recebeu durante o dia e telegrammas reservados.

Nunca altera a voz, e ás vezes até com certa difficuldade se faz ouvir, menos quando responde em discurso, que sua voz toma certo calor, se avoluma, se reveste de vigor e de entusiasmo.

A sua physionomia torna-se então mais pallida e o seu olhar extremamente expressivo, como que accentuando ainda mais os seus conceitos e revelando a sinceridade do seu bom coração.

Quando alguem a elle se dirige a fazer pedidos em desacôrdo com qualquer disposição legal, não póde conter a contrariedade que lhe causa e que se revela na sua physionomia, parecendo logo como que uma suave reprehensão.

Conserva ordinariamente a mesma *toilette* que veste pela manhã, quasi sempre calça de côr, frack, collete e gravata pretos.

Quando conversa de pé, ou ouve qualquer pessoa, tem um *tic* interessante — começa a limpar os vidros do *pince-nez* ou brinca com o seu cordão, e outras vezes bate de leve com os dedos de uma das mãos sobre os da outra fechada, balançando levemente o corpo.

Em geral o Sr. Dr. Prudente de Moraes quando, sentado, conversa com alguem, agita incessantemente uma das pernas.

São esses os *tics* idiosyncrasicos do honrado Presidente da Republica.

A familia do Sr. Presidente da Republica, que habita o palacio do Governo, no Cattete, compõe-se de sua esposa, seu filho Prudente e suas filhas D. Julia, D. Cecilia e D. Paula. Está em S. Paulo, onde cursa com grande aproveitamento a Escola Polytechnica, seu filho Antonio.

A digna consorte do Sr. Dr. Prudente de Moraes, excessivamente modesta e bondosa, é esse verdadeiro typo da mãe de familia brasileira; occupa-se na direcção interna de sua casa com apurado cuidado, sendo de extrema brandura e carinho para com todas as pessoas da casa.

Nos momentos mais difficeis da administração do seu honrado esposo, D. Adelaide de Barros tem se mostrado interessada na feliz e prompta solução dos factos, não por meio de impropria e indiscreta intervenção pessoal, mas no silencio do lar, pelos votos de sua alma boa e candida e pela prece de um coração religioso sem hypocrisias, sem ostentação e sem convencionalismo.

Lembro-me bem o dia em que foi assignada a paz do Rio Grande do Sul.

D. Adelaide estava tão cheia de alegrias, tão repleta de satisfação, que deixava transparecer toda sinceridade do seu coração.

Junto á sacada do palacio do Governo, no Itamaraty, com o olhar marejado pelo brilho de lagrimas que lhe irrompiam dos olhos, dizia-me "Oh! não imagina quanto vivia afflicta, e quanto pedia a Deus para a terminação dessa luta entre Brasileiros. Hoje, julgo-me bem feliz e bem compensada das noites e dias de anciedade que passei."

Durante a longa enfermidade de seu esposo, multiplicaram-se os seus cuidados, os seus carinhos e a sua afflicção.

Quantas vezes a vi no morro do Inglez, á janella de sua residencia, pensativa, triste e abatida, apoiando o rosto com a mão direita, fitar o azul indefinido do céu, como se sua alma procurasse decifrar através do espaço e da immensidão, o destino daquelle que lhe era na vida o unico élo de todas as felicidades.

Docil e delicada, tão simples quanto modesta, não cogita nem procura sobresahir senão nos seus arduos deveres de esposa exemplar e de mãe carinhosa.

O Sr. Prudente de Moraes Filho forma-se este anno em Direito.

E' um dos mais distinctos alumnos da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes, desta Capital.

Em sua residencia no palacio, quando não estuda, vai algumas vezes jogar bilhar com os seus caros amigos.

Sahe pela manhã ás 10 horas e vai para o escriptorio de advocacia do Dr. Inglez de Souza, onde trabalha até ás 5 horas da tarde.

E' raro vel-o acompanhado na rua. Pouco sahe de casa. Excessivamente modesto, tem de seu pai certo ar grave e serio e delle recebeu a mais fina e esmerada educação.

As filhas do Dr. Prudente, D. Julia e D. Cecilia, tambem poucas visitas fazem e durante o dia occupam-se no estudo de varias linguas, tendo como professor o Sr. Kopke que, diariamente, vai a palacio ministrar-lhes as lições.

O professor e distincto pianista Queiroz ensina-lhes piano e canto.

A menina Paula frequenta o collegio daquelle illustrado educador, como alumna externa.

E' escusado aqui lembrar a fina e esmerada educação que o Sr. Dr. Prudente de Moraes procura dar a seus filhos, para legar-lhes como valiosa fortuna o seu nome honrado de patriota e uma instrucção superior e tão necessaria.

E' admiravel o desprendimento de ostentação, o abandono de preconceitos e a simplicidade em que procura viver a familia do primeiro magistrado da Republica.

HOSPITAL DE S. SEBASTIÃO

O hospital de S. Sebastião está installado na praia do Retiro Saudoso, em S. Christovão, no bairro denominado do Caju'.

E' um dos vastos estabelecimentos publicos que mais serviços tem prestado a esta Capital.

A sua fundação obedeceu a uma necessidade palpitante, porquanto até Novembro de 1889, data da inauguração do referido hospital, não dispunha o serviço de hygiene desta cidade de um nosocomio adequado ao tratamento das molestias epidemicas consuetudinarias.

O Hospital de Santa Izabel, na Jurujuba, tinha sido creado para o fim especial de attender ao serviço sanitario do porto, e o de Santa Barbara, na ilha do mesmo nome, era exclusivamente consagrado á variola.

A falta de um hospital destinado ao isolamento dos doentes de febre amarella justificava então a pratica admittida pelas autoridades sanitarias, de consentirem no tratamento de amarellentos nas diversas casas de saude da cidade, cujo numero era sem duvida mais avultado do que presentemente.

O Sr. Conselheiro Ferreira Vianna, então Ministro do Imperio, e o propecto consultor technico Sr. Dr. Rocha Faria, no proposito de reorganizarem a hygiene administrativa desta Capital e desejando dotal-a de melhoramentos duradouros, entre outras fundações, que sabiamente realizaram, decidiram a creação de um grande hospital destinado ao tratamento das molestias epidemicas.

Para esse fim o Governo, dispondo da verba "Soccorros Publicos", adquirio a grande chacara da praia do Retiro Saudoso n. 27, então pertencente ao Dr. Teixeira de Mello, e que fôra por longo tempo a residencia do capitalista conhecido popularmente por José Maria Gallego.

O sitio é tudo quanto se póde desejar de mais aprazivel, dispondo de vasto terreno arborizado, secco, na encosta de uma collina de facil accesso por mar e por terra e sufficientemente afastado do centro urbano.

A' escolha, portanto, do local presidio o maior criterio e os factos o têm demonstrado, em contrario do que foi affirmado por alguns medicos em memoraveis discussões na Academia de Medicina.

A mudança da situação politica que determinou a retirada do Sr. Conselheiro Ferreira Vianna de Ministro do Imperio, impedio o illustre e dedicado homem de governo de presidir á inauguração do estabelecimento hospitalar de que fôra elle o fundador.

Essa inauguração realizou-se a 9 de Novembro de 1889 e foi o ultimo serviço publico installado pelo Imperador Dom Pedro II.

Desse facto dão conta as seguintes inscrições, gravadas em uma placa de metal, encontrada em abandono, em uma das dependencias do hospital:

No reinado do senhor Dom Pedro II

Pelo

Conselheiro

Dr. Antonio Ferreira Vianna

Ministro do Imperio

Foi fundado este hospital

Concluido e inaugurado

a 9 de Novembro de 1889

Pelo Ministro do Imperio

Conselheiro

Barão de Loreto.

Esta placa foi encontrada pelo actual Director no porão de uma das dependencias do hospital.

E para firmar o facto da fundação do hospital existe uma outra placa do mesmo formato, de confecção identica á da precedente, solidamente fixada em uma das paredes da primitiva Secretaria do estabelecimento.

Os dizeres desta segunda placa são os seguintes:

*No reinado do Senhor Dom Pedro II
por ordem do
Conselheiro
Antonio Ferreira Vianna
Ministro do Imperio
sendo Inspector Geral de Hygiene
o Dr. Benjamin Antonio da Rocha Faria
foi fundado este hospital
para soccorro da pobreza
em épocas epidemicas
MDCCCLXXXIX
Constructor
O engenheiro Eugenio de Andrade.*

Esta dualidade de placas commemorativas, uma apejada e posta em olvido e outra em evidencia, collocada, deve ter sua historia.

A nossa ancía alviçareira não nos impelle a esmiuçal-a, pelo que registramos tão sómente o facto.

Para que nada falte ao presente resumo historico, vamos começal-o por citar os dados referentes á compra do terreno e predios, graças aos documentos que nos foram facultados.

O predio e chacara foram comprados pela Fazenda Nacional ao Dr. José Alexandre Teixeira de Mello e sua esposa, Dona Isabel Saturnina Marques de Mello, para ahi ser estabelecido um hospital de isolamento, pela quantia de 40:000\$, conforme a escriptura de 21 de Fevereiro de 1889, lavrada em notas do tabellião João de Cerqueira Lima, á fl. 65 v. do L. 49.

O terreno media, segundo a escriptura, 81m,84 de frente pela rua do Retiro Saudoso, a contar da chacara da viuva Bustamante; lado direito a contar do respectivo lugar da parede da chacara, 177m,32 subindo pelo morro em linha recta.

Desse ponto começam os fundos por um limite de 56m,10 de uma rua parallela á rua publica. Ahi segue formando angulo recto de 73m,92 até onde acaba um assento de pedra; finalmente,

desse sitio sobe uma linha obliqua de 147m,40, a qual vai concluir na cêrca do lado esquerdo; ali começa a antiga divisa da chacara do lado esquerdo.

O predio, principal, assobradado, construido de pedra e cal e cantaria, mede de frente 36m,74 e de fundo 25m,74 tendo na frente quatro janellas e sacada com grade de ferro, dez janellas de peitoril e duas portas de sahida com escada de cantaria la-deada de grade de ferro e dando accesso para um pateo asphaitado, de onde parte para a chacara uma escada de marmore, formando a casa dous torreões.

Existiam no terreno, na data da escriptura, além do predio acima, as seguintes construcções nella descriptas:

Um telheiro de quatro aguas, cobrindo um dos tanques existentes; outro de meia agua, o qual tem 20m,20 até chegar á parede da rua do Retiro Saudoso; outro de quatro aguas com 8m,58 de comprimento e 3m,30 de largura, cobrindo uma caixa de agua de alvenaria e cimento; uma casa para criados com 19m,36 de comprimeito sobre 9m,02 de largura, de pedra e cal, com tres portas e quatro janellas de peitoril, com diversas dependencias e sotão; um outro telheiro, que servia de deposito de materiaes; uma cocheira, ao lado deste, com 6m,27 de largura e 16m,28 de fundo, sobre pilares de frontal de tijolo, com um portão na frente e uma porta e duas janellas por um lado; outro telheiro de meia agua, que servia de estrebaria.

Os vendedores houveram este predio por compra a Diogo Coelho Netto e sua mulher, conforme escriptura de 11 de Maio de 1883, em notas do Tabellião Cunha Junior, sendo a Fazenda Nacional representada no acto da compra pelo Sr. Barão de Paranapiacaba, procurador fiscal do Thesouro.

Neste proprio, incorporado á Fazenda Nacional por despacho do Ministro da Fazenda em 26 de Fevereiro de 1889 e adquirido em virtude de requisição do Ministerio do Imperio ao da Fazenda, por aviso n. 671, de 16 do referido mez, foi installado o denominado — Hospital de S. Sebastião, — tendo sido feitas as necessarias obras de adaptação e construcções annexas.

Estas obras de adaptação e construcções annexas, iniciadas em 1889, foram continuadas, ora açodadamente, ora lentamente,

conforme aprouve aos differentes chefes que tem tido a Hygiene Publica.

Até fins de 1891 dispunha o hospital de quatro enfermarias no edificio antigo aproveitado e duas outras em pavilhões, systema Lefort, comportando cada pavilhão, commodamente, 60 leitos.

Estes dous pavilhões de madeira foram construidos sob a inspecção do engenheiro Eugenio de Andrade e na administração do Dr. Rocha Faria.

Para o tempo em que foram feitos representavam o que havia de melhor. Hoje precisam de grandes modificações para servir ao fim a que foram destinados, porquanto nem os systemas do tecto e assoalhos são hoje admissiveis, nem é mais permittido tratar tantos enfermos juntamente em uma unica enfermaria.

Data de principios de 1892 a construcção de mais uma enfermaria pavilhão, destinada á variola.

O actual Director, assumindo o seu cargo em Março de 1892, teve ensejo de obter a attenção de seus chefes para as necessidades do estabelecimento, datando dahi novos e importantes melhoramentos, como sejam: a construcção de uma enfermaria pavilhão, systema Moabet, de paredes duplas, podendo comportar 20 leitos, sendo Ministro do Interior o Dr. Fernando Lobo e Inspector Geral de Hygiene o Sr. Dr. Bento Gonçalves da Cruz.

Nessa mesma occasião foi construido um excellente chalet de pedra e cal, destinado ao pessoal interno do hospital. E' neste chalet que estão funcionando, ha mais de um anno, os laboratorios da *Mission Pasteur*.

A mudança da Secretaria do Hospital para lugar mais proprio, a reforma e pintura de todo o estabelecimento foram feitas mais tarde, sob a inspecção do Instituto Sanitario Federal, de que era chefe o Sr. Dr. Francisco de Castro, que presidio em 1893 á inauguração do forno de incineração de lixo e mais residuos do referido hospital.

Este forno, cuja construcção foi iniciada sob a inspectoría do Dr. Gonçalves Cruz, era uma das necessidades palpitantes do estabelecimento.

O seu funcionamento tem sido perfeito até hoje.

Para perpetuar o facto foi collocada na base da chaminé, de 22 metros, uma placa em bronze contendo os seguintes dizeres:

*No Governo do V. Pres. Marechal
Floriano Peixoto e do Ministro
do Interior Dr. Fernando Lobo
sendo
Director deste Hospital o
Dr. Carlos Pinto Seidl
foi construido este fôrno de incineração
pelos Engenheiros
Gieth e Lavagnine
de accôrdo
com os Engenheiros do Governo
Henrique A. da Fonseca
e
Annibal Bevilacqua
Abril 1893*

Mais tarde, sendo o Sr. Dr. Cassiano do Nascimento Ministro do Interior, teve o hospital ensejo de receber mais alguns melhoramentos, taes como, entre outros, a construcção de mais uma enfermaria pavilhão para 14 leitos e um chalet de madeira destinado a portaria e para agasalho dos doentes á entrada.

Hoje o Hospital dispõe de cinco enfermarias installadas no antigo edificio central e mais quatro grandes pavilhões de madeira, comportando todas essas dependencias uma totalidade de 250 leitos, commodamente; lotação esta que foi excedida na grande epidemia de 1894, pelo que teve o Governo de adoptar de improviso e rapidamente enfermarias provisórias em uma antiga fabrica de camisas, nas proximidades do hospital.

Os cinco pavilhões existentes têm a denominação de: enfermarias *Rocha Faria, Eugenio de Andrade, Bento Cruz, Cassiano do Nascimento, Paula Tavares.*

As existentes no edificio central são chamadas: enfermarias *Torres Cotrim, Pinto Netto e Francisco Peixoto.*

Foi no Governo do Marechal Floriano, e sendo Ministros os Srs. Drs. Fernando Lobo, Cassiano do Nascimento e Gonçalves

Ferreira, que o hospital de S. Sebastião maior numero de melhoramentos recebeu.

O Marechal Floriano visitou tres vezes o estabelecimento e sempre destas visitas obtinha o hospital algum beneficio.

Pelo decreto do Poder Executivo sob n. 2.345 de 14 de Janeiro de 1897 foi o hospital, nos termos da disposição do n. II § 1.º, do art. 2.º da lei n. 429, de 10 de Dezembro de 1896, transferido para o dominio do Districto Federal, com o respectivo material e serviços nelle installados, tornando-se effectiva a entrega em 1 de Março de 1897.

Durante o tempo da administração municipal, que durou da data acima indicada até 22 de Setembro de 1902, época em que novamente o hospital voltou, em virtude de decisão legislativa, ao dominio federal, com todos os serviços e pessoal, os terrenos do estabelecimento foram accrescidos de uma área computada em 75 mil metros quadrados.

Esse terreno foi adquirido pelo Dr. Cesario Alvim, quando Prefeito, da Empresa Maritima Territorial e Constructora, na praia do Retiro Saudoso ns. 61 e 63 e confinante com o terreno do actual Hospital.

A aquisição desse terreno já tinha sido planejada e preparada pelo então Prefeito interino, o qual, visitando o estabelecimento, examinara detidamente as suas necessidades.

Os dous predios em ruinas então existentes nos ns. 61 e 63 foram reconstruidos e adaptados a enfermarias pelo Engenheiro da Prefeitura Sr. Lourenço Tavares, dispendendo-se em tal adaptação mais de 60:000\$000.

Taes enfermarias não prestam actualmente serviços, tendo nellas sido tratados variolosos e isolados casos suspeitos de contaminação pestosa.

Emquanto não houver meios de facil e prompta communicação com a parte central do hospital, que fica bem distante, não será pratico fazer funcional-as.

Ao tempo em que era municipal o serviço hospitalar a que nos referimos, deu-se tambem a installação da lavanderia a vapor, excellente melhoramento inaugurado em 17 de Julho de 1902 e

devido principalmente aos Srs. Dr. Xavier da Silveira, quando Prefeito, e Barão de Pedro Affonso, Director de Hygiene Municipal.

Essa lavanderia, cujas machinas foram fornecidas pelo Engenheiro Ernesto Betim Paes Leme e collocadas pela casa Lebre, funciona no mesmo edificio das bombas que auxiliam o provimento d'agua e ao lado das estufas de desinfectação de Genest Herscher.

Actualmente o hospital começa a passar por varias reformas, tendentes a collocal-o em condições de melhor servir aos fins a que se destina.

Não é preciso ser profissional para verificar, visitando o estabelecimento, a urgente necessidade que ha de reparos de toda a natureza nos edificios, que não são pintados ha mais de seis annos.

O Sr. Dr. Oswaldo Cruz, actual Director Geral de Saude Publica, mandou preparar convenientemente um dos pavilhões mais modernos, fazendo-o soffrer todos os concertos necessarios, collocando télas metallicas em todas as portas e janellas e pintando internamente de amarello escuro.

Este pavilhão, que é a enfermaria "Dr. Bento da Cruz", denominação esta que lhe foi dada a 10 de Agosto de 1893, ficará destinado ao tratamento dos doentes de febre amarella do sexo masculino, enquanto estiverem no periodo perigoso, que abrange os cinco primeiros dias da molestia.

Além desta, duas outras salas destinadas a mulheres e crianças estão sendo preparadas e reformadas convenientemente, sob o mesmo plano e obedecendo á mesma preocupação de collocar o doente de febre amarella ao abrigo dos mosquitos.

Observando as theorias modernas, foram aterrados os pequenos lagos existentes no jardim do hospital e providencias foram tomadas para destruição de tudo quanto pudesse concorrer para a criação de mosquitos.

O hospital e suas dependencias, como já dissemos, resentem-se de falta de pintura e alguns melhoramentos, além dos muitos que o actual Director, Dr. Carlos Seidl, tem com a sua intelligencia e actividade alli introduzido.

O asseio nas enfermarias é observado com rigor, mas ainda assim nota-se uma certa simplicidade que bem merecia a atenção dos Poderes Publicos, no intuito de auxiliar mais efficazmente os esforços do Director desse estabelecimento hospitalar que tantos serviços tem prestado em épocas de sérias epidemias.

Tivemos occasião de visitar tambem a secretaria e o almoxarifado, e é de justiça declarar que toda a escripturação é bem explicita e qualquer informação é ministrada com toda a clareza e brevidade.

Possue o hospital um vasto necroterio com mesas de pedra marmore e uma pequena capella, que é mantida pelos empregados do estabelecimento, sob a invocação de S. Sebastião.

O hospital tem tido varios medicos encarregados da sua direcção.

O seu primeiro Director foi o Dr. João da Silva Ramos, nomeado interinamente a 6 de Setembro de 1889 e dispensado em Dezembro do mesmo anno para ser substituido pelo Dr. Luiz Manoel Pinto Netto, que pediu demissão em Junho de 1891, succedendo-lhe interinamente o Dr. Maurilio Tito Nabuco de Abreu, que servio até Agosto de 1891, data em que o hospital passou a ficar sob a direcção do Dr. Francisco de Paula Tavares, fallecido de febre amarella em 30 de Março de 1892, sendo nomeado a 31 de Março do mesmo anno o Dr. Carlos Pinto Seidl, sob cuja direcção continúa o estabelecimento.

Do corpo clinico do hospital de S. Sebastião têm feito parte medicos dos mais distinctos, dentre os quaes podemos citar os Drs. Miguel Couto, Sá Earp, Alberto Siqueira, Luiz Bulcão, Parga Nina, Affonso Cavalcanti, Lucas Catta Preta, Araujo Vianna, Placido Barbosa, Luiz Barbosa, Carlos Mouren, Carlos Gabaglia, Tanner de Abreu, etc.

Funcionam actualmente como medicos do hospital os Drs. Antonino Ferrari, Zeferino Meirelles e Leão de Aquino.

E' interessante conhecer qual tem sido o movimento sanitario do hospital, desde sua fundação.

Dados estatisticos que nos foram gentilmente mostrados permitem a organização do seguinte quadro:

*Movimento sanitario geral no serviço de febre amarella de
1890 a 1902*

ANNOS	Curados	Fallecidos	Total
1890.....	595	455	1.050
1891.....	1.859	1.614	3.473
1892.....	2.097	1.546	3.643
1893.....	443	339	782
1894.....	2.374	1.747	4.121
1895.....	636	513	1.149
1896.....	1.909	1.510	3.419
1897.....	356	109	465
1898.....	527	558	1.085
1899.....	452	351	803
1900.....	172	141	313
1901.....	207	113	320
1902.....	647	462	1.109
Total.....	12.274	9.458	21.732

Este total de 21.732 representa o numero de doentes recebidos no serviço de febre amarella.

O hospital em 1891 e nestes ultimos annos recebeu tambem variolosos, na conformidade do seguinte quadro:

Movimento sanitario geral no serviço de variola

ANNOS	Curados	Fallecidos	Total
1891.....	862	634	1.496
1897.....	158	10	168
1898.....	139	28	167
1899.....	1.485	108	2.193
1900.....	705	259	964
1901.....	1.079	611	1.690
1902.....	527	275	802
Total.....	4.955	2.525	7.480

Destes algarismos deduz-se que no periodo de 13 annos, isto é, de 1890 a 1902, recebeu o hospital de S. Sebastião 29.212 doentes nos dous serviços, de febre amarella e de variola, alli installados, sahindo curados 17.229.

E' preciso salientar que na média, segundo lemos em um trabalho do actual Director, 6 o/o dos enfermos enviados ao hospital como affectados de febre amarella não eram effectivamente portadores dessa molestia.

A epidemia de febre amarella que maior contingente de pessoas forneceu ao hospital foi a de 1894, em cujos mezes de Fevereiro e Março entraram 2.837 enfermos, havendo dias neste ultimo mez, de serem removidos 80 doentes.

A lotação do hospital foi então muitas vezes excedida, verificando-se o beneficio que presta á nossa população um estabelecimento como o hospital de S. Sebastião em crises e epidemias como a de 1894, porquanto os seus dous vastos pavilhões, que comportam 60 leitos normalmente, podem comportar, sendo necessario, o duplo de sua lotação, e a área extensa arborizada, em cujo perimetro estão collocadas as enfermarias, permite a montagem de enfermarias-barracas provisórias.

Nem sómente para isolamento de doentes de febre amarella e variola servio e serve o hospital de S. Sebastião.

Não podemos deixar de assignalar o prestimo que teve nas diversas occasiões em que a peste bubonica entre nós se manifestou, ora recebendo doentes dessa enfermidade, quando assim convinha aos interesses da saude publica, ora hospedando pessoas suspeitas por terem estado em contacto com pestosos, como aconteceu no anno de 1900.

Nesse anno, no periodo de Maio a Dezembro, o hospital recebeu 1.902 pessoas de diversas classes sociaes e de todas as idades, isolando-as por determinação do Director Geral de Saude Publica durante dez dias.

Um facto digno de ser referido, e que depõe em favor da administração desse estabelecimento hospitalar, é que nunca houve epidemia alguma nas vizinhanças cuja origem lhe pudesse ser attribuida.

Em 1890 e 1891 tentaram attribuir ao hospital a transmissão de casos de febre amarella aos habitantes da antiga Villa São

Lazaro, onde era estabelecida a fabrica de tecidos desse nome.

O Sr. Dr. Torres Cotrim, então ajudante da Inspectoria de Hygiene, por determinação dessa autoridade sanitaria estudou o assumpto e esclarecendo-o convenientemente, demonstrou a inanidade dos argumentos produzidos e, desde 1892 até esta data, accusação de tal natureza não foi mais levantada.

Quando visitámos, ha dias, o hospital, o movimento das enfermarias era o seguinte:

Variola: menores 6, mulheres 12, homens 16; febre amarella: homem 1; total de doentes 35.

O pessoal superior do Hospital é o seguinte:

Director, Dr. Carlos Pinto Seidl; pharmaceutico, Luiz Antonio Martins Ferreira; almoxarife, Manoel Leandro da Costa; escrivão interino, Raul Fragoso de Mendonça; auxiliar de pharmacia, Joaquim Coutinho da S. Imbú; porteiro, Sotero Joaquim de Almeida; medicos: Dr. Antonino Augusto Ferrari, Dr. Zeferino Meirelles, Dr. João Pedro Leão de Aquino, Dr. Antonio Fernandes Figueira; internos, Manoel Arthur Dantas Séve, Raul Azevedo, J. A. Gama de Cerqueira e Jayme J. Alen-Attar; auxiliares do escrivão: José Cicero Bianchi, Francisco Pedro Carneiro da Cunha; auxiliar do almoxarifado, Hermann Richter; enfermeiro mór, Thadeu de Siqueira Campos; enfermeiros: Francisco Antonio da Hora e Eugenio Sut.

Enfermeiras: Maria Barbosa de Sant'Anna e enfermeira extraordinaria Olympia Cyrilla Nogueira.

Machinista: Antonio Joaquim de Sant'Anna.

Pessoal de enfermarias, cozinha, lavanderia, jardim, etc., 23 pessoas.

Não devemos terminar esta noticia sem uma referencia á Commissão de cientistas francezes que trabalhou no hospital composta dos Srs. Drs. Salimbeni, Simond e Marchoux.

Em 1901 o Governo Francez, preocupado com a questão da etiologia da febre amarella, principalmente por amôr de algumas de suas colonias, obteve do Corpo Legislativo a autorização precisa e os fundos necessarios para uma missãõ scientifica destinada a estudar a febre amarella.

Ao Instituto Pasteur foi confiada a tarefa de organizal-a, e todos sabem o criterio que sempre preside ás determinações desse

elevado centro scientifico da França. A escolha recahiu nos Srs. Drs. Salimbeni, Simond e Marchoux.

O Sr. Dr. Salimbeni, um dos ajudantes do Dr. Roux, no Instituto Pasteur de Pariz, representa, pelos seus estudos e pesquisas, um nome respeitado nos laboratorios europeus.

Com o Dr. Calmette esteve o Dr. Salimbeni na cidade do Pôrto, em 1892, commissionado pelo Instituto Pasteur, por occasião da epidemia de peste bubonica.

Recentemente, quando Napoles se vio ameaçada de semelhante molestia, recorreu aos conhecimentos do Dr. Salimbeni, que chamado á Italia expressamente, conseguiu exito completo em sua missão.

De collaboração com o sabio Mechnikoff, tem o Sr. Dr. Salimbeni publicado varios trabalhos, especialmente sobre a toxina e anti-toxina cholericas.

Infelizmente a Missão Pasteur no Rio de Janeiro ficou privada mais ou menos, da collaboração preciosa do illustre pesquisador, que teve de partir para a ilha da Madeira em busca de melhoras para a sua saude grandemente attingida por grave infecção contrahida em uma autopsia praticada no hospital de São Sebastião.

O Sr. Dr. Simond tem o seu nome ligado á questão da prophylaxia da peste, que estudou juntamente com Yersin, o descobridor do microbio causador dessa molestia.

Os seus trabalhos, especialmente sobre a evolução dos esporozoarios do genero *coccidium* e os hematosoarios endoglobulares dos reptis, deram-lhe o renome scientifico de que goza.

Ao Sr. Dr. Marchoux deve a sciencia trabalhos de acurada observação e alto valor sobre o sôro anti-carbunculozo, a molestia do somno, o paludismo no Senegal, a dysenteria dos paizes quentes, a febre biliosa hemoglobinurica, e tetano na Costa occidental da Africa e outros trabalhos de valor scientifico.

A Missão Pasteur tem trabalhado no seu laboratorio desde Novembro de 1891, e se os seus estudos e pesquisas não forem interrompidos, de muito proveito serão para a elucidação dos problemas ligados á febre amarella porquanto estamos informados, por pessoa competente, que taes pesquisas tomam uma feição pratica aproveitavel, convindo, porém, não abandonal-as em meio.

O laboratorio em que funciona a Missão Franceza no Hospital, foi installado em um bom chalet situado entre as enfermarias de amarellentos e variolosos, que recebeu a denominação de Laboratorio Pasteur, como homenagem ao sabio scientista e aos illustres membros da Missão.

Nesse laboratorio o Sr. Dr. Marchoux, num requinte de gentileza, fez diversas experiencias diante do reporter do *Jornal do Commercio*; ministrou-lhe varias informações ácerca dos estudos procedidos pela Missão, apresentando ao microscopio varias preparações bacteriologicas, mandando por intermedio de seus auxiliares executar varios trabalhos.

A Missão, além do material para os seus trabalhos, possuia em gaiolas e em depositos grande numero de macacos do Senegal e do Brasil, cobayas, cabras e outros animaes domesticos para as suas experiencias.

Sabemos que esses distinctos medicos offereceram ao Hospital todo o material que usaram nesses trabalhos, grande cópia delle ainda não utilizado.

O Hospital de S. Sebastião, obtendo do Governo um pouco mais de recursos pecuniarios, para a conservação indispensavel de todas as dependencias do vasto estabelecimento, e mesmo para a melhoria do seu mobiliario, poderá ser visitado sem que se lhe note qualquer falta das regras de hygiene ou de condições indispensaveis a um nosocomio.

Secundar, pois, os esforços do intelligente e operoso Director do Hospital é tambem prestar mais um bom serviço á população desta Capital, offerecendo-lhe um serviço hospitalar completo, bem organizado e, o que é mais, confortado e apropriado ao tratamento das molestias ás quaes foi destinado.

A MISSÃO PASTEUR

A 15 do corrente, pelo paquete *Atlantique*, deve regressar a Pariz a *Missão Pasteur*, que foi mandada pelo Governo francez a esta Capital, afim de proceder a estudos sobre a febre amarella.

Organizada pelo Instituto Pasteur de Pariz, coube a chefia dessa missão scientifica ao sabio Dr. Roux, que escolheu para seus companheiros os Srs. Drs. Simond, Marchoux e Salimbeni, pertencentes igualmente ao Instituto.

A preferencia do Instituto Pasteur de Pariz pelo Rio de Janeiro, para séde das pesquisas da missão scientifica, foi inspirada pelo nosso compatriota professor da Faculdade de Medicina Dr. Eduardo Chapot Prévost, em sua ultima viagem a Pariz, e a quem o Sr. Dr. Roux escreveu esta carta, annunciando a vinda dos medicos francezes:

“Mon cher collègue — Le Gouvernement français a décidé de faire entreprendre des recherches sur la fièvre jaune et il en a confié la direction scientifique à l'Institut Pasteur.

Lors de votre séjour à Pariz, nous avons eu l'occasion de vous entretenir de ces projects d'étude de la fièvre jaune; d'après ce que vous nous avez dit, nous pensons que Rio de Janeiro est l'endroit où il faut envoyer nos missionnaires.

Nous avons donc l'intention de diriger sur votre Capitale, dès le mois d'Octobre prochain MM. Simond, Marchoux et Salimbeni, que vous connaissez, afin qu'ils se mettent au courant de la question. Je viens vous demander de vouloir bien les accueillir et leur faciliter leur tâche.”

A Commissão aqui chegou, com effeito, a 3 de Novembro de 1901, faltando apenas um dos seus membros, o Sr. Dr. Salimbeni, demorado por ter sido chamado a Napoles pelo Governo italiano, que o encarregou de uma parte importante do serviço de defesa contra a peste bubonica, que alli irrompera, e teve por isso de adiar sua partida para o Brasil.

A Missão Pasteur, desde a sua chegada, foi cercada das maiores attenções pelas nossas autoridades sanitarias.

Os Srs. Drs. Nuno de Andrade e Barão de Pedro Affonso, então chefes da Hygiene federal e municipal, não pouparam esforços nesse sentido.

Este ultimo dirigio em pessoa o preparo dos locaes destinados aos laboratorios, que foram installados no Hospital de S. Sebastião, no Retiro Saudoso, em um chalet apropriado, e providenciou quanto pôde afim de tornar menos ardua a tarefa da Missão. Essas mesmas attenções continuaram a ser dispensadas pelo actual Director de Saude Publica.

Os membros da Missão residiram sempre com suas familias em Petropolis, descendo diariamente, dispondo de uma lancha a vapor da Directoria de Saude Publica para transportal-os do cáes da Prainha ao Hospital de S. Sebastião e vice-versa.

Valendo-nos de informações gentilmente fornecidas por medicos brasileiros que mais de perto acompanharam o movimento scientifico europeu, pudémos reunir alguns dados sobre a vida dos cientistas que foram nossos hospedes durante vinte mezes.

O mais moço dos tres é o Sr. Dr. A. T. Salimbeni, cujo posto no Instituto Pasteur é ao lado do Dr. Metchnikoff, em cujo laboratorio preparou os elementos para um interessante estudo publicado em 1898 sobre a "Destruição dos microbios no tecido sub-cutaneo dos animaes hypervaccinados".

Antes deste feliz trabalho já o joven pesquisador lograra fazer-se conhecido pela sua importante publicação relativa á toxina e anti-toxina cholicas. Quando em 1899 a peste invadio a cidade do Porto, o Instituto Pasteur, de Pariz, para alli enviou em missão scientifica os Srs. Drs Salimbeni e Calmette, cujo relatorio foi publicado nos annaes do Instituto, em Dezembro do referido anno. .

A questão da serumtherapia da peste era assumpto já então familiar ao Sr. Dr. Salimbeni, que della se occupou experimentalmente no laboratorio do Sr. Dr. Roux, em collaboração com Yersin, Batzaroff e Dujardin-Beaumetz.

Em assumptos relacionados com a peste é tambem autoridade, e das mais citadas, o Sr. Dr. Simond.

Este, de collaboração com Yersin, tem publicado varias monographias. Ainda recentemente os "Annaes do XIII Congresso Internacional de Medicina", na secção de medicina colonial, publicaram um longo trabalho desses notaveis bacteriologistas.

A theoria da transmissão parasitaria da peste bubonica pertence ao Sr. Dr. Simond, cujas idéas acabam de receber mais uma vez a sancção pratica pelas "pesquizas experimentaes sobre o papel dos parasitas do rato na transmissão da peste", executadas em Marselha pelos Srs. Drs. C. Gauthier e Raybsud, este chefe do laboratorio das clinicas da Escola de Medicina de Marselha e aquelle encarregado do laboratorio dos serviços sanitarios da mesma cidade.

Este interessante trabalho, que se recommenda á meditação dos que possam duvidar do papel das pulgas na transmissão da peste, vem publicado no numero de 20 de Maio da *Revista de Hygiene e de Policia Sanitaria* de Pariz.

Ao Sr. Dr. P. L. Simond, além de outros estudos experimentaes, deve a sciencia ter sido desvendada a evolução dos esporozoarios do genero *Coccidium* e dos hematozoarios endoglobulares dos reptis.

O Sr. Dr. E. Marchoux é um cientista e observador cujas qualidades ouvimos encarecidas por mais de um medico brasileiro de quem nos acercámos em busca destas ligeiras notas. Coube-lhe provar por experiencias demonstrativas, ainda recentemente citadas pelo Sr. Dr. Léon Grimbert em um livro, "que o serum anti-carbunculoso não era nem anti-toxico, nem bactericida".

Varias outras contribuições a diversos problemas de pathologia tropical, da lavra do Sr. Dr. Marchoux, correm impressos, podendo citar-se de prompto as que dizem respeito ao papel do pneumococcus na zona tropical, á molestia do somno, ao paludismo no Senegal, á dysenteria dos paizes quentes, á febre biliosa hemoglobinurica, ao tetano na costa occidental da Africa, ao

papel dos mosquitos no paludismo, ao bacillo da febre typhoide no sangue, etc.

Scientistas, portanto, de reputação firmada e affeitos a pesquisas são os tres profissionaes que constituem a embaixada scientifica aqui mandada pelo Governo Francez, cujas Camaras Legislativas votaram promptamente um credito de 150 mil francos para serem destinados á referida Missão.

O Governo da França, ao que nos informaram, liga a maior importancia aos estudos da Missão Pasteur, que não se retiraria agora se não houvesse mister apresentar ao sabio Instituto, sob cuja inspiração trabalha, o resultado destes vinte mezes de estudos.

Levados pela mais justa curiosidade, procurámos entrevistar os illustres membros da Missão Pasteur, já agora desfalcada de um delles, o Sr. Dr. Salimbeni, que teve de partir para a Ilha da Madeira alguns mezes atrás, em busca de melhoras para sua saude, grandemente alterada pelo excessivo trabalho de que bastante se resentio o seu organismo.

Felizmente as noticias que a respeito delle têm os seus dignos companheiros são agora lisonjeiras, de sorte que, se os estudos forem reatados, elle lhes tornará a prestar a sua util cooperação.

Aproveitando a recente visita que fizemos ao Hospital de S. Sebastião, fomos ter á presença dos illustres Srs. Drs. Marchoux e Simond, que nos receberam com a maior gentileza em seus laboratorios.

Justificando a nossa visita pela necessidade de tornar publica opinião tão autorizada, qual a da Missão Pasteur, sobre a questão da febre amarella, agora mais do que nunca na ordem do dia, tomámos a liberdade de dirigir algumas perguntas aos illustres experimentalistas, obtendo ora de um, ora de outro as desejadas respostas que passamos, como opinião collectiva que é, a consignar:

Reporter — Estão VV. EExs. satisfeitos com o resultado dos seus vinte mezes de trabalho nesta Capital?

— Só temos motivo para nos louvar da preferencia dada a esta Capital para campo de nossos estudos. Recebidos gentilmente, vivemos sempre cercados das maiores attenções da parte

de todos com quem convivemos e deste convívio guardamos a mais grata recordação.

Reporter — Perdão, o que eu desejava saber, se não ha indiscreção, é se as pesquisas de VV. EExs. proporcionaram en-sejo de chegar a conclusões satisfatorias em relação á questão da etiologia da febre amarella.

— Certamente que sim, por quanto os nossos estudos nos conduziram a verificar a exactidão das conclusões apresentadas pelos medicos americanos em Cuba e pelos medicos brasileiros em S. Paulo.

Reporter — Em relação, portanto, ao agente transmissor da molestia, nenhum outro reconhecem além do mosquito?

— Exactamente

Reporter — Mas VV. EExs. não julgam ser possivel que as roupas e mais objectos de uso de doentes de febre amarella possam transmittir a molestia?

— Absolutamente não. As nossas experiencias nos permitem affirmal-o positivamente: essas roupas e objectos não pódem transmittir a molestia.

Reporter — Julgam, portanto, VV. EExs., dispensavel a desinfecção que de taes objectos se fazia ainda até pouco tempo?

— Perfeitamente dispensavel.

Reporter — Que julgam então VV. EExs. que se deverá fazer aqui, afim de jugular a febre amarella?

— Executar os ensinamentos que se deduzem das provas experimentaes colhidas. Toda a prophylaxia dahi decorre e resume-se no seguinte: destruição systematica dos mosquitos nos fócios de febre amarella; impedir que mosquitos se infectem em doentes da réferida molestia; collocar as pessoas sensiveis ou susceptiveis de apanhal-a, ao abrigo das picadas dos mosquitos, principalmente á noite.

Reporter — Que condições julgam VV. EExs. necessarias para que a febre amarella, manifestada em dado lugar ali permaneça?

— 1.º E' preciso que ali haja o *stegomya fasciata*;

2.º Que haja doentes de febre amarella;

3.º Que ali se encontrem pessoas susceptiveis de apanhar a molestia.

Se uma só destas condições falhar, o fóco de febre amarella não se póde realizar nem se conservar. E como é impossivel evitar que em uma região dada existam pessoas sensiveis á febre amarella, segue-se que todas as medidas devem visar os doentes e os mosquitos

Reporter — VV. EExs. não temem, pois, que possa haver um recúo na sciencia em relação a este ponto, assim tão exclusivamente firmado?

— A prophylaxia moderna caminha illuminada principalmente pela experimentação e quando os factos experimentaes são tão claros e positivos como os desta questão que nos occupa, não ha possibilidade de recúo. Nas cidades em que reina a febre amarella o que ha a fazer é o que acabámos de dizer, cousa, aliás, de que já se cogita no Rio e em S. Paulo, segundo lemos na imprensa.

Reporter — E VV. EExs. têm conhecimento das grandes obras de saneamento e melhoramento que se projectam para o Rio de Janeiro?

— Acompanhamos com a maior sympathia esse movimento, que falla eloquentemente em favor da mentalidade e do patriotismo dos Brasileiros.

Reporter — Não acreditam VV. EExs. que as obras projectadas no porto e na cidade serão sufficientes para debellar a febre amarella?

— Absolutamente não. Não precisamos tornar a declarar que a febre amarella tem hoje uma prophylaxia que lhe é peculiar e sem cuja execução tudo será incompleto.

Reporter — A julgar pela decisão das affirmações de VV. EExs. é justo pensar que dispõem de factos e dados experimentaes além dos que são já conhecidos, não é assim?

— Com effeito assim é.

Reporter — E poderíamos nós obter a preferencia de trazer a publico esses pontos interessantes das pesquisas da Missão?

— Desejariamos muito acceder ao seu desejo, mas os detalhes dos nossos trabalhos constituiram o relatorio que será primeiramente apresentado ao nosso chefe Dr. Roux, que o fará

publicar provavelmente nos "Annaes do Instituto Pasteur". Além disso, ao publico o que deve interessar são as deducções praticas das nossas conclusões, e essas nós já lh'as démos.

Reporter — Mas VV. EExs. conseguirão isolar o germen da molestia?

— Tudo quanto observámos e pesquisámos nos leva á affirmação de que esse germen não é visivel graças aos meios actuaes de que dispomos em microscopia. A' molestia pertence um germen do grupo dos chamados microbios "invisiveis", de que ha exemplos multiplos na sciencia.

Reporter — E VV. EExs. julgam estes pontos e outros do problema da febre amarella resolvidos?

— Evidentemente o assumpto não está esgotado, e se não fôrmos nós, outros investigadores retomarão a questão no ponto em que está, proseguindo no seu estudo.

Reporter — VV. EExs. pensam em voltar ao Brasil?

— A resposta a essa pergunta pertence ao nosso Governo.

Reporter — Mas nós sabemos positivamente que o Governo Brasileiro manifestou desejo franco de que a Missão Pasteur proseguisse em seus trabalhos...

— E' verdade, e este facto nos lisongeando enormemente augmenta a nossa divida de gratidão para com os Brasileiros illustres que governam este grande e bello paiz; mas a nossa ida agora a Pariz explica-se, como já dissemos, pela necessidade de apresentar ao nosso chefe, Dr. Roux, o nosso material de estudo até agora, e mesmo porque a febre amarella entrou em franco declinio.

Iamos retirar-nos depois de agradecer a maneira cortez e gentil por que fomos acolhidos pelos illustres scientistas francezes, cuja opinião aqui damos devidamente autorizados, quando fomos sorprendidos pela ordem mantida nos laboratorios da Missão, em flagrante contraste com a noticia da sua partida; e perguntámos ainda:

Reporter — E este material todo de aparelhos e instrumentos de bacteriologia trazidos por VV. EExs. não vai ser confeccionado para a partida?

— Não, os nossos laboratorios ficam no Hospital á disposição da Directoria de Saude e nenhum logar mais proprio para um laboratorio bacteriologico do que um hospital de isolamento.

E ao despedir-nos, agradecidos, dos dous dignos membros da Missão Pasteur, ainda ouvimos de SS. EExs. a declaração de que externando com franqueza sua opinião sobre a febre amarella, não desejavam de fórma alguma que ella fosse causa ou motivo de polemicas. Homens de laboratorio e ao mesmo tempo medicos, tiveram ensejo de observar e experimentar com espirito desprevenido e acurado a questão proposta e dão sua opinião sem outro proposito senão o de servir á verdade.

A isto cumpre-nos accrescentar que melhor se não podia servir á saude publica, grangeando com os seus estudos tão illustres hospedes a estima e o reconhecimento do paiz que teve a fortuna da sua visita.

1903.

SANTOS DUMONT INTIMO

O conjuncto do illustre aeronauta fórma o physico característico do individuo nervoso.

Magro, rosto alongado, olhos irriquietos e pouco vivos, emoldurados por uma aureola vermelha, vestígios de alongadas vigílias, bigode de pontas aparadas e curtas, labios deixando entrever uma carreira de dentes alvos, compridos e uniformes; nariz afilado e pequeno, de narinas dilatadas; orelhas um pouco grandes, de lobulos ligados á face, cabeça pequena, pouco abundante de cabellos, repartidos ao meio e empastados pelo uso de cosmetico fino.

Sua altura é mediana, pois mede 1m,60 e o seu peso de 54 kilos, quando vestido.

Calado, move rapidamente a cabeça para o lado direito, lançando um olhar baixo, desconfiado, como quem se sente despertado por um movimento extranho, desconhecido.

A's vezes cofia as pontas curtas do seu bigode e, quando medita, encosta a ponta do dedo pollegar da mão direita nos dentes do lado direito da bocca.

Repetidamente movido por um cacoete nervoso, repuxa rapidamente o labio superior para baixo.

Sentado, dobra sempre a perna direita e comprime o joelho entre as mãos cruzadas.

Seu andar é sempre apressado, e tem por habito, quando caminha, conservar os braços para trás das costas, apertando a mão direita entre a esquerda; assim chega a andar 140 metros por minuto, sem se fatigar.

A não ser em casas de cerimonia, quando sobe uma escada galga tres degráos de cada vez, lepidido, ligeiro, com uma agilidade felina.

A sua roupa predilecta é o terno de casemira de côres pouco vivas e paletó sacco, usando sempre luva côr de barro vermelho, sem botões, de largo punho, ainda quando trabalha nos seus aerostatos, e gravata de côres rubras com leves traços brancos.

Seu collarinho é o chamado *virado alto*, de oito centímetros de altura.

Usa a calça dobrada na bainha, e nunca se esquece de recompol-a sempre que entra em qualquer casa de cerimonia.

Desde criança que usa o cabello repartido, habil artificio que lhe encobre a cabeça pouco guarnecida.

Não fuma e nunca jogou a não ser o bilhar, diversão esta em que presume ser "um bom taco".

Jámais barbeiro algum pôde gabar-se de lhe ter feito a barba.

Logo que acorda, toma banho frio e em seguida trata dos dentes, barbeia-se fazendo loções da perfumaria *Cœur de Jeanette*, de sua especial predilecção.

Falla sempre apressadamente e, quando qualquer cousa lhe desagrada, repete: *não, não, não, absolutamente não*.

O seu sorrir é sempre acompanhado de uma gargalhada curta, nervosa, inexpressiva.

Quando está de pé conserva-se com os braços para trás e as mãos unidas.

Tem o bom gosto de detestar as joias.

O seu relógio tem como corrente uma pequena e modesta *chatelaine*; no braço esquerdo traz presa a uma corrente de ouro a medalha de S. Bento, significativa dadiva da Princeza Isabel.

Dumont é um tanto fetichista com relação ao seu chapéo de palha Panamá, usado com as abas para baixo, em fórmias irregulares.

Foi com este chapéo que, em uma das suas ascensões em Paris, abafou a explosão que irrompera em um dos seus motores, movimento este por elle feito com a calma que é tão sua e que tanto tem concorrido para os seus repetidos successos.

Desde esse dia memoravel Dumont consagrou a esse chapéo todo o affecto; passou a consideral-o uma mascotte, a dispensar-lhe todo o carinho, a conserval-o junto ao leito, a laval-o com as suas proprias mãos, não o confiando a ninguem.

Quando ás vezes, fatigado, se reclina e procura repousar, colloca o Panamá sobre o rosto para adormecer e a maior distincção que póde dispensar é fazer uma visita trazendo o seu indefectivel chapéo.

Dumont só consegue conciliar o somno estando em completa escuridão; qualquer restea de luz, por mais diminuta que seja, o incommoda, produzindo, não um somno profundo e reparador, mas uma somnolencia irrequieta e de facil despertar.

Por uma idiosincrasia que elle mesmo não sabe explicar, tem um máo ouvido para a musica, não podendo com facilidade medir os compassos nem distinguir uma valsa, uma polka ou um hymno.

Falla com correcção o francez, o inglez e o portuguez, sem affectação e com a simplicidade propria de quem não procura phrases que impressionem e dêm fóros de intelligencia culta.

Pouco ou quasi nada se refere á sua personalidade. Modesto, simples por natureza, sem a menor preocupação de exagerar essa virtude, é, no emtanto, um individuo abstracto. No meio de uma conversação por mais interessante e animada que seja, parecendo attento, pelo seu silencio, está, entretanto, pela imaginação, bem longe dos circumstantes, divagando em pontos distantes, para onde se encaminhou o seu espirito na quietação de quem observa e dirige uma idéa fixa, predominante.

Quando, porém, o despertam desta quietude, sente-se como que embarçado, procurando com um movimento de olhos e um leve sorriso exprimir que não se tinha desprendido do assumpto.

Tem ogeriza aos *confetti* e ás petalas de flôres, empregadas como instrumento de ovação.

Quando os sente sobre a cabeça faz um gesto de impaciencia, passando nervosamente a mão sobre os cabellos para libertal-os de tão impertinente adorno.

No emtanto adora as flores, como aos gatos, a quem dispensa muitos carinhos e com quem brinca effusivamente.

Deita-se quasi sempre á meia noite e acorda cedo para fazer o seu habitual passeio, a pé, no caminhar vertiginoso já aqui descrito.

Dumont, na intimidade, é alegre, brincalhão e um tanto expansivo. Não se lhe nota o menor vislumbre de vaidade ou de orgulho, apesar de ser um tanto reservado nas suas opiniões.

Faz timbre em declarar que escreve pouco e falla menos, e que muito mais aprecia ler os discursos do que ouvil-os.

“Jámais, diz elle, pronunciei um discurso; poderei saber mover-me nos ares, mas nunca saberei encaminhar uma oração, um periodo rethorico.”

Escreve sempre com pena de pato, que elle mesmo apara e de que tem sempre grande provisão.

E' sobrio e muito parco na alimentação, e o seu manjar predilecto é o camarão com quiabos.

A' mesa bebe sempre cerveja e só faz uso de bebidas alcoholicas em jantares de etiqueta.

Ahi temos, pois, os principaes traços do illustre aeronauta, que tantas provas de merecido apreço acabou de receber na sua patria.

E' ainda como parte dessa manifestação, que escreveu estas linhas quem o acompanhou durante dezeseis dias na sua vertiginosa excursão entre as aclamações entusiasticas de seus compatriotas e a admiração dos seus contemporaneos.

O EX-PRESIDENTE CUESTAS

Em transito para a Europa passa hoje por esta Capital o illustre estadista D. Juan Lindolfo Cuestas, que acaba de exercer com grande luzimento para seu nome e fecundos beneficios para sua Patria o elevado cargo de Presidente da Republica Oriental do Uruguay.

Completando o periodo das funcções constitucionaes que lhe foram commettidas em periodo agitado da historia politica de seu paiz, transmittindo em plena quietação as responsabilidades do governo ao cidadão designado por livre escolha do Poder Legislativo para receber essa investidura, o honrado ex-Presidente do Uruguay pôde repousar tranquillamente das fadigas que lhe advieram de tão aspera jornada, na consciencia de ter dirigido os seus passos pelo caminho da honra, do dever e da justiça.

Em meio da desorientação que paira como um anathema por sobre a maioria das nações sul-americanas, enervada pela continuidade de lutas irreprimiveis, feridas pelo descredito oriundo de sua situação economica e financeira, é certamente digna de reparo a attitude desse homem rigido e ponderado, que, assumindo o poder após o golpe do assassino que victimára o primeiro magistrado da Republica, pôde, em extremos de coragem e de devotamento civico, restabelecer a ordem, restituir aos seus compatriotas as liberdades confiscadas, restaurar as finanças compromettidas, instituindo normas politicas e administrativas que definem e caracterizam a superioridade de um homem de governo.

Foi no character de Presidente do Senado que, a 25 de Agosto de 1897, D. Juan Lindolfo Cuestas, em obediencia á expressa disposição do texto constitucional, assumio a Presidencia da Republica Oriental, precisamente quando, na incandescencia da luta temerosa que se travára no seio do paiz, o braço de Ar-

redondo prostrava, em plena praça publica e em face da força armada, o Presidente Idiarte Borda.

A paz succedeu ás duas provações da guerra civil, a 19 de Setembro daquelle anno, e o novo Presidente, confraternizando os partidos que até então se degladiavam em lutas crudelissimas, iniciou largas e previdentes reformas, que bem cedo se reflectiram beneficemente sobre a situação desesperadora do Thesouro, depauperado pelos dispendios necessarios a coarctar a corrente revolucionaria.

A anarchia que lavrava em todo o paiz reflectia-se na administração; o Governo esgotára todos os recursos disponiveis, enveredára pelo caminho das emissões, instituirá sob sua garantia, um titulo de credito levado ao extremo da depreciação e como corollario das condições periclitantes da Fazenda publica todas as classes que vivem á sombra do Thesouro soffriam a inclemencia de uma vida de sacrificios.

Homem experimentado na administração, que percorreu em longo tirocinio, exercitado na pratica quotidiana das instituições bancarias, onde encetára sua vida publica, o Presidente Cuestas intentou, desde logo, como base primordial de seu programma, normalizar o serviço da divida interna, prover aos diversos serviços, profundamente perturbados, valorizar os bilhetes do Thesouro, satisfazer compromissos inadiaveis do Estado e o fez com tão feliz exito, que, já em começo de 1898, se lhe offerecia uma situação auspiciosa, em contraste com as difficuldades sem numero com que ascendêra ao poder.

Nem as reclamações por dividas de guerra, nem os embaraços emanentes dos partidos conflagrados desviaram o illustre estadista da tarefa de rehabilitar o paiz no ponto de vista financeiro e economico e para manter essa orientação não trepidou na dissolução do Congresso, em 10 de Fevereiro de 1898, nem recuou ante a sedicção militar de 4 de Julho, suffocada em assomos de coragem e de verdadeira dedicação á causa publica.

Exercendo transitoriamente a dictadura, se assim se póde chamar o governo que dissolvendo o Congresso, a 10 de Fevereiro, não se demorou em o substituir por um Conselho de Estado, composto do mesmo numero de membros, o Presidente D. Juan Lindolfo Cuestas procurou imprimir ás eleições que se

seguraram a eleição mais consentânea com a livre manifestação do voto popular e nesta preocupação iniciou a reforma da lei eleitoral, com revisão completa do respectivo alistamento, cercou de garantias todos os partidos, o que permittio a entrada nas duas casas do Congresso de numerosos representantes de partidos adversos áquelle a que se filiára, desde o inicio de sua carreira politica.

Mantendo a mais escrupulosa fiscalização na arrecadação das rendas, na distribuição dos creditos orçamentarios, satisfazendo com pontualidade rigorosa o serviço da divida externa, extinguindo a divida fluctuante, ainda encontrou o Presidente Cuestas recursos sufficientes para emprehender melhoramentos em diversos ramos do serviço publico e intentar a grande obra do porto de Montevideo, que preocupava os Governos desde a independencia do seu paiz. Afastando-se, por completo, da orientação que nesse particular haviam adoptado os Presidentes Santos e Idiarte Borda, tendo por base um emprestimo estrangeiro, o eminente homem de Estado conseguiu por uma combinação feliz garantir a execução do grande emprehendimento com capitaes do paiz, obtidos das classes productoras e commerciaes, facto que assignala uma das mais bellas conquistas financeiras da America.

No decurso do seu governo jámais se procurou interceptar a livre manifestação da opinião publica, conferindo-se, ao contrario, completa liberdade aos diversos orgãos da esclarecida imprensa oriental, dando-se-lhes a mais ampla faculdade de analysar e discutir todos os actos do Governo.

Seguindo essa pratica, o Presidente Cuestas queria que os seus concidadãos pudessem conhecer com segurança a marcha dos negocios, conforme o preceito externado em sua ultima mensagem:

“A administração publica deve ter paredes de crystal para que o povo veja e julgue, e ria-se da opposição systematica.”

Nesse documento de alto valor politico e administrativo, demonstrou o ex-Presidente do Uruguay perante a Nação e o Poder Legislativo da Republica que, no periodo transcorrido de 1897 a Janeiro de 1903, foram satisfeitos com pontualidade todos os compromissos do Thesouro, sem outro auxilio que não o das rendas publicas, que as amortizações da divida, o cumprimento

das disposições orçamentarias, os melhoramentos realizados foram postos em pratica sem intervenção de empréstimos e sem aumento de impostos, fechando-se o exercício livre de *deficit*.

Alludindo á questão da divida com o Brasil, o ex-Presidente Cuestas consigna em sua mensagem os seguintes trechos:

“Nossa divida com o Brasil tambem preoccupou o Governo e sobre este assumpto, de natureza muito importante, existem antecedentes favoraveis e conciliaveis, um Ministerio das Relações Exteriores, pois a um accordo digno e honrado estão vinculados os interesses das duas nações amigas, que sempre fraternizaram na paz ou na guerra, derramando seus thesouros e seu sangue em beneficio dos interesses e liberdades publicas do Prata.

Não é, em minha opinião, tão difficil chegar a um accôrdo com o Governo do Brasil para um arranjo definitivo da divida do Uruguay, sob a base de conciliação já formulada e agora mesmo o nosso Ministro naquelle paiz leva ao conhecimento do novo Governo os antecedentes da negociação que se estava esboçando com o anterior.”

As considerações que ficam expostas, os conceitos emittidos no estudo succinto do periodo presidencial de D. Juan Lindolfo Cuestas são sufficientes para comprar os seus attributos de homem de governo, realçados pelo tino pratico de um espirito affeito aos labores da administração. Ao contrario do que se observa em muitas das Republicas americanas, não assaltou o poder, não o conquistou pela victoria de uma revolução senão como escolhido do poder a quem a Constituição conferia a faculdade de eleger o Chefe do Executivo. -- Sem responsabilidades na guerra civil que agitára o governo de Idiarte Borda, pairando soberano acima de quaesquer imputações que o pudessem attingir como interessado em o substituir no poder, elle soube reprimir a onda revolucionaria que se avolumava e em obediencia á justiça fez respeitar o *verdictum* que condemnou o assassino, que ainda hoje expia nas cadeias do Estado o crime de que foi victima a primeira autoridade da Republica.

Passando o poder ao Presidente eleito, o Sr. Battle y Ordonez, que pleiteára a sua eleição combatendo o candidato Mac Eachen, apontado como governamental, Dom Juan Lindolfo

Cuestas o fez sem relutancia, antes com a exultação de quem confia o mando que lhe coubera a alguém que por seus talentos, por sua erudição e patriotismo poderá proseguir na mesma senda, abrindo ao futuro do paiz amplos horizontes.

O Sr. Battle y Ordonez será sem duvida o continuador da obra meritoria encetada pelo Presidente Cuestas na reconstrucção politica e economica do seu paiz e para confirmar esse asserto basta conhecer os conceitos com que o acolheu a imprensa af-feiçoada ao mais forte e prestigioso dos seus contendores, Dom Juan Carlos Blanco, certamente uma das mais distinctas personalidades politicas da Republica Oriental do Uruguay.

Comprimentando o illustre Dom Juan Lindolfo Cuestas, em sua passagem por esta Capital, registrando com aprazimento os grandes serviços prestados com solicidade á Republica visinha, com a qual estamos identificados por mais de um feito de nossa historia politica, felicitamos a Republica do Uruguay pela phase de progresso e tranquillidade que se abriu sob os auspicios desse venerando cidadão.

— A's 8¼ da manhã fundeou hontem, um pouco além da ilha das Enxadas, o paquete francez *Atlantique*, a cujo bordo vinha de passagem para a Europa, com sua esposa D. Angela Fernandes Cuestas, sua filha viuva D. Angela Grunwald e seu neto Fritz, de nove annos de idade, o Sr. Dom Juan Lindolfo Cuestas, ex-Presidente da Republica Oriental do Uruguay.

Desde bem cedo da manhã de hontem, S. Ex. deixando com sua familia os seus camarotes dirigio-se para o tombadilho do paquete no intuito de observar a entrada da barra da bahia de Guanabara.

No tombadilho sentou-se S. Ex. em uma cadeira-liteira, ahi se conservando na contemplação do vasto panorama da bahia e da cidade.

S. Ex. trajava sobrecasaca côr de cinza clara, collete de flabella amarella, gravata vermelha com pontos pretos, calça de cheviot preto, sapatos de verniz e polainas de casemira preta.

Sobre a cabeça trazia um gorro de sêda preta bordado em varios pontos de vidrilhos da mesma côr.

Com as mãos pousadas sobre a bengala procurava com a vista descortinar todos os pontos da bahia, passando de quando em

quando a mão esquerda sobre os oculos para melhor firmal-os e melhor observar e conservar na memoria tudo que se lhe apresentava digno de attenção.

Sua esposa trajava vestido de sêda preta, tendo á cabeça uma mantilha que lhe encobria parte do rosto, sua filha vestia toda de branco, chapéo de palha *canotier* e véo de filó branco, com pequenos salpicos.

Seu neto Fritz trajava á marinheira trazendo á cabeça um bonet preto. Durante o tempo que o nosso reporter esteve a bordo corria por todos os pontos do paquete em constante folgado.

A's 8 1/2 horas chegou ao Arsenal de Marinha o Sr. Dr. Susviela Guarch, Ministro Oriental, acompanhado de um creado trazendo uma grande cesta de flores e dous lindos ramos formados de avencas e cataléas de côres variegadas.

Ahi foi S. Ex. recebido pelos Srs. Ministro da Marinha, Inspector do Arsenal, Capitão-Tenente Santos Porto, Sub-Chefe da Casa Militar do Sr. Presidente da Republica, Marquez de Paranaguá, Conselheiro Correia, Drs. Sá Vianna e Sergio de Carvalho, representando o Congresso Latino Americano, Comendador Henrique Raffard pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e os representantes do *Jornal do Brasil*, da *Noticia* e do *Jornal do Commercio*.

O Sr. Inspector do Arsenal convidou S. Ex. e as pessoas presentes a descansarem em sua residencia.

A's 9 horas dirigio-se o Sr. Ministro Oriental, acompanhado por aquellas pessoas para o cáes do Arsenal, onde o Sr. Ministro da Marinha tinha mandado pôr á sua sua disposição a lancha a vapor *Olga*.

Ao atravessar o pateo, a guarda alli postada fez as devidas continencias a S. Ex. executando a banda de musica do Corpo de Marinheiros Nacionaes o hymno uruguayo e tocando a banda de tambores e corneta a *marcha batida* em continencia.

No cáes os Srs. Ministro da Marinha e Inspector do Arsenal despediram-se do Sr. Ministro do Uruguay, tomando este a lancha em companhia das pessoas acima referidas. Arvorado o pavilhão uruguayo no pequeno mastro de prôa e o brasileiro no de ré, seguio a lancha em direcção ao paquete.

Ao passar proximo á Escola de Aprendizes Marinheiros foram tambem prestadas continencias bem como pelos navios de guerra nacionaes surtos no porto.

A's 9 e 20 atracou a *Olga* junto do paquete, dirigindo-se o Sr. Ministro e as pessoas que o acompanhavam para o tombadilho onde se achava sentado o illustre ex-Presidente Cuestas.

S. Ex. ao vêr approximar-se o Sr. Dr. Susviela levantou-se apoiado na bengala, abraçou-o muito emocionado, batendo-lhe carinhosamente com as mãos nas costas.

Notando a presença dos que acompanhavam o Sr. Ministro descobriu-se rapidamente e conservando-se de pé recebeu as pessoas que pelo Sr. Ministro lhe foram apresentadas mostrando-se muito satisfeito e dirigindo a cada uma phrases de agradecimento.

Em seguida, o Sr. Ministro do Uruguay fez as apresentações á esposa e filha do venerando estadista, que depois de conversar ainda por instantes de pé com as pessoas presentes, sentou-se e dirigindo-se ao nosso representante fez referencia á natureza brasileira, terminando por dizer que as bellezas que elle via já as conhecia alguma cousa por tradicção, mas do quadro que se desenrolava diante de suas vistas, ninguem será capaz de descrever ou de copiar com toda a verdade. Não me canço, disse, nesta contemplação que me faz bem, muito bem e que me encanta.

Pouco depois o Sr. Dr. Susviella Guarch collocou ao lado de S. Ex. uma cesta de flores e pegando em algumas expargio sobre a cabeça do seu velho amigo. De todos os lados do tombadilho romperam palmas.

O Sr. Cuestas tentou levantar-se visivelmente commovido; fez um esforço mas não conseguiu; a commoção apenas deixou ver algumas lagrimas que lhe corriam pelos sulcos da face e, tremulo, levou a mão ao gorro pronunciando as palavras: *mui grato, mui grato.*

Ao Sr. Capitão-Tenente Santos Porto declarou S. Ex. que muito agradecia ao Sr. Presidente da Republica o convite que lhe fazia para vir á terra, mas que não podia aceitar tão honroso convite, o que muito o contrariava, por não lhe permittir o seu estado de saude e que tinha seguras esperanças de poder voltar ao Brasil e de admiral-o mais de perto.

Em seguida o Sr. Dr. Susviela offereceu á esposa e filha do ex-Presidente o ramo de cataléas e avencas.

Um dos convivas dirigindo-se a esta disse

—Sempre amavel o Sr. Dr. Susviela.

A Sra. D. Angela respondeu:

—Como não ser assim se vive entre Brasileiros!...

Pouco depois, com especial gentileza e graça, conversou com algumas das pessoas que alli se achavam, e referindo-se aos Srs. Drs. Sergio de Carvalho e Sá Vianna, disse que já tinha a satisfação de conhecê-los do Congresso de Montevideo e que elles haviam perdido um dos companheiros de grande saber, o Sr. Dr. Manoel Victorino, cuja morte elle sinceramente lamentára.

O Sr. Cuestas convidou as pessoas presentes a tomar uma taça de *Champagne* na sala de jantar, e dando o braço direito ao Dr. Susviela, apoiado na bengala, dirigio-se para o referido salão, acompanhado de sua familia e daquellas pessoas.

A' mesa tomaram lugar: O Sr. Cuestas, tendo á sua direita o Sr. Capitão-Tenente Santos Porto e á esquerda o Sr. Ministro do Uruguay, sua filha D. Angela e o Sr. Commendador Henrique Raffard. Do outro lado, a esposa do Sr. Cuestas, tendo á sua esquerda o Sr. Dr. Sá Vianna, e á direita os Srs. Marquez de Paranaguá, Conselheiro Correia, Dr. Sergio de Carvalho e os representantes do *Jornal do Commercio* e da *Noticia*, ficando na cabeceira o representante do *Jornal do Brasil*.

Servido o *Champagne*, o Sr. Cuestas, levantando a sua taça disse:

—“Senhores. Sinto-me profundamente commovido ante a manifestação de que sou alvo e que considero uma prova da sympathia, da amizade e da união existentes entre o Brasil e a minha Patria.

Os meus estudos de historia fazem-me recordar que a intima amizade que liga os Brasileiros aos Orientaes, data dos tempos em que o Brasil, generoso e nobre, unia as suas forças e os seus elementos poderosos áquelles que nós podiamos prestar para, juntos, na communhão do mesmo sentimento de liberdade, marcharmos em defesa do Rio da Prata, contra o despota de Buenos Ayres.

As palavras do General Brasileiro Barão de Porto Alegre,

Cesar Dias, na batalha de Monte Casero, ultimo baluarte do tyranno Rosas, inflammaram o coração de Brasileiros e Uruguayos que pelo mesmo ideal derramaram o sangue generoso.

Mais tarde, surge a guerra do Paraguay; outro tyranno quer derribar novas liberdades e direitos; e de novo o Brasil offerece a sua preciosa amisade e perde na luta cinco annos, mais de cem mil dos seus filhos, além do enorme desfalque do seu thesouro.

E' este, senhores, o Brasil da nossa historia, sempre grande e magnanimo. Hoje elle se apresenta aos nossos olhos como o continente mais vasto da America do Sul. Nenhuma nação poderá cumprir mais fulgurante destino e bastará, senhores, que o Brasil queira para que muito em breve se torne o arbitro majestoso e forte em todas as questões de interesses sul-americano.

Eis a minha crença e a minha opinião ácerca do Brasil; e agora, senhores, vindo a esta grande nação, faço votos pela gloria do seu porvir e pela felicidade pessoal do Sr. Presidente da Republica, Dr. Rodrigues Alves.

Este discurso foi terminado com prolongadas salvas de palmas de todas as pessoas presentes.

Seguiram-se os seguintes brindes:

Do Capitão-Tenente Santos Porto, saudando, em nome do Sr. Presidente da Republica, o ex-Presidente do Uruguay, alludindo ás relações de amizade que sempre uniram o Brasil áquella Republica, formulando sinceros votos pela prosperidade do illustre homem publico D. Juan Lindolfo Cuestas e desejando-lhe feliz viagem.

—O Marquez de Paranaguá, em nome da Commissão do Congresso Scientifico Latino Americano, saúda o illustre ex-Presidente da Republica visinha e amiga, salientando as relações tradicionaes que, em mais de uma phase de sua historia, a identificaram com o Brasil.

— O Dr. Sergio de Carvalho disse que não obedecia ao convencionalismo das formulas de cortezia internacional o testemunho de legitimo apreço que alguns Brasileiros se compraziam em significar ao eminente homem publico que acabava de dirigir com a clarividencia de um estadista notavel, com a ponderação e o tacto de um administrador honesto e previdente os altos destinos da Republica Oriental do Uruguay.

Revestida da modesta apparencia de uma manifestação pessoal, destituida de pompas e louçanias, concretizava, no entanto, aquella homenagem, em sua espontaneidade affectuosa uma irradiação de culto intimo e suggestiva, a que se impõem os espiritos superiores, as entidades excepcionaes, que têm a predestinação de incorporar-se á vida de uma nacionalidade por feitos que se inscrevem no patrimonio de suas mais bellas tradições.

Latinos, americanos e, o que é mais, identificados por affinidades indissolueis á nobre nação Oriental, os Brasileiros allí presentes acolhiam, desvanecidos, o ensejo que se lhes offerencia de, reiterando sua admiração á fina cultura daquelle paiz, ás suas maneiras fidalgas, ás suas grandes conquistas no seio da civilização, pôr em relevo, como um contraste ás concepções pessimistas das pretensas raças superiores sobre a America ingovernavel, de finanças arruinadas, sem estimulos e sem ideaes, minada pelo virus da degeneração, pela diathese da guerra civil, o vulto venerado de um estadista americano, de largo descortino, de probidade impolluta, que abrija para sua patria uma phase promissora de prosperidades, norteando-a para os melhores destinos.

Saudava o distincto financeiro, ao economista de merito, ao administrador cauteloso e ponderado, que sacrificára o melhor de suas energias na reconstrucção politica e economica de sua patria, e tornava extensiva essa effusiva saudação á culta nação Oriental, tão amavel e boa, tão cavalheirosa e digna, augurando-lhe a mais lisonjeira situação no concerto das nações sul-americanas.

— O Sr. Dr. Sá Vianna, em seu nome e traduzindo os sentimentos de sua esposa, grata ás multiplas gentilezas que lhe foram tributadas em Montevidéo, saúda as senhoras orientaes, allí dignamente representadas pelas dignas senhoras Cuestas e Basañez.

— O nosso representante disse que a imprensa do Rio de Janeiro, em longos editoriaes já havia consagrado sinceras e justas homenagens aos grandes meritos do notavel Estadista Uruguayo.

Cumpria-lhe, no momento, em nome de seus collegas presentes, reiterar tão justos conceitos e conjunctamente exprimir os votos que faz para que o eminente Sr. Dr. Cuestas tenha a mais feliz viagem e possa voltar revigorado e forte ao seio da Patria, que ainda muito precisa do seu civismo.

— O Senador Correia, depois de externar os melhores conceitos sobre a administração do Sr. Cuestas, diz que as relações entre o Uruguay e o Brasil serão imperturbaveis, tendo como garantia segura a amizade entre os dous povos e os nobres attributos que concorrem no distincto plenipotenciario oriental Dr. Susviela Guarch.

Reunindo ás finas qualidades de diplomata os predicados primorosos de um homem de sciencia, o Dr. Susviela Guarch, tão justamente querido na sociedade brasileira, acabava, após pacientes estudos, investigações acuradas, de isolar o microbio da lepra, prestando dest'arte inestimavel serviço á sciencia e ao Brasil. Brindava o distincto observador e o digno diplomata.

—O Sr. Cuestas, saudando o Sr. Dr. Susviela Guarch, disse que fôra uma feliz inspiração sua mandar chamar da Republica Argentina, onde se achava aquelle diplomata, para collocar-o á frente da Legação Oriental no Brasil.

¶Era um homem de trabalho, intelligente, amigo de sua patria, conscio de suas altas funcções e digno de as occupar com proveito para as duas nações amigas — o Brasil e o Uruguay.

O Sr. Dr. Susviela Guarch disse:

—Senhores. Nada mais sincero, mais puro, mais nobre que a expontaneidade do sentimento. E o que ora se manifesta neste lugar, sentimento que levou o Brasil a saudar o Sr. Cuestas, já despojado de sua missão de Presidente do Uruguay, mas investido da gloria da sua honrada e sabia administração, é a repercussão daquelle affecto, daquella sincera união que existe entre os dous povos, sem que preciso seja affirmal-a diariamente em tratados, nem ostental-a como objecto de combinações politicas. Nas regiões do sul, Orientaes e Brasileiros acham-se confundidos pelo sentimento mais affectivo e os laços que os estreitam entre si dia a dia se apresentam mais fortes e duradouros.

Senhores, agradecendo ao vosso Governo e a todos vós, tão eloquente manifestação, mais uma vez faço votos pelo futuro esplendor da vossa patria, a grande nação brasileira.

—O Dr. Sergio de Carvalho disse rememorar jubiloso que, ha dous annos, na mesma data de hontem, a Commissão Brasileira de que foi obscuro membro seguira para Montevéo a tomar parte no Congresso Scientifico Latino-Americano, que se reunio

naquella encantadora cidade, a perola do atlantico, como lne chamara em uma saudação a sua nobre e culta sociedade.

Guarda das deferencias prodigalizadas, com distincta cortezia, á Commissão Brasileira uma recordação carinhosa, envolta hoje na saudade do amigo e companheiro ausente, luzeiro daquela representação, e não pode olvidar a elevação com que os homens de sciencia da Republica do Uruguay, entre os quaes os membros da Commissão Organizadora do Congresso, concorreram para dar áquelle certamen uma feição digna dos seus altos propósitos.

Sentia-se feliz relembrando esse facto e saudava aquelles que, pelo estudo e pela observação, devotando-se ao culto da sciencia, demonstravam naquella parte do nosso continente que a America pôde cultivar com efficacia qualquer ramo de conhecimentos.

Saudava os homens de sciencia uruguayos.

— O Sr. Cassio Farinha disse que foi na imprensa de Montevideo um opposicionista, mas que o Sr. Cuestas pela correcção de seu proceder, pela sua honorabilidade o convencera, conquistando ao mesmo tempo os applausos de todos os amigos do Uruguay, e que saudando a S. Ex. saudava aquella Republica, patria de seus filhos.

Nesta occasião chegavam ao salão o Sr. Adolfo Basañez, Consul Geral do Uruguay e sua respeitavel esposa, que foram recebidos carinhosamente pelo Sr. Cuestas e sua familia.

A Sra. Basañez osculou na testa o Sr. Cuestas que, erguendo a taça, disse:

Bebamos, senhores, em honra de uma das mais formosas senhoras orientaes.

A's 11 horas despediram-se as pessoas presentes do illustre ex-Presidente que a todos agradeceu a significativa manifestação que recebêra e o acolhimento que tivera nesta Capital por parte da imprensa, pedindo para significar aos seus directores a sua imperecível gratidão.

O Sr. Cuestas e sua familia retomaram os seus logares no tombadilho onde se conservaram até á tarde.

O paquete *Atlantique* seguiu para a Europa ás 8 horas da noite.

THOMAZ RIBEIRO

Pungida acerbamente deve estar a estas horas a alma da heroica nação portugueza pela morte de um dos seus filhos mais illustres, e que tanto a soube ennobrecer e honrar pela grandeza de seu elevado merecimento litterario, pela hombridade do seu character honesto, pelas suas virtudes civicas, pela magnanimidade do seu coração, constituido de bondade, de amor e de caricias.

Poeta nenhum, na segunda parte deste seculo, foi mais inspirado, nem mais patriota, nem mais entusiasta pela grandeza e glorias de sua patria que Thomaz Ribeiro.

Orador, jámais nos debates travados com seus adversarios politicos, chegára ás asperezas da linguagem violenta e apaixonada, quasi sempre injusta e jámais conveniente.

Pai extremoso e dedicado, ninguem o excedeu no amor que consagrava a seus filhos, e nos sentimentos affectivos que prodigamente sabia dispensar-lhes.

Exemplo vivo de cordura, toda sua alma se desdobrava em caricias e bençãos, em cuidados constantes e perennes pela felicidade desses entes, que eram a fonte inspiradora de seu estro poetico, cheio de sentimentalismo e de encantos.

No seu livro *Jornadas* dedicou, a seu filho João, estas linhas que são a affirmativa solemne da elevação da sua grande alma, e dos seus sentimentos de pai extremoso e amantissimo:

“Amavel creança: Se Deus te der vida, se fôres homem um dia, has de pensar em mim lembrando o muito que te quero, ou quiz se tiver deixado de existir.

Quando souberes ler acharás aqui o teu nome ao pé do meu; já que não posso deixar-te honras nem riqueza, fiquem-te ao menos, e desejo que os guardes bem, os conselhos que vou dar-te:

Sê modesto sem fraqueza nem servilismo, e sê bom até para com os máos; sê amante da tua patria e respeitador das suas glorias.

Serve toda a causa nobre, embora infeliz e todo o sentimento generoso.

Cumpre fielmente os teus deveres, e sê justo.

Respeita e protege todas as crianças, e todos os velhos invalidos.

Sê liberal e progressista antes de obras que de palavras.

Pensa pouco em ti, muito nas tuas obrigações; e não aprendas a chamar sacrificio aos teus trabalhos.

Queixa-te o menos que puderes e não encareças as tuas obras.

Dou-te em publico estes conselhos para que mais te obriquem.”

Ahi fica rapida e psychologicamente descripto o valor moral desse grande homem, dessa gloria portugueza que desapareceu dentre os vivos deixando perduravel para todo o sempre a sua memoria imperecivel e querida.

.....
Nomeado Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario para o Brasil, coube-lhe a honrosa missão de mensageiro da paz, vindo diplomaticamente reatar as cordiaes relações que sempre uniram Portugal ao Brasil, interrompidas por circumstancias excepcionaes.

Do *Jornal do Commercio* de 19 de Maio de 1895, referindo-se á nomeação de Thomaz Ribeiro em longo artigo, extrahimos os seguintes topicos:

“O motivo que determinou o desespero, que na impossibilidade de outra manifestação se traduzio no rompimento diplomatico contra Portugal, é um titulo incomparavel que honra sobre maneira o tradicional sentimento de altivez e os brios de generosa hospitalidade que caracterizam o povo portuguez.

.....
Não é este o momento apropriado para acompanharmos a longa serie de incidentes que assim deviam levar o governo de então, pela logica de sua natureza, ao rompimento de relações diplomaticas com Portugal. O serviço prestado pela esquadra portugueza no Rio de Janeiro, poupando-nos a um espectáculo que

seria infallivelmente a eterna deshonra da nossa historia, ou uma calamidade sem exemplo, é daquelles que nunca se pagam, e que devem ser recordados, tanto em beneficio dos que o fazem como dos que o recebem. Taes laços nunca se desatam, e bastariam elles para tecer com grillhões ainda mais fortes a cadeia que vincula as duas nacionalidades, e contra a qual se embotam as garras mais aceradas.”

Havia muito que a população desta Capital não assistia a um espectáculo tão deslumbrante como foi o da recepção do illustre diplomata.

Acezas ainda achavam-se pelo odio as paixões partidarias, sempre injustas e sempre crueis.

O Conselheiro Thomaz Ribeiro alojou-se no hotel Metropole, nas Laranjeiras, onde durante muitos dias recebeu as mais altas e significativas provas de apreço e de estima quer dos seus compatriotas, quer de Brasileiros.

No dia de sua chegada a esta Capital convidou as pessoas que o acompanharam até ao hotel para almoçar.

Antes de terminar o almoço lançou na taça um pouco de vinho do Porto e a erguendo disse que, rompendo as praxes, bebia com vinho portuguez á saude do Presidente da Republica Brasileira e de seu hospitaleiro povo.

Nas proximidades da sala havia grande numero de senhoras e moças que, instadas por Thomaz Ribeiro, entraram no recinto.

Elle, levantando-se, pronunciou uma eloquente e significativa saudação á imprensa e aos poetas brasileiros, que tinham tão bellas inspiradoras, como as que o honravam com a sua presença naquella intima reunião.

De genio expansivo, affavel, a todos dispensava especial carinho, alegre sempre, e cheio de bom humor.

A conversação versava muitas vezes sobre as idéas exaltadas que então estavam arraigadas no espirito desarrazoado de uma pequena parcella dos meus patricios.

Thomaz Ribeiro dizia que lhe prestariam um grande serviço se o approximassem dos adeptos dessas opiniões, pois que tinha certeza de convertel-os em pouco tempo.

“Emprestam-me intenções que eu não tive quando escrevi a *Carta de alforria*, dizia elle, mas que fazer!... quem se expõe a amar expõe-se a padecer.”

Communicativo, cheio de expansibilidade e meigo para com todos, o era principalmente para as moças e para as crianças, tomando estas ultimas ao collo as cobria de affagos e de caricias.

Sentado, uma occasião, no jardim do hotel, transportados talvez o seu espirito e a sua alma ás longes terras da patria querida, emballado no doce-amargo da saudade paternal, foi sorprendido por um grupo de gentis moças que o cobriram de flores.

Rapido, levantou-se, os seus grandes olhos vivos e penetrantes palpitavam nervosamente nas orbitas e tomando entre os braços a mais pequena dentre ellas cobrio-a de beijos e... de lagrimas...

Emocionante scena, que deixou transluzir toda a bondade, toda a ternura, toda a gratidão daquella alma boa e sã.

As tardes passava-as elle no jardim, cercado sempre de moças que, cada qual mais pressurosa, iam offerecer-lhe pequenos ramilhetes de flores, em troca dos seus carinhos, sinceramente puros, sinceramente paternaes.

Como se impunha a sua figura insinuante, respeitosa no meio dessas crianças, que dulcificavam-lhe a saudade e a nostalgia talvez!...

Uma manhã, Thomaz Ribeiro, em companhia do autor destas linhas, dirigio-se de carro para visitar os suburbios desta cidade.

Chegados á praça Tiradentes, saltámos para ver de perto a estatua de Pedro I.

Quando de novo tomou a carruagem, Thomaz Ribeiro encontrou sobre o assento do carro o jornal *Jacobino*.

Procurei obstar que o lesse, no intuito de não contrarial-o, mas o illustre diplomata durante o passeio leu-o aos poucos, fazendo, ora engraçados commentarios, ora combatendo os trechos mais grosseiros e injustos.

Aposto, dizia-me elle, que algum dos redactores deste jornal, se não todos, descende de portuguezes. Quem assim escreve negando tradições e glorias, desvirtuando a verdade e a justiça, póde ser tomado como um agitado, que facilmente póde transformar-se em um criminoso. A paixão partidaria de tudo é capaz.

No dia seguinte pedi ao illustre poeta e diplomata que escrevesse alguma cousa no meu album.

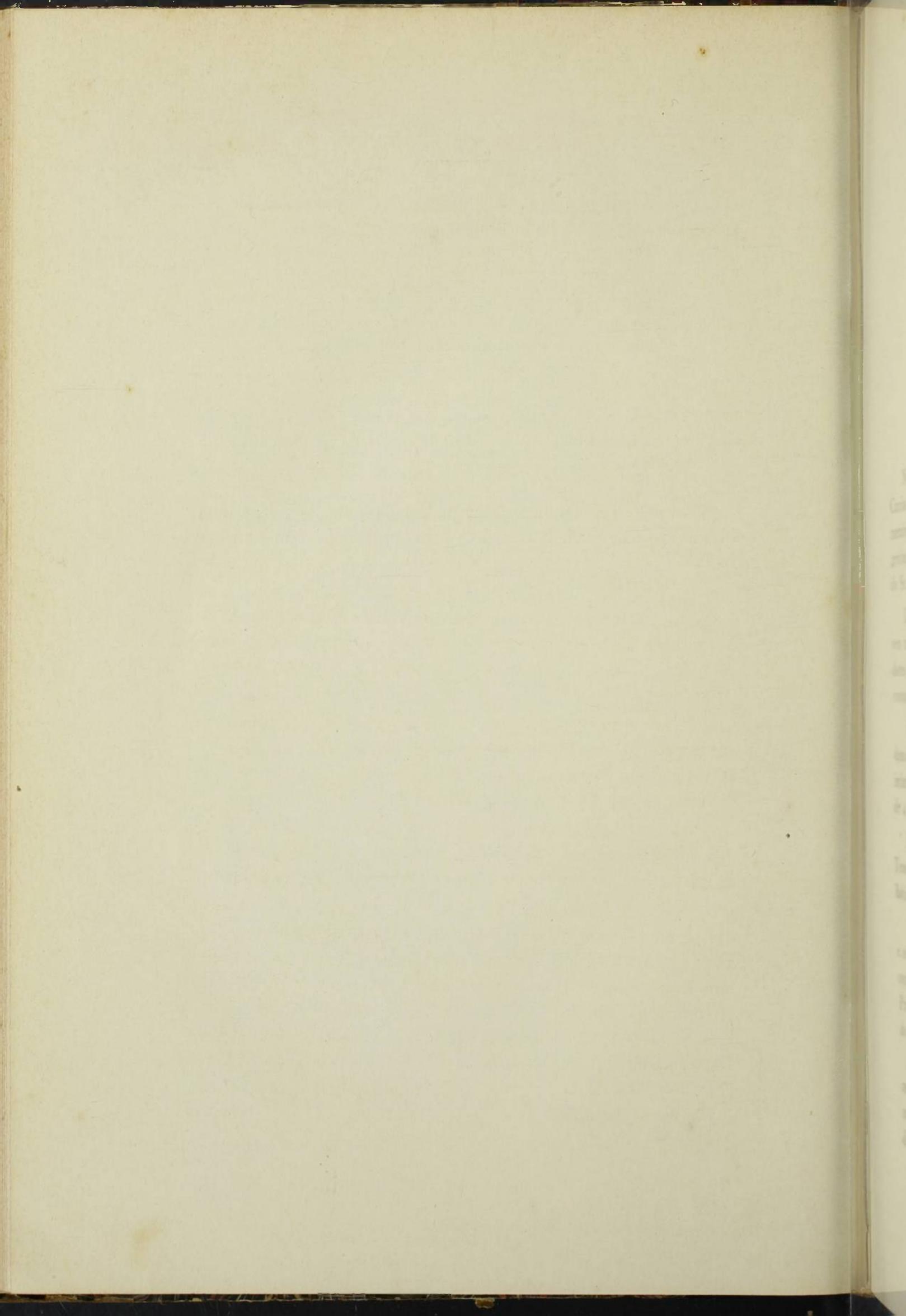
Accedendo ao meu pedido escreveu:

“Viajar incognito é ajuizado e commodo.
Chegar-se muito á luz é expor-se a ser queimado.
Tão formoso e feiticeiro encontrei o Brasil
que... tomára não o ter visitado !

Pensando o Sr. Ernesto Senna um pouco nestes absurdos chega a comprehendel-os. — Rio de Janeiro, 28 de Maio de 1895. — *Thomaz Ribeiro.*”

Sirvam estas despretenciosas linhas de pequeno testemunho de gratidão e de saudade respeitosa á sua veneranda memoria.

1901.



O DUQUE DE CAXIAS

I

Nascido em 25 de Agosto de 1803, muito cedo o Duque de Caxias abraçou a carreira militar, na qual com outros muitos membros de sua familia tinha elevado posto o seu illustre progenitor, que fez parte da Regencia do Imperio, após a abdicção do Sr. D. Pedro I.

Dotado de natural vocação para esta ardua carreira, o joven militar Lima e Silva não tardou em manifestar os variados dotes que o deviam recommendar á admiração e estima dos seus compatriotas.

E' assim que o vemos fazer com brilho o curso da Real Academia Militar, sendo por isso promovido a Tenente da arma de infantaria por decreto de 2 de Janeiro de 1821, com antiguidade de 4 de Novembro do anno anterior.

Nas fileiras do celebre Batalhão do Imperador, fez o joven Tenente a campanha da Independencia na então Provincia da Bahia, merecendo especial menção pela sua exemplar bravura.

Promovido a Capitão por decreto de 22 de Janeiro de 1824 e condecorado com o habito da ordem do Cruzeiro, e mais tarde com a medalha concedida aos bravos que se bateram naquella Provincia, começou desde logo a accentuar-se a alta individualidade do preclaro cidadão.

A campanha da Provincia Cisplatina de 1825 a 1828 lhe forneceu ensejo para colher novos louros, que lhe valeram a sua promoção ao posto de Major, bem como a commenda da ordem militar de S. Bento de Aviz.

Na qualidade de segundo Commandante do Batalhão do Imperador coube-lhe parte importante nos acontecimentos que se seguiram á abdição do Sr. D. Pedro I, em 7 de Abril de 1831 ; sendo tal o seu prestigio, que, formando-se um batalhão patriótico para manter a ordem, profundamente alterada pela indisciplina dos soldados da guarnição da Côrte, do qual batalhão faziam parte, como simples praças, officiaes superiores e generaes, foi o Major Lima e Silva escolhido por seus companheiros e superiores, para exercer as funcções de segundo Commandante.

Mais tarde foi-lhe commettida a organização de um corpo de municipaes permanentes, á testa do qual, como Commandante, relevantes serviços prestou o distincto Major á ordem publica nos agitados dias que se seguiram ao 7 de Abril.

Contam que nessa occasião indo em perseguição de Miguel de Frias, o chefe da rebellião, este se homisiara na residencia do Desembargador Nabuco.

O Major Lima e Silva dirigio-se em pessoa para a residencia daquelle Desembargador, que lhe franqueou a casa.

Lima e Silva percorria todas as dependencias, quando abrindo um quarto, enfrentou com o Major Frias.

Sem se perturbar ou mostrar-se sorprendido, encarou o chefe revolucionario, fechou a porta e retirou-se sem articular uma palavra. Generosa acção de um vencedor que alliava á disciplina e ao cumprimento do dever, a nobreza de elevados sentimentos de generosidade.

No posto, pois, de Tenente-Coronel, commandou os Municipaes Permanentes, de 25 de Outubro de 1832 a 17 de Dezembro de 1839.

Promovido a Tenente-Coronel por decreto de 12 de Setembro de 1837, acompanhou neste mesmo anno o Ministro da Guerra, Sebastião do Rego Barros, ao theatro da luta civil, que desde o anno de 1835 ensanguentava as campinas da Provincia do Rio Grande do Sul.

Foram notaveis os seus serviços nesta época, e tantas provas deu de excepcional circumspecção, que o Governo da Regencia o escolheu para servir como Presidente e Commandante Geral das

forças em operações na Provincia do Maranhão, onde desde 1838 lavrava a guerra civil.

A 7 de Fevereiro de 1840, o Coronel Lima e Silva (promovido a este posto por decreto de 2 de Dezembro de 1839) assumio o exercicio daquelles cargos, dos quaes retirou-se em Maio de 1841, deixando em plena paz a Provincia, a sua população entregue aos seus labores habituaes e, em importantes melhoramentos que realizou, as provas eloquentes da sua benefica, fecunda e intelligente administração.

O povo maranhense manifestou-lhe a sua gratidão elegendo-o seu representante na Camara temporaria da 5^a Legislatura.

A Regencia promoveu-o ao posto de Brigadeiro por decreto de 18 de Junho de 1841, em remuneração a tão importantes serviços e conferio-lhe o titulo de Barão de Caxias.

As perturbações politicas que se manifestaram em S. Paulo, não permittiram que por muito tempo ficasse inactivo o valente soldado.

Deixando o commando das armas da Capital do Imperio, foi o Barão de Caxias nomeado em Maio de 1842 Commandante das forças que operavam naquella Provincia.

Em breve tempo as suas acertadas providencias abafaram o movimento sedicioso ; sendo os seus serviços logo após reclamados na Provincia de Minas Geraes, onde com impeto assustador ergueu-se a bandeira da rebellião, no mez de Junho do mesmo anno de 1842.

Antes de tres mezes foi debellado este serio movimento, em que tomaram parte muitos vultos importantes, que mais tarde tiveram papel saliente na politica do segundo reinado.

O combate de Santa Luz, em 20 de Agosto, terminou essa luta, á qual davam excepcional importancia a influencia e prestigio dos que a dirigiam.

O Governo deu o merecido apreço aos serviços prestados pelo illustre militar, elevando-o á graduação do posto de Marechal de Campo.

A Provincia de S. Paulo, em reconhecimento pela sua pacificação, mandou-o como seu representante á Camara temporaria na legislatura de 1842 a 1845.

! Ardia com a maior intensidade o facho da rebelião no Rio Grande do Sul, pondo em risco imminente as instituições e a integridade nacional.

Oito annos já havia que a guerra civil vigorosa e tenaz, trazia o territorio da florescente Provincia quasi completamente segregado do resto do Imperio.

Mais uma vez coube ao illustre soldado concorrer com o prestigio do seu alto valor e fulgurante estrella para o restabelecimento da paz e concordia entre a familia brasileira.

Nomeado Presidente e Commandante em Chefe das forças em operações no Rio Grande do Sul, para ahi seguiu o General Barão de Caxias, em Dezembro de 1842, com o fim de desempenhar a sua melindrosa commissão, e nella se houve com tanta pericia e discernimento que, destroçou successivamente as forças rebeldes em Ponche Verde, Alegrete, Bagé, S. Gabriel e Santa Anna do Livramento e outros pontos, frustrando com habil tactica todos os planos dos revolucionarios, suffocando completamente a revolução em Fevereiro de 1845, submettendo os seus chefes á obediencia das leis e extinguindo os odios oriundos da guerra civil. Para tão agradavel desenlace concorreu principalmente a humanidade, moderação e justiça com que o Barão de Caxias soia amenizar os horrores das revoluções, jámais esquecendo que eram irmãos os inimigos com que tinha de encontrar-se e que era da Patria o solo onde se derramava o sangue brasileiro.

A nobre Provincia do Rio Grande do Sul não podia deixar no olvido tão inestimaveis serviços ; e, pois, na primeira eleição a que se procedeu para o preenchimento de uma vaga de Senador do Imperio, espontaneamente elegeu em primeiro lugar, quasi por unanimidade, o bravo General, que foi para este elevado cargo nomeado por Carta Imperial de 1 de Setembro de 1845.

O Governo, por sua vez, tambem o distinguio, conferindo-lhe o titulo de Conde e o posto effectivo de Marechal de Campo.

Pouco tempo repousou o valente cabo de guerra ; embora tivesse a sua actividade applicada a utros serviços que reclamavam a cooperação da sua provada competencia, quer no Senado, quer no commando das armas na Capital do Imperio.

As agitações que na Banda Oriental se faziam sentir contra o Governo de Oribe, reflectiam-se nas fronteiras do Rio Grande do Sul, ameaçando novamente conflagrar esta Provincia, que procurava com esforço curar-se dos males produzidos por dez annos de lutas intestinas.

Para alli, pois, teve novamente de seguir o Conde de Caxias, investido por decreto e Carta Imperiaes de 15 e 16 de Junho de 1851 dos cargos de Presidente e Commandante em Chefe do Exercito em operações, cuja organização lhe cumpria encetar.

Em menos de tres mezes Caxias dava conta da sua missão. A sua energia e habilidade conseguiram a capitulação do inimigo, sem effusão de sangue e, portanto, a terminação victoriosa da campanha na Republica do Uruguay.

A tyrannia do dictador de Buenos-Aires ameaçava a paz da Banda Oriental, e, consequentemente, das nossas fronteiras. As constantes provocações daquelle dictador levaram-nos a celebrar o convenio de 21 de Novembro de 1851, em virtude do qual o Imperio, a Republica Oriental e os Estados de Entre Rios e Corrientes se alliam para libertar o povo argentino do seu tyranno, restabelecendo o regimen da paz e tranquillidade nos Estados do Prata.

Novas glorias nesta campanha estavam reservadas a Caxias, que com o seu exercito ainda acampado nas margens de Santa Lucia, teve de operar com as forças colligadas, conseguindo o desbaratamento do poder do despota argentino na memoravel batalha de Moron, a 3 de Fevereiro de 1852, onde se cobrio de gloriosos louros a divisão brasileira, commandada pelo então Brigadeiro Marques de Souza, mais tarde Conde de Porto Alegre.

Por esta occasião foi o Conde de Caxias elevado a Marquez do mesmo titulo e promovido ao posto de Tenente-General.

Não podia permanecer inactivo um tão benemerito patriota; e assim, emquanto a sua espada gloriosa descansava dos labores das campanhas, serviços de outra ordem, igualmente importantes, reclamavam as luzes e a experiencia do dedicado servidor.

Eil-o pois chamado, em 1855, para fazer parte dos conselhos da Corôa, tomando a seu cargo a pasta da Guerra no Ministerio presidido pelo Marquez de Paraná.

São notorios na alta administração da Guerra os serviços que então prestou o inclyto General, que, na opinião dos seus collegas, nas discussões ministeriaes “se assignalava como politico provector, por seu juizo claro, senso pratico, expressão concisa nas exposições, prudencia e acerto de opiniões nos assumptos em que tomava parte.”

Filiado ao antigo Partido Conservador do Imperio, o Marquez de Caxias, no Governo, distinguio-se sempre pelo espirito de moderação e justiça, que era um dos mais bellos ornamentos do seu elevado character.

Todos os serviços militares mereceram a sua attenção, tendo a todos dado a conveniente organização de accôrdo com as exigencias da época.

Pela retirada do Marquez de Paraná em consequencia da subita enfermidade que inesperadamente privou a Patria de tão preclaro estadista, coube em 3 de Setembro de 1856 ao Marquez de Caxias substituil-o na presidencia do Gabinete, que exerceu até 3 de Maio do anno seguinte, em que este foi dissolvido.

Nomeado Conselheiro de Guerra em 1858, continuou o eminente cidadão a longa serie de serviços de que a Patria já lhe era devedora.

Chamado novamente á alta administração do Paiz, organizou o Marquez de Caxias o Ministerio de 3 de Março de 1861 no qual, occupando a pasta da Guerra, outros importantes serviços vieram recommendal-o á gratidão nacional.

Modesto e sobrio nas discussões, nunca deixou, todavia, de tomar parte naquellas que interessavam os serviços da sua pasta, ou que lhe eram impostos pela sua alta posição politica.

A sua palavra era sempre ouvida com a maxima attenção, e os seus adversarios nunca deixaram de acatar os seus conceitos, sempre enunciados com a franqueza do soldado e a singeleza de uma robusta convicção.

Dissolvido o Gabinete em 4 de Maio de 1862, voltou o Marquez de Caxias ao exercicio de suas funcções de Senador e Conselheiro de Guerra, em que se conservou até 1865, quando se declarou a guerra com o Paraguay.

Motivos de politica partidaria antepuzeram-se á nomeação do Marquez de Caxias, já então Marechal do Exercito graduado,

por decreto de 2 de Dezembro de 1862, para dirigir as operações da campanha a que nos arrastou o dictador Solano Lopez, ao des-cambar do anno de 1864.

Não que o patriótico soldado tivesse apresentado objecções que o incompatibilizassem com os adversarios, que então governavam o Paiz.

Certa occasião, consultado se aceitaria o commando em Chefe do Exercito, o valente Marechal declarou que dentro de duas horas estaria prompto para marchar, se fosse preciso.

Na qualidade de Ajudante de campo acompanhou o Imperador ao Rio Grande do Sul, juntando-se ás forças que sitiavam a cidade de Uruguayana, occupada pelos Paraguayos, a cuja rendição assistio.

Auxiliou, entretanto, o Governo. nos trabalhos preliminares da direcção da guerra ; pertencendo-lhe a idéa da criação dos corpos de patriotas que pelo decreto de 7 de Janeiro de 1865 receberam a denominação de *Voluntarios da Patria*.

A ausencia do glorioso Osorio depois da batalha de Tuyuty, o mallogro do assalto de Curupaity, a inacção em que se achavam as tropas, expostas diariamente ao bombardeamento das formidaveis baterias do inimigo, o desanimo que já começava a desenvolver-se no Exercito, a incerteza de novas operações, impuzeram o velho guerreiro como o unico capaz de levar a termo a sangrenta campanha.

Presidia os destinos da Nação um Governo contrario ao partido politico do nobre Marquez.

Mas, acima das conveniencias partidarias, viam, quer os directores da situação, quer o digno Marechal, a imagem afflicta da Patria, exigindo o congraçamento de todos os seus filhos para vingar as gratuitas offensas do inimigo.

Nomeado por decreto de 10 de Outubro de 1866, Commandante em Chefe das forças do Imperio em operações contra o Paraguay, seguiu o valoroso militar para o seu destino no dia 27 do mesmo mez, tendo sido por outro decreto, de 13 tambem de Outubro, elevado ao alto posto de Marechal do Exercito, effectivo.

A actividade do General Caxias e o seu proverbial tino administrativo puzeram-se em acção logo que elle chegou ao Rio

da Prata. Reorganizou logo os depositos de artigos bellicos, diversos hospitaes estabelecidos nas capitaes e em outras cidades das Republicas Platinas. Providenciou sobre a remessa de munições, armamento e fardamento para as tropas que se achavam em campanha, não se descuidando das munições de bocca e de outras necessidades que, segundo as informações, se faziam sentir nos acampamentos.

A 18 de Novembro seguinte chegava o novo Commandante em Chefe ao acampamento de Tuyuty, sendo recebido com as mais entusiasticas aclamações pelas forças acampadas, que viam no velho General a segurança de novas victorias e o proximo termo dos seus já prolongados soffrimentos.

Desde então não descansou o propecto General emquanto as forças sob seu commando não ficaram em condições de proseguir, sem interrupções, nas operações de guerra.

A tudo attendeu o activo Commandante em Chefe: transportes, ambulancias, hospitaes, depositos, munições de guerra e de bocca, forrageamento dos animaes, remonta destes, invernadas, instrucção e disciplina das tropas, entrincheiramentos na base de operações, hostilidade continua contra o inimigo, etc., etc., tudo, enfim, para a completa reorganização do Exercito.

Em 21 de Julho de 1867 puzeram-se em marcha o primeiro e o terceiro corpos do Exercito, operando o notavel movimento que contornando o flanco esquerdo das posições inimigas, devia dar-nos o accesso para o famoso quadrilatero dentro do qual, cercado por suas largas trincheiras e sob a protecção de numerosissima artilharia, o tyranno do Paraguay zombava da impotencia dos alliados e da esterilidade desesperadora dos seus Exercitos.

Acabaram-se as treguas.

O inimigo, vigiado por todos os lados, acossado por constantes escaramuças, sentia os recursos fugirem-lhe dia a dia; com as novas operações, sentia a perda gradual dos artificios com que contava deter a marcha victoriosa dos seus perseguidores.

Nesta occasião o cholera invadia com impeto o acampamento dos Exercitos alliados.

Era um contratempo que vinha embaraçar o proseguimento das operações. Não se fizeram, porém, esperar as providencias

precisas para debellar o mal, sem perder-se o tempo precioso, que as circunstancias da guerra reclamavam.

Nesta difficil contingencia o General em Chefe mostrou-se tal qual era de esperar de tão excepcional administrador.

Organizaram-se hospitaes; multiplicaram-se os comboios das ambulancias; tomaram-se medidas para combater a intensidade e a propagação do mal, e ao mesmo tempo em pequenos e successivos encontros batiam-se forças inimigas, feriam-se combates de cavallaria em S. Solano; era occupado o Potrero Ovelha e o Tagy, e dentro em pouco tempo a nossa bandeira triumphante, de victoria em victoria, tremulava dentro do recinto do legendario Humaytá.

Novas e formidaveis fortificações eram levantadas pelo tenaz inimigo para embaraçar e neutralizar os planos do valente General; mas a este nada intimidava.

Novas modificações eram immediatamente adoptadas; de modo que, quando menos o esperava, era o inimigo atacado naquelles mesmos pontos onde se julgava mais invulneravel.

Foi assim que, planejando a estrada sobre os pantanos do Chaco, essa audaciosa concepção, que encheu de pasmo o proprio inimigo e que só poderia ser levada a effeito, como foi, tendo a constancia e a tenacidade de um General Argollo e de um Coronel Rufino Galvão, este Chefe da Commissão de Engenheiros e aquelle Commandante do 2.º Corpo do Exercito, escreveu o genial Caxias as datas gloriosas de 6, 11, 21, 25 e 27 de Dezembro em Itororó, Avañy e Lomas Valentinas, levando o dictador, que vio destruido o seu poder militar, a fugir para as cordilheiras, afim de tentar novos recursos para a continuação da luta.

Tão incessantes e arduos trabalhos durante 26 mezes interessaram profundamente a saude do velho General, que sentindo aggravarem-se os seus soffrimentos, foi forçado a parar em sua marcha triumphadora.

Installando victoriosamente as forças alliadas na Capital do Paraguay, o bravo General passou a seu successor, em Janeiro de 1869, o Commando em Chefe do Exercito e recolheu-se á Capital do Imperio, onde o apreço do Soberano e a gratidão dos

seus compatriotas o acolheram com as demonstrações que lhes mereciam os seus inestimaveis serviços.

Honras e louros lhe foram largamente tributados.

O titulo de Duque de Caxias passou a condecorar o seu nome illustre, e a medalha de Merito Militar e as Grã-Cruzes de D. Pedro I e da Rosa assignalaram no seu peito nobre e leal a extensão e a importancia dos serviços que o inclyto patriota prestou na campanha do Paraguay.

Apenas alcançadas algumas melhoras, em sua delicada saude, voltou o illustre Duque de Caxias a occupar-se com os serviços que lhe eram reclamados no Conselho Supremo Militar, no Conselho de Estado, para que foi nomeado por decreto de 12 de Outubro de 1870, e no Senado.

As exigencias da politica conservadora, a que era filiado o nobre Duque, lhe impuzeram mais uma vez o sacrificio de tomar as redeas do governo ao que o digno patriota se submetteu, organizando o Ministerio de 25 de Junho de 1875, no qual mais uma vez tomou o desempenho da pasta da Guerra.

O Ministerio Caxias devia governar sob a regencia da Princesa Imperial e tinha por fim, na parte politica, harmonizar os grupos dissidentes do Partido Conservador, profundamente scindido pela aurea Lei Rio Branco, que libertou o ventre escravo.

Nesse ministerio, embora já alquebrado e minado por fatal doença, ainda muito trabalhou o digno cidadão para que maior somma de reconhecimento lhe seja devida pelos seus compatriotas.

Dissolvendo-se o Gabinete de 25 de Junho, em 5 de Janeiro de 1878, pouco tempo sobreviveu o bravo e patriotico General.

O Marechal Duque de Caxias, o pacificador das Provincias do Maranhão, S. Paulo, Minas Geraes e Rio Grande do Sul; o Commandante em Chefe dos Exercitos que operaram na Republica do Uruguay, na Republica Argentina e no Paraguay, morreu quasi pobre, deixando apenas já muito reduzida a modesta fortuna que herdou dos seus maiores.

II

Luiz Alves de Lima e Silva, grande do Imperio, Marechal effectivo do Exercito, Ajudante de campo de Sua Majestade o

Imperador, Conselheiro de Estado e de Guerra, Senador pela Provincia do Rio Grande do Sul, condecorado com muitas ordens do Imperio e varias ordens estrangeiras. Reconhecido cadete aos cinco annos de idade cursou depois com brilho a Real Academia militar. Em 1823, sendo Tenente, foi fazer a campanha da Bahia. Os seus ultimos serviços militares foram prestados na guerra do Paraguay, onde até á sua retirada, com sacrificio da sua já compromettida saude, deixou o seu nome ligado a todos os combates que tanta gloria deram ao Brasil. Repetidas vezes foi Ministro de Estado e Presidente do Conselho. Respeitado por seus proprios adversarios, exerceu sempre grande influencia no partido conservador, do qual era uma das primeiras glorias. Pelos relevantes serviços prestados ao paiz, teve as seguintes condecorações: Grã-Cruz das Ordens Imperial do Cruzeiro, effectivo da Rosa, de Pedro I e de S. Bento de Aviz; medalha oval da Independencia (Bahia) com o passador de ouro; medalha commemorativa do rendimento da divisão do Exercito do Paraguay que acampava em Uruguayana; medalha do Exercito Oriental do Uruguay, em 1852; medalha de merito e bravura militar; medalha da campanha do Paraguay; grã-cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição da Villa Viçosa; primeiro Barão, primeiro Conde e primeiro Marquez de Caxias. O sentimento pela sua morte foi geral. Nasceu no Rio de Janeiro em 25 de Agosto de 1803, e falleceu na Fazenda de Santa Monica em 7 de Maio de 1880.

A proposito da vida do illustre militar acode-nos narrar os dous factos seguintes:

O velho Duque gostava muito de passeios a cavallo.

Uma occasião achava-se na fazenda de sua filha, a Sra. Baroneza de Santa Monica, no Desengano.

Pela manhã montou a cavallo para dar um dos seus habituaes passeios.

Ao atravessar a linha da estrada de ferro approximava-se o trem. O silvo da machina assustou o animal que, tomado de espanto, disparou sem que o Duque pudesse soffreal-o. O animal correu vertiginosamente mais de um kilometro sem que conseguisse desmontar o intrepido cavalleiro.

Mais tarde, em sua residencia nesta Capital, á rua Conde de Bomfim, costumava fazer diariamente, pela manhã, os mesmos passeios.

Uma vez arreiado o animal, o velho Marechal, collocando o pé esquerdo no estribo, preparava-se para montar, quando sentio que lhe faltavam as forças para realizar esse movimento.

O criado, reconhecendo isso, acudio em seu auxilio, offerecendo-se para ajudal-o a subir.

O Duque, porém, sem nada responder limitou-se a debruçar-se sobre a sella do animal e deixando cahir a cabeça sobre os braços desfez-se em pranto.

Reagindo pouco depois sobre si mesmo desistio do seu intento e abandonando o animal retirou-se apressadamente para os seus aposentos.

Desde esse momento nunca mais montou nem procurou montar a cavallo.

A mobilia que guarnecia o quarto onde falleceu o grande Brasileiro era de uma simplicidade monastica.

Além de sua pequena cama de ferro só havia duas canastras de roupas de seu uso commum. Quando alguém lhe lembrava mandar buscar pelo menos uma cadeira de balanço para que melhor repousasse, o grande cidadão respondia:

— Não, tenho a cama que é bastante agradavel e onde me accomodo perfeitamente.

Grande parte dos objectos que lhe pertenciam, o illustre Marechal distribuiu por seus parentes e amigos, cabendo as armas ao seu amigo o Visconde da Penha; o lombilho e arreiamto de prata, bem como algumas condecorações, cama de campanha e outros objectos, á sua filha, a Sra. Viscondessa de Ururahy e ao seu genro.

O Duque de Caxias nasceu na fazenda de S. Paulo, no Tuquarú, villa da Estrella, situada entre as localidades denominadas Barro Branco e Mato Grosso.

A casa da fazenda é um sobrado, ainda existente, mas em ruinas, que pertence actualmente ao Sr. Antonio Serra.

Foi baptisado na capella de Nossa Senhora da Conceição da freguezia do Pilar, tambem no Estado do Rio de Janeiro.

A estatua do valoroso soldado, erigida no largo do Machado, hoje praça Duque de Caxias, foi executada pelo estatuario Rodolpho Bernardelli e a commissão que levou a effeito esta merecida homenagem compunha-se dos Srs. Barão de Invinheima, Marechal Conrado Jacob de Niemeyer, Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, Almirante Carlos Balthazar da Silveira, Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira e Conde de Figueiredo.

Essa estatua foi inaugurada com grande solemnidade no dia 15 de Agosto de 1899, na presença do Presidente Campos Salles e seu hospede o General Roca, Presidente da Republica Argentina.

— Dos officiaes promovidos por actos de bravura em 11 de Dezembro de 1868 pelo Marechal, quando Commandante-Chefe do Exercito Brasileiro em operações contra o Governo do Paraguay, ainda se acham em serviço activo os seguintes:

POSTOS ACTUAES	NOMES	POSTOS A QUE FORAM PROMOVIDOS
Marechal	Francisco de Paula Argollo	Tenente.
»	Julio Anacleto Falcão da Frota	Major.
G. Div.	José Maria Marinho da Silva	Alferes.
» Brig.	Antonio Carlos da Silva Piragibe	Tenente.
» »	José Bernardino Bormann	1º Tenente.
» »	Julião Augusto da Serra Martins	Tenente.
» »	Braz Abrantes	Alferes.
Coronel	Antonio Americo Pereira da Silva	1º Tenente
»	Bellarmino Mendonça	Alferes.
»	José Joaquim de Aguiar Corrêa	Tenente.
»	Carlos Augusto Pinto Paeca	2º Tenente.
»	Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado	Tenente.
»	Honorio Horacio de Almeida	Tenente.
»	José Salustiano Fernandes dos Reis	Tenente
»	Firmino Lopes Rego	Alferes.
»	Emygdio Dantas Barreto	Alferes.
»	Virginio Napoleão Ramos	Alferes.
T.-Cor.	José Theodoro Pereira de Mello	Alferes.
» »	José Joaquim Ayres do Nascimento	Alferes.
» »	Febronio de Brito	Alferes.

— São estes officiaes que pertenceram ao Estado-Maior do Duque de Caxias e ainda sobreviventes: Marechal Francisco de Paula Argollo, servio no Estado-Maior e desde Itororó, depois

do ferimento de Itaparica, até Assumpção; Luiz Alves Pereira, hoje General honorario e estancieiro no Rio Grande do Sul, e o Coronel honorario Francisco Corrêa, tambem actualmente estancieiro no Rio Grande do Sul. Os dous ultimos serviram como ajudantes de campo e desde a chegada do Duque até Tuyuty.

Como ajudante de ordens, servio o actual General reformado José Antonio Pereira de Noronha e Silva. O actual General de Divisão José Maria Marinho da Silva servio como sargento no piquete do Marechal; foi amanuense do Quartel-General e depois de official passou a servir como official ás ordens do commando em chefe das forças alliadas.

O General Bernardino Bormann, actual Commandante do Districto Militar do Paraná, e o Commendador Manoel Joaquin do Nascimento e Silva, Chefe de secção da Secretaria da Guerra, foram officiaes de gabinete do Duque de Caxias, quando Ministro da Guerra.

— O Duque de Caxias morreu em 1880, a 7 de Maio, numa sexta-feira.

A's 10 horas da manhã ainda Monsenhor Meirelies, seu amigo Particular, ouvira-o em confissão. Havia, comtudo, tres dias que apresentava grandes melhoras apparentes. Meia hora antes de exhalar o ultimo suspiro passeiava pela casa da fazenda Santa Monica em uma cadeira de rodas.

No dia 8 houve alli uma missa de corpo presente e ás 5 horas e 45 minutos da tarde chegou o cadaver á Estação Central do Campo de Sant'Anna. Sobre a farda do Marechal havia apenas a medalha de merito militar e a da campanha do Paraguay.

Da fazenda á estação do Desengano o feretro tinha sido conduzido á mão; até ao Rio acompanharam-n-o o Barão e Baroneza de Santa Monica e filhos.

Na estação estavam um veador e um camarista, representando o Imperador e a Imperatriz, o irmão do Duque, Visconde de Tocantins, o Visconde da Gavea, Ajudante-General do Exercito, com seus ajudantes de ordens, o Commandante e officialidade do 10º de infantaria e altos personagens da politica.

O caixão foi tirado do vagão por tres soldados do 1.º e tres do 10º e posto num carro da casa imperial, que tinha servido em enterros de principes. Esse coche, acompanhado de dezesseis mo-

ços de estribeira da Casa imperial e grande numero de carruagens, partio para a casa do Duque, á rua Conde de Bomfim, hoje situada entre as novas ruas Salgado Zenha e Visconde de Figueiredo.

O Duque, em seu testamento feito em 1874, dispensára as honras militares e o Governo cumprio a sua vontade.

No dia 8, o Senado e a Camara, e a Camara Municipal suspenderam as sessões; a Escola Militar fechou os trabalhos por tres dias e tomou luto por quinze. Funcionarios de varias repartições e membros de varias corporações tomaram luto tambem.

O enterro só se realizou ás 9 /12 da manhã de 10, depois de nova missa de corpo presente e encommendação. Ainda nesse dia o feretro foi levado da éça ao coche por seis praças de pret. Esse foi de novo seguido de 16 moços de estribeira e de outro que conduzia sobre uma columna a corôa de Duque, velada de crepe, a espada, as dragonas, o talim, a banda e o chapéo.

Representantes da Casa imperial, o Ministerio, membros do Parlamento, officiaes, todos que formavam o prestito davam-lhe tal extensão que quando o feretro chegou ás 11 horas ao Cemiterio de S. Francisco de Paula, em Catumby, ainda havia carruagens na casa donde partira o corpo. A' porta da ultima morada faziam alas os alumnos da Escola Polytechnica, officiaes e praças do Exercito.

A' beira da sepultura fallou, em nome deste, Escragnolle Taunay. O seu discurso terminou assim: "Carregaram o seu feretro seis soldados rasos; mas, senhores, esses soldados que circumdam agora a gloriosa cova e a voz que se levanta para fallar em nome delles são o corpo e o espirito de todo o Exercito Brasileiro. Representam o preito derradeiro de um reconhecimento inextinguivel que nós, militares, de norte a sul deste vasto imperio, vimos render ao nosso velho Marechal, que nos guiou como General, como protector, quasi como pai durante quarenta annos; soldados e orador, humildes todos em sua esphera, muito pequenos pela valia propria, mas grandes pela elevada homenagem e pela sinceridade da dôr."

O Visconde da Gavea, Marechal graduado e Ajudante General do Exercito, depois de receber communicação da morte do

grande soldado, fez baixar em data de 8 de Maio, a seguinte ordem do dia, n. 1.512:

“Tranzido de dôr communico ao Exercito o passamento do Exm. Sr. Marechal do Exercito, Senador do Imperio, Duque de Caxias, cujos restos mortaes serão amanhã, ás 9 1/2 horas do dia, dados á sepultura no cemiterio de S. Francisco de Paula.

Amigo de infancia, ligado por estreitos laços de parentesco, fui companheiro dedicado, admirador das virtudes do eminente cidadão, que tanto mais se eleva aos olhos dos seus concidadãos, quanto maiores eram os sacrificios que a Patria lhe exigia.

Sua vida foi o conjuncto de preclaros feitos, e ao extinguir-se revelou elle a modestia de seu elevado character, na dispensa que fez de todas as homenagens officiaes a que a lei lhe dava direito.

Seu ultimo desejo foi que o conduzissem ao tumulo seis soldados. O vencedor de tantas batalhas finalizou seus dias; e na trajectoria da vida que acaba de descrever, nunca foi vencido, como bem o disse em sua ordem do dia n. 269, datada de Villeta, em 21 de Dezembro de 1868.

Convido aos Srs. officiaes dos corpos desta guarnição para tomarmos luto por oito dias, como signal de respeito e veneração que tributamos á memoria do illustre Chefe.”

— Do testamento do Duque, feito a 23 de Abril de 1874, constam apenas as seguintes disposições:

Nomeou 1º testamenteiro seu genro o Commendador Francisco Nicoláo Carneiro Nogueira da Gama, 2º, seu genro o Barão de Uruguay e 3º, seu irmão o Visconde de Tocantins.

Pedio que o seu enterro fosse feito sem pompa, dispensando as honras militares e do Paço, não devendo haver convites, porque os seus amigos o acompanharão; e querendo que o seu corpo seja carregado por seis soldados dos diversos corpos da guarnição da Côrte, dos mais antigos e de bom comportamento, dando-se a cada um delles a quantia de 30\$000.

Pedio mais que o seu enterro fosse feito pela Irmandade da Cruz dos Militares, não devendo ser embalsamado o seu cadaver.

Deixou os seguintes legados tirados da sua terça:

Ao seu criado Luiz Alves a quantia de 400\$000 e a roupa de seu uso.

Ao General Barão da Penha, todas as suas armas, inclusive a sua espada de commando, com a qual fez todas as suas campanhas, e o seu cavallo com os melhores arreios que tivesse como prova distincta de apreço em que sempre teve a sua fidelidade e coparticipação de campanha.

A' sua irmã, a Sra. Baroneza de Suruhy, as suas insignias de brilhantes da Ordem de Pedro I.

A seu irmão, o Sr. Visconde de Tocantins, um candieiro de prata que pertenceu a seu pai.

Ao Capitão Salustiano Barros de Albuquerque, como prova de apreço e lembrança de seus serviços prestados no seu gabinete, o seu relógio e corrente de ouro.

A' sua afillhada D. Anna, casada com o Capitão Noronha, a quantia de 2:000\$000.

— Escreve-nos o Sr. Coronel José Julião Carneiro da Silva:

“O grande Brasileiro Duque de Caxias em toda sua heroica e brilhante vida amou a simplicidade e a modestia — apanagio das almas elevadas—e esta simplicidade e modestia serviram para mais realçar as peregrinas qualidades e os inolvidaveis feitos deste imperterrito heróe, que sempre conheceu a victoria e nunca foi vencido!

A sua morte e os seus ultimos dias foram corollarios destas grandes virtudes.

Tendo assistido á sua morte, e tendo já, das sete pessoas que a assistiram, fallecido quatro, desejo evocar as reminiscencias de uma época em que ainda não tinha entrado na adolescencia.

O grande Brasileiro Duque de Caxias passou os seus ultimos annos de vida na fazenda de Santa Monica, que pertencia ao Barão de Santa Monica, o qual a herdou de seu pai o Marquez de Baependy, em companhia de sua filha e de seu genro os Barões de Santa Monica e de seu neto Major Francisco Nicoláo de Lima Nogueira da Gama, hoje todos fallecidos. Era eu então alumno do Collegio Alberto Brandão, em Vassouras; ia passar os domingos e mais feriados nesse lar hospitaleiro, e as recordações que tenho dessa época são immorredouras.

Muitas vezes lembro-me do vulto erecto deste grande homem que, com o seu pensamento sempre fito no passado, evocava

paginas de sua vida afanosa e as narrava com uma simplicidade encantadora.

Tendo principiado a epidemia de febre amarella em Vassouras retirei-me para Santa Monica, mal pensando que ia assistir á morte de um dos Brasileiros mais notaveis pelos relevantes serviços prestados á integridade do Brasil.

A morte do grande Duque de Caxias foi simples e esse heróe que arriscou a vida em innumeradas batalhas foi vencido pela morte em seu modesto quarto de Santa Monica, em uma simples cama de ferro!

No dia que morreu, poucas horas antes, ainda percorreu varias salas do palacete de Santa Monica em sua cadeira de rodas.

Sentindo approximar-se a morte, foi para o seu modesto leito e foi ouvido e assistido por Monsenhor Meirelles, mostrando-se, ao despedir-se do mundo, um verdadeiro crente, um zeloso catholico. Aquella grande alma abandonou este mundo suavemente, em uma agonia placida e o grande heróe sentio perfeitamente chegar o seu ultimo momento e então despedio-se dos que o rodeavam, de sua filha e deu a mão a seu fiel criado Manoel, tirou da sua alva cabeça o ligeiro bonet de seda e — abraçado com a imagem de Christo — finou-se!

A's 6 1/2 horas da tarde, pouco mais ou menos, morreu o grande Brasileiro no silencio da tarde.

O sentimento de todos que o rodeiavam e que em breves minutos se propagou por todo o paiz, patenteou claramente que um gigante tinha tombado; os écos de sua queda écoaram do Amazonas ao Prata e pelas quebradas das nossas serranias e ainda hoje repetem: Amar a Deus, á Patria e á Liberdade, dentro da ordem.

Estavam presentes, dos mortos: os Barões de Santa Monica, Monsenhor Meirelles e o Major Francisco Nicoláo de Lima Nogueira da Gama, e dos vivos: Carlos Arthur Carneiro da Silva, hoje casado com uma sua bisneta; o fiel criado Manoel e o signatario destas linhas.

Assim morreu este homem extraordinario, que prestou relevantes serviços á sua Patria; soldado intemerato, que sempre procurou suavizar as agruras da guerra.

Um dos mais bellos exemplos que legou á posteridade e que deveria ser sempre seguido por aquelles que são encarregados de extinguir as lutas fratricidas, é o cuidado de evitar o sangue de irmãos, o anhelos constante de procurar meios de congraçamento, de modo que ao terminar uma luta intestina não restavam vencidos nem vencedores.”

—O Marechal Duque de Caxias deixou apenas duas filhas D. Luiza e D. Anna de Loreto.

D. Luiza de Loreto, casada com o Barão de Santa Monica, ambos já fallecidos, teve 5 filhos, todos hoje mortos; um destes, Francisco Nicoláo Nogueira da Gama, foi casado com sua prima D. Marianna de Loreto, filha do Visconde de Ururahy.

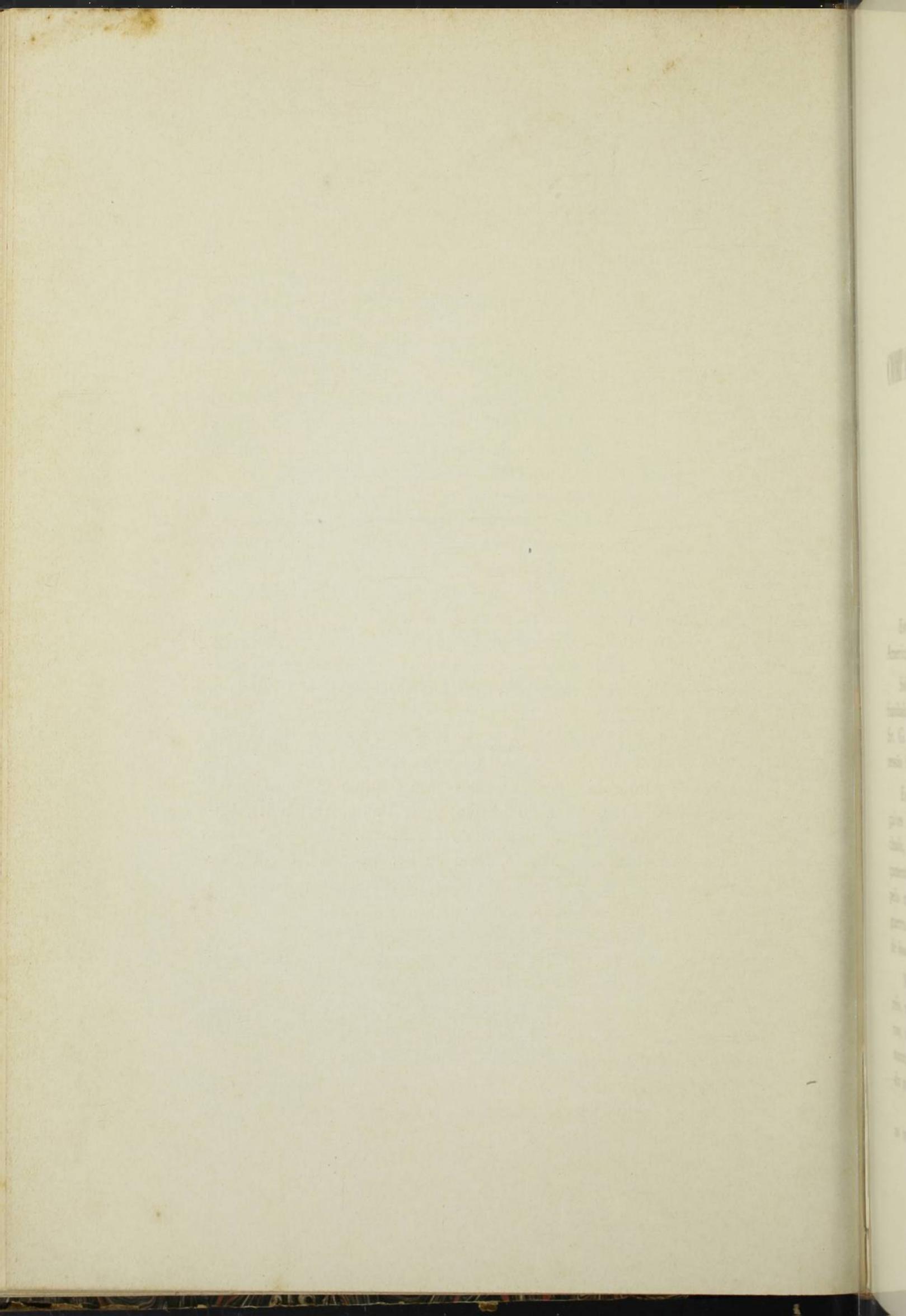
D. Anna de Loreto casou-se com o Visconde de Ururahy. São seus filhos: D. Anna Francisca de Loreto de Queiroz Mattoso, casada com o Dr. Manoel de Queiroz Mattoso Ribeiro; tem 4 filhos: Anna Luiza, casada com o Capitão Carlos Arthur Carneiro da Silva e tem 4 filhos (trinetos do Marechal Caxias), Maria, Sylvia, Octavio e Adalberto.

Euzebio, Luiz e Evelina, filhos do Dr. Manoel de Queiroz; Tenente-Coronel José de Lima Carneiro da Silva, filho do Visconde de Ururahy, casado com a Sra. D. Leopoldina de Araujo, tem 2 filhos, Anna e José.

D. Maria do Loreto, filha do mesmo Visconde, casada com o Tenente-Coronel José Manoel Carneiro da Silva; tem os seguintes filhos: Maria da Gloria, casada com o Capitão Joaquim Bento Ribeiro de Castro, Anna do Loreto, José, Paulo, Fernandes, Rachel, Alice Bento, Manoel, Luiz Alves e Maria.

D. Marianna do Loreto, filha do Sr. Visconde, é viuva de Francisco Nicoláo Nogueira da Gama, e tem os seguintes filhos: Manoel, Edgard e Maria Judith.

Hoje existem, pois, 27 descendentes do Duque de Caxias, sendo 4 netos, 19 bisnetos e 4 trinetos, todos residentes no districto de Quissamã, municipio de Macahé, Estado do Rio, feita excepção de Euzebio, que actualmente cursa o 3.º anno da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e seu irmão Luiz que ultima os estudos de humanidades.



COMPANHIA FERRO CARRIL DO JARDIM BOTANICO

I

Esta companhia de carris é a mais antiga dentre todas as da America do Sul e da Europa.

Sob a denominação de *Botanical Garden Rail Road* foi fundada pelo saudoso e emprehendedor cidadão norte-americano, Sr. G. B. Greenough, que poz em execução a primitiva concessão feita a capitalistas brasileiros.

Esta companhia encetou o seu trafego a partir da rua Gonçalves Dias, esquina da rua do Ouvidor até ao largo do Machado, e como a inauguração destes carris coincidio com o lançamento do emprestimo ou apolices ouro (bonds) feito em 1868 pelo emerito estadista Visconde de Itaborahy, por ocasião da guerra do Paraguay, passaram os *tramways*, a ter a denominação de *bonds*, pela qual são conhecidos na America do Sul.

Nos primeiros annos da exploração a passagem era de 200 réis, metade do que a das gondolas a que succediam os novos carros, e era satisfeita com cartões vendidos em grupos de cinco, nunca menos, em um pequeno escriptorio a um canto da entrada da padaria Paschoal.

Havendo nessa época a falta de trocos miudos, tendo até as notas pequenas o agio de 10%, apesar do cambio baixo, esses

bilhetes, assim como os das barcas Ferry, circulavam como moeda corrente. Foi para acudir aos trocos miudos e ao mesmo tempo reprimir esse abuso, que em 1870 o Visconde de Itaborahy propoz e obteve da Assembléa Geral a cunhagem de moedas de nickel de 200 réis, 100 réis e 50 réis. E' sabido que a primeira emissão dessas moedas foi cunhada na Belgica em 1871.

Pouco a pouco a companhia foi augmentando as suas linhas, de maneira que dentro de breve tempo achava-se o trafego estabelecido até á praia de Botafogo e Laranjeiras, no começo da ladeira do Cosme Velho.

Mais tarde prolongaram-se as linhas até ao largo dos Leões e Bica da Rainha e, finalmente, até á Olaria.

A primeira concessão consagrava privilegio de zona até o anno de 1893.

Em 1.º de Abril de 1882 organizou-se uma companhia nacional com o capital de dez mil contos, passando então a funcionar com a denominação de Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico.

Naquella época o material rodante constava de 53 carros abertos, 14 fechados de varios typos e as linhas tinham a extensão de 35.242^m,65, comprehendendo as linhas duplas, simples, curvas, desvios, etc.

Em 30 de Agosto de 1890, estando proximo a terminar o prazo do seu contracto, houve uma renovação do mesmo por mais 30 annos, mediante o pagamento á Intendencia de réis 1.500:000\$ em dinheiro e a obrigação de construir novas linhas e da abertura de um tunnel em Copacabana, obras estas em que a companhia despendeu quantia superior a 2.500:000\$, sendo essa importancia e mais a joia de 1.500:000\$, acima referida, fornecida pelos accionistas, parte em dinheiro, 1.500:000\$, e parte diminuição de dividendos, 2.500:000\$, e por esta razão o capital social foi elevado a 14.000:000\$000.

Em 1892, querendo a companhia dotar esta Capital com um systema mais aperfeiçoado, contractou o conhecido Engenheiro Sr. James Mitchell e encommendou aos Estados Unidos da America e fez montar na rua Dous de Dezembro as suas primeiras ma-

chinas que consistiam em uma caldeira de vapor "Water tubular" dos fabricantes Babcock Wilcox, da força de 100 cavallos; uma machina a vapor typo Mac Intosh Seymour & Co. (tanden compound) da força de 100 cavallos, um gerador de electricidade dos fabricantes Thomson Houston Electric C., accionado pela machina a vapor de correia e de força de 62 kilowats.

Anteriormente o ponto inicial da linha da companhia já havia sido transferido da rua Gonçalves Dias, esquina da do Ouvidor para o largo da Carioca.

Inauguradas as machinas electricas começou-se a trafegar com carros electricos, em numero de quatro, como experiencia, transitando até ao largo do Machado pela praia do Flamengo.

Desejando dar maior extensão á tracção electrica para poder melhor verificar o seu resultado, como uma experiencia mais ampla, resolveu a Companhia estendel-a pela rua do Cattete até ao mesmo largo do Machado e para este fim contrahio um emprestimo em *bonus* de 1.000:000\$ no Banco da Republica do Brasil, continuando estas obras ainda sob a direcção do mesmo illustre electricista.

Concomitantemente com esta ampliação do serviço electrico foram assentadas mais as seguintes machinas:

Uma bateria de caldeiras do mesmo fabricante da força de 292 cavallos; uma machina igualmente do typo anterior, da força de 200 cavallos; dous geradores de electricidade ainda dos fabricantes já referidos e da força de 62 kilowats cada um, tambem conjugados por correias, começando então os carros-motores a rebocar um e dous carros communs.

Posteriormente a companhia resolveu ampliar ainda a tracção electrica ás linhas da rua da Pedreira da Candelaria e Laranjeiras, esta já então trafegada até ás Aguas Ferreas, e para poder levar a effeito este melhoramento contrahio com o mesmo Banco da Republica um segundo emprestimo de mais 500:000\$000.

Do mesmo modo que em casos anteriores, sob a direcção e plano do Sr. Mitchell, foram então installadas as seguintes machinas: uma bateria de caldeiras dos mesmos autores, da força de 292 cavallos; 2 machinas typo "Ideal" *tanden compound*, dos fabricantes Harrisbourg Foundry & Machine Works Company, da

força de 350 cavallos cada uma; dous geradores multipolares dos fabricantes General Electric Company, de 200 kilowats cada um, e directamente conjugados aos proprios eixos das machinas a vapor supramencionadas.

Inauguradas todas estas linhas acima referidas, passou o trafego a ser feito com carros rebocados até o numero de tres.

Em 1899 a 1900 operaram-se outras novações de contracto em virtude das quaes foi ampliado o prazo da concessão da companhia até 1960, estipulando-se entre outras condições a generalização da electricidade a todas as linhas da companhia e para poder chegar a este resultado foram precisos novos sacrificios, contrahindo então a companhia o avultado emprestimo de oito mil contos (8.000:000\$) destinado ao resgate dos emprestimos de *bonus* já referidos e o restante para ser applicado, á medida das necessidades, na substituição completa de seus trilhos, na compra de varios immoveis para estabelecimento de novas officinas e sobretudo para aquisição e montagem de novos machinismos.

O novo edificio, cujo risco foi feito pelo projecto architecto o Dr. Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá, mede 36 metros de frente sobre 32 de fundos, devendo continuar até o becco do Pinheiro em substituição da antiga casa das machinas.

Dentro deste edificio, todo elle construido á custa de pedra, cimento e areia, com cobertura de travejamento metallico fabricado nas officinas da fundição Soares, Moniz & C., hoje Moniz & C., se acham installados os machinismos que passamos a descrever: quatro caldeiras a vapor "water tubular", typo Babcock & Wilcox, de aço forjado, representando a força de 584 cavallos (calculando-se a força evaporativa de 30 libras de agua por cavallo-hora); um economizador Green de 360 tubos para aproveitamento do calor dos gazes de combustão que se desprendem da chaminé, afim de começar a esquentar a agua antes da entrada nas caldeiras, elevando-se pelo effeito deste economizador á alta temperatura; um ventilador ($\frac{3}{4}$ houced) de 8' de diametro acompanhado de uma chaminé de aço de 60" de diametro e 60' de altura para os effeitos da tiragem forçada; duas machinas a vapor da casa Mac-Intoch Seymour & C., typo horisontal "Cross Compound" de 90 rotações por minuto, com cylindro 20"×40"×48"

de percurso de embolo, podendo desenvolver força, com 28% de corte de expansão, de 750 cavallos, com 50% de corte de expansão, de 1.000 cavallos e com 70% de 1.500 cavallos, sendo o peso de cada uma destas machinas de 126 toneladas. Estas machinas vieram acompanhadas por um distincto engenheiro representante da casa Mac-Intosch Seymour & C., o Sr. A. J. Camden, que dirigio o seu assentamento, como condição do contracto celebrado com os ditos fabricantes; dous geradores electricos multipolares de 500 kilowats cada um, conjugados aos eixos das proprias machinas e fabricados pela importante Companhia "General Electric"; um condensador (self cooling) de 1.000 cavallos, typo superficial, munido de uma torre de 15½ pés de diametro e 32 pés de altura, para resfriamento da agua de condensação; um guindaste (travelling crane) da força de 30 toneladas, de 16 metros de largura, fornecido pela importante casa Brazilian Contracts Corporation.

As machinas a vapor e os geradores de electricidade repousam sobre um gigantesco bloco de concreto com as dimensões de cinco metros de profundidade, 10 metros de largura e 20 metros de comprimento, para cuja construcção foram consumidos alguns milhares de barricas de cimento, e de metros cubicos de areia e pedra britada, apoiando-se as mesmas machinas sobre enormes socos feitos de blocos inteiriços de granito, de oito metros de comprimento sobre 40 centimetros de espessura.

A construcção desse bloco fez-se mediante paciente e dispendiosissimo trabalho, obtido depois da conveniente sondagem do terreno, fazendo-se excavações profundas até encontrar camada incompressivel, praticando-se a conveniente estacada e sendo preciso o emprego constante de bomba centrifuga a vapor para esgotamento da agua inherente ao lençol subterraneo.

Todas estas obras da nova installação, assim como toda a canalização correspondente, que é de ferro batido, em duplicata, permittindo com a maior facilidade a passagem de vapor de uma para outra machina, bem como quaesquer reparações na tubulagem sem paralysação do serviço, foram planejados, dirigidos e executados pelo actual projecto engenheiro electricista da companhia o Sr. F. J. Robinson.

Além de concertar os seus carros a companhia tambem os fabrica, salvo a importação de trucks, motores electricos, pelo que mantém uma bem montada e vasta officina que conta as seguintes secções:

Secção de mecanica, em que estão assentados seis tornos mecanicos, sendo quatro americanos (tornos modernos) e dous inglezes; tres machinas de aplainar metaes, das quaes uma movida directamente por um motor electrico especial; um limador meca-nico, machina esta para limar e frizar qualquer trabalho, dispensando o esforço manual e o trabalho das limas; uma machina de broquear rodas (broqueia uma roda em seis minutos); duas machinas de atarrachar parafusos, sendo uma dellas automatica com bomba continua; uma machina americana radial para fazer furos de qualquer dimensão e fórmula; tres machinas americanas de furar; uma machina de esmeril para amolar brocas; uma bancada para limadores com seis tornos americanos, modernos; uma bomba hydraulica para eixar rodas com a força de 150 toneladas; um aparelho especial para eixar os motores dos carros electricos; uma ferraria com todas as ferramentas necessarias ao trabalho de metaes; um ventilador de 10 pollegadas de bocca para o serviço das forjas; um forno especial construido nas officinas da companhia para fundir metaes; um rebolo para afiar as ferramentas; uma importante machina para tirar callos das rodas dos carros, movida por dous motores especiaes.

Secção de carpintaria, constando de:

Uma machina universal para serrar, aplainar, machear, furar, fazer molduras e outros trabalhos sobre madeira; uma tupia, uma serra de fita, americana; uma serra circular com aparelho especial para furar e contornar columnas de bonds; uma machina de abrir encaixes com perfurador automatico redondo e quadrado; um aparelho automatico para limar serras; um rebolo automatico para amolar as diversas ferramentas.

Uma importante secção de pintura, munida de gyrador, com a capacidade necessaria para pintar seis bonds ao mesmo tempo e servida de tudo quanto ha de mais moderno neste sentido.

Uma secção de correiaria para o serviço de fabricação de cortinas, tirantes, arreios, etc.

Uma secção de montagem e reparação de carros electricos, servida do competente poço de vistoria de carros, etc.

Uma secção de trabalhos electricos para enrolamento dos motores.

Uma secção de bombeiros e soldadores.

Afim de poder estar sempre aparelhada para occorrer ás necessidades de seus multiplos serviços, a companhia possui um vasto e bem organizado almoxarifado, que contém um sortimento variadissimo e abundante de artigos, cuja importancia pôde bem ser avaliada pelo saldo de 708:680\$150, que consta do balanço annexo ao relatório concernente ao anno social de 1902.

Mantém a companhia um extenso pessoal de empregados, cujo numero se eleva a 1.251 pessoas entre empregados do escritório, trafego, almoxarifado, officinas, linhas aereas e terrestres, motorneiros, conductores, cocheiros, agentes de estações, etc.

Para uso de seu trafego a companhia tem o seguinte material rodante:

68 carros electricos, além de outros em construcção, 99 carros communs de 1.^a classe abertos, 22 de 2.^a classe, sete especiaes, entre os quaes um de grande luxo, sem contar vagões, carros bagageiros, carros andaimes, etc., etc.

E' de 73.397^m,22, presentemente, a extensão total de suas linhas.

Comparando estes algarismos com os anteriormente citados, vê-se que houve um augmento de 122 carros no material rodante da companhia, a partir da época em que a empresa se constituiu com capital nacional, observando-se igualmente uma differença para mais de 38.154,^m57, na extensão de suas linhas.

Em 1882 o numero total de passageiros contribuintes e gratuitos foi de 8.518.800, ao passo que em 1902 attingio ao algarismo de 19.256.826, havendo portanto uma differença a mais de 10.738.260 passageiros.

O quadro seguinte mostra o augmento da renda e da despesa de cada anno desde 1882 até 1902, cumprindo notar que a

proporção da despesa sobre a renda geral, que era no anno de 1882-1883 de 47,50% passou a ser de 75,50% no anno de 1902.

ANNOS	RENDA GERAL	DESPEZA GERAL	SAIDO	PROPORÇÃO DA DESPEZA SO- BRE A REN- DA GERAL.
1882-83.....	1.341:570\$940	640:915\$480	700:655\$460	47,89 %
1883-84.....	1.347:922\$816	736:634\$760	611:288\$050	54,67 %
1884-85.....	1.474:636\$070	693:211\$150	781:424\$920	47,00 %
1885-86.....	1.494:213\$660	705:512\$450	788:701\$210	47,00 %
1886-87.....	1.512:984\$700	697:706\$910	815:277\$780	46,11 %
1887-88.....	1.571:948\$690	714:183\$070	857:765\$620	45,43 %
1888-89.....	1.553:088\$410	765:582\$760	792:505\$650	49,13 %
1889-90.....	1.655:318\$530	734:070\$140	921:248\$390	44,34 %
1890-91.....	1.932:714\$710	896:101\$210	1.036:613\$500	46,36 %
1891-92.....	2.081:821\$500	1.221:770\$080	863:051\$420	58,68 %
1892-93.....	2.137:952\$180	1.510:819\$150	627:133\$030	70,66 %
1893-94.....	2.104:968\$650	1.648:555\$354	456:413\$296	78,31 %
1894 (2º semestre).....	1.290:745\$945	913:834\$619	374:911\$326	70,95 %
1895.....	2.632:206\$815	1.954:738\$730	677:468\$085	74,26 %
1896.....	2.803:190\$045	2.140:617\$610	662:572\$435	76,36 %
1897.....	2.901:025\$685	2.389:738\$300	511:287\$385	82,37 %
1898.....	3.019:156\$115	2.369:982\$270	649:173\$345	78,49 %
1899.....	3.646:948\$095	2.860:283\$230	786:664\$865	78,43 %
1900.....	3.747:912\$390	2.682:306\$760	1.065:605\$640	71,56 %
1901.....	3.907:734\$590	2.925:330\$610	982:403\$980	74,86 %
1902.....	4.024:318\$150	2.879:405\$000	1.144:913\$150	71,50 %

Nos ultimos annos a companhia tem distribuido o dividendo de 6% aos seus accionistas, concorrendo além disso para os cofres municipaes com a quantia de 180:000\$ annuaes.

A companhia depois de brasileira estabeleceu carros de 2.^a classe a preços reduzidos, pois, mediante o pagamento de 200 réis póde o passageiro viajar cerca de 12 kilometros.

Esta empreza instituiu o systema de resgate de coupons em favor da Liga Brasileira Contra a Tuberculose e outras associações de Beneficencia, e este exemplo foi seguido pelas companhias congeneres, convindo notar que este resgate importa para a Jardim Botanico em cerca de 24:000\$ annuaes.

Se todos os coupons emittidos para passageiros e bagagens fossem apresentados a resgate, sómente nesta companhia poder-se-hia alcançar a quantia de 40:000\$, approximadamente, valor

que eloquentemente demonstra quantos beneficios poderão resultar da generalização do recebimento dos coupons.

Desejando a companhia bem remunerar seus conductores estipulou-lhes os ordenados de 6\$ e 6\$500 diarios, conforme as classes, além da gratificação addicional de 15\$ por mez, quando merecida, havendo instituido recentemente um premio semestral de 1:000\$, distribuido mediante concurso, ao conductor que melhores notas tiver alcançado.

A companhia, adoptando por systema a promoção entre seus empregados, tem tirado frequentemente da classe dos conductores, fiscaes e de outras, grande numero de outros empregados, mesmo de categoria superior, estimulando o zelo e a competencia de seus auxiliares e conseguindo desta fórma ter um pessoal a contento do publico.

Possue a companhia valiosas propriedades entre as quaes se destacam os seus terrenos, edificações, officinas, etc., que se entendem desde o largo do Machado até ao becco do Pinheiro com uma grande fachada para a rua Dous de Dezembro.

A estação, terrenos e cocheira do largo dos Leões com grandes frentes para a rua dos Voluntarios da Patria, largo dos Leões e rua dos Marques.

A estação, cocheira e mais dependencias na praça Malvino Reis, em Copacabana.

A estação da villa Ipanema, dando frentes para a praça Marechal Floriano e rua Vinte de Novembro.

A estação da Olaria com grande frente para a rua Marquez de São Vicente.

A cocheira e deposito da praia de Botafogo com grande frente para a mesma praia.

Para amparar os seus empregados em casos de necessidade, instituiu esta companhia um fundo de beneficencia custeado mediante uma porcentagem diminuta nos vencimentos, e que é além disso reforçado com o producto das multas arrecadadas.

Esse fundo é destinado ao serviço de medicos, pharmacia, subsidio pecuniario em casos de doença, enterramentos, etc., etc.

Este serviço acha-se a cargo dos Drs. Figueiredo Ramos e Alfredo Porto.

Para avaliar da extensão desta instituição, basta dizer que com estes auxilios a importancia despendida no anno de 1902 fo de 52:244\$420, elevando-se o movimento diario ao total de 10.150 doentes, como tudo se vê dos quadros juntos extractados do relatorio da companhia concernente ao referido anno de 1902.

Quadro synoptico do movimento clinico — Janeiro, 818 doentes; Fevereiro, 702; Março, 885; Abril, 1.016; Maio, 879; Junho, 701; Julho, 871; Agosto, 771; Setembro, 891; Outubro, 898; Novembro, 788; Dezembro, 930. Total, 10.150.

Obitos — Peste bubonica, 2 casos; febre amarella, 2; tuberculose pulmonar, 2; broncho-pneumonia, 2; variola hemorrhagica, 1; gastro-interite, 1; hemophilia, 1; arterio-sclerose, 1; grippe, 1; commoção cerebral, 1; marasmo senil, 1. Total 15.

Synopse da conta do fundo de beneficencia

<i>Em 1902</i>	<i>Debito</i>	<i>Credito</i>
Saldo em 31 de Dezembro de 1901		54:166\$690
Arrecadado do pessoal: 1% dos respectivos vencimentos.....		18:432\$900
Multas impostas a conductores, cocheiros, etc., e arrecadadas....		13:682\$200
Honorarios a dous medicos.....	13:200\$000	
Medicamentos.....	20:196\$790	
Enfermaria:		
Diversos artigos.....	215\$000	
Servente.....	690\$000	905\$000
<hr/>		
Soccorros pecuniarios a empregados, funeraes, etc.....	17:942\$630	
<hr/>		
	52:244\$420	
Saldo para 1903.....	34:037\$370	
<hr/>		
	86:281\$790	86:281\$790

Esta companhia tem tido em suas successivas administrações nomes da maior saliencia e notoriedade em nosso mundo financeiro, como sejam os Srs. Richard C. Shannon, Conde de S. Salvador de Mattosinhos, Conde de Figueiredo, Senador Souza Leão, Commendador Pedro Gracie, Commendador Euzebio Antunes, Claudio C. de Vincenzi, Barão de Oliveira Castro, Barão de Salgado Zenha, Visconde de S. Francisco, João Luiz Tavares Guerra, Dr. Leopoldo de Andrade Duque Estrada, Barão de Ribeiro de Almeida, Commendador Malvino da Silva Reis, Dr. Alfredo Camillo Valdetaro, Barão de Santa Leocadia, Dr. Antonio Alves Teixeira de Souza, Dr. Ansio Salathiel Carneiro da Cunha, Dr. Antonio Augusto Monteiro de Barros.

A companhia teve, durante estas diversas administrações, como gerentes os Srs: C. B. Greenough, Simeão Miller, Engenheiro Coelho Cintra e Coronel Silva Porto, que exerce actualmente este cargo ha mais de 10 annos.

A administração actual da Companhia compõe-se dos Srs.: Dr. Arthur Getulio das Neves, Presidente; João Eugenio Emilio Berla, Secretario e José Pinto Vieira, Thesoureiro, sendo o Conselho Fiscal formado dos Srs.: Engenheiro Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá, Antonio Maria Alberto de Araujo, Antonio Furquim Werneck de Almeida, tendo como supplentes os Srs.: Gustavo de Araujo Maia, José Ribeiro Mendes Guimarães e Conrado Jacob de Niemeyer.

Não se póde deixar de salientar os enormes serviços prestados por esta companhia, que iniciou entre nós, o systema de viação rapida, commoda e barata, que substituiu a deficientissima que possuia esta cidade, antes do seu apparecimento.

Graças á sua iniciativa outras empresas congeneres se organizaram, que prestaram serviços eminentes a outras zonas, da nossa Capital.

Todas ellas reunidas augmentaram consideravelmente o numero de edificações nos arrabaldes, elevaram de um modo extraordinario o valor da decima urbana, desengorgitaram o centro da cidade, contribuindo para melhorar as suas condições hygienicas, além de muitos outros beneficios decorrentes do estabelecimento deste systema de locomoção, hoje verdadeiramente indispensavel em nossos costumes publicos.

Hoje serão inauguradas as linhas do Leme e Ipanema, em Copacabana, por tracção electrica, e bem assim a nova casa de machinas da rua Dous de Dezembro, realizando-se uma visita do Sr. Dr. Prefeito, imprensa, varias companhias e demais convidados, para o que haverá bonds especiaes, ás 2 1/2 horas da tarde, no largo da Carioca.

A visita começará ás 3 horas, pelas officinas, seguindo toda depois para as novas linhas, na Copacabana.

Realizou-se hontem a inauguração das linhas de bonds do Leme e de Ipanema, da Companhia do Jardim Botânico.

O Sr. Dr. Prefeito Municipal, ás 2 1/2 da tarde, visitou as officinas da companhia, na rua Dous de Dezembro, percorrendo todas as dependencias.

A' chegada de S. Ex., uma banda de musica do Corpo de Bombeiros executou uma marcha.

Ao acto assistiram os Srs. Conselheiro Dr. Ferreira Vianna, Doutor Pedro Betim, Custodio de Magalhães, Schimidt de Vasconcellos, Paulino Werneck, Del Castillos, Henninger, Antunes, Teixeira, Castro Barbosa, Gabiso, Liberalli, Nascimento e Silva, Amorim do Valle, Arthur de Miranda, Paula Freitas, Niemeyer, Deputado Dr. Anthero Botelho, Plinio, Coronel Silva, O. Simon, Dr. Furtado, Baptista Franco, Paula e Silva, Dr. Caminhoá, Cesar Diogo, representantes de varias companhias de bonds, da imprensa, funcionarios da Prefeitura e muitas outras pessoas.

Depois da visita seguiram o Sr. Dr. Prefeito e os convidados em tres bonds especiaes para Copacabana, dirigindo-se para as linhas do Leme e de Ipanema, onde se achava já a banda de musica do Corpo de Bombeiros.

A' chegada do Sr. Dr. Prefeito subio ao ar grande numero de foguetes, sendo dadas muitas salvas. Ambas as localidades estavam ornamentadas de bandeiras e galhardetes e na de Ipanema tocava em um coreto a banda de musica do 7.º batalhão de infantaria.

Numerosissimas senhoras e cavalheiros assistiram á inauguração, sendo a Directoria da companhia muito felicitada por mais este serviço prestado á população desta Capital.

II

Faz hoje 35 annos que a Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico iniciou o trafego de suas primeiras linhas.

Para solemnizar esse anniversario resolveram os empregados da mesma companhia realizar diversas festas hoje, amanhã e depois.

Constam ellas além de um lauto *lunch* no edificio da companhia na praça Duque de Caxias, de ornamentação da mesma praça, fogo de artificio na enseada de Botafogo, festa veneziana na mesma enseada e outras surpresas preparadas por habil pyrotechnico.

Dos serviços reaes que presta esta companhia á população desta Capital e do seu historico, em resumo, desde a sua fundação até aos melhoramentos introduzidos recentemente já demos minuciosa e longa noticia no *Jornal do Commercio* de 14 de Junho do corrente anno.

Por esse ligeiro trabalho bem se poderá avaliar a dedicação das suas directorias, promovendo o engrandecimento da companhia. Os interesses dos accionistas não têm sido descurados e, não ha negar, muito se esforçam para bem servir o publico, dotando esta Capital de um serviço de bonds regularmente dirigido e, o que é mais, apresentando um material digno dos seus frequentadores.

Acerca da inauguração do serviço de bonds desta companhia assim se pronunciou esta folha em 10 de Outubro de 1868:

“Via-Ferrea do Jardim Botânico — Inaugurou-se hontem até á estação do largo do Machado esta via-ferrea, que constitue, sem duvida, mais um importante melhoramento para a nossa cidade.

De manhã os carros da Companhia achavam-se postados na rua Gonçalves Dias, occupando toda a extensão desde a esquina da rua do Ouvidor, estação terminal, até ao largo da Carioca, onde estava o carro em que Suas Majestades Imperiaes se dignaram entrar pouco depois das 10 horas da manhã, acompanhadas do Sr. Ministro da Agricultura, Presidente da companhia e semanarios.

O trajecto fez-se entre alas de povo, achando-se tambem as janellas guarnecidas de espectadores. Os carros são commodos e

largos, sem por isso occuparem mais espaço da rua do que as gondolas, porque as rodas gyram debaixo da caixa, e uma só parrelha de bestas puxa aquella pesada machina suavemente sobre os trilhos, sem abalo para o passageiro, que quasi não sente o movimento.

A estação estava decorada e forrada para receber os convidados, e no sobrado havia uma sala reservada para Suas Majestades.

O estabelecimento todo está nas melhores condições de asseio. Os carros param com a maior facilidade por meio de freios que prendem as rodas, e são tão solidos que ainda quando as bestas se espantem nenhum risco podem correr as pessoas que se acham dentro.

A companhia tem material sufficiente para fazer o serviço com regularidade, e, sendo bem administrado como tudo promette que o será, sobram-lhe elementos de futura prosperidade, pois o movimento de passageiros para os bairros que ella se propõe servir já é sufficiente para assegurar-lhe bons lucros, e é natural que cresça ainda, graças á commodidade que a mesma companhia offerece.

Cumpre deixar que a experiencia falle por si, mas tanto quanto desde já pôde conjecturar-se; o que devemos desejar é que a mesma facilidade de locomoção se estenda a outros arrabaldes da cidade.”

Tratando da viação a tracção animal, conhecida por bonds, é de justiça registrar nestas linhas o nome do Sr. G. B. Greenough, o iniciador deste serviço no Brasil e fundador da actual companhia, cujo anniversario hoje se solemniza.

Era Greenough gerente da Bleker Street Horse Car Co., em Nova York, onde empregava toda a sua actividade de dedicado trabalhador e todas as suas energias de perfeito conhecedor do serviço desse meio de transporte.

Por motivo de divergencias com outros Directores da Companhia, deixou aquelle cargo e procurou novamente empregar a sua actividade em alguma empreza que lhe proporcionasse meios de subsistencia e lhe garantisse o futuro, como uma recompensa igual á sua dedicação ao trabalho e aos seus meritos profissionaes.

Tentou Greenough estabelecer uma linha de bonds em Nova York, tentativa esta que não chegou a levar por diante.

Ignorando, porém, todas as cousas que se relacionassem com a America do Sul, procurou os editores de mappas Colton de Nova-York, os irmãos Colton, que lhe apresentaram diversos mappas do Brasil e o desta Capital e lhe indicaram pessoa que melhor lhe poderia fornecer seguras informações relativas ao assumpto.

E' assim que dirigindo-se ao Rev. J. C. Fletcher, auctor da obra *Brazil and the Brazilians*, perfeito conhecedor desta parte da America, conseguiu d'elle todas as informações de que necessitava e por ellas ficou sabendo da extensão da nossa cidade, da sua topographia e dos seus anachronicos meios de transporte.

Todas estas informações aguçaram o temperamento empreendedor de Greenough, que desde logo pensou no estabelecimento de um serviço de *horse-cars*, conhecido hoje por bonds, no Rio de Janeiro, e começou a corresponder-se com pessoas que aqui residiam no intuito de tornar uma realidade o fructo de suas sérias cogitações.

Mas como partir para o Brasil, como obter os meios precisos se os recursos lhe eram poucos e restrictamente os necessarios para mantel-o por algum tempo unicamente?

Lembrou-se Greenough que tinha na cidade de Albany um antigo amigo chamado Erastus Corning, grande politico e não menos notavel capitalista.

Recorreu ao amigo, fez-lhe sciente das suas pretensões e tal era a confiança que nelle depositava Mr. Corning, que Greenough conseguiu a quantia necessaria para partir para o Brasil e tratar de pôr em execução a idéa da installação de um serviço de transporte de passageiros e mercadorias por um systema completamente novo no Brasil.

Em 1864 estava nesta Capital um Cubano de nome Aurelio Arango tratando de um contracto de navegação entre os Estados-Unidos e o Brasil, quando foi procurado por um Sr. Guinty, então gerente da Societé Anonyme du Gaz, que lhe communicou a existencia de uma concessão feita ao saudoso Barão de Mauá, de uma linha de carros sobre trilhos, de tracção animal, desde a cidade até Botafogo.

Arango contractou a transferencia desta concessão pelo preço de 80 contos á vista e 50 contos logo que os trilhos chegassem á rua de S. Clemente.

Feita a transferencia, Arango, por uma bonificação de dez mil dollars, a transferio á companhia organizada em Nova-York por Greenough, companhia que passou a denominar-se *Botanical Garden Rail Road Company*.

Foi ainda coadjuvado por seus amigos Corning e Spaulding, que Greenough conseguiu installar a Companhia, com um capital de um milhão de dollars, representado por 10.000 acções, do qual se realizaram 250.000 dollars.

Muitos foram os embaraços que Greenough teve de desfazer para levar a effeito o estabelecimento das linhas e o serviço do trafego, muitos foram os impecilhos que se multiplicaram, procurando desviar-o no seu intento, muitas foram as difficuldades a vencer. Mas tenaz e persistente por indole, por temperamento tão peculiar aos *yankees*, Greenough, longe de se deixar dominar por qualquer desanimo, mais se encorajava, mais duplicava os seus esforços e a sua tenacidade.

Durante dous longos annos assim levou em lutas constantes e impertinentes.

As horas que lhe sobravam, das que empregava em desfazer os tropeços que encontrava para as suas pretenções, passava-as á porta do Passeio Publico, tomando em pequena carteira nota do numero de pessoas que de gondola, de tilburys, carros e a pé se dirigiam para os lados de Botafogo, e assim fazia a estatística que precisava para poder calcular qual o movimento de passageiros que poderiam ter os seus *horse-cars*.

Nessa occasião existia uma empresa de gondolas para Botafogo, de que eram proprietarios o então Major Delgado de Carvalho e Cotrim.

Aquelle, convidado por Greenough para levar a effeito a organização da companhia, declarou que não accitava o convite porque não acreditava no seu bom resultado financeiro.

Greenough teve, pois, de lutar com aquelles emprezarios e afinal comprou todo o material pertencente áquella empresa.

Inaugurada a linha até ao largo do Machado, ainda na propria occasião em que tinham de partir os bonds da rua Gon-

çalves Dias, recebeu Greenough, na presença de seus convidados e do proprio Imperador Sr. D. Pedro II, uma intimação do Fiscal da Municipalidade, prohibindo o trafego.

D. Pedro não se conteve diante de mais este embaraço que procurava obstar tão util melhoramento e, virando-se para o activo emprehendedor, disse-lhe um tanto agastado:

—“Receba, receba a intimação, mas faça seguir os bonds.”

E assim se inaugurou a linha de bonds para o largo do Machado e assim pouco tempo depois recebiam os felizes accionistas da companhia 2:000\$ de cada acção de 25 dollars.

Os 250.000 dollars foram sufficientes para levar a linha até Botafogo, pois que o producto da receita foi bastante para fazer os melhoramentos que o serviço precisava e o prolongamento da linha até áquelle ponto.

Activo, pertinaz, de uma dedicação nunca desmentida, de tudo cogitava o incansavel gerente Greenough, que muitas vezes, quando observava o serviço mal feito de um trabalhador, tirava o paletó e elle proprio o executava em plena rua.

O *Novo Mundo*, jornal publicado nos Estados Unidos, de propriedade do actual director desta folha, Dr. José Carlos Rodrigues, publicou em Fevereiro de 1877, um bom retrato de Greenough e, tratando do grande serviço que elle prestou á população do Rio de Janeiro, deu a seguinte noticia ainda com relação ao intemerato emprehendedor:

“Por occasião de se commemorar, ha mezes, no Rio de Janeiro, o anniversario centenario da Independencia dos Estados Unidos, o Sr. Major James propôz um brinde a Mr. Greenough e do relatorio desse banquete extrahimos as seguintes palavras suas e bem assim a resposta do estimavel Shannon.

O Major James levantou-se ainda uma vez e alludindo a varias empresas, nas quaes a energia do Americano não tem rival, disse “que devemos considerar o homem que inventa uma nova industria e, conseguinte, abre novos horizontes ao trabalho, nada menos do que um bemfeitor da humanidade.

Hoje, disse o orador, ha uma industria introduzida no Brasil que com orgulho podemos chamar inteiramente nossa. Refiro-me ás linhas de carris de ferro americanas. Desejava que fosse devi-

damente lembrado nesta occasião um dos nossos compatriotas, ausente, que neste assumpto tem prestado ao Brasil incalculaveis serviços.

Não necessito mencionar o nome de quem tão conhecido é nesta Capital, onde os seus serviços têm sido devida e geralmente apreciados.

Mas, quando nos recordamos das difficuldades com que esse Hercules da industria teve de lutar no começo da empreza, da opposição encontrada e conquistada, quando, finalmente, nos lembramos de que o nosso compatriota foi o iniciador e principal obreiro desta classe de emprezas, não só no Brasil mas em toda a America do Sul, podemos nos orgulhar desse notavel progresso deste seculo, e congratularmo-nos pela honra e credito a que elle elevou o nome americano. (Prolongados vivas ao Sr. Greenough.)

Portanto, senhores, proponho, em referencia ao que acabo de expressar, um brinde á Empreza Americana no Brasil."

O Sr. Shannon, representante da companhia na ausencia do Sr. Greenough, correspondendo a esse brinde, disse:

"Se me cumpre retribuir as expressões que acabo de ouvir, é unicamente como temporario gerente da Empreza fundada pela pessoa a quem o orador com tanta bondade e justiça acaba de se referir.

Do bom exito desta empreza e do credito que ganhou o nome americano, permittam-me fallar com toda a franqueza desde que em tal successo e credito sou absolutamente parte desinteressada.

Uma das mais importantes das emprezas puramente americanas no Brasil, considerada sob o ponto de vista de resultados financeiros ou, ainda melhor, pelos grandes e importantes serviços que tem prestado e continúa a prestar á população desta Capital, suggere naturalmente a pergunta de como se attingio a taes resultados.

Em minha opinião o problema não é de difficil solução.

Considerando que aquella empreza sempre pautou a sua marcha pelas qualidades pessoas do seu fundador, pratico senso commum, sagacidade, firmeza, probidade, em uma palavra, essas virtudes que constituem uma honrosa reputação — não só poderia insistir que *cæteris paribus*, como até que são estes os unicos meios

naturaes e essenciaes para obter bom exito em qualquer parte que seja.

E não poderei dizer, *à propos*, em perfeito accôrdo com o motivo desta reunião, recordando-vos que taes eram as virtudes que caracterizavam os nossos antepassados que os habilitavam a levar a um feliz resultado essa memoravel declaração que hoje commemoramos, esse sublime manifesto pelo qual elles empenharam vida, fortuna e honra?

Não preciso recordar a tão distincta reunião a intima relação existente, especialmente em nossos dias, entre Sciencia e Industria, nem quanto muitas empresas industriaes estão dependentes de resultados que são os fructos de uma investigação recta e scientifica. Sabeis, senhores, quanto sempre foi apreciada pelos scientificos uma campina no Brasil e, com perdoavel orgulho, podemos ter a pretensão de que neste campo os obreiros americanos sempre tiveram a sua parte. . . .”

Mais tarde deixou Greenough o cargo de gerente da companhia retirando-se para seu paiz, onde pôde gozar o declinio de sua laboriosa existencia que aqui tão activamente e tão honestamente conquistára.

Póde-se dizer que elle foi um benemerito do Rio de Janeiro, o verdadeiro iniciador dos melhoramentos urbanos que estenderam, formosearam e contribuíram para que as condições sanitarias da cidade não se tornassem peiores do que fatalmente seriam com agglomeração da população nas acanhadas ruas da cidade velha.

O seu exemplo, as lições da sua iniciativa despertaram a mais util, a mais fecunda das concurrencias industriaes, aquellas que tendem ao maior bem, ás maiores commodidades e á boa economia do povo.

Tres annos não eram decorridos da data auspiciosa da inauguração dos *bonds* do Jardim Botânico e já estava concedida a linha de S. Christovão rapidamente construida e executada.

Em intervallo mais curto eram entregues ao trafego, a linha da Companhia Carioca, da Cidade Nova e outras, que mais tarde se fundiram na actual Companhia de Carris Urbanos, cuja rede vai da praia Formosa ás pontes da Barca Ferry.

Em 1876 o Sr. Baptista Drummond, com grande tenacidade e excepcional energia, transformava com uma linha de bonds a inutil fazenda do Macaco, no esplendido bairro de Villa Isabel. Os *bonds* de Villa Isabel fizeram uma nova cidade, desarmando as capoeiras da velha fazenda até ao Engenho Novo.

As linhas ramificaram-se em ruas novas que, em 10 annos, tornaram-se bairros popularissimos.

Toda essa transformação é obra de Greenough, de saudosa memoria. O commodo, rapido e barato meio de transporte que este trouxe para o Rio de Janeiro fez até modificar usanças e habitos da população fluminense.

Esta geração deve ser-lhe grata, assim como nós recordamos com gratidão o seu nome no dia de hoje.

A sua imagem, que a companhia, com precioso cuidado, guarda em seu escriptorio, lembra menos a sua memoria do que a grande obra que elle fez no Rio de Janeiro.

A festa de hoje é, pois, largamente justificada pelos bens que resultaram dessa obra e pelas vantagens que essa linha de viação urbana ainda proporciona com largueza aos seus actuaes proprietarios.

Começaram hontem as festas promovidas pelos empregados da Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico para commemorar o 35º anniversario da inauguração do serviço de bonds.

Ao romper do dia de hontem subio ao ar grande numero de gyrandolas e foram dadas diversas salvas.

A praça Duque de Caxias desde a esquina da rua Dous de Dezembro estava ornamentada com postes embandeirados e renques de pequenos galhardetes.

Defronte da estação Central da Companhia, junto ao gradil do jardim foram collocados dous bonds para coretos de bandas de musica.

Eram estes bonds: um dos primeiros usados pela companhia em 1868 e outro dos que actualmente trafegam nas suas linhas.

Em vez de taboleta indicando o destino a que se dirigem, viam-se collocadas as duas datas "1868 e 1903".

O primeiro daquelles bonds era illuminado a kerozene e o outro a luz electrica e nelles tocaram durante o dia bandas de musica do Exército e da Armada.

A entrada principal das dependencias da companhia foi transformada em um elegante bosque e o vasto salão da officina de pintura foi tambem transformado e ornamentado, quer nas suas partes superiores, quer lateraes, com pequenos arbustos e folhagens, formando um artistico docel.

No centro do salão foi collocada uma longa mesa em fórma de C decorada com simplicidade e gosto.

Das paredes pendiam bandeiras de varias Republicas da America e na parte central destacava-se um grande trophéu formado com as bandeiras dos Estados Unidos da America e do Brasil e das republicas do Chile e Argentina.

A gerencia da companhia fez distribuir sob o n. 150 o seguinte boletim:

“Companhia Ferro Carril do Jardim Botanico — A Directoria desta companhia, que tem sabido sempre alliar os preceitos da disciplina aos dictames da gentileza; que apesar de ser o poder supremo, nos tem dirigido de um modo paternal, sem olvido dos importantes interesses que lhe estão confiados, quiz mais uma vez dar prova que convém considerar como um grande coefficiente na vida das empresas a satisfação daquelles que as servem, e por isso deu-me o agradavel encargo de communicar-vos que, associando-se de coração ao jubilo de que todos nos achamos possuidos, resolveu:

1.º Que o pessoal operario cesse hoje os seus labores ao meio dia, sem prejuizo do salario e sem interromper o serviço obrigado da companhia.

2.º Que d’ora em diante o mesmo pessoal tenha mais 15 minutos para almoço e mais outros 15, das 12 $\frac{3}{4}$ até á 1 hora da tarde, para tomar café.

E como é de justiça que nesse dia o regosijo seja geral, resolvi considerar promptos para o serviço todos os empregados que se acham suspensos á minha ordem.

Para encerrar esse boletim com chave de ouro convido todos os empregados de folga a ouvirem, na igreja matriz da Gloria, ás 9 horas, uma missa em acção de graças pelos Srs. accionistas da

Companhia e pelo 35.º anniversario da inauguração do trafego da mesma, pedindo-lhes que, assim como as vestaes guardaram o fogo sagrado, guardem em sua memoria o nome immortal de Charles B. Greenough, fundador da Companhia. — Rio de Janeiro, 9 de Outubro de 1903. — *Silva Porto.*”

A's 9 horas da manhã foi celebrada na Matriz da Gloria uma missa em acção de graças pelo anniversario da companhia, sendo a orchestra dirigida pelo maestro Carvalho e comparecendo ao acto a Directoria e grande numero de empregados.

A's 2 1/2 da tarde partiram em bonds especiaes do largo da Carioca para a estação central no largo do Machado diversos convidados, representantes de companhias de bonds e da imprensa, que foram acompanhados até áquella estação pelos Srs. Coronel Silva Porto, Ribeiro, Pinto Vieira e Goulart, funcionarios superiores da companhia.

A's 3 horas da tarde foi servido lauto *lunch* no local já acima referido, usando da palavra o venerando Sr. Conselheiro Ferreira Vianna, que em nome dos empregados da companhia pronunciou o seguinte significativo discurso, por vezes interrompido por prolongados applausos:

“Era devida a celebração do setimo lustro da inauguração do serviço do trafego da primeira secção das linhas da Ferro Caril Jardim Botânico. Que differença no que foi e no que é: Do melhoramento que trouxe logo no começo de seu trafego e da perseverança com que se o desenvolveu e aperfeiçoou, eu vos posso dar exacta noticia porque sou velho e a velhice é o élo que vincula a geração a extinguir-se com a que attingindo á madureza é sua natural successora.

Quando comecei a viver, o reduzido transporte dos moradores de alguns dos suburbios proximos da cidade era feito em *omnibus* pesados e caras passagens, sobretudo comparado o valor da moeda de hoje com a de então. Além de poucas as viagens, de manhã e á tarde, eram demoradas e incommodas pela imperfeição dos caminhos. Deste serviço assim limitado só aproveitavam as pessoas abastadas; os criados, trabalhadores e os jovens viajavam a pé, não sei se a conselho da hygiene, se por força da necessidade. Posteriormente appareceu um concurrente: as chamadas *gondolas*, movidas por bestas, animal desconhecido em

Veneza. Os *omnibus* incommodos, pesados, ha doze annos, tornei a vêl-os e delles me servi em Pariz, que se orgulha de ser a capital da civilização occidental. Entre nós começou a firmar-se na população a idéa, até então vaga, de ser o tempo dinheiro, e não tardou quem requeresse e conseguisse do Governo Imperial a concessão, com privilegio, de transporte urbano sobre trilhos, já de muito praticado em Nova-York.

A concessão ficou por annos compridos no papel. Os capitães, assim nacionaes como estrangeiros, esquivos e receiosos do resultado, não se aventuraram na execução da novidade offerecida sem onus ou encargo, antes com o favor do privilegio.

O espirito americano do norte, aliás pouco ou nada propenso a emprezas em terras extranhas, á luz dos proveitos auferidos no berço deste progresso, tomou a seu cargo não só a execução das obras, como de seu funcionamento. Os concessionarios ou seu cessionario, desanimados trocaram a concessão por vantagens minimas, como se faz com um negocio incerto, sem esperanza de resultado. O americano Greenough, resolute, intelligente e infatigavel, tomou a direcção da empreza. Eu tive a fortuna de conhecê-lo; fallava pouco e tinha o dom da obiquidade.

O rodar macio sobre trilhos, viagens repetidas em curtos intervallos, passagens baratas, asseio, commodidade, boa ordena, fiscalização continua e pontual regularidade conseguiram de prompto a adaptação do novo systema, effectuando-se uma verdadeira e rapida transformação nos costumes, e o que até então era considerado um luxo das classes abastadas, tornou-se uma necessidade publica. A população ficou radicalmente convencida ao contacto com a invenção norte-americana, que, em verdade, "tempo é dinheiro".

O resultado foi uma surpresa para todos. As acções da companhia subiram de subito e em progressão geometrica, desejadas por muitos e possuidas por poucos que as guardavam como precioso patrimonio; recompensa da fé e expiação da incredulidade.

O feliz exito da companhia estimulou os capitães até então esquivos e iguaes concessões foram requeridas e obtidas. Assim, em pouco tempo a viação urbana sobre trilhos foi estabelecida para os outros arrabaldes. A facilidade, commodidade, rapidez e barateza do transporte foi a causa pincipal do desenvolvimento das

construcções suburbanas, da cidade propriamente dita, e do consequente augmento da receita por impostos de transmissão e decima urbana. A força diffusiva deste progresso é apenas imaginavel, não se poderá precisar em sua immensa variedade, sobre o trabalho dos operarios e das industrias. Bastará considerar no grande numero de empregados, artistas e profissionaes que de seus serviços auferem a subsistencia e a manutenção sua e de suas familias.

Rendendo, como é de justiça, nesta celebração festival, o merecido reconhecimento á corajosa iniciativa e exemplar administração americana, como fundadora do solido alicerce, cumpre não escurecer os relevantes serviços prestados pela administração brasileira, lutando com tropeços e embaraços de publica notoriedade, nem todos removidos.

Afóra as obras e despezas consideraveis com o prolongamento das linhas, abertura de tunneis, augmento do pessoal e pesados encargos municipaes, a empreza passa por uma transformação dispendiosissima, de substituição da força animada pela electrica já em funcção na porção mais povoada de seu serviço. Esta substituição é quasi uma temeridade attentas as condições do credito, e, sobretudo, o não correspondente desenvolvimento das industrias e artes auxiliares.

Seguro, sim, é o proveito da salubridade municipal, e dos animaes libertados, afinal, de trabalhos forçados e perpetuos. Se elles pudessem fallar, o seu reconhecimento seria pronunciado e sincero. Entretanto, havia motivo para hesitar no empreendimento desta transformação. Em tantos projectos, poucos são os tentados, muito poucos os realizados, raros, rarissimos os reputados verdadeiros progressos. Inventores abundam, mas escassas são as invenções productivas.

As grandes capitaes da Europa adoptaram muito depois de nós a força electrica como motor das linhas de viação urbana. Não obstante, a Companhia Jardim Botanico não hesitou! Os obstaculos praticos surgiram de todos os pontos, até daquelles que ella deveria contar como mais interessados cooperadores. Quanta força de vontade, de dedicação e de paciencia não concorreu na illustre Directoria para resistir ao ardil dos inimigos e á imprudencia dos amigos deste novo progresso?!

Eu posso dar testemunho, e o não faço por lisonja; nada espero dos homens e a minha confiança está na verdade, da diligencia, esforço, coragem e solicitude da illustre Directoria no empenho de realizar o melhoramento e na defesa dos direitos e legitimos interesses da empresa; tanta e sustentada dedicação é rara ainda naquelles que tratam do seu proprio.

Praza aos céos que este exemplo sirva para reanimar a confiança abalada, senão perdida, nas associações anonymas e nos seus titulos de credito, instrumentos poderosos e, no nosso tempo, indispensaveis á realização dos grandes designios da actividade social.

Permitti, illustres Srs. Directores, que eu vos felicite na pessoa de vossos empregados. Esta festa por elles organizada me commove de alegria por ser a revelação de que comprehendem seus deveres e verdadeiros interesses, identificando o trabalho com o capital, que é o producto accumulado do trabalho. E' bello e edificante vê-los assim em harmonia e fraternidade unidos para celebrar os sete lustros de existencia da companhia como em familia no proprio lar.

Cerrai bem os vossos ouvidos á grita dos innovadores insensatos e utopistas que com os ardis da lisonja tentam desviar-vos da lei da natureza — o habito do trabalho.

O homem foi lançado nú na terra núa. Desde a primeira e tosca cabana que construiu para seu abrigo até á magnifica construção de São Pedro e do Palacio do Vaticano, tudo é producto de seu trabalho. Todos trabalham, o philosopho, o poeta, o artista, o operario; ninguem se póde escusar, é lei imperativa da natureza. Deus accendeu no espaço a lampada do sol para nos convidar ao trabalho e fez o escuro da noite para no repouso resgatar nossas forças. A ociosidade é uma excepção criminosa, estraga a saude, gera a miseria e com ella propaga os vicios. Ao trabalho se deve antes attribuir a prosperidade das sociedades civilizadas, do que á liberdade. Veneza não era livre, disse Thiers, mas seus tyrannos, respeitando o trabalho, tornaram-na a mais rica das republicas.

O trabalho é uma religião e Nosso Senhor Jesus Christo a professou na officina de S. José. Continuai unidos, fraternizados e obedientes no vosso trabalho de cada dia. Estais contentes.

Deus vos illumine com a sua divina Graça para que perdureis no trabalho e vos abençoe.

Graças, muitas graças rendo pela distincção de vos representar pela palavra neste edificante festival."

Em seguida o Dr. Getulio das Neves, presidente da companhia, agradecendo em nome da Directoria a festa organizada pelos empregados na companhia disse: "que sentia-se orgulhoso e desvanecido ao ver que era interprete dos empregados organizadores daquela commemoração, o venerando Conselheiro Dr. Ferreira Vianna, cuja vida era um exemplo de amor do proximo, de patriotismo e de alevantados serviços prestados á patria durante meio seculo; que seu nome querido e respeitado, bemdito por todos a quem elle prodigalizou o bem, é uma garantia de que se serviram os empregados da companhia para affirmar o constante cumprimento de seus deveres, e o que é mais a obediencia, a disciplina e a ordem, factores que tanto têm concorrido para os bons creditos da companhia e dos seus auxiliares; que sentio-se abatido e humilde diante das eloquentes palavras do grande apostolo do bem e da caridade, daquelle que concorreu com a sua actividade, com a sua energia e com a sua boa vontade para a criação de um sem numero de instituições pias nesta Capital; que os empregados da Companhia deverão estar satisfeitos na escolha que fizeram para que fosse interprete dos seus sentimentos aquelle que tanto tem sabido exaltar os que trabalham e os que procuram na correcção de uma conducta honesta os meios de subsistencia para si e para suas familias; que a Directoria da companhia vê em seus auxiliares em seu prolongamento, trabalhando todos para um unico fim: o engrandecimento da companhia; que ella procura sempre galardoar aquelles que bem cumprem com os seus deveres, aquelles que procuram interessar-se sériamente pelos seus creditos, aquelles que se esforçam honestamente por ella, zelosos sempre, disciplinados e respeitadores; que agradecendo a saudação que foi feita á Directoria pelo Sr. Conselheiro Ferreira Vianna, levanta um brinde aos empregados e operarios da Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico."

O Sr. Major Silva Porto, em nome dos empregados, agradeceu a saudação levantada pelo Sr. Dr. Getulio das Neves e em

nome dos empregados agradeceu a todos o auxilio que lhe têm prestado para bem cumprir os seus deveres de gerente.

O Sr. Major Silva Porto, em nome dos empregados, agradeceu a saudação levantada pelo Sr. Dr. Getulio das Neves e em seu nome agradeceu a todos o auxilio que têm prestado para bem cumprir o seu dever de gerente.

O Sr. Commendador Berla saudou em breves mas significativas phrases os representantes das diversas companhias de bonds alli presentes.

O Sr. Dr. Getulio das Neves saudou a Imprensa, agradecendo em nome do *Jornal do Commercio* o seu representante.

O Sr. Pinto Vieira, Director-Thesoureiro, pronunciou as seguintes palavras que foram cobertas por geraes applausos:

“Senhores — A experiencia nos ensina que os individuos que planejam, organizam e ordenam, muito pouco conseguem se não encontram o auxilio efficaz daquelles que comprehendem, executam e obedecem.

Ha nove annos já que assisto, dia a dia, como um dos directores menos prestigiado desta companhia, ao esforço dos seus empregados para o engrandecimento e prosperidade desta empresa: é-me, portanto, grato neste dia festivo significar-lhes o meu reconhecimento pessoal, e, fazendo votos pela felicidade de todos e de suas familias, tenho a satisfação de beber á saude de cada um dos empregados da Companhia Ferro-Carril Jardim Botânico.”

Oraram ainda o Sr. Commendador Cesar de Carvalho e outros cavalheiros.

Durante o acto tocou junto ao salão do *luncheon* uma banda de musica da Brigada Policial.

Pouco depois de encerrados os brindes, foi o Sr. chefe do trafego, Manoel Dias da Silva Ribeiro, surpreendido com uma manifestação por parte dos empregados do escriptorio e pessoal superior do trafego, que lhe fizeram entrega de uma lindissima *corbeille* de flores, trabalho em pennas, da conhecida casa Natté, acompanhada de uma mensagem, precedida de algumas palavras relativas ao acto.

O Sr. Dr. Getulio, que casualmente se achava a poucos passos de distancia, voltou ao recinto e, abraçando-o effusivamente, disse-lhe as seguintes palavras: "A Directoria deseja tão sómente que sejais para o futuro o que tendes sido até hoje."

Hoje continuam as bandas a tocar durante a tarde e a noite, nos dous coretos-bonds levantados em frente á companhia.

Amanhã realizam-se as ultimas festas na enseada de Botafogo, com fogo de artificio no mar, illuminação electrica desde a rua Marquez de Abrantes, passeio na enseada de embarcações illuminadas, tocando em cinco coretos-bonds, ao longo da praia, diversas bandas de musica.

1903.

CONSELHEIRO LEONARDO DE ARAUJO

O conselheiro Leonardo Caetano de Araujo nasceu a 11 de Maio de 1818, na freguezia de Parada de Guetin, concelho de Prado, districto de Braga.

Filho de pais pobres deixou sua terra natal na idade de oito annos, vindo procurar garantias para o seu futuro na então provincia da Bahia, onde se dedicou á carreira commercial. Ahi empregou-se como caixeiro em um armazem de seccos e molhados.

Iniciava assim a sua carreira quando na capital daquella provincia se sublevaram os negros africanos e assaltaram as casas de commercio portuguezas para assassinar os respectivos proprietarios.

Leonardo, bem creança ainda, vendo a casa de que era caixeiro assaltada inesperadamente, escondeu-se debaixo do balcão e ahi permaneceu até á retirada dos desalmados assaltantes, que tudo damnificaram e destruíram.

Parece que a provincia da Bahia não lhe era o campo apropriado para applicar a sua actividade, de fórma a conseguir um futuro rapido, seguro, que o tornasse independente. Foi assim que, ao completar dez annos de idade, deixou aquella Provincia e dirigio-se para esta Capital.

Aqui chegando, empregou-se Leonardo como caixeiro de um armazem de seccos e molhados na rua da Misericordia, esquina do largo da Batalha, de propriedade de seu tio Ignacio Caetano de Araujo.

Seu tio, homem de notoria honorabilidade, era excessivamente severo e por vezes tornara-se rispido de mais para com o seu joven sobrinho. Um bello dia pedio-lhe Leonardo um pequeno adiantamento para fazer o enterro de uma criança. Seu tio ne-

gou-se ao pedido, resultando dahi uma desavença que terminou pela retirada de Leonardo da sua casa commercial.

Dotado de bastante actividade e perspicacia, não se abateu o espirito do pequeno trabalhador, que poucos dias depois se empregou como caixeiro no deposito de calçado a varejo de Raymundo José da Costa Lisboa, na rua do Carmo. Não era este, porém, o genero de commercio que mais o seduzia.

Com algum dinheiro que possuia e credito que soube conquistar, estabeleceu um pequeno armazem de molhados no largo da Batalha, abandonando a casa de calçado.

Inexperiente ainda, para servir a um amigo que estava em serios embaraços commerciaes, endossou uma letra de 4:000\$000. O amigo não satisfez o compromisso e o devedor recorreu ao endossante.

Era a primeira vez que Leonardo se via em frente de um credor que exigia o cumprimento da responsabilidade contrahida, que elle teve de honrar. O negocio, porém, não havia prosperado de tal maneira, que de prompto elle pudesse solver o seu compromisso.

Tendo herdado dos seus os honrosos precedentes de que era seu tio um exemplar vivo. Leonardo vendeu a pequena casa de negocio, algumas joias que possuia e até roupa de uso proprio e pagou a divida que garantira.

Vendo-se desempregado e sem meios, sempre animado de singular força de vontade e não desejando importunar nem a parentes nem a amigos, estabeleceu uma pequena casa de quitanda na praia de Santa Luzia e ahi vendia polvilho, café moido, etc., sendo elle mesmo quem preparava os cartuchos, não só para a venda no seu modestissimo estabelecimento como nas ruas da cidade em pequenos taboleiros levados por pessoas que alugava para esse fim.

Esse simples negocio não lhe dava meios sufficientes para juntar fortuna e Leonardo procurou obter ainda um outro emprego em que pudesse accumular sem que nenhum dos seus serviços ficasse prejudicado.

Assim é que começou a frequentar a porta do escriptorio do *Jornal do Commercio* no intuito de obter um emprego á noite, e em 1841 conseguindo travar conhecimento com o typographo de

nome Manoel Antonio Martins, obteve um logar no correio do *Jornal* para o serviço de empacotar e amarrar as folhas destinadas aos assignantes do interior e do exterior.

Satisfeito assim o seu intento, Leonardo, devido ao seu zêlo e á sua conducta, passou a exercer o logar de entregador, tendo-lhe cabido por algum tempo o districto da Tijuca, onde elle ia, e muitas vezes debaixo de copiosa chuva, até ao alto da Boa Vista fazer a entrega da folha aos assignantes.

Dedicado em extremo ao trabalho, não se vexava no exercicio dessa afanosa tarefa; apenas quando lhe cabia a entrega da rua do Carmo, onde tinha conhecidos e antigos companheiros, sentia-se contrariado.

Tão bem se houve no cumprimento dos seus deveres que, pouco tempo depois, passou a cobrador de pequenas contas do *Jornal*.

Espirito atilado, vivo e sobretudo arguto, Leonardo foi adquirindo pouco a pouco pratica do serviço interno do escriptorio, coadjuvando-o muitas vezes com rara comprehensão e particular habilidade.

Em Abril de 1844 era guarda-livros do *Jornal do Commercio* um francez de nome Amedée Masson que, embarcando para a Praia Grande na barca *Especuladora*, foi victima de uma explosão que houve a bordo, fallecendo com muitas outras pessoas.

A morte de Masson era um serio embaraço para o *Jornal*, pois que ninguem poderia de prompto substituil-o por faltar a todos os empregados sufficiente pratica e conhecimento do serviço interno do escriptorio e do modo por que eram feitas as diversas escripturações da casa.

Chamado um outro guarda-livros, este vio-se em sérias difficuldades diante dos multiplos livros a que tinha de recorrer, cadernos de notas, de entrega de folhas, de pagamentos de assignatura, de pessoal, etc.

Não dando conta desse trabalho lembraram-se de chamar o cobrador Leonardo para coadjuval-o.

Este apesar das explicações e esforços de Leonardo, nada adiantava, e, passados dias, retirou-se do *Jornal*.

Leonardo ficou só em campo, mas houve-se de tal modo na nova posição, que o logar effectivo logo lhe foi confiado.

Elevado, pois, a este cargo, abandonou Leonardo o seu pequeno negocio da praia de Santa Luzia, do qual tirou algum lucro.

Nas horas vagas fazia então a escripta da casa commercial dos Srs. Machado & Lima, na rua do Carmo n. 51, hoje Araujo Lima & C., achego que desfructou desde 1849 a 1852.

A esse tempo o *Jornal do Commercio* fornecia almoço e jantar aos seus empregados da redacção e ao pessoal mais graduado do escriptorio.

Não sabemos por que motivo não convidaram Leonardo para tomar parte na mesa. Incommodado por este facto, que elle julgava uma desatenção á vista do cargo que então occupava, dirigio uma carta ao velho Adet, então gerente do *Jornal*, communicando-lhe que, não sendo digno de sentar-se á mesa, tambem o não era para exercer um cargo de importancia, responsabilidade e confiança, motivo pelo qual se despedia da casa, pois assim exigiam o seu melindre offendido e a ingratição que soffria dos seus maiores na empreza do *Jornal*.

Tendo um fundo de economias de cerca de vinte contos de réis, embarcou Leonardo no vapor *D. Maria II* com destino a Portugal, em 1853, no intuito de não mais voltar ao Brasil.

Na travessia para a sua patria o vapor abriu agua, arribando a Cabo Verde, onde depois de oito dias tomou Leonardo outro vapor, continuando a viagem para Lisboa.

Grande e sensivel era a falta do dedicado empregado no serviço do escriptorio do *Jornal do Commercio* e repetidas foram as cartas a elle dirigidas para que voltasse a assumir de novo o seu cargo. Até de empenhos de terceiros lançaram mão para esse fim.

Apezar da contrariedade que soffrera, Leonardo tinha sincero devotamento e dedicação á empreza que lhe dera muito merecidamente especial posição e assim, depois de alguma relutancia, regressou de Portugal e veio conferenciar com os seus antigos chefes.

Conhecia Leonardo as difficuldades com que a empreza luctava em encontrar quem bem entendesse do serviço de escriptorio e seguro do seu valor acceitou voltar ao seu cargo, com a

condição, porém, de ficar interessado em 5 o|o dos lucros. Isso se passava em 1854, mais ou menos.

Não era uma proposta, mas sim uma imposição que Leonardo fazia; mas a imposição mereceu acquiescencia, porque era bem conhecido o valor do novo associado, o seu tino administrativo e sobretudo o seu nunca desmentido amor ao trabalho.

Reassumindo de novo o logar de guarda-livros, já Leonardo particularmente dava ao velho Adet uteis e salutaes conselhos relativos á administração e que muito concorreram para a prosperidade e engrandecimento da empreza.

Cansado o velho gerente da vida laboriosa que tinha, entendeu descansar um pouco, fazendo uma viagem á Europa, convencido de que deixava um substituto habil, diligente e honesto.

A morte, porém, surprende-o no velho mundo, e Leonardo assumio a superintendencia geral da administração.

Quanto foi benefica a administração do *Jornal* nas mãos d'esse honrado e velho servidor, dizem-n-o bem alto o engrandecimento, a prosperidade sempre crescente e o conceito em que foi sempre tida a folha até pelos seus proprios desaffectedos.

A actividade incansavel de Leonardo, e o seu tino administrativo desenvolveram-se por tal fórma que jámais empreza alguma congenere teve aqui tão habil quanto dedicado gerente.

Homem calmo e de rara prudencia, era sempre consultado pelos proprios chefes da redacção e mui raras vezes os seus conselhos deixavam de ser ouvidos e observados.

Foi devido á sua influencia que assumio o logar de director-chefe do *Jornal do Commercio* o saudoso Dr. Luiz de Castro, que tantas provas deu do seu elevado talento jornalista e cuja morte ainda hoje sinceramente pranteamos.

Muitos annos depois tomou Leonardo, como seu ajudante na administração do *Jornal*, o Sr. Henrique Villeneuve.

Apezar de velho e alquebrado pela idade e trabalhos que passára, conservava o mesmo vigor da intelligencia, sempre viva, atilada no que concernia á boa administração de uma empreza dessa natureza.

Muitos annos assim se passaram, estando elle sempre na redacção ou no escriptorio, para attender as consultas que lhe

faziam ou para resolver ácerca de publicações de editoriaes importantes.

Espirito eminentemente financeiro, nada resolvia ácerca de negocios intimos do *Jornal* senão depois demeticulosas informações e da certeza de seguro exito. A' noite, quando cada redactor deixava a mesa de trabalho, elle proprio ia fechar o respectivo bico do gaz. Na sua escrivania passava elle horas e horas a fazer calculos, murmurando baixinho os algarismos, flectando o tecto por cima dos oculos e affagando o nariz com o indicador da mão direita, cacoete que sempre tinha quando encontrava alguma duvida ou embaraço para seus calculos ou resoluções.

Era como dissemos, calmo e cauteloso e pouco amigo de conversas longas e impertinentes; só mudava de humor quando alguém directamente ou por escripto offendia ao *Jornal*, ao qual devotava singular amôr.

Depois do seu regresso de Lisboa em 1854 ainda Leonardo fez as seguintes viagens á Europa, umas por méro passeio e outras para refazer sua saude alterada pelos soffrimentos phisicos: em 1874, 1878, 1882, 1887, 1890 e 1892.

Tendo ganho experiencia com o pequeno desastre que lhe occorreu no começo de sua vida, Leonardo só fazia negocios com a maior segurança, preferindo quasi sempre as hypothecas.

Senhor de avultada fortuna, applicou-a em parte á compra de predios, tendo adquirido a casa da rua da Misericordia, esquina do largo da Batalha onde seu tio fôra estabelecido com armazem de seccos e molhados, predio hoje reconstruido e em cujas lojas está estabelecida uma fabrica de flôres artificiaes e grinaldas para enterros.

Diariamente Leonardo vinha ao *Jornal* e ahi se conservava até depois do jantar e muitas vezes retirava-se antes deste terminar, para não perder o bond da Tijuca, em correspondencia com a diligencia que o conduzia até á sua bella vivenda, na Estrada Nova.

Durante o dia entregava-se aos labores da administração do *Jornal* e aos seus negocios particulares. Ninguem o via na rua sem o seu tradicional capote atirado sobre o hombro esquerdo,

um tanto decahido para o chão, vicio que adquirio desde quando foi entregador do *Jornal*.

O peso dos annos tornou-o um tanto curvado para a frente e as pernas arqueadas um pouco, como succede sempre a quem tem o habito de permanecer de pé e assim trabalhar nos misteres de sua profissão.

Quasi sempre usava chapéo alto de pello, calça e collete brancos e paletot preto, e quando vestia sobrecasaca, todo o traje era preto. Indefectivamente trazia o chapéo de sol na mão direita e na esquerda vermelho lenço de Alcobaça.

Quando era procurado no *Jornal*, Leonardo soccorria a muita gente, mas obedecendo sempre ao preceito christão que veda ostentação e alardes de caridade.

Amigo sincero do Brasil, que extremecia, muitos foram os beneficios que prodigalizou a instituições pias desta Capital.

Em 1883 Leonardo enviou á então Academia de Bellas Artes um officio, constituindo um premio annual sob a denominação de *Thereza Christina* para o alumno que mais se distinguisse na aula de architectura, premio que consistia em uma moeda de ouro da época da maioridade do Imperador D. Pedro I, sendo o primeiro a obter esse premio o então alumno e actual professor da Escola de Bellas Artes Sr. Ludovico Berna.

Esse premio ainda foi distribuido até 1888, mais ou menos.

Excessivamente economico, espirito extremamente conservador, como já dissemos, na sua conversação deixava perceber a má vontade que votava aos que eram desregrados e perdularios, repetindo sempre as seguintes conhecidas phrases: *Ganhar dinheiro é facil, saber guardal-o é difficil*.

O *Jornal do Commercio* e a Caixa de Soccorros de Dom Pedro V mereceram do velho Leonardo os mesmos cuidados, as mesmas preoccupações e em tudo se esforçava para o seu engrandecimento e para a sua prosperidade.

Aventada em Maio de 1863 a idéa da fundação de uma associação beneficente para protecção de subditos portuguezes creou-se a Caixa de Soccorros de D. Pedro V, de cuja primeira directoria foi Leonardo eleito thesoureiro por 571 votos em uma apuração de 917 cedulas, cargo este que exerceu desde essa data até 1865.

Eleito então presidente, servio neste cargo até 1868 e dessa data até hoje foi sempre eleito presidente do conselho deliberativo.

Muitos e relevantes foram os serviços prestados por Leonardo a essa pia instituição, principalmente por ocasião da quebra do banqueiro Souto, quando então exercia o cargo de Thesoureiro, salvando em grande parte os haveres da Caixa que alli estavam em deposito.

Taes foram os seus esforços que a Caixa de Soccorros, apesar dos serios prejuizos que tivera, nunca interrompeu os seus actos de caridade, cumprindo fielmente as obrigações impostas pelos seus Estatutos.

Em attenção a esse e outros muitos e bons serviços foi-lhe conferido o diploma de socio benemerito e, depois, de presidente honorario.

Em 1870 inaugurou-se na séde da Caixa de Soccorros o seu retrato a oleo, de tamanho natural, tendo na parte inferior da moldura a seguinte dedicatoria: *Os socios da Caixa de Soccorros D. Pedro V ao seu presidente honorario Commendador Leonardo Caetano de Araujo—Homenagem ao merito—1870*; e ainda em 1890 mandou a Caixa de Soccorros collocar em pedestal, na sala da secretaria, o busto em marmore do seu venerando protector, trabalho proficientemente executado pelo artista Rodolpho Bernardelli.

Sinceramente inimigo de ostentações o conselheiro Leonardo evitava pôr-se em evidencia e não foi sem grande difficuldade que se sujeitou a duas sessões para que o artista terminasse o seu busto em marmore.

Em quasi todos os relatorios das directorias que têm servido na benemerita instituição, o nome do Conselheiro Leonardo é exaltado pelos grandes serviços prestados com o mais leal e decidido devotamento.

Ainda a outras instituições pias distribuio o Conselheiro Leonardo o seu benefico influxo de sentimentos generosos e abundancia de coração.

Portugal o agraciou com as commendas da Ordem de Christo e da Conceição de Villa Viçosa, e com a Carta de Conselho, e o Brasil, em cujo seio encontrou elle agazalho, felicidade e fortuna, reconheceu tambem os seus bons serviços, condecorando-o com a Dignitaria da Ordem da Rosa.

.....
Que durma em paz o benemerito ancião, prototypo edificante de perseverança e força de vontade, de caridade e amor ao trabalho e que seu nome perdure perennemente no nosso espirito como estímulo e exemplo.

1904.

RIACHUELO

COMMEMORAÇÃO DA GLORIOSA JORNADA

Amanhecêra um tanto nublado o dia invernoso de 11 de Junho de 1865, que pouco a pouco foi clareando, dissipando-se o nevoeiro e tornando-se claro e limpido.

As aguas do rio Paraná, rio lodoso, cheio de pequenas ilhas, bancos, camalotes e vegetações aquaticas, mal espelhavam as sombras das bandeiras que tremulavam nos mastros dos navios da esquadra brasileira, fundeada no Rincon de Lagraña e composta de duas divisões.

Tres leguas abaixo da cidade de Corrientes desagua pelo lado de Léste, no rio Paraná, um arroio oriundo da laguna *Maloya* e ao qual, como dminutivo de riacho, deram o nome de Riachuelo.

No local desse arroyo o Paraná mede cêrca de legua e meia de largura, tendo a sua parte navegavel quasi mil pés de largo.

Duas das varias ilhas que se espalham pelo rio são grandes e cobertas de mato e, abaixo e acima destas ilhas, o rio se alarga novamente.

Encoberta a embocadura do Riachuelo por uma grande ilha, apenas do Paraná se podia avistar o pequeno arroio.

Na fóz do Riachuelo, ao Norte, levantava-se sobre uma eminencia, denominada Rincon de Santa Catalina, a vivenda de Santiago Derqui, em cujas visinhanças os Paraguayos estabeleceram seus acampamentos quando o general Paunero surpreendeu a cidade de Corrientes.

Ahi, para apoiar o ataque que Lopez pretendia dar nos navios da esquadra brasileira, estava o Tenente-Coronel Bruguez junto das baterias levantadas.

Ao Sul do Riachuelo viam-se as margens baixas e arenosas do Rio Paraná, conhecidas pelo nome de Rincon de Lagraña.

De um lado altas barreiras que enfrentavam com o Chaco do lado opposto, e em cujos cimos e barrancas estava assestada a artilharia paraguaya, composta de 32 canhões, auxiliada por 2.000 homens de infantaria, sob o commando daquelle Tenente-Coronel.

Da cidade de Goya á de Corrientes, tem o rio Paraná de um lado o rio Santa Lucia, a Valle de Cuevas, a cidade de Bella Vista, a Villa de Mercêdes e o arroio do Riachuelo; e do outro lado o rio S. Geronimo, o arroio Gomez, etc.

Enfrentando com o Rincon de Lagraña estava fundeada a divisão naval brasileira, sob o commando do Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso.

Esta divisão compunha-se: da fragata *Amazonas*, navio chefe, commandada pelo Capitão de Fragata Theotônio Raymundo de Brito, tendo por immediato o Capitão-Tenente Delfim Carlos de Carvalho e os seguintes officiaes:

Da Armada: 1^{os} Tenentes Luiz da Costa Fernandes, José Hyppolito de Menezes, Carlos Frederico de Noronha e José Antonio Lopes, 2^o Tenente Julio Cesar de Noronha, Guardas-Marinha José Ignacio da Silva Coutinho e Manoel José Alves Barbosa, 2^o Cirurgião Dr. Joaquim da Costa Antunes, Pharmaceutico José Caetano Pereira Pimentel, Capellão Padre Francisco do Carmo Gomes Diniz, Commissario de 1.^a classe Ignacio da Silva Mello, Escrivão de 2.^a classe Carlos Augusto Ribeiro de Campos e o Pratico Bernardino Gustavino e 149 praças da guarnição, constando a artilharia de seis boccas de fogo.

Do Exercito: Coronel João Guilherme Bruce, Tenente Assistente José Clarindo de Queiroz, Alferes Emiliano E. de Mello Tamborim, Cadete addido Francisco Felix Bruce, Capitão Francisco Borges de Lima, Tenentes Antonio Raymundo Caldas e Roberto Ferreira da Costa Sampaio, Alferes Jacintho Augusto da Cunha Rocha, Manoel da Silva Rosa Junior e Carlos Ignacio da Rocha, Cadete Augusto Frederico Pereira de Carvalho, Marcellino Jorge de Campos, Manoel Alcantara de Souza Carneiro, C. Bandeira de Mello Loureiro, Manoel Nonato Neves de Seixas, Augusto Cesar de Alencar, Manoel Eustaquio Luiz da

Silva, Leopoldo Bandeira de Mello Loureiro e 313 praças do 9º batalhão de infantaria.

Vapor *Jequitinhonha* — Commandante Capitão-Tenente Joaquim José Pinto, 1ºs Tenentes, Secretario Francisco José de Freitas, Lucio Joaquim de Oliveira e Pedro Antonio de Monte Basto, 2º Tenente Manoel Nogueira de Lacerda; Guardas-Marinha Manoel do Nascimento Castro e Silva e Francisco José de Lima Barros, Capellão Padre A. da Immaculada Conceição, Commissario José Manoel de Almeida, Pratico André Motta e 120 praças da guarnição, constando a artilharia de oito canhões.

Do Exercito: Major Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, Tenente Eduardo Emiliano da Fonseca, Alferes Sebastião Raymundo Ewerton, Francisco de Paula Pereira, Helvecio Muniz Telles de Menezes, Antonio Carlos da Silva Piragibe, Cadete Francisco Goulart Pereira Botafogo e 166 praças de infantaria.

Vapor *Beberibe* — Commandante Capitão-Tenente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna, 1ºs Tenentes João Gonçalves Duarte e Estanisláo Przewodowki, 2º Tenente Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto; Guardas-Marinha João Gomensoro Wandenkolk e Francisco Eustachiniano da C. Penha, 2º Cirurgião Dr. José Caetano da Costa, Commissario de 3ª classe Francisco Ferreira de Oliveira, Escrivão de 2ª classe Victor Maria de Guimarães Velloso, Pratico Pedro Broches e 178 homens da guarnição, constando a sua artilharia de sete bocas de fogo.

Do Exercito: Major João Baptista de Souza Braga, Tenente Manoel Francisco Imperial, Alferes-ajudante José Theotônio de Macedo e Secretario José Marcolino de Andrade, Clementino José F. Guimarães, Francisco Antonio Leitão da Silva, Joaquim Cantanheda Pimentel e Alexandre de Azeredo Coutinho, 110 praças de infantaria da Provincia do Espirito-Santo e 33 do batalhão de artilharia.

Canhoneira *Parnahyba* — Commandante Capitão-Tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, 1ºs Tenentes, immediato Felipe Firmino Rodrigues Chaves, Antonio P. de Albuquerque Cavalcanti, Miguel Joaquim Pederneiras, Miguel Antonio Pestana, Guardas-Marinha Affonso Henrique da Fonseca e José Guilherme Greenhalg, Commissario de 2ª classe Pedro Simões

da Fonseca e Escrivão de 2ª classe José Corrêa da Silva 141 praças da guarnição e a artilharia compunha-se de sete boccas de fogo.

Do Exercito: Tenente-Coronel José da Silva Guimarães, Capitão Pedro Affonso Ferreira, Tenentes Timoleão P. de Albuquerque Maranhão e Leopoldo Borges Galvão Uchôa, Alferes Feliciano Ignacio de Andrade Maia, Francisco de Paula Barros e Pedro Velho de Sá Barreto, Cadetes Francisco Antonio de Sá Barreto, Luiz José de Souza, Luiz Francisco de Paula Albuquerque, Antonio Francisco de Mello, Liberato Ferreira da Costa, Luiz Leopoldino Arsenio Barbosa, Caetano Alves Pacheco e 122 praças de infantaria.

Canhoneira *Belmonte* — Commandante 1º Tenente Joaquim Francisco de Abreu, 1ºs Tenentes Francisco Goulart Rollim e José Antonio Alvarim Costa, 2º Tenente Julio Carlos Teixeira Pinto, 2º Cirurgião Dr. José Pereira Guimarães, Escrivão Manoel Vicente da Silva Guimarães, Pratico João Baptista Pozzo, 109 praças da guarnição, sendo a sua artilharia de oito boccas de fogo.

Do Exercito: Capitães Antonio dos Santos Rocha e Antonio Muniz Telles de Sampaio, Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, Cadetes Leovigildo Cavalcanti de Mello e Miguel Maria Girard e 96 praças de infantaria.

Canhoneira *Araguary* — Commandante 1º Tenente Antonio Luiz von Hoonholtz, immediatos 1.ºs Tenentes Eduardo Augusto de Oliveira e Eduardo Frederico Meunier Gonçalves, 2º Tenente Manoel Augusto de Castro Menezes, Guarda-Marinha Rodrigo Antonio Delamare, 1º Cirurgião Dr. Domingos Soares Pinto, Commissario de 3ª classe Manoel Candido da Silva, Escrivão de 3ª classe Creoncides de Castro Ferreira Chaves, Pratico Manoel Montavio, 89 praças de guarnição e a artilharia compunha-se de quatro boccas de fogo.

Do Exercito: Tenentes Joaquim Manoel da Silva e Sá e Manoel Erasmo de Carvalho Moura, Alferes José Placido Lucas Brion, Feliciano de Lira, Albino José de Faria e Alvaro Conrado Ferreira de Aguiar, 1ºs Cadetes Manoel de Faria Lemos, Manoel José da Silva Leite, 2ºs Cadetes Marcolino

Franco da Silva Lessa, Miguel Muniz Tavares, Joaquim José de Mello Filho, 83 praças do Exercito.

Canhaneira *Ypiranga* — Commandante 1º Tenente Alvaro Augusto de Carvalho, 1º Tenente immediato Joaquim Candido dos Reis, 2ºs Tenentes José Candido Guillobel e Antonio Maria do Couto, Guarda-Marinha Francisco Augusto de Paiva Bueno Brandão, 2º Cirurgião Dr. Manoel Joaquim Saraiva, Commissario de 3ª classe D. José de Tavora Noronha de Andrade Vasconcellos, Escrivão de 3ª classe João Carlos de Gouvêa Faria, Pratico José Picardo, 106 praças de gurnição, e a artilharia compunha-se de sete boccas de fogo.

Do Exercito: Tenente do Corpo Policial desta Capital João Corrêa de Andrade, Alferes Antonio Firmino da Costa, José Joaquim Sodrigues de Araujo, D. Faustino José da Silveira e 65 praças de infantaria.

Canhoneira *Mearim* — Commandante 1º Tenente Elizario José Barbosa, 1ºs Tenentes, immediato Augusto Cesar Pires de Miranda, Arnaldo Leopoldo Murinelly, 2º Tenente Felinto Perry, Guarda-Marinha Antonio Augusto de Araujo Torreão, Aspirante Joaquim Candido do Nascimento, Commissario de 3ª classe José Antonio Guimarães, Escrivão de 3ª classe João Evangelista de Menezes, Pratico Santiago Pedemonte, 125 praças de guarnição, sendo sua artilharia composta de sete canhões.

Do Exercito: Capitão Antonio José da Cunha, Tenente Antonio Pacheco de Miranda, Alferes Firmino José de Almeida, João Carlos de Mello e Souza e 67 praças de infantaria.

Canhoneira *Iguatemy* — Commandante 1º Tenente Justino José de Macedo Coimbra, 1ºs Tenentes, immediato Francisco Xavier de Oliveira Pimentel, José Gomes dos Santos, Piloto João Bernardino de Araujo, 2º Cirurgião Dr. Joaquim de Carvalho Bettamio, Commissario Francisco Martins de Oliveira Godoy, Escrivão José Bonifacio de Azambuja Neves, Pratico Thomaz Manceira, 96 praças da guarnição, sendo a artilharia de cinco boccas de fogo.

Do Exercito: Tenente-Coronel João José de Brito, Major Antonio Luiz Bandeira de Gouvêa, Capitão Domingos Carlos de Sá Miranda, Tenentes Pedro Martini, Candido José Corrêa

da Silva Bourbon, Alferes Luiz José Garcia, Antonio Luiz Rodrigues e 117 praças de infantaria.

A esquadra estava fundeada em linha de fila e á prôa da fragata *Amazonas* armava-se um modesto altar para celebração do santo sacrificio da Missa, pois esse dia era o de domingo da Santissima Trindade e havia sido marcado pelo chefe para revista de mostra.

Pela manhã cedo, o Pratico com a pequena lancha do vapor *Jequitinhonha* fôra ao Charco buscar lenha e carne, pois havia comprado 30 rezes e mandado carnear seis.

Emquanto alguns preparavam com bandeiras, galhardetes, etc., o local destinado á celebração daquelle acto religioso, chegou a hora do almoço, tomando cada um o lugar que lhe competia.

O dia, claro e sereno era açoitado pelo vento do lado Norte, que desfraldava tremulantes nos topos dos mastros as bandeiras e insignia da esquadra brasileira que, na sua quietude, preparava-se para confortar-se nos santos preceitos da religião christã.

De repente, da canhoneira *Araguary*, navio vigilante, partio o grito de "navio inimigo á vista" e logo por toda a esquadra foi avistado um e em seguida outros navios de guerra paraguayos, que com velocidade superior a 12 milhas desciam o rio procurando o local em que estava fundeada a esquadra brasileira.

Rapidamente officiaes e praças tomaram seus postos, aguardando o embate.

Um quarto de hora depois, passavam em frente da divisão brasileira os vapores de guerra paraguayos *Paraguay*, *Taquary*, *Igurey*, *Iporá*, *Jejuhy*, *Rio Blanco*, *Salto* e *Paraná*, rebocando seis chatas ou baterias fluctuantes artilhadas cada uma por um canhão de 68 e accumuladas de tropas.

Na vertigem da passagem foram recebidos pela esquadra brasileira a tiro de metralha e de bala, sendo o primeiro navio a atirar a canhoneira *Belmonte*, testa da columna.

Commandada essa esquadrilla pelo Chefe Capitão de Fragata Mezza, foi collocar-se proximo do Riachuelo, um pouco abaixo de Corrientes, em linha de bloqueio, abrigada pelos barrancos occupados por força paraguaya e onde havia cêrca de 25 peças de artilharia Lahitte e outras de elevados calibres.

Começou terrível a luta. De parte a parte um chuva de balas e metralha cortava o ar em todas as direcções, as cargas da artilharia e da mosquetaria retumbantes e atroadoras envolvidas em nuvens de fumo, ora cahiam de chôfre sobre os navios, ora no rio, levantando altas columnas de agua.

Era mortifero o fogo e tenaz a resistencia da esquadra inimiga.

Barroso, o inolvidavel marinheiro, resolveu ir aguas abaixo, e pondo na vanguarda a canhoneira *Belmonte*, sob o commando do 1º Tenente Joaquim Francisco de Abreu e seguindo com a fragata *Amazonas* avançou sobre a esquadra paraguaya, acobertada debaixo dos barrancos artilhados.

Os outros navios da nossa esquadra demoraram-se um pouco atrás, devido á velocidade do *Amazonas*.

Na descida, o vapor *Jequitinhonha*, em que o chefe Secundino tinha a sua insignia, quando virava aguas abaixo para ir tambem ao encontro do inimigo, encalhou sobre um banco de arêa, ficando debaixo das baterias inimigas, soffrendo assim horrivel fogo.

Era estreita a amplitude do canal.

Inesperadamente tres vapores de guerra paraguayos se dirigem para a canhoneira *Parnahyba* afim de abordal-a.

O vapor *Taquary* prolonga-se pelo lado de BB., o *Salto* por EB. e o ex-*Marquez de Olinda* colloca-se junto da prôa.

Gritos convidativos excitavam o inimigo ao ataque e á abordagem e, entre vivas e objurgatorias, um grosso de Paraguayos salta no convés da *Parnahyba*, apesar da resistencia dos bravos marinheiros da nossa esquadra.

Um official, inimigo, do *Taquary* dirige-se para junto do mastro grande e arria a Bandeira Brasileira.

Uma luta encarniçada, se desenvolve no convés do *Parnahyba*.

Toda a guarnição lutou a ferro frio e na tolda, valentes e temerarios, o Capitão Pedro Affonso, Tenente Andrade Maia, Guarda-Marinha Greenhalg e o Imperial marinheiro Marcilio Dias succumbem na luta, defendendo com raro heroismo o Pavilhão nacional.

Por ordem superior o Escrivão de 2ª classe José Corrêa da Silva desceu ao paiol da pólvora para fazer voar o navio.

Barroso pondo a prôa do *Amazonas* de encontro ao primeiro navio que surgira na sua frente, inutilizou-o completamente, abrindo-lhe água e fazendo-o ir a pique pouco depois. Seguindo ainda a inspirada manobra, avançou para o ex-*Marquez de Olinda* e o *Salto* que também poz fôra de acção.

O *Paraguay* foi obrigado a encalhar em uma ilha proxima e a sua tripulação espavorida e assombrada, abandonou o navio, fugindo desordenadamente para terra.

Quando já o Escrivão Corrêa estava preparando-se para cumprir a ordem, ouviram-se gritos de vivas, dos nossos marinheiros.

Era a *Paranahyba* que, livre, havia desalojado os assaltantes, fazendo-os pagar bem caro a sua ousada empreza.

O restante da esquadra inimiga, assombrada e atterrorizada diante da terrivel manobra, fugio rio acima, procurando escapar á sorte que a esperava.

Uma chata artilhada preparava-se para fazer fogo quando sobre ella o *Amazonas* avança mettendo-a a pique.

Desesperado, o inimigo recrudesce o fogo mortifero de suas abarrancadas baterias.

Entre os muitos mortos que havia no convés da valente canhoneira, estava o official paraguayo do *Taquary* que tinha arriado o nosso Pavilhão.

Serenada um pouco a luta, *Paranahyba* abordou o *Salto*, fazendo para elle passar o 1º Tenente Miguel Pestana, sendo então arriada a bandeira paraguaya e içada a brasileira pelo marinheiro de 2ª classe Pedro Chaves.

Deixando ahi um destacamento, sob o commando do Guarda-Marinha Affonso da Fonseca, voltou este duas horas depois em um escaler com o destacamento, pois que o *Salto* ameaçava ir a pique, o que realmente aconteceu pouco depois.

Sobre o convés do *Salto* viam-se innumerados cadaveres mutilados, peças desmontadas, feridos agonizantes, sendo recolhido pelo Guarda-Marinha Affonso, o Tenente João Vicente Alcaráz, Commandante do *Salto*, que estava gravemente ferido.

Fôra terrível a pugna e titanico o combate. No rio, estilhaços de navios paraguayos boiavam na sua correnteza, soldados a nado, cançados e feridos outros, procuravam as margens para escaparem á morte; navios encalhados, a meia prôa, outros mettidos a pique, apenas attestavam a sua existencia no apparecimento fóra da agua dos topes dos mastaréos.

Das 9 horas da manhã até ás 4 da tarde, foi renhido o combate entre as duas esquadras, e é de justiça confessar que ambas combateram com denodo e com coragem jámais excedida.

Apezar das intenções do Capitão de Fragata Mezza, que tentára surprender a esquadra brasileira e das ordens que recebera do Dictador Lopez de *levar para o Humaytá o maior numero possível de prisioneiros brasileiros*, a victoria coube ainda á Marinha Nacional que, valente e arrojada, não medindo obstáculos nem sacrificios, realizou o maior feito de que ha noticia na historia dos combates navaes do seculo.

A batalha do Riachuelo foi a *Alma Parens* dessa longa guerra que tanto ennobreceu e elevou a Marinha e o Exercito brasileiros, cujo patriotismo e valor e cuja coragem e civismo jámais foram postos em duvida.

Em uma solemnidade em que se commemorava a grande data de hoje, disse no Club Naval, ha annos, o Sr. Almirante Jaceguay, no seu discurso official:

“No convés da *Parnahyba* o sangue do Guarda Marinha Greenhalg mistura-se com o do Capitão Pedro Affonso, ambos cahidos sob os golpes de um troço de abordadores, defendendo a Bandeira do navio.

“O Coronel Bruce, o Tenente Eduardo Fonseca, José Clarindo, Ewerton e os irmãos Tamborim estão no passadiço do *Amazonas*, ao lado de Barroso.

“O Capitão Guimarães Peixoto é o braço direito de Lucio de Oliveira na defesa desesperada do *Jequitinhonha*, encalhado debaixo da bateria inimiga. Na *Belmonte*, a bizarria impetuosa de Tiburcio é refreada pela coragem serena do Commandante Abreu.”

Greenhalg, o valente official de marinha, e Pedro Affonso, o denodado Capitão do 9º batalhão de infantaria, defendem o Pavilhão nacional, já arriado por um official do vapor *Taquary*,

que, com um enorme bando de Paraguayos, havia abordado a canhoneira *Parnahyba*.

O Tenente daquelle batalhão Feliciano Maia e o inolvidavel imperial marinheiro Marcilio Dias succumbem na luta depois de uma resistencia heroica e viril.

Nesta tão gloriosa quão cruel batalha o Brasil teve fóra de combate 190 homens, sendo 87 mortos e 103 feridos, grave e levemente.

Entre os mortos achavam-se o 1º Tenente da Armada Oliveira Pimentel, o 2º Tenente Teixeira Pinto, Guardas-Marinha Lima Barros, Torreão e Greenhalg, o Capitão do Exercito Pedro Affonso Teixeira e o Tenente Feliciano Maia, e entre os feridos o Capitão de Mar e Guerra Gomensoro, 1ºs Tenentes da Armada Joaquim Francisco de Abreu, Macedo Coimbra, Francisco José de Freitas, 2º Tenente Nogueira de Lacerda, Guarda-Marinha Castro e Silva e o Major do Exercito Bandeira de Gouvêa, Tenentes Galvão Uchôa e Manoel Francisco Imperial, Alferes Ewerton, D. Faustino da Silveira e Sá Barreto e o Cadete Brasileiro Loureiro.

Entre os mortos achou-se tambem o Pratico André Motta, que estava a bordo do *Jequitinhonha*.

Os Paraguayos perderam para cima de 1.500 homens e os vapores *Jejuhy*, *Salto*, *Paraguay* e *Marquez de Olinda*, e quatro chatas foram aprisionadas e duas mettidas a pique, e o Capitão de Fragata Mezza, atravessado por uma bala de fuzil, foi transportado para Humaytá, onde pouco depois pereceu.

Fugindo o resto dos Paraguayos nos navios que escaparam, pelo rio acima, abandonaram junto das barrancas as chatas que não foram a pique.

Muitos foram os episodios interessantes que se deram nesse grande encontro, muitos foram os actos de bravura indomita praticados pelos marinheiros brasileiros, que seria difficil enumerar nesta ligeira e desprerenciosa noticia.

— O Guarda-Marinha Manoel José Alves Barbosa, tomando uma canôa de bordo do *Amazonas*, canôa já furada no fundo por balas, e com o auxilio de alguns marinheiros, tripulou-a e dirigindo-se para as barrancas onde estavam duas chatas para-

guayas rebocou-as e, retirando as bandeiras dessa Republica que nellas tremulavam, as entregou ao chefe Barroso.

Exaltam na marinha de guerra o sangue frio e a serenidade do 1º Tenente Monte Basto que, em um escaler do *Jequitinhonha*, fôra ao navio-chefe em commissão do respectivo Comandante.

Quando o 1º Tenente Joaquim Candido dos Reis, da canhoneira *Ypiranga*, acompanhado pelo Guarda-Marinha Bueno Brandão e por 60 praças, abordou o vapor *Paraguay*, já inutilizado, e para onde haviam ido em um escaler, puxado a 12 remos, foi encontrado no tombadilho grande numero de cadaveres de soldados feridos gravemente, peças desmontadas, etc.

Descendo á praça d'armas, foram recebidos a carga de bayoneta por um grupo de Paraguayos que ahi estavam occultos.

Neste estreito local, travou-se uma luta encarniçada a ferro frio, sendo afinal vencidos os temerarios aggressores.

A bordo havia um bom piano que foi enviado para a canhoneira *Ypiranga*.

Na occasião do combate, esse Guarda-Marinha recebera ordem de tocar fogo ao paiol da polvora da *Ypiranga*, caso fosse o navio tomado pelo inimigo.

No dia seguinte ao da batalha, appareceu na esquadra o 1º Tenente reformado Orozimbo Alves Branco Muniz Barreto, então fornecedor das nossas forças.

Foi elle o primeiro que levou a noticia desse feito de armas á cidade de Buenos-Aires, em cujas ruas fez distribuir boletins em profusão, dando minuciosamente tão auspiciosa noticia.

No Museu Naval existem duas bandeiras paraguayas retiradas das chatas neste memoravel combate, o velho leme da fragata *Amazonas*, tendo no centro do eixo, na parte anterior, a condecoração da Ordem do Cruzeiro, a figura de prôa da referida fragata e diversas Bandeiras brasileiras que fluctuavam nos mastros dos navios da nossa esquadra, nesse glorioso dia.

Tambem na Escola Naval está levantado o mastro da velha fragata, em cujo tope, nesse memoravel dia, o valente marinheiro Barroso fez içar o signal de *O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever*, signal que hoje será visto naquelle mastro e cujos

galhardetes são os mesmos que figuraram nessa inolvidavel pugna.

Mais do que a nossa penna e nossos desejos, fallam bem alto os documentos extrahidos do "Diario Particular" do venerando chefe da esquadra, o Almirante Barrôso:

"Bordo do vapor *Amazonas*, surto abaixo do Riachuelo, em Corrientes, em 12 de Junho de 1865.

Viva S. M. o Imperador.

Viva o Imperio do Brasil.

Illm. Exm. Sr. Visconde de Tamandaré.

Não fizemos tudo mas fizemos o que pudemos.

No dia 11 do corrente, domingo da Santissima Trindade, foram tomados pela divisão sob o meu commando quatro vapores de guerra paraguayos e seis chatas com rodizios de 80. Passo a expôr a V. Ex., ainda que laconicamente, o occorrido, pois fatigado como fiquei e assim tenho continuado, me é impossivel fazer de outro modo.

Eram 9 horas da manhã e nos assentavamos a almoçar, quando me deram parte que descia um vapor, dous, tres e assim até oito; houve portanto um "safa geral" em toda a divisão, e despertaram-se os fogos.

Desciam aguas abaixo, que com a correnteza do rio não seria menos de 12 milhas, portanto em um quarto de hora passavam em frente a nós oito vapores paraguayos com seis chatas a reboque. Fizemos-lhe as honras—que mereciam,—às quaes contestaram por igual modo; balas e metralha de parte a parte era chuva; e chuva de respeito.

Seguiram aguas abaixo e se collocaram perto do Riachuelo. Tratei como Chefe dessa divisão, que me tinha sido confiada pelo Exm. Vice-Almirante Visconde de Tamandaré, de dar um dia de gloria á Nação, fazendo respeitar o nosso Pavilhão.

Tive de attender a mil circumstancias que difficilmente, com o nosso confuso e desordenado regimento de signaes, o não podia fazer. Assentei que seria mallograda a minha descida com a esquadra sobre elles, porque dariam volta a duas ou tres ilhas, as quaes têm um canal não de muita agua, e pelo qual subissem sem que ao menos ficasse um delles. Ficar parado, nada fazia; descer, elles subiriam por trás das ilhas. Uma destas resoluções

tinha a tomar; resolvi ir aguas abaixo, indo a *Belmonte*, Comandante Joaquim Francisco de Abreu, na frente, que o fez gallardamente, não seguindo logo os outros por ficarem preteridos pela boa marcha do *Amazonas*, aonde me achava. Esperamos: e por que nos esperam?... Estavam debaixo de barrancas, antes de chegar a Riachuelo (descendo). Collocaram convenientemente as suas chatas com peças de 80, e sobre as barrancas havia baterias não menores a 20 boccas de fogo. Provavelmente seriam as 22 peças que anteriormente disse a V. Ex. que sabia que a *Corrientes* tinham chegado. Estas 20 ou 22 peças, apoiadas por mosquetaria de mais de 1.000 espingardas, faziam um mortifero fogo sobre os nossos navios, ao qual correspondiamos com a melhor e mais boa vontade. Nesta descida, infelizmente, encaihou o *Jequitinhonha*, onde o chefe Segundino tinha a sua insígnia. Devia eu voltar a bater-lhes novamente, porém a estreiteza do canal não o permittia, sendo preciso descer muito abaixo para o fazer. Tinha felizmente a bordo o Pratico Bernardino Gustavo, que se póde chamar o chefe dos praticos, o mesmo que ha dez annos subio a esquadra e desde então está ao nosso serviço.

Subi; minha resolução foi de acabar de uma vez com toda a esquadra paraguaya, o que eu teria conseguido se os quatro vapores que estavam mais acima não tivessem fugido.

Puz a prôa sobre o primeiro, que o escangalhei, ficando inutilizado completamente, de agua aberta, indo pouco depois ao fundo.

Segui a mesma manobra contra o segundo, que era o *Marquez de Olinda*, que inutilizei, e depois o terceiro o *Salto*, que ficou pela mesma fórma.

Os quatro restantes vendo a manobra que eu praticava e que estava disposto a fazer-lhes o mesmo, trataram de fugir rio acima. Em seguimento ao terceiro vapor destruido aproei a uma chata, que com o choque e um tiro foi a pique.

Exm. Sr. Almirante, todas estas manobras eram feitas pelo *Amazonas*, debaixo do mais vivo fogo, quer dos navios e chatas, como das baterias de terra, e mosquetaria de mil espingardas. A minha tenção era antes destruir por esta fórma toda a esquadra paraguaya, do que andar para baixo e para cima, que necessaria-

mente, mais cedo ou mais tarde, havíamos de encalhar, por ser na quella localidade o canal muito estreito.

Concluida esta faina, seriam 4 horas da tarde, tratei de tomar as chatas, que ao approximar-me dellas eram abandonadas, saltando todos ao rio e nadando para terra, que estava a curta distancia.

O vapor paraguayo *Paraguay*, de que ainda não fallei, recebeu tal rombo no costado e caldeiras, quando desceu, que foi encalhar em uma ilha em frente, e toda gente saltou para ella, fugindo e abandonando o navio.

A *Belmonte* recebeu taes rombos abaixo do lume d'agua, que se vio obrigada a encalhar para não ir a pique. Encheu-se d'agua até dous pés abaixo do vão do convés, tendo-se perdido todos os mantimentos, polvora, etc. Trato da melhor fórma para conseguir tapar os rombos, para o que já offereci por cada um que se tapasse, e que por este motivo ficasse quasi estanque, uma onça. Espero que V. Ex. approvará esta minha resolução.

Infelizmente, o *Jequitinhonha* ficou encalhado onde a bateria de terra lhe fazia um vivo fogo, o que era contestado; ao pôr do sol diminuiu, creio que por se terem acabado as munições.

Ordenei que a *Iguatemy* fosse coadjuval-o no seu desencalhe. O *Ypiranga* que fosse para o lado do vapor paraguayo. O *Amazonas* para o lado da *Belmonte*, que está cheia d'agua. A *Mearim* a ir rebocar a *Parnahyba*, que tem o leme partido, para vir para onde nos achamos. Assim tudo disposto, veio um escaler do vapor *Jequitinhonha* com o 1º Tenente Monte Basto, a dizer-me que o chefe Segundino precisava de mais uma canhoneira, pois tomado o *Ypiranga* para o ajudar, este tambem encalhou, e que, só, a *Iguatemy* nada podia fazer. Ordenei então que fosse a *Mearim*, depois que de bordo tivesse sahido o Dr. Antunes, medico do *Amazonas*, que tinha ido fazer amputações.

O vapor *Parnahyba* está com o leme partido por uma bala; como V. Ex. sabe, é elle de metal e está fóra, em baixo, dos gonzos. Este vapor quando descia, quatro dos Paraguayos trataram a um tempo de abordal-o; seu Commandante, o Capitão-Tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, como vinha aguas abaixo, aprou sobre o *Paraguay* que estava encalhado, inutilizou-o, disparando-lhe um dos rodizios; os outros tres, querendo um delles abordar

pela prôa, o não pôde effectuar pela resistencia que encontrou, no entretanto os dous de pôpa puderam lançar um troço de trinta e tantos Paraguayos, que ficando sobre a tolda mataram os que alli estavam, entre estes o Capitão do 9º batalhão de infantaria Pedro Affonso Teixeira e o Guarda-Marinha Greenhalgh, que com grande bravura e coragem defendiam a Bandeira; estes officiaes morreram no seu posto de honra. Avançaram então os reforços que esperavam a abordagem á prôa; estes fizeram taes estragos que todos os Paraguayos que tinham saltado ficaram mortos, pagando assim a sua ousadia. Antes deste conflicto uma bala veio inutilizar o leme, que o privava de manobrar convenientemente.

Não tem sido possivel fazel-o mover por se achar separado do cadaste. Teve este navio 33 mortos, 27 feridos e cêrca de 20 extraviados que se suppõe terem cahido ao rio nas defesas que houve. Temos em toda a esquadra, entre mortos e feridos, cêrca de 180 a 190, destes 80 a 90 são mortos, nos quaes entram officiaes, marinheiros e tropas.

Por esta causa, Exm. Sr., acham-se os navios mui desfalcados, e é urgente que sejam enviados 250 imperiaes marinheiros. De officiaes ha grande falta; são precisos 10^{os} e 20^{os} tenentes, bem como quatro praticos.

O que direi a V. Ex. dos Commandantes?

Que quasi todos a meu vêr se portaram bem e me ajudaram mais ou menos, como era de esperar; qualquer distincção que faça, necessariamente terá de desgostar, pois, entretido com querer aniquillar toda a esquadra paraguaya, não tive tempo para minuciosamente reparar para cada navio sobre si, os quaes muitas vezes, nas voltas, os perdia de vista; mais adiante eu informarei pelos dados que fôr colhendo. Sei com evidencia, por se achar commigo, sempre a meu lado, no posto de honra, sobre o passadiço do vapor *Amazonas*, o seu Commandante, o Capitão de Fragata Theotónio Raymundo de Brito, que se portou com bravura e sangue frio, dando sempre as disposições que no caso eram precisas. Todos os officiaes se portaram como deviam e entre estes o 1º Tenente José Antonio Lopes, encarregado da bateria á prôa, que o vi portar-se com coragem e bizzarria. Menciono este official, não por fazer distincção dos outros, mas sim por ter pesado sobre

elle uma nodoa que satisfatoriamente a destruiu. O Coronel João Guilherme Bruce, Commandante da Brigada, já conhecido por sua bravura, me coadjuvou, fazendo dirigir a tropa aos lugares que mais convinha para offender o inimigo.

Não tendo recebido ainda as partes que remetterei na primeira ocasião, limito-me a enviar apenas uma ou duas.

Deus Guarde a V. Ex., Illm. e Exm. Sr. Vice-Almirante Visconde de Tamandaré, Commandante em Chefe da força naval do Brasil no Rio da Prata. — *Francisco Manoel Barroso.*”

As partes officiaes da acção dadas pelos Commandantes de diversos navios da esquadra são as seguintes:

“Do Commandante da corveta “*Parnahyba*”, Capitão-Tenente *Aurelio Garcindo Ferreira de Sá*. — Apenas guarnecido o segundo rodizio de bombordo, que disparou dous tiros de metralha, toda a guarnição defendeu a abordagem, inclusive as 1^a e 6^a companhias do 9^o batalhão de infantaria, destacadas a bordo desta corveta, sob as ordens do seu distincto Commandante, o Tenente-Coronel José da Silva Guimarães.

Nesta luta heroica, em que cada official, marinheiro e soldado cumprio com o dever de verdadeiro Brasileiro, muitas vidas preciosas foram sacrificadas no altar da patria.

O Capitão do 9^o batalhão de infantaria Pedro Affonso Ferreira e o Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh succumbiram defendendo o Pavilhão nacional, que chegou a ser arriado por um official do *Taquary*, conseguindo depois apoderar-se do leme, tendo sido acutilada nessa ocasião quasi toda a guarnição do 4^o rodizio (de ré), que heroicamente lutou contra as hordas dos nossos inimigos, os quaes, superiores em numero, aposaram-se da tolda.

Sendo a luta desesperada, e cada vez mais critica a nossa situação, por haver-nos abordado pela prôa o *Marquez de Olinda*, e durar talvez já uma hora o combate de mosquetaria e ferro frio, fizemos todos um supremo esforço de patriotismo, applaudindo com entusiasmo a ordem transmittida pelo official immediato o 1^o Tenente Felipe Firmino Rodrigues Chaves, de combinação commigo, para que se lançasse fogo ao paiol da polvora, ordem essa que ia ser immediatamente executada pelo corajoso Escrivão de 2^a classe José Corrêa da Silva, quando feliz-

mente ouviram-se gritos de viva a Nação Brasileira, o Imperador, o Almirante Tamandaré, o Chefe Barroso e a guarnição da *Parnahyba*. Eram as vozes dos marinheiros e soldados accommettendo resolutamente os Paraguayos, que se escapavam por haverem percebido que o *Amazonas* e *Beberibe* vinham em nosso auxilio e tambem a *Mearim*. Grande foi nessa occasião a desordem do inimigo.

Os trinta cadaveres deixados em nossa coberta, inclusive o do atrevido official que profanou nossa Bandeira, attestam bastante o revez soffrido por elles, devendo aqui addicionar que todos os outros Paraguayos que então se achavam a bordo, precipitaram-se ao rio, e ganharam a margem do Chaco.

Içado agora o nosso pavilhão e serenados os animos, vimos então que nessa luta heroica em que muitos jogavam as armas pulso a pulso, bastantes tinham sido as victimas que com seu denodo concorreram para tornar memoravel nos annaes da Marinha brasileira o dia 11 de Junho de 1865.

Entre ellas não posso deixar de mencionar o bravo Tenente do 9º batalhão de infantaria Feliciano J. de Andrade Maia, que sustentou-se no seu posto até cahir desfallecido pelos golpes do inimigo, tendo-se até então conservado como verdadeiro baluarte brasileiro. A sua memoria deve ser conservada como um brazão de honra, de alto credito para o Exercito nacional.

O imperial marinheiro de 1ª classe Marcilio Dias, que tanto se distinguira nos ataques de Paysandú, immortalizou-se ainda nesse dia. Chefe do rodizio raiado, abandonou-o sómente quando fomos abordados, para sustentar braço a braço a luta de sabre contra quatro Paraguayos.

Conseguiu matar dous, mas teve de succumbir aos golpes dos outros. Seu corpo, crivado de horriveis cutiladas, foi por nós piedosamente recolhido, e só exhalou o ultimo suspiro hontem, ás 2 horas da tarde, havendo-se-lhe prestado os soccorros de que se tornára digna a praça mais distincta da *Parnahyba*. Hoje pelas 10 horas da manhã, foi sepultado com rigorosa formalidade no rio Paraná, por não termos embarcação propria para conduzir seu cadaver á terra.

Longa seria a enumeração dos factos distinctos praticados a bordo deste navio pelas praças do meu commando, mas não posso

eximir-me de citar os nomes daquelles que bem mereceram da Patria.

O 1º Tenente Felipe Firmino Rodrigues Chaves, Immediato desta corveta, houve-se com dignidade e bravura, animando a guarnição e dirigindo o fogo, tendo depois, de combinação comigo, ordenado que se lançasse fogo ao paiol da polvora no instante em que o perigo de succumbir tornou-se imminente. Seus serviços são recommendaveis.

O 1º Tenente Miguel Antonio Pestana portou-se com denodo e coragem pouco communs, commandando a guarnição que se havia entrincheirado no convés; a seus esforços e patriotismo se deve em parte a brilhante victoria alcançada pela *Parnahyba*.

Os 1ºs Tenentes Antonio Pompêo de Albuquerque Cavalcanti e Miguel Joaquim Pederneiras, officiaes que commandavam os 2º e 3º rodizios, nunca os abandonaram, e a seus esforços se deve o vivo fogo de artilharia que tanto estrago produziu nos vapores *Taquary*, *Paraguay* e *Salto*.

O Guarda-Marinha Affonso Henrique da Fonseca mostrou bastante valor, lutando a par do 1º Tenente Pestana, e animando com suas palavras, cheias de patriotismo, os nossos marinheiros e soldados.

Ao muito distincto Escrivão de 2ª classe José Corrêa da Silva se deve hoje a conservação desta corveta; recebendo ordem de lançar fogo ao paiol da polvora, munio-se de um charuto acceso, e pôde conter o seu enthusiasmo até o momento de se ouvirem os brados de triumpho de que fiz menção.

O Commissario de 2ª classe Pedro Simões da Fonseca, vendo que os seus serviços eram de pouca importancia na coberta, onde se achava, subio ao convés e descarregou sobre o *Taquary* a coronada de bombordo-avante, empregando-se a metralha na caixa das rodas, que produziu estragos mortiferos em officiaes que sobre o passadiço dirigiam a abordagem.

A parte menciona com louvor os nomes de varias praças da tripolação da corveta.

O contingente do 9º batalhão de infantaria, composto das 1ª e 6ª companhias, sob o immediato commando do muito distincto Tenente-Coronel José da Silva Guimarães, portou-se como era de esperar de soldados brasileiros. Enthusiasmo no acto da

abordagem, valor e esforço denodado na luta travada braço a braço com o inimigo, excedem ao melhor elogio.

Foram incansáveis em bem dirigir os seus subordinados o Capitão Timoleão Peres de Albuquerque Maranhão, Tenente Leopoldo Borges Galvão Uchôa e Alferes Francisco de Paula Barros. São dignos de elogio os Alferes Pedro Velho de Sá Albuquerque e Francisco Antonio de Sá Barreto Junior. No mesmo caso se acham o 1º Sargento Cadete Quartel-Mestre Luiz José de Souza, o 1º Cadete 2º Sargento Luiz Francisco de P. Albuquerque Maranhão.

Governando, porém, com a vela de estais e latinas conseguiram abordar o *Salto*. Atracados a elle, fiz saltar o 1º Tenente Miguel Antonio Pestana e o denodado imperial marinheiro de 2ª classe Pedro Chaves (condecorado com duas medalhas humanitarias de 1ª classe), sendo aquelle nomeado Commandante da presa e este designado para içar o Pavilhão brasileiro no tope grande; o que fez, recolhendo a bandeira paraguaya, que se achava abatida, o Guarda-Marinha Affonso Henrique da Fonseca.

Da corveta morreram 33 pessoas, ficaram feridas 28, extraviaram-se 19, da Armada e do Exercito."

"Do Commandante do vapor "Amazonas", Capitão de Fragata Theotônio Raymundo de Brito. — Cumpro o agradável dever de informar a V. Ex. que os officiaes e mais praças do Exercito, destacadas a meu bordo, me auxiliaram grandemente, com fuzilaria e trabalhando no rodizio de ré.

V. Ex. foi testemunha ocular do comportamento dos officiaes e mais praças sob meu commando, e de tudo quanto se passou a bordo, durante o combate.

E' de meu rigoroso dever informar a V. Ex. que o 1º Tenente José Hyppolito de Menezes que se achava com parte de doente se apresentou na occasião do combate, e que igual procedimento teve o imperial marinheiro Leocadio dos Santos.

Deste vapor morreram: da Armada 8 pessoas e foram feridas 2; do Exercito, mortas 6 e feridas 17."

"Do Commandante da canhoneira "Belmonte," 1º Tenente Joaquim Francisco de Abreu. — Devo declarar a V. Ex. que os officiaes, 1ºs Tenentes Francisco Goulart Rolim e José Antonio de Alvarim Costa, muito me coadjuvaram animando e acti-

vando as guarnições das peças na ocasião em que só este navio soffria todo o fogo da esquadra inimiga e das baterias de terra; e o mesmo devo dizer dos Srs. Capitães Antonio dos Santos Rocha e Antonio Moniz Telles de Sampaio, do Corpo Policial, no que diz respeito á sua gente, e do Sr. Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza que, com a pratica que tem de artilharia e com o destacamento de que é digno Commandante, auxiliado pelos Srs. Cadete Leovigildo Cavalcante de Mello e Miguel Maria Girard, prestou serviços reaes, e portou-se com o valor que em Corrientes já uma vez mostrára.

O Sr. 1.^o Tenente Francisco Antonio Salomé Pereira, que se acha preso a bordo desta canhoneira, offereceu-se por diferentes vezes durante o combate para coadjuvar-me.

Devo fazer particular menção do Sr. 2.^o Cirurgião Dr. José Pereira Guimarães, que, na coberta, operando e curando os doentes com o maior desembaraço e sangue frio, teve de, mudando de profissão, ajudar a apagar o incendio produzido por uma bomba que arreventou junto d'elle, contundindo-o levemente na côxa direita, matando dous homens á sua esquerda, ferindo um e produzindo esse incendio, e igualmente em companhia do 2.^o marinheiro Eloy Cavalcanti de Albuquerque e cabo do corpo de policia Luiz Fernandes da Silva, muito trabalhou em tapar os rombos do costado.

O Sr. Escrivão Manoel Vicente da Silva Guimarães portou-se muito bem, municando a bateria.

O Pratico João Baptista Pozzo conservou-se constantemente no passadiço de prumo na mão, com o maior valor e sangue frio, e foi levemente ferido no rosto.

Os machinistas: 1.^o, José da Silva Neves, de 2.^a classe, e o 3.^o, Antonio Loureiro de Almeida, de 3.^a classe e o ajudante de 2.^a classe Gabriel Ferreira da Cruz Sobrinho, cumpriram o seu dever.

A guarnição em geral portou-se regularmente, devendo, porém, especializar pelo seu brilhante comportamento os imperiaes de 1.^a classe Manoel José de Oliveira, João Pereira da Silva, João José Corrêa, e os de 3.^a classe João José da Paixão e Julio Bonito, chefe de peça, e da 2.^a classe Raymundo Francisco da

Silva, carregador, bem como o Escrevente João Maria Bernes de Parrabére.

Não posso deixar de lamentar a perda do 2º Tenente Julio Carlos Teixeira Pinto, morto logo no principio do combate por uma bala de artilharia, no ventre.

Desta canhoneira morreram: da Armada, 4 e feridos 11, sendo um destes o Commandante Abreu; e do Exercito, mortos 5 e feridos 11.”

“Do Commandante do vapor “Ypiranga”, 1 Tenente Alvaro Augusto de Carvalho — A conducta dos meus officiaes e praças do Corpo Policial destacadas a bordo, está acima de todo o elogio.

O 1º Tenente Joaquim Candido dos Reis, Immediato, correu sempre o navio, vendo que nada faltasse, dando ordens acertadas com o maior sangue-frio; é um bravo official digno de toda consideração.

O 2º Tenente José Candido Guillobel, Commandante da bateria, dirigio-a magnificamente com calma, dando toda a attenção ao serviço das peças e sem attender ás balas que lhe cruzavam por cima, e assim é que não tivemos um só desastre a lamentar, apesar da artilharia fazer fogo seguido, dando naquelle dia mais de 240 tiros.

O 2º Tenente Antonio Maria do Couto e o Guarda-Marinha Francisco Augusto de Paiva Bueno Brandão portaram-se superiormente com muita bravura e sangue frio.

O Escrivão de 2ª classe João Carlos de Gouvêa Faria e o Commissario D. José de Tavora Noronha Almada e Vasconcellos Freire de Andrade dirigiram superiormente o serviço dos paíces, onde talvez se careça mais do sangue-frio do que em parte alguma, para não haver atrapalhação e risco de incendio, trabalhando com polvora e balas ôcas.

O 2º Cirurgião Dr. Manoel Joaquim de Saraiva, incansavel no cumprimento de seus deveres, se pouco teve de fazer a bordo, em compensação trabalhou na noite seguinte ao combate e nos outros dias em diversos navios; é um moço distincto e que bem sabe comprehender que a nobre missão de medico a bordo não se reduz a uma visita á coberta *pró formula*.

O Alferes do deposito D. Faustino José da Silveira, o Tenente do Corpo Policial João Corrêa de Andrade e os Alferes do mesmo corpo Antonio Firmino da Costa e José Joaquim Rodrigues de Araujo portaram-se muito bem e dirigiram o fogo de mosquetaria com muita ordem.

O Alferes Costa é um official de muito sangue-frio e julgo-o capaz de se encarregar de qualquer commissão em que se necessite um official calmo e energico.

O 1º Engenheiro James Renfrew muito trabalhou e durante todo o dia não arredou o pé da machina que funcionou admiravelmente, graças á pericia e sangue-frio do dito engenheiro.

O 2º Engenheiro Pedro Xavier Ferreira, que estando bastante doente, apresentou-se na tolda, não se retirou, não obstante o doutor representar que elle não se achava em estado de deixar o alojamento.

O mestre do navio, Lauriano do Nascimento, mostrou bravura e sangue-frio, e assim tambem o guardião Manoel Joaquim, que se distinguio igualmente pelo valor com que trabalhou á ré com uma carabina, exposto ao fogo.

O Escrevente Manoel Cesar de Sá portou-se muito bem, trabalhando á ré com uma carabina. Tambem são dignos de elogios os chefes de peças e carregadores e entre esses o imperial marinho Manoel Joaquim dos Martyres que, estando doente, apresentou-se e trabalhou todo o dia como carregador e o imperial Antonio Garcindo, que igualmente se achava doente; seria injusto se não recommendasse a V. Ex. o Pratico deste navio, José Ricardo, que nunca deixou o passadiço junto a mim, dirigindo com admiravel presença de espirito a navegação do vapor. Finalmente, toda a minha guarnição tanto imperiaes como marinagem, portou-se sem nada deixar a desejar.

Deste vapor morreu: da Armada uma pessoa e foram feridas duas; do Exercito, feridas tres."

"Do Commandante do vapor "Jequitinhonha", Capitão-Tenente Joaquim José Pinto. — Os Srs. officiaes da Armada e mais classes, e bem assim os dos contingentes do 1º batalhão de infantaria do Exercito, marinheiros e soldados portaram-se em seus postos com muito valor e sangue-frio, sendo todos dignos de admiração, pois o fogo que soffremos foi vivissimo.

O Sr. Chefe Gomensoro foi contuso depois que encalhámos e retirou-se na tarde do dia 12 para bordo do vapor *Amazonas*, bem assim os doentes e feridos para o *Beberibe*.

Desta canhoneira morreram: da Armada, 8 pessoas, entre estas o Guarda-Marinha Francisco Augusto de Lima Barros e foram feridas 15; do Exercito, morreram 10 e foram feridas 10, sendo uma dellas o Alferes Sebastião Raymundo Ewerton."

"Do Commandante da canhoneira "*Mearim*", 1º Tenente *Elizario José Barbosa*. — Já tive occasião de enviar a V. Ex. a relação dos mortos e feridos em acção; entre os primeiros conta-se o intelligente Guarda-Marinha Antonio Augusto de Araujo Torreão.

Os officiaes e mais praças da guarnição desta canhoneira e o contingente do Corpo Policial cumpriram bem o seu dever.

O 1º Tenente Augusto Cesar Pires de Miranda, meu immediato, não tinha lugar a bordo, em toda a parte eu o via prevenindo e dispondo as cousas para a boa marcha da acção, e nos momentos, em que a peleja se tornou mais renhida, mais calma e sangue-frio apresentou.

O 1º Tenente Arnaldo Leopoldo de Murinelli, Commandante da bateria, foi incansavel no cumprimento de seu dever.

O 2º Tenente Felinto Perry, Commandante da 2ª bateria, é um official distincto por sua coragem e ardor no combate.

O aspirante Joaquim Candido do Nascimento esteve durante a acção ás minhas ordens, sempre a meu lado e muitas vezes seguiu a mosquetaria com uma clavina em punho.

O Commissario José Antonio de Souza Guimarães e o Escrivão João Evangelista de Menezes, no difficil e importante posto de distribuir munições, prestaram valiosissimos serviços, de sorte que nunca se deu falta daquelles artigos.

O Capitão do Corpo Policial Antonio José da Cunha e o Alferes Firmino José de Almeida e João Carlos de Mello e Souza tornaram-se dignos de menção pela actividade e boa direcção que deram ao contingente daquelle Corpo.

O Pratico Santiago Pedemonte nunca abandonou a roda do leme e governou o navio até o fim do combate.

Seria injusto se deixasse de recommendar a V. Ex. o Sargento do batalhão naval Augusto Pires Ferreira; esta praça esteve

acima de todo o elogio. Não devo esquecer o carpinteiro José Ma-
laquias de Souza que mais de uma vez teve de sahir ao costado
para tapar os rombos. A machina funcionou sempre bem.

Desta canhoneira morreram da Armada e do Exercito dous
homens, feridos sete e extraviado o Alferes de Policia Pacheco
de Miranda, cujo cadaver foi encontrado dias depois."

*"Do Commandante da canhoneira "Iguatemy", 1º Tenente
Justino José de Macedo Coimbra.*— Pouco depois de chegar a este
ponto, sendo 3 horas da tarde, fui ferido gravemente por um tiro
de metralha na junta do pé direito, estando a meu lado no pas-
sadiço o Major do Corpo Policial Antonio Luiz Bandeira de
Gouvêa, ao qual felizmente passou de leve uma bala sobre o
ombro, rasgando apenas a farda sem a menor contusão.

Chamei incontinenti o immediato do navio e entreguei-lhe
a direcção do fogo, recommendando-lhe que não desamparasse o
Jequitinhonha e continuasse a sustental-o com o mesmo enthusias-
mo na minha guarnição.

Fui logo conduzido para baixo, afim de receber os soccorros
medicos e reconheci então que estava inutilizado.

O meu Immediato, o 1º Tenente Joaquim Xavier de Oli-
veira Pimentel, que, cheio do seu costumado enthusiasmo, foi oc-
cupar o meu lugar, foi morto 5 minutos depois por uma bala
de artilharia que lhe levou a cabeça.

Continuou a sustentar o fogo com igual ardor o 1º Tenente
José Gomes dos Santos, cumprindo á risca todas as ordens que eu
debaixo lhe mandava, até que ás 6 horas da tarde calaram-se as
baterias de terra e terminou todo o fogo.

O meu navio soffreu mais no casco e apparelho do que no
seu pessoal, pois além do meu ferimento e da morte do Immediato,
apenas ficaram feridos os soldados do Corpo Policial Francisco
Bernardino de Paula, levemente; Bernardino Francisco Tei-
xeira e Manoel Pinto Lopes Rangel, gravemente, e o imperial
marinheiro de 3ª classe Pedro Alexandre, levemente.

Desta canhoneira morreu um official da Armada e ficaram
feridas cinco pessoas."

*"Do Commandante do vapor "Beberibe," Capitão-Te-
nente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna.* — Terminarei assegu-
rando a V. Ex. que a guarnição portou-se com valor, e que os

officiaes combatentes e das classes annexas sempre se conservaram nos seus postos, desempenhando com bizzarria os deveres a seu cargo, cumprindo-me especialmente assignalar o 1º Tenente João Gonçalves Duarte, que exerce as funcções de immediato, pela sua actividade e sangue-frio. O Capellão do vapor *Amazonas* Padre Francisco do Carmo Gomes Diniz, que esteve durante o combate a bordo deste navio, por ter vindo soccorrer um moribundo, pouco antes de apparecer o inimigo, desempenhou sua sagrada missão com todo o zelo, caridade, e sangue-frio.

As praças do corpo de guarnição do Espirito Santo, que estão destacadas neste vapor, tambem merecem ser louvadas por terem seguido o exemplo do seu bravo Commandante, o veterano Major João Baptista de Souza Braga, que esteve em seu posto de honra todo o tempo que durou o combate.

Deste vapor morreram: da Armada seis pessoas e foram feridas 11 e do Exercito uma e feridas quatro.”

“Do Commandante da canhoneira “*Araguary*” 1º Tenente Antonio Luiz von Hoonholtz. — Antes de concluir, peço permissão a V. Ex. para felicital-o pela intrepidez e sangue-frio com que se portaram os officiaes, tanto da Armada como do Exercito, pertencentes a esta canhoneira, bem como toda a sua guarnição.

Acompanha a esta parte a bandeira e flamula da Republica do Paraguay, que indevidamente se ostentavam no vapor *Marquez de Olinda*, que tomámos ao inimigo na occasião de fazermos os prisioneiros, as quaes deponho nas mãos de V. Ex. por lhe pertencerem de direito.

Desta canhoneira morreram: da Armada, uma pessoa e foram feridas quatro, e do Exercito uma.”

O Governo Brasileiro tendo comprado por essa occasião um vapor para servir de transporte de guerra deu-lhe o nome de *Marcilio Dias*, em homenagem ao denodado marinheiro que tão notavel se tornou neste combate, quanto antes se distinguira na tomada de Paysandú.

Saudando no dia de hoje a Marinha Brasileira, nesta homenagem em que se commemora a grande batalha naval do Riachuelo, o fazemos com a effusão do nosso patriotismo, repetindo com o velho marinheiro que cobrio de glorias o Pavilhão nacional: — *Não fizemos tudo, mas fizemos o que pudemos.*

1905.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

Estas linhas despretenciosas são escriptas com a consciencia de quem procura, nos limites de sua intelligencia, prestar uma pequena mas affectuosa homenagem á memoria do grande mestre de hontem, aquelle que, por seu feitos, seu talento, sua audacia, coragem, valor e patriotismo, foi o apostolo da redempção de sua raça, da reivindicação dos direitos de seus irmãos, igualando na lei a humanidade brasileira.

Quando em todo o Brasil é seu nome abençoado, quando os grandes mestres do jornalismo em brilhantes artigos engrandece-ram o valor da sua mentalidade de escol, lhe descreveram a estatura varonil de batalhador sem igual na rude campanha da libertação dos captivos, deve ser tambem permittido a um soldado, que sob as suas ordens combateu encorajado pelo seu civismo e fortalecido pela fé naquelle ideal, consignar aqui alguns traços da vida desse heroe cujo nome fulgurará eternamente nos fastos da historia da nossa nacionalidade.

E' preciso ensinar ás gerações futuras que os benemeritos da patria só caem no tumulo para resurgir erectos na praça publica, perpetuados no bronze pelo cinzel do artista, envolvendo-lhe a imagem o azul matizado de estrellas e tendo aos pés as vivas homenagens de uma raça agradecida.

.....
José Carlos do Patrocínio nasceu na cidade de Campos, a 8 de Outubro de 1854, na residencia de seu pai o vigario João Carlos Monteiro, na praça da Matriz, em um quarto proximo á sala de jantar, casa onde hoje funcçionam a Administração dos Correios e o Telegrapho.

Seu progenitor já tinha então um filho de côr branca, de nome Cezario Monteiro que havia ido estudar a Coimbra.

A sua infancia passou-se, ora naquella casa, ora na fazenda da Lagôa de Cima, tambem de propriedade de seu pai.

Recebeu a instrucção primaria nos collegios de Campos.

Um sacerdote das relações do Vigario Monteiro augurava que a docilidade do pai de José do Patrocinio, os carinhos que lhe dispensava não conseguiriam fazel-o passar de um simples *grumete*.

Voltando de um passeio a cavallo em companhia do amigo que mais tarde devia ser o grande abolicionista Carlos de Lacerda, chegara um dia Patrocinio á casa, chamando por um preto velho para que viesse abrir. A demora deste impacientou o menino, que, enfurecendo-se, desferio com o cabo de prata do chicote pesada pancada na cabeça do pobre preto, produzindo-lhe ligeiro ferimento. A' noite, regressou de sua fazenda da Lagôa de Cima, o velho vigario, e teve conhecimento do acto commettido pelo filho.

Este que já dormia, foi despertado por seu pai, o qual, fazendo-lhe uma reprehensão pelo máo procedimento que tivera, deu-lhe os mais salutaes conselhos em uma pratica longa e severa com relação apenas á irritabilidade de seu genio.

As palavras do Vigario Monteiro calaram profundamente no coração de Patrocinio e tal impressão produziram no seu espirito e na sua consciencia, que, disse elle annos depois, pareceu-lhe que todo o seu ser se transformara repentinamente, que a razão lhe abrija novos horizontes, illuminados pela suavidade de uma luz que era como a precursora do perdão e do arrependimento pela maldade praticada.

Data dessa época o seu sincero devotamento por essa raça infeliz a que pertencia e de cuja emancipação se tornou o mais fervoroso e o mais decidido propagandista.

Ainda vivendo na companhia de seu pai, Patrocinio protegia as fugas de escravos da cidade de Campos e, o que é mais, da propria fazenda da Lagôa de Cima, fornecendo-lhes os parcos recursos de sua acanhada bolsa.

Um dia seu pai mandara castigar um escravo. Patrocinio interveio em seu favor, mas o Vigario ponderou-lhe que a falta commettida era indesculpavel e que o escravo devia ser forçosamente punido.

Executava o feitor o castigo na presença do Vigario Monteiro, quando Patrocinio assomou no patamar da escada de pedra que

confinava com o terreiro. Dahi, clamava pela suppressão do castigo, praguejava, tornando-se ora enraivecido, ora procurando na humildade da palavra que o feitor se apiedasse da victima.

Vendo afinal que eram improficuos os seus esforços, vãos os seus rogos, inuteis as lagrimas que lhe marejavam os olhos, jogou-se pela escada abaixo, vindo bater com a fronte sobre a lage de um dos degrãos.

O feitor cessou o castigo e foi em socorro do joven filho de seu patrão, levando-o ferido pela quéda, junto áquelle.

O Vigario João Carlos principiou a encontrar em seu filho grande rebeldia contra os castigos que mandava applicar nos seus escravos, de maneira que já o tinha na conta de um perturbador dos seus despoticos rigores, de um agitador perigoso, que se tornava necessario arredar para ponto mais afastado daquelle meio em que dominava o interesse ganancioso de um senhor de engenho.

Pouco tempo depois com a impetuosa violencia de seu genio, Patrocínio teve que repellir physicamente um insulto que fôra atirado á sua mãe Justina do Espirito Santo, por uma das amantes de seu pai.

Abandonou, pois, sem nenhum recurso a casa paterna e veio para esta Capital, no firme proposito de obter uma collocação que lhe pudesse facilitar os meios para seguir a carreira medica.

A sua autobiographia, na parte que mais interessava pela lealdade e franqueza do seu coração, escreveu-a elle, ha annos na seguinte suggestiva e succinta confissão:

“Perguntam-me como vivo e de que vivo e têm razão. Quem sabe que eu sou filho de uma pobre preta quitandeira de Campos, deve admirar-se de me ver hoje proprietario de um jornal e de que eu pudesse fazer uma viagem á Europa.

Vamos a explicações:

Comecei a minha vida como quasi servente, aprendiz extranumerario da Santa Casa de Misericordia, em 1868.

Tinha então 13 para 14 annos. O director do hospital de Misericordia, Dr. Christovam dos Santos, hoje morto, empregou-me por me achar original. Não lhe levei empenho.

Do meu procedimento ahi póde dar noticias o illustrado professor da Faculdade de Medicina, Dr. Souza Lima, então vice-director.

Sahi do hospital da Misericordia, quando a pharmacia passou ás mãos das irmãs de caridade.

Nesta occasião, eu teria ficado sem casa e sem pão, se nesse momento não interviesse a protecção do Sr. Conselheiro Albino de Alvarenga, hoje vice-director da Faculdade de Medicina, a quem beijo as mãos publicamente.

Tendo me conhecido em Campos, secundando a estima que sua virtuosissima mãe me dedicava, o meu bom protector, a quem nunca tive sequer occasião de dizer publicamente obrigado, empregou-me na casa de saude do Sr. Dr. Baptista dos Santos, hoje Visconde de Ibituruna.

Este novo protector cobrio-me das maiores finezas, fortaleceu-me com o seu exemplo de independencia.

Elle poderá attestar ou desmentir o que digo. Fui sempre trabalhador, mas sempre altivo.

Desde 1868 comecei a estudar.

Ganhava em 1868 a quantia de 2\$ por mez de *ganchos*, como chamavamos em nossa gyria, isto é, de plantões que eu fazia aos domingos pelos meus companheiros.

Tinha tambem 16\$ de mezada, que me era mandada pelo Vigario de Campos, que não me perfilhou, mas que era meu pai.

Quando sahi da Misericordia, perdi a mezada. Toda esta parte da minha vida é bem conhecida do Conselheiro Albino de Alvarenga.

Mas, disse que comecei a estudar. Com que recursos? Com os da bondade extrema do meu exemplar mestre e amigo o Dr. João Pedro de Aquino, que de graça franqueou-me o seu externato, onde estudei não só os preparatorios para pharmacia, mas os exigidos para o curso medico.

O desapego evangelico do meu mestre formou o meu caracter. Se fui bom ou máo estudante, sabe-o elle; se fui alguma vez apontado como um rapaz desmoralizado, elle o poderá attestar.

Deixando a Casa de Saude, altivamente, quando o Sr. Visconde de Ibituruna, meu honrado amigo, não o queria, fui morar para uma republica de estudantes, onde tinha amigos e não pagava cousa alguma. Desta republica faziam parte o Sr. Dr. Martins Costa e o official de Marinha Campos da Paz, meus amigos, que podem desmentir-me.

Entrando para a Faculdade de Medicina, como alumno de pharmacia, recebi da Sociedade Beneficente um auxilio pecuniario de 20\$. Por outro lado eu tinha alguns alumnos de primeiras lettras e sobretudo recebia casa e comida de graça do meu collega Sebastião Catão Callado.

Assim vivi durante tres annos até que, em 1874, conclui o curso de pharmacia.

Catão Callado retirou-se para Santa Catharina, eu fiquei só nesta Côrte, com uma carta de pharmacia, que só podia ser alugada por 30\$ ou 40\$ visto como não tinha dinheiro para estabelecer-me.

Resolvi morrer de fome; não alugaria o titulo que me custou tanto sacrificio e que representava as unicas alegrias até então experimentadas. A minha carta de pharmacia tinha tres distincções dadas por Moraes e Valle, Domingos Freire, Ezequiel Corrêa dos Santos, Pizarro, Peçanha, Souza Lima e Martins Teixeira.

Foi nesta difficilima conjunctura que me appareceu o meu condiscipulo do externato Aquino, João Rodrigues Pacheco Villanova, e me convidou para passar um dia em sua casa.

Fui e aqui começa a segunda parte da minha vida.

A' noite quiz retirar-me. A familia de João Villanova insistio para que eu ficasse; fiquei, e vi sorprendido que o quarto que me deram para dormir, estava mobiliado com o que me pertencia.

João Villanova, de accôrdo com sua santa mãe, hoje minha tambem, e com o seu padastro, o meu bom amigo e sogro Capitão Emiliano Rosa de Senna, haviam feito a mudança do que era meu para o seu domicilio e pediram-me como um favor que eu ficasse residindo alli.

Para mascarar a esmola que me faziam, convidaram-me para ser professor dos seus filhos.

Desta relação nasceu a estima entre mim e minha mulher, filha dos dois honrados velhos.

Em 1877 entrei para um jornal (*Gazeta de Noticias*).

Em 1881 deixei este jornal.

Eu já era casado, e meu sogro, o Capitão Emiliano Rosa de Senna, proprietario de predios e terrenos na praia Formosa, poz á minha disposição a quantia de 15:000\$000 para comprar a

Gazeta da Tarde, que acabava de perder um dos seus proprietários, Ferreira de Menezes.

Devo confessar que encontrei a empresa no maior gráo de depressão financeira. A tiragem real era de 1.900 exemplares.

Deportado para Cucuhy por questões politicas, é geralmente sabida a dedicação, os zelos e os cuidados que dispensou aos seus companheiros de desterro.

Patrocínio tinha, pelo seu temperamento, pela alta generosidade de seu coração, a fraqueza de se deixar suggestionar facilmente quando em seu espirito pairava a suspeita de que lhe tentavam marear o brilho do ideal politico e então ninguem como elle sabia atacar de frente, arrogante e terrivel, o adversario. Ninguem possuia como elle a facilidade na argumentação, a violencia da linguagem que ridiculariza, que acabrunha e que desorienta o inimigo, debaixo de sem numero de imagens e comparações que muitas vezes definem por completo uma individualidade.

Quando reconhecia que o contendor, o inimigo de hontem se tornava um vencido e que arrependido se collocava a seu lado na defesa das causas pelas quaes pugnava, não havia amigo mais dedicado, mais leal, mais generoso e mais nobre.

Não tinha odios, não tinha rancôres, a vingança era uma palavra phantasiosa e um sentimento que no seu coração jámais conseguiu penetrar...

Rompendo a revolta de 6 de Setembro de 1893, foi suspensa por ordem superior a publicação da *Cidade do Rio*, de que era redactor-chefe, a 14 de Outubro desse anno, por ter dado publicidade ao manifesto do chefe da esquadra revoltosa.

Patrocínio, vendo-se ameaçado na sua liberdade, procurou um refugio das perseguições e violencias de seus desaffectedos politicos, pelo que abandonou completamente o jornal e durante a revolta soube habilmente occultar-se.

Depois de pesquisas impertinentes, de devassas continuadas, precedidas de espionagem constante, posta em pratica contra sua familia, parentes e amigos, calou no espirito irrequieto dos seus contrarios, que elle se refugiára em S. João de Sabará, no Estado de Minas Geraes. Assim era geral a convicção daquelles, quando muitos mezes depois appareceu o boato de que o grande jornalista

fôra encontrado em Guaratiba com um grupo de marinheiros, sendo preso e em seguida fuzilado.

Ouvi de muitos a affirmação de que haviam visto sua cabeça separada do tronco, tendo sido o corpo enterrado na praia da Pedra naquella localidade.

Não me prendiam ao grande brasileiro senão os laços de uma longa amizade, alliada á grande veneração pelo seu talento, pela bondade de seu coração magnanimo e pelo ardor com que sabia defender os seus idéaes e as suas convicções politicas.

Prestava eu serviços militares ao governo de Floriano Peixoto, quando tive tão penosa e amargurada noticia, que tanto e tanto me pungio e acabrunhou.

Patrocínio porém vivia; vivia, porque chegavam até Deus as preces ungidas de sinceridade e de gratidão dessa raça de que foi elle o Redemptor; vivia, porque tinha ainda com o vigor da sua penna, da sua palavra eloquente, de restabelecer a paz no seio da communhão brasileira...

Durante todo o periodo daquelle agitadissimo e luctuoso tempo, conservou-se elle em um quarto de portas envidraçadas, do predio n. 17 da rua Paraná em S. Christovão, onde residiam sua sogra e cunhados.

Quem entrar nesse quarto pela sala de visita do lado direito, proximo da janella encontrará ainda um alçapão onde elle se recolhia, quando qualquer pessoa apparecia, a não ser sua esposa, sua sogra, seu filho José e o Sr. Horacio Luiz da França e Silva, que chistosamente appellidou de Sabará, esse refugio que ha muito industriosamente propalou que seu amigo particular effectivamente se achava naquella localidade em Minas.

Nesse quarto foi sua esposa sujeita a uma séria intervenção cirurgica, conservando-se Patrocínio occulto no alçapão.

Quantas horas de desalentos, quantas angustias, quantas anxiedades não soffreu aquelle grande espirito nesse forçado recolhimento!

Buscas foram por vezes dadas no quarto pela policia e por *patriotas*... mas tudo felizmente em vão.

Um dia, porém, tão precipitada foi a busca, que Patrocínio não teve tempo de descer para o seu esconderijo. mettendo-se

então rapidamente dentro de uma das duas grandes malas que estavam no quarto.

Invadido este por uns quatro individuos e o Tenente L..., limitou-se este official a abrir a tampa da mala que estava mais afastada, e, não encontrando senão roupas, retirou-se, com significativos signaes de aborrecimento. A mala em que estava Patrocínio não fôra attingida pela argucia dos agentes do poder.

Ha muito que uma enfermidade impertinente ia pouco a pouco abalando a organização do illustre jornalista, enfermidade que mais se aggravava com as luctas de uma existencia inopinadamente abandonada do conforto, da tranquillidade e do socego de espirito de que tanto carecia.

Na vida intima era Patrocínio carinhoso, alegre, bondoso com todos e especialmente meigo para as creanças a quem prodigalizava uma fanatica adoração.

Não podia ver um desses rebentos, alma de nossa alma, qualquer que fosse a condição e a côr que não lhe dispensasse blandicias, que não lhe fornecesse doces, ou meios para obtel-os.

Era engraçado vel-o expansivo, radiante de alegria, seguindo vagarosamente a cavallo e cercado de grande numero de creanças, desde a estação até casa e vice-versa.

Mantinha Patrocínio na sala de jantar de sua habitação uma modesta escola de instrucção primaria onde elle e sua esposa leccionavam gratuitamente cerca de 40 creanças pobres. A aula não funcionava ás quintas-feiras e aos domingos.

A' noite, nos ultimos tempos da molestia, entretinha-se a jogar a bisca ou o *rams* com seu filho e seus amigos, e isto o fazia sempre deitado.

Tinha singular pavor da variola, e pouco antes de morrer fallava em mudar-se porque appareceu um caso dessa enfermidade nas immediações de sua residencia.

Quando se referia ao seu aerostato, fazia-o com a plena sciencia e convicção de que seria mais um triumpho a juntar aos muitos que já havia conquistado.

O symptoma mais frisante de sua enfermidade, teve-o elle no Theatro Lyrico, por occasião das festas em homenagem a Santos Dumont.

Depois de pronunciar expressiva e brilhante saudação ao grande aeronauta brasileiro, foi acommettido de hemophyses. Poucos dias depois a molestia avançou vertiginosamente até o seu final desenlace.

Durante toda a ultima semana de Janeiro, Patrocínio vinha diariamente á cidade. Morando distante da Estação das Officinas do Engenho de Dentro, fazia sempre o trajecto a cavallo.

Na sexta-feira, 28, viera para a cidade pela manhã, e, como á tarde chovesse, foi passar a noite na residencia de seu concunhado o Capitão Frederico de Albuquerque, na rua de S. Luiz Gonzaga, em S. Christovão.

No sabbado, ás 7 1/2 da manhã, escreveu o seu penultimo artigo: *Ave Russia!* que foi publicado em "O Paiz" e por elle mesmo entregue á redacção.

A's 7 horas da noite daquelle dia, apesar de insistentes pedidos de seus parentes e da chuva que ainda cahia, Patrocínio regressou á sua residencia á rua Dr. Bulhões, fazendo o trajecto a cavallo da Estação da Estrada de Ferro a casa.

Dias antes, haviam subtrahido de sua casa uma creança de 4 annos, de nome Maina, que alli fôra depositada pelo pai.

A chuva cahia torrencialmente das 9 para 10 horas da noite, quando chegou seu filho José, a cavallo, envolvendo em um longo ponche a pequenina creança cujo paradeiro lograra descobrir.

Patrocínio tomado de satisfação e radiante de jubilo, apossou-se da creança e começou a brincar de gatinhas, numa expansibilidade quasi infantil.

Narrando seu filho os meios que empregara para descobrir Maina e as peripecias por que passara para trazel-a de novo, começou a recitar versos do *D. João*, de Guerra Junqueiro, chasqueando da aventura do filho.

Havia um casamento na vizinhança de sua casa. Sua esposa fôra comprimentar os noivos. Patrocínio jogou a bisca com um amigo, cantou trechos da *Juþyra* e deitou-se, continuando a troça com seu filho José, o *Zéca*, como elle o chamava.

Pouco depois eram ouvidos vivas a *José do Patrocínio* na casa dos noivos.

Deitado, ainda começou a declamar um discurso de agradecimento á saudação que lhe fôra feita nos termos popularissimos da

já tradicional e antiquíssima chapa: "Faltaria ao mais sagrado dos deveres se deixasse de erguer a minha debil voz, etc..." e nesse estylo picaresco continuou até que adormeceu.

No domingo acordou cedo, bem disposto, dizendo-se satisfeito por ter muito trabalho a fazer.

Depois do almoço conversou animadamente com as pessoas de sua familia e dormio a sexta.

A's 3 horas da tarde, acordando pedio á sua esposa e filho que lhe dessem um assumpto para a chronica que sahia habitualmente na *Noticia* com o titulo *Semana humoristica* e assignatura de Justino Monteiro. Lembrados alguns, rio-se e, com espirituosas referencias, rejeitou-os.

Afinal, dirigio-se para o seu gabinete de trabalho, que era na sala de visitas, tendo antes declarado que os assumptos que ia tratar seriam a proposito da morte do grande desenhista Bordallo, da criação da Sociedade Protectora dos Animaes, pretendendo terminar com a aggressão armada de que foi victima o Bispo do Rio Grande do Sul.

Quando já escrevia a chronica, sua esposa chamou-o para jantar. Patrocínio respondeu que fossem jantando sem elle.

Emquanto escrevia, fumava, ia escarrando e deitando sangue sem perceber, em uma escarradeira que se achava a seu lado.

Ao chegar á quinta tira do seu trabalho, percebendo então que deitava sangue, abandonou a mesa e dirigio-se apressado para seu quarto na sala de jantar.

Sua esposa observando que elle tossia muito, perguntou-lhe se estava indisposto e se vomitara o almoço.

Patrocínio, com os olhos cheios de um brilho penetrante, e um tanto asphyxiado, apenas respondeu: "Sangue!..." e uma abundantissima golfada jorrou-lhe da bocca, manchando o toucador, parte da cama e soalho.

Colocado na cama, buscara com o olhar a esposa e o filho, e cinco minutos depois sua alma immortal subia ao Creador, deixando a vida terrena para reviver na posteridade, grande, nobre e altivo, coberto das benções dos seus patricios e da gratidão de sua patria.

Eis o *fac-simile* da quinta tira da chronica que elle escrevia quando foi interrompido pela morte:

Falla se ~~na~~ organização defensiva
 Tira se um Sociedade Protectora dos
 Animais

Eu tenho pelo animal um respeito
 egypcio. Bemso que elles tem alma, a
 de que redimentos e que elles ~~soffrem~~
 consciencia esta mente ~~se~~ revoltas contra
 a injusticia humana.

Ja vi um beuro suspirar, com um
 justo, depois de brutalmente rebordou-
 do por um carboeiro, que attestava
 a curvoa sem carga para vir que-
 rida e queria que o sucoo am-
 mal ~~se~~ a omancaise de um ate-
 leir

Poeta, Patrocínio deixou nas columnas de varios jornaes, trabalhos de algum valor. São delle estas duas quadras de uma poesia cujo assumpto representava uma scena da escravidão:

E levantam-se mudos, taciturnos,
 Os martyres sombrios da avarêza,
 Quando ainda no hastil dorme a bonina
 E o passarinho dorme na deveza.

E vão postar-se em quietação de estatuas,
 Ante o feitor, submissos, alinhados...
 Os cães podem latir ante seu dono,
 Mas elles devem 'star sempre callados.

Como romancista, publicou a novella historica *Motta Coqueiro* ou a Pena de Morte; os *Retirantes*, factos luctuosos da secca do Ceará, colhidos por elle proprio na visita que fez áquelle Estado; *Pedro Hespanhol*, romance historico; traduzio a comedia em 3 actos de Maurice Ordenneaux—*As Meninas Godin*, que foi representada com exito no Theatro Recreio Dramatico em 1895. Deixou iniciados diversos romances e entre estes um de costumes brasileiros, sob o titulo de *Denden* e a traducção d'*A guerra e a Paz*, de Tolstoi.

.....

Ganhara fortunas! diziam; fôra prodigo, commentavam!

E' que os ingratos, os invejosos, os nullos, os ignorantes, os indifferentes e os expertos não pódem admittir que um homem de talento e de sentimentos altruisticos, morra como José do Patrocinio, tendo apenas os 12\$000 que lhe foram encontrados no bolso da calça!

1905.

*

* *

— Meu querido Ernesto Senna.—Venho de ler as provas do teu brilhante artigo sobre meu Pai. Brilhante e sobretudo verdadeiro, é o trabalho que modestamente apresentas.

Tenho os olhos razos d'agua ao traçar estas linhas e sinto profundamente n'alma a impressão que me deixaram os teus periodos. Ha n'elles tanto detalhe, tal exactidão na narrativa, que me parecia ouvir uma vez ainda "o Velho" a contar-me como subio, através de todas as escarpas da existencia o luminoso Calvario da sua obra e do seu nome.

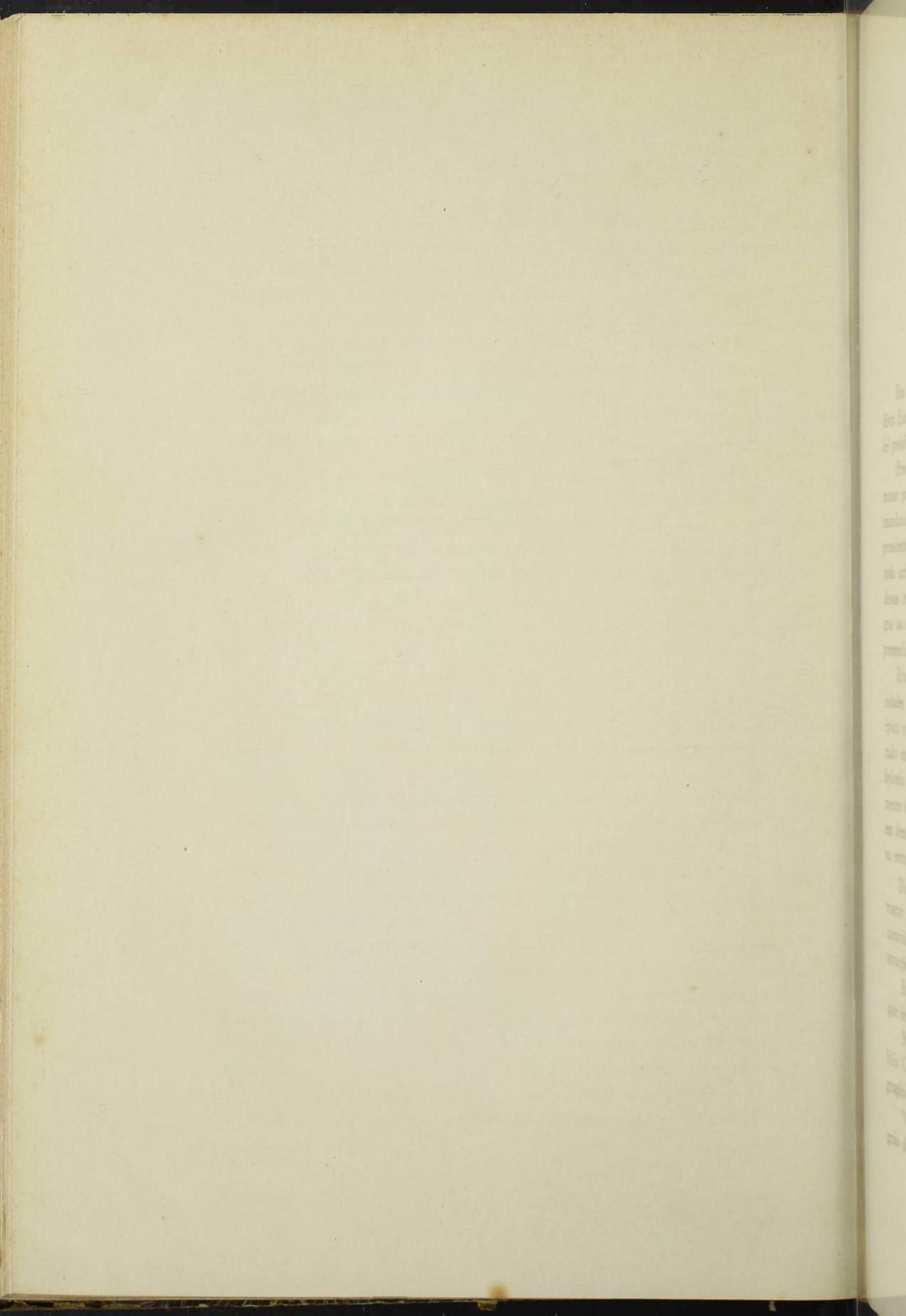
Eu te sabia um dos intimos do meu pai, mas não que lhe conhecesses a vida tão minuciosamente. Dir-se-hia que foi elle quem te dictou os episodios que narraste e é tão verdadeiro, tão admiravelmente exacto o que escreveste, que não trepido em confessar que julgo o teu artigo a melhor das biographias de meu Pai.

Vieste avivar n'essas linhas a imperecivel saudade que elle me deixou. Chorei. Mas agradeço-te, porque tambem revivi um

d'aquelles inesqueciveis momentos de intimidade, em que elle me ensinava como se chega a ser um homem. Revi-o, bondoso e sincero, na sua infancia, na sua adolescencia atribulada, na sua mocidade triumphal e finalmente no seu occaso tão cheio de maguas e de padecimentos.

Guardarei o teu livro com um carinho igual, ao que teria se me viesse d'elle. E certo estou de que a sua leitura me reconfortará e me será incentivo nas minhas horas de desfallecimento. Obrigado.

Muito e muito teu—*José do Patrocinio* (filho)—Rio, 20 de Julho de 1909.



O TELEGRAPHO NO BRASIL

Em fins de 1848 era Ministro da Justiça o inolvidavel estadista Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso e Camara, autor da lei prohibitiva do trafego de escravos africanos.

Preoccupado seriamente com as medidas que tomava e devia tomar para a repressão desse contrabando de carne humana, já mandando vigiar as costas do Rio de Janeiro, já ordenando aos presidentes de provincias toda a vigilancia, toda a fiscalização e toda actividade no intuito de evitar o desembarque ás occultas dessas levas de escravos nas provincias que administravam, chegou ao seu conhecimento que um navio carregado de Africanos pretendia despejal-os na praia de Mangaratiba.

Era seu desejo transmittir ordens rapidamente ás autoridades locaes para evitar que isso acontecesse; mas naquella época apenas existia o telegrapho semaphorico (janellinhas) montado em Ponta Negra, Cabo Frio, Itaipú, nos morros da Babylonia e do Castello e na fortaleza de Villegaignon, unicamente destinado á transmissão de noticias dos navios que vinham em demanda da barra, ou della partiam para o norte, para o sul ou entravam no porto.

Diante desta difficuldade teve Euzebio de Queiroz de contractar por elevado preço um vapor inglez, afim de levar ás autoridades de Mangaratiba officios reservados, contendo instrucções no sentido de impedir aquelle desembarque.

Esta contrariedade actuou fortemente no animo do estadista que desde logo cogitou na creação do serviço telegraphico electrico.

No relatorio que em Março de 1850 apresentou á Assembléa Geral Legislativa, assim se exprimio ácerca do serviço telegraphico semaphorico:

“Os telegraphos que nestes ultimos tempos têm chegado a um gráo de perfeição que nossos antepassados nem nos mais brilhan-

tes sonhos de imaginação poderiam suppor que com a rapidez da electricidade se communicassem os pensamentos e as noticias, através das maiores distancias, estão entre nós com seculos de atrazo.

Até na Capital do Imperio o seu serviço se reduz a communicar o telegrapho da Babylonia, proximo ao Pão de Assucar, que navios se avistam ao sul e ao norte da barra e o de Santa Cruz que pouco póde addicionar porque, por uma posição, só póde fallar aos navios sobre vela e não muito proximo.

O telegrapho de Villegaignon que, recebendo da visita as noticias circumstanciadas, as podia transmittir ao do Castello, foi supprimido em 3 de Novembro de 1847; e este se via na triste necessidade de receber da visita no momento de desembarcar, as noticias maritimas para então communicar-as.

No intuito de fazer cessar este escandalo trata o governo de restabelecer o telegrapho de Villegaignon e então as participações do Castello serão obtidas por communicações telegraphicas. E para que, em vez de retrogradar, como acontecia a este estabelecimento, vá, pelo contrario, apresentando progressivos melhoramentos, passou a sua direcção a ser confiada ao Capitão do Estado-Maior Quintiliano de Mello Souza Menezes que procura com zelo e actividade melhora-lo.

Entretanto força é confessar que com empregados tão mal pagos como os do telegrapho, cuja diaria regula entre 500 a 800 réis, não é possivel fazer muita cousa.

Além dos telegraphos da Babylonia e Santa Cruz, que communicam as noticias maritimas ao central do Castello, que os transmite á Quinta Imperial, ha uma linha até á fazenda de Santa Cruz, a 11 leguas da cidade, que se compõe dos de Cascadura, Monte Alegre, Viegas, Santa Clara e Fazenda. Esta linha tinha os empregados necessarios para o serviço, entretanto, quantos annos se têm passado sem que Suas Majestades Imperiaes, tenham alli residido! — assim mandou-se reduzir o numero dos empregados, ficando cada telegrapho com um guarda para não os deixar arruinar.

Graças a esta reduccão na linha de Santa Cruz com a qual se economizou a quantia de 2:066\$080 e a outras que a pouco se foram fazendo, a despeza com os telegraphos que mensalmente

importava em mais de 600\$000, está reduzida a pouco mais de 400\$000, havendo mensalmente uma diminuição de 241\$640.

Não tem, porém, a economia embaraçada que alguns reparos se tenham feito nos telegraphos, achando-se actualmente todos em bom estado de conservação.

Nestes reparos tem-se despendido no anno de 1848 a quantia de 1:045\$403 e 559\$850 no de 1849 a 1850. No anno financeiro ultimo, apesar de ser diminuta a consignação dada na lei do orçamento (11:624\$), houve um saldo de 2:802\$741. E como no anno corrente, a calcular pelos despachos que se têm feito até o fim de Novembro, terá de haver um saldo de quatro ou cinco contos de réis, parece que alguns melhoramentos se pôdem ir tentando com cautelas que recommenda a prudencia.

Das provincias, poucas informações existem a respeito dos telegraphos; existem comtudo na Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão, e ainda em Santa Catharina, diversas fortalezas que se communicam por signaes telegraphicos.

Infelizmente é tal o atrazo neste ramo de serviço que a se fazerem grandes innovações pouco proveito delles se poderá colher."

Poucos dias depois daquelle facto, Euzebio de Queiroz mandou chamar o lente de physica da Escola de Medicina, Dr. Paula Candido, para uma conferencia.

Nella o illustre Ministro narrou a contrariedade que tivera por não poder com presteza communicar-se com as autoridades de Mangaratiba e declarou ao Dr. Paula Candido que estava resolvido a estabelecer o serviço telegraphico no Brasil, cujas experiencias já tinham sido feitas em Londres, Pariz, etc., com bons resultados.

Mostrou-lhe o Dr. Paula Candido as difficuldades que teria de encontrar nesta Capital, por falta de material apropriado para o estabelecimento de tal serviço, completamente desconhecido no Brasil e por falta de pessoal capaz de comprehendel-o em breve tempo.

Firme no seu proposito, Euzebio de Queiroz declarou que não olharia despezas e que para as experiencias daria tudo quanto fosse necessario e tudo quanto o Dr. Paula Candido exigisse.

Ficou pois assentado o estabelecimento de uma linha telegraphica entre a estação semaphorica do Castello e o Quartel de Barbonos.

Paula Candido para levar a effeito a construcção dessa linha teve de estender fios de cobre envolvidos em seda e embebidos em rezina, porquanto não havia no mercado nenhum petrecho destinado ás variadas applicações da electricidade, já em uso naquella época, sendo preciso que até os isoladores fossem preparados com fundos de garrafas.

Estava assente a linha, mas nova difficuldade surgia. Paula Candido não dispunha de apparatus de transmissão e recepção para realizar a experiencia.

Commandava o então Corpo de Permanentes, aquartelado em Barbonos, o Coronel Polydoro Quintanilha da Fonseca Jordão que tamdem se mostrava muito interessado na realização desse utilissimo empreendimento.

O Coronel Polydoro dirigio-se em pessoa á Escola Militar, hoje Polytechnica e entendeu-se com o lente de physica Dr. Guilherme Schuch de Capanema, perguntando-lhe se com effeito existiam alli apparatus proprios a transmittir pela electricidade recados a grandes distancias, estabelecer conversações, etc.

O Dr. Capanema mostrou-lhe alguns dos primitivos instrumentos destinados a esse fim e que serviam na Escola para dar aos alumnos ligeiras noções de electricidade applicada e bem assim dois apparatus do systema Breguet. Polydoro obteve-os por emprestimo, levando-os para o Quartel de Barbonos.

Dias depois voltou o Coronel novamente á Escola, entregando ao Dr. Capanema os apparatus e declarando que apesar da boa vontade do Dr. Paula Candido os resultados foram negativos, visto como não se podia ler facilmente o que se transmittia.

O Dr. Capanema examinou os apparatus e achando-os em perfeito estado, realizou uma experiencia na presença do Coronel Polydoro.

Para esse fim desenrolou um grande rolo de arame, estendeu-o por fóra do pateo do edificio circumdando os torreões, de maneira a estabelecer duas estações em duas salas. Explicou ao Coronel o modo de ler as palavras, pela parada da agulha sobre a letra no receptor e a maneira de mover o manipulador, assentan-

do-o entre os dentes das respectivas letras, dispostas no tamborete circular do aparelho transmissor.

Dada esta explicação, o Dr. Capanema começou a transmitir vagarosamente, palavra por palavra, ao aparelho em que estava o Coronel e dentro de poucos minutos os dous se correspondiam e entendiam perfeitamente.

De novo voltaram os aparelhos para Barbonos, onde se realizaram novas experiencias com resultados satisfatorios.

Logo depois dessa prova o Coronel Polydoro voltou á Escola Militar e dirigindo-se ao Dr. Capanema, depois de communicar o exito que havia obtido em Barbonos, disse-lhe que o Conselheiro Euzebio de Queiroz precisava fallar-lhe com urgencia, declarando mais que se elle Capanema não podia deixar a Escola, que o Conselheiro Euzebio de Queiroz viria pessoalmente conferenciar com elle.

Não tardou, porém, o Dr. Capanema em dirigir-se á residencia do Ministro. Ahi chegando, depois de ligeiros cumprimentos, Euzebio fallou-lhe mais ou menos com este laconismo: "O Doutor tem de fazer-me uma linha telegraphica."

— Mas, lembro a V. Ex., accudio o Dr. Capanema, que isso não é tão facil; faltam-me meios materiaes, difficeis de obter-se nesta Capital.

— Não quero saber nada; estou resolvido a conceder-lhe tudo que precisar, comtanto que faça uma realidade o estabelecimento do telegrapho no Rio. Desde já o nomeio encarregado da execução desse importante serviço. Amanhã sahe um navio para a Europa, mande-me uma nota de tudo que necessita, para fazer as encommendas.

Não se demorou o Dr. Capanema em obedecer á ordem, de maneira que o navio levou para Londres as encommendas do material.

Depois de cinco ou seis mezes chegou ao nosso porto um navio que trazia o material requisitado. Era domingo. O Ministro ordenou que a Alfandega estivesse aberta para descarregar os volumes e que se sua presença fosse exigida, lá compareceria.

Por motivos de força maior não pôde desembarcar todo o material, o que muito o contrariou.

O material encomendado era destinado ao assentamento da linha subterranea, visto como não se confiava na aerea, que, além de depender de mais tempo e offerecer difficuldades de estabelecimento, não favorecia o serviço de vigilancia, pois se temia os damnos que malfeitores, ociosos ou trefegos curiosos lhe pudessem causar.

Com esse material vieram cinco aparelhos receptores e transmissores do systema Breguet, conjuntamente com o de dupla corrente, construidos por Stohrer, de Leipzig.

Tratando desta encomenda, dizia o Ministro ainda no seu relatorio em Maio de 1852: "Dos aparelhos e fios que para o ensaio do telegrapho electrico se encomendaram por intermedio do Consul Brasileiro na Prussia já chegou a primeira remessa e a segunda é esperada todos os dias.

A primeira linha que deverá funcionar é subterranea e comunicará o Imperial Palacio de S. Christovão com o Quartel General, no Campo.

Está encarregado de dirigir o assentamento e trabalhos o Dr. Guilherme Schuch de Capanema e a maior parte do fio já se acha enterrada. Se esta experiencia for, como é de esperar, bem succedida, immediatamente se estabelecerá outra linha de telegrapho aereo, porque tambem para esse veio a necessaria porção de fio nú.

Emprezaes particulares já se vão propor a estabelecer linhas mais extensas e devemos portanto esperar que o Brasil em muito pouco tempo gozará dos beneficios dessa maravilhosa descoberta da civilização moderna.

Entretanto, continuam a funcionar os telegraphos antigos."

Com o concurso de presos da Casa de Correção, competentemente escoltados, começou o Dr. Capanema a construcção da linha subterranea na Quinta Imperial da Boa Vista, ligando esta ao Quartel General do Exercito.

Como lente que era da Escola Militar, o Dr. Capanema comparecia ao trabalho, fardado de Capitão de engenheiros e muitas vezes, quando o sol era mais ardente, despia a farda e ficava de bonet e banda á cinta, penetrando assim nas valas abertas para fazer o assentamento da linha e outros trabalhos que de modo

algun podiam ser executados por gente que em absoluto desconhecia esse novo ramo de serviço.

O primeiro dia de trabalho teve o Dr. Capanema de prover á propria alimentação, que só no dia seguinte lhe foi fornecida com abundancia pela Casa de Correção.

O trabalho durava de sol a sol, apenas com alguns minutos para descanso e refeições.

A linha subterranea foi assente desde os terrenos da Quinta da Boa Vista pelas ruas de S. Christovam, Aterrado, em recta, até o Campo de Sant'Anna, onde foi ligada ao Quartel General do Exercito.

Para auxiliar-o nesse afanoso trabalho escolheu os academicos da Escola José Joaquim de Oliveira, Ernesto Gomes Moreira Maia, hoje fallecidos, e Bento José Ribeiro Sobragy, que exerceram depois de formados importantes commissões do Governo, já na qualidade de lentes da Escola Polytechnica, já na de directores de estabelecimentos publicos.

Emquanto assentava a linha preparava o Dr. Capanema quatro telegraphistas e entre estes um sargento do Corpo de Permanentes, aos quaes ministrava todos os esclarecimentos necessarios á profissão.

Concluido que foi o trabalho, inaugurou-se o serviço em 11 de Maio de 1852 sem a menor solemnidade, trocando-se apenas alguns telegrammas entre o Imperador que estava na Quinta Imperial, o Ministro Euzebio de Queiroz e o Dr. Capanema que se achavam no Quartel-General.

Depois da inauguração o Dr. Capanema, dirigindo-se ao Ministro disse-lhe: "Dou os parabens a V. Ex. por ver realzado o seu desejo."

— Agradeço-lhe a boa vontade e os esforços que empregou para esse fim, mas... já não sou Ministro, respondeu-lhe Euzebio de Queiroz.

Effectivamente nesse dia, á noite, foi organizado outro Ministerio e nomeado Ministro da Justiça o Senador José Ildefonso de Souza Ramos, depois Visconde de Jaguaray.

Referindo-se a esta inauguração, que assignalava mais um elemento de progresso no Brasil, assim se exprimio o *Jornal do Commercio* de 15 de Maio de 1852.

"COMMUNICADOS" Telegrapho electrico.

No dia 11 do corrente trabalhou, pela primeira vez o telegrapho electrico, que põe o Quartel General em contacto com o Paço da Bôa Vista. A obra ainda não está completa. Não se pôde estabelecer consequentemente uma conversa regular, mas já houve comunicação entre as pessoas collocadas nas duas extremidades dos fios. Sua Majestade o Imperador assistio no seu palacio a estas primeiras experiencias.”

Apezar de tambem existir nessa época o *Diario do Rio de Janeiro*, nenhuma referencia nelle se encontra ácerca desse acontecimento de que o proprio *Jornal do Commercio* só se occupou nos termos acima, quatro dias depois.

Osapparelhos telegraphicos foram installados: um no torreão esquerdo do Palacio e outro no Quartel General.

Em 1853 chegaram da Europa outros apparelhos para a installação de estações, que communicassem com o Quartel General, Morro do Castello, Quartel de Permanentes e os Arsenaes de Guerra e de Marinha.

Em 2 de Fevereiro de 1854 foi approvada pelo Governo a creação de um telegrapho estabelecido na Torre do Collegio, na capital de Pernambuco, o qual se communicava com a fortaleza de Cabedello; continuando, porém, ainda a funcionar nesta Capital o telegrapho semaphorico, que então comprehendia as fortalezas de Santa Cruz, Villegaignon, Babylonia, Quinta da Boa Vista e Fazenda de Santa Cruz, sendo que só funcionava esta ultima estação quando lá estavam Suas Majestades.

Por fim essa suspensão temporaria se tornou definitiva, por ser o serviço considerado desnecessario.

Um aviso do Ministro da Justiça, datado de 17 de Janeiro daquelle anno, delineou nestes termos um plano de serviço de telegrapho electrico central semelhante ao que funcionava em Berlim.

O centro telegraphico ficaria estabelecido na Secretaria da Justiça, communicando-se simultaneamente com todas as estações: Arsenaes de Guerra e de Marinha, Barra, Secretaria de Policia, Quartel de Permanentes em Barbonos, Paço da cidade, S. Christovão, Petropolis e Quartel de Permanentes em Nictheroy. O telegrapho, porém, se estenderia fóra da cidade pelo caminho de Botafogo até á Lagôa, pela estrada de Andarahy até á Tijuca,

pela estrada de S. Christovão até á Venda Grande e Ponta do Cajú e pelas Laranjeiras até ao Corcovado.

A despeza com essas installações orçava em 92:296\$, não comprehendendo a mobilia das estações, mão de obra, etc.

Como, porém, não se houvesse executado esse plano, resolveu-se em 1855 manter como escolas as estações existentes, nas quaes se aprenderia o uso dos appparelhos e se prepararia pessoal habilitado para a definitiva organização.

Resolvida a installação da estação de Petropolis, mandou-se vir da Europa o cabo submarino necessario para esse serviço. Retirado de bordo, foi collocado em uma catraia, com a recommendação, do profissional que o acompanhou, de haver todo o cuidado, para não se produzir alguma avaria. Foi inutil a recommendação, pois que a tripulação assentou um pequeno fogão junto do cabo, damnificando-o seriamente.

Depois de muito trabalho e não pequeno esforço, conseguiu-se remendal-o, podendo inaugurar-se a linha pouco tempo depois.

O cabo que ia da Saude a Mauá e ahi se ligava á linha aérea de Petropolis, tinha de comprimento 7.050 metros até á ponte do Mattoso, na Ilha do Governador. Dahi partia a linha aérea de fio de ferro, de extensão de 6.160 metros até ao Sacco do Pinhão.

Deste extremo ia outra porção do cabo submarino de 7.920 metros á Ponte de Mauá, onde se prendia á linha aérea de fio de ferro, o qual, ladeando os trilhos da estrada de ferro, se dirigia para a Raiz da Serra da Estrella e depois a Petropolis, na extensão de vinte e nove kilometros e meio.

Em 1858 estavam installados 14 postos, sendo os seguintes de linha aérea e de fio de cobre: Paço de S. Christovão, Casa de Detenção, Quartel General, Estação da Estrada de Ferro Dom Pedro II, Secretaria da Justiça, Quartel de Permanentes, Secretaria da Policia, Secretaria do Imperio, Estação dos Telegraphos Opticos do Castello, Arsenaes de Guerra e de Marinha; de fio de ferro: a linha da praia da Saude, junto ao antigo Instituto dos Meninos Cégos, ao Quartel General e deste ao trapiche da Prainha, pertencente á companhia da Estrada de Ferro Mauá.

O total da extensão das linhas era a esse tempo de 14.360 metros e a secção de Petropolis, cabo e linha, de 29.525 metros.

sendo o serviço feito por oito aparelhos Breguet e oito Stohrer, com pilhas electricas de Bunsen e Daniell.

A esse tempo novas encommendas foram feitas para a Europa e entre estas sete aparelhos Breguet, seis Stohrer, vinte e cinco para signaes de incendio e 1.200 isoladores de porcellana. Já em algumas estações foram empregados os aparelhos de Morse duplo.

Em 1 de Março daquelle anno funcionavam os aparelhos destinados a transmittir signaes de incendio, para este fim trabalhavam durante o dia e noite os postos da Secretaria da Policia, Quartel de Barbonos e morro do Castello e os demais postos tinham horas marcadas para funcionar.

Como já dissemos, a estação da Prainha communicava-se com Mauá, Fragoso e Petropolis, pelo que entendeu o Governo franquear a linha, gratuitamente, ao publico em 1 de Junho, tendo já em 15 de Dezembro do anno anterior regulamentado o serviço de telegrammas pagos. Nos dezoito mezes e meio dessa franquia passaram-se por aquellas linhas 1.820 recados. Comtudo continuava o serviço do telegrapho optico.

Em 1859, as linhas, que já tinham a extensão de 64.982 metros, foram divididas em duas secções, pela fórma seguinte:

1.^a secção, áquem do littoral — o primeiro fio (de cobre) ligava os seguintes pontos: S. Christovão, quartéis General e de Permanentes, Castello e os Arsenaes de Guerra e Marinha; o segundo fio ligava a Secretaria da Policia á Casa de Correção; o terceiro fio (de ferro) unia o trapiche Mauá, Quartel General e praia da Saude, junto do edificio onde então funcionava o Instituto dos Cegos, sendo a extensão dessas linhas de 14,352 metros.

A 2.^a secção compunha-se de tres linhas submarinas e tres aéreas. A primeira linha (submarina) começava na praia da Saude e dirigia-se para a Ponta do Mattoso, na Ilha do Governador, com a extensão de 7.050 metros; a segunda (aérea) ia dahi á Olaria com a extensão de 2.460 metros; a terceira (submarina) seguia dahi até á Freguezia, na extensão de 1.080 metros; a quarta (aérea) ia ao Sacco do Pinhão, com 3.720 metros; a quinta (submarina) continuava desse ponto até á ponte de Mauá, na extensão de 7,920 metros; a sexta (aérea) da ponte de Mauá a Fragoso e

Petropolis, com 29,500 metros; o que dava uma extensão total de linhas e cabos de 50.630 metros.

Com dedicado zelo e actividade, continuava o Dr. Capanema a dirigir os trabalhos da repartição a seu cargo, melhorando a parte material, prolongando as linhas, estabelecendo novas estações, factos estes assignalados com honrosas referencias nos relatorios dos ministros.

Creado o Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, em 1860, passou o serviço de telegraphos para a nova pasta.

Nessa época organizou o Coronel Schaffner, nos Estados Unidos da America, a Companhia "North Atlantic Submarine Telegraph" e o Barão Boujoux propunha-se ligar a Europa á America por meio de cabos submarinos immersos nas regiões boreaes e equinoxiaes do Atlantico e dirigindo-se um para a Groenlandia e outro para o Brasil, no cabo de S. Roque.

Concessões foram feitas pelos governos da Europa e dos Estados Unidos, e grandes cabos foram lançados; mas dentro de pouco tempo depois da immersão os cabos foram destruidos, dando um prejuizo de 1.250.250 libras esterlinas. Outras tentativas se fizeram, mas todas foram mallogradas.

Em Julho de 1860 foi promulgado o decreto que dava novo regulamento á Directoria Geral dos Telegraphos Electricos, quando as linhas já tinham a extensão de 64.982 metros e sete estações. Nesse regulamento foi creada uma aula theorica e pratica de telegraphistas.

Estando na Europa o Dr. Capanema e sendo director interino da Repartição o Dr. Ernesto Gomes Moreira Maia, verificou-se que muito tinha augmentado o numero de telegrammas, quer enviados pelas autoridades, quer por particulares. No periodo decorrido de 18 de Março de 1860 a 16 do mesmo mez em 1871 subiram a 5.976 com 218.348 palavras os telegrammas transmitidos, sendo 1.822 palavras da familia imperial, 25.800 das autoridades e 191.726 de particulares.

A despeza feita com o telegrapho desde a sua fundação até 30 de Junho daquelle anno, era de 138:863\$372, sendo 68:525\$445 com material e 68:927\$927 com pessoal.

Novamente reformada em 1861, ficou a repartição assim constituida: Director Geral, Dr. Guilherme Schuch de Capanema; ajudante, Dr. Alvaro Joaquim de Oliveira; encarregado geral das linhas Tenente-Coronel Francisco Schurterschitz; um escripturario, um zelador de pilhas, um encarregado da arrecadação, seis estacionarios da 1.^a secção com 100\$000 mensaes, seis ajudantes com 75\$000, sete estacionarios da 2.^a secção com 50\$000, sete ajudantes com 30\$000 e dous carteiros com igual ordenado mensal.

Nova proposta foi apresentada este anno ao Governo para o estabelecimento do telegrapho electrico, ligando as provincias maritimas do Rio Grande do Sul ao Pará; mas taes foram as condições pedidas, que foi ella julgada onerosa e rejeitada. Ao mesmo tempo Emmanuel Liais offereceu ao Ministro da Agricultura uma memoria ácerca da construcção do telegrapho electrico, cujos fios fossem assentes em postes, orçando em 519:000\$ a despeza da linha entre Porto Alegre e o Pará; o que tambem não foi accedido. Foi então que o Ministro tratou de fazer avançar a linha telegraphica até S. João da Barra. Isso se passava em 1862.

Ainda nessa época o Ministro Manoel Felizardo de Souza e Mello autorizou o Director dos Telegraphos a estender uma linha telegraphica de Petropolis á Parahyba do Sul, aproveitando nesse trabalho o serviço de alguns escravos que o Governo possuia; seria facil prolongal-a até Ouro Preto. Mas essa autorização foi retirada no anno seguinte, por ter a Estrada de Ferro Dom Pedro II uma linha para aquella localidade.

Novas propostas foram enviadas ao Governo para o lançamento de linhas transatlanticas; mas o Governo, declarando — que ia estudal-as, em estudo ficou, como de costume.

Queixas e reclamações recebia o Director dos Telegraphos de que os tropeiros movidos pelo instincto de curiosidade e mesmo de perversão, damnificavam as linhas, rebentando os fios ou destruindo os isoladores, pelo que foi obrigado a tomar severas medidas.

Outra proposta dirigida aos Poderes Publicos solicitava privilegio para ligar entre si todas as provincias do Imperio e o Brasil com a Europa e os Estados Unidos da America; mas ainda desta vez ficou em proposta apenas, pela falta de idoneidade do propo-

nente e por causa da cifra exigida para completo estabelecimento desse serviço.

Estava então a esse tempo, 1863, funcionando regularmente o cabo submarino para Petropolis, quando se descobrio que uma especie de *guzano* o damnificava, ameaçando proximo arrebentamento. Providencias foram desde logo tomadas de fórma que pouco demorou a substituição por outro mais forte e bem acabado, mandado vir de Londres.

Em 7 de Fevereiro de 1873 foi publicado o decreto que dava regulamento para a organização do serviço dos telegraphos aéreos.

Continuavam a prestar bons serviços os postos de signaes de incendio, quando appareceu novo regulamento para organização completa do serviço de telegraphos aéreos, estudando-se desde logo o estabelecimento de uma linha para a fazenda de Santa Cruz, outra de Cabo Frio para esta Capital e pela costa do sul até Santa Catharina.

A 20 de Junho foi approvedo o actual regulamento para a Repartição Geral dos Telegraphos. Ainda nesse anno recebeu o Governo uma proposta da Empreza Ballestrini para contractar o estabelecimento de uma linha transatlantica. Por motivos que não foram explicados, declarou o Governo que só accitaria a proposta e daria a subvenção pedida, depois do cabo funcionar, condição esta que os proponentes não accitaram.

Entretanto o Governo não descurava do desenvolvimento do serviço telegraphico, ligando, nesse mesmo anno, por cabos submarinos, as fortalezas do nosso porto.

Em 20 de Junho de 1865 o Ministro Jesuino Marcondes fundio todos os serviços do telegrapho em uma só repartição e desde logo fez activar os trabalhos do prolongamento das linhas.

Existiam a esse tempo 13 estações com 21 empregados para o serviço telegraphico electrico e sete estações para o do telegrapho optico.

Confiante no zelo, actividade e intelligencia do Dr. Capanema, teve elle a satisfação de ver o telegrapho estendido pela costa até Cabo Frio, e em mais de 122 kilometros na direcção do norte, além de desenvolvê-lo nesta Capital, da Casa de Correccão para o Quartel de Mataporcos, onde estava installado o Corpo de

Cavallaria da Policia e duplicar as linhas do Quartel General para o Arsenal de Guerra.

Proveitosa foi para a Repartição dos Telegraphos a direcção dada á pasta da Agricultura pelo Conselheiro Jesuino Marcondes, pois que já nessa época funcionavam as seguintes estações: praça do Commercio, Castello, Babylonia, Fortaleza de Santa Cruz, Itaipú, Ponta Negra, Cabo Frio, Quartel General, Arsenal de Guerra, Praia Vermelha, Fortaleza de S. João, do quartel de Policia, em Barbonos, para o de Mataporcos pela Secretaria da Policia e Casa de Correção; da Quinta Imperial até o posto de Bombeiros no campo de S. Christovão; do Arsenal de Marinha para a Fortaleza de Villegaignon pela praça do Commercio e Arsenal de Guerra, communicando todas entre si com a Estação Central, installada no predio n. 39 do Campo da Acclamação junto ao actual Corpo de Bombeiros, local onde permaneceu até 1890.

Eram pois em numero de 26 as estações telegraphicas em principios de 1865 e de cincoenta o numero de empregados, quando o serviço se prolongou para o sul do Rio de Janeiro, ligando a Capital com a cidade do Rio Grande do Sul, proficiente e afanoso trabalho executado sob os planos e habil direcção do Dr. Capanema e inaugurado em 18 de Agosto desse anno.

Curioso e interessante foi o relatorio que aquelle illustre e operoso funcionario apresentou ao Ministro da Agricultura, dando conta minuciosa de todo o trabalho executado, dos contratempos com que teve de lutar, atravessando florestas virgens, rios caudalosos, terrenos montanhosos, vastos brejaes onde a cada passo encontrava uma difficuldade para vencer, um obstaculo para destruir. Por esse documento bem se póde aquilatar dos grandes serviços que prestou á sua patria esse ancião venerando, que hoje recebe dos seus contemporaneos depois de tantas provações uma glorificação merecida e justa, que perpetuará para sempre o seu nome entre os benemeritos do progresso e engrandecimento do Brasil.

A' sua tenacidade e dedicação deve-se o gráo de desenvolvimento a que attingio no Brasil o serviço de telegraphos.

Durante a guerra com o Paraguay relevantissimos foram tambem os serviços prestados pela Repartição Geral dos Telegraphos e principalmente pelo seu ajudante o Dr. Alvaro Joaquim de Oli-

veira, que o montou, trabalhando junto do Exercito em operações lutando com enormes embaraços e difficuldades, sempre vencidos pela sua actividade, intelligencia e força de vontade.

Através de todos os perigos, sujeito a constantes embaraços do inimigo, lutando com as intemperies do tempo, transpondo charcos, abrindo picadas em florestas cerradas, apoderando-se muitas vezes do proprio material telegraphico dos Paraguayos, levantando postes com as madeiras falquejadas pelos soldados ao seu serviço, sobraçando elle proprio os apparatus, ia conseguindo assim estabelecer postos precisos.

Ora era a falta de isoladores para levantamento de linhas, obrigando a recorrer aos fundos de garrafas, ora era a linha que acabava de estender, e que logo o inimigo destruia, obrigando-o a novos trabalhos; ora a falta de auxiliares, mortos, aprisionados ou extraviados.

Data precisamente desta época o maior desenvolvimento do telegrapho no Brasil. Linhas foram estendidas para o norte, para o sul e para o interior, formando uma vasta rêde de communicações rapidas com estações destinadas exclusivamente a esse utilissimo serviço.

Não consignamos minuciosamente o desenvolvimento que tem tido esse serviço dessa época para cá porque constam dos diversos relatorios dessa repartição.

Não somos redundantes exaltando novamente os bons serviços do Dr. Capanema, que, mais tarde, foi galardoado com o titulo de Barão e conservou-se como Director Geral dos Telegraphos até o dia 15 de Novembro de 1889, quando rebentou a revolução que proclamou a Republica.

Achava-se na sua repartição na manhã desse dia o velho servidor do Estado, quando soube que a estação telegraphica do Paço da Cidade estava abandonada e que a revolução triumphante proclamava a Republica.

Pouco depois apresentou-se na Secretaria da Repartição o Sr. 1.º Tenente da Armada, José Augusto Vinhaes, que lhe entregou um *bilhete* assignado pelo General Deodoro, pedindo-lhe que "auxiliasse o Tenente Vinhaes no serviço do telegrapho."

O Sr. Barão de Capanema declarou que precisava saber qual o auxilio que devia prestar, quando o Tenente Vinhaes disse-lhe

que vinha tomar conta da direcção geral dos Telegraphos por ordem do Governo Provisorio e que esse *bilhete* fôra escripto ás pressas, não tendo havido tempo para maiores explicações.

O Sr. Barão de Capanema telegraphou para o Quartel-General, onde se achava detido o então Ministro da Industria Sr. Conselheiro Lourenço de Albuquerque e, narrando-lhe a intimação que recebera, pedia ordens.

O Sr. Conselheiro perguntou se tinha meios de reagir e, como recebesse resposta negativa, mandou que fosse entregue a repartição ao intimante.

Não nos propomos nesta ligeira memoria entrar em pormenores ácerca das administrações que succederam á do illustre profissional, que ainda no seio do Governo Provisorio teve os mais fervorosos propugnadores da sua conservação á testa do serviço que creara e incontestavelmente soubera desenvolver com zelo, intelligencia e actividade.

Envolvido em accusações que feriram a sua dignidade e a sua honradez, dellas sahio illeso, engrandecendo cada vez mais o seu nome de homem de bem e benemerito servidor da patria.

Collaborando com os que hoje lhe vão prestar a mais justa das homenagens, vamos agora dar succintamente novos traços da sua tão laboriosa e tão util existencia.

O Dr. Guilherme Schuch de Capanema nasceu a 17 de Janeiro de 1824, na freguezia de Antonio Pereira, comarca de Marianna, Estado de Minas Geraes, filho do Dr. Roque Schuch, naturalista e professor do Museo Imperial de Vienna e de Dona Josephina Roth.

O Dr. Roque Schuch, natural da Moravia, provincia austriaca, veio para o Brasil a convite e em companhia da então Princesa D. Maria Leopoldina, Archiduqueza da Austria, que havia contractado casamento com o Imperador D. Pedro I, em 1817.

Aqui chegando, foi nomeado bibliothecario da Casa Imperial e encarregado da conservação das variadas collecções mineralogicas, botanicas e numismaticas.

Quasi que contemporaneamente aqui chegaram diversos sabios europeus, afim de estudar as nossas riquezas naturaes, taes como Spix e Martius, Langsdorff, Saint-Hilaire, Duque de Luremberg e outros.

O Dr. Roque Schuch, que frequentava a colonia da Nova Friburgo, fundada por immigrantes suissos, ali fez conhecimento com D. Josephina Roth, com quem veio a casar-se.

Alguns annos depois foi Roque Schuch encarregado de uma commissão scientifica importante, qual a de estudar as riquezas mineraes e botanicas da então provincia de Minas, para onde se-guiu, acompanhado de sua esposa e por varios dos colonos de Nova Friburgo.

Roque Schuch estava em boas relações com o Barão de Eschwegge, celebre geologo e mineralogista, que lhe deu boas indicações sobre as riquezas mineraes da provincia.

Algum tempo depois comprou Roque ao Barão um terreno metallifero e nelle installou uma fabrica de ferro com fornos altos.

Essa fabrica fez sua época de prosperidade, tendo fornecido diversas peças de machinismo para as lavras de ouro do Gongo-sacco, entre a conhecida serra Caeé e Santa Barbara.

A propriedade adquirida pelo Dr. Roque denominava-se Tymbopeba e era banhada pelas aguas do rio Gualaxo. Em diversos lugares elle fazia lavar tambem o ouro.

A educação primaria do joven Guilherme foi feita por seu proprio pai que lhe ensinou simultaneamente diversas linguas, o francez, inglez e allemão, não tendo descurado da instrucção religiosa. Aprendeu tambem a mathematica elementar, historia e geographia, e com dez annos de idade já acompanhava seu pai nas suas excursões scientificas, ajudando-o nos trabalhos de collecções.

A primeira e unica vez que Guilherme vio o Imperador Dom Pedro I foi em cachoeira do Campo, villa proxima de Ouro Preto, onde fôra estudar a coudelaria imperial. Nessa villa havia uma colonia de Dinamarquezes e entre elles Pedro Claussen, que muito fez progredir a agricultura e sobretudo a pomologia.

Cessada a commissão que se achava exercendo em Minas Geraes, regressou Roque Schuch ao Rio de Janeiro, onde passou a ser o preceptor da Familia Imperial, D. Pedro II, Princezas Dona Januaria e D. Francisca, tendo sido nomeado Director do Museu.

Dos honorarios que cabiam a Roque Schuch, apenas uma parte lhe era entregue, sendo a outra parte guardada pelo Mordomo da Casa Imperial Paulo Barbosa da Silva. Essa parte foi entregue a Guilherme depois da morte de seu pai.

Ainda em vida deste, foi, pela munificencia imperial, Guilherme mandado á Europa para estudar engenharia, isto em 1838, tendo sido recommendado ao Visconde de Barbacena, que então partia para Londres em Commissão diplomatica.

Depois de 60 dias de viagem, pois a navegação fazia-se então á vela, chegou á Inglaterra onde o Ministro Brasileiro Sr. Marques Lisboa o fez seguir para Antuerpia e dalli directamente para Munich; ahi o illustre botanico Martius e o zoologo Spix lhe prestaram bons serviços, encaminhando-o nos seus estudos. A viagem de Antuerpia a Munich fel-a de carruagem, pois ainda não existia a estrada de ferro.

Terminados os seus estudos na Escola Polytechnica de Vienna, regressou ao Brasil onde se apresentou ao Imperador D. Pedro II, que o recebeu affectuosamente.

Guilherme trazia diversas cartas de recommendação de Odo-rico Mendes e entre ellas uma para o professor de pintura da Academia de Bellas Artes, o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, assim como para o Dr. Azeredo Coutinho, lente de chimica da Escola Central.

Guilherme frequentemente visitava o Imperador que insistia por essas visitas para aperfeiçoar-se, dizia elle, na conversação da lingua allemã.

Em uma das visitas, Porto Alegre informou o Imperador que o Dr. Azeredo Coutinho era de opinião que o Dr. Guilherme Schuch devia ser nomeado para uma das cadeiras vagas da Escola Central, indicando a de mineralogia.

O Coronel Guilherme Bellegarde, Commandante da Escola Central, opinou para que a sua nomeação fosse feita, devendo ella ser confirmada no fim do anno, se assim decidisse a Congregação.

D. Pedro II mandou que o Dr. Guilherme Schuch se apresentasse ao Ministro da Guerra. Havia, porém, um impedimento: é que a lei dispunha que o magisterio só poderia ser exercido por engenheiros formados pela Escola Central.

O Ministro da Guerra resolveu, porém, o caso, lembrando que o Dr. Guilherme Schuch deveria ser sujeito a um exame do conjuncto das materias, inclusive arte militar.

O Dr. Guilherme resolveu então, estudar arte militar e para

isto adquirio os livros necessarios e foi passar uma temporada na fazenda da familia Paes Leme.

De volta sujeitou-se aos exames exigidos pelo Ministro, nos quaes foi approvado e em seguida nomeado lente substituto da Escola.

Os novos lentes na Escola, nessa época, eram tres: os Drs. Guilherme Schuch, Joaquim Gomes de Souza e Escragnolle Taunay.

Tendo sido o cathedratico Dr. Raposo, nomeado Director da Fabrica de Ferro de S. João de Ipanema, teve o Dr. Guilherme Schuch de assumir a regencia da cadeira de physica.

Por esta occasião vio-se obrigado á reformar o material do gabinete e teve os primeiros encontros com o astronomico Liais, do qual conserva curiosas lembranças.

Dentre os serviços prestados pelo venerando Brasileiro durante seus 38 annos de funcionario publico, podemos citar, além da creação do telegrapho, os seguintes:

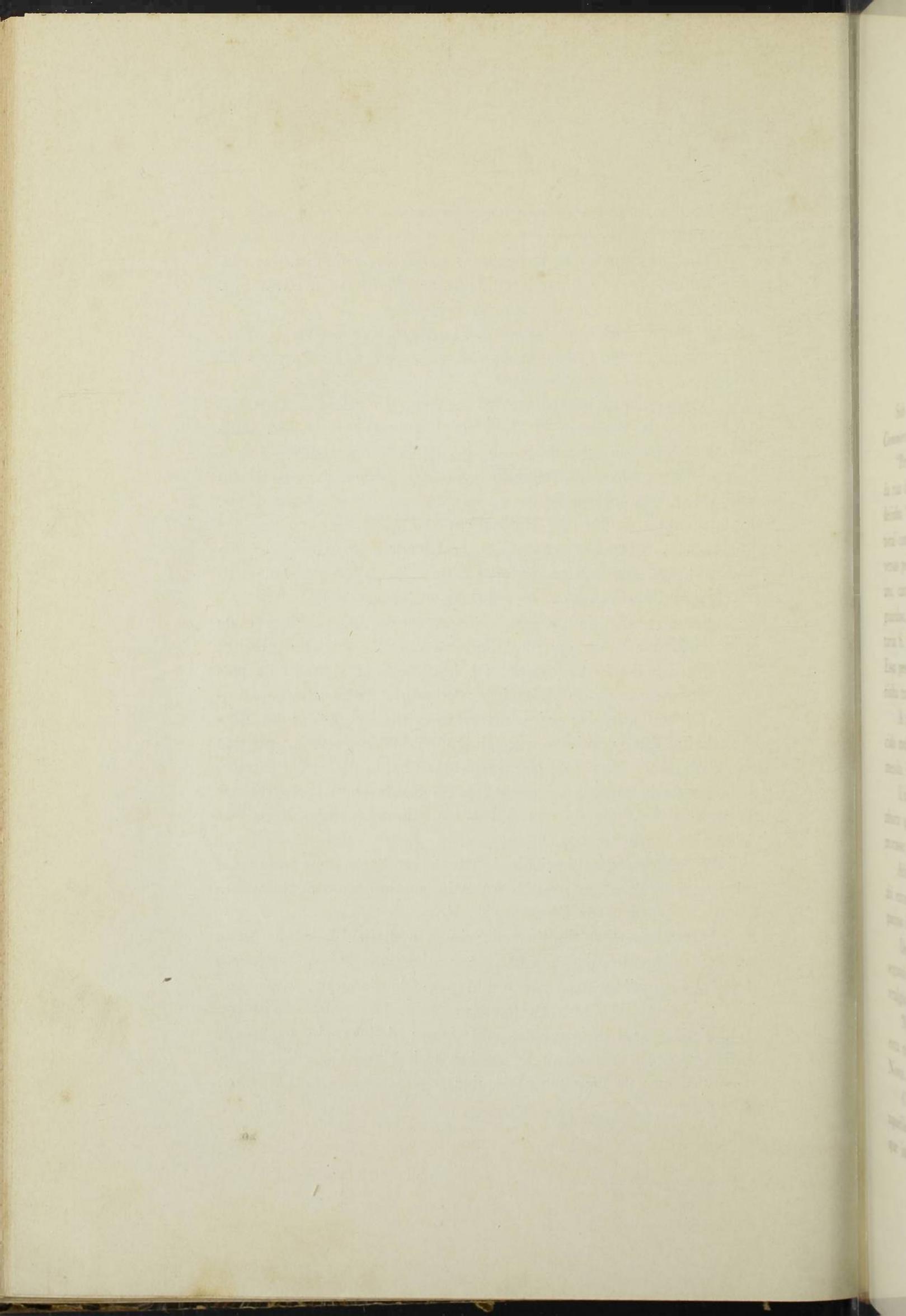
A installação da officina de apparatus telegraphicos e de engenharia que funciona na propria Repartição dos Telegraphos e é conhecida pelos competentes; a installação da fabrica de polvora; dos armazens da Alfandega; trabalhos de fortificações militares; installação das primeiras estações metereologicas no Brasil; chefia da commissão para introducção do systema metrico no Brasil, commissão esta que durou dez annos; diversas excursões geologicas e botanicas; representação na Conferencia Telegraphica de Berlin, e Chefe da Commissão de Limites com a Republica Argentina.

O Governo além do titulo de Barão com que o galardoou pelos relevantes serviços que prestou á patria, condecorou-o com as condecorações das ordens de Christo e da Rosa.

Notando o Dr. Guilherme Schuch a difficuldade que havia em Minas de pronunciar o seu nome allemão, resolveu adoptar o de "Capanema" pertencente a um povoado daquella então provincia, vizinho de Ouro Preto.

Todas estas informações nos foram dadas pelo venerando ancião, que as entremeou de varias peripecias e anedotas interessantes, mas de character particular.

1905.



OS CÃES

Sob o titulo *Cachorrinha perdida*, appareceu no *Jornal do Commercio* o seguinte annuncio:

“Perdeu-se no dia 15 deste mez, ao meio-dia, mais ou menos, da rua da Carioca ao largo de S. Francisco de Paula, uma cadellinha “carling-dog” legitima, muito pequena, levando um peitoral com guizos. Dá pelo nome de *Africana*. Foi vista com diversas pessoas naquelle dia e, á mesma hora, na rua da Uruguaiana, canto da do Ouvidor. Pedese encarecidamente a quem a guardou, o favor de a mandar entregar ao Sr. Pinto, na Confeitaria S. Francisco de Paula, recebendo a pessoa boa gratificação. Essa pessoa fará uma *obra de caridade* porque a dona da cachorrinha tratava-a como filha e *acha-se doente por este facto.*”

A proposito; lembra-me o seguinte caso contado por conhecido medico homœopatha e que ha pouco exerceu, com grande nomeada, importante cargo publico:

Uma noite, foi esse medico chamado para ver uma senhora que enfermára para os lados do Catette, e como se demorasse, recebeu mais dous insistentes recados na manhã seguinte.

Afinal, o nosso distincto clinico dirigio-se á casa indicada e ahi encontrou uma senhora respeitavel, com o rosto envolvido em pannos de lã, queixando-se de fortes dores na face.

Depois de a examinar, o medico declarou que ella estava, segundo as infirmações que lhe dera, accommettida de forte nevralgia; e receitou.

No dia seguinte, voltando o clinico a casa da doente, foi por esta recebido, acompanhada de um enorme e lindo cão de Terra Nova.

O doutor é extremamente affeiçãoado aos cães; e, vendo aquelle lindo animal, começou a fazer-lhe festas, ao mesmo tempo que indagava da senhora como havia passado a noite, etc.

Esta respondeu-lhe que ia na mesma; e, reparando que o doutor acariciava o cão, disse-lhe:

— Ora, Sr. doutor, elle anda bem doente. Ha dias para cá não come, anda triste, com os olhos amortecidos que me fáz dó. Palpita-me que morrerá dentro de pouco tempo.

— Qual! minha senhora, respondeu o medico, a enfermidade nada tem de grave e basta dar ao seu cão um pouco de... (indicou o remedio) para elle ficar completamente curado.

O doutor ainda fez outras visitas á senhora, mas, reconhecendo que ella nada tinha de nevralgia e que pretestava essa enfermidade para que o seu cão fosse examinado e receitado, o illustre clinico abandonou a supposta doente.

O cão ficou restabelecido e a senhora satisfeita por ter engendrado essa doença para que o seu cão favorito tivesse a receita de um bom medico.

Passados dias, o marido dessa senhora dirigio-se ao doutor para lhe pagar as visitas feitas.

O doutor com singular bondade recusou-se a apresentar a conta, declarando que não era veterinario, pois que a senhora simulara uma enfermidade apenas para que elle curasse o cão.

O marido, cavalheiro distinctissimo, não teve remedio senão confessar essa fraqueza de sua esposa, e pedindo desculpas, gratificou generosamente o distincto clinico.

Outra senhora de respeitavel familia, dotada de bastante instrucção, tinha uma cadellinha que era toda a sua alegria e todo o seu enlevo.

Não tendo filho algum, todos os seus desvelos, todas as suas caricias eram para a pequenina *Cordelia*.

A cadellinha dormia em berço, emballada pelas cantigas tão usuaes e tão amoveis de que só as mãis sabem servir-se para adormecer os filhos.

Uma distracção inesperada dos servos de casa, deixando o portão do jardim aberto, deu ensejo a que a cadellinha sahisse para a rua.

Como nunca sahira de casa, vio-se o animal tonto e assustado pelo apparecimento inesperado de uma matilha de cães.

A senhora da janella de casa, em altos gritos e em prantos, dera ordens aos criados para cercarem a cadellinha e apanhal-a. No

meio dessa confusão, acossada pelos cães, cercada pela criadagem, foi a pobresita apanhada pelas rodas de um bond electrico que a partio pelo meio.

A senhora, dando um grito de lancinante dôr e desespero, cahio para trás, num accesso terrivel de nervos.

Os criados recolheram os restos da pobre cadellinha que foi enterrada no jardim.

Muito tempo esteve enferma essa senhora que mitigava a saudade da sua *Cordelia*, ornando todos os dias de flores a sua sepultura.

Um retrato em photographia que possuia do animalzinho, ella propria o reproduzio em têla com grande habilidade e intuição artistica e, collocando-o em rica moldura, ainda hoje o conserva em seu quarto.

Quando as pessoas de suas relações a visitam e lhe fazem perguntas ácerca do retrato da cadellinha, conta-lhes toda a historia da sua *Cordelia* entre prantos e soluços, que terminam quasi sempre por um ataque de nervos.

Facto não menos curioso e interessante é o seguinte:

Quando o notavel artista professor Victor Meirelles começou a montar na rotunda do largo do Paço o seu panorama da cidade do Rio de Janeiro, appareceu-lhe um cão fraldiqueiro, a fazer-lhe festas, extremamente magro e faminto.

O laureado mestre, condoido do pobre cão, deu-lhe que comer e acariciou-o.

O fraldiqueiro passava todo o dia na rotunda e della só sahia ao anoitecer, quando Victor Meirelles se retirava.

Fechado o portão da rotunda o *Moleque*, nome este que lhe fôra dado pelo seu protector, ficou do lado de fora, deitado junto do portão.

Dahi acompanhara com a vista o seu velho bemfeitor, até este dobrar a rua Primeiro de Março e desaparecer.

Uma occasião, Victor Meirelles esqueceu na rotunda um objecto qualquer, pelo que teve de voltar.

Quando se aproximava, notou que o *Moleque* se encaminhava para o lado do mar apressadamente.

Seguindo-o vio o *Moleque* transpor a grade da Companhia Cantareira e saltar para a barca, que aguardava a hora da partida na ponte fluctuante.

Momentos depois a barca poz-se em movimento e o fraldiqueiro nella partio para o outro lado da bahia.

Um tanto pesaroso, o illustre pintor retomou o caminho da rotunda, arrependido de não ter dado tambem ao *Moleque* pousada dentro da sua officina de trabalho.

Preoccupado com a sorte do cão, retirou-se para sua residencia contrariado, aborrecido, pois que estava habituado a vel-o como unico companheiro no labor afanoso do seu trabalho diario.

No dia seguinte, quando voltou á rotunda lá estava o *Moleque*, que o recebeu como de costume, entre pulos, festas e latidos!

Afinal Vctor Meirelles chegou a observar e a certificar-se que o *Moleque* ia todas as tardes para Nictheroy, regressando pela manhã.

No dia 6 de Setembro, quando rompeu a revolta da esquadra na bahia desta Capital, foi suspenso o serviço das barcas.

O *Moleque* ficou em Nictheroy.

Já Victor Meirelles havia perdido as esperanças de tornar a vel-o, quando, no dia do restabelecimento daquelle serviço, tantos mezes depois, encontrou o *Moleque* junto ao portão da rotunda!

Contou-me o saudoso mestre ainda cheio de emoção, as festas com que fôra recebido pelo fraldiqueiro: "Gritava, pulava-me ao peito, rompia em largas correrias, estirava-se no sólo, offegante de cansaço e de alegria"...

As muitas vezes que visitei o Panorama de Victor Meirelles lá encontrei o *Moleque* sempre ao lado do velho artista, cioso da amisade que tributava ao seu bom protector, não consentindo que alguém delle se approximasse, mostrando-se raivoso e ás vezes até atirando-se ás pernas dos menos prevenidos.

O *Moleque* continuou a passar as noites em Nictheroy, fiel ao seu velho habito, até que, sendo retirada a rotunda do Largo do Paço, nunca mais Victor Meirelles soube do fim do seu fraldiqueiro.

— Ha alguns annos, existio nesta Capital um rapaz de nome Nogueira, muito popular e conhecido nas rodas da rua do Ouvidor e das raparigas alegres pelo *Nogueira do cachorro*.

O Nogueira era sempre acompanhado por um grande cão a que elle votava uma amisade que chegava ao fanatismo, tendo até ciumes quando o cão acariciava outra pessoa que não o seu senhor.

Por causa desse cão, Nogueira envolveu-se em conflictos e algumas vezes teve de ir á policia responder pelas dentadas dadas nas pernas dos transeuntes.

Em conversa sobre qualquer assumpto, o Nogueira sempre mettia o seu cão: o *Nelusko* fez isto, o *Nelusko* passou mal, o *Nelusko* foi ás corridas; aconteceu-me isto ou aquillo, o *Nelusko* quando se deu o caso, etc.

Um dia, o *Nelusko*, o endiabrado e estimado *Nelusko*, comeu bola e *esticou a canela*.

Nogueira que era alegre, expansivo, tornou-se triste, choroso, impossivel; a todos narrava com tristeza o desastrado fim do seu *Nelusko*.

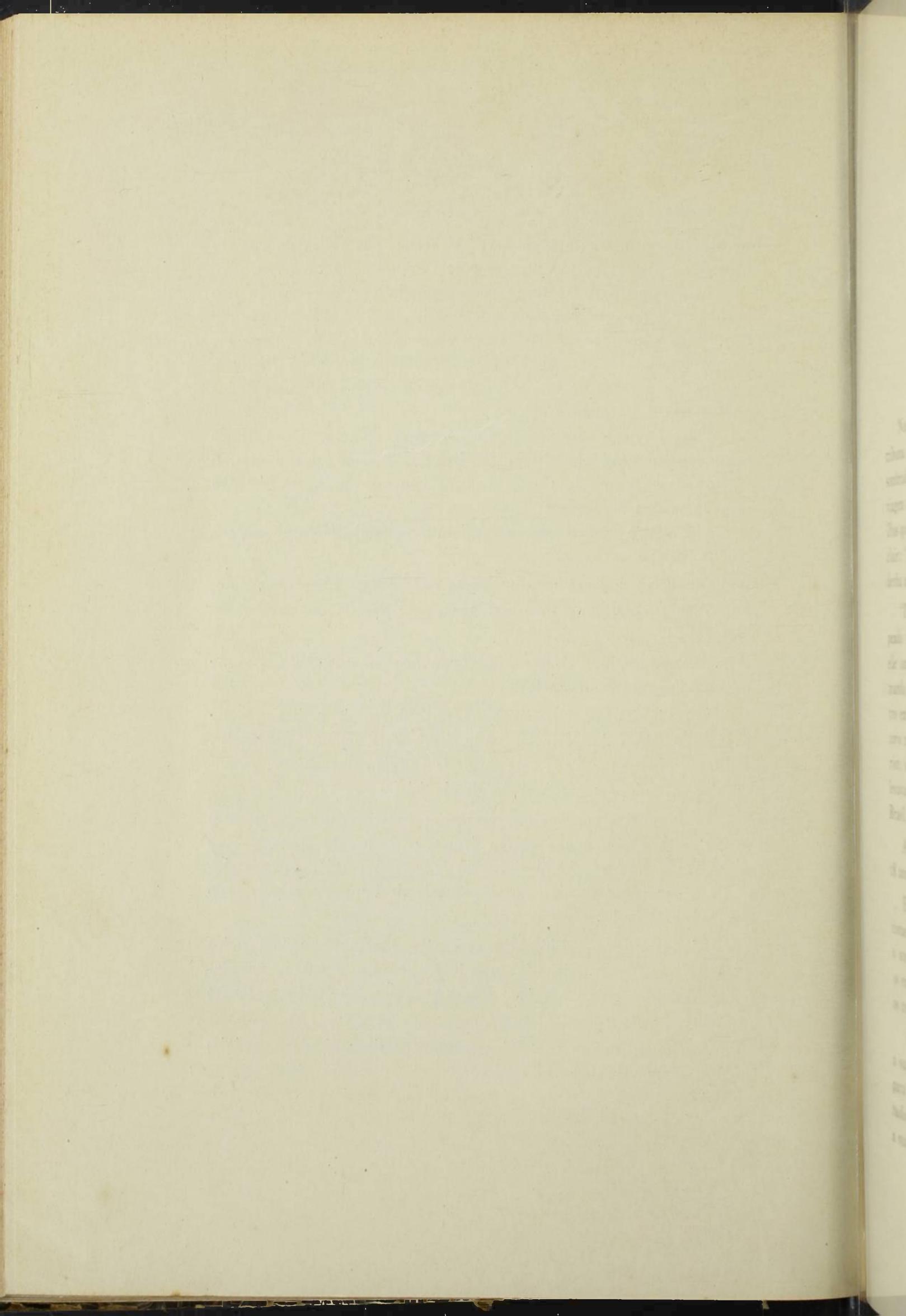
Os amigos, por troça, publicaram nos jornaes, na secção de missas, o seguinte annuncio:

“Na igreja da Lampadoza reza-se hoje, ás 9 horas, uma missa por alma de *Nelusko* Nogueira, estremecido filho do Sr. Antonio Nogueira. Para este acto de religião e caridade, convidam-se os amigos e parentes do finado.”

O Nogueira esbravejou, vociferou contra a pilheria, mas o que é certo é que, pouco tempo depois, o conhecido bohemio, que era forte e robusto, foi definhando lentamente até morrer e durante a sua enfermidade não se esquecia de lamentar a morte do seu *pobre Nelusko*.

E' geralmente sabida a especial predilecção que têm pelos cães os homens dotados de grande illustração e saber, notadamente, nesta Capital, os Srs. Drs. Joaquim Murtinho e Lopes Trovão.

Em outro artigo pretendo occupar-me da amisade e carinho que elles consagram á raça canina.



LOPES TROVÃO

Nasci entre a floresta e o mar, exclamou elle um dia da tribuna popular, “da floresta povoada de sombras e o mar assombrado de tempestades”; e foi por ali fóra discorrendo uma viagem accidentada — á Gipoia, a sua querida Gipoia, uma das ilhas que aformoseiam a bella bahia de Angra dos Reis, e para concluir: “quem afrontou as grandes convulsões da natureza, desdenha as pequenas agitações humanas!”

“Pronunciai-vos!...” e o auditorio pronunciou-se, prorompendo em uma explosão prolongada de palmas e vivas e com elle uma numerosa patulêia de desordeiros conhecidos que, por mando de um desaffectedo, havia tomado logar na platêa do theatro em que fallava o tribuno, com o fim proposital de lhe fazer uma manifestação hostile, por ter elle, em uma conferencia anterior, sustentado que, na occasião, o movimento das nossas idéas levava em Portugal marcha mais regular e adiantada do que no Brasil.

A sua vida tem sido um combate perpetuo, desde a idade de 18 annos, contra tudo que se lhe antolhou oppressivo.

Estudante de preparatorios passou elle pelos collegios revolucionando os collegas, que, no fim de cada anno, nos exames geraes o acompanhavam disciplinadamente em todas as sortidas contra os examinadores desabridos e a policia, quando era chamada para os conter.

O celebre Visconde de Jequitinhonha provou amargamente a sua influencia, deixando ás pressas a presidencia dos exames, para a qual, uma occasião, fôra chamado, afim de reprimir as *estudentadas* dos preparatorianos. Como academico de medicina, a sua acção foi accentuadamente revolucionaria, fazendo discursos

e publicando jornaes em que eram analysados os lentes e proclamados os principios republicanos.

Caro lhe custou essa attitude, pois foi reprovado no 5º anno e suspenso duas vezes por effeito de processo movido pela Congregação da Faculdade. Em compensação foi sempre o representante da mocidade nos actos internos e externos da Escola de Medicina e, como tal, conquistou para — as gerações de estudantes que succederam á sua a linha avançada em que tão brilhantemente se conserva a mocidade na nossa vida publica e a quasi igualdade em que hoje se nivelam, nas nossas escolas, professores e alumnos.

Doutorado havia quasi dous annos, abandonou a clientella, que lhe era rendosa, por que foi habilissimo medico, para se consagrar exclusivamente á propaganda republicana. Começou pela tribuna popular, que era então monopolio dos Conselheiros da Monarchia em opposição, franqueando-a á sua geração, que foi uma geração de oradores, entre os quaes com elle avultam José do Patrocinio, Vicente de Sousa, Ubaldino do Amaral e Alberto de Carvalho.

N'este posto, lutou com oradores monarchistas que vieram contra elle e aos quaes levou de vencida, ficando só na tribuna com os seus companheiros de propaganda.

Desejoso de entrar na imprensa, por 100\$000 mensaes aceitou um logar no *Reporter*, folha liberal, que, em breve, com Sylvio Roméro e Borges Carneiro transformou em organ republicano, pelo que os Srs. Barão de Paraná e Henrique de Carvalho, proprietarios da folha, no fim de tres mezes e meio a supprimiram, para os não despedir.

Tendo tomado gosto pelo jornalismo, por haver verificado a influencia que elle exerce sobre o espirito publico, assumio a chefia da redacção da *Gazeta da Noite*, então de propriedade exclusiva do tenente reformado do Exercito, Joaquim Pedro da Costa, um dos republicanos que mais relevantes serviços prestaram á propaganda e que, por isso mesmo talvez, morreu esquecido.

Na tribuna, que era a sua clave de ataque e na imprensa, que era o seu broquél de defesa, ninguem no nosso paiz provou tanta actividade, coragem, e dedicação na propagação de uma idéa, a não ser José do Patrocinio, na grande e heroica jornada do abo-

licionismo. Tendo abandonado a *Gazeta da Noite*, que desapareceu logo após a sua sahida, fundou o *Combate*, onde manteve o mesmo ardor na batalha.

Póde-se dizer que não havia um dia em que o publico lhe não ouvisse um dos seus discursos e não lesse um ou dous artigos da sua lavra; e tudo isto dentro do circulo de espinhos com que o sitiavam as necessidades no lar e as perseguições do governo, os ultrajes dos adversarios e as ameaças e aggressões dos sicarios por estes e aquelles assalariados. De uma vez, para se defender metteu uma bala de revolver na perna de um preto que o agredio, alta noite, quando entrava em casa.

De braços cruzados á sacada da redacção da *Gazeta da Noite*, no dia 1º de Janeiro de 1880, supportou tres descargas da força armada a Comblain, sem que uma só bala o attingisse; e nenhum tiro, nenhuma navalha o attingio no comicio que fez contra a lei Saraiva, em 30 de Outubro de 1881, no largo do Rocio, quando de pé sobre uma mesa junto á estatua de Pedro I, foi assaltado por uma multidão de capangas do partido liberal, agentes secretas, malfeitores expressamente soltos da Casa de Detenção e praças á paizana, capitaneados ostentadamente pelo Chefe de Policia e seus Delegados.

Jogava a vida com o mesmo desembaraço e firmeza com que jogava a palavra no seu apostolado pela Republica, não deixando um instante de repouso ás instituições que combatia.

Com a intercorrença da campanha abolicionista, em cujo inicio tambem tomou parte, partio para Pariz como correspondente do *Globo*, o famoso jornal de Quintino Bocayuva.

As suas correspondencias eram estudos profundos, que traçaram orientação segura sobre a politica franceza á opinião brasileira, até então desnorteada, a respeito, pelos correspondentes dos demais orgãos da nossa imprensa.

Tendo desaparecido o *Globo*, no fim de tres ou quatro mezes, ficou ao "*Deus dará*", na grande Capital do mundo civilizado, e, para não morrer de fome e frio, deu lições de portuguez aos filhos dos Srs. Visconde de Cavalcanti e Regis de Oliveira, nosso Ministro no exterior, traduzio rotulos e reclusos de productos pharmaceuticos, fez a correspondencia para Portugal e Brasil do

grande industrial Thomás Delfraine, redigio o almanack e a edição portugueza do *Moniteur Therapeutique* de Coire & Comp.

Os amigos politicos de quando em vez, o auxiliavam daqui ainda que mingudadamente, tendo até sido creado um club para auxiliá-lo e para continuar a propaganda das idéas democratas.

Não obstante, encontrou meio de publicar a interessante revista a *Chronica Franco-brasileira*, na qual se occupava em francez, da nossa patria e em portuguez do paiz que o hospedava, sempre sob o ponto de vista republicano.

Estas notas sobre a sua vida intima em Pariz nós as tirámos de uma longa serie de artigos sob o titulo *Remoção do Lixo*, que inserio no *Diario de Noticias*, logo que regressou a esta Capital, e na qual rebateu documentadamente e com argumentos fulminantes a calumnia que lhe assacaram de ter vivido, no estrangeiro, á custa do Imperador ou da verba secreta da policia.

Nesse *Diario*, que era então do actual Senador Federal Antonio Azeredo e de Luiz de Andrade, hoje bibliothecario do Senado, e a cujas columnas Ruy Barbosa deu o maior brilho que teve a propaganda republicana e depois da lei de 13 de Maio, uma secção foi creada em que elle escreveu artigos notaveis.

Foi ahí que appareceu o celebre — *Não pegam as bichas...* no dia immediato ao do tiro no Imperador, de uma das portas da *Maison Moderne*, o melhor artigo, o mais sensacional da nossa imprensa sobre o incidente pelo desassombro, pelo vigor e pelo raciocinio.

Notou-se, porém, depois da sua volta da Europa, que a sua antiga impetuosidade havia cedido em muito á moderação.

Uns explicaram o caso pela magoa que soffria com a ausencia na propaganda dos bons companheiros de outr'ora, que se haviam prendido de sentimento de gratidão á Princeza Redemptora; outros pelo retrahimento da multidão motivada pela conversão ao republicanismo dos feridos pela lei de 13 de Maio e os seus amigos mais intimos diziam que elle estava seguindo o plano que Quintino Bocayuva, o seu chefe sempre amado, lhe traçara, de não perturbar com movimentos imprudentes a evolução que se estava operando progressivamente nas fileiras das classes armadas para proclamação da Republica.

Ainda assim, na conferencia de Silva Jardim, de 30 de Outubro de 1888, na travessa da Barreira, foi elle quem *organizou a victoria*, segundo noticiou o *Novidades*, de Alcindo Guanabara, na secção republicana redigida pelo imperterrito propagandista que o Vezuvio devorou.

Fez em Março de 89, nas escadas do Ministerio da Viação e Obras Publicas, com o concurso de Coelho Lisboa, Cyro de Azevedo, Germano Hasslocher, Olavo Bilac, o autor destas notas e outros, o comicio que deu em resultado o Governo encarregar o nosso arrojado engenheiro Paulo de Frontin de dar agua á nossa população sequiosa.

No dia 14 de Julho do mesmo anno, quando voltára da sessão solemne com que no Club Gymnastico Brasileiro os republicanos commemoravam o anniversario da tomada da Bastilha, perseguido desde a sahida do edificio foi atacado, com os populares que o acompanhavam, no trecho da rua do Ouvidor, entre Uruguayana e Gonçalves Dias, a tiros de revólver, por uma grande malta suspeita, que elles repelliram com vantagem.

Foi este episodio ligado por uma serie de factos ao 1º de Janeiro, que o levou a dizer na sua ultima circular aos eleitores do Districto Federal: — *No ultimo quartel da propaganda republicana, foi a mim que coube a honra de receber da Monarchia de 1.º de Janeiro de 1880, o primeiro tiro, e o derradeiro aos 14 de Julho de 1889!*

Na propaganda republicana não conhecemos quem o iguale em serviços e tempo... a não ser Quintino Bocayuva, notando-se que este fazia a propaganda na imprensa e elle na tribuna popular, com risco da sua propria vida, e no anno de 1870, antes do apparecimento, em Dezembro, do famoso manifesto redigido e assignado por Quintino Bocayuva, já estudante, havia, em Julho, publicado com Ramiro Barcellos, Ferreira Leal, Matta Machado, Silva Lara e outros uma folha republicana o — *Radical Academico*.

Póde-se, pois, affirmar que na campanha politica que terminou pelo 15 de Novembro, elle esteve desde a primeira até á ultima hora, sendo o primeiro paisano que transpoz o limiar do portão principal do Arsenal de Marinha, quando Wandenkolck o

abriu para dar entrada ao grande prestito militar e civil que, no trajecto do Quartel-General até lá, acclamou a Republica.

O triumpho não o ensoberbeceu... Pelo contrario, no dia mesmo da proclamação do seu ideal, vimol-o na Municipalidade, com auxilio de José do Patrocinio, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pardal Mallet e outros, salvar os retratos dos dous Imperadores dos furores de uma horda que, tentando despedaçal-os, pretendia macular a victoria republicana.

Aproveitado pelo Governo provisório para uma missão meio secreta, partio róta da Europa, d'onde voltou ao cabo de nove mezes, afim de tomar assento como deputado na Constituinte.

A sua eleição foi uma glorificação, já pelo numero de suffragios que reunio, já porque, tendo o seu nome sido esquecido na lista dos candidatos officiaes, o Paula Ney, Emilio Ribeiro e outros republicanos que o acompanharam dedicadamente na propaganda, foram reclamar contra o esquecimento perante alguns membros do Governo.

Na Constituinte proferio dous discursos: o primeiro a proposito da morte de Benjamin Constant e o segundo sobre o projecto da Constituição.

Este monumento que Sylvio Romero, o nosso primeiro critico, poz em relevo, depois de muito malsinado pelos politiquieiros, porque nelle lhes foram ditas verdades amargas e a eleição de Deodoro, o verdadeiro proclamador e fundador da Republica, foi intentada como um acto de justiça politica e de conveniencia publica.

O discurso de Benjamin Constant se tornou notavel, por ter sido o primeiro que arrancou applausos das galerias, que, até então, se haviam conservado indifferentes á eloquencia dos constituintes.

Separado o Senado da Camara dos Deputados pela terminação dos trabalhos da Constituinte, como deputado proferio um discurso sobre o adiamento, peça superior de eloquencia, em que justificou o seu voto favoravel áquella medida, depois, porém, de compendiar e censurar os actos do Governo de Floriano Peixoto, quando tinha por Ministro o Contra-Almirante Custodio José de Mello e o apoio que o Congresso lhe havia dado incondicionalmente, usando de tal vehemencia que um collega o interrompeu com o seguinte: "E' o discurso de mais tremenda opposição que

aqui tem sido pronunciado”; ao qual acudio o sympathico representante do Ceará, João Lopes, com esta resposta: “Mas que não póde ser contestado pelas verdades que encerra”.

A sua segunda eleição, se não foi um triumpho comparavel em estrondo ao que obteve na primeira, merece ser assignalada pelo incidente que lhe deu interesse.

O Sr. Dr. Henrique de Carvalho, a convite do Sr. Dr. Cassiano do Nascimento, então Ministro do Interior, apresentou a lista dos candidatos á Camara dos Deputados e recommendou-a, em longa circular, pela imprensa, ao eleitorado.

Nella o indicou como candidato pelo 3.º Districto, apresentando-se elle pelo 2.º.

“Isto é uma *tartine* a que vou applicar a devida *manteiga*”, disse Lopes Trovão, ao acabar de ler uma das folhas em que a circular fôra publicada; e, no dia seguinte, inserio em todos os jornaes uma pequena nota, em que agradecia ao apresentante o ter-se lembrado do seu modesto nome e declarou que era candidato pelo 2.º Districto, dando a razão da sua preferencia.

Não obstante, todos os dias que precediam a eleição a *tartine* continuou a recommendal-o ao eleitorado do 3.º districto e elle a insistir na *manteiga*, que era candidato pelo 2.º districto.

Corre o picito... Lopes Trovão é eleito, sem contestação, pelo 2.º Districto, e o Sr. Dr. Henrique de Carvalho nem pelo 1.º nem pelo 3.º, ficando em ultimo lugar, empatado pelo 2.º com Alcindo Guanabara, que foi o Deputado reconhecido pela Camara.

Pouco tempo, porém, permaneceu na Camara, por ter sido, pela morte de Saldanha Marinho, elevado ao Senado, graças conjunctamente á apresentação do Partido Republicano Federal e á indicação de Floriano Peixoto, a quem a vaga fôra offerecida por numeroso grupo de admiradores, ardentes e decididos.

Estreou na tribuna do velho palacio do Conde de Arcos com um discurso sobre a situação da nossa infancia, em comparação ao qual Zeferino Candido, uma celebridade scientifica e litteraria, invocando o discurso de Victor Hugo sobre a amnistia, escreveu que não sabia qual dos dous era o maior, mas que podia asseverar que ambos eram duas peças de eloquencia que, na tribuna moderna, não encontravam nenhuma outra que lhes fosse superior.

Convencido de que a politica, tal como principalmente é comprehendida entre nós, é desnecessaria, senão prejudicial, á resolução dos problemas sociaes, evitou todos os debates de critica sobre os actos e as personalidades governamentaes. Em compensação, se occupou das cousas que podiam interessar ao progresso material e moral do nosso paiz.

Apresentou projecto sobre saneamento da nossa Capital e tão completo e satisfatorio que os proprios que o achavam por demais grandioso para nós o consideraram a melhor monographia sobre hygiene urbana que tem sido publicada em lingua portugueza.

Impressionado com a marcha ascendente entre nós do alcoolismo, da vagabundagem, da prostituição e da mendicidade, apresentou a respeito projectos que se recommendam altamente pelo estudo e meditação, bem como tambem sobre a nossa infancia e criação de colonias preventivas e correccionaes, proferindo na sustentação delles discursos de real valor, que é para sentir terem apparecido apenas em resumo.

O substitutivo que offereceu contra um projecto da Camara sobre a reorganização de asylo de alienados e o discurso que na sustentação pronunciou, são obras merecedoras de justos elogios. Quando os resultados dos estudos de Sanarelli sobre a febre amarella tomaram de assalto a opinião da maioria dos nossos scientistas, elle apresentou projecto abrindo credito para a verificação dos trabalhos bacteriologicos do nosso mallogrado Domingos Freire.

Na penultima discussão da ante-penultima reforma do Districto Federal, produziu, na sustentação de algumas emendas que apresentou, um discurso que foi considerado o primeiro no debate que se travou a respeito. A sua obra, porém, não foi devidamente apreciada. Habituosos ás questões de preferencias individuaes, á critica systematica do poder, á malsinação por instincto de distincção, o nosso meio não o comprehendeu.

E, por isso, os amigos que mais o prezam, muitas vezes o aconselharam a dizer mal das cousas e das pessoas. *Não! Não e não!...* respondia elle, *que m'ó impedem a minha educação de homem e a minha dignidade de republicano. A acção desorganizadora da minha palavra acabou com a monarchia... Na Republica a minha funcção é reconstructora.*

Não obstante se ter mantido inabaladamente nesta linha de conducta, o povo carioca o mandou, pela segunda vez, ao Senado. E' que, através de tudo, nas occasiões solemnes o criterio e a justiça não desertam da sua consciencia.

De que lhe vale, porém, a affirmação da vontade popular? O Senado rasgou-lhe o diploma e deu a outro a cadeira que era sua.

Elle, entretanto, vingou o povo, reptando o preferido nesse documento esmagador que, pela elevação de idéas, grandeza de sentimentos e belleza de estylo, ha de ficar celebre na litteratura politica da nossa cara patria.

Dos nossos homens politicos nem um ha que se lhe compare nas sympathias populares, porque nenhum ha mais accessivel do que elle, que como elle seduza no trato, que como elle se recomende pela direitura, pela lealdade e pela dedicação e que seja como elle pobre, porque tudo deu e não se prevaleceu da sua posição official para haver indevidamente.

Todo o Rio de Janeiro o conhece e mais de metade o comprimenta... Pois bem!... esse homem que é escriptor e orador correcto, o mais original de todos os nossos oradores e escriptores, brilhante, vigoroso que na tribuna popular não encontrou ainda quem o exceda... não é amado pelos seus confrades em lettras, nem pelos republicanos que se accommodaram nas mais elevadas posições officiaes, apesar de não haver entre elles nenhum que lhe possa disputar serviços desinteressados á causa republicana, talento, estudo e criterio.

Apezar de o cercarem pela frente de attenções refreadas, por trás, os confrades em lettras, esquecem propositalmente o seu nome e os correligionarios politicos systematicamente o impedem de galgar as posições a que tem direito, chegando até a tirar-lhe o que lhe pertence.

E' que esse homem não é um litterato nem um politico de corrilho. *A natureza me fez physicamente, como elle diz, um ponto de admiração... invertido, e por isso tomam a admiração que lhes voto por uma ironia.*

Pelo crime de admirar ao ouvir, crime que elle agrava dizendo o que pensa e sente sobre os meritos das pessoas quando o

obrigam a sahir das suas reservas de homem bem educado, os distribuidores de celebridades e posições não o perdoam.

Honra lhe seja! . . .

Póde proclamar com orgulho que o seu grande nome consagrado pela nação inteira e nos paizes estrangeiros que nos conhecem, elle o conquistou pelo proprio valor real e pelo esforço exclusivo, pertence ao pequeno numero dos que construíram a escada por onde subiram.

Do fundo do escriptorio em que não conseguiram sepultal-o, elle, que, apesar dos seus 59 annos, continúa *grand mince, nerveux, l'oeil ardent, l'aspect d'un pêtre en même temps que d'un soldat*, tal como em 1890 o descreveu no *Matin* de Pariz o Deputado socialista Tournier, elle que, nestas palavras, receba a homenagem que lhe deve um antigo companheiro de lutas e a intenção que nos assiste de o confortar das injustiças com que o têm martyrizado e do falseamento na pratica do Ideal pelo qual tanto soffreu no Imperio e mais tem soffrido na Republica.

1906.

BAURÚ E A CANALIZAÇÃO D'AGUA EM S. PAULO

Baurú, ponta inicial da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, está distante desta Capital 935 kilometros de estradas de ferro.

Para os filhos da localidade de Baurú, palavra indigena, significa *Urú no páo*, isto é, o passaro *urú* trepado na arvore.

O Dr. João Mendes, porém, no seu Diccionario Geographico do Estado de S. Paulo, dá a seguinte traducção:

“Baurú, corruptela de *Mbai-yú-rú*, “dependurado, com gargantas e redemoinhos.”

De *mbai*, o mesmo que *pai*, “dependurar”, *yú*, “coisa estreitada, garganta”; *rú*, “revolver”, allusivo a serem as cachoeiras, assim como o ribeirão, em forte declive, estreitando-se em alguns lugares as margens, e fazendo redomoinhos nas aguas.”

Com a concessão da Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil a pequena villa de Baurú, que contava cerca de 100 predios, augmentou em menos de um anno a 300, notando-se além da bella e pittoresca vivenda do empreiteiro Dr. Machado Mello, cercada de elegante jardim, vastos armazens para deposito de mercadorias, edificio para deposito de carvão e outro para as officinas da Estrada.

A viagem para Baurú é feita pela Estrada de Ferro Central do Brasil até São Paulo e dahi pela Sorocabana e Ituana.

A Estrada tem que atravessar todo o sertão paulista e parte do de Matto Grosso para chegar a Cuyabá.

Toda aquella zona é habitada por tribus de indios Coroados e Guaranyes, que se dividem em lotes ou aldeamentos e que não raro apparecem pelas fazendas proximas, afim de se apoderarem do milho.

Ainda ha pouco accometteram uma turma de trabalhadores da Estrada, ferindo alguns e atacando uma fazenda, sendo repellidos á bala, morrendo tres dos atacantes.

Logo no começo da construcção da Estrada foram victimas dos Coroados o Engenheiro Hunnel e dous trabalhadores.

O delegado de Baurú e o Sr. Francisco Teixeira Pinto, fazendeiro a tres leguas daquelle local, affirmam que entre as tribus indigenas que habitam todo o sertão paulista ha uma composta de homens e mulheres claros, de cabellos louros, amarellados, e que os Coroados e os Guaranys andam completamente nús, encontrando-se, porém, alguns entre elles que usam tangas feitas de panno de sacco, roubados das fazendas. Trazem tambem alguns pequenos cocares de pennas e nas pernas, junto do tornozello, quatro ou cinco pennas de aves ligadas por uma estreita cinta de embira; a sua habitação consiste apenas de uma coberta de palhas de coqueiros, suspensa na frente por dous toscos páos e é completamente aberta dos lados.

Os chefes de cada tribu usam *tacape*, um grande páo de 14 palmos de altura, em fórmula de pilão de duas cabeças.

Os Coroados e mesmo os Guaranys só atacam quando querem tirar vingança de aggressões anteriores.

Para viver bem com elles é preciso que se submettam á sua vontade.

A obediencia é uma recommendação especial. Quando algum falquejador entra no matto para derrubada de arvores, para lenha ou outros mistéres ou para adquirir terreno afim de estabelecer lavoura, o indio procura demonstrar a sua presença e desapprovação, imitando o canto das aves e fazendo ruído de maneira a despertar a attenção do extranho que lhe invade os terrenos de que se julgam elles unicos senhores. Se o extranho mostra-se obediente, abandonando o que estiver fazendo e procurando retirar-se, o indio o deixa em paz e não o aggride; se, porém, continúa na derrubada, elle espera o golpe do machado do falquejador e a cada pancada avança um passo, de modo a collocar-se junto do extranho sem que elle se aperceba. Uma pancada do *tacape* victima o usurpador.

Quando chega por qualquer circumstancia a enfrentar com extranhos e os recebe por meio de interpretes, pouco falla, e

quando o faz vira immediatamente as costas, procurando desviar-se do local. Mostram-se na sua maioria irritados quando alguém os trata pela palavra *indio* e calmos quando os tratam de *compadre* e *parente*.

Muitas vezes, para melhor observarem o que se passa em derredor das fazendas ou das pequenas estradas, fincam no solo um grande páo e, trepados, devassam os pontos que lhes convém. Já sabem disso os habitantes da localidade, que, para não soffrerem qualquer aggressão, não o derrubam, o que é uma segura garantia de suas propriedades, pois que os índios não consentem os ataques das outras tribus, considerando assim parentes os obedientes moradores.

Quando por acaso se dão lutas entre tribus e com civilizados, não se apoderam dos despojos do inimigo, inutilizam ou enterram.

Suas flechas são envenenadas por meio de uma massa preta, que elles conservam em uma tijella tosca de barro. Olham com certa repugnancia o indio que vive em aldeamento em contacto directo com os homens civilizados. Não raro exercem certa hierarchia entre elles individuos que, para obterem a prescripção de crimes que commetteram, fogem da acção da policia e se internam no sertão, conseguindo pela brandura e manha captar a confiança do indigena e viver no meio das tribus durante o tempo preciso para essa prescripção.

... São os Coroados e Guaranyes geralmente desconfiados.

Acompanham todos os movimentos dos trabalhadores ou dos viajantes a grande distancia por entre a densa vegetação das mattas do sertão, sem se deixarem perceber.

São bastante physionomistas, pois por vezes reconhecem os que lhes são obedientes e o que chamam parente, como os que os têm perseguido ou feito algum mal.

Se aquelles cahem em poder de outras tribus elles empregam seus bons officios para a sua liberdade, emquanto que para os outros tornam-se completamente indifferentes.

Existe entre os Coroados e Guaranyes um ceremonial para os casamentos e baptisados.

Vivem da caça e da pesca e não comem senão animaes mortos por elles.

Taes foram as informações que colhemos de pessoas antigas e respeitaveis de Baurú ácêrca das duas tribus que vivem em toda a zona que vai daquella localidade em direcção ao sertão de Cuyabá.

Ao Sr. Dr. Jorge Tibiriçá foi offerecida uma flecha dos Coroados no dia da inauguração do primeiro trecho da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Da solemnidade que teve esta inauguração e do geral contentamento que produzio na população de Baurú este acontecimento, que garante o progresso e o futuro daquella villa, já demos circumstanciadas noticias na nossa folha.

De regresso de Baurú, o Sr. Dr. Lauro Muller visitou as officinas da estrada de Ferro Sorocabana e teve occasião de examinar os serviços que a ella está prestando o seu actual Director Dr. Alfredo Maia.

Em S. Paulo, o Sr. Dr. Lauro Muller, acompanhado do Sr. Dr. Carlos Botelho, Secretario da Agricultura, e do General Uribe e Uribe, e representantes da imprensa, visitou as obras do serviço de canalização das aguas, fazendo-se a captação das dos ribeirões do Cabuçu e Barrocada. O plano que foi posto em execução pelo Sr. Dr. Carlos Botelho, Secretario da Agricultura, tem por fim abastecer a zona alta da cidade, por mananciaes altos, e as zonas baixa e média por mananciaes baixos. Para conseguir este resultado, elaborou o Engenheiro-Chefe da Commissão de Obras Novas, Sr. Dr. Betim Paes Leme, um projecto, em parte já realizado, e que permite trazer, com bastante economia, aos bairros do Braz, da Luz, e do Bom Retiro, aguas que não poderiam, sem auxilio de bombas, ser distribuidas ás zonas altas e cujo enorme volume de meio metro cubico por segundo permittirá um franco desenvolvimento da cidade pelas vastas planicies que a circumdam.

O projecto do Sr. Dr. Betim Paes Leme, na parte referente ao augmento do abastecimento nas zonas baixa e média, consiste na captação das aguas dos ribeirões Cabuçu e Barrocada, e sua adducção para uma torre de distribuição, cujo nivel ficará na cóta 750, o que permittirá o abastecimento de agua a toda a zona situada abaixo da cóta 735. Esta differença de 15 metros é ne-

cessaria e sufficiente para o abastecimento dos andares superiores das casas dessa zona.

Tratando-se de abastecer dous bairros distantes da cidade, um com 500 litros por segundo, outro com 200, o Dr. Betim projectou uma só canalização, ligando Santa Anna a uma torre de distribuição situada no Jardim da Luz, no limite dos dous bairros em questão.

Esta ligação será feita por um syphão de um metro de diametro e um milimetro de declividade.

A terra tem o objectivo de evitar que as variações do consumo produzam o *coup de belier* no syphão de um metro, e sustentar um pequeno reservatorio de cimento armado, do qual partirão tres linhas de 63 centimetros de diametro.

A primeira atravessa todo o bairro do Braz, seguindo a linha da S. Paulo Railway e termina com o mesmo diametro, em um reservatorio de compensação e accumulção situado em Macoca. Por meio desta linha ficarão ligadas todas as principaes canalizações das rêdes do Belemzinho e Ipiranga.

A segunda percorre o bairro do Bom Retiro, fazendo o serviço actual dos tanques da cantareira, abastecendo assim a grande zona por onde tende a desenvolver-se.

Esta segunda linha termina com o mesmo diametro em um reservatorio de accumulção e compensação, situado no fim da alameda Nathman.

A terceira linha, a que o projecto denomina—linha de sobras—abastecerá exclusivamente o jardim da Luz, e a Municipalidade poderá aproveitar esse abastecimento para a installação de magnificos jogos de agua, que poderá dispôr de uma altura de 15 metros.

No parecer do Sr. Dr. Betim as vantagens desta distribuição são as seguintes:

Durante as horas de pequeno consumo ou de consumo nullo, a agua que não encontrar sahida pelos encanamentos principaes, que sangram o cano mestre, irá alojar-se no reservatorio de accumulção.

Emquanto á differença de nivel entre este reservatorio e o reservatorio da torre pôz a differença maxima admittida no pro-

jecto, o cano de 25 pellegadas trabalhará com a sua maxima vasão—300 litros para o Braz.

A' medida que essa differença diminuir a despeza do cano irá diminuindo, até que o nivel do reservatorio da Macóca attinja tambem a cota 750, estabelecendo-se então o equilibrio estatico com a verificação do principio dos vasos communicantes.

As obras para este serviço de abastecimento acham-se já bastante adiantadas.

Até agora acham-se terminados 7.000 metros do aqueducto de cimento armado; o tunnel de Sant'Anna, de 100 metros, está já perfurado, devendo terminar em breve o movimento de terra que se eleva a 150 mil metros cubicos.

O tunnel de *Tucurucy*, cujo ataque foi retardado por uma demanda movida pelo proprietario dos terrenos, já está perfurado n'uma extensão de 120 metros.

O ataque está sendo feito, não só pelas boccas externas como tambem por um poço intermediario. A abertura do tunnel é feita interiormente numa possante camada schistosa, que necessita o emprego de dynamite.

Para a construcção do acqueducto foi preciso fazer uma estrada de 21 kilometros de comprimento no pequeno espaço de tempo de um mez.

Ao longo desta estrada subsidiaria existem 20 installações de lavagens de arêa. O transito da estrada é intenso; basta dizer que a importancia total que receberão dos empreiteiros os caipiras da região que effectuam os transportes se elvará a réis 300:000\$000.

A construcção do acqueducto e dos syphões é muito engenhosamente feita pela Companhia Mecanica e Importadora de S. Paulo, cujo Director tecnico, Dr. Schulmann, é lente de resistencia de materiaes da Escola Polytechnica.

A construcção da barragem de alvenaria de 15 metros de altura já foi iniciada, bem como a do reservatorio da Moóca e da torre de elevação situada em frente da Escola Polytechnica. Esta torre tem por fim isolar o grande syphão da cidade das linhas distribuidoras, evitando assim os arrebentamentos tão frequentes nos processos de distribuição directa e de que tanto soffre a zona alta da cidade.

A collocação do syphão da cidade acha-se quasi concluida, tendo já sido começada a construcção dos pontos de cimento armado sobre o Tieté.

As bombas elevatorias, destinadas a ligar as diversas zonas e permittindo o soccorro reciproco em caso de accidentes de sêcca numa das zonas, acham-se em viagem e rapida será a sua installação.

Todas estas obras, que depois de realizadas collocarão a cidade de S. Paulo em excellentes condições de abundancia de agua e fóra da contingencia das estiagens, estão orçadas em 4.400:000\$000 e foram contractadas com a companhia já acima referida.

1906.

PEDRO IVO

Não temos a intenção de narrar nestas linhas o memoravel acontecimento politico conhecido pela denominação de Revolução Praeira, na então provincia de Pernambuco, em 1848, tão bem descripto por varios e abalisados cultores da historia patria.

Possuindo alguns documentos e tendo obtido outros com relação ao mais popular dos chefes daquelle movimento, o Capitão Pedro Ivo Velloso da Silveira, entendemos dal-os á publicidade no dia de hoje, que assignala a data da sua originalissima e audaciosa fuga da fortaleza da Lage, onde ha 57 annos se achava preso.

Pedro Ivo nasceu na cidade de Olinda em 1811, sendo seus progenitores o Major Pedro Antonio Velloso da Silveira e Helena Perpetua da Silveira e progenitores por parte paterna, Pedro José Ivo Velloso da Silveira e D. Thereza Francisca de Albuquerque, conhecido aquelle por Pedro Ivo *Redivivo*.

Com precoce vocação para a vida militar, assentou Pedro Ivo praça no regimento de artilharia do Recife contando apenas 10 annos de idade, sendo aos 37 capitão.

Com este posto era tido no Exercito como official brioso, arrojado, patriota e exaltado politico, firme e intransigente nas suas opiniões liberaes.

Em 1848, commandava elle o destacamento militar da villa de Agua Preta, quando o seu partido foi apeado do poder, e elle demittido do cargo que exercia. Pedro Ivo não se conformou com essa demissão. Apaixonado em extremo nas convicções politicas e conseguindo licença para se demorar naquella Villa, reuniu elementos para romper em franca revolução contra o Governo da provincia.

Esforços foram empregados para subtrahir á sua influencia o destacamento que commandava, e ordens foram expedidas pelo Governo para que Pedro Ivo abandonasse a villa. Tudo foi em vão, e o valente militar atirou-se com impetuosidade e denodo nos azares de uma revolução, ostentando em todas as acções em que tomou parte inexcedivel coragem e nunca desmentida valentia.

Agua Preta, campo de seus heroicos feitos, que era municipio de Pernambuco, termo da comarca de Palmares, creada parochia em 16 de Junho de 1812, tendo por orago S. José da Agonia, havia sido elevada á categoria de villa em 31 de Março de 1846.

O valle do rio Una, em terreno mais ou menos plano, sendo a região em que se acha geralmente montanhosa, é regado por diversos rios, entre os quaes o Una, o Jacuhipe, o Preto e o Cruangy. Sólo fertilissimo, a sua lavoura era representada pela cultura de canna de assucar, de mandioca, de algodão, de milho, café, feijão; fazia tambem criação de gado.

Tão notavel e tão admirado era Pedro Ivo pelos seus companheiros de rebellião, pelo ardor bellico e impavidez nos combates, que foi elevado ao posto de brigadeiro dos revolucionarios e ao mesmo tempo nomeado commandante da 2.^a divisão do exercito, composta de duas brigadas, por acto do Conselho Director da rebellião, em 29 de Janeiro de 1849.

No ataque do Recife, a 2 de Fevereiro, Pedro Ivo commandou a divisão que accommetteu pelo sul e rompeu combate até o bairro de Santo Antonio, tomou as suas principaes ruas e quando se approximava do Palacio da Presidencia, cuja tomada era seu intento, encontrou tenaz resistencia.

Pedro Ivo, apesar de todos os esforços e arrojados surtos de coragem e de valor, foi desalojado da posição que occupava na rua do Sol, o que o obrigou a tomar nova posição nos largos do Carmo, Livramento e Penha e rua do Rosario, onde redobrava de intensidade a luta renhida e incessante.

Estava indecisa a acção, quando entrou na cidade forte columna sob o commando do General José Joaquim Coelho, que decidio da victoria em favor do Governo.

Tentou ainda Pedro Ivo a resistencia nas ruas da Ribeira, Concordia e Augusta, e cheio de fadiga, de desalento, pelos deno-

dados e inuteis esforços que empregára, abandonou o campo da acção, rodeando o Capeberibe pela Ilha Anna Bezerra, para retirar-se com a sua gente em demanda do sertão.

A 7 de Fevereiro reuniram-se as tropas liberaes, e o Conselho Director dos revolucionarios dando nova organização ao seu exercito, nomeou Pedro Ivo Commandante da 2.^a Divisão, composta de quatro batalhões e de forças de Engenho Verde e de Agua Preta.

Apezar de se ter collocado em vantajosas posições no sul da provincia, foi perseguido com constantes e repetidos ataques das forças do Governo, que novamente o obrigaram a internar-se pelas matas, acampando em terras do Engenho Verde.

Conhecia o Governo a tenacidade e o valor de Pedro Ivo e o quanto seria elle capaz nos esforços para sustentar a luta, e assim poz a premio a pessoa do patriota, offerecendo 8:000\$000 a quem o prendesse e 4:000\$000 se *por acaso* fosse morto no acto da prisão.

Pedro Ivo resistia superando todos os esforços, lutando sempre com indomavel coragem e morreria no ardor da campanha, se não fosse a intervenção do autor de seus dias. Pedro Antonio, o velho major, pai de Pedro Ivo, movido por sentimentos patrioticos e que por amor paternal ambicionava retirar seu filho das matas de Agua Preta, evitando que elle continuasse na rebelião, resolveu ir da Baria, onde residia, para Alagôas, no intuito de conferenciar com o filho, convencel-o a aceitar os seus conselhos e seus intuitos pacificos.

Em fins de Janeiro chegou o Major Pedro Antonio a Jachipe, dirigindo-se por carta a seu filho, na qual solicitava a designação de um lugar para conferenciarem.

Pedro Ivo, acquiescendo ás solicitações paternas, indicou o local denominado Japaranduba, e o Major Pedro Antonio partio para Rebingudo, onde se achava o Commandante das armas da provincia, para scientificar-lhe o resultado da missão que a si mesmo se impuzera.

Prevenido, pois, aquelle Commandante, Pedro Antonio tomou o caminho de Japaranduba com outros companheiros, mas ao se approximarem de Engenho de Gravatá uma guerrilha composta de gente de Pedro Ivo os atacou, sendo sobre o major atirado

diversos tiros, que o feriram levemente na perna direita com duas balas e mataram o cavallo em que montava, pelo que teve de retroceder. Não desanimou o velho major no seu proposito, cooperando mais tarde para que seu filho abandonasse a luta.

Pedro Ivo, depois de se ter convencido do insuccesso na continuação da luta, dirigio-se na charrua *Carioca* para Maceió, na provincia das Alagoas, em companhia de Miguel Affonso e mais cinco companheiros, e nos primeiros dias do mez de Março de 1850, seguiu para a Bahia, entregando-se juntamente com Miguel Affonso Ferreira, seu companheiro, e um escravo, ao Presidente da Provincia, Dr. Francisco Gonçalves Martins.

A 7 de Maio daquelle anno entrou no porto do Rio de Janeiro, procedente do Pará, com 26 dias e 9 horas e 4 dias e 16 horas da Bahia, o vapor *Bahiana* commandado pelo 1.º Tenente José Secundino Gomensoro, trazendo a seu bordo, além de sete outros passageiros, os seguintes, como consta da lista official do movimento do porto publicada pelo *Jornal do Commercio* no dia 9 do referido mez:

Dr. Francisco Gonçalves Martins, Presidente da Provincia da Bahia, sua esposa, quatro filhos e 17 *escravos*; Capitão *Pedro Ivo*, Tenente *Miguel Affonso Ferreira*, um escravo de Pedro, 61 praças para o Exercito, 17 para Marinha, Capitão-Tenente da Armada José Maria Rodrigues, 2.º Tenente José Antonio de Souza Taques, o escrivão da Armada Antonio Manoel dos Santos Moricy, os Tenentes Manoel Francisco Coelho de Oliveira Soares, Luiz Jeronymo e Ignacio dos Santos, o 1.º Cadete Pedro de Mello Souza Menezes e os 2.ºs José Joaquim de Figueiredo e Francisco Candido Rodrigues.

O Major Pedro Antonio, pelo mesmo vapor, enviou ao Deputado Carneiro da Cunha a seguinte carta, que, por este, mais tarde, foi lida no Parlamento:

“Ilm. Sr. e amigo. Bahia, 2 de Maio de 1850. Tomei seu conselho e parti para Pernambuco, e tive a fortuna de, retirando meu filho das matas, acabar com a desastrada guerra que desolava a nossa bella provincia. Elle ahi está na Côrte, para onde partio em companhia do Exmo. Sr. Martins, a alcançar do nosso Augusto Monarcha a amnistia que, lançando um véo sobre o passado bem triste, tambem corrija a todos os implicados na revolta

para o futuro. Portanto ahí o entrego, pedindo-lhe de o tomar como seu filho e fazer por elle, e por todos os outros, mesmo os sentenciados, pois este é o unico meio de acabar inteiramente com as dissensões, tudo quanto estiver ao alcance do seu prestigioso valimento. Meu amigo, conto com a sua protecção valiosa, e espero descansado que meus dias se escoarão pacíficos no remanso da paz, pelo seu empenho. Note que as suas palavras — que faz aqui — foram as que me animaram a partir; pois receioso não podia seguir os movimentos de meu coração porque temia tornar-me o algoz de meu filho. Assim, entrego-o á sua protecção. Eil-o ahí — ampare-o; eu lhe rogo. Adeus e disponha deste que tem a honra em assignar-se com a mais distincta consideração seu fiel amigo velho. — *Pedro Antonio Velloz da Silveira.*”

Pedro Ivo e Miguel Affonso foram recolhidos presos á Fortaleza de Santa Cruz, que estava sob o commando do Major graduado João José de Albuquerque Camara, tendo como auxiliares o Capitão Luiz Francisco Menna Barreto e Tenente Justiniano Luiz de Araujo; exercia o cargo de commandante das armas o General Antero José Ferreira de Brito.

Desconfianças de que Pedro Ivo premeditava fugir da fortaleza em meados de Dezembro de 1850, obrigaram aquelle General a tomar algumas medidas preventivas de qualquer tentativa nesse sentido e assim entendeu fazer retirar do destacamento da fortaleza as praças pernambucanas que alli se achavam Francisco Mendes Lopes, Lourenço Pereira da Silva, Antonio Pereira de Souza, Firmino Francisco Telles e Anastacio Ribeiro da Motta e ordenou severa vigilancia sobre Pedro Ivo.

O Tenente Justiniano, porém, tornou-se affeiçoado ao denodado patriota, de fórma que lhe fazia varias concessões, e entre ellas a de conservar encostada a porta da prisão durante o dia e permittir que Pedro Ivo della sahisse para receber o ar puro do mar. Tanto augmentou a sympathia pelo preso, que este conservava ás vezes em seu poder a propria chave da prisão.

No dia 3 de Maio de 1850 foi expedido pelo Governo Imperial o seguinte decreto:

“Usando da attribuição que me confere a Constituição politica do Imperio no art. 101, § 9.º, hei por bem decretar o seguinte:

Art. 1.º. São amnistiados, e ficam por isso em perpetuo silencio, os crimes que commetteram na ultima rebellião da provincia de Pernambuco os cidadãos constantes da relação que com este baixa, assignada por Euzebio Queiroz Coutinho Mattoso Camara, do meu conselho e meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça, uma vez que assignem termo, pelo qual se obriguem a residir fóra do Imperio por espaço de seis annos, em lugar approvedo pelo Governo.

Art. 2.º. Aquelles que quebrarem o termo assignado em conformidade do artigo antecedente, perderão por este facto o direito á continuacão do goso da amnistia. — Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, do meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça, assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de Maio de 1850, vigesimo nono da independencia e do Imperio. Com a rubrica de S. M. o Imperador. — *Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara.*

Relação dos amnistiados por decreto datado de hoje e a que elle se refere.

Pedro Ivo Velloso da Silveira.

Miguel Affonso Ferreira.

Palacio do Rio de Janeiro, 3 de Maio de 1850. — *Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara.*”

Igual decreto nos mesmos termos antecedia outra relação dos seguintes amnistiados:

José Cordeiro Leal Batinga, Pedro José Alves Corrêa, João dos Santos Lima, Laurindo Justiniano de Mello, Bernardo Allemão Coelho, Agostinho da Silva Guimarães Junior e Manoel do Nascimento Porto.

No dia 7 de Maio, á tarde, o Chefe de Policia, Conselheiro Antonio Simões da Silva, foi á fortaleza de Santa Cruz para notificar ao Capitão Pedro Ivo e a Miguel Affonso o decreto que lhes concedia amnistia.

Os amnistiados recusaram assignar o termo exigido no decreto, declarando não se sujeitarem á condição imposta de residirem por espaço de seis annos fóra do Imperio, em lugar approvedo pelo Governo.

O *Jornal do Commercio* de 9 de Maio noticiou que o Capitão Pedro Ivo declarara ao Chefe de Policia que, tendo recusado a amnistia com condições mais favoraveis que lhe fôra offerecida pelo Sr. Carneiro da Cunha, se apresentára á prisão na persuasão de que lhe seria concedida amnistia plena.

Na madrugada de 20 de Abril de 1851 fugio Pedro Ivo da fortaleza, como se observa pela seguinte noticia publicada no *Jornal do Commercio* de 21 e 22 do referido mez.

“O ex-Capitão Pedro Ivo Velloso da Silveira e mais quatro presos, dos quaes tres como aquelle já sentenciados, evadiram-se ante-hontem da fortaleza da Lage, onde estavam cumprindo sentença.

Sobre as circumstancias desta fuga nada de positivo podemos noticiar, porquanto o que por ora nos consta ter chegado ao conhecimento das autoridades é depoimento de praças da guarnição da fortaleza, em cuja exactidão se não póde com criterio confiar desde já.

Diz-se que o Major Commandante daquella praça viera ante-hontem, 20 do corrente, para a cidade, pelas quatro horas e meia da manhã, acompanhado do Alferes do destacamento, do almoxarife, dous soldados que servem de camaradas e de um escravo de Pedro Ivo. Que na occasião em que o official-ajudante, ás oito horas e meia da manhã, passava revista á bateria, o forriell do destacamento mandou tocar a rancho, e formando as praças que o compunham, as conduzio para a cozinha, como era de costume, e logo que as apanhou de dentro, fechou-lhes a porta, deixando-as ahi presas. Que dado este primeiro paço do premeditado plano, seguiu-se a prisão do ajudante, que substituiu o commandante em sua ausencia, sendo este, no momento em que descia do terraplano das baterias para recolher-se ao seu quartel, agarrado e encerrado na mesma prisão em que estava Pedro Ivo por um cadete Falcão, um outro sentenciado de nome Simpliciano e mais duas praças do destacamento. Que presos deste modo a guarnição e seu commandante, e tendo sido subornadas as sentinellas do portão, como foram as que vigiavam a Pedro Ivo, consummou-se a fuga, sahindo os presos em dous botes de aluguel, que os levaram para bordo de um navio que ia rebocado por um vapor. Antes de sa-

hirem da fortaleza rasgaram a bandeira, provavelmente para obstar a que com ella se fizesse o signal de soccorro.

As praças que ficaram presas na casa do rancho puderam arrombar a porta, e foi quando subiram ao terrapleno da fortaleza, para fazer signal de soccorro, que dizem ter visto embarcar os evadidos dos botes para o tal navio que seguia na direcção da barra, bem como que os ditos botes tomaram depois a direcção de Botafogo.

O vapor *Golphinho* sahio barra fóra assim que o Governo teve noticia do acontecimento; e revistou os navios que pôde encontrar, em nenhum dos quaes se achavam os evadidos.

Eis a relação dos dez individuos que acompanharam o ex-Capitão Pedro Ivo na sua fuga:

Cadete Falcão, sentenciado a quatro annos de prisão.

Outro cadete, natural de Pernambuco, que respondia a Conselho de Guerra.

Um sentenciado a prisão por toda a vida.

Simpliciano, condemnado a seis annos de prisão.

O forriell, um cabo e quatro soldados do destacamento.”

No dia 22, isto é, dous dias depois da fuga de Pedro Ivo, foi preso na rua de S. Pedro da Cidade Nova n. 53, onde era estabelecido com negocio de armarinho Antonio Nunes de Souza, em um dos aposentos da casa, Simpliciano, condemnado a seis annos de prisão, que se evadira com outros da fortaleza em companhia do patriota pernambucano.

Entre os papeis que pertenceram ao finado Conselheiro Pedro Luiz Pereira de Souza, que foi Ministro de Extrangeiros no Gabinete de 28 de Março de 1880, presidido pelo Conselheiro José Antonio Saraiva, achou-se uma memoria manuscripta com o seguinte titulo:

Narração da fugida de Pedro Ivo.

Aqui transcrevemos na integra essa noticia:

“Em 1850 era Manoel Luiz Barreto Falcão cadete do 1.º batalhão de fusileiros, e achava-se no Rio de Janeiro, na fortaleza de Santa Cruz, com os que guarneciam esta fortaleza, e outros — que ali se achavam, quando o Som de uma corneta annunciou

a aproximação de um escaler; e tiveram de ficar sorprendidos quando viram que o escaler trazia a seu bordo... quem?—O Capitão Pedro Ivo Velloso da Silveira! — Pedro Ivo vinha da provincia da Bahia, onde esteve com o respectivo presidente, o Conselheiro Gonçalves Martins, que concorreu e esforçou-se para que elle afinal depuzesse as armas; sendo medianeiro deste acontecimento o venerando pai de Pedro Ivo; que indo ás mattas de Catucá, em Pernambuco, onde este se achava, pôde conseguir sua rendição, sob promessa e condição de conseguir o presidente Gonçalves Martins amnistia do poder competente.

Veio, pois, ter Pedro Ivo á Bahia, em companhia de seu Pai, junctamente com outros seus companheiros, inclusive Miguel Affonso, onde eram esperados pelo Presidente Gonçalves Martins, que melhor communicou-lhes suas disposições e esperanças, relativamente á amnistia que conseguiria do Governo Geral; e assim, combinado tudo, demorou-se Pedro Ivo na Bahia para posteriormente seguir para o Rio de Janeiro, em companhia do referido Presidente Gonçalves Martins, tendo este, do occorrido dado parte ao Governo na Côrte; que, ficando á espera de Pedro Ivo, *para a sua recepção passou a dar a seguinte providencia: —* Mandou ficar ancorada uma pequena embarcação nas aguas da Fortaleza Santa Cruz com ordens de, quando chegasse ou passasse pela fortaleza o vapor que, chamado á falla, dissesse que trazia a seu bordo Pedro Ivo, o fizesse fundear; da referida embarcação sahiria um escaler que tomaria Pedro Ivo e o conduziria preso para a Fortaleza Santa Cruz. De facto chega o vapor, trocam-se fallas, parte o escaler, recebe Pedro Ivo e saltou este na Fortaleza, onde foi recolhido ao Estado-Maior, sendo-lhe designado o sobrado á esquerda ao entrar na Fortaleza; tendo vindo, em companhia de Pedro Ivo, Miguel Affonso, o Tenente Batinga (posto panho na revolta), ambos revoltosos, e o cabra Theodoro, escravo de Pedro Ivo; e ahi tiveram de aguardar a realização da promessa de Gonçalves Martins; que de certo não se descuidou, como se deprehende do que se passa a narrar.

Dias depois do occorrido apresentou-se na Fortaleza o Chefe de Policia, sendo portador de decreto de amnistia, que foi lido a Pedro Ivo e a seus companheiros ahi presentes, comprehendidos no decreto os dous referidos companheiros; quanto ao primeiro am-

nistiado, conservando-se-lhe o posto de Capitão, que era do Exército, e com ordem de seguir para o Pará, onde estacionaria por dez annos, o que sendo ouvido, recusou Pedro Ivo, sendo apoiado por seus dous companheiros, em vista da condição de degredo para o Pará;—declarou que a amnistia só podia ser aceita sem condições e, ainda mais, estendendo-se a seus companheiros de revolta, que ficaram nas matas de Pernambuco, do que lavrou um auto o Chefe de Policia e retirou-se a ir ter com o Governo.

Em consequencia do exposto, ordenou o Governo que Miguel Affonso e Batinga fossem removidos para Pernambuco e Pedro Ivo submettido a conselho de guerra, depois do de investigação!

Proseguiu o Governo em suas ordens, ao passo que o Conselheiro Gonçalves Martins esforçava-se para melhorar a sorte de seus protegidos, sem nada conseguir. Succediam-se os dias e todos estavam anhelantes por um desfecho, ao passo que só eram dadas providencias no sentido de tomar-se precauções para a completa segurança do preso. Para a Fortaleza foi mandado mais um official e foi reforçado o destacamento, ficando assim Pedro Ivo em plena segurança.

Mas... tambem se achava na Fortaleza o cadete Manoel Luiz Barreto Falcão, de quem dá noticia o principio desta narração, que tudo via, ouvia e sobre tudo cogitava, e arrebatado por seus principios politicos, protestou, em suas longas horas de silencio, empregar toda a sua astucia, força de vontade e energia em pról de Pedro Ivo, quer em defesa, quer em fuga deste, conforme se apresentasse oportunidade ou meio.

Por um acaso providencial foi Falcão sorprendido com a presença do Tenente Umbelino Alberto Campos Limpo, official designado para guardar Pedro Ivo, com o qual se tinha outr'ora encontrado Falcão na "Bateria 7 de Setembro". Conhecidos, portanto, de infancia, trocaram-se entre ambos os mais cordiaes cumprimentos. Lembrou-se Falcão, de momento, que Campos Limpo era liberal extremado; provocou com elle um dialogo concebido nestes termos:

F. — Tu, que sei que és liberal, és quem vens guardar a Pedro Ivo?

C. — Que fazer, se sou soldado!

F. — Sabes o que fará agora o Partido Liberal a favor de Pedro Ivo?

C. — Nada, que nada póde fazer um partido sem as posições.

F. — Pelo contrario, entendo que póde fazer muito.

C. — Mas o que?...

F. — Dar-lhe fuga.

C. — Falle baixo; dar-lhe fuga, e como?

F. — Por meio de uma sublevação, ou seducção das sentinellas.

C. — Não prosigas mais, dize-me onde é o teu quartel, eu apparecerei e melhor conversaremos.

Indicou-lhe Falcão o seu quartel, e á noite procurou-o Campos Limpo e disse-lhe: Muito bem, Falcão; disseste que o Partido podia dar fuga a Pedro Ivo, e o que se poderá fazer?

— Responde-lhe Falcão: O Pedro Ivo está preso no sobrado e este é fronteiro á muralha que deita para o mar, tendo uma sentinella á vista, unica responsavel; é preciso a todo custo seduzirse a sentinella, e esta descera com Pedro Ivo a muralha, por meio de uma escada de corda que se prepara, um escaler os receberá e os conduzirá até á cidade; e os amigos fazendo o resto, teremos o homem salvo.

C. — E quem será o homem que se encarregue da empreza?

F. — Eu.

C. — Pois bem, vou á cidade fallar com os amigos, aos quaes tudo exporei.

Separaram-se os dous para se tornarem a ver depois da estada do ultimo na cidade.

Dias depois annunciou a corneta escaler vindo da cidade; era o Campos Limpo que chegava, e que só á noite desse dia poudes estar com Falcão e dizer-lhe que tinha estado com Urbano Sabino Pessoa de Mello, que este aprovava a tentativa, prometendo conversar a respeito com Ottoni e Porfirio José da Rocha; que estes haviam de approvar, e recommendou-me (acrescentou Campos Limpo) que tu desses principio, dizendo ou pedindo o que preciso fosse.

Aa receber Falcão taes determinações, tratou de relacionar-se com diversos soldados que teriam de fazer sentinella a Pedro Ivo,

sondar a sahida pela muralha e a possibilidade de encostar o escaler.

Mas que fatalidade! Nesta mesma occasião o commandante da Fortaleza, Brigadeiro Amado, tratando dos meios de ter bem seguros Pedro Ivo, Miguel Affonso e Batinga, entendeu que não convinha ter perto destes o cadete Falcão, e em seguida o fez transferir para a Lage; levando Falcão, comsigo, o seu plano de fuga, ficando Campos Limpo na maior decepção e Urbano, Porfirio e Ottoni a *coçarem* as cabeças!

2.^a Tentativa — Passados poucos dias, mandou Urbano ao velho Cerqueira ter com o Falcão na Fortaleza da Lage, e ver se este se lembrava de outro meio de dar fuga a Pedro Ivo. Consultado Falcão, este disse de prompto que Pedro Ivo se dêsse por doente, afim de ir ter ao hospital dos Militares, no Castello, e que elle Falcão tambem lá havia de baixar *doente*, e, debaixo dos lençoes, descobriria o melhor meio de fugir Pedro Ivo, que então estava já sem os companheiros Batinga e Miguel Affonso, por terem estes seguido para Pernambuco afim de responderem ao jury.

Effectivamente deu Falcão parte de doente, baixou ao hospital, tomou suas medidas, estudou sahidas, reconheceu o pessoal alli existente e certificou-se de que sem o auxilio do enfermeiro nada poderia fazer; e por isso procurou fraternizar-se com o segundo enfermeiro, de nome Mello, e captando a amizade deste, aproveitou-se de uma occasião em que se vio só com elle e dialogou nestes termos:

F. — Amigo Mello, quanto ganhas como enfermeiro?

M. — Trinta mil réis.

F. — E' pouco e não vale a pena, principalmente sendo este teu emprego sem futuro. Ora, se és capaz de guardar segredo te proporcionarei um negocio todo vantajoso para ti.

M. — Juro-lhe guardar todo o segredo.

F. — Ouve: eu trato de dar fuga a Pedro Ivo e para isto me correspondo com Urbano, Ottoni, Porfirio e Salerno (empregado no Arsenal da Côrte) e lembrei-me de ti, considerando que Pedro Ivo póde baixar como doente a este hospital e, aqui, tu facilitar-lhe a fuga, fugir com elle e ganhares a consideração e estima de todo o Partido Liberal.

E com isso enthusiasmo-se Mello e prometeu fugir com Pedro Ivo, logo que elle baixasse ao hospital; assim preparadas as cousas pediu Falcão alta, voltou á Lage e fez com que Pedro Ivo se dêsse por doente; o que este fez e foi ter ao hospital.

Chegando, porém, Pedro Ivo á enfermaria, quiz o Diabo que estivesse como medico do hospital o Dr. Macedo, aparentado com Mancel Felizardo, Ministro da Guerra; e o tal medico, apenas avistou Pedro Ivo, correu a prevenir o Ministro e este não consentio que Pedro Ivo se *curasse* no hospital, fazendo-o incontinentemente regressar á Fortaleza, onde se medicaria.

Foi esta uma nova decepção para os que se esforçavam em dar fuga a Pedro Ivo, principalmente para Falcão, a quem taes contrariedades serviam de estímulo para porfiar em novas e mais atrevidas emprezas.

Neste interim constou a Falcão que Pedro Ivo, logo que melhorasse do incommodo *ficticio*, seria removido para a fortaleza da Lage, e teve Falcão o presentimento de que, "ipso facto", o escaler que conduzisse a Pedro Ivo para esta fortaleza, levaria a elle Falcão para a outra; e, em consequencia de tal procedimento, tratou Falcão de tomar algumas providencias ao seu alcance.

Era commandante do destacamento da Lage um sargento pernambucano; afoitamente Falcão se lhe dirigio nestes termos: "Sei que és liberal e és Pernambucano, e por isso não te poderá ser indifferente um acontecimento almejado e importante como será a fugida de Pedro Ivo", e vendo que o sargento não o repellia, pelo contrario, dava signaes de interesse, continuou: "É's o commandante do destacamento; Pedro Ivo vem preso para aqui e melhor que ninguem podes proporcionar-lhe fuga. Elle será recolhido a uma destas prisões do pateo, onde eu já tenho uma sentinella seduzida; esta, de combinação com a da bateria, que são as unicas durante a noite, ajudadas pela posição da fortaleza e por ti, como commandante, que poderás ter sentinella de tua confiança, a da bateria lança uma escada de corda para o pateo, pela qual sobem Pedro Ivo e a sentinella do pateo, que, reunidos com a sentinella da bateria, servem-se da mesma escada de corda e por ella descem todos para o cões de embarque, onde acharão embarcação anteriormente disposta por Urbano e outros chefes liberaes, com

quem tu irás fallar e melhor exporás o que commigo acabas de concordar, porque tu concordas, não é verdade, amigo ?

Dous dias depois, foi o sargento conferenciar com o Urbano, Deputado por Pernambuco, que ficou satisfeito e esperançoso; e de volta communicou a Falcão o resultado da entrevista. Quinze dias depois chegou Pedro Ivo á fortaleza da Lage e, conforme o presentimento de Falcão, teve este de ser dahi retirado, — mas deixando tudo bem planejado para os fins que tinha em mira. Foi mandado Falcão para S. João e ali aguardava noticia de se ter realizado seu plano; mas semelhante noticia nunca lhe chegava...

Nem podia chegar, porque o sargento não podia executar o plano de fuga, por falta de quem da cidade fosse, á meia noite, levar ás aguas da fortaleza um escaler para a conducção de Pedro Ivo; do que só veio a saber Falcão, por vir Cerqueira de S. João communicar-lhe, a *mandado* de Urbano, Porfirio, Ottoni e Silvano; e sendo o exposto ouvido por Falcão, este fez voltar Cerqueira com recado de que dispuzessem a fugida e prevenissem-lhe do dia, porque, nesse dia, elle, Falcão, iria em um escaler á Lage e conduziria Pedro Ivo. Voltou Cerqueira para a cidade, participou o occorrido, e transmittidas ao sargento as precisas ordens, tratou este de executal-as. Dahi a dias appareceu Cerqueira a Falcão, em S. João, disse-lhe que estava a fugida preparada, mas que era preciso Falcão ir neste mesmo dia á cidade, saltar no cáes Pharoux, onde encontraria pessoa que lhe daria as ordens finaes e lhe apontaria escaler para a execução naquella mesma noite; — ao que respondeu Falcão: pois no dia e quasi na hora é que me diz: — Aprompte-se e venha! São dez horas da manhã: onde acharei agora embarcação para achar-me no cáes Pharoux ás oito horas da noite, se aqui não ha escaler, nem canoas? Emfim é preciso: volte, diga aos homens que me esperem. A's 2 horas da tarde estava ainda Falcão ancioso por um transporte, sem encontrar; — sahio do quartel, sem destino, pelo caminho que da fortaleza se communica com os fortes que, collocados na barra, fazem parte da fortaleza; eis que com um caniço e cofo de pescar ás costas,—apparece-lhe Francisco, remador do escaler de S. João e muito seu conhecido; foi-lhe ao encontro Falcão e disse-lhe: Sei que vais pescar, meu bom Francisco, deixa-

te disto por hoje, que, para passares bem alguns dias, vais ganhar cincoenta mil réis.

— Como?

— Eu te tigo: Preciso hoje, ás 8 horas da noite, achar-me na cidade, no cães Pharoux, e para isso é necessario que tu ás 6 horas me leves em tua canôa. O tal Francisco vacillou, apresentou alguns obstaculos, porém, não podia resistir á logica dos 50\$, amenizada com as persuasivas palavras de Falcão, e, consequentemente, á hora aprazada, achavam-se Francisco e sua canôa no lugar denominado Fonte da Saudade, onde embarcou Falcão e seguiu em caminho da cidade, lutando com as difficuldades que se póde calcular, de semelhante trajecto em uma canôa pequenina, apropriada apenas para pesca, junto de terra. Chegando, finalmente, Falcão ao cães da cidade, ahi encontrou Umbelino Campos Limpo, que depois de saudal-o apontou-lhe o escaler que estava ás ordens de Falcão, e disse-lhe que fosse á Fortaleza da Lage, collocasse-se em distancia de poder ver uma luz que seria o signal dado por Pedro Ivo de achar-se prompto para fugir e embarcar; que, então, se approximasse, recebesse Pedro Ivo e o conduzisse para a praia de Santa Luzia.

Seguiu Falcão no escaler, approximou-se á Fortaleza, porém não vendo a luz indicada, que deveria apparecer á meia noite, e sendo já uma hora da madrugada, suppoz que já estivesse ella apagada, por se ter elle demorado, e então, sem perda de tempo, fez seguir o escaler para a fortaleza; porém, ao approximar-se, presentira, na casa do respectivo Commandante, que era na bateria, certo movimento, presagio de ter sido frustrado o plano da fuga, e em seguida ouviu a voz da buzina que perguntava — ó da embarcação? — Mandou Falcão que os remeiros perguntassem o que queriam da fortaleza. — Perguntou a buzina o que fazia a embarcação. Mandou Falcão responder que estavam pescando, e ordenou que fossem remando para fóra *de vagas a toda pressa*; ao mesmo tempo que a buzina replicou: — retire-se das aguas da fortaleza. — Era o que o escaler já estava fazendo por sua conta, com cuidado e presteza, em direcção á praia de Santa Luzia, conforme as ordens dadas. Chegando nesta praia, onde diversas pessoas esperavam Falcão e Pedro Ivo, e onde achavam-se postados guias e cavahadas que deveriam conduzir Pedro Ivo a Itaguay,

naquella mesma noite, tiveram de contentar-se com a triste descripção do occorrido que lhes fez Falcão. E ficou-se ainda Pedro Ivo na fortaleza, quando era anciosamente esperado em Itaguay, na fazenda do Commendador Manoel Martins Couto Reis.

Ora, tendo o canoeiro Francisco esperado por Falcão até ás 4 horas da madrugada para leval-o, de novo, a S. João, conforme as ordens deste recebidas, e não tendo Falcão apparecido senão depois desta hora, ficou Falcão sem meio de transporte para São João, e já sendo dia, sem poder ser elle visto na cidade!

Foi Falcão, sem perda de tempo, ao cás Pharoux, fretou um saveiro, e nelle seguiu para a Fortaleza de S. João; já perto della vio que não devia approximar-se, pois seria fazer saliente a sua falta, ou crime de ter sahido do posto, sem ordem; tomou o expediente de fazer o escaler mudar de rumo, seguiu barra fóra, e foi saltar na praia do Pão de Assucar; e ahi passou Falcão o dia, até que, favorecido pela noite, foi ter á Fortaleza, passou desconfiado pelas sentinellas e, chegando a salvo em seu quartel, ahi certificou-se que sua ausencia não tinha sido reparada; podendo então reconsiderar na decepção por que elle e os outros tinham passado com o facto de ter sido frustrado o plano tão habilmente concebido e posto em execução!

Não desanimou, porém, Falcão, e aguardando uma oportunidade, passaram-se dous mezes. Desappareceu Urbano da trama, por parecer-lhe impossivel a fuga; mas foi substituido por Francisco Salles Torres Homem, que tratou de animar os companheiros. Appareceu de novo a Falcão o *embaixador Cerqueira*, por mandado de Theophilo Ottoni e Torres, afim de combinarem um novo plano da desejada fuga; e, depois de larga conferencia, disse Falcão a Cerqueira: — Amigo, sem minha presença na Fortaleza parece-me que nada se fará e, como é de suppôr, nunca consentirão que eu esteja na mesma Fortaleza em que estiver Pedro Ivo; diga, pois, a Ottoni e mais pessoas interessadas na fuga de nosso homem, que apromptem trinta homens, ponha-os á minha disposição que eu ganho a Fortaleza da Lage, á noite, tomo Pedro Ivo e com elle me ponho em fuga; voltou Cerqueira a dar parte deste meio que Falcão se propunha a executar, no que não concordaram os amigos da empreza, entendendo ser uma te-

meridade, cujas consequencias podiam ser funestissimas; ficando, pois, ainda, aprazada a fuga.

Passados mais dous mezes, achavam-se Pedro Ivo na Lage e Falcão em S. João, não pensando, então, este em fuga daquelle, que tendo já sido condemnado a dez annos de prisão, se achava fechado em um calabouço na referida fortaleza da Lage; eis que deu-se um conflicto na fortaleza de S. João entre um filho do Commandante da fortaleza e Falcão, aquelle injuriou a este pelo que foi energicamente repellido; do que resultou considerar-se offendido o dito Commandante; entendeu-se, a respeito, com o General e obteve deste a remoção de Falcão para a fortaleza da Lage; o que teve lugar no dia immediato ao do conflicto.

Deu-se o caso, na occasião em que recebia Falcão ordem de seguir para a Lage, achar-se presente sua irmã D. Marianna Joaquina de Menezes Barrêto Falcão, casada com o Capitão Leopoldo Nabuco de Araujo, irmão do Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo, então Ministro da Justiça, por ter ido sua referida irmã visital-o; e como Falcão receiasse, que de novo, o fizessem sahir da Lage, pediu á sua irmã que, por intermedio do Conselheiro Nabuco, se conseguisse do Caxias, então Commandante das Armas, ficar elle Falcão definitivamente na Lage; o que lhe foi promettido.

Era o que queria Falcão em prol — da causa da fuga—; e ha mais tempo teria questionado com o filho do Commandante da fortaleza de S. João, se soubesse ser este o resultado. Sem perda de tempo, passou a communicar aos amigos da cidade esta occurrencia, e que aguardava ordens sobre a fugida de Pedro Ivo; fingindo-se aliás indifferente á sorte deste, procurando, até, convencer ao Commandante, ao ajudante e mais figuras da guarnição da fortaleza, de que suas idéas politicas eram contrarias; e, pilhando-os assim convencidos, certificou-se de que o homem podia fugir, sendo seduzido o soldado que fizesse sentinella; e que, estando seduzido, poderia abrir, ou consentir abrir com a chave falsa, a porta da prisão; o que feito, tendo se prevenido um escaler para o dia convencionado, realizar-se-hia a fuga. Passou Falcão a idéa aos interessados na historia, já bem conhecidos dos leitores, que aprovando-a trataram de mandar fazer a chave do Arsenal para o que servio o Salermo; para guia do escaler, servio o Cer-

queira. E prompto o escaler, bem como a chave, e tudo mais necessario estando em mão de Pedro Ivo que, por escripto, se communicava com Falcão, ainda desta vez frustrou-se o plano.

E' que todas as tentativas eram planejadas por Falcão, e as execuções entregues a outros; o que assim sempre succedia porque Falcão não se tinha disposto a acompanhar na fugida a Pedro Ivo, uma vez que julgava não ser isso preciso. Desta vez foi baldada a tentativa por facilidade de Pedro Ivo, que convenceram ao commandante que havia plano de fuga, pelo que duplicaram-se as cautellas e vigilancias por parte da guarnição.

Em taes emergencias, e, desapontado Falcão, concebeu elle o novo plano seguinte em que elle seria chefe e executor, fossem quaes fossem as consequencias. Verificou que na fortaleza havia uma guarnição de 31 praças e mais o Commandante Major Lobo, um tenente-ajudante, um almoxarife, um alferes-commandante do destacamento, um forriell, um Africano livre, que fazia o serviço da guarnição e alguns presos; ao todo quarenta e uma pessoas para se vencer e effectuar-se uma fugida de dia, afim de tornar soberbo o plano da evasão. Dirigio-se Falcão ao preso Luiz Antonio da Silva, sentenciado a galés e diz-lhe: "Estás sentenciado a galés, e sem esperanças de liberdade; entretanto se guardares segredo e prometteres fazer o que eu te disser, dar-te-hei a liberdade. De que se trata? Estou prompto. De dar fugida a Pedro Ivo; para o que estou preparando gente disposta para uma sublevação, fugindo os sublevados com Pedro Ivo e eu com todos, e seremos todos garantidos por pessoas poderosas. Abraçou o preso a idéa e prometeu ao lado de Falcão morrer, se fosse preciso. Respondeu-lhe este: por saber que és valente é que te procuro, uma vez que se me falhar o calculo, e necessitando bater-me, os adversarios são muitos e preciso quem me ajude; e bater-me-hei com quem se me apresentar, até vencer ou morrer.

Dirigio-se Falcão ao preso Sympliciano, faz-lhe igual proposta, que foi pela mesma fórmula abraçada.

Dirigio-se depois ao soldado pernambucano José Antonio, a quem fallou em nome do Partido Liberal, ficou satisfeitissimo com a resposta que obteve; o que o animou para ainda fallar ao cabo do destacamento, moço pernambucano, que por sua vez garantio a Falcão toda a sua lealdade. Era já alta

noite, recolheu-se Falcão a seu leito, aparentemente e para descansar ; mas ali é que elle mirava-se no espelho vivo de seus projectos e por um instante estremeceu ao contemplar que, havendo apenas quatro homens seduzidos, Pedro Ivo era o quinto e elle Falcão o sexto, era um numero muito limitado para surprender e vencer toda a guarnição, constantemente espalhada, com uma guarda constante e duas sentinellas; e diz comsigo:

“Se eu pilhasse, em certa hora, a todos juntos em um só lugar, como a cozinha...” era o que seria mister conseguir. Para isso lembrou-se de fazer uma rifa a 100 réis o bilhete, tendo por sorte grande uma boa calça de linho, cuja extracção deveria ser feita na cozinha com presença de todos que fossem possuidores de bilhetes, os quaes deveriam lançar os dados, e o que maior ponto fizesse seria o dono da calça; e a extracção deveria ser annunciada para uma occasião em que lhe fosse conveniente ter todos reunidos. Nos dias de domingo costumava haver missa na fortaleza, vindo para este fim, de madrugada, o sacerdote; e, concluida a missa, pela manhã, retirava-se para a cidade, indo com elle o commandante, o alferes, o almoxarife e um cabo de ordens, ficando o ajudante no commando; e então havia mais liberdade na fortaleza, porquanto o referido ajudante permittia até que se abrisse a porta da prisão de Pedro Ivo para este arejar (palavras suas). Convencionou Falcão com Pedro Ivo a sua fugida para domingo proximo, na occasião de extrair a rifa, que tambem foi annunciada para esse dia, exigindo Falcão de Pedro Ivo que este, calculadamente, se mostrasse extranho e indifferente a tudo, não dando passo algum, nem conversasse com os seduzidos se estes o procurassem, o que Pedro Ivo prometteu fazer. Após o exposto, pôde ainda Falcão persuadir em prol da empreza ao Cadete Pernambucano, e foi experimentar se a porta da cozinha girava sobre seus eixos com facilidade e se a chave era capaz de usar della com presteza; foi uma boa prevenção, porque teve de ver, a seu pezar, que além de estarem os eixos enferrujados e a chave quasi sem serventia, havia uma expressa camada de terra na soleira da porta, que a impedia de mover-se, tornando-se por isso indispensavel envolver na empreza o cozinheiro Marciano Cearense, para remover e vencer estas pequenas difficuldades; e foi facil a conquista do tal cozinheiro, porque Falcão sabia *prometter* á larga.

Dando-se as providencias precisas, removendo Falcão os obstaculos que se iam oppondo e aguardando o domingo proximo, pedio e obteve licença para ir á cidade, onde precisava expor aos chefes todo o occorrido e combinarem no final. Esteve com Ottoni, que silenciosamente tudo ouviu, sem fazer a menor observação, talvez por parecer-lhe impossivel que Pedro Ivo, ás dez horas da manhã do domingo da Resurreição, se puzesse com Falcão fóra da fortaleza, como este asseverava. Dirigindo-se Falcão ao cáes para ir para a fortaleza, encontrou-se com José de Assis Alves Branco, que, principiando a ouvir Falcão sobre o que se tratava, levou-o para um corredor; e depois de sciente respondeu-lhe: “E’ um plano temerario! E realizal-o de dia!? — Parente e amigo, sabes que sou auditor de guerra, e tenho a ponderar-te que deves ponderar bem a respeito. Tens paixão pela causa de Pedro Ivo; e, se te falharem os calculos, serás fuzilado, só Deus podendo salvar-te.” Replicou-lhe Falcão que nada temia. Abraçou-o Alves Branco, despedio-se e foi ter com os demais amigos, com os quaes naturalmente conversou a respeito. Da conferencia de Alves Branco com os demais, resultou quererem dissuadir Falcão da projectada empresa, por considerarem-n-a inexequivel; e para isso mandaram Cerqueira á Lage, acrescentando este que a insistencia daquelle importava querer perder-se e augmentar desgostos aos amigos e ao partido. Respondeu-lhe Falcão que por nada desistiria de seus projectos, e que então se apresentaria na cidade com Pedro Ivo e mais subalternos, embora ahí fossem todos presos, pesando a responsabilidade, da fortaleza para fóra, sobre aquelles que com elle trataram da fuga. Scientes os amigos desta decisão, mandaram por Cerqueira pedir a Falcão que viesse á cidade á casa de Salerno; dirigio-se Falcão ao ponto indicado e ahí encontrou-se com o Torres Homem, encarregado da conferencia. Ahí este apresentou áquelle o quadro das difficuldades e o castigo que estava-lhe eminente. Para livrar-se Falcão de mais reflexões, disse-lhe: — quando eu tiver de extrahir a rifa, prendo todos que estiverem commigo por meio de uma estrategia; eu, os seduzidos e Pedro Ivo abafaremos os que não estiverem presos, nada faltar-me-ha para chegar aos fins a que me propuz; prepare-se, pois, para dar-nos destino no domingo da Resurreição, ás 11 horas, quando chegarmos nesta cidade; e adeus. Partio Falcão, e Torres

Homem foi ter com Ottoni e disse-lhe que, pelo que ouvio de Falcão, a fugida de Pedro Ivo seria, em breve, um facto dado; pedindo-lhe Falcão apenas, ao despedir-se, uns jogos de pistolas, polvora, bala e algumas armas brancas, denominadas facas flamengas.

Ora, os objectos pedidos não foram remettidos a Falcão, porém este, prevendo isso mesmo, quando seguio para a fortaleza, de caminho, comprou pistolas a um armeiro, em uma loja facas, e em outra, polvora e balas; seguindo, assim provido, para a fortaleza, onde exerceu no restante dos dias a maior vigilancia, no sentido de fazer desaparecer todas as difficuldades.

Ainda por intermedio de Cerqueira pediu Falcão a Ottoni e Torres que tivessem promptos dous escaleres para domingo da Resurreição, pois que ás 6 horas da manhã desse dia receberiam uma carta delle, Falcão, no sentido de seguirem os escaleres para a Fortaleza e ahí chegarem ás 9 horas; sendo essa carta levada por Pedro, escravo de Pedro Ivo, que iria leval-a depois da missa.

Em seguida preparou Falcão a carta em que exigia a vinda dos escaleres, e, ao mesmo tempo, uma outra carta, em sentido contrario; a primeira para o caso de haver missa na madrugada do esperado domingo, e, depois da missa, terem se retirado para a cidade o commandante e os outros que assim costumavam fazer; a segunda, para o caso contrario, porque então nada se poderia fazer. Ficou, assim, tudo combinado; e já não exigiam de Falcão que desistisse da empreza. Dirigio-se Falcão a Marciano, o cozinheiro:—Senhor Marciano estamos em vespas de abalar-nos, e cada um para sua terra; hei de, na occasião, prender, na cozinha, todos os marrecos que não compactuam connosco, afim de nos deixarem o campo livre, vá, agora, V. Mcê. ver se a porta da cozinha já fecha bem, e á noite me dê parte; e, neste mesmo dia, Falcão teve occasião de examinar, elle mesmo, a dita porta e certificar-se de que Marciano tinha cumprido o que lhe foi ordenado. A porta fechava perfeitamente.

No sabbado, vespera da fugida, conversou Falcão com os sublevados, a cada um de per si, e determinou-lhes que tivessem todos os olhos nelle, no domingo, das 7 horas em diante, porque quando elle visse os escaleres approximarem-se, daria principio á rifa; e quando elle sahisse da cozinha, sózinho, é porque todos ficavam

presos ou, ao menos, grande parte da gente da guarnição e o momento era chegado.

Dirigio-se ao Simplicio e ao Cadete Pernambucano e disse-lhes:

“No domingo, pela manhã, quando Vmcs. me virem fechar a porta da cozinha, ficando presos os que lá se acharem, enquanto eu correr ao meu quarto para armar-me, Vmcs., que estarão já armados, corram ao ajudante, intimem-lhe que se renda á prisão, um apontando-lhe a arma ao peito, outro abraçando-o logo e o levando para o xadrez, onde está o Luiz Antonio, que é um bem reforçado xadrez; o que façam com toda a coragem e sangue frio”; e isso ficou combinado.

Em seguida, determinou Falcão ao cabo que, na hora aprazada, na ocasião em que elle fosse extrahir a rifa, na cozinha, e de lá sahisse, fechando a porta, fosse elle cabo ter com o Pedro Ivo, e com elle atacasse a sentinella que o vigia, prendendo-a no mesmo xadrez que servia de prisão a Pedro Ivo, recommendando-lhe coragem e todo cuidado em Pedro Ivo. A José Antonio e a Marciano recommendou que, na supra dita ocasião, convenientemente armados e de surpresa, atacassem a sentinella das armas e a intimassem a render sob pena de morrer e a conduzissem ao xadrez; e, passando a communicar a Pedro Ivo todas as providencias que estavam dadas, encarregou-o de reunir-se a elles, na ocasião aprazada, e proceder no sentido de effectuar-se a fuga.

Nesse interim é Falcão sorprendido com a noticia, que lhe deu o preso Luiz Antonio, de que este não podia fazer parte dos sublevados, e que o dispensassem. Respondeu-lhe Falcão que nunca o obrigou a isso e que, portanto, estava dispensado, pedindo-lhe sómente segredo para não se frustrar seu plano, que promettia o melhor resultado possivel. Replicou-lhe o sentenciado que guardaria todo segredo, mas que aconselhava a elle Falcão que se deixasse disso, por ser uma empreza arriscada e de pouco resultado, sendo que elle, apezar de galé, preferia ficar preso. Não desanimou Falcão se bem que muito receiasse daquella hora em diante uma traição por parte do referido galé. Felizmente, porém, de novo, este mesmo Luiz Antonio procurou a Falcão e perguntou-lhe se sempre punha em execução o *brinquedo* (palavras suas). Respondeu-lhe Falcão que não queria conversa e que se retirasse.

Replicou-lhe o Luiz Antonio: Pois a minha primeira obrigação era ver se o Sr., com a minha recusa, mudava de resolução; mas pelo que tenho observado é esta resolução inabalavel; — a minha segunda obrigação é acompanhal-o, por muito preciso, que sou galé, principalmente quando, em minha triste estrada da vida, tive a fortuna de encontrar-me com um salvador de tanta força e energia;—preciso, apenas de seu espadim e de um bom cacete; o que lhe foi promettido por Falcão.

Restava apenas a Falcão preparar algum cartuchame, embalado, e foi o que passou elle a fazer com suas proprias mãos, inclusive os cartuchos que deviam caber na arma do forriell, commandante do destacamento, para que o fez disfarçadamente e tomou a precisa medida, contando conquistar a este dito forriell, na hora precisa; o qual então ainda nada sabia, nem desconfiava. Devendo ficar o Luiz Antonio preso nò xadrez na noite de sabbado para domingo como nos demais dias, e querendo Falcão que elle ficasse livre por ser um dos seduzidos, usando de uma estrategia, conseguiu que o cabo deixasse a respectiva porta apenas cerrada e não fechada. Precisava tambem Falcão que nesta mesma noite o cabo dobrasse na guarda e que com elle ficasse o José Antonio, pois assim tinham a guarda enfraquecida, e isso conseguiu do forriell, que a tudo se prestou, ignorando o trama da fuga. E sendo já dez horas da noite, passou Falcão a fazer as duas cartas, já citadas nesta narração, uma em contrario da outra, para ser uma dellas entregue ao Torres Homem e este mandar ou não os escaleres, conforme a carta que recebesse; e feitas as cartas ficou Falcão esperando, velando até á madrugada, na expectativa de vir ou não vir o sacerdote que costumava dizer missa na fortaleza.

Finalmente, ás 4 horas da madrugada do domingo da Resurreição, dia 20 de Abril de 1851, annunciou a corneta a chegada do escaler, correu Falcão ao cáes, vio o sacerdote saltar e ir celebrar.

Emquanto o sacerdote exercia as suas funcções, entregou Falcão a Theodoro, escravo de Pedro Ivo, a carta dirigida a Torres Homem, em que pedia a vinda dos escaleres e seguiram para o ponto de embarque, Theodoro para ir ter á cidade e Falcão para assistir á partida do Commandante Major Lobo, Alferes

Souza e do cabo; enfim tudo, conforme previa e esperava Falcão, afim de tornar mais facil a sublevação.

Emquanto seguia o escaler, com os acima mencionados, inclusive o portador da carta, procedeu Falcão a um exame das lições dadas a cada um dos seus, e certificou-se de que todos tinham excellente memoria e seriam bons na execução; em vista do que poz-se á espreita dos escaleres esperados. Avistou, afinal, dous escaleres, na distancia de meio caminho entre a Lage e a fortaleza de Villegaignon, a dous remos cada um, que, pelo facto de, ora orçarem, ora arribarem, approximando-se sempre, concluiu Falcão que eram e não podiam deixar de ser, os esperados; e, consequentemente, desceu ao pateo da fortaleza, annunciou a extracção da rifa e, em um instante, reuniu na cozinha todos que tinham comprado bilhetes, anciosos pela *grande sorte, ou sorte grande!*

Achando-se ao redor de uma mesa os possuidores de bilhetes, isto é, a gente da guarnição que guardava Pedro Ivo, entregou Falcão a um delles tres dados para lançar e ver os pontos que fazia; e, querendo sahir deixando-os á espera, protestou não se dever lançar os dados á mão e por isso iria buscar um copo apropriado, evitando-se assim alguma esperteza no jogo, no que combinarem; retirou-se pois Falcão... em busca do copo... e, sahindo, fechando, ao sahir, a porta da cozinha, cuja chave mettu no bolso, ficando desta arte presos vinte e um homens! Feito isto entrou em seu quartel, que era proximo, armou-se e sahio para a execução de seu plano; tendo alguns já dado principio ao que se lhes tinha encommendado, e outros passando a assim fazer; de sorte que a Falcão, como o bom general, coube o prazer de presenciar o melhor desempenho de suas ordens, occupando-se em animal-os e louval-os pela coragem e sangue frio com que souberam haver-se.

Preso o ajudante no xadrez em que estivera Pedro Ivo, este solto; outro na prisão deixada por Luiz Antonio, dirigio-se Falcão ao corpo da guarda, que suppunha ter já se rendido á intimação de Marciano e de José Antonio, conforme as ordens dadas; porém, encontrou a dita sentinella em seu posto, de arma ao hombro.

E' que Marciano e José Antonio estavam ainda occupados em segurar no pateo alguns soldados, que estavam espalhados. Di-

dirigio-se Falcão, por isso, á dita sentinella, que estava de bayoneta calada, e disse-lhe: estás preso, entrega-te e apontou a pistola. A sentinella vacillou; replicou-lhe Falcão: entrega-te, não hesites, senão morres; e continuou: já a guarnição está presa, inclusive o ajudante; e tu has de entregar-te, e já, se não quizeres morrer. Já a sentinella se tinha entregado, quando apresentaram-se Pedro Ivo e Luiz Antonio, ordenando Falcão a este que conduzisse a sentinella para a prisão pelo mesmo deixada, acompanhando-os tambem Falcão, de arma em punho.

Feito o exposto, reuniu Falcão sua gente, dirigio-se com ella á porta da cozinha, onde estavam fechados os primeiros vinte e um homens; collocou sua gente em alas, distribuiu cartuchos, deu a voz de escorvar e carregar; frente armas, calar bayonetas, caminhar para a porta da cozinha; bateu, chamou a attenção dos presos e disse-lhes: Camaradas, trata-se da fuga de Pedro Ivo! E' a sorte grande que lhes annunciei. Estais presos; o resto da guarnição está tambem presa pela pequena parte que concorda na fuga de Pedro Ivo, sendo esta pequena parte sublevada por mim. Consolem-se com a sorte de sorprendidos, prestando-se assim á causa da liberdade e concorrendo para a salvação de Pedro Ivo, que é nosso amigo e Patricio. Elle, o defensor da liberdade, o brioso Pernambucano, foi preso traiçoeiramente! Era mister que nós dessemos a elle a liberdade! Os presos deram vivas ao Cadeite Falcão; disseram concordar na fugida de Pedro Ivo e que queriam accompanhal-o. Respondeu-lhes Falcão: Agradeço e louvo os bons desejos que manifestais; e sinto não poder consentir que nos acompanheis; mas isto é impossivel porque ha conducção sómente para oito companheiros; e seguir mais gente é comprometter a todos. Agradeço-vos, de novo; conformem-se e deixem-nos ir em paz. Em seguida, e em voz baixa, determinou Falcão aos companheiros que se fossem embora com Pedro Ivo, que elle iria logo depois; o que feito, chamou de novo a attenção dos que estavam presos na cozinha, e disse-lhes: como sabem, tudo fiz para dar fugida a Pedro Ivo; elle e os companheiros já se foram; eu aqui fico de sentinella guardando a porta: se algum dentre vós quizer arrombal-a, será victima do que eu fizer; e, silenciosamente, correu a embarcar-se, fechando ainda o grande portão que dá entrada para a fortaleza; de sorte que, se os presos

conseguissem arrombar a porta da cozinha, ainda assim estavam seguros na fortaleza. Chegando ao cáes para se embarcar vio Cerqueira, que tinha vindo em um dos escaleres; e tendo já seguido em um escaler Luiz Antonio, Simplicio, o Cabo José Antonio e Marianno por ordem de Cerqueira para o lugar determinado por Torres Homem, embarcaram-se no outro escaler Cerqueira, Pedro Ivo, Falcão, o forriell e o Cadete Pernambucano e foram desembarcar na praia de Botafogo em um lugar perto de S. Clemente.

Ahi acharam um carro para os conduzir, sendo estas ultimas providencias tomadas por Torres, Ottoni e outros, já conhecidos do leitor.

Deixaram-se conduzir pelo cocheiro, que fez o trajecto pela praia de Santa Luzia, largo do Paço, rua de S. José, rua da Carioca, rua do Piolho e outras até á Prainha, onde, ao chegar, encontraram o Torres Homem, que, recebendo-os os conduzio ao ponto de embarque em completo silencio. Ahi, olhando Torres para o mar, perguntou-lhe Falcão: — Que procura ver? — Um barco que nos conduza. — Não existe barco algum; para onde nos quer conduzir? — Para Nossa Senhora da Guia. — Avisitou Falcão um escaler, chamou, perguntou se queria leval-os á Nossa Senhora da Guia e foi ajustado o frete por 10\$000. Seguiram todos, a quatro remos, para o ponto supracitado, todos silenciosos, receiosos e assustados, inclusive o Torres, que tambem já corria risco de ser preso com os fugidos. Nesta anciedade, correndo Falcão os olhos para o lado da cidade do Rio de Janeiro, avistou um vapor ao longe, nas aguas do escaler que os conduzia, tratou de dirigir-se e conferenciar com os remadores nestes termos:

— Amigos, é hoje a festa da Guia?

— E' sim, senhor.

— A que horas acabará a festa?

— A's 2 horas mais ou menos.

— Pois bem, se vocês puxarem pelos remos, a ponto de lá chegarmos antes de terminada a festa, ganharão de gratificação esta moeda de ouro de 20\$000 e atirou a moeda para a prôa. Tomou o escaler dobrado impulso, á força de remos, tal é a fascinação do ouro; e de tal sorte, que apesar do vapor caminhar como é

de costume, o escaler afastava-se delle visivelmente e aproximava-se do ponto onde deviam saltar os fugitivos; isto é, na Estrella, lugar da praia de Nossa Senhora da Guia, onde o Torres Homem, de accôrdo com seu cunhado, o Dr. Bernardino, tinha disposto uma casa para recebê-los; devendo estar na praia á espera o Dr. Barcellos, para conduzi-los á dita casa.

Realmente, ao approximar-se o escaler da praia, foi visto nella um homem que, pelos seus movimentos, indicava estar esperando com anciedade; trajava de branco, era de aspecto estrangeiro, trazia guarda sol ao hombro e chapéo de Chile; era o Dr. Barcellos, conhecido unicamente pelo Torres Homem.

Seguiram todos com o Dr. Barcellos para a casa supracitada, ficando o escaler á espera; e desta casa, depois de algum descanso e de fazerem uma refeição, retirou-se o Torres para a cidade, partindo no escaler, que ficou á espera.

A' meia noite deste mesmo dia, retirou-se o Dr. Barcellos, para voltar dahi a pouco trazendo algumas roupas, com que, disfarçando-se os fugitivos, pudessem tomar destino, tendo já Pedro Ivo e o Cadete Pernambucano raspado as barbas e o bigode; trabalho este que não tiverem Falcão nem o forriel por serem imberbes; assim, uns mudando ou trocando chapéos e todo o mais fatos, de fórma a não serem conhecidos facilmente, seguiram todos a cavallo por onde o Dr. Barcellos os conduzia. A um quarto de legua de viagem encontraram-se com o Dr. Bernardino e dous criados deste, que vinham ao encontro dos fugitivos e auxiliar o Dr. Barcellos na tarefa de proporcionar meios de segurança de que aquelles precisavam; e depois de cumprimentarem-se, seguiram acompanhados do referido Dr. Bernardino até um lugar denominado Saracuruana, quasi matta virgem. Ahi disse-lhes o Dr. Bernardino: — Ficam Vosmecês, por hoje, aqui, até que amanhã sejam mandados para lugar que indicarmos; e seguiu com o Dr. Barcellos. Ficaram os fugitivos na dita mata por todo o restante da noite daquelle dia e por todo o seguinte dia até 10 horas da noite, hora em que appareceu-lhes o Dr. Barcellos, acompanhado de um major cujo nome se ignora, e estes conduziram aquelles para uma fazenda, onde permaneceram durante 15 dias, sendo-lhes proporcionado, alli, com profusão e, até luxo, tudo de que poderiam precisar, sendo visitados e frequentados por muitas

peessoas gradas do Partido Liberal, inclusive o Visconde de Barbacena, que forneceu-lhes uma dispensa sumptuosa; e, assim aguardaram ordens dos chefes do Partido, que deviam providenciar ácerca da remoção dos mesmos para fóra do paiz. Quinze dias depois da chegada a esta fazenda, seguiram para o lugar denominado Gambôa, na cidade do Rio de Janeiro, tendo sido feita a viagem durante a noite. Ahi passaram o restante da noite e o dia seguinte; e na noite deste dia, ás 8 horas, foram embarcados em uma canôa de voga e levados barra a fóra; a principio com prospera viagem, depois sendo victimas dos rigores de uma furiosa tempestade, de que milagrosamente escaparam com vida, tendo sido alagada a canôa, e foram ter na praia de Mangaratiba, onde desembarcaram; e ahi tendo sido esperados por um cavalheiro, sobrinho de Joaquim Breves, o mais rico fazendeiro do Rio de Janeiro, a quem iam recommendados, tomaram montadas e cavalgaram até á importante fazenda de nome Marambaia, pertencente ao mesmo Joaquim Breves, onde, passando vida deliciosa, esperaram mais de um mez as ultimas determinações sobre o destino que teriam. Afinal determinaram os chefes que seguissem os fugitivos para a America, no que não concordou Pedro Ivo, que insistia em seguir para Pernambuco.

Foi resolvido, em vista disso, que seguissem para Pernambuco Pedro Ivo e o cadete Pernambucano; e, finalmente, seguiram outro destino Falcão e o forriell.

Tomada esta resolução foi despachada uma barca genoveza, que, em viagem para Genova, parasse na Fazenda Marambaia e recebesse os dous primeiros fugitivos e deixasse-os em Pernambuco, embarcando-os em qualquer jangada que apparecesse, a qual os levaria em algum ponto conveniente da cidade de Pernambuco. Por uma fatalidade chegou a barca genoveza na fazenda Marambaia em um dia em que tinha ido em um passeio o cadete Pernambucano, perdendo este, assim, esta occasião de seguir viagem, seguindo, portanto, sómente Pedro Ivo; cabendo por sorte ao referido cadete de seguir, posteriormente, por terra, até á referida cidade de Pernambuco. Na barca genoveza seguio Pedro Ivo, acompanhado do escravo Theodoro. Ora, estando Pedro Ivo doente, aggravaram-se os seus incommodos na vespera da chegada

da barca na fazenda da Marambaia, sendo-lhe, pois, forçoso embarcar neste estado.

E qual foi o seu fim?...

Morreu em viagem, já nas aguas da cidade de Pernambuco, sua terra natal e pela qual extremecia. Foi sepultado no oceano, depois do cortejo do estylo, do que, a bordo, foi lavrado o competente auto.

.....
O escravo Theodoro seguiu para Genova, onde viveu annos, regressando, depois, para o Brasil, a esforços de Falcão. E este, o campeão denodado desta narração historica, cujo assumpto, se fosse desenvolvido por uma habil penna, tornar-se-hia interessante, teve de, sósinho, lutar com a sorte do fugitivo errante e perseguido, pelo longo periodo de seis annos, nos sertões das provincias deste Imperio, passando por peripecias e phases bem notaveis, dignas de descreverem-se ao menos em uma outra narração do porte desta.

Falcão foi finalmente amnistiado. Teve occasião, depois, de ouvir do proprio Theodoro o final da molestia, morte e destino dado ao cadaver de Pedro Ivo: — e elle Falcão vive presentemente na provincia da Bahia, Villa de Itaparica, onde presta e prestará serviços ao seu partido e ao paiz, se delle necessitar; e vive um pouco orgulhoso de si, pelo simples factó de conhecer alguma cousa deste mundo, praticamente fallando-se.

Em 28 de Março de 1884”.

Contaram-nos que o carro que recebeu Pedro Ivo na praia de Botafogo foi guiado por João Duarte de Moraes, fallecido ha cerca de oito annos em S. Paulo e pai de um famoso desordeiro desta Capital de nome Adolpho de Moraes.

João Duarte, que tambem no seu tempo de mocidade havia sido valentão e cabo de guerra do partido liberal, exerceu nesta cidade o emprego de reparador de molduras e durante muitos annos trabalhou como modelador no *atelier* do estatuário Almeida Reis.

Sobre a morte do revoltoso Pernambucano varias são as versões que correm. Uns dizem que effectivamente succumbira á molestia a bordo do navio em que embarcara; outros, porém, pretendem que elle foi assassinado e jogado ao mar entre a Bahia e

Pernambuco. Uma lenda que corre impressa, affirma a segunda versão, designando até o lugar em que o atiraram ao mar — a Bahia da Traição.

Os feitos e as façanhas de Pedro Ivo têm sido celebradas em prosa e verso pelos mais notaveis poetas e escriptores nacionaes, sobresahindo entre as poesias que lhe foram dedicadas, esta de Alvares de Azevedo:

Perdoai-lhe, Senhor! elle era um bravo!
 Fazia as faces descorar do escravo,
 Quando ao sol da batalha a fonte erguia,
 E o corcel gottejante de suor
 Entre sangue e cadaveres corria!
 — O genio das pelejas parecia...
 Perdoai-lhe, Senhor!

Onde mais vivo, em peito mais valente,
 N'um coração mais livre o sangue ardente
 Ao fervor desta America brilhava!
 — Era um leão sangrento que rugia,
 Da guerra nos clarins se embriagava
 E vossa gente pallida recuava
 Quando elle apparecia!

Era filho do povo! o sangue ardente
 A's faces lhe assomava incandescente,
 Quando scismava do Brasil na sina...
 Hontem — era estrangeiro que zombava,
 Amanhã — era a lamina assassina,
 No cadafalso a vil carnificina
 Que em sangue jubilava!

Era medonho o rubro pesadello!
 Mas nas fronte venaes do genio, o sello
 Gravaria o anathema da historia!
 Dos filhos da nação a rubra espada
 No sangue impuro da facção ingloria
 Lavaria dos livres na victoria
 A mancha profanada!

A fronte envolta em folhas de loureiro
 Não a escondemos, não!... era um guerreiro!
 Despio por uma idéa a sua espada!
 Alma cheia de fogo e mocidade,
 Que ante a furia dos reis não se acobarda,
 Sonhava nessa geração bastarda
 Glorias... e liberdade!

Tinha sede de vida e do futuro:
 Da liberdade ao sol curvou-se puro
 E beijou-lhe a bandeira sublimada!
 Amou-a como a Deus e mais que á vida!
 — Perdão para essa fronte laureada,
 Não lanceis á matilha ensanguentada
 A aguia nunca vencida!

Perdoai-lhe, Senhor! Quando na historia
 Vedes os reis se coroar de gloria,
 Não é quando no sangue os thronos lavam
 E envoltos no seu manto prostituto
 Olvidam-se das glorias que sonhavam!
 Para esses maldição! que o leito cavam
 Em lodaçal corrupto!

Nem sangue Ratcliffs o fogo apaga
 Que as fronte populares embriaga,
 Nem do heróe a cabeça decepada
 Inunda, envolta em pó, no chão da praça,
 Contrahida, amarella, ensanguentada,
 Assusta a multidão que ardente brada
 E thronos despedaça!

O cadaver sem bençãos, insepulto,
 Lançando aos corvos do hervaçal inculto,
 A fronte varonil do fuzilado,
 Ao somno imperial co'os labios frios
 Podem passar no escarneo desbotado,
 Ensanguentar-te a seda ao cortinado
 E rir-te aos calefrios!

Não escuteis essa facção impia
 Que vos repete a sua rebeldia...
 Como o verme no chão da tumba escura
 Convulsa-se da tréva no mysterio,
 Como o vento do inferno em agua impura
 Com a bocca maldita vos murmura:
 “Morra! salvai o imperio!”

Sim, o imperio salvai, mas não com sangue!
 Vêde — a patria debruça o peito exangue
 Onde essa turba corvejou, cevou-se!
 Nas glorias do passado elles cuspiram!
 Vê-de — a patria ao pretão ajoelhou-se,
 Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se!
 Elles a prostiruiram!

Malditos! Do presente na ruina
 Como torpe, despida Messalina
 Aos apertos infames do estrangeiro
 Traficam dessa mãe que os emballou!
 — As almas descritas do sonhar primeiro
 Venderiam o beijo derradeiro
 Da virgem que os amou!

Perdoai-lhe, Senhor! nunca vencido,
 Se em ferros o lançaram foi trahido!
 Como o Arabe além no seu deserto,
 Como o corvo no páramo das relvas
 Ninguem os trilhos lhe seguira ao perto
 No murmurio das selvas!

Perdão! por vosso pai! que era valente,
 Que se batia ao sol co'a face ardente,
 Rei — e bravo tambem e cavalleiro
 Que da espada na guerra a luz sahia
 E ao troar dos canhões intumescia
 O peito do guerreiro!

Perdão, por vossa mãe, por vossa gloria,
 Pelo vosso porvir e nossa historia!
 Não mancheis vossos louros do futuro!
 Nem lisonjeiro incenso a nodoa exime!
 — Lava-se o polluir de um leito impuro,
 Lava-se a pallidez do vicio escuro,
 Mas não se lava um crime!

Publicamos ainda, sem, entretanto, poder affirmar a sua inteira veracidade, o seguinte:

Auto do fallecimento do Capitão Pedro Ivo Velloso da Silveira

“No anno de 1852, dia terça-feira, 2 do mez de Março, a bordo do... na lat. 7.º 7' sul e long. 36.º,1' oeste de Pariz: eu, Capitão, estando presente a maior parte da tripulação, declaro que foi escripto e approvedo como só e unica verdade o que se segue, isto é:—Aos 8 dias do mez de Fevereiro de 1852, domingo, ás 6 horas da manhã, pouco mais ou menos, estando na... recebemos a bordo o Sr. Pedro Ivo Velloso da Silveira em companhia de um seu criado com destino a...

No sabbado, 14, o supramencionado Sr. Pedro Ivo, se acha incommodado e, segundo elle diz, e mesmo pelo que parece, soffre de asthma, suffocação de peito e dilatação de bofes (se é propria a expressão), accrescentando o mesmo que já outras vezes tinha sido accommettido de igual molestia, motivo porque tinha lhe sido aconselhada esta viagem de mar. Terça-feira, 17, dito, se bem não se possa dizer que o doente esteja mais grave, comtudo soffreu bastante. Aos 19, o enfermo está em sévera dieta e toma um banho afim de alliviar. De 23 a 24, o doente apresenta symptomas espantosos de inchação no estomago e nas pernas. De 24 a 25, dito, além dos já mencionados, o nosso doente declara ter-lhe sobrevindo uma erysipela nos testiculos, os quaes estão despropositadamente inchados. De 26 a 27, pouco ou nada come o doente, á excepção de algum caldo, e diz achar allivio em beber cerveja; a inchação em todas as partes é espantosa. De 27 a 28; hoje o Sr. Pedro Ivo apresenta certo estado de melhoramento, tendo menos inchação e com physionomia mais alegre, assim

como por ter tomado alguma sôpa em nossa companhia. De 28 a 29, o doente se acha de novo bastante incommodado, particularmente nas partes baixas, sendo aterrador o desenvolvimento da inchação. De 29 de Fevereiro ao 1º de Março, esteve toda a noite o tempo em borrasca, relampagos, trovões, céu nublado, horizonte escuro e ameaçando chuvereiro de 4.º quadrante, vento impetuoso e variavel de N. E. a N. O., chuva fortissima e com intervallos.

A's tres horas da manhã, o tempo continuou da mesma forma, e ás quatro, pouco mais ou menos, o doente ou pela força do mal, ou tambem pela densidade da athmosphera, queixa-se fortemente e de uma maneira extraordinaria, e finalmente pelas 4 horas e 45 minutos da manhã, do 1º de Março, vencido pela dor, cessou de existir, estando presente toda a guarda da direita. Portanto hoje, 2 de Março, dia de terça-feira, ás 4 horas e 22 minutos da manhã achando-se presente toda a tripolação assim como o passageiro Sr. F. . . , depois de verificado e feito constar, que o corpo do que foi o Sr. Pedro Ivo, esteve pelo espaço de cerca de 24 horas sem movimento, e como cadaver, depois de preenchidas as formalidades com religioso recolhimento, foi descido ao mar: *sic transit gloria mundi*.

Do que eu F. . . piloto, a pedido do Capitão, que não sabe lêr nem escrever, lavrei este auto em clara e intelligente voz ás' supramencionadas e abaixo assignadas testemunhas. (Segue a assignatura de cruz do Capitão e as assignaturas das testemunhas, etc.)”

Ahi ficam estas ligeiras notas sobre os ultimos dias da vida accidentada do celebrado patriota pernambucano, — notas que outros intuitos não têm senão o de lembrar uma data da historia patria, tão opulenta de episodios interessantes e de salutaes lições de civismo, de valor e de patriotismo.

UMA HEROINA DA GUERRA DO PARAGUAY

Completoou ante-hontem 79 annos de idade a Sra. D. Ludovina Porto-Carrero, viuva do General do Exercito Hermenegildo de Albuquerque Porto-Carrero, agraciado depois pelo Governo Imperial com o titulo de Barão do Forte de Coimbra.

D. Ludovina é uma reliquia gloriosa da fatal campanha que, durante cinco annos, o Brasil sustentou contra o dictador do Paraguay, General Solano Lopez, e que foi iniciada com o apresamento do vapor brasileiro *Marquez de Olinda* e o cerco do Forte de Coimbra.

Nasceu a veneranda matrona brasileira a 8 de Novembro de 1828. Casou, na idade de 13 annos, com o heroe que defendeu, com acendrado valor e patriotismo, o longinquo forte situado á margem do rio Paraguay e cujo nome é o seu titulo de nobreza.

Teve a nossa patricia 11 filhos e 5 filhas, dos quaes vivem apenas quatro varões e duas respeitaveis senhoras, uma dellas professora municipal, esposa do Sr. Dr. Luiz Pedro Drago, e outra esposa do Sr. Paulo Martins, 1.^o desenhista do Lloyd Brasileiro. E teve já a satisfação de assistir ao nascimento do representante da sua quarta geração, o filho de sua bisneta, hoje viuva do Coronel do Estado-Maior do Exercito Tito Porto-Carrero.

Um dos nossos companheiros foi hontem visital-a, solicitando da veneranda senhora informações sobre o ataque do forte de Coimbra, commandado então por seu esposo, o General Porto-Carrero.

Antes de ouvir a veneranda senhora sobre a interessante pagina da nossa historia, já tão conhecida, indagou o redactor do *Jornal* da sua saude.

— Observo, disse o nosso companheiro, que V. Ex. está

forte, conserva toda a lucidez de espirito e promette-nos ainda uma existencia longa.

— Que forte ! respondeu. Estas pernas já não querem andar como eu desejaria. Entretanto, alimento-me bem e sinto-me bem disposta.

— E da vista como vai passando?

— Mal. Uma das cataratas que me atormentam póde ser operada; a outra precisa mais algum tempo.

— Faça a operação na que já está em condições.

— Não faço tal. Seria soffrer duas vezes assim, prefiro esperar que as duas fiquem em estado de animar-me a esse sacrificio de uma só vez.

— Diga-me: ainda se lembra do episodio do ataque ao forte de Coimbra?

— Se me lembro! Tenho vivamente gravadas na imaginação todas as peripecias daquelle horror que durou tres dias e tres noites!

— Como se deu o facto?

— Eu lhe vou contar: Nos jornaes que recebiamos de Corumbá, liamos noticias de aterrar. Inquirimos ao Carlos Augusto, Commandante das Armas, e elle nos dizia que tudo aquillo eram rompantes de hespanhol. Porto-Carrero foi mandado tomar conta do forte, para o que desse e viesse.

— Estava bem armado o forte?

— Qual ! Porto-Carrero mandou arrazar algumas edificações para facilitar o recúo de meia duzia de canhões velhos, estando o Forte municiado com um unico tiro. Polvora, havia em quantidade. Porto-Carrero pedio munições, mas foi-lhe dada a mesma resposta — que era tudo uma simples hespanholada. Prevendo que, de um dia para outro, o Forte viria a ser atacado, resolveu fazer aquisição de peças de algodão, que eu, com as mulheres que viviam no Forte, fomos convertendo em saccoes para carga.

— E as armas?

— Havia as de Menié, mas o cartuchame era o de 17, de pederneira.

— Como fizeram para utilizal-o?

— Lançámos mão de todos os documentos do archivo, para fazer cartuchos; e as balas, nós as achatavamos até o ponto de

poderem servir nas Meniés. Afinal, o Carlos Augusto, a muita instancia, mandou-nos 2.000 cartuchos pelo vador *Inhambahy*, que com o *Alpha*, apoiavam o Forte..

— Como e quando se deu o cerco e onde se achavam homens e mulheres?

— Porto-Carrero sempre receioso, mas decidido, resolveu fazer exercicios de tiro para adextrar os poucos soldados de que dispunha, mandando collocar um alvo na margem opposta á frente do Forte, no dia 24 de Novembro...

— De que anno?

— De 1864. Os soldados começaram a atirar, conseguindo varar o alvo. Nessa occasião procuraram refugio no Forte cerca de 20 indios Caduéos, com os quaes as fileiras da guarnição subiram a 110 homens mais ou menos.

— E as mulheres?

— Eram umas cincoenta.

— De maneira que os homens eram commandados por seu esposo e as mulheres por V. Ex...

A veneranda patricia sorriu-se e no seu olhar semi-apagado pela enfermidade e pelos annos ainda fulgio um lampejo daquelle genio varonil da digna companheira do heroico general.

— Eram sim! respondeu com certo calor e enthusiasmo.

— Como se deu o ataque?

— Os Paraguayos fizeram descer pelo rio nove chatas cobertas de mato e tripuladas. No morrote á rectaguarda do Forte começaram a apparecer tropas. Parece que foram attrahidas pelo troar dos tiros dados nas occasiões dos exercicios. Eram 11 horas da manhã do dia 26 de Dezembro, quando pela frente, pelos flancos, pela rectaguarda, era o forte atacado a tiros de canhão e de fuzil, por mais de 5.000 homens. Foi um horror! Os nossos homens correram a postos; nós as mulheres dirigimo-nos para a capella do Forte. Todas as nossas joias e atavios foram depositadas aos pés de N. S. do Carmo, padroeira do Forte. As mulheres exigiram-me a banda militar de meu marido. Mande-lh'a pedir, Com ella, cingimos a cintura da imagem. Depois, em linha, começamos a fazer saccos de polvora e procedendo ao esmagamento das balas, para que estas pudessem servir nas armas Miniés.

— Então a aggressão foi inesperada?

— Não. Depois do desembarque um official, acompanhado de praças, atravessou o rio e veio parlamentar com meu marido para se render. Meu marido desceu com seu estado-maior para receber esse official e, depois de ler o officio, respondeu: “Os soldados brasileiros não se rendem; morrem, cumprindo o seu dever.”

— Bella resposta.

— O senhor conheceu meu marido e sabe de quanto era capaz.

— Depois?...

— Sim, depois foi que se deu o ataque. As balas choviam; os obuzes cruzavam-se, mas as nossas orações em louvor a Santa Catharina, padroeira dos combatentes, como que impediam que explodissem, victimando os nossos. Houve paredes rachadas de alto a baixo, com o embate dos obuzes, mas nem um só explodiu!

— Houve assalto ao Forte?

— Meu marido mandou abrir um fosso, pouco profundo, por detrás do Forte, para impedir o assalto dos soldados inimigos que guarneciam o morro, depois de já terem tomado conta do torreão do alto. Os que se aventuravam a chegar até alli, morriam, victimas da sua temeridade, ou eram mutilados nas mãos a golpe de machadinha. A' noite, depois de acalmar a peleja, meu filho Americo, que tinha então 15 annos...

— Que é hoje reformado com a graduação de coronel, não é assim?

— Sim. Americo sahia com alguns homens, para melhor recolher os feridos, que meu marido mandava medicar e alojar na enfermaria. Quando fugimos, deixámos dous cadaveres de Paraguayos á porta do Forte e cerca de nove feridos na enfermaria.

— Não dormiram durante aquelles tres dias e noites?

Qual! era uma vigilancia constante. Os Paraguayos não investiram contra nós, porque metade dos nossos homens manobrava na artilharia e fuzilaria, cuja fumarada encobria o alto do Forte, ao passo que a outra metade era empregada em simular de muita gente, caminhando, formada, de um para outro lado, descendo e subindo pelo interior do Forte.

— Como assim?

— Marchavam apressadamente de um lado para outro, por baixo das arcarias expostas do fundo do Forte, de maneira que o

inimigo, que estava no morro, vendo aquelle cordão continuo de soldados aos magotes, acreditava que o Forte estava bem guardado. O ardil foi bom, porque assim pudemos resistir tres dias e tres noites, sem perder um só homem; e, se não resistimos mais, foi porque, ao terceiro dia, só tínhamos agua para beber e não havia um só genero de alimentação.

— Foi então que o marido de V. Ex. resolveu abandonar o Forte ?

— Sim. Depois de encravar todas as peças, de atirar ao rio o que poude de barris de polvora e de arrecadar a chave do portão e a bandeira, reunio a guarnição, que, aos poucos, foi passada, á noite, para bordo do vapor *Inhambahy*. Elle foi o ultimo a abandonar o Forte. Só depois é que se deu por falta do carpinteiro do Forte, que, embriagado, ficara a dormir debaixo do proprio banco de trabalho.

— Havia então alcool no Forte ?

— E então? Como animar os homens em tão difficil transe? Dous dias depois, o carpinteiro conseguira fugir e contou que, estando o inimigo a fazer um fogo terrivel contra o Forte, elle amarrou um pedaço de panno em um páo e hasteou a improvisada bandeira na amurada da bateria. Só então foi que os Paraguayos se arrojaram ao assalto do Forte.

— Admira como não o mataram?

— Elle usou do stratagem de declarar ao official que o commandante o tinha deixado no forte para cuidar dos Paraguayos feridos, pois que era enfermeiro.

— Houve ainda um outro episodio com o seu filho mais novo, que então tinha poucos mezes de nascido?

— E' verdade. Começou a chorar no acto da nossa retirada do Forte, de maneira que podia chamar a attenção do inimigo. Aconcheguei-o ao peito, para amamental-o e o fiz tão nervosamente que consegui suffocar os gritos. Não sei como não morreu. Os soldados embarcaram para o vapor *Inhambahy* apenas com 20 tiros cada um. Seguimos para Corumbá, onde meu marido foi preso, para responder a conselho de guerra. O Ministro da Guerra de então, Conselheiro Ferraz, declarou que seria uma honra para elle sentar-se no mesmo banco de accusado em que tinha de sentar-se meu marido.

— Que resolveu o Conselho.

— Absolveu-o, e o Governo Imperial agraciou-o com a commenda da Ordem do Cruzeiro. Meus filhos estavam sem roupa; só tinham a do corpo. Com saccos que tinham servido a farinha, preparei roupas para todos, antes de chegar a Corumbá. Ahi foi necessario darem-me roupas para poder desembarcar, em tão deploravel estado se achava o vestuario que eu trazia.

— Depois, que houve mais?

— O que houve foi meu marido ficar durante 25 annos no posto de Coronel, porque apoiou a politica do nosso primo o Barão de Aguapehy, na eleição para Senador. Veio para o Rio, depois seguimos para o Amazonas e de lá regressei a esta Capital. Meu marido foi combater na revolta de Pernambuco, ao lado do Governo, contra seus proprios conterraneos.

— Em que condições pecuniarias a deixou o seu bravo esposo, ao morrer?

— Deixou-me o meio soldo apenas, uns 220\$ mensaes. Mais tarde o Congresso, reconhecendo o grande serviço que elle prestára á Patria e a maneira nobre com que se portára no ataque do Forte de Coimbra, concedeu-me uma pensão, visto como não tenho monte-pio.

O nosso companheiro demorou-se ainda algum tempo em interessante palestra com a illustre patricia, que, apezar de alquebrada pela idade, conserva fiel a memoria e o espirito cheio de lucidez.

Na parte official que o Coronel Paraguay Vicente Barrios enviou ao Ministro da Guerra sobre o ataque do Forte de Coimbra, procura exaltar o valor dos seus commandados, descrevendo todas as praticas de guerra que poz em execução para a tomada do Forte. Confessa, porém, a habil e valorosa defeza que empregou o Coronel Porto-Carrero e a bravura dos que, sob o seu commando, resistiram durante tres dias e tres noites.

Além da força numerosa de que se compunha o inimigo, tinha elle o auxilio poderoso de diversas canhoneiras bem artilhadas.

Nos *Dados Historicos*, da Guerra do Paraguay, escriptos pelo General Francisco Resquim, faz este a confissão de que as forças paraguayas foram por vezes rechassadas pelos combatentes brasileiros, apezar do seu numero relativamente insignificante.

UM FEITO MEMORAVEL

A RESISTENCIA DO FORTE DE COIMBRA

O assalto do forte de Coimbra na zona fronteira de Mato-Grosso foi o primeiro feito da guerra do Paraguay e a heroica defesa daquella despercebida praça o augurio da gloriosa serie de combates e victorias que teve o seu termo nas margens do Aquidaban.

O dictador Solano Lopez presumia, e não era então temeraria a sua presumpção, que a invasão de Mato-Grosso e a conquista dos vastos territorios brasileiros que elle cobiçava, não passaria de um passeio militar, de empreza facil e de rapido desfecho.

Para o dictador do Paraguay, o Exercito brasileiro não passava de "cabides de armas" enfileirados nos arsenaes e nos quartéis e arrolados nos relatorios officiaes. Venceu-os, entretanto, o patriotismo, a constancia e o valor do povo brasileiro, como mais de meio seculo antes o irresistivel poder do conquistador da Europa se despedaçara de encontro aos povos da decadente Hespanha.

A guerra do Paraguay foi dolorosa surpresa para a pacifica e quieta nação brasileira, que recebeu quasi com a noticia do brutal aprezamento do vapor *Marquez de Olinda*, a nova de que os gratuitos inimigos haviam soffrido, com o primeiro assalto, o primeiro revéz. Um punhado de soldados, em fortim levantado para conter selvícolas, sem munições, tendo de manipular-as ás pressas, debaixo do fogo dos assaltantes, fez parar um exercito de 5.000 homens adextrados, valentes e capitaneados por um chefe esforçado.

A gloria do Tenente-Coronel Porto Carrero e dos seus valentes soldados mais cresceu com a insufficiencia, com a fraqueza dos seus elementos na desarmada fortaleza de longinquo sertão. Foram grandes aquelles dias de Dezembro de 1864; as mulheres

repetiram junto dos maridos e dos filhos as proezas das esparciatas de outr'ora.

O espirito guerreiro da nossa raça despertou subito com a subita aggressão dos Paraguayos.

A defesa do forte de Coimbra dando tempo á construcção das linhas de Melgaço, salvou Mato-Grosso, orientou a guerra para plano seguro de exito, mostrando aos inimigos que a quietação do povo brasileiro não lhe extinguiu a coragem nem a tenacidade na guerra.

Recordar os feitos destes dias é mais que lembrar a gloria que deve a nação brasileira aos heróes que nelles pelejaram; é firmar com os fastos nacionaes, exemplos de patriotismo em que devemos sempre haurir a força e a esperança nas horas de angustias, nos momentos de provação por que venha a passar a nossa patria.

Buscando na historia escripta, servindo de tradição real dos que sobrevivem áquelles combates, a narração e os episodios que os marcaram na memoria popular, procuro contribuir com um contingente, insignificante na fórmula mais valioso pelos factos, para marcar mais um anniversario do ataque do forte de Coimbra e da gloria que alli deixaram Porto Carrero e seus valentes companheiros.

Governava em 1772 a então Capitania de Mato-Grosso o Capitão General Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, que durante cerca de 17 annos prestara áquella Capitania os mais alevantados serviços em prol do seu progresso e engrandecimento.

Repetidos eram os ataques dos indios, que ferozmente se entregavam a toda a serie de depredações, pelo que D. Luiz resolveu organizar energica resistencia contra os selvagens e como melhor meio e mais efficaz foi fundando estabelecimentos nas localidades onde mais frequentes se tornavam as correrias.

Fundou em 1773 o registro do *Insua*, nos limites de Goyaz, e no anno seguinte o do *Jaurú*. Em 1775 o presidio e forte da *Nova Coimbra*, no rio Paraguay, e em 1776 o forte *Principe da Beira*, no Guaporé; *Vizeu*, o presidio de *Albuquerque*, o de *Mondego*, o de *Villa Maria*, o de *S. Pedro*, etc.

Em companhia de D. Luiz veio de Portugal o capitão de infantaria Ricardo Francisco de Almeida Serra, habil engenheiro.

Dentre estas construcções de defesa estabelecidas por D. Luiz, a de *Nova Coimbra* destaca-se pela sua valorosa historia, desde o inicio da sua fundação.

Mal acabara de ser construido o forte e presidio, foi este acommettido por um incendio, do qual só se salvou o deposito da polvora. Reparavam-se os estragos occasionados pelo inesperado incendio, quando a guarnição do presidio foi atacada traiçoeiramente pelos indios Guaycurús, sendo victimada grande parte della, retirando-se os selvagens incolumes, com os despojos que colheram.

Em 1801, quando novamente estava reconstruindo-se o forte, foi elle acommettido por uma esquadrilla hespanhola sob o commando de D. Lazaro Rivera, Governador do Paraguay.

Compunha-se a frota de quatro sumacas de dous canhões por banda e vinte canôas tripuladas por 600 homens.

Rivera dirigio ao commandante do presidio Tenente-Coronel Ricardo Franco a seguinte e arrogante intimação.

“Hoje á tarde, tive a honra de contestar o fogo que V. S. fez desse forte, e tendo reconhecido que as forças com que vou immediatamente atacal-o são muito superiores ás de V. S., não posso ao menos vaticinar-lhe o ultimo infortunio; porém, como vassallos de S. M. C. sabem respeitar as leis da humanidade, ainda no meio da mesma guerra; portanto, peço a V. S. se renda ás armas del Rey meu amo, pois, do contrario, a canhão e á espada decidirei da sorte de Coimbra, soffrendo sua desgraçada guarnição todas as extremidades da guerra, de cujos estragos se verá livre V. S. se concordar com a minha proposta, contestando-me categoricamente esta no prazo de uma hora. A bordo da goleta *Nossa Senhora do Carmo*, 17 de Setembro de 1801. — *Lazaro de Rivera*”.

O Capitão Ricardo Franco com a dignidade propria de um militar bravo, respondeu pelo mesmo emissario que “sendo sempre a desigualdade de força um estímulo que animava os Portuguezes para não abandonarem seu posto e para o defenderem até sepultarem-se debaixo de suas ruinas, nesta resolução mantinham-se os que se achavam no presidio.”

Refere o Barão de Melgaço na sua historia de Matto-Grosso que “o presidio de Coimbra não tinha outra artilharia senão uma peça de calibre um, e a sua guarnição compunha-se apenas de 110 praças, pela maior parte bisonhas e mal municidas.

Não obstante a exiguidade dos meios de defensão, o commandante Tenente-Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra portou-se com denodo, e o inimigo retirou-se com algumas perdas, depois de oito dias de baldados esforços para apoderar-se do forte.”

Estava segurado a este forte representar saliente papel na historia brasileira, de fórma a bem affirmar a coragem civica, o patriotismo e valor heroico daquelles que o guardavam vigilantes, como previdentes defensores do territorio e da propria honra da patria.

Em Dezembro de 1864 o dictador Solano Lopez, que presidia a nação paraguaya fez circular a seguinte proclamação aos corpos expedicionarios do norte:

“Soldados — Foram estereis os meus esforços para manter a paz. O Imperio do Brasil, mal conhecendo o nosso valor e entusiasmo, provoca-nos á guerra; a honra, a dignidade nacional e a conservação dos mais caros direitos nos mandam accital-a.

Em recompensa da vossa lealdade e grandes serviços fixei sobre vós minha attenção, escolhendo-vos entre as numerosas legiões que formam os exercitos da Republica, para que sejais os primeiros a dar uma prova de valentia das nossas armas, recolhendo os primeiros louros que devemos reunir aos que os nossos maiores puzeram na corôa da patria, nos memoraveis dias de Paraguay e Taquary.

A vossa subordinação, disciplina e constancia nas fadigas me respondem pela vossa bravura e brilho das armas, que ao vosso valor confio.

Soldados e marinheiros. Levai este voto de confiança aos vossos companheiros que das nossas fronteiras do norte hão de se vos reunir; marchai serenos ao campo da honra, recolhei gloria para a patria e honra para vós e vossos companheiros; mostrai ao mundo quanto vale o soldado paraguayo. — *Francisco Solano Lopez.*”

No dia 15 de Dezembro largaram de Assumpção os vapores de guerra *Taquary*, *Paraguay*, *Igurey*, *Rio Branco* e *Ypora*, rebocando tres goletas e duas lanchas canhoneiras conduzindo a infantaria e artilharia dos corpos, compostas de quatro batalhões de infantaria com 800 homens cada um, 12 peças raia-das e foguetes á *Congréve* de 24.

O Governo brasileiro teve então sciencia de que esta numerosa expedição, ao mando do coronel Vicente Barrios, depois de receber mais um corpo de cavallaria de mais de 1.000 homens em Concepcion, se dirigia a tomar o forte de Coimbra, de onde marcharia para a cidade de Corumbá.

Soube ainda o Governo que outro exercito de 5 a 6.000 homens, principalmente de cavallaria e com seis peças de artilharia, sob o commando do coronel Resquin, do acampamento da Bella Vista, situado nas fronteiras do rio Apa, se destinava tambem a Corumbá, onde se reuniriam as duas expedições para internar-se na provincia de Mato-Grosso.

Em 27 de Dezembro, exactamente ha 43 annos, as hostes do dictador Solano Lopez profanavam o solo brasileiro, invadindo militarmente a então provincia de Mato-Grosso.

Ao inopinado aprezamento do vapor *Marquez de Olinda*, em 12 de Novembro, de cujo bordo foi brutalmente arrancado para ser mettido a ferros Carneiro de Campos, que em viagem se dirigia para aquella provincia afim de tomar posse do cargo de Presidente, deu-se em acto continuo a invasão do nosso territorio, iniciando o dictador suas operações com o bloqueio e consequente assedio do forte de Coimbra.

Para a boa comprehensão da epopéa que foi a defesa desse pequeno baluarte, perdido nos confins do Brasil, á margem direita do rio Paraguay, confiado á indomavel energia do mais tarde Barão do Forte de Coimbra, o heroico Tenente-Coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, torna-se necessario succinta descripção do recinto do forte e da topographia do local em que elle se erguia desde os tempos coloniaes.

Com o auxilio da veneranda viuva do illustre militar e de seu filho Americo, que a esse tempo teria seus 15 annos e hoje nobilita o Exercito nacional no posto de coronel, daremos aqui uma pagina historica do assalto ao forte de Coimbra, comme-

morando assim o anniversario de um glorioso feito que honra a nossa patria e que servirá de justa homenagem á memoria dos que souberam defender tão brava e tão heroicamente.

Os alicerces do forte de Coimbra assentam-se á margem direita do rio Paraguay, sendo toda a linha de muralhas da frente e flancos banhada pelas aguas desse estuario. Solido portão de madeira, chapeado de ferro, dá communicação para o rio.

A rectaguarda é apoiada na base de um morrote pouco elevado, em cujo cimo existe, fóra do recinto, um torreão de vigia que lhe fica a cavalleiro, cerca de 200 metros.

Os flancos fazem frente para terrenos em pequeno declive a encontrar as margens do rio. Em todo o perimetro da primeira bateria, é o forte de fórma quadrilonga, a segunda bateria acompanha os accidentes do terreno do morrote, formando seteiras de contorno irregular até fechar o recinto.

No dia do assedio a primeira bateria tinha 8 canhões de alma longa, sendo 3 de calibre 32 e 5 de 24, dos quaes apenas 4 funcionavam. A segunda bateria estava artilhada apenas com um canhão de bronze dos tempos coloniaes, cujo calibre não excedia de 5 cent., não funcionando por imprestavel.

Era este o estado do forte de Coimbra por occasião do estremecimento das relações politicas entre o Paraguay e o Brasil. Por ordem do Governo, o então Presidente da Provincia, General Alexandre Manoel Albino de Carvalho, determinou ao commandante das armas, coronel Carlos Augusto de Oliveira, que fizesse guarnecer a nossa fronteira com as forças que tivesse disponiveis em Corumbá.

O então Tenente-Coronel de engenheiros Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero recebeu ordem para marchar com o batalhão de artilharia de Mato-Grosso, afim de guarnecer o forte de Coimbra, procurando com os meios ao seu alcance, collocar-o em condições de resistir contra qualquer tentativa de aggressão.

O futuro heróe da lendaria defesa do forte partio a 27 de Outubro rio abaixo e desembarcou a 23 no forte.

Com as forças do seu commando foi recebido pela guarnição existente no forte, sob a chefia do Capitão do Estado-Maior de segunda classe Benedicto Jorge de Farias, que, com as formalidades do estylo, lhe entregou a cidadella.

Depois desta cerimonia, o capitão Benedicto em conversa disse a Porto Carrero que no dia 16 de Setembro dous Paraguayos tinham procurado asylo no forte, sob a protecção da bandeira brasileira, dizendo-se desertores do destacamento da villa de Concepcion, cujo commandante os maltratava com excessivo rigor.

Depois de algumas semanas, em meados de Outubro, esses dous desertores desapareceram do forte. O capitão Benedicto mandou procural-os pela circumvizinhança na persuasão de que tinham sido victimas de algum accidente de caçada de onça ou que se tivessem afogado ao tomarem banho no rio.

Estas duas pretendidas victimas do commandante do destacamento da villa da Concepcion eram simplesmente dous ousados espiões, que, depois de bem estudarem as condições do forte, serviram de guia ás forças sitiadas.

O credulo capitão Benedicto fôra illudido em sua boa fé pelos suppostos desertores, um de nome Romero e o outro Rosario.

Mais tarde, ao anoitecer, por occasião do assalto ao forte, a 28 de Dezembro, quando o Tenente João de Oliveira Mello e Americo Porto Carrero dirigiam o serviço de remoção de feridos de dentro do pequeno fosso, ao sopé da segunda bateria á retaguarda do forte, uma praça da antiga guarnição chamou o Tenente Mello e apontando para um cadaver de Paraguayo, disse:

— Olhe, commandante, o Romero, que aqui se apresentou como desertor e que fugio com o seu companheiro Rosario.

Já contando com grande difficuldade e falta de pessoal para desobrigar-se da sua espinhosa commissão, fez-se Porto Carrero acompanhar de oito operarios para differentes serviços, inclusive o da montagem dos canhões nas respectivas carretas e sua collocação na bateria.

Dadas as ordens nesse sentido, fez Porto Carrero arrasar edificações cujas paredes difficultassem o recuo dos canhões, bem como mandou restaurar seteiras que se achavam em ruinas. Para defender a retaguarda do forte ordenou a abertura de um fosso, mas este trabalho foi logo abandonado por terem as excavações dado em pedra e não haver elementos para ser concluido tão importante meio de defesa das muralhas da segunda bateria, que eram excessivamente baixas.

Passou Porto Carrero a inspeccionar os paiões de munição, encontrando polvora em barris e balas para artilharia. Quanto á munição para armamento portatil, só existiam balas de chumbo do adarme 17, typo belga, ao passo que os fuzis a empregar eram typo Menié, adarme 12.

Immediatamente reclamou munição de fuzil e material para o preparo de saccos de polvora para artilharia.

Carlos Augusto respondeu-lhe que não se preocupasse com isso, porque tratava-se apenas de fanfarronadas hespanholas. Porto Carrero, sempre cauteloso, insistio e a muito custo recebeu 2.000 tiros de fuzil, mandando por conta propria comprar algumas peças de algodãozinho para preparar os saccos.

E bem avizado andou o previdente militar.

Não confiando na proficiencia do seu pessoal de artilharia, ordenou que se fizessem exercicios praticos de tiro, mandando formar um grande alvo com a estrutura feita de páos cortados nas matas, coberto com couro secco, bem distendido e caiado de branco, tendo no centro o competente olho de boi em tinta preta.

Este alvo foi por elle pessoalmente collocado a cerca de tres quartos de legua na margem do rio, opposta ao forte, aguas abaixo.

O dia 25 de Dezembro foi um dia festivo no forte de Coimbra. O nascimento do Redemptor do mundo foi solemnizado pela manhã com uma ladainha rezada pelas mulheres na pequena capella do forte; á tarde realizou-se solemne procissão e da meia noite em diante foi celebrado o Natal com animados cantos, dansas, etc.

Começaram os exercicios de tiro em principios de Novembro e o ultimo foi realizado na manhã de 26 de Dezembro, sendo por vezes o alvo attingido, com grande satisfação do valente soldado.

Parece que o troar dos tiros desse exercicio attrahio a esquadriha paraguaya encarregada da invasão.

Espessa cerração cahia então sobre as adjacencias do forte no dia 27.

A's 8 horas da manhã a sentinella de vigia veio dar parte ao official de estado de estar fundeada uma esquadriha paraguaya no porto, proximo á curva do rio, no flanco direito do forte, que ainda estava com as obras de defesa incompletas.

Sciende do occorrido, Porto Carrero mandou tocar a postos a distribuir o pessoal sob o seu commando pelos differentes pontos em que a defesa lhe parecia mais efficaz.

Reconhecendo a gravidade do caso e que as fanfarronadas de que fallava Carlos Augusto eram uma triste realidade, avaliou em rapido relance de olhar de experimentado engenheiro militar a situação terrivel em que se achava, dispondo apenas de 110 homens para a defesa de um forte em que tinham confiado á sua guarda não só a honra da patria, como a vida de sua esposa e seis filhos menores e a de um punhado de companheiros de classe.

Mandou immediatamente abrir as portas do carcere dos sentenciados a galés, exhortou-os á sahida, convidando-os a defender a patria contra a inesperada e affrontosa invasão do estrangeiro, certo de que o Governo saberia galardoar tão assignalado serviço de patriotismo.

Esses, até então reprobos sociaes, responderam ao denodado militar com estrondosas aclamações, pedindo armas, e com ellas em punho, expondo temerariamente a vida nos parapeitos da cidadella, redimiram os crimes que expiavam com provas de coragem, de civismo e de valor.

Eram elles em numero de 18, e como já se achavam no forte 20 indios Caduéos, sob a chefia do *capitão* Lapoja, e mais 9 paizanos, isto é, os 8 operarios e o filho de Porto Carrero, a que já nos referimos, ficaram as forças defensoras elevadas a 157 homens, commandados por Porto Carrero.

As mulheres de officiaes e praças, cerca de 70, sob a chefia da digna esposa de Porto Carrero, a Sra. D. Ludovina de Albuquerque, recolheram-se rapidamente para a capella do forte em orações e ahi começaram a trabalhar no preparo de saccos para polvora e esmagamento das balas de chumbo de calibre 17.

Por volta das 9 horas da manhã destacou-se um escalér parlamentar da capitanea da esquadrilla paraguaya, composta do *Taquary*, com seis bocas de fogo; *Paraguay*, com quatro; *Igurey*, com cinco; *Iporá*, com quatro; *Jejuy*, com duas; *Salto Oriental*, com quatro, e *Pirabebe*, com uma, rebocando cada um uma chata artilhada com um canhão de oito pollegadas, sob o commando em chefe do então Coronel Vicente Barrios, cunhado do Dictador Lopez.

O parlamentario fez entrega a Porto Carrero do seguinte *ultimatum* intimando-o a render-se no prazo de uma hora:

“Viva a Republica do Paraguay! A bordo do vapor de guerra paraguay *Igurey*, em 27 de Dezembro de 1864.

O Coronel commandante da divisão de operações do Alto Paraguay, em virtude de ordens expressas de seu Governo, vem tomar posse do forte debaixo do vosso commando, e, querendo dar uma prova de moderação e humanidade, intima a V. S. para que dentro de uma hora o entregue, pois, ao contrario, expirado esse prazo, passará a tomal-o á viva força, ficando a guarnição sujeita ás leis do caso. Entretanto, espera a vossa contestação o de V. S. attento servidor. — *Vicente Barrios*. — Ao Sr. Commandante do forte de Coimbra”.

Respondeu-lhe Porto Carrero, o denodado cabo de guerra, sem medir as consequencias da disparidade de forças, 5.500 homens e forte esquadilha de apoio contra 157 sem artilharia, sem munições e sem armamento portatil, nestes termos:

“Districto militar do Baixo-Paraguay, no forte de Coimbra, 27 de Dezembro de 1864.

O Tenente-Coronel Commandante deste districto militar, abaixo assignado, respondendo á nota enviada pelo Sr. Coronel Vicente Barrios, commandante da divisão em operações no Alto-Paraguay, recebida ás 8 1/2 horas da manhã, na qual lhe declara que, em virtude de ordens expressas do seu Governo, vem occupar esta fortaleza; e, querendo dar uma prova de moderação e humanidade o intima para que se entregue dentro do prazo de uma hora, e que, caso o não faça, passará a tomal-o á viva força, ficando a guarnição sujeita ás leis do caso: — tem a honra de declarar que, segundo os regulamentos e ordens que regem o Exercito brasileiro, a não ser por ordem de autoridade superior, a quem transmite neste momento cópia da nota a que responde — só pela sorte e honra das armas a entregará; assegurando a S. S. que os mesmos sentimentos de moderação que S. S. nutre tambem nutre o abaixo assignado.

Pelo que o mesmo Commandante, abaixo assignado, fica aguardando as deliberações de S. S., a quem Deus guarde. — *Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero*, Tenente-Coronel.

— Ao Sr. Coronel Vicente Barrios, commandante da divisão em operações do Alto-Paraguay.”

Foi o pequeno vapor *Jahurú*, sob o commando do 1.º Tenente Hypolito Duarte, encarregado de transmittir o *ultimatum* ao commandante das armas em Corumbá, e se escapou do aprezoamento, foi porque o rumo era opposto ao do ancoradouro da esquadilha invasora.

Ficou, pois, apoiando o forte, o vapor *Anhambahy*, com duas bocas de fogo e sob o commando do Capitão de Fragata Balduino José Ferreira de Aguiar.

Ao regressar o parlamentar, seriam 11 horas da manhã, Porto Carrero, armado de oculo de alcance, reconheceu uma columna de infantaria paraguaya que procurava contornar o forte pelo flanco do sul, ponto para onde não podia atirar, por isso que a cidadella não tinha canhoneiras nem tampouco artilharia nesta direcção.

Immediatamente correu á muralha da frente, e depois de dar vivas á Nação brasileira, estrepitosamente correspondidos pela guarnição, ordenou ao Commandante Balduino que rompesse fogo de metralha contra a columna de infantaria que demandava a citada posição.

Ao mesmo tempo seu filho Americo, sem sua ordem e pelo que foi reprehendido, abatia, com um tiro de espingarda, temerario Paraguay que subia a alta arvore para reconhecer a posição da força defensiva da segunda bateria.

A esquadilha respondeu rompendo fogo e só então, pela fumarada. Porto Carrero reconheceu que na margem opposta ao Forte, tinham os Paraguayos assestado durante a noite uma bateria mascarada.

Estava a cidadella cercada por todos os lados.

Não se póde descrever o que se seguiu, disse-nos o Sr. Coronel Americo Porto Carrero; “as granadas, as lanternetas, as balas, os foguetes á *Congréve*, cruzavam-se, ora attingindo as muralhas, ora, na maior parte, ultrapassavam, mas sem sequer offender um unico dos valorosos defensores.

A actividade, os esforços sobrehumanos daquelle pugillo de bravos, são inenarraveis.

Imagine-se o que seria o fogo convergente de mais de 30 canhões e o da fuzilaria de cerca de 5.500 assaltantes!"

A porfiada luta prolongou-se nesse dia até ás 9 horas da noite, sem contudo cessar o fogo até o clarear do dia 28, para então recrudescer.

Ainda que exhaustos de fadiga e de privações, só tendo como alimento nesse dia sardinhas de lata, resto do rancho particular do major Francisco da Costa Rego Monteiro, e como bebida, agua em canecas de meio litro para cada seis praças, os denodados defensores do Forte nem um só instante abandonaram seus postos, conservando-se sempre attentos e vigilantes, pois só para o fim de Dezembro é que deveria chegar o rancho do trimestre.

Recrudescu o fogo na manhã seguinte, sendo as mulheres occupadas na fabricação de saccos de algodão para a artilharia e de cartuchos feitos com os documentos e folhas dos livros do Archivo, para as espingardas, esmagando á pedra as balas de 17 para o calibre 12. Neste penoso trabalho, executado entre canticos religiosos em louvor de Nossa Senhora do Carmo, advogada dos combatentes, ficaram as pobres mulheres com as mãos feridas e fortemente inflammadas.

Para que o inimigo não se apercebesse dos estragos feitos pelas balas nas paredes da Casa da Ordem e Secretaria, mandou Porto Carrero estender lençóes, occultando os pontos derrcados.

Como estratagemma, ainda para illudir o inimigo, parte da guarnição pouco dextra no manejo da artilharia, empregava-se em simular numeroso contingente de homens correndo aos magotes, sob as cercanias da cidadella, expostas ao inimigo, de um lado para outro, no meio de vozes de commando simuladas e gritos de entusiasmo!

Os tiros succediam-se com incrível rapidez, a actividade das mulheres no preparo das munições, já pelo cansaço, já pelas difficuldades de meios apropriados, não correspondia á actividade sobrehumana desenvolvida pelos artilheiros.

Já não havia mais buchas para as peças.

As mulheres, tendo á frente D. Ludovina, offereceram suas roupas de cama e de uso individual, inclusive as roupinhas dos cinco filhos da valorosa e digna esposa de Porto Carrero.

O cansaço e o calor asphyxiante extenuavam a soldadesca, a fome atormentava-os e, peor do que a fome, a sede abrazava-lhes o peito.

Estava esgotada a agua. Descer ao rio pelo portão do norte era temeridade e loucura; o inimigo, sempre vigilante, insistia num fogo continuo e intenso.

Ainda assim, não desanimaram os heróes, e a Providencia, na figura de duas mulheres, de incomparavel coragem, veio em auxilio dos denodados defensores do territorio da Patria.

Anninha Cangalha e Maria Fuzil, como eram conhecidas, resolutamente tomaram de duas latas, desceram á margem do rio sob uma abobada de metralha e, offegantes, cheias de orgulho e a alma palpitante de entusiasmo, foram refrescar as bocas sequiosas dos seus gloriosos companheiros de lutas.

Pouco a pouco foram as sombras da noite de 28 de Dezembro e a intensidade dos disparos diminuindo, sem, comtudo, cessar de todo, durante a noite.

Na madrugada de 28 o vigor do ataque não era inferior ao ardor da defesa. A munição não correspondia á actividade febril dos sitiados, presos do mais ardoroso entusiasmo.

Porto Carrero accudia pressuroso aos pontos mais arriscados, concitando seus commandados, dando-lhes vivo exemplo da mais completa isenção de animo e intemerata presença de espirito.

Nesses tres memoraveis dias e tres noites permaneceu na primeira bateria, percorrendo-a a todos os momentos e em todas as direcções, ora dando ordens, ora pessoalmente rectificando as pontarias dos canhões.

Na intensa febre do combate que o dominava, só tinha presente a defesa da gloriosa bandeira, que, desfraldada na segunda bateria como labaro sagrado, cobria com sua sombra os denodados companheiros e sua extremecida esposa e filhos.

Estilhaços de granada cortaram a aderiça, e o pavilhão auri-verde pendeu; os assaltantes atiravam-se como loucos, para apoderarem-se do glorioso trophéo.

Caro pagaram a temeridade, porque foram completamente rechaçados.

Ligeiro, agil e com admiravel desassombro, um soldado subio ao mastro e içou de novo o pavilhão.

Pouco depois era outra vez cortada por bala a corda da bandeira e novamente içada pelo valoroso soldado.

A investida dos Paraguayos tornou-se então assombrosa, chegando até a escalar a segunda bateria, pela retaguarda.

As mulheres, no auge do maior desespero, mas sempre reunidas e animadas pelo espirito varonil da digna esposa de Porto Carrero, despiram-se de todas as suas joias e enfeites e as depositaram aos pés da imagem de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do forte.

Como a luta e a invasão augmentassem de minuto a minuto, exigiram ellas a banda do bravo militar, de cuja cintura, ás 3 horas da tarde, sua propria esposa a foi tirar na primeira bateria, sob o intensissimo fogo que então reinava, para cingil-a á cintura daquella imagem.

Como nesta occasião era o assalto tremendo, foi Americo Porto Carrero mandado pelo 2.º Tenente João de Oliveira Mello, buscar tudo quanto pudesse ser utilizado como arma de defesa.

Voltou elle com cinco praças sobraçando lanças e foices que foram retiradas da arrecadação e distribuidas aos soldados na segunda bateria. O Tenente Mello tirava os cartuchos dos mãos atiradores e dava-os aos que melhor os pudessem utilizar e em troca armava-os com as lanças e foices.

Ao longo dos parapeitos extensa fila de fardas vermelhas era repellida a foiçadas e lanceada pela soldadesca. Aqui eram mãos decepadas, alli cabeças feridas, além peitos varados !

A temeridade, o valor dos Paraguayos tocou ao delirio, e com igual intensidade subia o denodo dos brios defensores do forte.

D. Ludovina, sabedora da invasão da segunda bateria e como conhecesse o alto espirito religioso dos valentes Paraguayos empregados em fim tão desastrado por seu supremo chefe, ordenou ao musico Antonio Verdeixas, que tomasse da imagem de Nossa Senhora do Carmo, cingida com a banda militar de Porto Carrero, e fosse expol-a ás vistas dos assaltantes, sob o brado de "Viva Nossa Senhora do Carmo!"

Foi magico o effeito.

Os Paraguayos descobriram-se ante a imagem e corresponderam a esse viva; entretanto, dando meia volta, proseguiram em nutrido fogo pelo outro ponto da bateria.

Eram 3 horas da tarde. O pequeno fosso estava juncado de mortos e feridos em grande numero, conforme o proprio Coronel Vicente Barrios confessou em sua ordem do dia, enganando-se propositalmente quando affirmou que as nossas perdas tinham sido maiores, pois que não tivemos um só homem fóra de combate.

O sangue que encontrou Barrios dentro do forte e de que fallou naquella ordem do dia, era de seus proprios commandados.

Com effeito, Porto Carrero, o frio e impassivel defensor do forte de Coimbra, não contente com a prova da sua indomita coragem, nessa tenaz resistencia de tres dias e tres noites de 157 homens contra 5.500, quiz mostrar o alto espirito humanitario de que era dotado.

Ao escurecer do dia 28, data do mais memoravel combate dessa epopéa de tres dias, commissionou o Tenente João de Oliveira Mello para, junto com seu filho Americo, hoje Coronel reformado do Exercito, e algumas praças, recolherem ao forte inimigos que jaziam feridos no pequeno fosso, ao sopé da segunda bateria, á retaguarda do forte.

Recolhidos esses feridos, foram immediatamente pensados e medicados pelo Capitão Dr. Benevenuto José Pereira do Lago, auxiliado pelo então enfermeiro-mór, hoje Major reformado do Exercito, João Capistrano de Oliveira, ainda vivo e residente em Cuyabá.

Como serenasse o fogo e faltasse por completo munição de boca e de guerra, a officialidade procurou Porto Carrero e fez-lhe sentir a necessidade de se organizar retirada honrosa, abandonando o forte, mas sem deixar ao inimigo o minimo trophéo.

Porto Carrero convocou então em conselho toda a officialidade do forte e o Commandante Balduino, do vapor *Anhambaly*, para se deliberar a respeito de tão grave assumpto.

A's 7 horas da noite foi resolvido o abandono da cidadella, por isso que seria inglorio sua guarnição entregar-se ao inimigo, que continuava a desembarcar tropas frescas, ao passo que elles estavam cobertos de fadiga, famintos e sedentos, e sem munição de qualquer especie para poder resistir.

Porto Carrero deu pressa em dispor o plano da retirada.

Se, para sustentar a tenacissima defesa contra a aggressão violenta daquella massa sanguinaria de invasores dominada pelo

mais arraigado fanatismo religioso que envolvia a promessa de resurreição em Assumpção no caso de morte no campo de batalha, teve Porto Carrero de desenvolver energia sobrehumana para conjurar o massacre das vidas sob a sua guarda, maiores cuidados, atilamento e, sobretudo, maiores exigencias e rigor de disciplina, teve que exigir para levar a effeito a difficil operação da retirada.

O inimigo estava a postos e vigilante, o fogo das baterias não cessara de todo; emfim, tornava-se indispensavel operar arditosamente, com coragem, com o maior desassombro, custasse o que custasse.

Logo depois da deliberação, em conselho, da retirada em boa ordem e abandono do forte, e depois de receber instrucções sobre o seu modo de agir, o Commandante Balduino sahio sorrateiramente pelo portão do norte do forte, cosendo-se com as muralhas e arvoredos até á margem do rio, onde, tomando o escaler, dirigio-se para bordo do *Anhambahy*, que estava fundeado aguas acima, na ponta de uma ilhota junto ao forte.

Eram 8 horas e a noite escurissima favorecia a retirada. Porto Carrero elaborou immediatamente o seguinte plano: mandar prevenir todo o pessoal de que ia operar a retirada, mas que nem um só homem abandonasse o seu posto de vigilancia e acção sem que para isso recebesse ordem formal, a qual deveria ser cumprida com passo acelerado, com destino ao portão do norte. Em seguida, pessoalmente inspeccionou todo o forte, dando providencias.

A's 9 horas começaram os dous escaleres de bordo a transportar as mulheres sob a vigilancia e fiscalização pessoal de Porto Carrero. A esposa do heróe e a familia do Tenente João de Oliveira Mello, foram os ultimos a embarcar. A imagem de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do forte, foi conduzida pela menina Carlota, que a esse tempo contava apenas 13 annos de idade.

Nesta occasião deu-se um incidente que poderia causar massacre geral.

Um filhinho de mezes de Porto Carrero, no acto da sahida do portão, prorompeu em alto choro. Era o pequeno João, que veio a fallecer 5 annos mais tarde. A' observação de que o choro da criança poderia attrahir o inimigo e a todos perder, Porto Carrero, sempre soldado frio e impassivel, fosse qual fosse a situação, com o maior sangue frio ordenou que fosse morta a criança.

As mulheres consternaram-se; sua esposa tomando o pequeno João, offereceu-lhe o seio materno no auge do desespero pela ameaça de se ver privada daquelle entezinho querido.

O phrenezi com que o aconchegou foi tão violento, que por pouco não ficou o innocente asphixiado. Felizmente a criança acomodou-se e procedeu-se ao embarque das mulheres.

Porto Carrero fez arriar a bandeira do forte, a qual conjunctamente com a de formatura e o cofre do batalhão, foram conduzidos para bordo pelo Tenente Antonio de Paula Corrêa, com seis praças ás suas ordens e que ficaram a bordo.

Em seguida effectuou-se o embarque das praças da guarnição da primeira bateria, sob o commando do Capitão Antonio Augusto Conrado, auxiliado pelo Tenente José Maria da Silva Barbosa.

As forças da segunda bateria foram embarcadas em duas turmas, uma sob o commando do Tenente João de Oliveira Mello e outra sob o do Tenente Camargo.

Chegou a vez dos indios Caduéos. O *capitão* Lepoja declarou que nem elle nem seus homens, mulheres e filhos embarcariam, que seu caminho na fuga era outro bem diverso.

Objectou-lhe Porto-Carrero que seriam victimas dos Paraguayos, seus inimigos irreconciliaveis: mas Lapoja, estendendo o braço e indicando o local que as trévas não deixavam saber qual era, respondeu serenamente:

“Alli os Paraguayos não têm gente. Com os meus passarei a nado, apesar de ser forte a correnteza do rio e seguirei para Nabillec.”

Não houve tempo a perder para discussão, e os Caduéos são teimosos em extremo.

Porto Carrero deixou-os ir.

“Parecia incrível”, disse o nosso generoso informante deste facto historico, “como aquelles homens com suas mulheres e filhos cortavam a nado em diagonal as aguas então impetuosas do rio Paraguay; o que é certo é que mais tarde, em 1867, o *capitão* Taquidahuana, da mesma tribu, declarou que Lapoja se tinha apresentado ao velho guerreiro Nahuhila, na taba do morro de Nabillec, com todos os homens sob seu commando!

Nahuhila, que naquella época já tinha alva cabelleira cobrindo-lhe a fronte, ainda hoje vive no centro de sua taba, rece-

bendo as homenagens dos seus guerreiros, que são respeitados e temidos pela indomável coragem e valentia de que são dotados. Esta tribu é devotada aos Brasileiros, a quem sempre recebe com festas; hostiliza as outras tribus e odeia de morte os Paraguayos.”

Depois daquelles embarques, ficaram no forte Porto Carrero, o Major Francisco de Castro Rego Monteiro, fiscal do batalhão, Tenente Ferreira da Silva, hoje coronel reformado, residente em Cuyabá, Tenente Jeronymo Nunes Martins de Mendonça, ajudante, hoje reformado, cégo e residente nos confins de Mato-Grosso, Americo Porto Carrero, actual coronel reformado, residente nesta Capital, e cerca de 10 soldados, para ultimos serviços de guerra.

Logo depois do embarque das praças, da primeira e segunda baterias, ordenou Porto Carrero ás praças que tinham ficado nos ultimos trabalhos do forte que procedessem ao encravamento dos canhões, e em seguida atirassem ao rio o resto dos barris de pólvora existentes no paiol, ordem que foi cumprida com toda a presteza.

Concluido todo esse trabalho e depois de percorrer todos os compartimentos do forte, Porto Carrero fez embarcar os soldados, sendo elle o ultimo a tomar logar no segundo escaler.

Eram pouco mais de 9 horas da noite. Durante aquella hora de angustias e de sobressaltos para embarcar homens, mulheres e crianças, o Commandante Balduino, marinheiro experimentado e conhecedor dos estratagemas da guerra, conservou o vapor *Anhambahy* em constantes evoluções, como se estivesse empregado em reconhecimentos, sondagens, etc., afim de não causar suspeitas ao inimigo com sua permanencia em ponto fixo.

Occasião houve em que nestas manobras a força da machina quasi não podia vencer a correnteza do rio.

Quando o ultimo heróe pulou para o convéz salvador do *Anhambahy*, o valoroso marinheiro Commandante Balduino, ainda para illudir o inimigo, navegou rio abaixo até á vista da esquadilha invasora, deu volta, mas, quando approava retomando aguas acima, para Corumbá, tornou-se necessario forçar a tiragem temerariamente, porque as aguas corriam violentamente e o navio cahia rio abaixo para as baterias da esquadilha e de terra na margem opposta.

O Commandante Balduino nem um só momento deixou de, com constantes e energicas ordens, animar o pessoal da machina, que fez prodigios para conservar o vapor com pessima lenha, que era o combustivel de bordo.

Vencida difficilmente a corrente do rio, seguiu o *Anhambahy* aguas acima. Duas horas depois ouviam os retirantes o troar da artilharia bombardeando o forte.

O *Anhambahy* marchava penosamente sob a tremenda carga que lhe tirava a linha dagua calculada. Pela madrugada tornando-se difficil a situação e receiando o Commandante Balduino que os Paraguayos reconhecendo ao amanhecer o abandono do forte, lhe fosse em perseguição e sendo muito vagarosa a marcha do *Anhambahy*, visto ser a carga superior á lotação, solicitou de Porto Carrero desembarcar no primeiro porto parte do pessoal, o que se effectuou na villa de Albuquerque, desembarcando cerca de 80 praças sob o commando do Major Francisco da Costa Rego Monteiro, tendo como subalternos os segundos tenentes João de Oliveira Mello, Antonio de Paula Corrêa e José Maria da Silva Barbosa, e as mulheres daquellas praças.

Este pessoal seguiu por terra a pé até Corumbá. O *Anhambahy* conseguiu assim chegar áquella cidade na manhã de 30 de Dezembro, fazendo-se em seguida o desembarque do pessoal na melhor ordem.

O Tenente-Coronel Porto Carrero com a sua officialidade e o Commandante Balduino apresentaram-se ao Coronel Carlos Augusto de Oliveira, commandante das armas, relatando então Porto Carrero minuciosamente tudo quanto havia occorrido no forte.

A's 5 horas da tarde do mesmo dia embarcou Porto Carrero no vapor *Corumbá*, com destino a Cuyabá, por ordem daquelle coronel, afim de apresentarem-se ao General Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Presidente da então provincia, passando o commando e ficando os seus denodados camaradas aquartellados no segundo batalhão de artilharia.

No dia 6 de Janeiro de 1865 chegou a Cuyabá o já referido vapor, e Porto Carrero, no mesmo dia, apresentou-se ao General Albino de Carvalho, que o recebeu cortezmente e depois de declarar que ficava sciente do que havia occorrido no forte, ordenou a Porto Carrero que se recolhesse á sua residencia afim de jus-

tificar-se perante um conselho, visto ser esse meio uma exigencia dos regulamentos militares.

Alguns mezes depois o General Albino retirou-se da administração da provincia, vindo por terra para esta Capital, passando o cargo que occupava ao chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, que logo ao assumir o lugar de presidente passou o commando das armas a Porto Carrero, pondo-o immediatamente em plena liberdade.

O Coronel Vicente Barrios dirigio ao Governo do Paraguay a seguinte parte acerca do ataque ao forte:

“Viva a Republica do Paraguay! Viva o Exm. Sr. Presidente da Republica e General em chefe do seu Exercito! Viva a divisão de operações do Norte! Honra e gloria aos valentes defensores da patria! Viva a Republica do Paraguay! Sr. Ministro—Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. o resultado das operações feitas pela força sob meu commando em cumprimento da commissão que me confiou o Sr. Presidente da Republica.

Após uma rapida e feliz viagem fundeou a expedição em frente de Coimbra na noite de 26 do corrente, e immediatamente mandei desembarcar parte da força sob meu commando na margem esquerda do rio Paraguay, na distancia de uma legua abaixo do forte, dahi mandei proceder ao reconhecimento do terreno, occupando as posições estrategicas mais importantes que deviam servir de ponto de operações á divisão expedicionaria, e de onde podia bombardear com vantagem, esperando desalojar a guarnição do forte.

O vapor de guerra *Anhambahy* e outro mais pequeno que seguio no mesmo dia rio acima estavam em posição e, collocando-se depois sob a protecção do forte, contribuiam poderosamente para a sua defesa.

Effectuados todos os preparativos necesarios, despachei um official parlamentarico afim de entregar ao commandante do forte a intimação de render-se, que tenho a honra de enviar por cópia a V. Ex. Esta intimação teve do dito commandante a resposta cuja traducção tambem addito.

Depois da negativa do commandante do forte de Coimbra, cumpria-me appellar para as armas, e com effeito, perto das 11 horas do dia, mandei romper o fogo. No principio só as duas ca-

nhoneiras maiores sustentaram o combate contra as baterias inimigas, mas tomaram logo parte nelle as peças volantes, cuja collocação na fralda do serro fronteiro a Coimbra apresentava alguma difficuldade, e que bem assestadas fizeram algum effeito com os seus tiros acertados na fortaleza e na guarnição.

Ao segundo dia do bombardeamento julguei opportuno fazer uma tentativa de assalto, o qual se effectuou ás 2 horas da tarde do dia 28 do corrente, com mais ardor do que a prudencia aconselhava. Parte da força que occupava a fralda do serro de Coimbra, sob o commando do sargento-mór cidadão Luiz Gonzalez, avançou rapidamente até ás muralhas do forte por sendas diversas abertas debaixo do mais decidido fogo da artilharia do mesmo forte, por todas as peças que batem as fraldas do serro. Ao approximarem-se da muralha, os nossos soldados receberam uma torrente de balas, metralhas e granadas, procedente tanto do forte como do vapor inimigo. Mas os Paraguayos, conservando sempre a sua serenidade, e com uma decisão e arrojo admiraveis, avançaram sempre, mesmo por cima daquelles dos seus companheiros de armas que primeiro verteram o seu sangue para sustentar os direitos da patria. Muitos conseguiram assim trepar as altas muralhas do forte, sendo quasi invariavelmente rechaçados á ponta de bayoneta, ou victimas das granadas que cahiam ao pé da muralha.

O assalto foi executado com toda a velocidade que as ordenanças recommendam; porém, em vista das grandes difficuldades que lhes impediam o passo, tanto por parte dos defensores do forte, como pela natureza desvantajosa do terreno, retiraram-se os nossos dobrando sobre a reserva, levando comsigo a maior parte dos feridos.

Nesta jornada distinguio-se o benemerito sub-tenente de primeira classe da oitava companhia do batalhão n. 6, cidadão João Thomaz Rivas, que, dando um grande exemplo á sua companhia, foi o primeiro que, pizando sobre os cadaveres de seus companheiros, conseguiu trepar acima da muralha por duas vezes, sendo repellido na primeira e cahindo na segunda ferido por uma bala na cabeça para augmentar o numero dos que com os seus gloriosos restos escalavam já a raiz da muralha. Este digno official da patria cahio heroicamente das altas muralhas de Coimbra,

deixando um assignalado exemplo aos seus companheiros pela sua decisão, serenidade e bravura.

O sub-tenente segundo do batalhão n. 7, cidadão Lopez, não cahio menos gloriosamente ferido por um casco de bomba, conduzindo ás muralhas a companhia do seu commando, a cuja frente marchou até que lhe faltaram as forças.

Durante a séria ameaça do Alferes Rivar, conseguiram escalar e penetrar na praça por um dos flancos o sargento Laureano Sanobria e sete praças da companhia que o batalhão n. 7 tinha alli de serviço, e pelejaram corpo a corpo até ficarem todos fóra de combate, mortos ou feridos, á excepção do soldado Pedro Castellanos, a quem ao descer da muralha conseguiram desarmar e aprisionar, sem ferimento.

Pelo que se vê, a fortaleza era sustentavel, mas podendo emprehender-se com esperança outro assalto com os conhecimentos adquiridos na primeira tentativa, e o exemplo de ter podido assaltar as muralhas o sargento Sanobria e os seus valentes companheiros, tomei as medidas necessarias para o dia seguinte, sendo uma dellas fazer com que as peças de campanha postadas á esquerda do rio, ás ordens do Capitão Almiron, tomassem uma posição mais conveniente para impossibilitar os fogos do vapor *Anhambahy*, cortando-lhe a retirada para que não pudesse escapar; porém, a guarnição do forte, dando por estes movimentos e temendo ante a idéa de um assalto mais meditado, com o conhecimento que tinha adquirido da intrepidez dos nossos soldados, aproveitando-se da escuridão da noite e ao abrigo das brenhas, fugio precipitadamente a amparar-se no vapor *Anhambahy*, para escapar rio acima, levando o já citado Pedro Castellanos e deixando um ferido da sua nação.

Até aqui o Tenente-Coronel Porto Carrero tinha feito boa defesa da inexpugnavel fortaleza que commandava.

Depois da fuga da guarnição, sem duvida receiosa dos ataques projectados para o dia seguinte, a fortaleza foi occupada pela guarnição que lhe ficara mais proxima e desde o dia de hontem a bandeira nacional tremula nas muralhas de Coimbra, que cahio em nosso poder com 37 *peças de artilharia*, a sua bandeira e o estandarte da sua guarnição e muitas centenas de armas portateis de todas as classes, com um parque immenso, viveres, roupas feitas

e de uso, bem como outros objectos, quaes sejam botica, serviço de oratorio, uniformes de officiaes, condecorações, etc.

Não é possível, Sr. Ministro, dizer a V. Ex. o numero nem classe dos mortos que o inimigo teve, porquanto foram lançados ao rio; porém pelos rastos de sangue encontrados e projectis que fizeram explosão, esse numero *não deve ser insignificante*.

Pelo que diz respeito aos nossos, não tivemos na classe de officiaes maior perda do que a dos valentes que já nomeei, e as praças constantes da lista junta, cujo numero considero diminuto, levando em conta que os nossos soldados combatiam contra inimigos abrigados com completa vantagem, por muralhas, e que a sua mosqueteria era invisivel para os nossos soldados, fazendo fogo a coberto dos parapeitos.

Como V. Ex. observará pela lista de feridos que tenho a honra de remetter, nesta classe se encontram o sargento-mór, cidadão Luiz Gonzalez, e Sub-Tenentes segundos, cidadãos Manoel Nunez e Placido Mendez, não sendo até agora de character grave suas feridas. O Major Gonzalez sustentou bem o posto que lhe foi confiado.

Devo felicitar ao Exm. Sr. Presidente da Republica e á patria pelo brilhante comportamento das tropas do meu commando em Coimbra, porque a resistencia de uma fortaleza de seculos provou tão vantajosamente o brio dos soldados da patria.

Amanhã encetarei as minhas operações contra Albuquerque e Corumbá, onde espero encontrar os fugitivos deste forte.

Deus Guarde a V. Ex. muitos annos — Fortaleza de Coimbra, 30 de Dezembro de 1864. — *Vicente Barrios.*"

Americo, filho de Porto Carrero, contava naquella época 15 annos e oito mezes de idade. Retirando-se com a força já acima referida, chegou a Corumbá e a Cuyabá a 6 de Janeiro de 1865.

No dia 8 do mesmo mez incorporou-se ao 3.º batalhão de Guardas Nacionaes, depois ao 2.º, até que a 11 de Abril de 1866 assentou praça voluntariamente no então corpo de artilharia com o qual foi acampar no lugar denominado Aricá, sendo em Junho commissionado alferes para o 5.º batalhão de Voluntarios da Patria e com este seguiu até o Mutum onde acampou. Pouco depois foi transferido para um batalhão denominado "Provisorio", com o qual entrou em combate nos dias 13 de Junho e 11 de Ju-

lho, seguindo mais tarde para “Feixos dos Morros”, ficando adido ao 16.º batalhão, com o qual marchou até á cidade de Santo Izidro de Curupaity, retirando-se para Mato-Grosso depois da terminação da guerra.

Foi remunerado com a Ordem da Rosa, pelo ataque de 27 e 28 de Dezembro, com a Ordem de Christo pela distincção com que se houve no dia 13 de Junho e 11 de Julho e tem as medallas de Valor e Lealdade e Valor e Constancia, com passador numero cinco. E’ hoje coronel reformado do Exercito.

Seu pai, o valente Porto Carrero, foi promovido a coronel e agraciado pelo Governo com o titulo de Barão do Forte de Coimbra, por decreto de 13 de Julho de 1889, concebido nestes termos:

“O Imperador: Querendo distinguir e honrar o brigadeiro Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero em attenção aos serviços militares por elle prestados — Hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de Barão do Forte de Coimbra. Palacio do Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1889.”

Era Official da Ordem do Cruzeiro, Commendador de Aviz, Official da Rosa e Cavalleiro de Aviz, Cruzeiro, Christo e Rosa. Tinha a medalha geral da Campanha do Paraguay, a Oriental do Uruguay, a Argentina e a do Valor e Lealdade, do forte de Coimbra.

Proclamada a Republica, foi Porto Carrero reformado compulsoriamente no posto de tenente-general graduado, vindo a fallecer nesta Capital em 1893, sendo sepultado no cemiterio de S. João Baptista.

Convem aqui consignar que Porto Carrero quando capitão de engenheiros e o Tenente Cabrita, que morreu no posto de general, foram em 1858 instructores do Exercito paraguayo, por ordem do Governo brasileiro, e que entre os officiaes que instruíram contava-se Vicente Barrios, que depois commandou em chefe o assalto ao forte de Coimbra.

Porto Carrero, quando nomeado commandante das armas de Mato-Grosso, entre os relevantes serviços que prestou organizou o 50.º batalhão de Voluntarios da Patria, que foi acampar no lugar denominado “Mutum” e uma divisão que acampou no “Arica”: organizou o batalhão de Voluntarios Cuyabanos, denominado

Provisorio, que a 13 de Junho assaltou as trincheiras da praça de Corumbá, retomando-a do poder do inimigo.

Deixando o commando das armas desceu para o Paraguay, onde assumio o commando de uma brigada, batendo-se valentemente em varios combates até á terminação da dolorosa guerra.

São sobreviventes desse glorioso feito que brilha fulgurante nas paginas da historia da nossa patria e que é citado em obras militares estrangeiras com honrosissimas referencias e comparações as seguintes pessoas:

D. Ludovina Alves Porto Carrero, viuva do bravo commandante do forte; D. Maria Villa Forte de Mello, viuva do então 2.º Tenente João de Oliveira Mello; Coronel reformado Americo Porto Carrero; Tenente-Coronel Joaquim José Ferreira da Silva, Major reformado João Capistrano de Oliveira, 2.º Tenente reformado Jeronymo N. M. de Mendonça e o soldado Antonio Clemente.

Da familia de Porto Carrero estavam no forte, na occasião do assalto, sua esposa e seus filhos Americo, Hermenegildo, Ludovina, Gabriel, Pedro, Luiz, Manoel, Carlota e João, quasi todos vivos, além das familias da officialidade seguinte:

Major Francisco da Costa Rego Monteiro, Capitães Souto e Antonio Augusto Conrado, Segundos-Tenentes João de Oliveira Mello, Joaquim José Ferreira da Silva, Antonio de Paula Corrêa Camargo, José Maria da Silva Barbosa e Jeronymo Nunes Monteiro de Mendonça, e do medico Dr Benevenuto Pereira do Lago.

Como subsidio para uma mais completa historia desse glorioso feito das armas brasileiras, logo no inicio da brutal e inopinada invasão do nosso territorio, aqui transcrevo os seguintes documentos, publicados no *Jornal do Commercio*:

“Em 9 de Janeiro de 1865 o Presidente da Provincia de Mato-Grosso, Dr. Alexandre Manoel Albino de Carvalho, fez publicar na *Imprensa de Cuyabá* a seguinte proclamação:

“Mato-grossenses: — A injustificavel ameaça do Governo da Republica do Paraguay, feita ao Imperio em sua nota diplomatica de Agosto proximo passado, está consummada.

No dia 27 de Dezembro findo uma expedição paraguaya, composta de numerosos navios a vapor e á vela, com cerca de

5.000 homens, acommetteu o forte de Coimbra, intimou ao Comandante, o Tenente-Coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, a sua entrega dentro do prazo de uma hora, sob pena de romper o fogo para conseguil-o á viva força, ficando em tal caso a guarnição sujeita á sorte das armas.

Contra tão desleal aggressão protestaram energicamente a guarnição do forte de Coimbra e do vapor *Anhambahy*, seu auxiliar, composta de menos de 200 bravos.

Esse protesto já pertence á historia, e nella está escripto pelas armas imperiaes, tintas no sangue dos aggressores, sangue que custou a mutilação e a morte de centenaes desses temerarios durante dous dias de renhido combate.

Solemne, glorioso protesto!

Mato-grossenses, ás armas: e com ellas em punho rivalizai com os vossos soldados do forte de Coimbra e marinheiros do vapor *Anhambahy*. Viva a nossa santa religião! Viva Sua Magestade o Imperador! Viva a integridade do Imperio!

Palacio do Governo de Mato-Grosso, em Cuyabá, 9 de Janeiro de 1865. — O Presidente, *Alexandre Manoel Albino de Carvalho*.

— Cuyabanos, está violada a integridade do Imperio pelo lado da nossa provincia: aquelle mesmo ponto em que Ricardo Franco de Almeida Serra, em 1801, repellio com coragem e denodo quatro goletas e 20 canôas de guerra cheias de Hespanhóes e commandadas por D. Lazaro, foi atacado a 27 de Dezembro do anno proximo passado por cerca de 5.000 homens e nove vapores paraguayos e arrebatando a 29 do mesmo mez e anno a menos de 200 bravos, que o defenderam por espaço de 48 horas e só o evacuaram depois de uma resistencia desesperada e heroica, quando se viram sem munição para novo combate, retirando-se para Corumbá sem perda de um soldado nosso, deixando, entretanto, estivado o campo de cadaveres inimigos.

Cuyabanos! Hannibal não está só ás portas da cidade: invadio-a, acha-se de posse de uma parte bem importante della."

O ataque de Coimbra — A 27 do mez e anno findo, pelas 6 horas da manhã, as sentinellas e vigias da fortaleza de Coimbra, ao levantar-se a forte cerração, avistaram, ao sul, a uma legua distante, diversas embarcações.

Este facto deu lugar a preparar-se a guarnição para o combate, dispondo a pequena força que a defendia pela maneira seguinte: 35 homens para cinco bocas de fogo; 40 para seis banquetas e 80 para as setteiras da segunda bateria, ao todo 155 bravos artilheiros.

A's 8 1/2 horas da manhã dirigio-se á fortaleza um official paraguayo e entregou ao Commandante, então o Tenente-Coronel Porto Carrero, um officio do Chefe da Divisão Paraguaya, Vicente Barrios, declarando-lhe que eram 8 1/2 horas, que aguardava resposta dahi a uma hora.

A' resposta digna do Brasileiro Commandante do forte, começaram os Paraguayos o desembarque de forças ás margens direita e esquerda do rio.

Nessa atrevida execução, o distincto 1.º Tenente da Armada Balduino José Ferreira de Aguiar, Commandante do imperial vapor de guerra *Anhambahy*, começou a desempenhar e continuou por dous dias de combate, o mais brilhante papel, fazendo-se até ousado em approximar-se a umas e outras baterias que batiam a fortaleza, privando muitas vezes o passo ao inimigo, que se dirigia pela fralda do morro á rectaguarda da mesma.

A's 10 1/2 da manhã o *Anhambahy*, passando em frente do forte, dirigio-se ao ponto do primeiro desembarque, á direita do rio, rompendo o fogo e dando tres tiros sobre diversas columnas de infantaria e uma de artilharia a cavallo, já em marcha.

Então, rompeu tambem o inimigo com seus vapores e baterias fluctuantes; felizmente, porém, os projectis cahiam a meia distancia.

A's 2 horas da tarde, rompeu a fortaleza o fogo de artilharia e fuzilaria das baterias e foi travada a luta, onde só temos de admirar o heroismo e valor dos nossos bravos contra cerca de 5.000 inimigos municidados.

Durou o combate até 7 1/2 horas da tarde, quando o inimigo cessou e retirou suas forças, embarcando-as.

No dia 28 o inimigo tomou outras posições e assestou sua artilharia de calibre 68 contra o portão, para abrir brecha ao lado com as peças raiadas, e os nossos bravos entretiveram o fogo das 7 horas da manhã ás 2 da tarde, hora em que os inimigos carregaram com a infantaria sobre as setteiras da segunda bateria,

no firme proposito de levar de assalto a fortaleza, dirigindo-se a cada momento ao parapeito de onde eram rechassados com inaudito valor, que cada vez mais se augmentava aos gritos de: Viva o Imperador, vivam os Brasileiros e viva o Batalhão de artilharia de Mato-Grosso.

Concluida a acção do dia 28, foram recolhidos pelas sortidas 18 Paraguayos, 85 armas, muitos bonets e diversos objectos, entre os quaes uma proclamação.

Tendo sido reconhecida nessa noite a inexistencia do cartuchame e a impossibilidade de receber e dar, a 29, ao inimigo um novo ataque, os nossos bravos evacuaram sem perda de um de seus camaradas a fortaleza e tomaram caminho de Corumbá, onde se foram reunir aos seus irmãos de armas, para mostrar ainda mais uma vez ao inimigo, se se arrojasse a acommetter a povoação, sua coragem, seu ardor bellico e sua valentia."

O *Jornal do Commercio* de 4 de Fevereiro de 1865 publicou uma correspondencia do Sr. Zozino Ferreira Gomes, Brasileiro, passageiro do vapor *Rouger*, da qual extrahimos o seguinte:

"A 8 do corrente (Janeiro) chegámos a Coimbra, sobre cujos muros já vimos tremular a bandeira paraguaya.

O assalto e tomada deste forte refere-se de differentes modos, o que torna difficil elucidar a questão, podendo-se apenas dar credito á narração que fazem os commerciantes estrangeiros de Corumbá e tambem alguns officiaes da expedição paraguaya com os quaes alli fallámos.

Eis como se passaram as cousas:

No dia 27 de Dezembro o Coronel Barrios enviou ao commandante de Coimbra uma nota exigindo a entrega do forte.

O Commandante Porto Carrero respondeu que se não renderia senão á força.

Em seguida deu-se o ataque nesta ordem:

A tres milhas do referido forte, sobre a margem direita do rio, os Paraguayos desembarcaram 3.000 homens de infantaria, e a distancia conveniente puzeram quatro lanchas pequenas armadas com uma peça de 32 e tripoladas com 12 homens cada uma. Serviram estas lanchas para bombardear o interior da praça sem que a artilharia do forte pudesse responder ao fogo por causa da

vantajosa posição que ellas occupavam. Os vapores da expedição ficaram de observação fóra do alcance da artilharia brasileira.

Principiou o fogo com tenacidade de parte a parte, perdendo os sitiadores logo no primeiro assalto 300 homens.

Os Paraguayos depois que desembarcaram marcharam em diferentes columnas costeando a fralda da montanha e a base da fortaleza. Assim ao approximarem-se fizeram um cerco formal, pondo os sitiados debaixo de vivissimo fogo de todos os lados.

Quarenta horas durou o ataque sem que os sitiados perdessem um só homem dos 120 que compunham a guarnição. Algumas horas antes de abandonar esta posição o fogo era mais pausado por ter-se acabado o cartuchame. Nesta occasião as mulheres de alguns officiaes principiaram a fazer cartuchos, servindo-se para isso das proprias saias por não haver papel.

A canhoneira *Anhambahy*, commandada pelo Tenente Ferreira de Aguiar, armada com dous rodizios de 32 e tripolada por 36 homens, collocou-se acima do forte, sustentando sem interrupção um fogo bem nutrido, que causou grandes estragos entre as fileiras dos sitiadores. O commandante daquelle navio não poupou sacrificio algum para o bom resultado da defesa.

Infelizmente, achando-se a guarnição do forte exhausta de recursos bellicos e sem probabilidade de poder sustentar-se naquella posição, á vista da extraordinaria desigualdade de forças, resolveu o commandante abandonar o posto com toda a guarnição e habitantes do lugar, contando para isto com os importantes serviços dos commandantes do *Anhambahy* e do *Jaurú*, alli estacionados.

Effectivamente, na noite de 28 para 29, prevalecendo-se da suspensão do fogo do inimigo, embarcaram-se todos nos referidos vapores com direcção a Corumbá.

Ao amanhecer os sitiadores approximaram-se da fortaleza e encontrando-a abandonada metteram-se de posse della. Na revista interior a que procederam encontraram no hospital um soldado doente que alli ficára por não ter podido ser conduzido para bordo.

A artilharia, sua munição e outros muitos objectos foram immediatamente embarcados e conduzidos para Assumpção pelo Salto de Guahyrá.

A tomada desta fortaleza *inexpugnável* para os Paraguayos, custou-lhes não pequenos sacrificios e cerca de 400 homens postos fóra de combate, sendo certo que se em Coimbra tivesse havido 500 homens, a expedição não estaria hoje na posição ameaçadora em que se acha.

Sem pretender menoscabar o merecimento dos soldados paraguayos, completamente baldos de espirito de disciplina e pouco dextros no manejo das armas, principalmente na occasião de assaltar um ponto fortificado, diremos como provaram a sua impericia no combate de Coimbra, onde, ao approximar-se em columna cerrada para escalar o forte, executaram primeiro a manobra de empunhar com um braço a espingarda ou a espada, e por o outro diante dos olhos, e julgando-se assim defendidos, subiam esses para os navios, sacrificando por este modo grande numero de vidas.”

Artigo do *Jornal do Commercio* de 11 de Fevereiro de 1865.

“O espirito civilizador do seculo, anhelando ardentemente tornar impossivel a guerra entre as nações, já conseguiu pelo menos um grandioso resultado fazendo condemnar no tribunal da opinião publica do mundo as guerras accendidas pelo capricho, ou pela inimizade pessoal dos soberanos.

Mas, ainda hoje a civilização respeita, e quer nos parecer que respeitará sempre, a guerra excitada pelo sentimento sagrado da honra nacional, porque assim como o homem que se deixa esbofetear sem vingar-se perde a consideração de que gozava no meio da sociedade em que vive, tambem a nação que soffre uma injuria profunda sem desaffrontar-se, humilha-se, avilta-se aos olhos e na consciencia das outras nações.

A guerra é em tal caso o cumprimento de um dever indeclinavel: esbofeteia-nos a mãe, a esposa e os filhos, o governo estrangeiro que nos ultraja a patria; nem ha que pesar os sacrificios indispensaveis á desafrota, nem ha que reflectir sobre os perigos e difficuldades da luta; se a nação ultrajadora é tão incomparavelmente forte, que se torne loucura ir dar-lhe batalha em seus campos, chora-se de raiva, patenteando ao mundo a desproporção das forças, e ao menos e a todo o transe, fecham-se os portos do paiz ao seu commercio e á sua industria: se essa dolorosa e cruel

excepção não se observa, o direito da nação offendida em sua honra, mais do que o direito, o dever, e sómente satisfazer em grande exemplo: — a guerra.

E' esta a situação em que se acha o Brasil desde que o despota do Paraguay ousou provocar-nos com affrontas selvagens e invadir com mão armada o nosso territorio na provincia de Mato-Grosso.

O barbaro oppressor dos Paraguayos tem consciencia de que não póde resistir aos nossos bravos soldados, mas calcula com a immensa distancia que nos separa do seu antro: embora, o patriotismo tem azas e não conhece fadigas; lá iremos; a questão é de tempo, simplesmente de alguns mezes; qualquer que seja o caminho preferido havemos de chegar á Assumpção.

Esta guerra que nos cumpre fazer é justa e santa, e prova que o é a manifestação immensa e entusiastica com que todo o povo brasileiro a reclama, pedindo energia, promptidão e esforço no empenho da desaffronta da nação.

Em todos os casos de guerra estrangeira, e ainda mesmo naquelles em que póde ser duvidoso para qualquer dos lados belligerantes pender o fiel da balança da justiça, desde que a luva se arroja ao campo da batalha, o espirito nacional não admite mais discussão nem exame sobre a conveniencia e moralidade da luta, e unanimes são os votos do povo pela gloria e pelo triumpho das armas da patria.

Nas guerras, porém, em que uma provocação feroz partio do estrangeiro, naquellas em que a provocação for uma injuria aos brios e á honra da nação, o povo não se limita a fazer votos pela gloria e pelo triumpho das armas da patria, vai além, levanta-se á voz do Governo que o dirige; fórma exercitos e marcha, batalha e vence; mas só vence bastante quando suas victimas lhe têm dado uma desaffronta pelo menos igual ás injurias recebidas.

Este pronunciamento augusto, essa acção majestosa, sómente é licito esperar das nações livres, dos povos que, ennobrecidos pela liberdade politica, pelos governos representativos, podem julgar-se offendidos em sua soberania na offensa recebida pelo governo que representa immediatamente a nação, porque é della legitima delegação.

Esse pronunciamento augusto, essa acção majestosa, sómente é licito esperar dos povos livres; porque naquelles que o Governo despotico avilta, o pronunciamento affigura-se obediencia ao poder, que é tudo, a acção não traz o encanto da espontaneidade e parece movimento determinado por uma força que não é a manifesta expressão do sentimento publico.

Mas por isso mesmo que assim é, e por isso mesmo que no systema representativo a voz do governo é a voz da maioria, ou de toda a nação soberana, o patriotismo impõe o dever mais sagrado e indeclinavel ao povo, quando a honra nacional ultrajada o chama ao campo das mais nobres e generosas pelepas.

Então, diante da guerra estrangeira, a voz do Governo não deve ser mais a voz da maioria, deve ser a voz de toda a nação: o partido que fôra vencido nas urnas esquece que o Governo representa as idéas dos seus adversarios politicos; o partido predominante não se lembra das lutas do passado e menos as renova no presente; o antagonismo das opiniões dorme um somno patriotico: o povo todo forma uma familia de irmãos unidos apertadamente pelos laços da causa commum — a causa nacional.

A Patria não ordena a extincção da vida politica activa do interior, pelo contrario, quer ainda mais brilhante essa vida que deve alimentar a flamma que nos ha de levar de victoria em victoria até ao ultimo campo que restar ás hordas do despota do Paraguay. A patria não ordena o amalgama dos partidos politicos, pelo contrario, quer esses partidos mais energicos que nunca, sustentando o seu poder e a sua influencia no paiz com a maior somma de tributos de civismo e de dedicação, para que fervorosa e decisiva seja a guerra que devemos fazer e prompto e completo o triumpho — que nos cumpre alcançar.

Com ufania podemos dizer que esse dever glorioso vai sendo cumprido: não ha divergencias no paiz, desde que se trata da guerra que nos cumpre levar ao antro do selvagem dictador do Paraguay. O espectáculo que o Brasil está offerecendo ao mundo é, sem a menor duvida, honroso e bello; nós, porém, o quereríamos ainda mais esplendido, nós o quereríamos sublime.

Os partidos estão de accordo em relação á guerra: mas fôra para desejar que menos vivas fossem as discussões em que se hos-

tilizam, tratando da politica interna; as divergencias poderiam ser menos ostensivas, indicando mais eloquentemente a fraternizaçãõ que deve existir no empenho de castigar o estrangeiro que ultrajou nossa patria.

E é em nome e por amor da patria que assim escrevemos, ufanos da attitude majestosa que tem tomado o povo brasileiro, e almejando vel-o assumir aquella, a suprema attitude, que assignala com uma abnegação sublime a maior heroicidade patriótica.

Desde que soou o primeiro grito annunciador desta guerra nacional até que se execute o hymno da nossa victoria final, qualquer que seja a cor politica do Ministerio que está ou que estiver no poder, comtanto que seja activo, forte e energico, cumpre-nos rodeal-o, dar-lhe toda a força immensa do apoio nacional, mostrando assim ao mundo e ao insolente estrangeiro que nos provocou, que no Brasil o espirito de partido e as desintelligencias politicas são tão nobres e tão esplendentes de civismo e honra, que se transformam em fraternal união de todos os cidadãos, logo que se annuncia o empenho de uma desaffronta da nação.

E mais, que muito deve o Governo contribuir pela sua parte para essa attitude de heroicidade patriótica, mostrando-lhe pela sua firmeza, actividade e energia, na altura da situação, e correspondendo á confiança nacional com a fortaleza, com a celeridade da sua acção bellicosa, e ainda mesmo com uma certa previdencia dos movimentos e das resoluções do inimigo.

A confiança do Governo no patriotismo e na dedicação do povo, a confiança do povo na acção patriótica e activissima do Governo depende uma da outra: existindo ambas, não haverá sacrificio que não seja facil, porque haverá certeza de que os sacrificios não serão perdidos e estereis.

Redobre de fortaleza e de actividade o Governo e conte com a nação.

A imprensa cumprirá tambem o seu dever, applaudindo e excitando o pronunciamento nacional, applaudindo e excitando o patriotismo e o ardor do Governo, e sempre que for preciso esclarecendo-o sobre os abusos que porventura se observem, apezar da sua boa vontade, do seu zelo, demonstrando sem azedume, e só pelo interesse da grande causa, os erros em que tenha incorrido

e possa incorrer, ajudando-o com o elogio merecido, com os avisos da prudencia, com os conselhos da lealdade, com a luz da verdade, emfim, porque, só desse modo se servirá bem a patria, e não disfarçando o erro, escondendo os abusos que podem ser, se não fataes, ao menos muito nocivos á causa nacional.

Nunca houve situação mais clara, nem mais definida: nunca houve mais evidencia e grandeza dos deveres que cumprir: uma e outros se explicam por estas simples palavras — *a guerra é nacional*.

Paguemos todos o tributo sagrado do patriotismo.

Povo, Governo e imprensa, cumpramos todos o nosso dever.”

De uma correspondencia de Montevidéo, publicada no *Journal do Commercio* de 26 de Março, extrahimos os seguintes periodos:

“O pratico do vapor *Marquez de Olinda*, que foi obrigado a guiar a expedição até a provincia de Mato Grosso, acaba de chegar a Buenos Aires e dá alguns pormenores interessantes ácerca do feito das armas de Coimbra, pelos quaes se conhece a inhabilidade dos chefes militares daquella Republica e a covardia de seus soldados.

O Coronel Barrios, ao chegar áquella fortaleza, não sabia como atacal-a, e pedia conselhos, não só ao dito pratico, como aos demais estrangeiros da expedição.

O primeiro tiro do nosso vapor *Anhambahy*, commandado então pelo distincto 1.º Tenente Balduino José Ferreira de Aguiar, matou logo onze paraguayos.

Se a nossa gente sustentasse a resistencia por mais oito horas, tinha obrigado a expedição a retrogradar, porque não tinha provisões.

Foi só 25 horas depois de estar o forte abandonado que o Coronel Barrios se animou a mandar tomar conta delle, e isto mesmo porque um sargento ferido veio arrastando-se dar parte que não havia alli ninguém.

A falta de munições foi que obrigou o Tenente-Coronel Porto Carrero a abandonar aquella posição, e quando elle subia para Corumbá, encontrou o Capitão de Mar e Guerra Castro Menezes, com mais 200 homens e soccorros de toda a especie.

Era tarde, porém, para servir-se deste valioso auxilio e mui temerario voltar, arriscando-se a um sacrificio inutil todos esses bravos.”

Sirvam, pois, estas linhas de singela commemoração desta data gloriosa, que, lembrando notavel feito das armas brasileiras, postas pela primeira vez em prova, servio de affirmação da coragem, do civismo e do patriotismo dos nossos compatriotas e concorreu poderosamente para engrandecer o Brasil perante as nações mais civilizadas do mundo.

1907.

O PARQUE DA ACCLAMAÇÃO

Tendo o architecto francez Bouvard, que por esta Capital rapidamente passou com destino a Buenos Ayres, visitado o vasto e pittoresco jardim da praça da Republica e feito a respeito delle honrosas referencias, não só pela belleza da sua disposição, como pelo carinho com que é tratado, jardim que segundo a sua autorizada opinião não existe melhor nem mais bello no mundo, tal a exuberancia da sua vegetação variada e abundante, vem a proposito, como ligeira reminiscencia, contar como se realizou tão utilissimo empreendimento, que concorreu com outros para o completo embellezamento da nossa Capital.

O campo de Sant'Anna fazia parte nos seculos passados do antigo sertão, depois denominado Campo de S. Domingos e depois campo de Sant'Anna.

Da rua da Valla para cima havia uma enorme planicie cortada de charcos, onde existiam diversas chacaras de grandes extensões. Uma destas, que era conhecida pela denominação de S. Domingos e que depois foi adquirida pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, comprehendia a zona da rua Nova do Conde, hoje Visconde do Rio Branco; o largo do Rocio, hoje praça Tiradentes; o lado de terra da rua de S. Jorge até ao Caminho de Fernão Gomes, hoje rua do Senhor dos Passos, e do Campo desde a esquina desta rua até á Nova do Conde. As outras chacaras pertenciam ao Padre João de Barcellos, fuão Cazado, Pedro Coelho da Silva, Duarte Corrêa Vasqukanes, José de Vargas Pizarro e outros.

Com a edificação lenta da cidade, o Campo de S. Domingos foi perdendo os primitivos nomes.

A parte de que tratamos agora denominou-se de Sant'Anna porque ahi fundou-se uma capella com a invocação dessa santa,

no local onde está edificada a estação central da Estrada de Ferro. No Campo, já nessa época, existiam espalhadas varias casas, e entre ellas uma que servia de açougue na rua Nova do Conde, esquina da Nova de S. Lourenço, hoje dos Invalidos.

Construida a capella de Sant'Anna, que mais tarde servio de matriz, foi levantada no Campo, em frente á mesma matriz, um palanque de pedra e cal, denominado *Imperio*, para as festas do Divino Espirito Santo.

Este *Imperio*, que foi demolido para ser construido o edificio actual do Quartel-General, ficava precisamente no centro da rua dos Quarteis Pequenos, hoje Dr. João Ricardo. Toda aquella área occupada pelo quartel até ao morro da Saude fazia parte da grande chacara denominada dos Cajueiros, cujas terras pertenciam, em parte, a Domingos José Ferreira, avô do Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira, ultimamente fallecido.

Em 1815 era então o Campo uma vasta praça arenosa, onde se erguia grande numero de pés de cajueiros sob cujas sombras cresciam espontaneamente na plena liberdade da nossa tão decantada e exuberante natureza, toda uma serie de gramineas e plantas damninhas.

O terreno, que não era nivelado, apresentava em muitos pontos profundos sulcos que serviam de depositos de agua das chuvas que se estagnavam, formando pequenos alagados.

Residia a esse tempo em um bom predio de sua propriedade, na rua Nova do Conde, esquina do Campo, o Intendente Geral da Policia, Paulo Fernandes Vianna, predio este onde mais tarde funcionou, no antigo regimen, a Camara Municipal, enquanto se construia o novo e vasto edificio que hoje occupa todo o quarteirão do Campo, entre as ruas de S. Pedro e General Camara até á do Nuncio.

O Principe-Regente concedeu áquelle Intendente um terreno quadrangular com cem braças de extensão, estendendo-se da rua Nova do Conde até á do Areal em direcção da do Hospicio.

Paulo Vianna fez desse lugar um pittoresco passeio, plantando grande numero de amoreiras, no intuito de criar bichos de seda e passava as manhãs e as tardes com sua familia gozando as delicias de um jardim carinhosamente tratado.

Já então naquella época se cogitava em ajardinar a maior praça que existia nesta Capital.

Tendo-se retirado para Portugal, o Rei D. João VI, mandou logo depois o Principe Regente destruir o ajardinado passeio do Campo, por entender que o Intendente Paulo Vianna queria fazer delle um recreio particular para elle e os seus.

O velho servidor da policia tanto se magoou com esta violencia que enfermou, fallecendo dias depois.

Durante muitos annos a melhor praça da cidade constituiu-se o deposito geral de lixo e de materias fecaes, sendo que, quando em alguns pontos era demasiada a immundicie, se collocava no local um pequeno galhardete preto para evitar a passagem de transeuntes.

Os batalhões da Guarda Nacional faziam a esse tempo, nos domingos, seus exercicios no Campo, do lado da rua Nova do Conde e muitas vezes aconteceu sahirem os officiaes e praças emporcaldados pelo accumulo das immundicies que eram alli depositadas.

No campo, na esquina da rua do Areal, fez Anacleto Elias da Fonseca um edificio apalacetado para offerecer a uma senhora que com elle cohabitava. Mais tarde grande numero de commerciantes do Estado da Bahia comprou por meio de uma subscrição aquelle palacete e o offereceu ao Conde de Arcos.

Fallecendo este titular, D. Pedro I encarregou o procurador dos herdeiros e seu amigo particular Commendador João Alves Silva Porto, pai do Sr. Commendador Silva Porto, actualmente Director do Banco do Brasil, de adquirir para o Estado o mesmo palacete para ser nelle installado o Senado.

Adquirido pela quantia de 40:000\$, foi o edificio adaptado para o funcionamento do Senado, preparando-se o recinto, as galerias e outros melhoramentos que offerecessem uma certa commodidade e conforto, sendo ainda mais tarde reformado nas suas disposições internas pelo Presidente do Senado, então Visconde de Abaeté, e pelo Barão de Cotegipe. No regimen actual soffreu tambem o velho edificio uma grande reforma geral interna e externa, de fórma a ampliar as suas acanhadas dependencias e aformoseamento exterior.

Foi nesse campo que tiveram lugar os notaveis acontecimentos de 7 de Abril, que deram em resultado a abdicção de Dom

Pedro I, pelo que durante alguns annos foi conhecido por Campo da Honra.

No vasto campo, por occasião da coroação de D. João VI, foi construido um palacete de madeira, que servio depois para a acclamação de D. Pedro I e mais tarde foi esse palacete reconstruido de pedra e cal.

Passou então o campo a denominar-se da Acclamação.

Quando se faziam os preparativos para as festas da Acclamação de D. Pedro II, um fogueteiro de nome Assis preparava dentro do palacete as peças de fogos artificiaes para a solemnidade.

O reverbero produzido pela luz de um lampeão de azeite de peixe fez explodir os fogos já preparados, dando em resultado uma explosão tão forte que damnificou todo o palacete e fez voar pelos ares o infeliz fogueteiro.

Ainda depois foi organizado um projecto para ser construido nos escombros do palacete um monumento que perpetuasse a memoria de D. João VI, o que, porém, não foi levado a effeito.

Ainda assim servia parte do Campo, desde a rua dos Ciganos, hoje Constituição, até á de S. Pedro, hoje Senador Euzebio, de lavanderia publica, sendo estabelecido um enorme chafariz e vasto tanque no angulo da rua de S. Pedro, em frente da casa de residencia de D. Maria Avondano, benemerita doadora da Santa Casa da Misericordia.

Ahi se via grande numero de lavadeiras de todas as côres e nacionalidades, de saias um pouco suspensas e amarradas á cintura, deixando vêr uma variedade de canellas de diversas grossuras e muitas dellas trazendo á cabeça toalhas ou largos chapéos de palha barata.

A estudantada era o terror das lavadeiras, tal as constantes troças e desatinos que praticavam contra ellas.

Muitos estudantes daquella época, que hoje occupam posições sociaes, iam tomar banho no tanque á noite, e nas suas *gazetas* divertiam-se tambem em borrifar agua sobre as pessoas que se approximavam do chafariz.

Atravessava o campo nesse tempo uma linha de estrada de ferro que partia da rua da Constituição esquina da Praça para a Tijuca e que era denominada popularmente *Maxambomba*. A

primeira parada era na rua do Sabão, hoje Visconde de Itaúna, em frente ao predio n. 11.

Ainda no reinado de D. João VI realizaram-se grandes cavalhadas em frente ao terreno do Quartel-General do Exercito, onde foi levantada uma grande archibancada, não só para aquellas diversões como para torneios, dansas de negros mouriscos, indios, etc.

No campo foi construido o theatro Provisorio em frente ao quarteirão comprehendido entre as ruas da Constituição e a do Hospicio.

O theatro, que tinha a frente para o lado da rua Nova do Conde e os fundos para o lado do Quartel-General do Exercito, foi construido um pouco além daquelle quarteirão.

Em 25 de Março de 1852 foi elle inaugurado com um espectáculo em grande gala para solemnizar o anniversario da Constituição.

Era assim concebido o annuncio publicado nesta folha naquelle dia:

“PROVISORIO

ESPECTACULO DE ABERTURA

em grande gala, para solemnizar o anniversario do juramento da Constituição do Imperio.

Quarta-feira, 25 de Março de 1852

Primeira récita de assignatura

Logo que SS. MM. II. honrarem a tribuna, a orchestra tocará o

Hymno Nacional

Representar-se-ha a grande opera em quatro actos:

Macbeth

Musica de Verdi

Interlocutores

Duncan, rei da Escossia.....	N. N.
Generaes do Exercito do Rei	
Duncan:	
Macbeth.....	Capuri.
Banch ou Banquo.....	Sr. de Lauro.
Lady Macbeth, mulher de Macbeth.....	Zecchini.
Dama de Lady Macbeth.....	Bertolini.
Macduff, nobre escossez, senhor de Tiff.....	Virgini.
Malcolm, filho de Duncan.....	Siccuro.
Fleancio, filho de Banch.....	N. N.
Famulo de Macbeth.....	Marquesi.
Medico.....	Tati Filho.
Sicario.....	N. N.

As aparições. A sobra de Banch. Córos e comparsas de bruxas, mensageiros do rei, nobres e emigrados escossezes, sicarios, soldados, inglezes, espiritos aereos, etc.

A scena é na Escossia, principalmente no castello de Macbeth, no principio do 4.º acto, e entre o confim da Escossia e a Inglaterra.

No 3.º acto, o corpo de baile executa, segundo as indicações do libreto, um bailado composto pelo Sr. York.

O vestuario é novo e veio de Napoles e das primeiras partes.

Os Srs. accionistas de camarotes ou cadeiras queiram mandar receber os seus cartões á rua da Quitanda n. 144.

As pessoas que assignaram camarotes podem mandar á mesma casa realizar as suas assignaturas, e receberem os seus cartões nos dias 22 e 23 do corrente, prevenindo-se que no dia 24 se disporá de algum que não tenha sido procurado até o dia antecedente. Ainda ha para assignar alguns camarotes de 4.ª ordem: o preço da assignatura por vinte récitas é de 60\$, a 3\$ cada récita.

As pessoas que quizerem assignar cadeiras ou geraes dirijam-se ao escriptorio do theatro Provisorio, a tratar com o administrador.

O preço da assignatura de cadeiras, para 20 récitas, a 1\$600, é 32\$, e de geraes, igualmente para vinte récitas, a 800 réis, 16\$000.

Os camarotes de 4.^a ordem que não forem assignados, assim como as cadeiras e geraes, serão vendidos pelos preços seguintes:

Camarotes de 4. ^a ordem.....	8\$000
Cadeiras.....	4\$000
Geraes.....	2\$000

Os Srs. accionistas de cadeiras são rogados a virem hoje até ao meio dia escolher os seus lugares, depois do que terá também a escolha dos Srs. assignantes.

Para maior commodidade dos Srs. accionistas e assignantes de cadeiras, fica-lhes destinada uma entrada privativa pela parte lateral do lado do campo, sendo bastante mostrar ao porteiro, no acto da entrada, o respectivo cartão.

A entrada geral para as cadeiras é pela porta do lado da cidade.

Hoje, do meio-dia em diante começará a venda de bilhetes para a segunda representação do Macbeth que terá lugar sabbado, 27 do corrente, cadeiras a 3\$, geral a 1\$500.

Os preços para assignatura são os mesmos anteriormente annunciados.

Ainda ha para assignar alguns camarotes para as récitas pares.—O administrador *Domingos Alves Pinto.*”

Em 1858, mais ou menos, existia no campo uma grande companhia de gymnastica e acrobatas, denominada *Great Ocean Circus*, cujos numerosos frequentadores formavam partido em favor dos artistas.

Eram communs os conflictos originados pelos partidarios e uma bella noite o conflicto tomou taes proporções que o circo foi, depois de quasi destruido, incendiado por completo.

Na parte do theatro Provisorio e junto a uma das portas dos fundos, do lado que enfrentava com o Senado, fazia aos sabbados, leilões de animaes, um antigo leiloeiro chamado Pontes.

Em 1870, para commemorar a terminação da guerra contra o dictador do Paraguay, realizaram-se no vasto campo grandes festas, sendo levantado no centro um enorme pavilhão cercado de columnas e coberto por um majestoso zimborio, estando todo o cam-

po cercado de trophéos de bandeiras, de vistosa ornamentação, produzindo grande effeito a profusa illuminação que nelle foi estabelecida.

Especuladores fizeram construir em frente ao pavilhão duas vastas archibancadas para accommodação do povo, mediante uma retribuição pecuniária. Denuncias feitas á Municipalidade diziam que ellas não offereciam completa segurança. Vistorias foram realizadas e affirmaram a excellencia da construcção.

O povo, porém, não acceitou o *verdictum* e as archibancadas ficaram despovoadas dando enorme prejuizo aos seus constructores.

D. Pedro II que assistia ás festas do grande pavilhão, vendo que o povo não concorria ás archibancadas, mandou retirar a força de policia que as guarnecia, declarando que fosse franca a entrada no pavilhão, pois que elle era do povo, e que elle se comprazia em ver os seus subditos alegres e orgulhosos pela victoria de sua patria.

O povo invadio o pavilhão no meio de vivas e acclamações ao bondoso monarcha.

Terminadas as festas, dias depois um violento incendio consumio as archibancadas, ficando queimadas e feridas algumas pessoas.

Para perpetuar as victorias brasileiras na campanha do Paraguay, o Engenheiro Caminhoá apresentou ao Governo Imperial o projecto para a erecção de um monumento, no centro do campo. Este commettimento, porém, não foi levado a effeito.

Nesse Campo, proximo ao Quartel General eram annualmente construidas pequenas barracas de madeira por occasião das festas do Espirito Santo, barracas de dansas de bonecos e outras diversões conhecidas por barraquinhas do Telles.

Um dos ministros da Guerra, porém, interveio nestas diversões e por meio da policia foram prohibidas as construcções dessas barracas.

Muito depois, um individuo que tinha uma sala de ensino de dansa na rua do Senhor dos Passos em frente á igreja do mesmo nome e conhecido pelo alcunha de Gongozô, conseguiu da Municipalidade licença e restabeleceu as barraquinhas, onde, além de vender sortes de brinquedos, perús, gallinhas, porcos, etc., por 1\$, trocava o objecto sorteado por 5\$ e 10\$000.

Os pregoeiros das sortes para animar a freguezia gesticulavam, gritavam, faziam toda sorte de alarido, acompanhado das convidativas phrases:—Freguez, um Perú ou cinco “pellêgas” por dez tostões, etc.

Muitas das barracas usavam o systema da venda de objectos por meio de leilões, tornando-se populares dous dos leiloeiros alcunhados o *Gostoso* e o *Republica*, pelos assiduos frequentadores de tal feira.

Eram continuos os conflictos no local, e já não se procurava fazer negocio por meio de bilhetes premiados, o jogo simulado entrava francamente na vasta feira.

A policia, mais tarde, interveio, e, por intermedio da Municipalidade, foram prohibidas as taes barraquinhas até hoje.

Em 1871 a Camara Municipal aventou a idéa de se transformar o campo em um vasto parque, e para esse fim encarregou o architecto francez Glaziou de apresentar o respectivo plano.

Não possuia então a Municipalidade os meios necessarios para realização desse empreendimento, pelo que empenhada a leval-o a effeito recorreu ao Governo Imperial por intermedio do então Ministro do Imperio Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, que se mostrando muito interessado pela utilissima idéa empregou todos os seus bons officios para que tal empreendimento se tornasse uma realidade.

Do boletim da Camara Municipal de 1871, dando conta da sessão de 3 de Junho desse anno, consta o seguinte: Proponho que se accete o plano apresentado pelos Srs. Glaziou & Filho para o embellezamento do campo da Acclamação, levantado por ordem do Governo Imperial, procedendo a Directoria das Obras Publicas, desde já, ao orçamento de todos os trabalhos, ficando o Vereador commissario plenamente autorizado a ajustar as condições do contracto com os mesmos senhores, segundo o valor do orçamento e propondo a Camara os meios de obter os recursos necessarios á execução desta monumental obra.

Paço Municipal, em 3 de Junho de 1871. — *Dr. Ferreira Vianna, Dr. Gonçalves Fontes, Araujo Lima, Frias de Vasconcellos, Dias da Cruz, Dr. Abreu Lima.*

Foi approvada.

E taes foram os esforços da Municipalidade e a boa vontade

do Ministro do Imperio que se deram começo ás obras em 1873 e em 7 de Setembro de 1880 foi inaugurado o notavel parque, que fôra orçado em quantia superior a dous mil contos.

O *Jornal do Commercio* do dia 8 de Setembro assim noticiou a inauguração do grande empreendimento:

“Jardim da praça da Republica — Foi hontem entregue ao publico fluminense este vasto e bellissimo jardim, cujas obras foram mandadas fazer pelo Gabinete Rio-Branco, sendo Ministro do Imperio o Sr. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.

Desde as 4 horas da tarde achava-se agglomerado o povo nas proximidades dos quatro portões e com especialidade junto ao que defronta com a rua do Hospicio.

Pouco antes das 5 horas chegaram os Srs. Ministros do Imperio, Marinha e da Agricultura, que foram recebidos pelo Dr. Glaziou, a quem o Sr. Ministro do Imperio, depois de o felicitar pelo importante melhoramento, que levava a tão bom termo, entregou o decreto, datado de hontem, pelo qual foi o mesmo Sr. Glaziou agraciado com o gráo de Commendador da Ordem de Christo, em attenção aos relevantes serviços prestados.

As 5 horas chegou Sua Majestade o Imperador, acompanhado do seu camarista, o Sr. Conde de Iguassú, sendo recebido pelo Dr. Glaziou a quem S. M. honrou com um aperto de mão e com palavras de louvor.

Em seguida começou S. M. a percorrer o jardim acompanhado pelos Ministros, o mesmo doutor e o povo, que entrara pelo portão fronteiro á rua do Hospicio, ordenando logo o mesmo Augusto Senhor que fossem abertos os outros tres portões.

Momentos depois ficaram completamente cheias as espaçosas ruas do Jardim, continuando a concurrencia pela noite em diante.

Segundo já noticiámos, pouco terá excedido de mil contos o custo desse importante melhoramento, que tão util deve ser a todos os respeitos á cidade do Rio de Janeiro.

O Sr. Barão Homem de Mello, então Ministro do Imperio, dirigio no dia seguinte ao Sr. Conselheiro João Alfredo a carta que damos em seguida:

“Gabinete do Ministro do Imperio — Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1880—Illmo. e Exmo. Sr. Senador João Alfredo—Cumpre-me o grato dever de referir a V. Ex. as palavras de Sua

Majestade o Imperador, hontem, durante o acto da inauguração do jardim da praça da Acclamação:

“Deve-se ao João Alfredo. A elle devemos agradecer: foi preciso ter muita perseverança; elle a teve e venceu.”

E logo adiante, depois de havermos percorrido pequena parte do Jardim:

“Não está ahi o Sr. João Alfredo? desejava encontral-o agora aqui.”

Senti o mais vivo jubilo testemunhando a alta demonstração de apreço com que o Imperador tão solemnemente honrou os serviços e dedicação de V. Ex., dotando a capital do Imperio com tão importante melhoramento.

Em acto continuo á inauguração, tive a honra de procurar a V. Ex. em sua casa, para annunciar-lhe o que se passára. Não tendo tido o prazer de encontrar a V. Ex., rogo a V. Ex., se digne por este meio aceitar as minhas congratulações pela alta distincção que mereceu de Sua Majestade o Imperador.

Sou, com o mais distincto apreço, de V. Ex. amigo, collega muito respeitador e obrigado. — *Barão Homem de Mello.*”

O custo total do Parque importou em 1.102:000\$ menos 550:000\$ do que o orçamento.

Da economia realizada coube ao Dr. Glaziou, em virtude do seu contracto, a quantia de 100:000\$, pois uma das clausulas lhe concedia o terço das economias que realizasse.

Glaziou não recebeu maior somma porque deixou de fazer outros trabalhos, como por exemplo a construcção do passeio exterior que circumda o jardim.

O gradil de ferro que cerca o parque foi feito pela Companhia Berberat, do Val d’Osne, em França e custou 80:000\$, o parapeito de cantaria custou perto de 95:000\$ e as pilastras dos portões importaram em 9:600\$000, isto é, 1:200\$000 cada uma.

As suas dimensões são as seguintes: perimetro 1,545^{m2}; superficie plastada 86,587^{m2},95; lagos e rios artificiaes 17,962^{m2},00. A cascata alimenta os lagos diariamente com 120.000 litros de agua.

Com o advento da Republica, espiritos irrequietos e trefegos assomados de um patriotismo impenitente e intolerante, mandaram

destruir as corôas da monarchia que faziam parte da ornamentação do gradil e substituil-as pelas armas da Republica, trabalho este que custou avultada somma aos cofres do Estado, conservando, porém, como um ridiculo anachronismo sobre os portões do lindo parque a data de 1873!

1907.

VELHAS USANÇAS DO PAÇO IMPERIAL

D. Pedro II, o velho monarcha que durante cincoenta annos dirigio com patriotismo a Nação Brasileira, apezar de não se occupar muito com as pragmaticas tradicionaes que os seus antepassados tão rigorosamente observavam, pelo seu espirito eminentemente esclarecido e pela propria evolução civilizadora que lentamente ia fazendo desaparecer as antiquadas ceremonias, tão apparatusas e ridiculas até certo ponto, ante os novos costumes, não era systematicamente rebelde ás exigencias impertinentes do regimen que representava.

Sua Magestade não se sentia bem, quando por occasião da abertura do Parlamento era obrigado a apresentar-se com aquelle original vestuario tão commentado pelos democratas da época e que servio por vezes de thema ao humorismo dos folhetinistas e caricaturistas da imprensa.

Muitas vezes em conversa com os seus camaristas manifestava viva contrariedade, discutindo o uso desse trajo de aparato, que elle qualificava de incommodo e obsoleto.

Comtudo, no principio do seu reinado tolerou a observação de usos e costumes imanados dos seus antecessores, unicamente como respeitador da tradição e mesmo como necessario para maior brilho e magnificencia da sua situação de soberania, naquella época, em um meio social ainda fanatizado pelos rigores da etiqueta official, julgada como imprescindivel á estabilidade e garantia da instituição monarchica.

A' proporção que se iam dilatando os dias do seu reinado, o Sr. D. Pedro II foi lentamente abandonado muitas praticas e usanças, supprimindo pragmaticas obrigatorias até então nas grandes solemnidades da Côrte, abolindo muitos preceitos da velha etiqueta, que só se coadunavam com a época do absolutismo real.

Desta fôrma tornou-se um Rei democrata, espirito negativo ás observações de praxe determinadas até em leis, sem se preocupar de revogal-as por outras leis.

E' geralmente sabido que os mais humildes dos seus subditos eram por elle recebidos sem apresentação de especie alguma, bastando quando muito a assignatura do nome no livro da portaria do Palacio, e nas solemnidades a que comparecia conversava com todas as pessoas affavelmente, como amigo.

Certa occasião, tendo acabado de dar audiencia publica no Palacio da Boa Vista a grande numero de pessoas, retirou-se para uma das salas interiores afim de tomar uma ligeira refeição.

Um magistrado — que no dia seguinte partia para o Norte, chegára tarde á audiencia, mas como fazia empenho em despedir-se do Monarcha, enviou-lhe, não sem relutancia do camarista, o seu cartão de visita. O Imperador sempre bom, não se fez demorar, volvendo ao salão com ar risonho e prazenteiro.

O velho magistrado, um tanto embaraçado, apresentou-lhe suas desculpas por tel-o incommodado, e D. Pedro II, procurando desviar a conversação, mostrou-se reconhecido pelo interesse que demonstrára em querer vel-o antes de partir para a sua commissão.

Lhano para com todos, até para com os mais simples, a elles se dirigia sem a menor preocupação da sua alta funcção, e com os seus Ministros e pessoas da Côrte era de uma franqueza e familiaridade dignas de referencias.

Com muitos discutia fôrmas de governo, declarando que apenas se conservava como factio historico.

Não raro no meio da conversação citava a seguinte phrase poetica de Alexandre Pope:

“De fôrmas de Governo falle o nescio,
O mais bem ministrado esse é o melhor.”

Apoiava e divergia das opiniões, discutindo-as muitas vezes com certo calor e com uma franqueza que causava a admiração dos membros da sua Côrte.

O *beija-mão* foi banido do ceremonial da Côrte, porque ha muito tempo esse uso repugnava á indole democrata do grande Brasileiro.

Depois do seu consorcio começaram então a decahir rapidamente umas tantas formalidades que até então eram observadas com excessivo rigor, formalidades que, abandonadas, trouxeram mais commodidades e alliviaram em boa parte o erario da Mordomia Imperial.

Extinguiu cargos honorificos de sua Casa, taes como mordomo-mór, esmolér mór, estribeiros mór e menor, rei d'armas, arauto, passavantes, camareiro-mór, sumilher da cortina, guardas roupas effectivos, chegando a dispensar a guarda de archeiros.

Ganhou fóros de notoriedade a maneira altamente paternal com que D. Pedro II, tratava em Petropolis os colonos estrangeiros que delle se acercavam nos seus passeios a pé, ora sózinho, sem creado algum que o seguisse, ora em companhia da Imperatriz Thereza, e o especial carinho que dispensava ás crianças irriquietas que o atropellavam nas ruas da pittoresca Suissa brasileira, para babujar-lhe as mãos.

E' bem conhecido o respeito e o carinho com que sempre o Imperador cercou seu sabio mestre Frei Pedro de Santa Marianna, Bispo de Chrysopolis. Um facto basta, entre muitos, para demonstrar o que affirmamos.

Gravemente enfermo o preclaro Carmelita, o Imperador o ia visitar duas e tres vezes ao dia, no seu aposento, na Quinta da Boa Vista. Sentava-se na cama e com as suas proprias mãos ministrava ao illustre enfermo o caldo ou o medicamento prescripto pelo medico. Por occasião de receber o Bispo o Viatico, o Imperador e toda a familia o acompanharam. Depois da communhão, D. Pedro com a toalha limpou os labios do seu mestre e amigo e o mesmo praticou no acto da extrema-uncção.

Fallecendo o Bispo a 6 de Maio de 1864, D. Pedro ordenou o embalsamamento do cadaver e que o enterro fosse feito com toda a pompa. Antes de fechado o caixão, D. Pedro ajoelhou-se ante o cadaver, fez oração e beijou as mãos do Bispo, retirando-se em seguida para os seus aposentos, debulhado em lagrimas e soluços.

A's 7 horas da tarde realizou-se o enterro, que foi acompanhado por D. Pedro, de carro, até á igreja da Lapa, pegando elle proprio uma das argolas do caixão para conduzir o corpo

para o coche funebre. O mesmo fez quando se retirava o caixão para a igreja.

Para honrar a memoria do seu mestre, tomou luto com as pessoas de sua familia por alguns dias e assistio em pessoa ás ceremonias funebres realizadas na propria igreja.

O seu espirito tão liberal, e o que é mais, a indifferença pelas pragmaticas mereceu por vezes a censura dos aulicos e dos aferados cultores das velhas usanças.

Pessoalmente visitou em suas residencias o Marquez de Sapucahy e o Duque de Caxias e assistio com toda a Familia Imperial, em 5 de Maio de 1884, o casamento do Conde de Barral com a Sra. D. Maria Francisca de Paranaguá, filha do então Visconde de Paranaguá, comparecendo á igreja e á residencia dos noivos.

Este facto causou nos arraiaes palacianos os mais vivos commentarios, attribuindo uns a quebra de dignidade e compostura de tradições e outros a revelação de preferencias que podiam offender mal entendidas susceptibilidades.

E tanto assim foi, que o *Jornal do Commercio*, de 6 de Maio, dando noticia daquelle casamento, a fez preceder das seguintes linhas:

“Consortio — A assistencia dos soberanos a um acto em que SS. MM. II. tinham de ficar no segundo plano, deu hontem a uma festa de familia realce e lustre nunca vistos ainda, em não se tratando de principes de sangue.

Delle, pois, temos de tratar como de festa que a presença da Majestade exaltou com a solemnidade da Côte, fazendo-a sahir dos estreitos limites da familia que nunca devassamos”.

Contam, porém, que quando em viagem pela Europa o Sr. D. Pedro II, antes do banimento, procurava sempre nas Côrtes fazer sentir as suas prerogativas de Imperante, de fórma a não tornar esquecidas as pragmaticas devidas á sua gerarchia.

Para dar uma ligeira idéa dos costumes daquelle época de rigorismo pragmatico e de umas tantas ceremonias então em uso, e que bem pódem servir para conhecimento da actual geração, trataremos aqui de narrar o nascimento, baptismo e morte do Principe D. Pedro Affonso, segundo filho do Monarcha Brasileiro.

Quem conhece pela leitura de velhos livros a narração das antigas solemnidades, verá quanta modificação soffreu a pragmatica, como abandonadas foram as etiquetas observadas até o reinado de D. Pedro I.

Em 19 de Julho de 1848 nasceu no Palacio da Boa Vista o Principe D. Pedro Affonso, que horas depois foi nos braços de D. Pedro II apresentado ás pessoas da sua Côrte.

Depois da apresentação e recolhido o Principe ao aposento de sua Augusta Mãe e collocado em luxuoso berço, adquirido na acreditada casa de moveis e tapeçarias de Mme. Escoffon, na rua da Ajuda, foi lavrado e assignado o seguinte auto:

“Aos dezenove dias do mez de Julho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e quarenta e oito, vigesimo setimo da Independencia e do Imperio, nesta muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro, achando-se reunidos no Paço da Imperial Quinta da Boa Vista, por ordem de Sua Magestade o Sr. D. Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, os Ministros e Secretarios de Estado, os Conselheiros de Estado, os grandes do Imperio e os Presidentes das duas Camaras da Assembléa Geral Legislativa, commigo abaixo assignado, para servirmos de testemunhas do Nascimento do Serenissimo Principe ou Princeza que Sua Magestade a Imperatriz, a Senhora D. Thereza Christina Maria, Augusta esposa da Dita Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro Segundo, se achava Proxima a Dar á luz, fomos conduzidos pelo Exm. Marques de Itanhaem, fazendo as vezes de Mordomo-Mór, na proxima Camara, em que Sua Magestade a Imperatriz Estava; e onde nos foi apresentada por Sua Magestade o Imperador a Augusta Pessoa recém-nascida, a Qual vimos, ouvimos e reconhecemos ser do sexo masculino e achar-se são e perfeito. E para que o referido conste a todo o tempo, eu, José Pedro Dias de Carvalho, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, lavrei tres Autos, todos deste mesmo theor, por mim assigna-

dos, pelas testemunhas acima declaradas e pelo medico da Imperial Camara, o Doutor Candido Borges Monteiro, um dos quaes ficará depositado nas Augustas Mãos de Sua Magestade o Imperador, outro será remettido para o Reino das Duas Sicilias e o terceiro ficará archivado no Archivo Publico do Imperio. — Francisco de Paula Souza e Mello, José Pedro Dias de Carvalho, Antonio Manoel de Campos Mello, Bernardo de Souza Franco, João Paulo dos Santos Barreto, Joaquim Antão Fernandes de Leão, Visconde de Olinda, Visconde de Macahé, Visconde de Abrantes, Visconde de Monte Alegre, Caetano Maria Lopes Gama, Manoel Alves Branco, Francisco Cordeiro da Silva Torres, José Joaquim de Lima e Silva, Antonio Paulino Limpo de Abreu, Honorio Hermeto Carneiro Leão, Conde de Valença, Manoel Antonio Galvão, José Cesario de Miranda Ribeiro, Barão de Monte Santo, Antonio Pinto Chichorro da Gama, Marquez de Itanhaem, Conde do Rio Pardo, Conde de Caxias, Bispo Conde Capellão-Mór, Visconde da Praia Grande, Visconde de Bae-pendy, Visconde de Congonhas do Campo, Barão de Lages, Barão de Bomfim, Antonio de Saldanha da Gama, Manoel da Fonseca Lima e Silva, Barão de Alegrete, Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral, Augusto Duque Estrada Meyer, Dr. Candido Borges Monteiro, Joaquim Martins de Almeida, Francisco Maria Telles, Joaquim José de Siqueira, Dr. Lourenço de A. Pereira da Cunha, Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro e José Maria Velho da Silva.”

No dia 20 publicava o *Jornal do Commercio* na 1.^a columna da 1.^a pagina o seguinte:

“Havendo a Divina Providencia felicitado a este Imperio com o nascimento que hontem teve lugar de um principe, por ordem de Sua Magestade o Imperador se faz publico que o mesmo Augusto Senhor se digna receber hoje, pela uma hora da tarde, em grande gala, no Paço de S. Christovão, por tão fausto motivo, o cortejo das pessoas que a este acto costumam ser ad-

mittidas, na conformidade dos avisos sobre este objecto já expedidos em 2 do mez passado. Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, em 20 de Julho de 1848. — No impedimento do Official maior, *Joaquim Xavier Garcia de Almeida.*”

Sobre o acontecimento disse ainda o *Jornal* na sua parte edictorial:

“Estão satisfeitos os votos do paiz e do monarcha. Hontem pelas oito horas da manhã deu á luz Sua Majestade a Imperatriz, com o mais feliz successo, um Principe, herdeiro da corôa do Brasil.

Deus abençoe e proteja este novo penhor de ordem e de estabilidade para a grande familia brasileira!”

No dia 21 publicou ainda o *Jornal* a seguinte noticia, que não foi reproduzida depois:

“Sua Majestade a Imperatriz e o Principe recém-nascido passam sem novidade na sua importante saude.”

No Paço da Boa Vista compareceram, além das deputações do Senado e da Camara, os grandes do Imperio, quasi todos os fidalgos e gentis homens, o Ministerio e altas autoridades civis e militares.

O Visconde de Monte Alegre, em nome da deputação do Senado, pronunciou na presença do Imperador o seguinte discurso:

“Senhor. — Excita sempre o regosijo do paiz o nascimento dos principes, mórmente quando o que enceta a viagem da vida é aquelle que ha de ser herdeiro do poder do seu Augusto Pai, porque nesse acontecimento vê assegurada a estabilidade de suas instituições e a duração do throno em que deposita todas as suas esperanças.

O Senado, que em desempenho do seu juramento e por convicção profunda, sempre foi aferrado ao systema monarchico constitucional, hoje acompanha o regosijo da nação que representa e nos envia ante o throno de V. M. Imperial para termos a honra de felicitar em seu nome a V. M. Imperial, pelo nascimento do Principe que a Providencia acaba de conceder-nos, abençoando mais uma vez o seu venturoso consorcio. O Se-

nado, Senhor, faz votos ao Todo Poderoso para que o Augusto recém-nascido vigoroso cresça e vá dar-lhe a subida honra de ter em seu seio o seu futuro monarcha; no qual já contempla o continuador da grande obra que V. M. Imperial, tão adiantada leva, de dar á terra que o vio nascer o lugar que lhe marcam no mundo civilisado seu tamanho, sua riqueza, seu clima e a indole e a aptidão dos seus habitantes.

O Senado tambem se congratula com V. M. Imperial pela feliz saude de S. M. a Imperatriz, e cordealmente a deseja continuada á venturosa mãi de seus Principes. Senhor, digne-se V. M. Imperial de acolher com toda a benignidade que adorna seu coração os protestos que o Senado faz de seu amor, respeito e lealdade á sagrada pessoa de V. M. Imperial”.

O Sr. D. Pedro II respondeu:

“A Divina Providencia concedendo-me o herdeiro do meu throno, quiz, em sua infinita misericordia, que não ficassem baldadas as esperanças que um pai extremoso e um tão grande numero de filhos não menos caros ao seu coração, tinham concebido em um momento, infelizmente, de curto jubilo, mas de indelevel recordação. A Camara dos Srs. Senadores, que representais e que sempre partilha tão vivamente os sentimentos de que me acho possuido, não podia pois deixar de manifestar-me o seu sincero prazer por um acontecimento de tanta felicidade para mim e para o Brasil, que, espero, encontrará no meu amado filho a mesma dedicação ao paiz e a mesma fé nas instituições de que tenho dado provas, o que solemnemente reconheceis, rodeando o meu throno e saudando desde o berço o futuro successor dos meus desvellos.”

O Sr. Dr. Christiano Ottoni, em nome da deputação da Camara, pronunciou o seguinte:

“Senhor! A Camara dos Deputados vem cumprimentar a V. M. Imperial, saudando a aurora da existencia do herdeiro presumptivo da Corôa.

A Nação Brasileira, Senhor, acolhe sempre com satisfação a esperança de que se perpetue a dynastia do fundador do Imperio; a qual marcando a data da Independencia e representada actualmente por V. M. Imperial, offerece-nos penhores de sua perpetuidade, outras tantas garantias de liberdade e engrandecimento nacional.

Senhor! A Camara dos Deputados, orgão destes sentimentos, que ella igualmente compartilha, tem confiança que V. M. Imperial acolherá não menos benignamente esta franca manifestação de seus votos, do que a expressão dos do paiz tão fiel quanto legitima e genuina.

Desempenhando os preceitos da Camara, seja-nos licito, Senhor, apresentar tambem de nossa parte a V. M. Imperial as mais sinceras felicitações:"

O Imperador respondeu nos mesmos termos dados á deputação do Senado.

Em ambas as Camaras foram lidas pelos respectivos relatores das deputações os discurso acima mencionados, sendo registrado em acta que a "resposta do Imperador era recebida com muito especial agrado."

A deputação da Camara dos Deputados compunha-se dos Srs. Christiano Benedicto Ottoni, José Bento de Tenreiro Aranha, Francisco José Furtado, Carlos Augusto Peixoto de Alencar, Thomaz Pompêo de Souza Brasil, Marcos Antonio de Macedo, Frederico Carneiro de Campos, Joaquim Nunes Machado, Casemiro José de Moraes Sarmiento, Felipe Lopes Netto Junior, José Corrêa da Silva Titara, Angelo Francisco Ramos, Manoel Joaquim Pinto Pacca, Affonso de Albuquerque Mello, Tristão de Abreu Rangel, José Maria da Silva Paranhos, Paulino José Soares de Souza, Francisco de Paula Cerqueira Leite, Francisco Ignacio de Carvalho Moreira, Antonio Gonçalves Chaves, Estevão Ribeiro de Rezende, Joaquim Augusto do Livramento e Pedro Rodrigues Fernandes Chaves.

Da deputação do Senado, apesar das pesquisas que fizemos, não nos foi possível encontrar noticia nem na acta, nem nos jornaes da época.

Na noite desse dia realizou-se no theatro S. Pedro de Alcantara um espectáculo pela Companhia Dramatica, em rego-sijo pelo feliz nascimento de S. A. o Serenissimo Principe Imperial, como diziam os cartazes affixados nas paredes da cidade.

Depois de executado o Hymno Nacional subio á scena o drama *Paulo e Virginia*, tomando parte nos principaes papeis na representação da peça as actrizes Gabriella De Vecchy, Ludovina Soares e Maria Amelia, e os actores Florindo Silva, Gusmão, Paula Dias, João do Amaral, Manoel Pinto, Manoel Soares, Antonio Ramos e Montalvão.

Marcado o dia do baptisado do Principe para 19 de Setembro, isto é, tres mezes depois do seu nascimento, foi elle transferido para o dia 4 de Outubro.

O dia 19 de Setembro foi escolhido por ser o consagrado a S. Januario, data gloriosa, porque em 1770 foram desbaratados Duclerc e seus companheiros, que procuravam invadir o Rio de Janeiro, e 4 de Outubro por ser o dia de S. Francisco de Assis, muito venerado pela Casa de Bragança.

Refere a lenda que D. João IV, sendo ainda duque de Bragança, quando se achava em uma Quinta de Villa Viçosa, perseguido por um mendigo dera-lhe um ponta-pé. Este rogou-lhe uma praga de que os primogenitos de Bragança morreriam em verdes annos.

A prophesia cumprio-se com a morte do Principe D. Theodosio, herdeiro de D. João IV. O monarcha portuguez ordenou que todos os principes reaes seriam irmãos da ordem de São Francisco e que elle e seus successores assistiriam á festa daquelle santo.

D. João VI, durante sua estadia no Brasil, nunca deixou de cumprir este voto, e no dia da festividade sentava-se á mesa dos frades do Convento de Santo Antonio e servia-se do frugal jantar, mandando distribuir pelos pobres os manjares que vinham para elle da Ucharia Real.

Era tal a devoção por S. Francisco, que alguns reis de Portugal levavam como mortalha o habito do seraphico de Assis.

Logo pela madrugada daquelle dia as fortalezas da barria fizeram despertar a população prorompendo em salvas de 21 tiros dos seus mais vigorosos canhões, e os sinos das igrejas com seus repiques festivos annunciavam com antecipação a cerimonia que com tanta pompa se ia celebrar na Cathedral Metropolitana.

Nas proximidades do Paço da cidade foram levantados vistosos coretos onde bandas de musicas militares tocaram durante quasi todo o dia e parte da noite.

Era um dia de grande festa na cidade do Rio de Janeiro e o povo affluia em todas as ruas, na mais viva expansibilidade de contentamento.

Ricas colchas de damasco, de côres variegadas, pendiam das sacadas e das rotulas das casas, e por toda a parte guirlandas de flores artificiaes, bandeiras e galhardetes viam-se dispostos pelos portaes dos predios e em fórmula de arco de um ao outro lado das ruas.

Galhardamente enfeitado apresentou-se o largo do Paço, e a população a elle concorreu com o melhor dos seus vestuarios, onde se confundiam as casacas verdes de botões amarellos de promiscuidade com as originaes roupagens das negras bahianas, cobertas de contas e rosarios de ouro, balagadans de prata velha, saias e golas de camisas de barafundas de rendeira.

De quando em vez bandos de chameleiros surgiam pelas ruas e praças em tocatas que não primavam pela harmonia das notas, acompanhados de numeroso sequito de curiosos attrahidos pela musicata e interrompendo o movimento dos coches e das liteiras.

A foguetaria espocava atroante pelos ares e reproduzida pelo éco nos cocorutos das montanhas proximas.

Era, diziam raros septuagenarios, geral na população a alegria e o enthusiasmo. Nas proximidades da Cathedral foi tão compacta a multidão, que a tropa de linha com difficuldade mantinha a sua posição de alas abertas.

O Paço da cidade estava quer interna quer externamente engalanado. A sala do grande docel estava toda decorada de damasco carmezin, cortinas e alcatifas finas da India. Sobre uma mesa coberta de velludo verde estavam expostos a Opa rica e o Sendal.

Em outra, dentro de uma bandeija dourada, estavam as *Vestes candidas* (roupas brancas do Principe) e em um prato a *Corôa de Massapão*, guarnecida de pequenas pastilhas. Esta corôa, segundo a opinião de conhecedores de etiquetas, servia nos baptizados como um symbolo da affirmação da Igreja á prosperidade do neophito que recebe a sagração do catholicismo.

Em outro prato maior, tambem dourado, via-se um cirio lavrado de illuminuras e ornado de ouro, em torno do qual estavam embutidas em fórma de cruz, quatro peças de ouro de 16\$ e tres toalhas de ricas franjas de fino crivo. Ainda em outra mesa estavam expostos o saleiro e custosa toalha que serviria para enxugar a cabeça do baptizando.

No passadiço que ligava o Palacio ao antigo Convento do Carmo, onde está hoje o Instituto Historico, e nos dous coretos levantados na parte posterior do alpendre contiguo á capella, tocaram durante o dia bandas de musica militares, que executaram o hymno nacional á passagem do prestito.

A Cathedral ostentava, além de graciosa ornamentação na parte exterior com custosas colchas e sanefas de damasco, variada decoraçào interna. Das tribunas pendiam colcas de seda da India e de damasco carmezim com flores em alto relevo.

Dentro do templo, no vão opposto ao baptisterio, ao lado direito de quem entra, achava-se o primeiro leito para o Principe, rico e artistico berço fornecido pela antiga casa de Mme. Escuffon, estabelecida na rua da Ajuda.

Ao lado direito tambem havia uma mesa onde estava um sacco de velludo com os preparos para as pensaduras do Principe, e uma outra tambem coberta de velludo.

Mais para o centro da capella, proximo do altar-mór, havia outro berço e outra mesa com identicos objectos acima já referidos.

Do lado do Evangelho destacavam-se o throno imperial, com docel e espaldar e o solio, havendo tambem outro throno e solio na capella-mór.

Pela manhã, antes da cerimonia, dous Reposteiros acompanhados de dous Archeiros armados conduziram em jarras de prata a agua para a pia, que foi benzida, ficando de sentinella á mesma pia até o fim da solemnidade os dous Archeiros.

A's 3 1/2 da tarde o Mordomo-mór da Imperatriz, de Opa e Sendal, dirigio-se para a Camara Imperial, trazendo nos braços para a sala do doceíl o Principe, acompanhado dos representantes dos padrinhos, do camareiro-mór e da aia. Ahi já se achavam a Familia Imperial, todo o Ministerio, grandes do Imperio, gentis-homens, veadores, camareiras-móres, officiaes maiores, guarda-roupas, Dõnas da camara, honorarias, açafatas, moços da Imperial Camara, effectivos e honorarios, medicos e cirurgiões da Imperial Camara, effectivos honorarios, e porteiro da Camara.

Pouco depois poz-se em movimento o prestito, que sahio pela porta principal do Paço e dirigio-se para a capella.

Abriam o prestito dous Guardas Archeiros, seguindo-se a banda de chameleiros, os porteiros da Camara e da Massa, estes empunhando uma vara pintada de vermelho e encimada por uma corôa, o Rei d'Armas, revestido de suas guerreiras vestes, bem assim o Arauto e o Passavante.

Logo após vinham os Juizes Territoriaes da Côrte e da Provincia do Rio de Janeiro, os directores dos estabelecimentos publicos de instrucção, os presidentes do Instituto Historico, da Academia de Medicina e da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o Reitor do Collegio de Pedro II, os membros da Commissão da Praça do Commercio e outros de institutos e associações civis, os Tenentes-Corõeis de patente, pessoas condecoradas com as honras deste posto e deste posto para cima quer da tropa de linha quer da Guarda Nacional, sacerdotes, membros da Camara Municipal, dos Tribunaes da Junta do Commercio, da Relação, do Thesouro, do Conselho Supremo Militar e do Supremo Tribunal da Justiça, os mestres da Familia Imperial, os moços da Camara, dos quaes tres delles carregavam a toalha rica, o saleiro, e o auto do baptismo já lavrado, os officiaes maiores das Secretarias de Estado, os da Casa Imperial e das Secretarias das Camaras Legislativas, os medicos, guarda-roupas, os titulares sem grandeza, comprehendidos os do Conselho, os Presidentes de Provincia, o Moço da Toalha, Commendador João Carlos da Cunha Vasconcellos, moços fidalgos e os fidalgos cavalleiros, o porteiro da Imperial Camara, o Tenente da Guarda de Archeiros, João José de Almeida Mascarenhas Ramos, os officiaes-

móres da Casa Imperial, os Veadores e os gentis-homens, os Bispos, os grandes e os officiaes-móres da Córte.

Logo depois vinham a *Corôa de Massapão*, a bandeija com as *Vestes candidas*, conduzida por dous daquelles officiaes, e ainda um outro empunhando o Cirio, cada um dos dous ultimos acompanhado de dous moços-fidalgos, e em seguida os ministros e conselheiros de Estado.

Após destacava-se o Mordomo-mór da Imperatriz, interino, Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, Ministro do Imperio, com o Principe nos braços debaixo do Pallio, carregando as varas os grandes do Imperio, entre os representantes dos Padrinhos, seguidos por moços fidalgos, pela Camareira-mór e por uma das aias; o mestre de sala a dous passos adiante do Imperador, e ao lado direito.

A Familia Imperial vinha em seguida acompanhada pelo Mordomo-mór do Imperador, de um gentil homem, do Veador de Serviço, do Reposteiro-mór, do Capitão da guarda de archeiros, Marquez de Cantagallo, e de varias damas da Paço e creadagem.

Chegados á capella a Familia Imperial e a sua comitiva installaram-se na Tribuna da capella-mór. A' entrada do templo Moços da Camara levantaram o Pallio e o entregaram ás pessoas antes designadas para conduzil-o por dentro do templo, ficando ainda sob o Pallio o Mordomo-mór com o Principe nos braços, entre os representantes dos padrinhos e acompanhado pela Camareira e Aia. Os que carregavam as varas do Pallio na rua caminhavam com os chapéos armados na cabeça, bem como os que conduziam as insignias do Principe. As pessoas que tomaram parte no prestito se detiveram proximo da porta do templo para dar entrada ás pessoas imperiaes.

Um pouco além da porta principal pararam os conductores do Pallio, indo os Moços da Camara que levavam o sal e a toalha rica depositar esses objectos na Credencia junto do primeiro berço, e os que levavam as insignias do Principe as collocaram em uma mesa proxima, sendo as varas do Pallio novamente entregues aos Moços da Camara. O Mordomo-mór dirigio-se para o primeiro berço e ali deitou o Principe, ficando junto do leito a Camareira, a Aia e a Ama.

O Bispo Capellão-mór, Conde de Irajá, dirigio-se para a frente do Imperador e o aspergiu, seguindo para a capella do Sacramento, onde fez oração, acompanhado do Monarcha e de seus camaristas. Depois da oração o Imperador tomou lugar no throno e o Bispo no solio, do corpo da igreja.

Depois de ter o Bispo purificado as mãos, o Mordomo dirigio-se para o primeiro leito, d'onde tomado o Principe nos braços installou-se debaixo do Pallio, sustentado pelos grandes do Imperio até proximo do throno onde estava o Imperador, precedido do *Rei d'Armas*, do *Arauto* e do *Passavante* e dos nomeados para conduzirem as insignias, tomando então lugar junto ao segundo leito a Ama do Principe.

Parando o prestito, foram as insignias depositadas na Credencia principal da capella-mór, ficando o Cirio no centro, as *Vestes candidas* á direita e o *Massapão* á esquerda, sendo tambem nella collocadas as toalhas para a cerimonia.

Em seguida foi o Principe levado ante o Solio, acompanhado pelos representantes dos padrinhos. Todo o auditorio levantou-se, fazendo o Bispo, sentado no Solio, varias interrogações ácerca dos nomes dos padrinhos e declarando em voz alta os nomes do Principe, que estavam escriptos em um cartão.

Os padrinhos descobriram então o peito do Principe e começaram-se as formalidades do sacramento do baptismo.

Logo após o Bispo desceu do Solio e foi encontrar-se com o Principe, que já se achava no centro da igreja, com os representantes dos padrinhos e nos braços do Mordomo-mór, e ahi pronunciou *Ingrederere in templum*, dirigindo-se todos para junto da capella-mór, onde continuaram as ceremonias. Depois destas foi o Principe deitado no segundo leito, enquanto o Bispo procedia á lavanda e mudava de paramentos. Uma vez paramentado de branco e de mitra dirigio-se o Bispo para o Solio, onde tambem se conservavam os representantes dos padrinhos. Nesse interim o Physico-mór, acompanhado de um Reposteiro, dirigio-se para a Credencia com um jarro de agua quente, que foi temperada com a agua benta, mettendo a mão dentro do jarro depois de pedir licença ao Bispo. Procedeu-se então o exame da Fé, que foi respondido pelos representantes dos padrinhos, seguindo-se o baptismo e a unccção, sendo o Principe, depois destas ceremonias, collocado novamente no

leito. Pouco depois foi entoado o *Te-Deum*, lendo o Ministro do Imperio o seguinte auto de baptismo, que foi assignado depois de terminada a solemnidade:

“Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1848, aos quatro dias do mez de Outubro nesta Cathedral e Imperial Capella da muito Leal e Heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, occupando o throno o muito alto e muito poderoso Senhor D. Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, e o solio o Exm. e Revm. Bispo Capellão-mór e diocesano D. Manoel do Monte Rodrigues Araujo, Conde de Irajá, e achando-se na mesma Cathedral e Imperial Capella reunidos os Ministros e Secretarios de Estado, Conselheiros de Estado, grandes do Imperio, officiaes-móres, officiaes e mais pessoas da Côrte e Casa Imperial, muitos Senadores e Deputados, corpo diplomatico estrangeiro, membro dos Tribunaes da Côrte e muitas outras pessoas de distincção, expressamente convidados, o dito Exm. e Revm. Bispo Capellão-mór, baptisou e pôz os Santos Oleos no Serenissimo Principe Imperial Senhor D. Pedro Affonso Christino Leopoldo Eugenio Fernando Vicente Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, nascido no dia dezenove de Julho do corrente anno, pelas oito horas e um quarto da manhã, filho legitimo do dito muito alto e muito poderoso Senhor Dom Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil e da muito alta e muito poderosa Senhora D. Thereza Christina Maria, Imperatriz do Brasil, neto pela parte paterna do fallecido Senhor Dom Pedro de Alcantara de Bragança e Bourbon, 1.º Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil e de sua Augusta esposa, tambem fallecida a Senhora D. Maria Leopoldina Josepha Carolina e neto pela parte materna do Senhor D. Francisco Primeiro, rei do Reino das Duas Sicilias e de Sua Majestade a Rainha sua Augusta esposa, a Senhora D. Maria Isabel. Foi padrinho Sua Majestade

Imperial e Real Apostolica o Imperador da Austria, o Senhor D. Fernando Primeiro, representado pelo Illm. Exm. Senhor Visconde de Olinda, Conselheiro de Estado dos Negocios Extranjeros, encarregado interinamente do da Fazenda, Presidente do Conselho de Ministros, Senador e grande do Imperio, gran-cruz das ordens de Santo Estevão, da Hungria, Legião de Honra, da França, e de São Mauricio e São Lazaro, de Sardenha, official da ordem do Cruzeiro, Commendador da de Christo e fidalgo cavalleiro da Casa Imperial, e madrinha Sua Majestade a Imperatriz viuva do Brasil, a Senhora D. Amelia Augusta Eugenia de Leuchtemberg, Duqueza de Bragança, representada pela Illm. e Exma. Senhora Condessa de Belmonte, camareira-mór de Sua Majestade a Imperatriz do Brasil. E para todo tempo constar se lavraram dous autos em tudo identicos subscriptos pelo Exm. Senhor Visconde de Monte Alegre, Conselheiro de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio e assignado tanto por elle como pelo Exm. e Revr. Bispo Capellão-Mór, Conde de Irajá e pelos representantes dos Augustos padrinhos e madrinha, devendo os dous ditos autos ficar no archivo da Imperial Capella e ser o outro recolhido ao Archivo Publico do Imperio. E eu, Visconde de Monte Alegre, o subscrevi e assignei. Como representante do Augusto padrinho, Visconde de Olinda, como representante da Augusta madrinha, Condessa de Belmonte — *Manoel*, Bispo Capellão-mór Conde de Irajá.”

Ao começar o *Te-Deum* repicaram os sinos da igreja, subiram ao ar numerosas gyrandolas de foguetes, salvando as fortalezas e os navios de guerra, dando descargas de fuzilaria a tropa de linha e a Guarda Nacional formadas no largo do Paço.

Terminado o *Te-Deum* o Imperador dirigio-se para a capella do Sacramento, fazendo oração de joelhos, tendo ao seu lado esquerdo o Mordomo-Mór com o Principe nos braços.

Concluidas todas as ceremonias e formalidades, reorganizou-se de novo o prestito na mesma ordem em que viera do Paço da cidade e recolheu-se neste já quasi ao entardecer.

No terceiro dia depois do baptisado foi celebrada na capella imperial missa, sermão e *Te-Deum* em acção de graças.

Nos cinco dias subsequentes houve salvas, repiques de sino e illuminação geral.

— No dia 11 de Janeiro de 1850 o *Jornal do Commercio* publicou na 1.^a columna da primeira pagina os seguintes boletins, com o titulo *Parte official*:

1.^o S. A. Imperial passou hontem o dia bem, esteve alegre, não houve nem um movimento febril. Passou a noite tranquillo.

Porém, desde manhã começou a inquietar-se impertinente, e algum tanto febril até ás 11 1/2 horas do dia, que terminou a febre por suor. Então fizeram-se fricções de sulfato de quinino por vezes. Até ás 5 horas da tarde conservou-se sem febre. Das 6 para ás 7 horas começou novo accesso, e ás 7 1/2 quando ia para o banho, antes que se despisse, começou um ataque de convulsões e perdas de sentidos.

Apezar de tudo que se tem feito, continuam as convulsões, que se succedem com pequeno intervallo de tempo.

Sua Alteza está em perigo de vida e por isso julguei conveniente auxiliar-me da presença do cirurgião da fazenda.

São 8 1/2 horas e as convulsões e perdas de sentidos continuam.

S. A. a Princeza Isabel amanheceu indisposta, com pouco appetite, e para a tarde tem tido alguma febre.

Imperial Quinta de Santa Cruz, 9 de Janeiro de 1850. — Dr. *Joaquim Candido Soares de Meirelles*, medico de semana.

2.^o A's 9 horas da noite cessaram as convulsões e em S. A. Imperial continúa a persistir a congestão de

cerebro, comquanto a circulação se tenha tornado mais franca, estando ainda sem sentidos.

A's 10 horas S. A. Imperial está mais calmo, a febre continúa, e assim a congestão, porém em menor gráo.

O estado de Sua A. Imperial é ainda de perigo.

Imperial Fazenda de Santa Cruz, 9 de Janeiro de 1850, ás 10 horas da noite. — Dr. *Joaquim Candido Soares de Meirelles*, medico de semana.

3.º Continúa o estado febril de S. A. Imperial; diminuição sensível da congestão cerebral depois de uma evacuação provocada por medicamentos. S. A. Imperial recobrou os sentidos, porém está ainda em estado de torpor; volta-se procurando as posições habituaes em que costuma dormir.

A' vista deste estado, que já dura desde ás 10 1/2 é lisonjeiro de esperar-se que S. A. Imperial se tire do estado de gravidade em que tem estado.

Imperial Fazenda de Santa Cruz, 9 de Janeiro de 1850, ás 11 horas da noite. — Dr. *Joaquim Candido Soares de Meirelles*, medico de semana.

4.º A' meia noite S. A. Imperial se acha em melhor estado; dormio tranquillo cerca de 40 minutos. Continúa o estado febril, e os phenomenos de congestão cerebral dissipam-se progressivamente.

Continúa, portanto, o estado esperançoso, que deve trazer o restabelecimento de S. A. Imperial. — Dr. *Meirelles*.

5.º A' 1 hora da noite, quando S. A. Imperial estava mais tranquillo e a febre decrescendo, um novo ataque de convulsões, ainda mais violento que o precedente, o assaltou e tem-se conservado com força a despeito de todos os meios empregados. São duas horas, e nenhuma diminuição do mal se nota.

A' vista pois deste redobramento do mal, as esperanças lisonjeiras que nos entretinham da salvação do Principe começam a desaparecer. S. A. Imperial está no maior estado de gravidade.

Imperial Fazenda de Santa Cruz, 10 de Janeiro de 1850. — Dr. *Meirelles*.

6.^o A's 4 horas e 20 minutos S. A. Imperial falleceu, durando o accesso que terminou sua preciosa existencia oito horas e meia.

Imperial Fazenda de Santa Cruz, 10 de Janeiro de 1850. — Dr. *Meirelles*."

— No mesmo jornal desse dia, na sessão denominada *Jornal do Commercio*, na ultima columna da 2.^a pagina, veio a noticia do fallecimento, entrelinhada e nestes termos:

"Penetrados do mais profundo pezar, cumprimos o penoso dever de annunciar a infausta e prematura morte do principe imperial o Sr. D. Pedro Affonso.

S. A. Imperial achava-se na Fazenda de Santa Cruz, onde SS. MM. Imperiaes tencionavam passar parte do verão. Acommettido ante-hontem ás 7 e meia da tarde de um ataque de convulsões, succumbio ás 4 horas e 20 minutos da manhã de hontem com 17 mezes e 22 dias de idade.

SS. MM. Imperiaes nem tiveram a triste consolação de assistir aos ultimos momentos de um filho tão querido, herdeiro do seu throno e esperanza da nação.

Detidos na Capital desde o dia 1 do corrente por motivo da abertura da assembléa geral e dos dias de gala de 6 a 9 do corrente, surpredeu-os na Quinta da Boa Vista a noticia da molestia do principe, e poucas horas depois a da sua morte!...

SS. MM. Imperiaes estão inconsolaveis. Em 11 de Junho de 1847 chamou Deus á sua presença o principe D. Affonso, e já hoje vem a morte subita e inesperada do segundo herdeiro da corôa ferir de novo o coração do pai e do monarcha!

O pezar que hontem se manifestava em todos os semblantes á maneira que se espalhava a infausta noticia da morte do principe imperial, bem mostra quanto

todos sentiam a gravidade da perda que soffremos. A nação toda acompanhando SS. MM. Imperiaes em sua dôr, pedirá a Deus lhes dê forças para resistir a tão grande golpe.”

O Senado tendo conhecimento pelo Ministro do Imperio do fallecimento do Principe, nomeou duas deputações, uma de 14 membros para dar pezames ao Imperador e outra de sete, para a Imperatriz, ficando composta a primeira dos Srs. Maia Pessoa, Galvão, Lopes Gama, Costa Ferreira, Clemente Pereira, Limpo de Abreu, Cunha Vasconcellos, Vergueiro, Visconde de Olinda, Marquez de Valença, Baptista de Oliveira, Mello Mattos e Alves Branco e para a segunda dos Srs. Oliveira Coutinho, Araujo Vianna, Fernandes Torres, Hollanda Cavalcanti, Almeida Albuquerque, Visconde de Congonhas e Alencar e suspendeu a sessão.

O *Correio Mercantil* de 11 de Janeiro publicou o seguinte:

“Hoje pela manhã funcionava a Camara dos Srs. Deputados, quando tendo a palavra o Sr. 1.º Secretario leu o seguinte officio do Sr. Ministro do Imperio:

“Illm. e Exm. Sr. — Sendo Deus servido chamar a Sua Santa Gloria o Serenissimo Principe Imperial o Senhor D. Pedro Affonso hoje pelas quatro horas e vinte da manhã, assim o communico a V. Ex. para fazer presente á Camara dos Srs. Deputados.”

O *Correio da Tarde* disse:

“Sua Alteza Imperial o Senhor D. Pedro Affonso falleceu de convulsões hoje ás 4 horas e 20 minutos da manhã no Palacio da Imperial Fazenda de Santa Cruz, onde SS. MM. o haviam conduzido com suas augustas irmãs, a passar dias para fugirem aos ardores da estação.

Esta infausta noticia espalhada pela volta das 11 horas encheu de consternação a toda a população da cidade, que toma parte nos motivos tanto de alegria como de sentimento para a familia imperial.

SS. MM. sentiram profundamente esta perda fatal e o Omnipotente lhes dê forças e resignação para se submeterem aos decretos divinos.

As Camaras dos Srs. Deputados e Senadores suspenderam as suas sessões logo que souberam de tão triste acontecimento.

A Camara dos Deputados nomeou a seguinte deputação: Srs. Pedreira, Santos Almeida, Souza Ramos, Fernandes Vieira, Azambuja, Monteiro de Barros, Carvalho Moreira, Carneiro de Campos, Silveira da Motta, Justiniano Rocha, Pacca, Nunes de Aguiar, Conego Affonso, Vigario Mendonça, Jobim, Silva Guimarães, Miranda, Jansen do Paço, Bello, Henrique de Rezende, Carneiro da Cunha, Livramento, Pereira de Vasconcellos e Paula Baptista.

O corpo do Principe foi removido para o Paço da cidade sem pompas funebres.”

No mesmo dia 11 realizou-se no Paço da cidade, ás 5 horas da tarde, a cerimonia em grande gala do cortejo de despedida do Serenissimo Principe, a que compareceram o Bispo Capellão-Mór, o Ministerio, Conselheiros de Estado, Senadores, Deputados, Fidalgos da Casa Imperial e grande numero de altos funcionarios do Imperio.

Retirado o corpo do principe do leito, foi collocado em um caixão de cedro encerrado em um outro de chumbo e este em um outro de madeira e depositado na sala do Throno em rica eça.

Consistio o cortejo de despedida na passagem de todas as pessoas presentes a um de fundo em volta da eça e em seguida o beija-mão a Suas Majestades Imperiaes, isto no meio de um profundo silencio, apenas ligeiramente interrompido pelo rumor rouco e secco dos passos sobre o tapete do vasto salão ou pelo dobre dos sinos da Capella Imperial.

Terminado o cortejo foi lavrado e assignado o seguinte auto:

“Auto de obito do Serenissimo Principe Imperial o Sr. D. Pedro Affonso.

Aos onze dias do mez de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito-

centos e cincoenta, nesta muito Leal e Heroica Cidade do Rio de Janeiro, achando-se reunidos no Imperial Paço da Cidade, por ordem de Sua Majestade Imperial, o Sr. D. Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Imperio do Brasil, os Ministros e Secretarios de Estado, os Conselheiros de Estado, Grandes do Imperio, commigo abaixo assignado, para assistirem ao cortejo de despedida do Serenissimo Principe Imperial o Senhor D. Pedro e servirem de testemunhas do seu fallecimento, que teve lugar na Imperial Fazenda de Santa Cruz no dia dez do corrente pelas quatro horas e vinte minutos da manhã, viram e reconheceram o corpo do mesmo Serenissimo Principe, que, findo o cortejo, foi encerrado em nossa presença e de todas mais pessoas de distincção que concorreram ao mencionado cortejo, em um caixão de cedro, que sendo tapado foi encerrado em outro de chumbo, sendo este fechado em outro de madeira coberto de velludo e guarnecido de galão de ouro e para que o referido conste a todo o tempo eu, Visconde Monte Alegre, do Conselho do Estado e Presidente do Conselho de Ministros e Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, lavrei o presente auto por mim assignado e pelas testemunhas acima declaradas, o qual deverá ficar archivado no Archivo Publico do Imperio. Visconde de Monte Alegre, Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, Joaquim José Rodrigues Torres, Paulino José Soares de Souza, Manoel Felizardo de Souza e Mello, Manoel Vieira Tosta, Visconde de Olinda, Visconde de Abrantes, José Antonio da Silva Maia, Caetano Maria Lopes Gama, Antonio Paulino Limpo de Abreu, Marquez de Itanhaem, Barão de Monte Santo, Gabriel Mendes dos Santos, Francisco de Paula Pereira Duarte, Manoel Antonio Galvão, Conde de Caxias, Visconde de Baependy, Visconde de S. Salvador de Campos, Barão de Lages, José Caetano de Andrade Pinto, Barão de Guapémirim, Manoel Ignacio Cavalcanti de Lacerda, Barão de Bomfim, Joaquim José de Siqueira, Barão de

Alegrete, Manoel da Fonseca Lima e Silva, Higino de Figueiredo, Bispo Conde Capellão-Mór, José Moreira Lins, José Antonio de Siqueira Silva, Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, Dr. José Joaquim de Siqueira, João Antonio de Miranda, José Antonio Pimenta Bueno, Antero J. F. de Brito, Manoel de Assis Mascarenhas, Antonio Raymundo Teixeira Vieira Belford, José Jansen do Paço, João Carlos da Cunha, G. Vasconcellos, Francisco José da Rocha Filho, Barão de Itapemirim, João José Teixeira, Dr. Candido Borges Monteiro, Candido José de Araujo Vianna, José Maria Velho da Silva e José Manoel Ferreira.

O corpo do Principe foi velado durante a noite de 11 e parte do dia 12 por grande numero de fidalgos da Casa Imperial e pessoas da Côrte de Suas Majestades.

No dia 12 o clero regular e secular foi ao Paço da Cidade fazer as encommendações do estylo e bem assim os parochos de cada uma das freguezias. Findas as encommendações foram o clero e parochos formar em alas pelas ruas Direita, Ouvidor, Ourives, Ajuda e Santo Antonio, em direcção á ladeira do Convento; todos munidos de tochas accesas.

A's 6 horas da tarde sahio do Paço o coche funebre, sendo o caixão conduzido para o coche pelos Ministros de Estado já referidos. Servio de Secretario do Principe fallecido o Visconde de Monte Alegre; de Mordomo-Mór o Marquez de Itanhaem; de Estribeiro-Mór, o Visconde de Baependy; de Camarista guarda do corpo o Visconde de S. Salvador de Campos. A Corôa Imperial foi conduzida pelo Dr. Aureliano de Souza Oliveira Coutinho; de Porteiro da Canna o Sr. João José Teixeira, Guarda de tapeçaria, Luiz Joaquim de Gouvêa, Estribeiro-Menor, Antonio Pedro Teixeira.

Abria o prestito um piquete de cavallaria e logo após dous batedores.

Seguiam-se os Moços da Maça e Porteiros da Camara, a cavallo; Officiaes da Casa Imperial, Guardas-Roupas, Medicos da Imperial Camara, Officiaes Maiores das Secretarias de Estado e

muitas outras pessoas que foram convidadas para a funebre cerimonia.

Logo após vinham os membros da Camara Municipal, do Tribunal da Côrte e as pessoas que tinham o titulo de Conselho.

Seguiam-se os grandes do Imperio e os Gentes-Homens, as Deputações das Camaras Legislativas, os Ministros e Conselheiros de Estado, o Mordomo-Mór, todos de carro.

Ladeavam o coche funebre, a pé, o Cabide e os Moços da Camara, munidos de tochas accesas, e bem assim os moços da Estribeira, mas sem tochas.

O Estribeiro-Mór, Visconde de Baependy, montado em soberbo cavallo, ia junto da roda trazeira do carro, do lado direito, seguindo-se o carro da Corôa, em que ia o Dr. Aureliano Coutinho conduzindo a Corôa coberta de crepe, e o Carro de Respeito. Era este um carro de gala do Estado, completamente fechado, puxado por quatro cavallos com mantilhas pretas.

O coche funebre era tambem cercado da Guarda Imperial de Archeiros, commandada pelo Capitão Antonio Paulino Limpo de Abreu, tendo como subalterno o Tenente da mesma guarda João José de Almeida Mascarenhas Ramos.

Os corpos da Guarda Nacional e da tropa de linha abriam alas desde o Paço da Cidade até a Igreja do Convento, por fóra das alas dos cleros regular e secular.

A' chegada do coche á subida da ladeira foi o caixão retirado e carregado por pessoas da Côrte até parte da mesma ladeira, sendo então entregues as argolas do caixão ao Provedor e mesarios da Santa Casa da Misericordia.

Na porta da Igreja do Convento, segundo a pragmatica, foi o caixão collocado em um esquife e conduzido pelo mesmo Provedor e Mesarios até á eça installada na nave central do templo.

Depois de nova encommendação foi então o caixão retirado da eça e depositado em uma das capellas.

Realizada esta cerimonia foi lavrado e assignado o seguinte:

“Termo de entrega do corpo do Serenissimo Principe Imperial o Sr. D. Pedro Affonso na igreja do Convento dos Religiosos de Santo Antonio, desta cidade do Rio de Janeiro.

Aos doze dias do mez de Janeiro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e cincoenta, nesta igreja do Convento dos Religiosos de Santo Antonio da cidade do Rio de Janeiro, estando presentes o Senador do Imperio Marquez de Itanhaem, do Conselho de Sua Majestade o Imperador e seu Estribeiro-mór, nomeado pelo mesmo Augusto Senhor para exercer o cargo de Mordomo-Mór nos actos cerimoniaes do acompanhamento e enterro do Serenissimo Principe Imperial o Senhor D. Pedro Affonso, que Deus chamou á Bemaventurança; o Conselheiro Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça; o Senador do Imperio Joaquim José Rodrigues Torres, do Conselho de Sua Majestade o Imperador, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda; o Senador do Imperio Paulino José Soares de Souza, do Conselho de Sua Majestade o Imperador, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios dos Extranjeros; o Senador do Imperio Manoel Felizardo de Souza e Mello, do Conselho de Sua Majestade o Imperador, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, e achando-se tambem presentes frei Manoel de Santa Verediana, Guardião do sobredito Convento, foi entregue pelo referido Marquez que faz as vezes de Mordomo-mór, ao dito padre guardião, em caixão de madeira forrado de hobreza branca por dentro e por fóra de velludo carmezin guarnecido de tres galões de ouro palheta em cada face, e da mesma sorte a tampa, com uma cruz em cima de dous galões da mesma qualidade, duas fechaduras amarellas, com chaves differentes e tres argollas de ferro de cada lado forradas de galão de oiro, em o qual caixão disse elle Marquez, que serve de Mordomo-Mór, e jurou aos Santos Evangelhos, estava um caixão fabricado de chumbo, no qual, depois de soldado, se lhe pôz na tampa uma chapa tambem de chumbo na qual ia gravado o epitaphio seguinte: — *Hic Jacet D. Petrus Brasiliae Princeps Imperialis, Petri Secundi Imperatoris*

et Theresiae Christinae Mariae, Imperatricis Filius, Petri Primi Brasiliae Imperatoris et Mariae, Leopoldinae, Imperatricis Nepos in Patalio lotonio Sanctae Crucis de Municipio Fluminensi obiit quarto Idus Januari anno Domini millesimo setingentesimo etatis suae anno secundo mundum exacto — e dentro deste caixão de chumbo estava outro de cedro forrado de seda branca, em que foi depositado o corpo do Serenissimo Principe Imperial, o Senhor D. Pedro Affonso, sobre um coxim de setim branco com almofadas e fronhas de cambraia de linho, bordadas, guarnecidas de rendas de França, levando o mesmo Serenissimo Principe camisa de cambraia de linho bordada, saia de cassa, calça de cambraia de linho com entremeios de cassa bordada e renda de França, vestido de renda curto, guarnecido de fitas côr de rosa e forro de setim da mesma côr, meias de seda branca e sapatos de setim preto, tendo o rosto coberto com um lenço branco de cambraia de linho bordado, guarnecido de renda, o qual Serenissimo Principe na quinta-feira, dez do corrente mez de Janeiro, pelas quatro horas e vinte minutos da manhã, falleceu da vida presente no Palacio da Imperial Fazenda de Santa Cruz, e elle Marquez, que serve de Mordomo-mór, o reconheceu ao fechar o dito Caixão, trazendo as chaves comsigo e acompanhando sempre junto delle sem o perder de vista com as mais pessoas acima mencionadas. E pelo sobre-dito Guardião do referido Convento foi dito que se dava por entregue do mencionado Caixão e corpo nelle depositado, e se obriga por si e seus successores no lugar, a dar sempre conta do mesmo corpo ou dos ossos delle, ficando em seu poder uma das chaves do dito Caixão e a outra nas mãos do Marquez, que neste Acto serve de Mordomo-mór, para guardar onde pretender.

De tudo o que, eu, Visconde de Monte Alegre, do Conselho de Estado, Senador do Imperio, Presidente do Conselho de Ministros e Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, fiz por especial ordem de Sua Majestade o Imperador que se Dignou nomear-

me para este Acto, servir de Secretario do Serenissimo Principe Imperial o Senhor D. Pedro Affonso, dous termos deste mesmo teor, um dos quaes ficará archivado na Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio e o outro no Archivo Publico, indo ambos assignados por mim e por todas as mais pessoas acima declaradas. — *Visconde de Monte Alegre, Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, Joaquim José Rodrigues Torres, Paulino José Soares de Souza, Manoel Felizardo de Souza e Mello, Manoel Vieira Tosta, Marquez de Itanhaem, o Guardião Frei Manoel de Santa Verediana.*”

No dia 13, o *Jornal do Commercio* deu a seguinte noticia:

“Depositaram-se hontem á noite, na igreja de Santo Antonio, com todas as honras devidas a tão alta gerarchia, os restos mortaes de S. A. Imperial o Principe D. Pedro.

Foi extraordinario o concurso do povo apinhado nas ruas e praças por onde passou o prestito, e a dôr profunda causada por uma perda tamanha, tanto mais sensivel quanto inesperada, via-se debuxada em todos os semblantes. A morte do augusto principe, depositario das esperanças de uma nação inteira, foi geralmente considerada como uma calamidade.

Mais um anjo subio ao céo; mais um intercessor compareceu em presença do Altissimo, implorando a favor de seus augustos pais inconsolaveis, porque elle não existe mais, em favor deste paiz que ainda hontem lhe saudou o natalicio tão cheio de esperanças, e já hoje o prantea, roubado para sempre ao seu futuro e ás suas affeições.”

As forças militares que prestaram as honras funebres obedeceram á seguinte ordem:

Guarda Nacional—o 1.º corpo de cavallaria formou em frente da porta principal do Paço da cidade, dando a retaguarda para o mar; o 1.º batalhão de infantaria deu a direita áquella porta, estendendo-se em linha até á porta da Capella Imperial; o 3.º batalhão estendeu-se em linha da esquerda desta pela rua Direita até á do Ouvidor, esquina da do Carmo; o 2.º batalhão formou desde aquella rua até á da Quitanda; o 4.º batalhão desta até á dos

Ourives; o 5.º batalhão, desta até á da Assembléa; o 6.º batalhão desde esta até á entrada da de Santo Antonio.

Brigada de linha: formou pelas ruas da Ajuda, ladeira de Santo Antonio até á porta do Convento.

No largo do Paço o batalhão de artilharia do 1.º de linha deu uma salva de 21 tiros, e os corpos da Guarda Nacional acompanharam o prestito formando na retaguarda até á rua dos Ourives, seguindo dahi pela do Ouvidor até á praça da Constituição, onde se recolheram a quarteis.

O 1.º corpo de cavallaria de linha postou-se na rua da Ajuda, desde a esquina da de Santo Antonio até ao largo da Mãe do Bispo.

Terminadas as ceremonias dissolveu-se o prestito, recolhendo todas as forças aos seus respectivos quarteis ao som apenas das cornetas e tambores.

Mais tarde o Imperador mandou construir um mausoléu de marmore de dous metros de largura por quatro e meio de altura, encimado por uma urna coberta por manto, tendo no frontespicio na parte superior, a corôa imperial entre dous dragões em alto relevo e na parte inferior duas grinaldas de saudades unidas por um renque de flores, e nelle encerrou os restos mortaes deste principe e de seu irmão D. Affonso.

Mandou ainda o imperante restaurar a “Capella da Fuga, de Jesus, Maria, José”, que está installada no claustro do convento na passagem destinada ao enterramento dos Religiosos e em frente da sepultura onde depois foi inhumado o illustre Monte Alverne, nella fez collocar o mausoléu.

Tivemos occasião de visitar, ha dias, a referida Capella, hoje muito arruinada pelo tempo, della apenas restando ainda um pouco conservado o revestimento de azulejo, tendo sido as imagens retiradas para outro local mais resguardado, para evitar a damnificação.

Cabe aqui reproduzir o soneto que o Imperante brasileiro, cheio de compuncção, escreveu quando a morte lhe arrebatou o seu primeiro filho D. Affonso:

Póde o artista pintar a imagem morta
Da mulher, por quem déra a propria vida;
A' esposa que a ventura vê perdida;
Casto e saudoso beijo inda conforta.

A imitar-lhe os exemplos nos exhorta
O amigo na extrema despedida...
Mas dizer o que sente a alma partida
Do pai, a quem oh! Deus, tua espada corta,

A flor do seu futuro, o filho amado,
Quem póde Senhor, se mesmo c teu
Só morrendo livrou-nos do peccado?

Se a terra á voz do Golgotha tremeu...
E o sangue do cordeiro immaculado
Até o proprio céo ennegreceu?!...

Vimos tambem na arruinada sacristia da Capella, em completo abandono, o caixão de chumbo onde está encerrado o cadaver embalsamado do Principe D. João, irmão de D. Pedro II.

LO SCHIAVO

Nenhuma data deve ser mais grata á nação brasileira do que esta, 13 de Maio.

Ella recorda a conquista mais gloriosa que um povo jámais conseguiu; uma consagração nacional de fraternidade humana ensinada pelo Divino Mestre e havida dos poderes constituídos, sem luta, sem dôres, sem sangue, pelo unico esforço da vontade popular levada pelos comícios, pela imprensa, pela tribuna á suprema magistratura do paiz.

Ensinou Castellar que a opinião publica se fórma na poeira das ruas para subir pelas vibrações da multidão ao firmamento politico. Assim foi a propaganda abolicionista.

Ideal de poucos. Aspirações de um pugillo de patriotas, semente lançada no chão fecundo das praças, germinou, cresceu, fez-se lenho de que brotavam os copados galhos, que cobriram a capital do então Imperio e o Imperio todo.

Não houve forças que destruíssem o tronco robustecido por innumeradas dedicações que cada dia mais lhe endureciam o cerne; a resistencia escravagista perdia sempre o terreno que o abolicionismo occupava prestes.

A victoria chegou com a aurea lei, cujo inolvidavel anniversario hoje celebra o Brasil.

Muitos dos combatentes da incruenta campanha descançam na paz do Senhor que os inspirou no amor das suas creaturas, guardando a Nação a memoria da benemerencia que tiveram; os sobreviventes, com a saudosa lembrança daquelles valentes companheiros da vanguarda, ainda sentem em cada anniversario que passa as commoções da batalha e o fremente entusiasmo do dia em que a lei consagrou a extincção da escravidão no Brasil.

Não é preciso repetir uma vez mais os episodios dos oito annos da propaganda abolicionista, nem lembrar os nomes dos

lidadores que ninguem esqueceu, mas nem todos esses episodios foram contados, e os que vamos narrar são ineditos, conhecidos apenas dos poucos que nelles figuraram. É um subsidio e acreditamos que não pequeno, que trazemos para a historia da Abolição.

Nelles figura como protagonista a Augusta Senhora a quem Deus concedeu a gloria mais captivante para um grande espirito, a de assignar e promulgar uma lei de redempção. O nome da excelsa Brasileira, que haurio nos ensinamentos paternos o grande amôr da patria que a levou para a idéa abolicionista, não pôde, não deve ser velado nesta data em que todas as recordações nacionaes o evocam, em que a ardencia do seu patriotismo se revelou na mais fulgurante pureza de uma abnegação pessoal em prol da liberdade, em bem da grandeza e do futuro de seu paiz e do seu povo.

Nestas reminiscencias de proxima passada época historica, a Sra. D. Isabel, a Princeza Imperial, a Regente que não hesitou de assumir a responsabilidade dymnastica de amparar os fracos, de levantar os humildes, arrostando a furia dos fortes e a vingança dos soberbos, é a heroína, e o obscuro narrador dos episodios, um pequeno instrumento das suas nobilissimas intenções.

Era em 1889, millesimo secular da Revolução que proclamou os Direitos do Homem, primeiro de nova éra no Brasil; a abolição era um facto, cujos auspiciosos effeitos já se iam manifestando em plena paz; o gabinete de combate que succedera ao cauteloso e prudente ministerio João Alfredo ia pensando as magoas dos escravagistas com os "auxilios á lavoura", que enriqueceram alguns bolsistas e banqueiros e nada ajudaram aos lavradores; a questão militar, julgada mezes antes, renascia com todas as temerosas apprehensões que o gabinete dymnasta aliás não partilhava; a sociedade, entretanto, parecia renascer e o espirito de iniciativa, sopeado pelas incertezas da campanha abolicionista, resurgia em empresas e commettimentos novos; a Fazenda publica era prospera, o povo descansava das recentes commoções, procurando as occupações que a ordem e a paz consentem.

Carlos Gomes, o maestro querido, escrevera *Lo Schiavo*, composição adaptada áquelles dias, e os amadores brasileiros queriam ouvi-lo no theatro.

A Princeza-Redemptora, cujo amor ás bellas artes e especialmente á musica se distinguia entre todas as amadoras da Côrte, decido com o seu generoso patrocínio que a representação se fizesse.

São alguns episodios ácerca da generosa Princeza e do seu protegido maestro brasileiro que aqui vamos narrar:

Em fins de Agosto de 1889, quando funcionava no theatro Lyrico a Companhia dirigida pelo empresario Musella, a Princeza D. Isabel, que tão carinhosa foi sempre para com o maestro Carlos Gomes, seguindo assim o exemplo de seu venerando pai o bondoso Monarcha Pedro II, applicou esforços para que aquella companhia fizesse representar a opera *Schiavo* do saudoso artista, opera de character abolicionista e a Sua Alteza por elle offerecida nos seguintes termos:

“Senhora.—Digne-se Vossa Alteza acolher este drama, no qual um Brasileiro tentou representar o nobre character de um indigena escravizado.

Na memoravel data de 13 de Maio, em pról de muitos semelhantes ao protagonista deste drama, Vossa Alteza, com animo gentil e patriotico, teve a gloria de transmudar o captiveiro em eterna alegria da liberdade.

Assim a palavra *Escravo* no Brasil pertence simplesmente á legenda do passado.

E’ pois, em signal de profunda gratidão e homenagem que, como artista brasileiro, tenho a subida honra de dedicar este meu trabalho á Excelsa Princeza, em quem o Brasil reverencia o mesmo alto espirito, a mesma grandeza de animo de D. Pedro II, e eu a mesma generosa protecção que me glorio de haver recebido do Augusto Pai de Vossa Alteza Imperial.

Hoje, 29 de Julho, dia em que o Brasil saúda o anniversario da Augusta Regente, levo aos pés de Vossa Alteza este *Escravo*, talvez tão pobre como milhares de outros, que abençoam a Vossa Alteza na mesma effusão de reconhecimento com que sou de Vossa Alteza Imperial subdito fiel e reverente.—*Antonio Carlos Gomes*, Milão, 29 de Julho de 1888.”

Em data de 11 de Agosto do mesmo anno recebeu o saudoso maestro a seguinte carta:

“Illm. Sr. Commendador A. Carlos Gomes — De ordem de Sua Alteza Princeza Imperial Regente respondo á carta que V. S. dirigio á mesma Augusta Senhora em 15 de Julho do corrente anno.

Sua Alteza Imperial, de muito bom grado, concede a V. S. a permissão que V. S. lhe pede para dedicar-lhe a sua nova opera *O Escravo*, alguns trechos da qual já têm sido apreciados entre nós. A’ Serenissima Princeza apraz a dedicatoria da sua importante composição, tanto mais quanto a obsequiosa offerta de V. S. se refere á sancção de Sua Alteza Imperial á lei aurea de 13 de Maio, que decretou a abolição no Brasil.

Sua Alteza agradece-lhe a especial fineza e a reiterada expressão dos benevolos sentimentos de V. S. á sua pessoa e a toda a Familia Imperial.

Sou, com distincta estima e consideração de V. S. patricio affectuoso, obrigado e admirador—*Barão de Loreto*, Veador ao serviço de Sua Alteza a Princeza Imperial. — Rio, 11 de Agosto de 1888.”

A Companhia Musella, porém, apresentava varias objecções de character pecuniario e exigencias um tanto impertinentes.

Não se desanimou a Redemptora e, para levar a effeito esse commettimento em que mais uma vez iria cobrir de gloria o grande maestro e de orgulho a nossa extremecida patria, incumbio o Visconde de Taunay de entender-se com o Commendador José Joaquim da França Junior, conhecido apreciador de operas lyricas e delle solicitar todo o auxilio para que a Companhia Musella representasse a opera brasileira.

O Commendador França Junior conferenciou com aquelle empresario no estabelecimento do maestro Arthur Napoleão, tendo Musella exigido que lhe fosse garantida uma nova assignatura de dez récitas e ainda o adiantamento da quantia necessaria para a confecção do guarda-roupa, scenarios, etc.

Estabelecido um accôrdo, o Sr. Commendador França Junior organizou um syndicato composto delle, do Barão de Ipanema, Conselheiro Paula Mayrink, Commendadores José Pereira da Rocha Paranhos, Visconde do Alto Mearim, Jorge Teixeira Leite, Conde de Wilson, Dr. Theodureto Souto e Arol Hime, para a realização dos justos e generosos desejos da Excelsa Princeza, sendo

logo posta á disposição do empresario Musella a quantia de réis 80:000\$000, compromettendo-se este a fazer cantar mais duas das operas do saudoso maestro.

A collocação de camarotes e de grande parte das cadeiras de 1.^a classe foi feita pela propria Princeza Imperial, por intermedio do syndicato que os mandava entregar ás pessoas por Sua Alteza escolhidas.

Achavam-se Suas Majestades e Altezas Imperiaes residindo no Alto da Tijuca, sitio que fôra indicado pelos medicos do velho Monarcha Brasileiro.

Carlos Gomes, que já tinha regressado de Milão, teve occasião de recitar varios trechos da opera na residencia da Princeza Izabel, naquella pittoresca localidade.

Maior e mais accentuadamente vibraram no coração da magnanima senhora os acórdes inspirados da bella producção de Carlos Gomes e duplicados foram os seus desejos para fazer representar a opera.

E assim, depois de bastantes trabalhos e não pequenos sacrificios da Princeza, realizou-se a 1.^a representação do *Schiavo*, na sexta-feira, 27 de Setembro de 1889, no Imperial Theatro de D. Pedro II.

O *Schiavo*, drama lyrico em 4 actos, libreto italiano de Rodolfo Paravini, tem os seguintes personagens:

Conde Rodrigo, feudatario portuguez, ás margens do Rio Parahyba; *Americo*, seu filho, brasileiro; *Ilara*, indigena brasileira, cria da casa do Conde; *Condessa de Boissy*, fidalga de origem franceza; *Iberé*, indio do Brasil, escravo do Conde e chefe dos Tamoyos; *Goytacaz* um dos chefes guerreiros indigenas; *João Féra*, administrador do Conde; *Leão*, criado da Condessa.

Chefes guerreiros, alliados á conspiração dos selvagens Tamoyos. *Corifeus*, *Guarucos*, *Tapacoas*, *Tupinambás*, indios de varias tribus, guerreiros, selvagens, damas e officiaes francezes, escravos, indigenas de ambos os sexos, camaradas, ajudantes do feitor, criados francezes, etc.

Os scenarios do 1.^o acto representam as margens do Parahyba, do 2.^o acto Nictheroy, do 3.^o acto floresta na costa do Rio de Janeiro e o 4.^o acto a bahia de Guanabara.

A scena passa-se no Brasil em 1567 e entre as dansas notam-se *A Normanda*, *Tamoya*, *Carijó*, *De Canoeiros*, *Goytacaz* e a *Bacchanal*.

Na primeira representação tomaram parte os seguintes artistas: *Conde Rodrigo*, baixo, Sr. Enrique Serboline; *Americo*, tenor, Sr. Franco Cardinali; *Ilara*, soprano, Sra. Maria Peri; *Condessa de Boissy*, soprano, Sra. Maria von Cauteren; *Iberé*, barytono, Sr. Innocente De Anna; *Goytacaz*, baixo, Sr. Ferdinando Fabro; *João Féra*, barytono, Sr. Ludovico Viviani; *Leão*, baixo, N. N.

O enredo da opera é o seguinte:

Americo, filho do Conde Rodrigo, é official da Marinha Portugueza. Ama apaixonadamente *Ilara*, cria da casa de seu pai, e aspira casar-se com ella.

O Conde, antigo fidalgo portuguez, reputa essa mulher indigna de seu filho, pois é sua escrava. Resolve afastar seu filho dessa pretensão, que fere o seu orgulho de fidalgo e fazel-o partir, dizendo que os inimigos, alojados na bahia de Guanabara, continuam a ameaçar a armada portugueza e que elle como soldado deve tomar o seu logar entre os combatentes.

Americo reluta e de novo põe em evidencia o seu amor por *Ilara*. O Conde convence-o que o ardor da batalha lhe fará esquecer a escrava e Americo resolve-se a partir, esperando que no regresso terá a acquiescencia paterna para contrahir a união que almeja.

O Conde, porém, formulou um plano: afastado o filho, obrigará *Ilara* a casar-se, embora á força, com um escravo indio, outr'ora chefe dos *Tamoyos* e de nome *Iberé*.

Sem que Americo saiba preparam a capella da fazenda para a realização do casamento.

Ilara é constantemente vigiada por *João Féra*, por ordem do Conde, mas isso não impedio que Americo se despedisse della promettendo desposal-a no seu regresso. Antes de partir, Americo livra das mãos do violento *João Féra*, *Iberé* que tinha sido agarrado pelos sequazes do Conde para ser castigado a vergalhadas, *Iberé* prostra-se ante Americo, agradece-lhe cheio de reconhecimento e beijando-lhe as mãos promete gratidão e fidelidade eterna ao seu joven salvador.

Este verbera João Féra e diz aos escravos que cercam Iberé que não está longe o dia da liberdade. João Féra narra o facto ao Conde, achando o procedimento de Americo revolucionario.

Americo parte e em seguida Iberé e Ilara são casados violentamente na capella da fazenda, apesar dos seus protestos.

A Condessa de Boissy apaixonou-se por Americo e o Conde Rodrigo deseja a união do seu filho com a fidalga franceza. Este apesar de achar a Condessa digna e bella não a ama. Faz-lhe perceber que tem já o seu idéal. E' nesta occasião que Americo canta a notavel romanza que tanto entusiasmo desperta.

A Condessa sente-se despeitada. Festejando ella a libertação de muitos de seus escravos, reúne em sua residencia damas e cavalheiros e declarando o motivo da reunião entôa o hymno da liberdade.

Os libertos entram no salão festivo e entre elles Iberé e Ilara. Americo admira-se de ver a sua amada presente. A Condessa percebe nella a sua rival e pergunta a Iberé se aquella é sua esposa. Este affirma. Americo intervém e nega, insulta Iberé que quer desculpar-se e contar como foi realizado esse casamento, mas cala-se á imposição de silencio do Conde Rodrigo.

Americo pede a confirmação da sua desgraça a Ilara, que lhe affirma ser esposa de Iberé. Americo tenta matar o indio a quem julga traidor.

O Conde interpõe-se e faz Ilara e Iberé fugirem de Americo, que jura seguil-os. Iberé e Ilara vivem em duas cabanas juntas uma da outra na immensa floresta da costa do Rio de Janeiro.

Iberé exproba a Ilara a sua tristeza, a sua melancholia, o seu despreso por elle, passando a vida contemplativa a vêr nas flôres e nos seus aromas recordações do eleito do seu coração, a quem não esquece nunca e por quem está disposta a morrer, e respondendo ás queixas de Iberé diz-lhe que a não entristeça mais e respeite quem o salvou do azorrague.

Iberé lembra que ella é sua esposa. Pergunta-lhe Ilara se elle será cúmplice de um infame. Replica Iberé que a causa do desespero que soffre é o amor que ella nutre por outro. Ilara não nega e declara o seu amor por Americo que é toda a sua existencia. Iberé enciumado intima-lhe que não continue e a ameaça.

Ilara accusa-o de ser instrumento vil de uma vingança barbara. Enfurecido, o indio saca de um punhal. Ilara expõe o peito e incita-o a feril-a. Iberé, porém, não a fere, porque Tupan seu Deus assim não quer e expulsa Ilara da cabana.

Iberé só pensa em vingança. Um levantamento, o morticínio de toda a familia de Americo, o incendio aos canaviaes do Conde Rodrigo, enfim a guerra feroz do aborigene. Nestas cogitações ouve ao longe o businar selvatico da inubia, a trompa guerreira dos seus, convidando para as lutas e para os combates. Tudo, porém, socega elle, cheio de desanimo, sentado num tronco de madeira, entra outra vez em cogitações de vingança.

De novo a inubia écôa na floresta. Iberé levanta-se e bem diz aquelle troar saudoso que lhe falla de liberdade, de sua vida antiga. Irrompem-lhe do coração vivas alegrias, osculta a flôresta como que pedindo confirmação de uma revolta no campo tamoyo, mas um silencio de morte responde á sua duvida. Desanimado deixa-se cahir sobre o tronco da arvore.

Comtudo não se enganára. Os chefes de varias tribus vinham se offerecer a elle, o seu antigo cacique, para numa acção commum levarem a morte ao feudatario das margens do Parahyba, o Conde Rodrigo.

Ilara, que occulta na selva tudo ouvira, apparece inesperadamente e inquire de Iberé que estrondo era aquelle nas mattas. Iberé convida-a a seguil-o.

Ilara horrorizada com a conspiração, porque é christã e pensa afflicta em salvar Americo. Presente que elle esteja perto, resolve-se comtudo morrer, se for seu destino, nas mãos do seu amado.

A artilharia ribomba, os guerreiros lutam. Ilara vai ao encontro de Americo, previne-o e o obriga a fugir para salvar-se.

O ultimo acto passa-se no acampamento tamoyo, ás margens da bahia de Guanabara.

Iberé é julgado pelos indios como traidor, pois por causa de Ilara não guerreou a gosto dos indigenas. Chega, enfim, o momento de uma acção decisiva. Iberé tem de combater e se recusar será morto, pagando com a sua vida a sua traicão. Ilara repelle cada vez mais Iberé, que se sente dominado pela formosa indigena.

Americo deixa-se aprisionar pelos indios para poder ir até junto de Ilara. Iberé ordena aos companheiros que pedem a morte de Americo que o deixem um momento a sós com elle. Depois de relutarem, retiram-se e julgando-se trahidos ameaçam Iberé de morte se puzer Americo em liberdade.

Face a face um do outro, Americo insulta Iberé, que embora traje as roupagens de chefe, não passa de um misero escravo vil por ser um ingrato.

Americo lembra-lhe que o salvou da deshonra de um castigo barbaro.

Iberé testemunha-lhe a sua gratidão. Americo enfurece-se ao ouvil-o fallar de gratidão e exproba-lhe ter casado com a sua amada e quando vai a esbofeteal-o, apparece Ilara e interpõe-se, demonstrando que Iberé não tem culpa.

Americo admira-se que ella o defenda. Ilara roga-lhe que a ouça e conta-lhe a violencia que soffreram logo depois da partida de Americo.

Iberé demonstra como prova de sua gratidão a pureza de Ilara, que nunca fôra sua esposa.

Americo vacilla, emmudece ante o sacrificio e a honestidade do indigena. Iberé consuma o sacrificio, toma Ilara pela mão e diz a Americo:

“Emfim, recebe a tua fiel esposa. Entrego-t'a.”

Ajoelham-se os dous aos pés de Iberé e asseguram protesto de gratidão.

Iberé levanta-os e ambos os amantes exaltam a generosidade de coração do chefe guerreiro.

Os indios chegam e pedem a morte ao temerario.

Iberé quer avançar sobre elles, armado. Ilara intervem.

Iberé aconselha que fujam, pois que só uma morte salvará duas vidas.

Os dous amantes mostram-se irresolutos. Como abandonar Iberé, tão bom, tão leal e tão heroico!

Iberé insiste e despedem-se.

Os dous amantes chamam-n-os de fiel martyr e victima da honra e desapparecem precipitadamente.

Uma onda enorme de indios apparece desordenada e irasciveis. Iberé, que se desataviara das insignias de chefe, afronta-os de punhal na mão.

Indios seguem o caminho de Americo e Ilara, outros investem contra Iberé, que lhes bradando: — Victoria, triumphou o amor; fere-se mortalmente com o punhal e cahe morto.

Tratando dessa primeira representação assim se exprimio o *Jornal do Commercio* em seu numero de 29:

“*Theatro Imperial* — Que nos conste foi ante-hontem a primeira vez que o povo brasileiro assistio á verdadeira representação de uma opera.

A partitura do *Schiavo*, de Carlos Gomes, appareceu ante-hontem mesmo no mercado e poucos eram aquelles que conheciam alguns trechos que a casa Ricordi, de Milão, mandára ao Rio de Janeiro.

Era, portanto, uma partitura absolutamente por folhear e o publico recebeu-lhe as primeiras impressões, livre das censuras da critica, que tempera sempre as apreciações, segundo o seu exclusivo paladar artistico.

Representadas no Rio de Janeiro conhecemos apenas tres operas de Carlos Gomes: o *Guarany*, a *Fosca* e o *Salvator Rosa*. Estas partituras são para nós o marco milliarario de onde se começa a medir o caminho percorrido pelo illustre maestro até chegar á sua ultimo apera, o *Schiavo*.

Sahindo do nosso habito constante, podemos desta vez asseverar, depois de detida reflexão, que Carlos Gomes caminhou e caminhou muitissimo.

Deixemos de parte a nova theoria da escola modernissima e encaremos apenas *Schiavo* como composição pertencente ao typo da opera italiana, typo por que foram modeladas a *Norma*, a *Lucia*, o *Rigoletto* e mesmo os *Huguenottes*, porque nesta opera Meyerbeer foi a maior parte das vezes puramente italiano.

Admittido o typo como admittido tem sido sempre em todos os paizes e durante muitos seculos, o *Schiavo* é um dos melhores exemplares deste genero que se tem produzido na segunda metade deste seculo. Não é uma partitura impeccavel, como não o são todas as mais; tem, por vezes, um certo descuido na fórmula, uma certa

frivolidade de idéas, mas um compositor de talento entende muitas vezes que não deve tolher a espontaneidade da idéa, torturando-a com calculos de contra-ponto ou arrevezando-a e torcendo-a apenas para que não se pareça com cousa que já foi ouvida.

Pelo que respeita ao que os francezes chamam *savoir faire*, a ultima composição do illustre maestro brasileiro é extraordinariamente superior a todos os seus trabalhos anteriores.

A harmonia, a modulação, a maneira por que se entrosam os cantos, a instrumentação cuidadosa, fina, delicada e ao mesmo tempo potentosamente sonora, são qualidades novas ou melhoradas, que composições de feitura italiana.

No que toca á originalidade, Carlos Gomes póde gabar-se de ter cousas novas na sua ultima producção, e a novidade não é cousa hoje tão vulgar que não se vanglorie quem a possue.

Não faremos, nem podíamos fazer uma critica dos quatro actos do *Schiavo*.

Era trabalho difficil para as nossas forças e improprio da indole desta folha. Apontaremos apenas, pela rama, o que mais nos impressionou na primeira audição e fazemol-o com tanto mais desafogo, quanto representamos apenas um espectador sem pergaminhos de contra-pontista.

A opera *Schiavo* preludia por um canto de oboé muito delicado e original e que mais tarde apparece na opera, senão como *motivo conductor*, pelo menos como um dos seus *themas principaes*.

O primeiro acto correu sem trabalho de vulto até ao *raconto* de *Iberé*. Ahi Carlos Gomes affirma logo o seu talento com uma concepção de primeira ordem.

Todas as phrases do barytono são incisivas, energicas, se quiserem mesmo selvagens; mas em todas ellas ha o cunho incontestavel da absoluta originalidade.

Tudo quanto se lhe segue até ao duetto entre Ilara e Americo, é tratado por mão de mestre. O duetto tem menos originalidade, menos distincção, e o final do acto escripto por mão vigorosa, mas não tão vigorosa, como aquella que escreveu o *raconto* de *Iberé*.

O segundo acto tem logo no começo duas peças de subida belleza: o duetto da Condessa de Boissy e a romanza de Americo.

O duetto pôde pertencer ao genero opera-comica, genero em que se têm escripto obras-primas de grande valor. E' de um mimo, de uma elegancia, de uma distincção admiraveis. E' uma pagina alegre e saltitante, semeada entre as grandes situações dramaticas da opera. Como Meyerbeer nos *Huguenottes*, Carlos Gomes no *Schiavo*, caminha incessantemente do menor para o maior duetto, a que nos referimos por entre as gargalhadas da Condessa e as phrases galanteadoras de Americo, prepara perfeitamente a transição para a romanza cantada pelo filho do Conde Rodrigo, romanza em que Carlos Gomes se manifesta sob uma feição artistica inteiramente nova. São apenas seis paginas de musica, mas em que as bellezas se atropellam, qual dellas a maior, mas todas de um perfume e suavidade que attestam que Carlos Gomes apezar dos seus cabellos grisalhos, tem ainda a primavera na alma e no coração.

Dos bailados parece-nos apenas trabalho de grande folego o baile indigena, em que apparecem umas tonalidades extranhas e novas que, á primeira impressão, arrepiam os exclusivos amadores do genero belliniano. *Carigió*, danza indigena, a *Dansa dos remadores*, a *Goitaca*, danza indigena, produzem effeito; mas a bacchanal, com que terminam os bailados, pareceu-nos pouco original e que está longe de fechar com chave de ouro o bailado da opera.

Chegamos ao famoso hymno da liberdade, peça em que nos fallaram em termos do mais alto elogio e que nos parece ficou áquem. não só dos taes elogios, como até do valor de todo o resto da opera.

O hymno foi escripto para soprano ligeiro ou pelo menos foi cantado por aquella voz, idéa que na nossa opinião nos parece pouco feliz. Para um canto enthusiastico, uma voz de soprano dramatico ou a de um barytono diria melhor e, apezar do hymno haver sido transportado meio ponto acima para a prima-dona Van Cauteren, o canto não produziu effeito, nem nos parece que já-mais o possa produzir, porque é o ponto fraco e mesmo fraquissimo da partitura.

Carlos Gomes, mestre considerado na Europa, é artista a quem se pôde dizer sem molestar. o que achamos de inferior quilate nos seus trabalhos. O final do segundo acto, se bem que vis-

toso, é também trabalho de valor menos consideravel do que tudo mais que até alli tinhamos ouvido.

Se o segundo acto é superior ao primeiro, o terceiro é superior ao segundo; a aria de Ilara com que elle começa é bonita, o duetto desta com Iberé é um trabalho de primeira ordem, mas o monologo do escravo do Conde é uma obra-prima e que pôde ser citada para o futuro, como são citados o quartetto do *Rigoletto* e o duetto do quarto acto dos *Huguenottes*.

E' uma peça delineada com muito talento, com muito saber e que levanta gradualmente o enthusiasmo do auditorio até proporções desusadas.

A conjuração dos selvagens, que se compõe de um côro, um setimano, um arioso dramatico e um hymno de guerra, é uma pagina colossal que honra o maestro e que honra o Brasil.

O quarto acto não interrompe a espantosa progressão ascendente, no interesse e valor da partitura. Offusca todos os tres primeiros. O *côro ronda* e a aria de Iberé são duas joias, mas que ainda assim têm menos brilho do que o preludio orchestral, trecho de musica descriptiva e imitativa, em que Carlos Gomes se mostrou poeta tão inspirado quanto contra-pontista de fina tempera. E' difficil que depois de ouvido esse sublime trecho, qualquer publico não irrompa em entusiasticos applausos. Ha ainda uma romanza de Ilara, bonita, mas talhada em moldes mais conhecidos: o duetto desta com Iberé, que tem quasi as mesmas qualidades e defeitos; um côro de selvagens vigoroso e as tres peças finaes: duetto de Americo e Iberé, tercetto de Ilara, Americo e Iberé e o côro final, tres diamantes de alto valor, tres peças em que a pujante fibra dramatica de Carlos Gomes se elevou a altura vertiginosa.

Do conjuncto destes quatro actos, cuja qualidade mais notavel é a inalteravel progressão ascendente, no valor e belleza das peças, resulta uma opera que, apesar de fraca no libreto, é digna de ser representada em qualquer theatro do mundo.

Emquanto a nós, que nunca nos deixámos arrastar pelos impulsos hyperbolicos do patriotismo, diremos, pedindo ao mesmo tempo perdão da ousadia, que Verdi não progredio mais da *Aida* para o *Othelo*, do que Carlos Gomes progredio do *Guarany* para

o *Schiavo*, e com o que dizemos, não estabelecemos, como é de ver, paralelo entre Verdi e o maestro brasileiro.

Haverá muito quem não goste do typo da opera italiana; mas em todo o caso é forçoso dizer que, na Italia, é hoje Carlos Gomes o unico maestro que apresenta bons exemplares desse typo.

Do desempenho, considerando o que ouvimos nos ensaios, poderíamos ter dado noticia.

Mas a pratica tem-nos provado que, no espaço de vinte e quatro horas, podem dar-se muitas eventualidades, que alteram profundamente o que esperamos na primeira representação.

Assim, por exemplo, De Anna, o barytono que veio expressamente para cantar o *Schiavo*, apresentou nos ensaios uma voz estrondosa, vibrante e extraordinariamente redonda nos graves e na primeira representação appareceu a mesma voz diminuida, rouca, pequena nos agudos, vendo-se o artista mesmo na necessidade de syncopar algumas phrases e conter a voz para não lhe apparecer a rouquidão. Em todo o caso podemos asseverar que o artista que o publico ante-hontem ouviu não é o mesmo que ha de ouvir mais tarde.

A sua voz, sem a rouquidão proveniente do trabalho excessivo, é a voz mais notavel de barytono que temos ouvido no Rio de Janeiro.

Von-Canterem, que cantara admiravelmente o duetto do 2.º acto nos ensaios, foi um pouco menos perfeito nas escalas das gargalhadas, isso tambem por causa do cansado da vespera.

A prima-dona Peri andou regularmente, se bem que faltasse por vezes á afinação.

Cardinali, esse foi um esplendido *Americo*, mimoso, suave, galante e apaixonado e teve que repetir a romanza do 2.º acto.

O papel de *Americo* ha de ser uma das joias do seu repertorio.

Os côros ainda tinham falta de ensaios e a orchestra ligeiramente augmentada portou-se regularmente.

Os vestuarios eram sufficientes; o scenario vistoso, mas com alguma monotonia de collorido, irregularidades de perspectiva. Em todo o caso a representação do *Schiavo* foi um espectáculo interessantissimo e que honra as mãos generosas e patrioticas que o realizaram."

No dia 27 de Setembro desceram da Tijuca Suas Majestades e Altezas para o Paço da cidade no intuito de assistirem á noite a primeira representação do *Scniato*.

Concorridos foram os ensaios da opera e a belleza dos trechos musicaes já era assignalada publicamente pelas pessoas que a elles assistiram.

A Princeza Redemptora, mais que nenhuma outra pessoa, se mostrava interessada para ver realizada a representação da opera, e assim compensados os seus esforços que redundariam em glorias para o artista brasileiro e para a nossa extremecida patria.

Subitamente um telegramma da Europa annunciou a morte em Lisboa, na madrugada de 26, do Principe D. Augusto Maria Fernandes Carlos Miguel Raphael Agricola Francisco de Assis Gonzaga Pedro de Alcantara Loyola de Bragança e Bourbon, Duque de Coimbra e de Saxe Coburgo Gotha, Condestavel de Portugal e General de Divisão, nascido no Paço das Necessidades em 4 de Novembro de 1847 e irmão do Rei D. Luiz.

Este lamentavel acontecimento impedia a presença de Suas Majestades e Altezas no Theatro Lyrico.

Para Lisboa foi então expedido o seguinte telegramma:

“D. Carlos — Recebemos com sincera afflicção a noticia da morte do bom Augusto. — *Pedro — Thereza.*”

Suas Altezas tambem dirigiram telegrammas de pezames, resolvendo a familia imperial tomar luto por dous mezes, sendo um pesado e outro alliviado.

Os semanarios, que se achavam no Paço da cidade, para acompanharem Suas Majestades ao theatro, eram os Srs. Conde de Aljezur, camarista; Visconde de Garcez, veador; e Conde de Mota Maia, medico.

A' noite a Princeza Redemptora aneciava pelo exito da opera e mostrava-se empenhada em saber noticias do que se passava no theatro.

Coube por um acaso essa honrosa incumbencia ao autor dessas linhas.

O Sr. Eduardo Paixão, funcionario da Casa Imperial, pediu-lhe que se informasse do que se passava no theatro em cada um dos actos e desse em notas ligeiras as impressões que recebia o publico, quaes as pessoas mais distinctas que assistiam á exhibição

da opera, os trechos que mais agradavam, etc., pondo á disposição do informante um carro da Casa Imperial para a brevidade do trabalho, que foi executado com bastante desvanecimento pelo reporter desta folha, que assim teve occasião de saber que Sua Alteza se manifestára cheia de satisfação e de contentamento pelo real successo do *Schiavo*, pelo triumpho completo do seu tão protegido maestro brasileiro.

Na noite de 2 de Outubro realizou-se então no theatro Lyrico a festa em beneficio do maestro, a que assistiram Suas Majestades e Altezas Imperiaes.

Sua Majestade o Imperador mandar chamar ao camarote imperial o laureado maestro e entregou-lhe o decreto que o agraciava com a Dignitaria da Ordem da Rosa, o diploma livre de quaesquer emolumentos, e uma rica venera de ouro cravejada de brilhantes, recebendo ainda o velho artista além de calorosas ovações, muitos mimos, alguns dos quaes de subido valor.

A empreza Musella com as 10 récitas que realizou solveu todos os seus compromissos, e cabe aqui consignar tambem os valiosos auxilios prestados pelo tenor Franco Cardinali que muito se interessou para a exhibição da opera.

Agora que puzemos em relevo a protecção dispensada ao artista, cumpre-nos tambem nos occupar, ainda que ligeiramente, de factos intimos da sua attribulada existencia.

Nunca se esquecia o velho maestro da muita gratidão que devia á Familia Imperial.

Em uma serie de cartas que tive occasião de ler, escriptas pelo seu proprio punho, tinha sempre como nota predominante mostrar-se reconhecido ao Imperador e á Princeza e ao seu antigo e dedicado amigo Sr. Manoel Guimarães, deputado á Junta Commercial desta Capital.

Destas diversas cartas extrahimos os seguintes topicos:

“Campinas, 20 de Novembro de 89.

A 14 do corrente cheguei aqui e no dia 15 chegou-me a horriavel noticia!

.....

O meu primeiro pensamento foi te pedir noticia telegraphica, mas logo soube que o cordão ficara impedido e sob a guarda de um official de marinha na Côrte!... Era, portanto, inutil passar te-

legrammas!... — O choque foi de tal natureza forte contra o meu coração de amigo da Augusta Família Imperial que fiquei até hoje pasmado e paralyzado.

A minha saude tem soffrido muito, pois sinto até faltar-me o equilibrio corporal.

Não te posso emfim descrever o meu profundo pezar, parecendo-me um sonho medonho a realidade do facto que, como ironia, vim presenciar na terra natal, de onde em 1859 parti, para logo mais ser protegido pelo Primeiro Patriota do Brasil, que hoje é desterrado como um malfeitor! Deus perdoe aos autores de semelhante acto brutal. Deus proteja ao mesmo tempo a terra e o povo brasileiro!

Não te escrevi logo daqui porque o coração estremecido, abalado por tão grande choque, me paralysou as forças; esperei os jornaes! Pelo que tenho lido comprehendo muito, mas ignoro o estado geral da situação.”

“Milão, 8 de Janeiro de 1890.

Cheguei aqui no dia 5 do corrente com boa saude, tanto eu como Itala e Antonietta.

Carletto e poucos amigos, entre os quaes o meu compadre Castellões, esperavam-me na estação. A alegria foi geral á minha chegada, mas imagina a minha profunda dôr quando soube da morte da nossa querida Imperatriz! Esta tristissima noticia só recebi em Milão, tendo desembarcado em Genova, sem fallar com pessoa alguma conhecida, e seguido incontinentemente para Milão.

Imagino e sigo com o pensamento pezaroso o nosso infeliz imperador! E a nossa Princeza, coitada! além da humilhação de 15 de Novembro ainda mais a perda de sua carinhosa mãe! “Bem dizem pelo mundo que *uma desgraça vem sempre acompanhada!*”

Ainda são do glorioso maestro os seguintes topicos de cartas dirigidas ao seu amigo Sr. Manoel Guimarães:

“Milão, 8 de Janeiro de 1890.

.....

Não te digo nada do susto em que vivo, não tendo ainda noticia da decisão do Governo a respeito da promettida pensão...

Tive promessa do Campos Salles, do Bittencourt Sampaio (amigo intimo do Aristides Lobo), do Dr. Americo de Campos por parte do Bocayuva e Ruy Barbosa.

Campos Salles e Francisco Glycerio disseram-me que eu podia seguir para Milão descançado!! E nada de noticias até hoje.”

Sentindo-se já enfermo e sem a benefica protecção da Família Imperial, Carlos Gomes procurava obter uma pensão que garantisse a sua manutenção e de seus dous filhos e os garantisse por sua morte.

“Milão, 5 de Abril de 1892.

.....

Eu trabalho incessantemente dia e noite, produzo sempre, mal ou bem alguma cousa do meu louco officio; os meus esforços são continuos, mas a sorte não quer que ajunte os recursos necessarios á velhice do artista e preparo o pão quotidiano para os filhos, que estão ameaçados de ficar sem amparo e á mercê das ironias do mundo real e feroz!”

“Milão, 15 de Outubro de 1895.

.....

Penso que com a viagem de mar e com a esperança de melhorar a sorte dos filhos, possa tambem melhorar a saude, sem a qual é inutil continuar na luta da vida.

Penso emfim que, viajando novamente para o Brasil, com a mudança do clima, possa levantar o moral humilhado, ou por outra, que possa me desenganar para sempre e... morrer em qualquer parte de minha terra.

A ultima minha aspiração foi sempre e é sempre a mesma: morrer no Brasil.”

“Pernambuco — bordo do vapor *Brasil*, 12 — 7 — 95.

.....

O destino, compadre, tem sempre uma força relativa, pois é por causa dessa força que eu ando muito resignado e quasi indifferente ás injustiças do Governo Federal a meu respeito.

A minha saude tem soffrido muito ultimamente, além disso a minha antiga molestia da bocca peiorou no Pará. A inflammação da garganta se tem aggravado, e isso quer dizer que o clima do Pará não é para mim... Mas o que fazer?

No Rio não me querem nem para porteiro do Conservatorio. Em Campinas e S. Paulo idem.

No Pará, porém, querem-me de braços abertos! Não me

querem no sul, morrerei no norte, que é toda terra brasileira!
Amen.

.....
E' bem triste ser obrigado a arrastar commigo os amados
filhos, os quaes, pör ironia da sorte, soffrem os revezes do pai!

Devo agora te fallar de uma nova desgraça a respeito do
meu Carletto. A questão é séria e grave, tratando-se do recru-
tamento militar.

Logo que nasceu Carletto (29 de Janeiro de 1873) regis-
trei-o no Consulado Geral em Genova, declarando-o brasileiro.

Aos 20 annos recebi aviso do Ministerio da Guerra Italiana
declarando que meu filho estava na lista da soldadesca para 1895,
tendo nascido em Milão, ainda que de pai estrangeiro.

Protesteí, e houve troca de officios entre mim e o Ministerio
da Guerra em Roma.

Afinal o Ministro italiano me mandou um *ultimatum* dizendo
que competia ao meu rapaz aos 21 annos declarar ao Governo da
Italia qual a nacionalidade que então entendesse optar.

Antes de deixar a Italia este anno tratei desse mesmo as-
sumpto na *Repartição do Recrutamento* em Milão (visto a au-
sencia de Carletto por motivos de grave molestia).

Responderam-me que tudo ficaria em regra logo que o *re-
cruta* se apresentasse para declarar e firmar, assignando não sei
que livro, etc.

Parti, portanto, da Italia, tranquillo a respeito do milindroso
assumpto, certo de que o Carletto, voltando a Milão, chegaria em
tempo para assignar no tal livro e ficar livre do pezadoello.

Não senhor! o Carletto voltando a Milão teve aviso do chefe
do *recrutamento* declarando-o *soldado da 1.^a categoria*, isto é,
obrigado por tres annos, visto não ter feito *em tempo* a declaração
da nacionalidade estrangeira á qual tinha direito por ser filho
de pai brasileiro.

E agora? Soldado ou desertor!

Agora, mais do que nunca, eu preciso da protecção do Go-
verno de minha terra...

Se o Governo não fizer justiça aos direitos de meu filho ou
fôr indifferente, Carletto será obrigado a apresentar-se soldado...

para, no estado em que se acha de saude, succumbir durante o proximo inverno!

Imagina tu, compadre, de que modo andar o Carletto e de que modo ando eu sem saber a qual pessoa do Governo Brasileiro me dirigir afim de salvar meu filho de mais este flagello inesperado!

Carletto me escreve cartas muito tristes, *confiando em mim* ou no Governo Brasileiro, mal se lembrando que eu s tenho inimigos. . .”

“Bahia, 12—8—95.

.....
O meu estado de saude vai se aggravando cada vez mais...
A inflamao da garganta tem sempre augmentado (nota que ha mais de um anno que no fumo absolutamente!)

J me esqueci completamente do charuto...

Creio que pouco poderei durar em vista de uma especie de *erupo cancerosa* que, por causa talvez do clima do Par, me apparece no centro da lingua.

O meu caso, compadre,  decididamente grave.

Dou-te esta noticia com toda a calma, pois francamente j no sou agarrado a esta vida ingloria, vida de humilhaes.

No levarei saudades do mundo nem do Governo da Republica, que to injusto tem sido commigo.

Sinto no poder destruir tudo quanto a minha mo tem escripto com tanto enthusiasmo em prol da arte nacional.

..... ”
“Milo, 10—12—95.

.....
Em todas essas grandiosas terras do potriotismo no ha um lugar para o velho artista brasileiro.

E’ o caso de dizer como Castro Alves:

Uma gotta d’agua negou-lhe o mar!

Piedoso abrigo negou-lhe o infinito continente!

Se pede auxilio, so dam-lhe palmas!

Mas eu, que no sou poeta, digo como diz o portuguez:

“Ora bolas!”

..... ”

“Milão, 18—3—96.

E’ possível também que eu não continue muitos mezes ainda neste mundo...

Não imaginas, compadre, o estado gravissimo da minha boca!... Garganta e glandulas sempre inflammadas...

No centro da lingua uma ferida enorme!!! Paciencia, a ferida, a qual, como sabes, é antiga; mas além disso e das *aphtas* por todos os lados da bocca, o meio da lingua actualmente está inchando, quasi a impedir a respiração.

Ha varios mezes que perdi o paladar, a inchação da lingua impede a mastigação... O meu alimento usual é leite e miolo de pão—nada mais.

Qual o homem que neste estado poderia ver um futuro côr de rosa?

A actual erupção (que sempre foi augmentando) começou o anno passado no Pará. Portanto é muito provavel que o clima do paiz dará cabo de mim com a maior brevidade.

Quando estive na Bahia parecia que o meu estado fosse canceroso, mas aqui os medicos excluíram essa hypothese, tanto mais sendo incommodo antigo.

Seja como fôr, ninguem imagina o heroismo com o qual eu supporto a minha situação. Ninguem me assiste nem me acompanha nas noites de insonia, noites de dôres!

Accrescente a este estado physico insupportavel a agitação moral, que não me dá lugar para o trabalho. Depois do *Colombo* não consegui terminar trabalho algum principiado, e por que?

Porque por mais esforços que faça não posso ficar tranquillo sem cuidar no dia de amanhã e nos compromissos da familia. Bastava-me um emprego, o qual finalmente acabo de obter no Pará. Este facto me consola. Pará é terra brasileira. Eu sempre desejei finalizar a luta na minha terra.

..... ”

Apezar de nomeado Director do Conservatorio de Musica do Pará, era constante no espirito do velho maestro a idéa de obter dos Poderes Publicos, como lhe fôra promettido, uma pensão que melhorasse a sua situação pecuniaria e garantisse o futuro de seus dous filhos.

Doente e grave em vão recorrera a amigos e influentes politicos para a realização desse seu maior empenho.

Em 21 de Junho de 1896, por intermedio do autor destas notas de reporter, foram publicadas nas noticias *Varias* do *Jornal do Commercio* as seguintes linhas:

“De uma carta dirigida ao Sr. Manoel Guimarães, negociante desta praça e amigo de Carlos Gomes, extrahimos o seguinte:

“Pará, 26 de Maio.

Um dia destes li uma carta tua escripta ao nosso amigo Carlos Gomes, que ouviu a leitura chorando.

Desde o dia 11 que o Pará hospeda-o com fidalguia, havendo de parte do Governo do Dr. Lauro Sodré toda a solitudine de maneira a nada faltar-lhe.

Infelizmente a junta medica chefiada pelo Dr. Paes de Carvalho, julgou-o inteiramente perdido, continuando elle no mesmo estado até hoje.

E' horrivel o soffrimento do nosso maestro; a lingua inteiramente tomada difficulta a falla e sómente permite alimentar-se com leite, caldos, etc.

Hoje recebeu-se um telegramma noticiando já estar de viagem para ahi, afim de tomar passagem para aqui, um professor de pharmacia de Ouro Preto, subdito allemão, que promete curar o maestro.

Deus queira que tenhamos a felicidade de vel-o bom.

Em conversa, Carlos Gomes lamenta morrer sem o Brasil votar-lhe uma pensão que por sua morte aproveite a seus filhos.”

Presidia o Estado de S. Paulo o illustre brasileiro Dr. Campos Salles que, commovido diante da triste situação do grande maestro, expressa naquella *Varia*, como assim o declarou por vezes, conferenciou com os seus amigos do Congresso Paulista, no intuito de ser estabelecida uma pensão para Carlos Gomes e seus filhos.

Tão proficua e benefica foi a iniciativa do benemerito ex-Presidente da Republica que o Congresso votou uma pensão mensal de 1:000\$ para o maestro, 500\$ para cada um dos seus filhos Carletto e Itala e mais o dote de 30:000\$ para esta.

Ao ter conhecimento desse acto, o velho maestro, já quasi impossibilitado de fallar, reanimou-se, e, vivamente commovido, ex-

ternou ligeiras phrases de reconhecimento e gratidão ao seu generoso iniciador.

Carlos Gomes e seu filho Carletto pouco gozaram dessa generosa munificencia paulista. Aquelle falleceu no Pará e seu filho, cerca de dous annos depois, foi victimado pela tuberculose.

O compromisso do Congresso Paulista foi completamente observado com relação á filha do maior genio musical do Brasil e hoje a sua estatua, erguida numa das praças da cidade de Campinas, testemunha a gratidão da terra que foi berço daquelle que tanto soube engrandecer a arte nacional e honrar á sua propria patria.

1907

FRANCISCO MANOEL DA SILVA

Um grupo de Brasileiros, movidos pelos mais louvaveis sentimentos patrioticos, trata de levar a effeito a creação de um monumento que perpetue publicamente a memoria do maestro Francisco Manoel da Silva, autor do Hymno nacional.

Esta justa quanto merecida iniciativa deve por certo calar no coração dos bons Brasileiros, que assim terão mais uma occasião de dar solemne demonstração de apreço á memoria de um patricio que soube honrar a arte nacional na época em que viveu, já apresentando trabalhos musicaes de sua lavra, já dirigindo o primeiro instituto de musica do Brasil.

Francisco Manoel da Silva nasceu nesta Capital a 21 de Fevereiro de 1795, como se vê pela certidão junta:

“Certifico que, revendo o livro oitavo dos assentos das pessoas brancas, livres, baptizadas nesta freguezia, nelle a fls. 404 achei os apontamentos do teor seguinte:

Aos dous dias do Mez de Março de mil setecentos e noventa e cinco annos, nesta parochia, baptizei e puz os Santos Oleos a Francisco, innocente, filho legitimo de Joaquim Mariano da Silva, natural e baptizado na freguezia de Nossa Senhora do Loreto de Jacarépaguá, e de sua mulher Joaquina Rosa, natural da mesma freguezia; neto pela parte paterna de Manoel da Silva Nazareth, natural da freguezia de Magé, reconcavo desta cidade, e de Maria Angelica de Jesus, natural e baptizada na freguezia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá; e pela materna de Vicente Ferreira da Silva, natural e baptizado na freguezia de Magé, e de Maria Joaquina Rosa, natural e baptizada nesta freguezia; foi padrinho Manoel da Silva Nazareth, avô do dito innocente, e madrinha Anna Joaquina; nasceu a vinte e hum de Fevereiro do corrente anno, de que fez este apontamento o Coa-

ductor D. Alexandre Fidelis de Araujo; e nada mais continha o dito assentamento a que me reporto. Passado *in fide parochi*. Rio, 12 de Janeiro de 1856. — *Sebastião dos Reys Tavares*, Vigario da Candelaria.”

Muito criança, já Francisco Manoel revelava grande amor e aptidão para a arte musical, pelo que seus pais, depois de dar-lhe uma educação cuidadosa, o entregaram aos cuidados do Padre José Mauricio Nunes Garcia, notavel mestre de philosophia, versado em diversas linguas e eximio musicista e compositor brasileiro.

Dotado, pois, de força de vontade e especial vocação para a musica, proveitosas lhe foram as lições de José Mauricio, de maneira que em pouco tempo conhecia os segredos da arte. Mais tarde foi discipulo do celebre professor Segismundo Neukon, discipulo predilecto de Haydn, de quem soube aproveitar os salutaes ensinamentos.

Era muito joven ainda quando compoz um *Te-Deum* oferecido ao Principe Real D. Pedro, que, considerando o talento musical do novel artista, prometeu mandal-o completar na Italia os seus estudos musicaes.

Francisco Manoel fazia parte da orchestra da Real Camara, de que era mestre o maestro portuguez Marcos Portugal, cujos ossos se acham depositados em uma pequena urna de madeira, no Convento de Santo Antonio, desta Capital.

Marcos, procurando occultar a sua desaffeição pelo discipulo, que dia a dia apresentava novas revelações artisticas, e para desviar-o dos seus trabalhos de compositor, mudou-lhe o estudo de violoncello para o de violino, ameaçando dispensal-o da orchestra real se elle não se mostrasse dedicado e applicado ao estudo daquelle instrumento.

Percebia Francisco Manoel perfeitamente as intenções de Marcos Portugal e, longe de se mostrar irritado com esse injusto procedimento, mais abnegadamente se entregou aos estudos, progredindo com rapidez e segurança.

Para estabelecer a convivencia entre os que se dedicavam á arte musical e dar a esta um desenvolvimento sempre florescente e que ao mesmo tempo servisse de auxilio e amparo aos seus irmãos em arte, fundou a 16 de Dezembro de 1833, sob sua unica

iniciativa, a Sociedade Beneficente Musical, organizando elle proprio os estatutos.

Taes foram os bons serviços prestados á novel instituição artistica e philantropica, que a junta que a administrava lhe conferio a 28 de Abril de 1834 o titulo de director.

Moreira de Azevedo, em um seu trabalho publicado na revista do Instituto, escreveu o seguinte ácerca da arte musical em 1838:

“Essa arte, que no tempo do velho rei D. João VI tanto se avantajara e concorrera para ornamentar as repetidas e pomposas festividades celebradas na real capella e as abrilhantadas e régias solemnidades da côrte, foi decahindo, amortecendo-lhe o brilho e fama em que sobrepujava ás outras; desappareceram seus sacerdotes mais dedicados, e com elles as recordações dos sons melodosos que, soando dentro da alma, retiniam nas naves da capella real.

Em 1831 foram despedidos todos os musicos da capella imperial e reuniram-se no turbilhão da politica que arrastou consigo e derruiu. Nada mais era um artista; a palheta, a lyra, o escopo, o compasso tornaram-se instrumentos degradantes, e os iconoclastas da arte, subindo ao primeiro altar da capella imperial, apagaram com a esponja esqualida dos Vandalos o painel de José Leandro!

Felizmente desvaneceram-se as nuvens caliginosas que desluziam o horizonte da patria, iniciando o novo reinado uma época tranquillã em que as sciencias e artes puderam avoejar.”

Em 1841, dez annos depois desse interregno de completo abandono pelas artes, quando os animos politicos se tornaram mais calmos e os espiritos até então irrequietos, mais reflectidos se entregaram ao renascimento da tranquillidade social e se mostraram dispostos a continuar a trabalhar pelo engrandecimento da patria, auxiliando com tenacidade o esforço dos legitimos e dedicados representantes de todos os ramos da actividade brasileira, foi Francisco Manoel, por decreto de 26 de Julho, nomeado mestre compositor de musica da imperial Camara, como se vê pelo seguinte documento:

“Sua Majestade o Imperador Houve por bem, por Decreto de 26 de Julho deste anno, Nomear Mestre Compositor de Musica da Sua Imperial Camara a Francisco Manoel da Silva. E

para sua salva e guarda Mandou passar esta. Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de Julho de 1841. *Candido José de Araujo Vianna.*"

Intelligente e perspicaz, comprehendeu logo Francisco Manoel que era occasião opportuna de aproveitar esse movimento de reacção patriótica para iniciar novos elementos que pudessem desenvolver o estudo da musica, de que elle era nesse tempo o *primus inter pares* dos seus mais inspirados e abnegados cultores.

Foi assim que, por seu perseverante esforço, conseguiu fundar um conservatorio onde os que desejavam estudar os varios ramos da musica encontraram gratuitamente campo vasto, ensino tecnico e proveitoso.

Essa patriótica iniciativa calou profundamente no espirito do Governo, que, louvando os esforços do artista, por decreto de 27 de Novembro de 1841 sancionou a instituição, que, dotada já de recursos obtidos pelo seu installador, não se tornava pesada aos cofres publicos.

Nesse mesmo anno, talvez o de maior gloria para Francisco Manoel, compoz elle o hymno para solemnizar a coroação do segundo imperante do Brasil, revelando-se nesse trabalho de inspirada musica, que ainda hoje faz vibrar de entusiasmo a alma nacional, um compositor de reconhecido merito e de grande futuro.

Existia nessa época, e ainda existia ha cerca de dous annos, na rua do Senhor dos Passos esquina da do Regente, um armarinho que fora installado por Antonio Joaquim Ramos de Oliveira Leal, solicitador do fóro desta Capital e que mais tarde foi vendido por 600\$ a José Maria Teixeira, homem activo, trabalhador e um tanto dedicado á cultura da arte musical. O seu instrumento predilecto era a clarineta.

Nesse armarinho reuniam-se Francisco Manoel, Bento Fernandes das Mercês, José Rodrigues Cortes, o Dr. Laurindo Rebello, conhecido por poeta *Lagartixa*, o estudante cantor da capella imperial, depois Conego Zacharias da Cunha Freitas, e muitos outros amantes da musica.

Foi sobre o balcão desta modesta casa commercial que Francisco Manoel escreveu os primeiros compassos do inspirado Hymno Nacional Brasileiro.

Fallecendo Marcos Portugal foi nomeado Francisco Manoel em 17 de Maio de 1842 para substituí-lo no lugar de mestre da Capella Imperial.

Compoz para ser cantado no baptizado do Principe Imperial D. Affonso um outro hymno, de cadenciosa originalidade, que mereceu louvores dos profissionaes da época e do então Ministro do Imperio, José Carlos Pereira de Almeida Torres, que em nome do Imperador agradeceu ao artista o seu engenho musical, e assim, em consideração aos serviços por elle prestados á patria, prestigiando e ennobrecendo a arte, julgou o Imperador digno de galardão taes serviços, como se nota no seguinte honroso documento:

“Dom Pedro, por Graça de Deus e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, como Grão-Mestre da Ordem da Rosa, Faço saber aos que esta Minha Carta virem, que, Querendo Condecorar e Honrar o Mestre Compositor de Musica da Imperial Camara Francisco Manoel da Silva: Hei por bem Fazer-lhe Mercê de o Nomear Cavalleiro da dita Ordem. Pelo que lhe Mandei passar a presente Carta, a qual, depois de prestado o juramento do estilo, será selada com o Sello das Armas Imperiaes. Pagou vinte mil réis de Joia, como consta do respectivo conhecimento em fórma. Dada no Palacio da Cidade de S. Paulo, em cinco de Março de mil oitocentos e quarenta e seis. Vigesimo quinto da Independencia e do Imperio. — *Imperador.* — *Manoel Al Branco.*”

O Corpo Legislativo veio em auxilio do Conservatorio de Musica, concedendo 16 loterias em favor da instituição, cujo producto em apolices foi empregado, parte para sua manutenção e parte para constituir patrimonio para construcção do edificio, pois não o tendo proprio, foi elle installado em 10 de Agosto de 1848 em uma das dependencias do Museu Nacional.

Em 1851 foi contratada para esta Capital uma companhia de canto e baile, que deu diversos espectaculos, sendo Francisco Manoel nomeado seu director, cargo que exerceu gratuitamente, apesar dos avantajados lucros que teve a empresa.

Não se descuidava absolutamente Francisco Manoel do Conservatorio de Musica, para cujo engrandecimento applicava con-

tinuos esforços, como se verá pelos documentos juntos, cujos originaes possuímos na nossa collecção de autographos:

“Exm. Sr. (ao Ministro do Imperio) — O Conservatorio de Musica se acha estagnado por falta de meios, porque, devendo correr 16 loterias, duas em cada anno, para ser definitivamente consolidado, desde 1847 até o presente só se poude extrahir uma das loterias concedidas, e por isso ficou unicamente um lente, o que ensina rudimentos e solfejos: se a Lei da subvenção para o theatro passar como veio do Senado, então este util estabelecimento, que deve ser um viveiro de artistas para o theatro, poderá progredir e fazer alguns engajamentos para ensinar aquelles instrumentos para os quaes não hajam no Pays artistas habilitados. He o que posso por agora informar a V. Ex. — De V. Ex. Obr. C.º. — *Francisco Manoel da Silva.* — Rio, 10 de Janeiro de 1852.

— Illm. e Exm. Sr. — A Commissão Directora do Conservatorio de Musica desta Côrte vai expor a V. Ex. o estado deste estabelecimento e suas necessidades.

O Conservatorio de Musica, creado pela Resolução de 27 de Novembro de 1841, luta com difficuldades que só podem ser vencidas pela energia e boa vontade de V. Ex. em favor dos artistas e do futuro das artes no Brasil.

Ha cinco annos que apenas se têm aberto duas aulas, uma de rudimentos preparatorios e solfejos para o sexo masculino, installada a 13 de Agosto de 1848, e outra da mesma natureza para o sexo feminino, installada a 10 de Novembro do anno passado no Collegio de Santa Thereza, por concessão que para isso V. Ex. se dignou dar. A escola rudimentar do sexo masculino está sendo frequentada este anno por alumnos e a do sexo feminino foi installada com alumnas.

A razão de não se ter aberto mais do que aquellas duas escolas, nasce dos termos em que foi expedido o decreto da organização do Conservatorio, que não tem podido ser executado. Aquelle Decreto dando-lhe 16 loterias mandou que se extrahissem duas annualmente e á proporção que fossem ellas extrahidas se convertesse o seu producto em apolices da divida publica para se irem installando tambem proporcionalmente as diversas aulas. Ora, tendo a experiencia mostrado que não he possivel fazer-se a extracção das duas loterias annualmente, visto que a primeira

extrahio-se a 11 de Setembro de 1847, e a segunda a 13 de Novembro de 1852, segue-se que, a continuar este systema, só no fim de 50 ou 60 annos se poderá fundar definitivamente o Conservatorio.

Os alumnos que se matricularam no começo do estabelecimento e que ha mais de 5 annos têm frequentado a aula de rudimentos á espera de outros 6 para continuarem o curso, ou de canto ou dos diversos instrumentos, de certo desanimarão, como já muitos teem desanimado, e abandonarão o Conservatorio, havendo consumido infructiferamente o tempo que, com vantagem mais immediata e util, poderão ter aproveitado em outros estudos ou genero de vida que lhes proporcionassem uma carreira lucrativa e segura. Suppondo mesmo que a vocação supra estes obstaculos, os alumnos irão crescendo em annos e perdendo a aptidão para a arte musical, porque he inquestionavel que a idade exerce uma grande influencia na aptidão, quer phisica, quer intellectual, para a cultura das artes.

Semelhante marcha administrativa contraria e destróe evidentemente os fins para que foi creado o Conservatorio, põe em duvida a capacidade dos artistas escolhidos pelo Governo para dirigir-o e que se teem prestado com sacrificio e sem interesses; e por outro lado desalenta a expectativa publica que anhela por ver o pais enriquecido com um estabelecimento de incontestavel utilidade.

Não occuparemos por mais tempo a attenção de V. Ex. deduzindo argumentos para provar a necessidade de se installar completamente o Conservatorio, porque V. Ex., além de sua illustração e pratica dos negocios publicos, deve ter conhecido agora experimentalmente que vai minguando cada dia o numero de artistas nacionaes, sendo necessario mandar-se buscar na Europa para suprir o Theatro Lyrico até choristas e instrumentistas. Se o Conservatorio funcionasse devidamente não passaríamos por um vexame deste genero.

Reconhecida a necessidade de se mandarem abrir as aulas complementares e de se regularizar o Conservatorio, passamos agora a solicitar de V. Ex. os meios para se conseguir esse fim.

Que o Decreto de 21 de Janeiro de 1847, tal como se acha concebido, não póde hoje remediar a delonga que tem havido no

desenvolvimento deste instituto, é fóra de duvida. Seria portanto conveniente que fosse modificado ou substituido por outro.

No nosso entender as loterias empregadas em fundos publicos darão o rendimento sufficiente para o custeio do estabelecimento, restando seis para a edificação da casa, o que não é urgente, pois o Conservatorio funciona nas lojas do Museo, e hoje ainda mais commodamente porque foram ellas augmentadas.

Ora, não sendo urgente a edificação de uma casa, póde-se applicar aos misteres do ensino a quantia que se calcula necessaria para aquelle fim e que na mente do Decreto foi assim destinado, podendo V. Ex. ordenar já a extracção de uma dessas loterias, o que está em suas attribuições, e proceder-se assim regularmente todos os annos.

Quando é evidente que tem apparecido no pais vozes notaveis, e innumerous jovens com grande disposição para os diversos instrumentos, a quem lhes falta unicamente protecção.

Deste modo o Conservatorio se poderá installar completamente e manter-se com vantagem publica por alguns annos, para ensaio e afim de que se reconheça se elle será proveitoso ou não ás artes e ao paiz.

Esta providencia não contraria o espirito e só sim a redacção do citado decreto; porquanto restarão ainda oito loterias que com as duas já extrahidas podem constituir o fundo patrimonial do Conservatorio, antes pelo contrario produzirá immensas vantagens, porque os alumnos que teem estado 5 annos á espera pela installação das aulas promettidas, poderão completar os seus estudos e assim satisfazer as necessidades do custeio e do theatro; os poucos artistas notaveis que ha no pais aptos para o magisterio serão aproveitados como professores de diversos instrumentos de que ha reconhecida necessidade, sendo que se gastaria o triplo mandando-os engajar na Europa, e o Governo enfim consolidaria uma instituiçao util e benefica, já fallada nos paizes estrangeiros, arredando de si a censura por deixar de a proteger e animar.

A providencia indicada tambem póde ser tomada por outro modo. O Corpo Legislativo póde mandar adiantar ao Conservatorio as prestações necessarias para elle funcionar completamente, prestações que depois serão reembolsadas ao Thesouro, quando o estabelecimento tiver o seu patrimonio completo ou á

proporção que se forem extrahindo as loterias, graça que se tem concedido até a empresas particulares.

Emfim, Exm. Sr., seja qual fôr o modo por que V. Ex. entende que deve dar a sua energica protecção ao Conservatorio, o que asseveramos a V. E. he que a continuar a sua lenta organização actual, acanhada pelo decreto de uma organização actual e pela difficuldade da extracção das loterias, brevemente serão abandonadas as aulas rudimentares, não só porque os alumnos não quererão perder o tempo inutilmente, como porque os professores actuaes não estarão dispostos a fazer os sacrificios que forão feitos com mesquinhas exhibições, só por amor de sua arte.

De V. Ex. devemos esperar todo o impulso e protecção, já por seu reconhecido zelo por tudo quanto interessa ao engrandecimento do paiz, já por sua illustração e conhecimento das reformas do ensino publico na Europa, onde a musica entra como elemento essencial e primario. Emfim, Exm. Sr., seja qual for o modo por que V. Ex. entenda que deve deliberar, o porvir do Conservatorio será seguro.

Foi devido ainda aos esforços de Francisco Manoel, que, no Conservatorio, se creou um lugar de directora, a quem foram confiadas as jovens que se applicavam ao estudo da musica, autorizando o Ministro de então, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, em Novembro de 1853, a remoção da aula para a rua dos Barbons n. 10, onde começou a funcionar, regendo-a interinamente, Francisco Manoel, que depois desempenhou o cargo de mestre effectivo desde 3 de Fevereiro de 1855.

Lutava o Conservatorio com a falta de recursos e o seu desenvolvimento era por demais lento, quando, por decreto de 23 de Janeiro daquelle anno, foi organizado pelo referido Ministro, ficando então o Instituto sob a fiscalização immediata do Ministro do Imperio.

Nesse anno, em 14 de Março, inaugurou-se a aula de contraponto, crearam-se duas aulas de instrumentos de corda e duas de instrumentos de sopro. Em Março passou o Conservatorio a formar a quinta secção da Academia de Bellas-Artes, congraçando-se em um só templo a musica e a pintura.

Toda a preocupação, todo o empenho de Francisco Manoel era ver o instituto prospero e prestigiado, de fórma que se extre-

mava em actividade, zelo e amor pelo estabelecimento de educação artistica que elle fundára com tanto carinho.

Tão notorios se tornaram os seus continuados serviços em pról da arte musical, que o Imperador D. Pedro II, em 2 de Abril de 1857, novamente o agraciou com o officialato da Ordem da Rosa.

Patriotica, sincera e lealmente procurava sempre Francisco Manoel cooperar com a sua intelligencia artistica para o realce e magnificencia das festas nacionaes e assim, por occasião da inauguração da estatua equestre do fundador do Imperio, D. Pedro I, organizou a celebração de um *Te-Deum* ao ar livre, em que tomaram parte na grande orchestra 242 professores e 653 cantores, por elle dirigidos com rara maestria profissional.

Entre os cantores desse *Te-Deum* figuraram os alumnos do Collegio de D. Pedro II e de outros institutos de instrucção.

Francisco Manoel realizava os ensaios no pateo do quartel do Campo de Sant'Anna e entre os alumnos que tomaram parte nos córos acham-se ainda vivos os Srs. Drs. Francisco de Paula Rodrigues Alves, ex-Presidente da Republica; Dr. Joaquim Nabuco, Embaixador do Brasil nos Estados Unidos da America; Dr. José Vieira Fazenda, o erudito historiador e bibliographo e o Dr. José Americo dos Santos, e entre os mortos, Drs. Alfredo Moreira Pinto, geographo, Luiz Betim Paes Leme, Custodio Americo dos Santos, Moncorvo de Figueiredo e tantos outros.

Francisco Manoel regia os ensaios dos córos com uma bengala e quando notava alguma nota desafinada ou fóra do compasso dizia, meio irritado:

— *Olha uma ratada! Vamos começar de novo, vamos começar de novo!*

Depois de longos annos de constantes preocupações de espirito e de ingentes esforços, teve afinal a ventura de assistir, a 15 de Março de 1863, ao lançamento da pedra fundamental do edificio do Conservatorio, triumpho esse que o encheu do mais vivo entusiasmo e profundo desvanecimento.

A Sociedade Musical Beneficente por elle fundada em 1834, como já referimos, tinha por objectivo promover a cultura da arte e exercer uma beneficencia reciproca entre os artistas associados e, por morte destes, ás suas familias. O fundo social era

constituído pelas mensalidades e cotizações dos respectivos socios. Até Junho de 1853 tinha entrado para os cofres a quantia de 106:324\$684, havendo de saldo de suas despesas 51 apolices da divida publica de 1:000\$000 cada uma e em dinheiro 2:670\$958; em 1857, tinham entrado 125:592\$556, havendo em dinheiro 3:442\$986 e as mesmas 54 apolices; dahi para cá não pudemos colher informações.

Esta sociedade musical foi dissolvida judicialmente em 1890, quando tinha como presidente José Rodrigues Cortes, Antonio Bruno de Oliveira, Secretario, e Amaro Ferreira de Mello, thesoureiro, tendo nessa occasião um patrimonio de 90:000\$000, mais ou menos, que foi dividido entre os socios existentes e cerca de trinta e tantas viúvas de associados.

Em 1865 a Assembléa geral da Sociedade conferio o titulo de seu presidente honorario a Francisco Manoel, que já antes recebera o titulo de socio honorario da Sociedade Musical Campesina.

A 18 de Dezembro de 1865, victimado por uma tísica laringéa e contando 70 annos de idade, falleceu Francisco Manoel em sua antiga residencia da rua do Conde n. 49, sendo seu corpo sepultado no cemiterio de S. Francisco de Paula, no carneiro n. 5.492.

Dotado de grande bondade de coração, Francisco Manoel a dispensara paternalmente a seu irmão o Dr. José Marianno da Silva, que, enlouquecendo, vivia em um quarto do pavimento terreo da residencia do maestro.

Não devemos confundir este medico com outro de igual nome que, em 1866, assassinou sua esposa na rua dos Barbonos.

A'cerca daquelle inditoso clinico fez o Dr. Felix Martins, depois Barão de S. Felix, interessante elogio historico em uma das sessões da Academia de Medicina.

Referindo-se ao intelligente maestro, disse o Dr. Manoel Joaquim de Macedo:

“Esculpturando o vulto deste artista, não devemos occultar por entre louvores e gabos seus defeitos; não tinha Francisco Manoel a imaginação, o genio fecundo de José Mauricio; penoso estudo e aturado trabalho entreteceram-lhe a corôa que cingio-lhe a fronte; mas ha uma composição sua, verdadeira inspiração

artística, é o Hymno Nacional. Ainda bem. Os raios da intelligencia divina illuminaram a fronte do artista quando cantou o hymno da patria.

„Eram eminentes as qualidades moraes de Francisco Manoel; para elle a honra era um culto, a probidade lei absoluta e a virtude uma fé.”

Vieira Fazenda, em um seu trabalho, tambem assim se exprime:

„Discipulo de José Mauricio, sem todavia igualal-o, Francisco Manoel foi o exemplo vivo do trabalho. Compunha sempre: a toda hora, até quando esperava pelo jantar. Bom chefe de familia, foi excellente irmão, amigo e protector de seus compa-nheiros de arte. Parecia estar sempre zangado, mas tinha coração generoso propenso ao bem.”

O Instituto Historico Brasileiro possui a mascara em gesso de Francisco Manoel, tirada no dia de seu fallecimento, e na Escola Nacional de Bellas Artes existe um quadro a oleo em que está retratado o maestro com pessoas de sua familia.

Dando noticia do seu fallecimento, assim se expressou o *Jornal do Commercio*:

“Falleceu hontem o Sr. Francisco Manoel da Silva, musico e compositor notavel, que a nossa corporação musical reconhecia por seu chefe. Foi autor do Hymno Nacional e fundador do Conservatorio de Musica, a cujo desenvolvimento dedicou incessantes esforços, trabalhando afanosamente por dotal-o com um edificio, que a morte lhe não permittio chegar a ver concluido.”

O testamento de Francisco Manoel, approvado pelo Es-crivão interino da Provedoria, Capella e Residuos, é do teôr seguinte:

J. M. J. Em nome da Santissima Trindade, Padre, Filho, Espirito Santo, em quem eu Francisco Manoel da Silva firmemente creio, e em cuja fé pretendo viver e morrer, estando do-ente e de cama, mas com meu perfeito estado de juizo e entendi-mento, deliberei fazer meu testamento e deliberações de ultima vontade, pela fórma seguinte:

Declaro que sou natural desta Corte do Rio de Janeiro, fi-lho legitimo de Joaquim Marianno da Silva e de sua mulher Dona

Joaquina Rosa da Silva. Declaro que sou irmão da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula, em cujo cemiterio desejo ser sepultado conforme deliberação da Ordem, e do testamenteiro destas minhas disposições de ultima vontade, devendo o meu enterro ser feito pela sociedade de musica, visto em como as minhas posses não permitem dispor diversamente . Declaro que fui casado em primeiras nupcias com D. Monica Rosa do Bom Successo, por carta de ametade, e segundo as leis do Imperio. Declaro que deste consorcio tive tres filhas, que se baptisarão com os nomes de Joaquina, Guilhermina e Maria. Declaro que fallecendo minha primeira mulher, dita Dona Monica Rosa do Mom Successo, sobrevierão-lhe todas as nossas filhas já mencionadas; mas porque não tivesse o casal bens sufficientes para que eu entendesse que devia proceder a um inventario, e partilhas, não foi aquelle, e nem procedi a esta. Declaro que passei a segundas nupcias com Dona Thereza Joaquina de Jesus, viuva do Tenente-Coronel Lourenço Antonio dos Santos. Declaro que por fallecimento do dito Tenente-Coronel Lourenço Antonio dos Santos, tendo-lhe sobrevivido dita sua viuva Dona Thereza Joaquina de Jesus, e suas filhas Dona Maria Henriqueta dos Santos, Dona Henriqueta Carolina dos Santos, D. Thereza Adelaide dos Santos, Carolina Amelia dos Santos e Florencio Antonio dos Santos, procedeu dita viuva a inventario pelo Juizo dos Orphãos desta Corte, Escrivão Cruz. Declaro que quando passei a segundas nupcias com a mencionada D. Thereza Joaquina de Jesus, ainda se não havia partilhado os bens do casal de seu primeiro consorcio, e por isso tive de proseguir nos ultteriores termos, até se concluirem as ditas partilhas e tratei dos de sobre partilha que se não havia acabado. Declaro que tendo entregue a pessoas habilitadas o tratarem dos termos das partilhas e sobre-partilhas dos bens do casal do meu antecessor, refiro-me ao que dos autos constar, e como sempre vivi em muito boa harmonia com meu enteado e enteadas, se em algum alcance eu estiver para com elles, lhes peço e rogo me perdoem, attendendo aos bons serviços que lhes prestei, antes de Pai, que de Padrasto. Declaro que os unicos bens de raiz que possuo consistem nas partes do predio á rua do Conde numero quarenta e oito, sendo que uma sexta parte deste mesmo predio pertence a minha filha Amelia, casada com o Dr. Francisco Fer-

nando da Costa Ferras, e outra sexta parte a minha filha Adelaide, casada com João Alves da Rocha, ausente em lugar não sabido por mim. Declaro que convencionei, por tracto particular escripto, com minha filha Amelia e seu marido o que consta do mesmo contracto escripto, e que fica fazendo parte deste meu testamento. Declaro que ao fazer deste sómente possuo em dinheiro a quantia de um conto e trezentos mil réis, sujeitos ás despezas que estou fazendo, e se devem fazer com minha molestia e gastos de casa. Declaro que nada ou quasi nada devo, e que sou credor por titulos, sendo que considero perdidas todas, ou quasi todas essas dividas.

Deixo liberto o meu escravo Manoel, com condicção de servir o primeiro anno subsequente á minha morte á minha filha Adelaide. Deixo a minha enteada D. Henriqueta, casada com o Conselheiro José Carlos de Almeida Arcias, o quadro de familia contendo o meu retrato e de sua irmã Maria. Deixo a minha neta e afilhada Francisca, filha de minha filha Maria Amalia e de seu marido, Balduino Muniz Freire, o meu piano de Regel, de meia cauda. Quero que seja a inventariante dos meus bens minha filha D. Maria, havida do primeiro consorcio, e que se chama Maria Amalia Muniz Freire, casada com Balduino Muniz Freire, e como ella não póde figurar em Juizo sem outorga de seu marido, que, ou este lhe dê para este fim, ou por cabeça della promova os devidos termos de inventario e partilha. Os suffragios de minha alma ficão á disposição do meu testamenteiro, das Irmandades e Sociedades a que pertenco. Deixo para o cumprimento das minhas disposições testamentarias o prazo de dous annos. Reconhecendo nos maridos de minhas enteadas e em meus genros toda a capacidade para serem meus testamenteiros e cumpridores das minhas ultimas disposições, mas attendendo que em virtude de seus empregos e occupações não pódem encarregar-se de tal onus, nomeio como meus testamenteiros, em primeiro lugar José Romão Muniz Freire, em segundo lugar ao Doutor Francisco Alves de Brito, em terceiro lugar Bento Fernandes das Mercês e em quarto lugar João Alves da Rocha, a cada um dos quaes rogo queira fazer a obra pia de ser meu testamenteiro e áquelle que acceitar a testamentaria hei por abonado tanto em Juizo como fóra d'elle e cumpri-

das as minhas disposições testamentarias, instituo por herdeiro do remanescente da minha terça a minha filha Maria Amalia, casada com Balduino Muniz Freire em attenção a não haver gasto cousa alguma com a sua educação e me ter acompanhado e prestado serviços de boa filha. Esta minha ultima vontade, rogo ás Justiças do Imperio do Brasil cumprão e guardem, façam cumprir e guardar, como nellas se conteem, quando mesmo lhe falte alguma clausula ou fórmula, que hei como declarada e suprida.

E por verdade pedi ao Sr. Antonio Muniz que o escrevesse, e depois de lido e achar conforme assigno nesta Corte do Rio de Janeiro, aos quatorze dias do mez de Dezembro de mil oitocentos e sessenta e cinco. — *Francisco Manoel da Silva.*

O inspirado autor do Hymno Nacional deixou publicados, entre outros trabalhos, os seguintes: Compendio de Musica (artinha), para uso dos alumnos do Collegio de Pedro II; Compendio de principios elementares de musica para uso do Conservatorio; Compendio Preliminar de Musica; "Te-Deum", offerecido ao Principe; Hymno da Independencia, musica para orchestra, trabalho que o maestro offereceu ao Instituto Historico e que dahi desapareceu; Hymno, escripto por occasião da coroação de Dom Pedro II; Hymno para o baptisado do Principe D. Affonso; Hymno á Guerra, composto por occasião da guerra contra o dictador do Paraguay; Matinas de S. Francisco de Paula e outras composições de diversos generos, que não foram ainda publicadas.

Como temos de tratar ainda do Hymno Nacional Brasileiro, cabe aqui transcrever a originalidade da letra e da rima, cujo autor é desconhecido:

Quando vens, faustoso dia,
Entre nós raiar feliz,
Vimos em Pedro Segundo
A ventura do Brasil.

Da Patria o grito
Eis se desata,
Desde o Amazonas
Até o Prata.

Negar de Pedro as Virtudes,
Seu talento escurecer,
E' negar como é sublime
Da bella aurora o romper.

Exultai brasileiro povo,
Cheio de santa alegria,
Vendo de Pedro o retrato
Festejado neste dia.

Tem a sua simples, mas significativa historia a conservação do velho Hymno Nacional no regimen republicano actual. Nas *Notas de um Reporter*, que publicámos em 1895, lê-se: "Festejava-se o 15 de Novembro de 1890.

O Palacio de Itamaraty estava repleto de senhoras, officiaes do Exercito, Armada e Guarda Nacional, muitos cavalheiros, Senadores, Deputados, funcionarios publicos, magistrados, etc.

O Marechal Deodoro achava-se radiante de jubilo, recebendo cumprimentos, abraços e felicitações.

No saguão do Palacio encontravam-se diversas bandas de musica militares.

Entre as pessoas presentes notava-se o Sr. Capitão-Tenente José Carlos de Carvalho, que relevantes serviços prestou e ainda continúa a prestar, quer como official de marinha, quer em muitas e honrosas commissões que tem desempenhado.

Nesse dia haviam acclamado o Marechal Deodoro Generalissimo do Exercito.

A reportagem da imprensa diaria lembrou-se de manifestar ao Marechal Deodoro o desejo que o povo tinha de que fosse conservado o Hymno Nacional, tantas vezes ouvido nos campos de batalha e tantas vezes repetido nos actos mais caros e mais solemnes da nossa patria.

Resolvido o pedido, aventou a reportagem a idéa com as pessoas presentes que a acolheram com enthusiasmo. Levada ao Marechal pelo Sr. Major Serzedello e combinado com as bandas militares um signal convencional, no caso de acquiescencia do Marechal, este acolheu a idéa com vivo sentimento de alegria e declarou que conservaria o Hymno Nacional.

As bandas de musica romperam inesperadamente e a um tempo o grandioso hymno de Francisco Manoel.

O povo que estava em frente do Palacio, ouvindo o toque inesperado do hymno, fugia espavorido, convencido de ter havido uma revolta no interior do Palacio.

Compreendeu-se, porém, logo o que se havia passado.

O Marechal foi muito aclamado no meio de um entusiasmo indescritivel e elle proprio estava bastante commovido.

Muitas lagrimas vimos correr nesta occasião, chegando José Carlos de Carvalho, ao apertar a mão do Marechal, a chorar soluçante e convulsivamente.

Não me lembro de facto que tanto impressionasse os circumstantes.

Os reporters que se achavam no palacio nesta occasião eram os Srs. Ferreira Guimarães, José de Castro Vianna, Fernando Marques de Castro, Baldomero Fuentes Carqueja, Theotonio Diniz Regadas, Alfredo Costa e o autor destas notas".

Fiquemos com o velho, disse o grande heróe da guerra, e, assim, ainda hoje não ha coração brasileiro que não sinta vivo entusiasmo por essas notas vibrantes que levaram a coragem e o valor aos nossos bravos guerreiros no campos de batalha e que despertam sentimentos do mais ardente amor pela felicidade desta patria, tão grande pela extensão do seu territorio, tão nobre pelo patriotismo dos seus filhos:

Em 25 de Agosto ultimo, para solemnizar o jubileu artistico, no Brasil, do pianista portuguez Arthur Napoleão, realizou-se no Instituto Nacional de Musica um grande concerto em sua honra.

Por essa occasião foi inaugurada uma lapide de marmore com a seguinte inscripção:

*A Francisco Manoel da Silva
Mestre na sua Arte
Autor do Hymno de sua Patria
Fundador do Conservatorio de Musica
Os professores do Instituto Nacional de
Musica
25 de Agosto de 1907*

Quando Arthur Napoleão descerrou a cortina que envolvia a lapide, a orchestra executou o Hymno Nacional, instrumentado pelo fallecido maestro Leopoldo Miguez.

Em seguida o maestro Alberto Nepomuceno, Director do Instituto, leu a seguinte mensagem:

“1857 — 1907 — Exm. Sr. Commendador Arthur Napoleão dos Santos. — O corpo docente do Instituto Nacional de Musica de que sois membro honorario, desejando celebrar a data do quinquagesimo anniversario do vosso primeiro concerto no Brasil com um facto que signifique homenagem aos vossos meritos artisticos, confere-vos a missão de inaugurar, no proprio nacional em que tem a sua séde esta instituição, a lapide commemorativa da sua fundação por Francisco Manoel da Silva, autor do Hymno Nacional Brasileiro. Rio de Janeiro, 25 de Agosto de 1907. Seguem-se trinta assignaturas de professores.”

E foi assim que só 42 annos depois se rendeu uma expressiva homenagem á memoria do grande artista que soube honrar a arte musical brasileira...

Ainda vive uma das filhas de Francisco Manoel, a respeitavel senhora D. Maria Amalia Muniz Freire, que de seu pai recebeu os mais vivos exemplos de bondade, amor e virtude, que carinhosamente transmite á sua prole como penhor e saudosa homenagem á memoria perenne do Brasileiro illustre.

ASYLO DA VELHICE DESAMPARADA

Em Junho de 1890 aportaram a esta Capital duas humildes religiosas franciscanas, pertencentes á pequena Congregação da Sagrado Coração de Jesus, dirigida pelo Padre Felix Brumel, cujas irmãs tinham como objectivo dedicarem-se aos trabalhos de enfermarias a domicilio.

As duas religiosas que aqui chegaram traziam apenas como bagagem um pequeno sacco de viagem.

Pela simplicidade e humildade dessas religiosas, que bem symbolizavam a pobreza do Seraphico de Assis, foram as saudosas irmãs Thereza de Jesus, fallecida em 19 de Março de 1894, victimada pela febre amarella, mas que ainda hoje vive perennemente na memoria daquelles que a conheceram na sua edificante humildade e na sua heroica abnegação, e a irmã Helena, que retirou-se para a Europa em 1893.

Foram, pois, estas duas esquecidas religiosas que acolhidas pelo Bispo D. Pedro de Lacerda e ouvidas carinhosamente pelo Padre Heyn, este as enviou com significativa recommendação a Frei Fidelis d'Avola, o qual, pensando que poder-se-hia aproveitar os seus bens desejos e serviços, as recommendou tambem á Sra. D. Gabriella de Jesus Ferreira França, afim desta senhora auxiliar-as em qualquer commettimento caridoso que as irmãs tivessem intenção de levar a effeito.

Hospedadas as irmãs no Collegio da Immaculada Conceição, em Botafogo, conseguiram ellas, por intermedio do Padre Cruz Saldanha, entenderem-se com o Sr. Visconde Ferreira de Almeida, que cogitava na fundação de um asylo para a Velhice Desamparada, pois, tendo regressado havia pouco tempo da Europa, havia alli visitado estabelecimentos dirigidos pelas irmãzinhas dos Pobres e pensava em estabelecer obra igual no Brasil.

Entendendo-se o Sr. Visconde Ferreira de Almeida com aquellas duas irmãs, em Julho de 1890 lançavam-se as bases do Asylo S. Luiz, sob a direcção daquellas irmãs, com a condição, porém, do Sr. Visconde permittir-lhes que não ficasse prejudicada a obra de enfermeiras a domicilio, pois sendo este o intuito principal de seu instituto não o preteria por outro.

Em 25 de Agosto do referido anno installava-se o benemerito Asylo na rua General Gurjão, tendo como seus directores e fundadores os Srs. Visconde Ferreira de Almeida e o Comendador José Maria Teixeira de Azevedo, vindo em seguida prestar inestimaveis serviços ao Asylo o Sr. Arthur Teixeira de Azevedo.

Viveram no Asylo trabalhando abnegadamente em todo o serviço interno as duas mencionadas religiosas e uma senhora respeitavel que, fascinada pela grandeza da piedosa obra, collocou-se ao lado da Veneranda Superiora Madre Thereza de Jesus e do Visconde Ferreira de Almeida, devotando-se com sincero interesse pela sorte da velhice com todo carinho e amor e foi uma das companheiras mais devotadas da caridosa Superiora.

As outras irmãs Maria Paula, fallecida; Maria Felicidade, superiora do Asylo da Ponta do Cajú e Maria São Diniz, actual Provincial, chegaram a esta Capital em 23 de Agosto de 1892 e foram as continuadoras da benemerita obra que já encontraram fundada com ingentes esforços do Visconde Ferreira de Almeida, que, unido ás duas abnegadas irmãs, venceu obstaculos grandiosos para levar a effeito esse philantropico templo de caridade Christã.

E' justo pois que hoje, ao celebrarem-se as solemnidades do anniversario da fundação do Asylo de S. Luiz, seja lembrada a memoria saudosa das irmãs Thereza e Helena ao lado da do benemerito Visconde Ferreira de Almeida.

Foi deste Asylo onde a velhice desamparada encontra todo o carinho, conforto e amparo que sahiram as primeiras religiosas que dirigem varias casas da mesma Communidade, graças á generosidade do saudoso Ferreira de Almeida, a quem ainda se deve a fundação do Noviciado no Brasil de uma Congregação que presta relevantes serviços.

Para o augmento do patrimonio deste Asylo piedosas senhoras e Cavalheiros do pittoresco bairro de S. Christovão têm realizado varias festas e uma bem organizada kermesse no campo principal do bairro, concorrendo a ella a generosidade proverbial da nossa população.

1907.

IGREJA DE SANTO ANTONIO DOS POBRES

Em 1807, o armador de igrejas Antonio José de Souza e Oliveira, natural de Portugal, era já naquella época proprietario de varias casas terreas na rua da Lampadosa, possuindo além disso mais alguns haveres.

Fervoroso crente, attribuiu a sua relativa felicidade ao Santo de seu nome e por isso cogitou em contruir uma capella com a invocação de Santo Antonio do Pobre ou dos Pobres.

Estabelecido na rua da Quitanda, Antonio José, mais vulgarmente conhecido pelo alcunha de *Panella*, era muito relacionado e gosava de certa influencia na classe commercial.

Comprou então um terreno na rua dos Invalidos e, obtendo offertas de seus amigos, começou as obras da igrejainha a 15 de Agosto daquelle anno.

Já estava a igreja quasi toda construida, quando uma forte tempestade fez desabar toda a frente, isto devido ao terreno que era todo pantanoso.

Não desanimou Antonio José esta contrariedade, porque reunindo novos recursos, reconstruiu completamente todo o templo em 1811, sendo então realizada, durante alguns annos, a festividade do seu padroeiro.

Mais tarde, os Capuchinhos italianos tomaram posse da igreja e nella se installaram.

Em 1831, deixaram os Capuchinhos a igreja, mudando-se para outro ponto desta Capital.

Abandonado o templo pelos Capuchinhos, quiz então a Irmandade do Bom Jesus do Calix, existente na igreja da Lampadosa, ahi installar-se.

A 25 de Agosto daquelle anno foi dirigido ao antigo Provedor das Capellas o seguinte aviso:

“Tendo os padres barbadinhos entregue a capella de Santo Antonio dos Pobres, onde interinamente se achavam, manda a Regencia em nome do Imperador, que V. Mercê a deixe sob a administração da Irmandade de Santo Antonio dos Pobres, isto sómente no que diz respeito á igreja, sacristia e tudo o mais que fôr indispensavel ao acto, de que lhe fará entrega por um inventario. Deus guarde a V. Mercê. Paço, 25 de Agosto de 1831. — *Diogo Antonio Feijó.*”

José Nicodemus e outros devotos de Santo Antonio reuniram-se e resolveram restaurar o templo, restabelecendo a Irmandade de Santo Antonio dos Pobres e Nossa Senhora dos Prazeres.

Francisco José de Barros emprehendeu reconstruir a igreja, recorrendo á caridade religiosa do publico.

Effectivamente, foi a igreja entregue á respectiva Irmandade, que, ao tomar posse do templo, o encontrou em pessimo estado de conservação, verificando que haviam retirado do altar-mór a imagem do thaumaturgo que foi, dias depois, encontrada atirada em um quintal de uma casa nas visinhanças da igreja.

Com a solemnidade, foi reposta a imagem no altar-mór sendo collocada na respectiva peanha a palavra *Desprezado*, como recordação do abandono em que os Capuchinhos deixaram a imagem, passando o templo por uma reforma quasi geral, quer interna, quer externamente.

Piedoso crente offereceu então á Irmandade rico e artistico resplendor, para ser collocado na cabeça do milagroso santo.

Assaltado o templo pelos ladrões, desappareceu o resplendor, sendo encontrado Santo Antonio com um chapéo velho de palha na cabeça e o seguinte distico:

“Quem é pobre, de luxo não precisa.”

Por decreto de 16 de Setembro de 1854, foi a igreja elevada á categoria de matriz, constituida em parte pelas freguezias de Sant'Anna, S. José e Sacramento e a 13 de Dezembro daquelle anno foi denominada definitivamente matriz de Santo Antonio, com freguezia criada e discriminada a respectiva zona.

Mais tarde, deu-se nova fórma no frontespicio da igreja e ao pinaculo da torre e ornou-se internamente de obras de talha,

collocando-se no pequeno atrio, em frente ao templo, um artistico gradil de ferro, e assim, em 1872, já a igreja apresentava um aspecto mais moderno e mais agradável.

O templo, que é de uma simplicidade digna de nota, tem no seu altar-mór as imagens do Christo crucificado, Santo Antonio, e mais abaixo as de Nossa Senhora do Rosario e do Carmo e nos quatro altares lateraes, ao lado do Evangelho, as imagens de São Miguel e Nossa Senhora dos Prazeres e do lado da Epistola o Senhor da Columna e Nossa Senhora das Dôres e em baixo o Senhor Morto.

Possue o templo, ao lado direito da entrada, uma bella Capella do Santissimo Sacramento com as imagens de Nossa Senhora da Conceição, S. Felix e Santo Antonio, tendo a mesma capella sete retabulos.

A sacristia, que está installada no local onde foi outr'ora o cemiterio da Igreja, é vasta e o seu mobiliario é modesto, mas caprichosamente tratado.

A Irmandade distribue todos os primeiros domingos de cada mez o pão de Santo Antonio pelos pobres, ministra esmolos aos seus irmãos desfavorecidos da fortuna e enterra qualquer pessoa cuja familia a ella recorra, quando, pela sua extrema pobreza, não possa fazel-o.

A data de hoje não ficou esquecida da benemerita Irmandade, que com tanta piedade christã mantém o orago do popular thau-maturgo, e assim foi o templo, quer interna quer externamente, pintado e decorado para celebração da solemnidade do primeiro centenario da sua fundação.

Para commemoração deste acontecimento foi nomeada uma comissão composta dos Srs. Evaristo Valle de Barros, Major Alfredo Targino Moss, Conego Francisco Curio e José Moreira Ribeiro, que procuraram revestir a solemnidade de todo brilho e esplendor.

Foi então organizado o seguinte programma:

Dias 14, 15 e 16 do corrente, triduo; dia 17, vespervas solemnes com canticos sacros; e dia 18 missa solemne pontificada pelo Exm. e Rev. Monsenhor João Pires de Amorim, Vigario Geral do Arcebispado e *Te-Deum*.

Durante o triduo haverá sermão prégado pelo Revm. Padre Antonio Pinto, Vigario de Santa Rita; na missa pontifical prégará o Revm. Monsenhor Dr. Fernando Rangel e no *Té-Deum* prégará o Revm. Monsenhor Agostinho Benassi.

A orchestra e cantos estão confiados á Escolas Cantorum de Santa Cecilia, para todos esses actos.

O triduo realizar-se-ha, bem como o *Te-Deum* ás 6 horas da tarde dos dias designados e a missa pontifical ás 10 1/2 horas.

A rua dos Invalidos, nas immediações da igreja, será ornamentada com renques de bandeiras e galhardetes e bem assim o gradil do atrio do templo.

A actual administração superior da Irmandade é a seguinte:

Provedor, Evaristo Valle de Barros; Vice-Provedor, Attilio Boseli; 1.º Secretario, Major Alfredo Targino Moss; 2.º Secretario, Capitão Francisco Pedro da Luz; Thesoureiro, Pedro Cardoso Soares; Procurador, Domingos Faria Teixeira de Mattos; Provedora, D. Alberta Ferreira de Barros; Vice-Provedora, Dona Maria Luiza Boseli; Vigario do culto, José de Almeida e Oliveira e Vigaria do culto, D. Candida da Trindade.

Para concorrer tambem para a commemoração, que a piedosa Irmandade hontem iniciou, aqui narramos succintamente a vida do glorioso Santo:

O doce casamenteiro Santo Antonio, que para operar milagres passa por uma infinidade de provações, entre as moças solteiras e entre as que delle desejam obter as suas graças, já amarrando á sua imagem em uma corda e atirando-a ao poço, de cabeça para baixo, já virando-lhe a face para o fundo do oratorio até conseguirem o que desejam, nasceu em Lisboa a 15 de Agosto de 1195, sendo chefe da Igreja Catholica o Papa Celestino III e Rei de Portugal, D. Sancho, o *Povoador*.

Seus pais o baptisaram com o nome de Fernando, nome que mais tarde foi substituido pelo de Antonio.

Inclinado desde criança para as cousas religiosas, passava a sua infancia, aproveitando as horas depois dos estudos, em místico e fervoroso recolhimento na Igreja da Sé, onde se entregava com verdadeira admiração geral ás mais arraigadas crenças religiosas.

Velha lenda conta que, sendo elle *menino do côro* da Sé, se deixara apaixonar por uma judia, e que, quando essa paixão se tornava a mais violenta, de subito foi illuminado pela graça divina e fazendo o signal da cruz na porta do templo, como por um encanto desapareceu a seductora israelita.

Na Sé de Lisboa, ainda hoje é mostrada aos fieis a gloriosa Cruz que afugentou o *demonio* transformado em fascinante mulher para fazel-o cahir em tentação pecaminosa.

Em 1211, tendo então 16 annos, vestio o habito de conego regrante de Santo Agostinho, professando no mosteiro de São Vicente de Fóra, passando pouco depois para o de Santa Cruz de Coimbra.

A sua crença e fé religiosa tomaram tal exaltação, que quando chegaram a Santa Cruz as ossadas dos martyres de Marrocos, partio immediatamente para Africa a prégar a palavra de Deus e ali expoz a vida ao lado dos missionarios, para bem servir a sua crença.

Deixando o habito de Conego pelo humilde burel dos frades mendicantes do serafico Padre Francisco de Assis, e trocando o nome de Fernando pelo de Frei Antonio de Santa Cruz ou de Vera Cruz, segundo outros, passou para a ermida de Santo António, nas immediações de Coimbra, em 1220, e ali se conservou até quando um violento incendio destruiu esse cenobio, escapando das chammas a igreja e a entrada desabrigada da cella onde o humilde Antonio passava os dias em constantes orações.

Transformado aquelle cenobio em Convento de Santo Antonio dos Olivaes, em 1217 ou 1218, foram nelle recolhidos São Otho e seus quatro companheiros martyrizados em Marrocos. Tendo Antonio, o venturoso, obtido nova licença foi missionar na Africa, para onde seguiu soffrendo uma tormentosa viagem e, conseguindo desembarcar nas costas da Sicilia, dirigio-se para a cidade e apresentou-se a S. Francisco que o acolheu com o maior affecto. Percorreu depois Antonio a Italia e a França, prégando com eloquencia tal, que a multidão o ouvia como a um inspirado apostolo de Deus.

Em Roma, causou a sua eloquencia assombro entre os sabios da época, e de tal ordem, que o Pontifice que então presidia a

Igreja catholica, deslumbrado, lhe chamou *Arca da Alliança e Secreto depositario das lettras santas*.

Cardeaes e bispos se extasiaram diante da sua eloquencia, e não só nos paizes catholicos os commentadores de Santo Antonio lhe consagram frementes palavras de admiração. A litteratura allemã em uma solida critica considera o Thaumaturgo portuguez uma das mais altas capacidades da sua época.

Gregorio III o canonizou Santo, chamando-lhe "Arca do Testamento", como Xisto V lhe havia chamado "Chave de ouro" e outros o appellidaram "Martello da heresia", "Leme da Igreja", "Officina de Milagres".

São assás interessantes e pittorescas as lendas em que figura esse grande espirito que encheu o seculo XII com as suas virtudes. Aquella em que Santo Antonio livra o pai da forca foi aproveitada no *Romanceiro* de Theophilo Braga. E' bastante conhecido romance em redondilhas *Santo Antonio e a princeza de Leão*, e o mundo catholico está cheio de trovas e cantares, alguns até em sentido travesso e malicioso, em que são celebrizados os milagres do tão festejado santo. Seu nome está tambem ligado a muitas superstições grosseiras, mas originadas de espiritos sem fé e sem crenças de especie alguma.

Em seu testamento, D. João II determinou que se erigisse um templo a Santo Antonio, no local onde viveu Martin Bulhões, seu pai, legado que foi cumprido por El-Rei D. Manoel I. O templo tinha a seguinte inscrição gravada na porta principal: *Johannes II, Emmanuel I. Reges hoc opus construxerunt*.

O terremoto de 1755 destruiu esse templo, de que escapou o quarto onde o santo nasceu e que ainda hoje existe.

O templo destruido foi substituido por outro, mandado construir pelo Rei Pedro III. Jaz o milagroso Thaumaturgo portuguez na sumptuosa basilica de Padua.

O abbade Correia da Serra, que não podia perdoar a Portugal a sua indiferença pelo glorioso Antonio, escreveu que fôra elle o mais ajuizado santo do Calendario, pois que, "tendo a desgraça de nascer em Portugal, teve a felicidade de viver e morrer longe de seu paiz natal".

UM REPORTER NORTE-AMERICANO

Quem foi o primeiro reporter?

Dizem investigações feitas por um erudito descobridor de antigualhas que o mais antigo *reporter* conhecido foi S. Platão, que viveu sob o imperio bysantino. S. Platão tomava notas sobre os factos mais importantes da sua época, possuindo a habil especialidade de as gravar por um *systema stenographico* de sua invenção, e, durante muito tempo, foi o noticiarista dos discursos pronunciados nos conselhos do imperio.

Parece que não se dando bem com o officio, como hoje acontece a muitos dos que mourejam pela imprensa, abandonou-o mettendo-se em um convento onde continuou a cultivar as bellas artes, por amor ao... officio.

Pela sua severidade e pelo habito adquirido de abnegado cumpridor de deveres, tornou-se Superior de uma Abbadia; e taes foram os seus sentimentos de piedade christã, que morreu em cheiro de santidade.

Tratando desse santificado alviçareiro, lê-se no *Flos Sanctorum*, de Frei Francisco Jesus Maria Sarmiento: "S. Platão — Cenobita, 9 de Abril — Seculo VIII." Resumidamente foi esta a sua existencia:

Nasceu em Constantinopla, no anno de 735, e pertencia a uma familia illustre, possuidora de grandes riquezas.

Aos 12 annos, tendo fallecido seus pais, victimados pela peste que no anno de 744 despovoou muitas cidades, foi educado por um tio que exercia junto do Imperador o cargo de thesoureiro.

Dedicando os seus estudos ás sciencias humanas e pela sua applicação e grande engenho, "era excellente na arte de escrever notas, que assim chamavam a um modo de escrever por breves com a mesma facilidade com que se fallava."

Essas notas, depois de traduzidas, elle as communicava em grupos ou reuniões.

Mais tarde, seu tio, pela sua capacidade, o encarregou de substituil-o no emprego que tinha junto do imperador.

Recusou bons casamentos e aos 24 annos de idade partio para a Bethania, e entrando para o mosteiro, fez-se cenobita.

Fallecendo Theotisto, Abbade do Mosteiro, em 770, foi Platão o seu substituto, tendo mais tarde recusado a nomeação de Bispo de Nicomedia.

Cheio de fé religiosa, conseguiu a catechese de todos os seus parentes mais proximos, conseguindo tambem fazel-os cenobitas.

Realizado o seu intento com tanto successo, foi então exercer o cargo de Abbade de Sacudião, em Constantinopla.

Não querendo approvar o casamento adulterino de Irene, filho de Constantino, foi mettido numa prisão e tratado com todo o rigor. Posto em liberdade, foi ainda, em 806, desterrado para uma ilha, onde falleceu cinco annos depois.

Diante, pois, desta affirmacão, S. Platão começou a sua vida rabiscando bisbilhotices e a terminou como na época actual nenhum reporter será capaz de terminar: na pureza de suas virtudes, no seu desprendimento pelas cousas mundanas e na ardente fé religiosa.

Os reporters inglezes costumam, de vez emquando, solemnizar a data de 9 de Abril, consagrada ao virtuoso padroeiro de sua classe.

Nas *Notas de um Reporter*, publicadas pelo autor destas linhas em 1895, tratando desses infatigaveis Colombos de novidades, lê-se:

“Nos Neologismos indispensaveis e barbarismos dispensaveis” do illustre Dr. Castro Lopes, le-se na pagina 169 o seguinte:

Reporter — Alviçareiro; o que quer dizer que o autor acha dispensavel o anglicismo *reporter* visto que ha em portuguez termo correspondente, que é *alviçareiro*.

Não é moderna a creação do officio de reporter e correspondente: remonta a seculos passados.

Em Athenas já elles existiam. Eram os colleccionadores de noticias que, reunindo as novidades, iam repetil-as em grupos ou reuniões.

Tratava-se de tudo, noticias de guerras, projectos e operações dos generaes, movimento de esquadras, leitura de peças, etc.

No *Forum* romano accumulavam-se os reporteres para obter noticias e ouvir os oradores, gravando as mesmas em taboas de cera para communicar-as.

A *acta diurna* comprova noticias taes como as de casamento, obitos e boatos de toda especie.

Os Americanos do Norte foram precisamente e ainda são os melhores e mais intelligentes reporters do mundo jornalístico.

Stanley é, sem duvida, o typo mais aperfeiçoado ou chefe desta classe moderna que hoje é o *clou* do jornalismo moderno."

A proposito desse glorioso trabalhador e em homenagem saudosa á sua memoria, aqui transcrevo uma carta que tive a grande honra de receber e que conservo com verdadeiro carinho e especial desvanecimento.

"Londres, 21 de Agosto de 1902. Meu caro Sr.—Sinto-me extremamente lisonjeado por haver V. se lembrado de mim como de um collega digno de receber seus trabalhos. Havendo-me eu já retirado de toda a vida publica activa, causou-me grande prazer ser tão felizmente lembrado de que ainda não sou esquecido. Que V. tambem quando se retirar do mundo jornalístico possa receber a agradável prova de que é ainda tido em elevada consideração por aquelles que o conheceram ou tiveram noticias do seu merecimento, é o sincero desejo do de V. muito leal amigo.—*Henry Stanley.*"

Sirvam, pois, estas linhas de pretexto para referir-me a um reporter americano de quem conservo a mais viva saudade e reconhecimento pelo modo com que tem sabido honrar a classe de que sou humilde mas esforçado trabalhador.

Em meados do anno passado, visitou esta Capital o Sr. Alberto Halle, reporter do *The Reader* (revista illustrada e litteraria, artistica e noticiosa que se publica no Estado de Indianopolis, nos Estados Unidos da America), no intuito de bem informar aos seus numerosos leitores do adiantamento de varios paizes da America do Sul.

O atilado e intelligente reporter, com aquella actividade Yankee, tão peculiar aos Americanos do Norte, dotado de bastante intelligencia e de raro espirito de observação, criterioso e

perspicaz, tratou, logo depois de aqui chegar, de visitar todos os notaveis estabelecimentos publicos e todas as obras de melhora-mento e embelezamento desta cidade, publicando as suas impres-sões na revista de que é representante.

Tão bem observadas e tão minuciosas foram essas impressões que o *Jornal do Commercio* as fez traduzir, publicando-as em suas columnas.

E' facto que ellas se revestiram de conceitos honrosos para o nome extremecido da nossa patria; mas ha entre as suas informa-ções algumas que lhe foram ministradas por fontes suspeitas, ou, pelo menos, por malignidade de algum espirito enfermigo e parti-dario, que, para exaltar a Marinha de outr'ora, levou o seu *sebas-tianismo* ao ponto de calumniar a phalange briosa da nova marinha de guerra actual, fantasiando perversamente factos que são com-pletamente inveridicos.

Apezar, porém, dessa pequena injustiça, aliás praticada pelo arguto reporter com inteira boa fé, as suas impressões, ácerca das cidades do Rio de Janeiro e de S. Paulo, demonstram a elevação do seu espirito observador, e da sincera espontaneidade com que se exprime tão carinhosamente sobre o nosso engrandecimento mo-ral e material.

Alberto Halle, que nasceu no Estado de Michigan, em 1860, contando, pois, actualmente, 47 annos, possui um brilhante espirito a par de uma educação aprimorada.

Estudou na Universidade do seu Estado natal, viajando de- pois pela Europa e fazendo publicar no *Inter Ocean*, diario de Chicago, as suas correspondencias epistolares, que eram lidas e apreciadas, pelo notavel cunho individual que revelavam.

Voltando a Chicago, começou a estudar medicina, e partio depois para a Allemanha, onde continuou os seus estudos. Mais tarde veio praticar no Mexico. Redigio algumas revistas de scien- cia opthalmologica e litterarias.

Mais tarde, applicou a sua actividade no *Associated Press*, em Washington.

Como reporter-viajante do *The Reader*, Alberto Halle es- teve no Panamá, Mexico, Novo Mexico e Arizona, visitando de- pois varias cidades da America do Sul, sempre no infatigavel afan de bem informar aos leitores da revista que representa, da

grandeza, do progresso e das bellezas naturaes que encontrou nos diversos paizes que percorreu.

Actualmente, em Indianopolis, está elle escrevendo um livro interessante, tratando, além de outros assumptos, das relações entre a America do Norte e a do Sul e um estudo especial ácerca da Doutrina de Monroe.

O seu decidido amor pela affanosa e ingloria vida da imprensa o fez abandonar os estudos medicos para se entregar exclusivamente á revista *The Reader*, onde occupa, entre os seus mais distinctos redactores, um lugar proeminente pela sua elevada intelligencia e variedade de conhecimentos, que já o consagraram como um dos mais notaveis reporteres americanos.

1907.

A IMPRESSÃO REGIA

São muito deficientes os trabalhos até hoje publicados relativamente á fundação da Imprensa no Brasil e bem assim quanto aos antecedentes desse facto.

Dentre os escriptores brasileiros, só um tratou especial e attentamente da materia, e este foi o finado Alfredo do Valle Cabral, a quem devemos uma "Historia da Imprensa Nacional", constituída mais na descripção das obras publicadas na Impressão Régia e depois Nacional, desde 1808 até 1822, do que propriamente do estudo minucioso e completo das primeiras publicações impressas typographicamente no Brasil.

Que antes da creação da impressão régia diversos trabalhos foram publicados clandestinamente, é um facto, e o proprio Valle Cabral pondera no seu trabalho:

"Convem dizer que no meiado do seculo XVIII, no Governo de Gomes Freire de Andrada, Conde de Bobadella, e por autorização sua, Antonio Izidoro da Fonseca estabelecera uma typographia no Rio de Janeiro, da qual sahiram as seguintes obras:

Relação da entrada que fez o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Freio Antonio do Desterro Malheyro, Bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste presente anno de 1747, havendo sido seis annos Bispo do Reyno de Angola, donde por nomiação de Sua Magestade e Bulla Pontificia, foy promovido para esta Diocesi. Composta pelo Doutor Luiz Antonio Rosado da Cunha, Juiz de Fôro e Provedor dos defuntos e ausentes, Capellas e Residuos do Rio de Janeiro.—Rio de Janeiro. Na segunda officina de Antonio Isidoro da Fonseca. Anno de M.DCC.XLII. Com licenças do Senhor Bispo. In 4º de 20 pp. num., 1 fl. de licenças.

—EM *Aplauso* do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor I. frey Antonio do Desterro Malheyro, Dignissimo Bispo desta cidade, Romance heroico, S. l. n. d., in-fol. de 5 ff. impr. sómente pela frente.

EPIGRAMMAS em latim e um soneto em portuguez 8. l. n. d., in-fol., de 12 ff. um, impr. sómente de um lado. Contem 11 epigr.

A Côrte, porém, logo que teve noticia da fundação do estabelecimento, mandou-o fechar, acto este que confirma evidentemente que o Governo portuguez prohibia com tenacidade a introduccão e propagação da imprensa no Brasil. Passa, porém, como certo que dessa mesma typographia sahiram clandestinamente as duas seguintes obras com indicações suppostas do lugar, officina e anno de impressão:

EXAME de artilheiros, que comprehende geometria e artilharia, com quatro appendices... Dedicado ao... Senhor Gomes Freire de Andrada... Por José Fernandes Pinto Alpoym... Sargento-mór Engenheiro, e do novo Batalhão da Artilharia: lente da mesma... na Academia do Rio de Janeiro. *Lisboa, na Nova Officina de José Antonio Plates* 1744, in 4º de 11 ff. prelim., 359 pp. num., com taboadas e etc.

Exame de bombeiros...

“A occasião, diz Valle Cabral, não é opportuna para se averiguar se de facto estas duas obras de Alpoym sahiram da officina de Antonio Isidoro da Fonseca, pois ora se trata da historia da Impressão Regia e não da imprensa no Brasil. Fique, porém, consignado aqui este facto como mais uma feição caracteristica daquelles nebulosos tempos.”

Sobre esta questão diremos incidentalmente algumas palavras:

O Sr. Dr. J. C. Rodrigues, que possui na sua esplendida Bibliotheca um exemplar do *Exame de Bombeiros*, autoriza-nos a transcrever o que disse sobre elle no seu *Catalogo*, ainda manuscrito, da segunda parte daquella collecção — pois a aquisição do *Exame* foi recente, depois da publicação da primeira parte, no anno proximo passado.

Eis aqui o que diz integralmente:

ALPOYM, J. F. P. — Exame de bombeiros que comprehende dez tratados: o primeiro de Geometria, o segundo de uma

nova Trigonometria, o terceiro da Longometria, o quarto da Altimetria, o quinto dos Morteiros, com dous appendices... Obra nova e ainda não escripta, de autor portuguez, utilissima para se ensinarem os novos soldados bombeiros nas perguntas (*sic*) e respostas.

Dedicado ao Illustradissimo e Excellentissimo Senhor Gomes Freire de Andrada, do Conselho de Sua Magestade, Sargento-Mór de Batalha de seus Exercitos, Governador e Capitão Geral do Rio de Janeiro e Minas Geraes, por José Fernandes Pinto de Alpoym, Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, Tenente de Mestre de Campo General, com exercicio de engenheiro e de Sargento Mayor, no batalhão de artelharía de que he Mestre de Campo André Ribeiro Coutinho, Lente da mesma por Sua Magestade, que Deus guarde, na Academia do Rio de Janeiro. Em Madrid. En la officina de Francisco Martinezabad, Año de MDCCXXXVIII. Com todas as licenças necessarias. In 4.^o Ante-rosto e rosto, 2 fls. (titulo a duas cores), retrato de Gomes Freire de Andrada, em cobre, grav. em 1.747 por O. Cor., 1 fl.; dedicatoria a G. Freire, 3 fls. n. num., duas vinhetas em cobre na primeira dellas; *Ao leitor Malevolo*, 3 fls. n. num.; *Ao Leitor Bombeiro*, 3 fls. n. num.; carta de André Ribeiro Coutinho ao A., 7 fls. n. num.; duas outras cartas ao mesmo, 1 fl. n. num.; licenças, 2 fls. n. num. (ao todo 21 fls. ou 19 sem ante-rosto e titulo); sexto, pags. 1-444. Com vinte estampas (erradamente dezoito em *Innocencio*, sendo que ha II^a e XI^a gravadas por "José Franc. Chaves." — Encad. de vit. antiga. — Exemp. em perf. estado de conservação. — Custo no Rio de Janeiro, 50\$. *Rarissimo*.

Passa esta obra por ser uma das cinco primeiras publicações impressas no Brasil. Gomes Freire, sem duvida, estabelecera typographia no Rio de Janeiro por volta de 1747. Com a indicação do logar, typographia e anno só se conhece um opusculo:

"Relação da Entrada, que fez o excellentissimo e reverendissimo senhor d. fr. Antonio do Desterro Malheyro, Bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro deste presente anno de 1747... Composta pelo Doutor Luiz Antonio Rosado da Cunha, Juiz de Fôro e Provedor dos

defuntos e ausentes, capellas e residuos do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro*. Na segunda officina de Antonio Izidoro da Fonseca. Anno de M.DCC.XLVII. Com licenças do Senhor Bispo." (In 4.º, 20 pags. num. e 1 fl. de licenças.)

Appareceram logo depois, mas sem indicação de local ou editor, dous folhetos, um *Applauso* do mesmo Bispo "Romance heroico, em 5 fls. n. o num., e uns *Epigrammas* em Latim e um soneto em Portuguez, 12 fls. in fol. impressas só de um lado. O estabelecimento da imprensa no Rio de Janeiro, diz *Innocencio*, V. 221, "foi de curtissima duração, indo logo ordens da Côrte para ser desfeito e abolido; sem duvida por que as conveniencias politicas ou razões de Estado obstavam a que se permittisse nas colonias o uso da imprensa e com elle tal ou qual diffusão de luzes, que então se julgava nociva aos interesses da metropole e perigosa para o seu dominio".

Entretanto, continúa *Innocencio*, "parece que, apezar da prohibição, aquella imprensa trabalhara ainda por algum tempo clandestinamente, ou talvez com o consentimento tacito do Vice-Rei e Governador do Estado; presumindo-se que alli se estampava, quando menos, o *Exame de Bombeiros*, que appareceu impresso sob indicação de Madrid."

E' de nota que o douto *Barbosa Machado*, que collocou o opusculo acima citado, do Dr. L. A. Rosado da Cunha, no 4.º vol. suplementar da sua monumental *Bibliotheca*, cita esta obra do *Exame do Bombeiro* como *manuscripta*; isto é, conhecia a imprensa no Rio em 1747 e não sabia que estava impressa esta de 1748, o que prova como foi clandestina a sua impressão e limitada, no tempo, a sua circulação.

Que é suppositicia a indicação do lugar de impressão, "Madrid", não se póde duvidar. Examinando-se cuidadosamente as 460 pags. do *Exame*, como fiz, não se encontra uma só palavra portugueza com a fórma hespanhola, — o que seria tão natural. Entretanto, das *quatro linhas* em Hespanhol que se encontram no titulo, e unicas no livro, vê-se, numa dellas: "*con todas as licencias necessarias*", — além de que não ha nenhuma licença hespanhola e, demais, a fórma hespanhola, quasi universal, era "Com

privilegio”, e não aquella. Ora, considerando o assumpto do livro e a posição do autor, afamado engenheiro do seu tempo, só havia um unico motivo de occultar-se a sua procedencia typographica, — o facto de ser sido prohibida a typographia. Trata-se de um manual pratico pelo lente de Artilharia na Aula do Rio de Janeiro, que traz nome de impressor não do mesmo Rio ou de algum de Portugal, mas de um desconhecido de Madrid.

A outra obra de Alpoym que se suppõe impressa no Rio de Janeiro é o seu “*Exame de Artilheiros*, que comprehende Arithmetica, Geometria e Artilharia... Lisboa, na Nova Officina de José Antonio Plates, 1744.” E’ um 4.^o de 11 fls. e 259 pags. além do indice, e com estampas. *Varnhagem* (2.^a ed. pag. 887) diz que este *Exame* “foi mandado recolher, por Carta Régia de 15 de Julho de 1744, ao corregedor da Alfama de Lisboa, sob o pretexto de não se cumprir nelle com a pragmatica dos tratamentos”. O *Exame de Artilheiros* tornou-se, pois, tambem muito raro, mas duvido que tivesse sido impresso no Rio de Janeiro: pelo menos traz o nome do seu editor de Lisboa, e tanto foi regularmente publicado, que a sua expressão é devida a outra causa. Ainda mais: a data do livro é de 1744, ao passo que a única publicação genuinamente e indiscutivelmente impressa no Rio de Janeiro é a supradita *Relação da Entrada*, datada de 1747; não havendo publicação alguma conhecida do Rio antes desta, como suppôr que aquelle *Exame*, impresso tres annos antes com o nome do seu editor de Lisboa, seja producto do prelo do Rio? Pelo menos não é verosimil. O *Exame de Bombeiros*, ao contrario, com a data de 1748 e de um supposto editor hespanhol, tem toda a apparencia real de um livro publicado no Rio de Janeiro.

— Se pudesse haver duvida de que o *Exame de Bombeiros* tivesse sido impresso no Rio de Janeiro, nenhuma existe quanto a ter sido ahi escripto. No seu prologo, Alpoym refere-se ao facto que “a distancia das Praças desta Capitania, em que estão destacadõs muitos soldados que não pôdem frequentar a Aula, foy o que me moveu a dallá ao prélo”. Esse prologo, “Ao leitor malevolõ”, não traz data. Mas todas as quatro cartas que lhe foram dirigidas sobre o livro, e que publica, estão datadas do Brasil, tres do Rio de Janeiro a 4, 9 e 10 de Outubro de 1746 e de Santa Catharina, 25 de Julho de 1747. A do advogado Manoel Antu-

nes Serrano, de 9 de Outubro, regozija-se de que “estando esta terra conquistada e povoada ha mais de dous seculos, tendo sempre militares e necessidade de defeza”, estivesse a arte militar tanto tempo sepultada na ignorancia. — A carta de André Ribeiro Coutinho, de 10 de Outubro de 1746, agradece o autor de ter-lhe mostrado a obra “antes de sahir a publico”. — A do Brigadeiro José da Silva Paes, Governador de Santa Catharina, é datada nove mezes depois, — a 25 de Julho de 1747 — já depois das licenças para imprimir, concedidas pelo Santo Officio a 17 e 18 de Março, do Ordinario, de 6 e 10 de Abril, e do Paço, de 18 de Abril de 1747. E como o livro é datado de 1748, parece que a sua impressão foi effectuada depois de Junho ou Julho de 1747, sendo nesse entretanto abolida a imprensa no Rio de Janeiro, cuja primeira obra impressa, reconhecida como tal, data de 1747, e que assim devia ter durado menos de dous annos.

— Vejamos agora o que existe sobre Alpoym. No proprio titulo da obra se dá como cavalleiro professo da Ordem de Christo, Sargento-Mór do batalhão de Artilharia e lente na Academia do Rio. *Innocencio* diz que chegou depois ao posto de Brigadeiro, e sabe-se que ainda vivia em 1765. — Esta “Academia” do Rio era realmente, neste caso, a “aula de Artilharia” creada em 1738 — um anno antes da criação do Seminario de S. José. — Barbosa Machado diz, como mostrou-se, que era um engenheiro illustre e mais nada; e *Innocencio*, que chegou a Brigadeiro.

— E', porém, na Carta que André Ribeyro Coutinho, Mestre de campo do Terço de Artilharia da Praça do Rio de Janeiro, escreveu ao Author, “e que este imprimio em frente ao seu *Exame de bombeiros*, que se vê que a José Fernandes Pinto Alpoym muito deve o Brasil. Considerada a época, foi um homem extraordinario pelo seu talento pratico, enorme actividade e espirito de progresso, — digno coadjutor de Bobadella. Depois de lhe elogiar o *Exame* e tambem o zelo com que nos exercicios de campo e de fogo dirigia os trabalhos do seu *terço*, o Mestre de Campo Ribeyro Coutinho enumera alguns outros serviços de Alpoym no Brasil, entre elles: delineou, repartio e condecorou um palacio nesta cidade, para distinctiva residencia dos Governadores desta Capitania; — na das Minas fundamentou, erigio, enobreceu e (como doutissimo engenheiro) fortificou outro em Villa Rica,

para o seguro descanso do Governo e tribunaes daquelle dominio; que se na Ilha das Cobras constituiu V. M. a engenhosa Maquina de querenar os mais corpulentos navios, vencendo com as regras da Estatica as forças da Natureza, no Arsenal sem diminuir as forças da Natureza diminuiu o peso da Materia e o excesso da despesa no córte dos reparos; que V. M. tem mostrado a mais liberal e primorosa idéa da civil Architectura no magnifico Pantheon (segunda vez consagrado á Virgem Nossa Senhora) para virtuoso Claustro de Religiosas Franciscanas; no Real Hospicio dos RR. PP. Missionarios Italianos; e no tão nobre como dilatado Edificio com que o generoso animo de Antonio Telles de Menezes quiz concorrer para a regular symetria da Praça Militar forense desta cidade... A Alpoym se devem tambem os planos para a Sé Nova (no local onde se elevou depois a actual Escola Polytechnica), em substituição aos que tinham vindo de Lisboa, que tornariam a obra por demais custosa.

Ainda até hoje seria esta lista muito honrosa para o melhor e mais conceituado architecto e engenheiro. Mas a tudo isto se precisa ajuntar que o seu livro era o primeiro, na lingua portugueza, que se occupava do assumpto. De facto, é de suppor até que aborrecido com a supressão do seu *Exame de Artilheiros* em 1744, Alpoym fosse o proprio introductor da imprensa no Rio de Janeiro para alli imprimir o seu *Bombeiros*, tendo préviamente induzido o typographo Izidoro da Fonseca, de Lisboa, a vir montal-a aqui sob o patrocínio do seu Mecenas, Gomes Freire. Em todo o caso, Alpoym não tem sido honrado por nós, como merece: os seus importantes e variados trabalhos em nossa Patria dão-lhe direito ao reconhecimento da sua Historia”.

E' evidente que a Côrte portugueza temendo que a devolução e uso da imprensa favorecesse os anhelos de independencia e pudesse acarretar a perda das colonias; não admira, pois, que Isidoro da Fonseca tivesse sido levado a empregar a fraude nas suas impressões, alterando a data das edições da typographia, afim de escapar á perseguição governamental.

O Padre Luiz Gonçalves dos Santos nas suas *Memorias do Braz* diz que até 13 de Maio de 1808 não se conhecia no Brasil a typographia.

Tendo D. João VI embarcado para o Brasil, tempos depois vieram na não portugueza *Meduza* diversos prélos e typos, que foram recolhidos á Secretaria de Estado dos Negocios Extran-geiros e da Guerra.

A 13 de Maio de 1808 o Principe Regente, instituindo a impressão régia no Brasil, fez baixar o decreto seguinte:

“Tendo Me constado que os prélos que se acham nesta capital eram destinados para a Secretaria de Estado dos Negocios Extran-geiros e da Guerra, e attendendo á necessidade que ha da Officina de Impressão nestes meus Estados:

Fui Servido que a casa onde elles se estabeleceram sirva interinamente de Impressão Régia, onde se imprima exclusivamente toda a legislação e papeis diplomaticos que emanarem de qual-quer Repartição do Meu Real Serviço; e se possam imprimir todas e quaesquer outras Obras; ficando interinamente pertencendo o seu governo e administração á mesma Secretaria. Dom Rodrigo de Souza Coutinho, do Meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado e Ministro de Extran-geiros e da Guerra, o tenha assim entendido, e procurará dar ao emprego da Officina a maior extensão e lhe dará todas as Instrucções e Ordens neces-sarias e participará a este respeito a todas as Estações o que mais convier ao Meu Real Serviço. — Paço do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1808. — Com a rubrica do *Principe Regente.*”

A marinha de guerra tambem se orgulha de ter contribuido para o desenvolvimento da imprensa no nosso paiz.

Para attender á falta de operarios que conhecessem a arte typographica, logo que foi installada a Impressão Régia mandou o Principe Regente que fossem dispensados do serviço diversos soldados da Brigada Real de Marinha, que se achavam embar-cados na não *Principe Real*, para servirem de compositores, e al-guns grumetes da não *Meduza*, por terem pratica do serviço de typographia, para servirem naquelle estabelecimento.

A expressão do decreto que começa “Tendo-me constado” parece acreditar que D. João VI não tinha conhecimento do em-barque daquelles prélos em Lisboa, na não *Meduza*, trazidos por Antonio de Araujo de Azevedo, depois Conde da Barca. En-tretanto os mesmos prélos e typos foram mandados adquirir em Londres pelo Governo e ficaram encaixotados em Lisboa, vindo

para aqui pouco depois de haver a monarchia portugueza transferido a sua séde para o Rio de Janeiro.

A D. Rodrigo de Souza Coutinho se deve pois a criação da Impressão Régia. D. Rodrigo não era um homem vulgar; tinha illustração e gostava das artes.

O Governador de S. Paulo, Luiz Antonio de Souza, dirigira ao Marquez de Pombal em 30 de Julho de 1765 uma carta, na qual, entre outras considerações, dizia: "Nestas Americas tudo é grande; as provincias, os rios, as montanhas, as campinas, as mattas, as arvores excedem extraordinariamente ao que se costuma ver no Reino, sobretudo as bahias e enseadas são amplissimas. ;

D. Rodrigo leu talvez essas palavras e entendeu que um paiz immenso como este carecia de uma imprensa que levasse a todos os pontos do seu vasto territorio o brado da liberdade, do progresso e de civilização, como bem disse Valle Cabral.

Em 10 de Setembro de 1808 começou a apparecer a *Gazeta do Rio de Janeiro*, de propriedade dos officiaes da Secretaria de Estado dos Negocios Extrangeiros e da Guerra e impressa na Impressão Régia. Essa data de 10 de Setembro, sim, póde ser considerada como o centenario do jornalismo brasileiro.

Era em 4.º e sahia ás quartas-feiras e sabbados. A principio foi redigida por Frei Tiburcio José da Rocha e depois pelo Coronel Manoel Ferreira de Araujo Guimarães e Conego Francisco Vieira Goulart.

Constava a publicação unicamente de actos, decisões e ordens do Governo, das noticias relativas á familia real e ás da Côrte, acontecimentos da guerra de Napoleão, panegyricos e odes ás pessoas reaes.

A primeira administração da Impressão Régia era constituída de uma junta directora composta do Desembargador José Bernardes de Castro, José da Silva Lisboa, mais tarde Visconde de Cayrú, Marianno José Pereira da Fonseca, mais tarde Marquez de Maricá, Silvestre Pinheiro Ferreira, Manoel Ferreira de Araujo, Manoel Ferreira de Araujo Guimarães e do Conego Francisco Vieira Goulart.

No mesmo dia da fundação da Impressão Régia foi publicada em homenagem ao anniversario natalicio do Principio Regente a primeira obra com o seguinte titulo:

Relação / dos / despachos publicados na côrte / pelo expediente / da Secretaria de Estado dos Negocios / Extrangeiros e da Guerra / no / faustosissimo dia dos annos de S. A. R. / o / PRINCIPE REGENTE N. S.

E de todos os mais, que se tem expedido pela mesma Secretaria desde a feliz chegada de S. A. R. aos Esta / dos do Brasil até o dito dia / No Fim. Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1808' / Na Impressão Régia / Vende-se na Loje de Manoel Jorge da Silva, Livreiro na Rua do Rosario / In fol. de 27 pp. num.

Estabelecida a Impressão Régia, quem quizesse fazer publicar qualquer trabalho tinha de apresental-o primeiro á Junta Directora para obter a necessaria autorização, e se o trabalho tratava de assumptos de legislação, religião ou politica, a mesma Junta mandava revel-os por profissionaes competentes, aos quaes dirigia um officio em nome de Sua Alteza Real, exigindo o juizo e approvação por escripto. Ainda assim se mandava imprimir com as correcções necessarias, depois de obtida licença da Secretaria de Estado.

A Impressão Régia foi estabelecida provisoriamente no predio de um só andar da rua do Passeio n. 44. No mesmo predio tambem residia o Conde da Barca.

A officina admittia aprendizes da arte typographica, que começaram ganhando 160 réis diarios, e recebiam ao fim de seis mezes 240 réis e depois de um anno 400 réis.

Além deste salario dispensava-se uma pequena gratificação aos aprendizes que durante um anno não tivessem falta ou que se tivessem portado bem.

Da rua do Passeio foi a Impressão Régia transferida para a rua dos Barbonos, esquina da das Marrecas, onde existia uma officina de cartas de jogar de propriedade de Jayme Mendes de Vasconcellos, a qual foi depois incorporada áquella Impressão por decreto de 31 de Outubro de 1811.

Já então possuia a Impressão Régia uma pequena fundição de typos, mas, para melhorar este trabalho, teve depois de intro-

duzir nas officinas outros aperfeiçoamentos, mandando adquirir material novo na Europa.

Aaté 1818 sahiram da Imprssão Régia varios impressos, mas sempre com restricções severas e escrupulosas por parte do Governo, que não consentia na fundação de qualquer officina particular.

A liberdade de imprensa era de tal fórma soffreada, que os primeiros jornalistas que tivemos imprimiram as suas folhas no estrangeiro, taes como o *Correio Brasiliensis*, o *Investigador Portuguez* e outros.

Em 1818 foi publicada a seguinte *Provisão*:

“D. João, por Graça de Deus, Rey do Reino Unido de Portugal e do Brasil e Algarves d’Aquem e Além Mar em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber a vós, Governador, e Capitão General da Capitania de Minas Geraes — Que Eu Fui Servido Prohibir a entrada e publicação do Periodico intitulado — O Portuguez — e Ordeno que nenhum dos meus vassallos residentes neste Reino e Dominios Ultramarinos o receba e venda, ou retenha em seu poder o mesmo, o espalhe por qualquer modo, que seja debaixo das penas impostas pelas Leis contra os que divulgão ou retem Livros, e Papeis sem Licença ou prohibidos pelas Minhas Reaes Determinações, e Fui outrossim servido mandar remetter Editais aos Ouvidores das Comarcas que para os fazerem affixar fazendo logo apprehender os exemplares, que do tal Periodico existirem em seus Districtos para M’os remetterem. O que tudo Mando participarvos para vossa intelligencia, e para que o façais executar pela parte que vos toca. El Rey Nosso Senhor o Mandou por Seu Especial Mandado pelos Ministros abaixo assignados do Seu Conselho e Srs. Desembargadores do Paço. — João Pedro Maynard d’Affonseca e Sá a fez no Rio de Janeiro a 9 de Julho de 1818. Bernardo José de Souza Lobato a fez escrever... Bernardo Gusmão de Vasconcellos e Antonio Felipe Soares de Andrade de Brederode. Por aviso expedido pela Secretaria do Estados dos Negocios do Reino em 25 de Junho de 1818 e Despacho da Mesa do Desembargo do Paço a 10 de Julho do mesmo anno.”

Em Outubro de 1819 foi ainda expedida a seguinte *Provisão*:

“D. João, por Graça de Deos, Rey do Reino de Portugal e do Brasil e Algarves d’Aquem e Além Mar em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc., a vós, Governador da Capitania Geral da Provincia de Minas Geraes. Que Eu fui servido Prohibir a entrada e publicação do Periodico com o titulo *Campião* ou o *Amigo do Rei e do Povo* — e Ordeno que nenhum dos Meus vassallos residentes neste Reino, venda, ou retenham em seu poder o mesmo ou espalhe por qualquer modo que seja, debaixo das penas impostas pelas Leis contra os que divulgão ou retenham Livros e papeis sem Licença ou prohibidos pelas Minhas Reaes Determinações. E Fui outrosim servido mandar remetter Editaes aos Ouvidores das Comarcas para os fazerem affixar, fazendo logo apprehender os exemplares que do tal Periodico existirem em vossos Districtos para M’os remetterem. O que tudo Mando participarvos para vossa intelligencia e para que o facaes executar pela parte que vos toca. El Rey Nosso Senhor o Mandou por Seu Especial Mandado pelos Ministros abaixo assignados do Seu Conselho e Seus Desembargadores do Paço. Henrique Anastasio de Novaes a fez no Rio de Janeiro a 6 de Dezembro de 1819. Bernardo José de Souza Lobato a fez escrever — Bernardo José da Cunha Gusmão e Vasconcellos, Antonio Felippe Soares de Andrade de Brederode—Por avizo expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios do Brazil a 14 de Outubro de 1819. — Despacho da Mesa do Desembargo do Paço de 8 de Novembro do dito anno”.

Em Novembro daquelle anno foi expedido o *Edita*l seguinte:

“A Meza do Desembargo do Paço baixou o Real Avizo do theor seguinte: Illm. e Revm. Sr. Tendo apparecido um novo periodico escripto em Portuguez e publicado em Londres, com o titulo de *Campião, ou o Amigo do Rei e do Povo*, cujos discursos visivelmente mostrão o damnado Projecto de destruir a confiança que os Vassallos de S. M. têm no Seu Governo e nos seus Ministros:

He o mesmo Senhor Servido que seja prohibida a entrada e publicação de tão perigoso e perverso Escripto, ordenando que a

Meza do Desembargo do Paço faça expedir as competentes ordens para que se não introduza, ou corra neste Reino e Seus Dominios, o sobredito Periodico, debaixo das penas impostas pelas Leis cu Impressos prohibidos. O que V. Illma. fará presentena mesma Meza para que assim se execute. Deus Guarde a V. Illma. Paço em quatorze de Outubro de 1819. Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal. Sr. Pedro de Miranda Malheiro. E he Sua Magestade Servido que toda a pessoa que tenha em seu poder algum exemplar do referido Periodico com titulo de *Campião*, ou o *Amigo do Rei e do Povo*, o vá entregar nesta cidade ao Ouvidor da Comarca dentro do termo de oito dias, e nos mais lugares da mesma Comarca e de outros do Reino aos respectivos Ouvidores dentro de sessenta dias, debaixo das mencionadas penas. E para que chegue a noticia a todos se manda affixar o presente. Rio de Janeiro, quinze de Novembro de 1819. — *Bernardo José de Souza Lobato.*”

Por vezes o Intendente de Policia teve de proceder a busca e apprehensão de impressos, prélos, typos e utensilios proprios para impressão, adquiridos e usados clandestinamente.

Em 1821 appareceram mais duas typographias, a de Moreira e Garcez e a Nova Officina Typographica, e em 1822 as seguintes: *Imprensa do Diario*, fundada por Zeferino Victor Meirelles, que em 1.º de Abril do mesmo anno publicou o primeiro numero do *Diario do Rio de Janeiro*; *Officina de Silva Porto & C.*, de Manoel Joaquim da Silva Porto; *Typographia* de Santos e Souza ou *Officina dos Annacs Fluminenses*, de Victorino José dos Santos e Souza; *Typographia* Torres & Costa e *Typographia* Meirelles.

Affluíam os trabalhos para Impressão Régia, que monopolizava, por assim dizer, o serviço de impressão typographica.

Construiu-se um prélo de madeira, sendo perpetuado este facto com a seguinte e curiosa inscripção:

A' immortalidade do Real e sempre Augusto
nome do Principe Regente, nosso
senhor, é dedicada a estréa
do primeiro prelo construido na America
do Sul, no Rio de Janeiro, no
anno de MDCCCIX

Em 1820 começou a ser publicado o *Diario do Rio de Janeiro*, tendo o formato in-4º, impresso a principio na Impressão Régia e seis mezes depois em typographia propria, que ficou sendo a segunda estabelecida no Brasil, excluida, está claro, a que cêrca de meio seculo antes possuiria Izidoro da Fonseca.

Em 1821 um aviso do Governo ao administrador da Impressão Régia ordenava que não se fizesse imprimir manuscripto ou impresso algum que não fosse assignado pelo seu autor, com a firma reconhecida legalmente.

Em Agosto de 1821 passou a *Impressão Régia* a denominar-se *Impressão Nacional*, e em Outubro do mesmo anno — *Imprensa Nacional*.

O receio de excessos de linguagem deu logo no principio do mez de Janeiro de 1822 pretexto para a expedição do seguinte decreto:

“Manda Sua Alteza Real, o Principe Regente, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, que a Junta Directora da Typographia Nacional não consinta jámais que se imprima escripto algum sem que o nome da pessoa que deve responder pelo seu conteúdo se publique no impresso; e constando ao mesmo Senhor que no escripto intitulado *Heróicidade Brasileira* se lêem proposições não só indiscretas mas falsas, em que se acham estranhamente alterados os successos ultimamente acontecidos. Ha por bem que a referida junta suspenda já a publicação do dito papel e faça recolher os exemplares que já estiverem impressos para que não continue a sua circulação. Palacio do Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1822. — *Francisco José Vieira.*”

Nomeado José Bonifacio de Andrade e Silva Ministro do Reino, expedio logo os seguintes decretos:

“Porquanto alguns espiritos mal intencionados poderiam interpretar a portaria expedida em 15 do corrente pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino á Junta Directora da Typographia Nacional, em sentido inteiramente contrario aos liberalissimos principios de Sua Alteza Real e á sua constante adhesão ao systema constitucional, Manda o Principe Regente pela mesma Secretaria de Estado declarar á referida Junta que não deve embaraçar a impressão dos escriptos anonymos, pois pelos abusos que contiverem

deve responder o autor, ainda que o seu nome não tenha sido publicado, e na falta deste o editor ou impressor, como se acha prescripto na lei que regula a liberdade de imprensa. Palacio do Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1822. — *José Bonifacio de Andrade e Silva.*”

“Sua Alteza Real o Principe Regente — Tomando em consideração a utilidade que rezultará a este Reino do Brasil a circulação dos Periodicos e outros escriptos nos quaes não só offercerão ao Publico elementos de instrucção e armas para se destruirem os abuzos conhecidos até aqui na Educação publica, mas tambem se confundem com argumentos energicos e patrioticos os principios desorganizadores, e oppostos aos verdadeiros interesses da grande causa do Brasil, e reconhecendo-se ter entre elles um lugar muito distincto o novo Periodico denominado “Regulador Brasileiro-Luzo” — publicado nesta cidade, Manda pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino remetter ao Governo Provisorio da Provincia de Minas Geraes os exemplares inclusos do 1.º e 2.º numeros do referido periodico afim de que o mesmo Governo, ficando interessado dos importantes objectos que nelle se tratão, dirigidos ao estabelecimento de uma Monarchia Constitucional, como firme penhor de segurança publica e a sustentar a Dignidade e os Direitos deste Reino, não só facil é a sua circulação pelos Povos da dita Provincia, mas proximos, pela parte que lhe toca a sua subscrição voluntaria na fórmula annunciada nos respectivos Prospectos. Paço do Rio de Janeiro, em 5 de Agosto de 1822. — *José Bonifacio de Andrade e Silva.*”

Nesse fim de anno de 1822 a Typographia Nacional mudou-se para o predio occupado então pela Secretaria do Imperio na rua do Passeio e a *Gazeta do Rio* foi em 1823 substituida pelo *Diario do Governo*.

Nesse mesmo anno Martim Francisco Ribeiro de Andrade, então Ministro da Fazenda, mandou installar um estabelecimento typographico na provincia de S. Paulo, remettendo prélos, accessorios, dous officiaes typographos, um impressor, etc. Essa determinação, porém, só foi cumprida em Março de 1824.

Nesse mesmo anno foi o Deputado Francisco Vieira Goulart encarregado pela Junta Directora da Typographia Nacional da organização das folhinhas de algibeira e de parede, calendario

ecclesiastico para o Bispado do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas.

Por portaria de 30 de Janeiro de 1826 foi concedido á Typographia denominar-se Nacional e Imperial.

A Impressão Régia, depois Imprensa Nacional, já possuia desde 1808 gravadores que illustraram as obras publicadas pelo estabelecimento. Muitos desses gravadores eram na verdade superiores a alguns que por ahí andam.

Extincta a Junta Directora em Dezembro de 1830, foi dada á Typographia Nacional uma nova regulamentação, passando ella a ser dirigida por um director ou administrador.

Em 1831 foi transferida a Typographia para algumas das salas da Academia de Bellas-Artes e em 1835 já possuia o estabelecimento dez prélos.

Em 23 de Abril daquelle anno foi a Typographia estabelecida no pavimento inferior da Camara dos Deputados.

Em 1837 foi creada a officina de fundição de typos, cujo material seria mandado vir da Europa, melhoramento este que não foi levado a effeito, e em Setembro de 1845 foi tambem adquirido o primeiro prélo mecanico.

Tinha o estabelecimento em 1850, além desse prélo mecanico, seis prélos de ferro francezes, seis inglezes e o pessoal das officinas compunha-se de 18 compositores, 15 aprendizes, um mestre, um guarda-typos, oito impressores e 12 aprendizes destes.

Em 1859 foi definitivamente creada a officina de fundição de typos.

Data desta época o inicio dos grandes melhoramentos introduzidos na Typographia Nacional, sendo ella provida de novo material e augmentado o numero de seus operarios.

Em Outubro de 1860 mudou-se a Typographia para o predio contiguo á então Secretaria do Imperio, hoje Lyceu de Artes e Officios, na face que dá para o becco Manoel de Carvalho.

Foi o então Ministro Silva Paranhos, o benemerito brasileiro Visconde do Rio Branco, quem mandou levantar um novo edificio para a Typographia Nacional, com as indispensaveis condições para o fim a que se destinava. Deve-se, pois, ao Visconde do Rio Branco a construcção do edificio de estylo gothico que hoje se ostenta na rua Treze de Maio.

Para commemorar-se a construcção desse estabelecimento, lê-se em uma lapide na entrada da officina de impressão a seguinte inscripção:

“Sob o Reinado de Sua Magestade o Senhor D. Pedro II foi começado este edificio a 26 de Agosto de 1874, sendo Ministro da Fazenda o Visconde do Rio Branco. Continuado e concluido a 31 de Dezembro de 1877, sendo Ministro da Fazenda o Barão de Cotegipe. Segundo o plano e sob a direcção do Engenheiro Dr. A. de Paula Freitas.”

O edificio importou, com machinas, mobiliario, etc., em 1.000:592\$982.

Em Fevereiro de 1885 passou a denominar-se o estabelecimento Imprensa Nacional e desde essa data começou o seu grande desenvolvimento, adquirindo-se os mais modernos machinismos, dilatando-se as diversas officinas, enfim, tornando-se um estabelecimento completo, preparado para executar com toda a proficiencia os mais artisticos trabalhos da typographia, encadernação, lithographia, gravuras de toda especie, impressões a côres, etc.

Possue ainda o estabelecimento dous prélos antigos, dignos de registro, com as seguintes marcas: *Columbian Prels, n. 564 Clymer's patent: Clymer & Pixon, Manufactures 10, Finsburg, Ste., 1838, London*: e outro — *Rue Traverse 21 & 23 á Paris, Maison Gaveaux, 1852.*

Foram administradores e directores da Imprensa Nacional depois de extincta a antiga Junta Directora, os Srs.: Conego Januario da Cunha Barbosa, Braz Antonio Castrioto, Francisco Chrispiniano Valdetaro, Dr. Manoel Antonio de Almeida, João Paulo Ferreira Dias, Antonio Nunes Galvão, Dr. José Marques Acanã Ribeiro, Julio Verissimo de Moraes, Dr. Mario Nunes Galvão, Manoel Alves da Silva, engenheiros Antonio Bernardino Lopes Ribeiro Junior e Raymundo Floresta de Miranda e o Dr. Alfredo Augusto da Rocha, a cuja administração intelligente se devem os grandes e utilissimos melhoramentos introduzidos no estabelecimento, já no que concerne á variedade e artistica execução dos seus trabalhos, já creando novas officinas, augmentando as dimensões do edificio, aparelhando as officinas com os mais modernos machinismos, installando a illuminação electrica e contratando profissionaes de reconhecido merito ar-

tístico, de sorte a afirmar o elevado credito de que hoje goza a Imprensa.

Até hoje tem obtido a Imprensa Nacional os seguintes premios:

Exposição Nacional de 1881 — Quatro diplomas de merito, sendo: um a typos e vinhetas, um á typographia, um á stereotypia e um á encadernação.

Exposição de Chicago de 1892-1893—Diploma de merito á stereotypia e á gravura medalha de bronze.

Exposição de S. Luiz de 1904-1905 — Uma medalha de ouro e um diploma e mais duas medalhas de ouro e dous diplomas, sendo:

Um á typographia, lithographia e gravura e um á encadernações de livros, livros e publicações.

Nestes ultimos annos têm tido grande desenvolvimento os trabalhos da Imprensa Nacional, de fórma que actualmente é bastante elevado o seu pessoal, como se observa nesta estatistica:

1900, 479 empregados; 1901, 668; 1902, 709; 1903, 859; 1904, 929; 1905, 955; 1906, 966; 1907, 1.080.

Juntando-se a estes numeros os 34 empregados da tabella permanente e mais 14 da Secção Central e da redacção do *Diario Official*, o pessoal deste estabelecimento se elevou em 1907 a 1.128. Dispensado, porém, no fim do anno o pessoal extraordinario que servio durante as sessões do Congresso Nacional, em numero de 92, passaram para 1908 apenas 1.037.

O pessoal está assim distribuido:

Imprensa — Secção de Artes, 22; Revisão, 31.

Composição: jornaleiros 89, obreiros 86, obreiras 61.

Impressão: jornaleiros 85, obreiros 15.

Serviços accessorios: jornaleiros 72, obreiros 40, obreiras 74.

Serviço interno e externo: correios 7, mandador 1, serventes 38.

Diario Official — Revisão, 33; composição, 119; stereotypia, 11; impressão, 12; expedição, 26; continuos, 2; serventes, 2.

Pessoal extraordinario que trabalhou no "Diario Official" — Revisão, 33; composição, 53; stereotypia, 2; impressão, 2; expedição, 2.

A officina typographica possui actualmente o seguinte material: 4 machinas Marinoni de dous cylindros; 5 ditas Alauzet idem; 7 ditas Alauzet de um só cylindro; 4 ditas Marinoni idem; 1 dita S. Bertier & Durer (n. 1) idem, denominada "La Velo Typo"; 5 ditas Marioni, chamada "Minerva"; 4 ditas Liberty, tambem do mesmo typo; 2 ditas Old Style Garden; 2 ditas Phœnix (alle mã); 1 dita Hogenfort (alle mã); 2 ditas Alauzet para impressão a duas côres; 1 dita rotativa Marinoni; 1 machina denominada "Victoria", dos fabricantes Rechstroch & Schneider, systema Minerva, e das mais aperfeiçoadas, especialmente destinada á impressão de trabalhos de chromos, gravuras, etc.; 1 outra de dous cylindros, de Marinoni, muito aperfeiçoada e propria para trabalhos de luxo, e 1 cortador de papel, do fabricante Karl Krause.

Foram agora encommendadas mais as seguintes: 6 de impressão a branco, diversos tamanhos, do fabricante Marinoni; 1 rotativa de Marinoni tambem para as obras e illustrações, com oscillação na cortagem de papel para ser applicada em diversas fórmulas de expediente; e 2 ditas para impressão de envelopes, denominada "Velo-Typo".

A officina de estamperia e gravura está tambem cuidadosamente montada e nella se executam tres especies destes trabalhos — lithographia, xilographia e a photo-gravura-chimica; e possui para esse fim, além de outras machinas, as seguintes: 1 aparelho photographico de Goerz Amhutz, do formato de $0,18 \times 0,24$; uma objectiva microscopica de W. Hennhoff, cobrindo chapas de $0,50 \times 0,50$; 1 vidro quadriculado com 200 linhas por pollegadas, no formato de $0,13 \times 0,24$; e 2 prensas para copiar os clichés no zinco, formato $0,30 \times 0,40$.

A officina lithographica possui as seguintes machinas, aparelhos e utensilios: 2 de impressão, de Marinoni, formato "Double Raisin", imprimindo na extensão de $100 \times 0,68$; 4 de Alauzet, formato "Grand Soleil", imprimindo na extensão de $0,84 \times 0,62$; 1 de Alauzet, formato "Grand Jésus", imprimindo na extensão de $0,76 \times 0,56$; 1 de cortar papel, de Karl Krause; 1 de moer tinta, de Klimsch & C.; 4 prensas manuaes para os serviços de transporte e pequenas tiragens; 1 aparelho para re-

dução de gravuras; 2 balancins para estampar em relevo; 710 pedras com gravuras de diferentes processos.

Para dar maior desenvolvimento a esta importante officina foram encommendadas na Europa duas machinas de impressão, uma de formato "Grand Aigle" e outra de "Grand Soleil" e bem assim uma para bronzear impressos, na extensão de $100 \times 0,98$, todas do fabricante Marinoni, e uma machina, intitulada "Progresso", de Klimsch & C., e mais quatro prensas, sendo tres manuaes para o serviço de transporte e uma com movimento a vapor.

A officina de encadernação, além dos trabalhos que lhe são proprios, executa a restauração de livros e documentos antigos, que a maior parte das vezes são executados nas respectivas repartições.

A secção de douração é, como o seu nome indica, a que se encarrega de dourar os titulos, rotulos e ornatos em pastas, dorsos de livros e outros trabalhos delicados.

A officina de encadernação dispõe do seguinte material: 2 machinas de aparar, de Karl Krause e Alauzet; 2 tesouras para cortar papelão, de Poirier e Karl Krause; 3 prensas grandes para endossar; 2 machinas de numerar; uma dita para cortar enveloppes-memoranda, rotulos, etc.; 1 dita de tirar cravação; 2 ditas de fazer encaixes em livros impressos, de L. Hachée & C. e Karl Krause; 3 machinas, para a douração, sendo uma, nova, de Harrild and Sons e duas de Karl Krause.

Tem esta officina mais as seguintes machinas: 3 machinas de aparar, de Poirier, sendo duas grandes e uma pequena; 1 dita de aparar de Karl Krause; 1 dita de gommar, de Biagosch Brandan; 2 prensas; 1 tesoura de aparar papelão, de Poirier; 3 machinas de numerar; 1 dita de cortar cartão; 1 dita de dobrar enveloppes; 5 ditas de coser; 1 machina de aparar; 2 ditas de dobrar folhas; 4 ditas de picotar; 2 ditas de numerar; 2 ditas de coser arame; 1 prensa de Alauzet, etc.

A officina de pautação dispõe de 9 machinas de pautar e riscar com pennas e rodinhas, das mais aperfeiçoadas, do fabricante E. C. H. Will.

A officina de fundição de typos, cujo material é aperfeiçoado e moderno, consta do seguinte: 10 machinas "Universaes",

typo I de fundir do corpo 6 ao corpo 14; 1 dita typo II, de fundir do corpo 16 ao 28; 1 dita especial de fundir brancos do corpo 6 ao 14, e 1 dita propria para fundir escripta, tendo sido augmentada com outra grande, "Universal" typo III, que funde do corpo 30 ao 72, com todas as peças para typos direitos, typos de duas pontas e brancos ôcos, com matrizes reentrantes de aço.

Estão trabalhando effectivamente na officina 14 machinas de fundir typos, dous laminadores de entrelinhas e um de filetes, quatro cortadores de typo e um de filetagem, uma fôrma de fundir entrelinhas por meio de placas, uma outra de fundir guarnições systematicas, uma outra de fundir filetes, uma machina de cortar espaços e diversos pequenos aparelhos.

Possue grande quantidade de matrizes de tres especies, no importante numero de 29.558, sendo, matrizes vindas da Europa, 13.949, feitas na officina pelo systema "Lima", 9.822 e pelo systema antigo 5.787, incluindo neste numero as que vieram da Europa em 1906.

O preparo dos caracteres typographicos é actualmente feito com as machinas aperfeiçoadas de Foucher, as quaes offerecem a vantagem de fundir na altura justa, sem necessidade, portanto, do emprego da plaina.

A officina de stereotypia e galvanoplastia está montada com os aparelhos os mais aperfeiçoados para esse genero de trabalhos.

Das secções de machinas da Imprensa, que comprehendem os motores e transmissões, carpintaria, etc., a mais importante é a de electricidade, composta das seguintes dependencias:

A casa das caldeiras, contendo duas caldeiras multitubulares, systema Steimmuller, com superficie de aquecimento de 81 metros quadrados cada uma, para 1.500 kilos de producção de vapor por hora de trabalho e de 10 atmospheras de pressão, e a tubagem com valvulas de communicacão para o funcionamento de qualquer unidade motora e com qualquer das duas caldeiras do vapor.

A sala das machinas motoras dispõe de uma machina a vapor, systema "Compound", vertical, para 100 cavallos effectivos e 10 atmospheras de pressão, fazendo 220 rotações por minuto; duas machinas a vapor, do mesmo systema citado, verticaes, de 50 cavallos effectivos cada uma e 10 atmospheras, fazendo 265

rotações por minuto; uma machina electrica para corrente continua, ainda do mesmo systema das outras procedentes, de 220 *volts*, da capacidade de 75 kilowatts, fazendo 220 rotações por minuto, directamente conjugada com a machina a vapor de 100 cavallos; duas outras electricas para corrente continua, ainda do systema "Compound", de 220 *volts*, de 55 kilowatts, fazendo cada uma 265 rotações por minuto e conjugadas com as machinas a vapor de 50 cavallos; um quadro de distribuição de ferro e mármore, com tres paineis e contendo aparelhos para distribuição, medição e regulação; uma machina a vapor, unifixo, systema "Patin", com 25 cavallos, 95 a 100 rotações por minuto e gastando 300 kilos de carvão em 8 horas de trabalho; uma gaz-motora com scentelha electrica, da Sociéte Suisse-Wintherthur, da força de 12 cavallos, despendendo cinco metros cubicos de combustivel por hora de trabalho e fazendo 200 rotações por minuto.

A producção de trabalho da Imprensa Nacional, desde 1898 até o anno proximo passado, foi a seguinte:

1898—Impressos avulsos 9.964.369, talões 120.193, obras impressas 420.665, livros em branco 5.523, enveloppes 2.615.050 e encadernações 2.394.

1899 — Impressos avulsos 10.154.596, talões 34.204, obras impressas 446.467, livros em branco 3.306, enveloppes 534.000 e encadernações 3.632.

1900 — Impressos avulsos 11.164.970, talões 56.419, obras impressas, 386.612, livros em branco 5.617, enveloppes 225.150 e encadernações 3.807.

1901 — Impressos avulsos 11.540.640, talões 110.533, obras impressas 350.503, livros em branco 7.169, enveloppes 117.390 e encadernações 2.895.

1902 — Impressos avulsos 20.993.000; talões 344.391, obras impressas 543.391, livros em branco, 10.104, enveloppes, 1.127.180; encadernações, 3.878.

1903 — Impressos avulsos 30.465.555, talões 173.272, obras impressas, 451.701; livros em branco 25.638, enveloppes 1.237.054, encadernações 3.878.

1903 — Impressos avulsos, 30.465.555; talões 173.272; obras impressas 451.701, livros em branco 25.636, enveloppes 1.327.054, encadernações, 6.909.

Não estão incluídos neste quadro os trabalhos com o preparo de estampilhas, de chapas de stereotypia e galvanoplastia e de typos.

De 1835 — 1836 a 1879 — 1889 (45 exercicios) a receita importou em 4.711:745\$999 e a despesa em 4.675:533\$744 resultando um saldo de 36:207\$225; de 1880—1881 a 1892 (12 annos) a receita foi de 7.396:330\$826 e a despesa de 6.509:385\$560, dando um saldo de 886:945\$226; e, finalmente, de 1892 a 1902 (10 annos) a receita montou a 5.422:324\$411 e a despesa em 3.968:361\$580, tendo um saldo de réis 1.453:963\$231.

Possue o acreditado estabelecimento a bella e benemerita instituição de beneficencia, creada em 1889, tendo por objectivo garantir pensões aos operarios e empregados e installada definitivamente em Agosto de 1890, por iniciativa do então administrador Antonio Nunes Galvão, denominada *Caixa de Pensões dos Operarios da Imprensa Nacional e Diario Official*.

Do balanço relativo ao 1.º e 2.º semestres do anno passado, vê-se que o capital em Dezembro de 1906 era de 633:443\$667, contribuições recebidas 52:486\$918, multas recebidas 4:976\$500, empréstimos extraordinarios 199:000\$, juros de empréstimos recebidos, quer ordinarios, quer extraordinarios, 27:526\$492, juros de apolices de 1907, 11:090\$; sorteio de 11 apolices dos juros de 0 o/o 11:000\$; titulos recebidos de 11 pensionistas 11\$000.

A despesa é assim discriminada no ultimo relatorio de 1907: Pensões de Dezembro de 1906 até Novembro de 1907, réis 31:168\$104; gratificações 5:016\$651, restituições 92\$100, empréstimos extraordinarios 199:000\$, sorteio de apolices 11:000\$ juros de apolices 180\$, funeraes 180\$600, capital 692:139\$122.

A publicação destas informações ácerca da Imprensa Nacional não tem outro fim senão commemorar a gratissima data do primeiro centenario da sua criação e fazer inteira justiça a todos aquelles que com desinteressado patriotismo têm concorrido effi- cazmente para o seu progressivo desenvolvimento e para a grandeza das artes graphicas brasileiras.

UMA ESCRITORA NORTE-AMERICANA

Os assíduos frequentadores das principaes ruas desta vastissima cidade terão por certo visto atravessal-as, uma senhora alta, muito alta, esbelta, de porte soberbo, um tanto delgada de fórmãs, de andar donairoso, trajando sempre com apurada elegancia e simplicidade.

De frente levantada, cabellos polvilhados pela neve dos annos, deixando transparecer na sua insinuante physionomia traços ainda bem vivos de formosura não remota, de olhar expressivo, sorriso travesso, o seu todo airoso, leve e activo lembra aos despertados pela sua presença um grande ponto de admiração lançado com arte por mãos de habil calligrapho.

Todo o seu physico denuncia de prompto a gente *Yankee*, que assombra o mundo pela grandeza de seus haveres e pelo genio altamente emprehendedor e viril dos seus homens e mulheres, que se elevam e se engrandecem em todos os ramos da actividade humana.

Os homens páram para admirar-lhe o erecto e elegante porte, as senhoras para deleitarem-se na simplicidade do seu vestuario ou descobrir no longo rosario de escaravelhos verdes encastoados em ouro, que envolve-lhe o pescoço e se desprende desde o collo ba-loiçando livremente por todo o tronco, quem é essa personagem impressionista que desperta tão expontanea sympathy e attrahe os olhares interrogativos desde o mais circumspecto ou indifferente dos mortaes até ao *up to date* (com licença da gente *smart*), bacharel de alfaiataria.

Pois bem, caro e generoso leitor, eu satisfaço a tua justificavel curiosidade e tambem a minha peculiar profissão de alviçareiro e arauto de celebidades que aportam a esta terra repartindo

com ella sincera e desinteressadamente seus sentimentos affectivos, despertadas pela pujança da sua natureza e carinhoso acolhimento dos seus naturaes, apresentando-vos em largos traços Mrs. Marie Robinson Wright, escriptora norte americana, já credora da nossa gratidão e da nossa estima, pela cooperação efficaz prestada em tornar bem conhecida do seu grandioso paiz a patria em que nascemos e vivemos, querendo-a e amando-a sempre.

Nascida em Newnan, no sul dos Estados Unidos da America, foi seu pai um dos mais importantes senhores de escravos, homem de grandes haveres, gosando sempre da consideração e estima dos seus patricios.

Na sua meninice era o ente querido das preocupações paternas que procuraram dar-lhe uma educação completa, util e pratica, aproveitando-se da sua bôa vontade para o estudo e da sua promissora intelligencia.

Aos 16 annos Mrs Marie casou-se com um jurisconsulto, juiz de um dos tribunaes da Georgia, de quem houve dous filhos. Pouco tempo demorou essa felicidade conjugal pela morte inesperada do esposo, que perdeu a fortuna em especulações commerciaes. Viuva muito joven e com poucos recursos, concentrou todos os seus carinhos na educação dos filhos a quem, apesar de vantajosos partidos que lhe foram offerecidos, jurou não mais contrahir casamento.

Seu filho falleceu na idade de dez annos, magua que hoje ainda a punje atrozmente e que se observa de prompto no expressivo sentimento de mãe extremosa, quando relembra a sua memoria e a perda daquelle que seria mais tarde o providencial arimo de sua velhice.

Sua filha, que recebeu educação esmerada em França, falla diversas linguas com especial correcção, é habilissima pianista e está hoje casada, residindo em Nova York.

E' considerada como uma das primeiras bellezas da America herança por certo de sua respeitavel mãe, a quem por deferencia não lhe quiz dar ainda a doce e carinhosa graça de vovó.

Mrs. Marie Wright diz ainda com aquelle gracioso espirito que lhe é peculiar que não pensou mais em casar, porque se dedicando a occupações de jornalista e escriptora ellas não lhe davam tempo para preoccupar-se com sentimentalidades.

De genio activo e varonil força de vontade, Mrs. Wright dedicou-se ao estudo dos paizes americanos latinos, tão cheios de interesses pela sua variada historia, tradições e bellezas naturaes; e, assim, logo depois do fallecimento de seu esposo começou a trabalhar no *New York World* e durante cinco annos collaborou efficazmente no *Illustrated Stafford*.

Foi quando collaborava no primeiro destes jornaes, que Mrs. Wright empreendeu uma viagem ao Mexico, onde publicou a primeira edição especial do *New York World* dedicada á progressista e tradicional Republica.

Tão bem acolhida foi a iniciativa da intelligente escriptora norte-americana, que naquelle paiz recebeu as mais significativas demonstrações de apreço e de carinhoso affecto, quer do povo mexicano, quer do seu Governo.

Não existindo trabalho algum moderno e em livro ácerca do Mexico e da America do Sul, resolveu dedicar-se a escrever varias obras ácerca dos paizes latinos, de fórma a serem divulgadas, como um trabalho salutar de propaganda, de grande utilidade e de incontestavel interesse.

Para bem desempenhar-se da missão que a si propria impuzera, viajou no Mexico mais de mil leguas a cavallo, pelo interior do paiz, publicando depois de acurado estudo de observação — o *Mexico Pittoresco*, trabalho este que offereceu ao Presidente Porfirio Diaz, homem de Estado a quem ella sempre se refere com elogios pelas captivantes demonstrações de apreço e estima que lhe dispensou.

Do popular e conhecido chefe do Estado Mexicano affirma a intelligente escriptora que nelle estão alliadas, além de elevadas qualidades moraes, um temperamento ferreo e um *coração comparavel ao da mulher*.

Durante o curso de suas viagens, Mrs. Wright foi sempre acatada e respeitada, recebendo as mais vivas demonstrações de apreço e, o que é mais, affectuoso acolhimento dos representantes de todas as classes sociaes, desde os chefes de Estado até o mais humilde homem do povo.

Quando esteve na Bolivia, em viagem, para colher dados para o seu livro sobre esta Republica, escapou de ser devorada pelos indios, salvando-se pela sua agilidade de habil e corajosa cavalleira.

Viajou nessa Republica cerca de 25 dias, sobre a sella de um cavallo, soffrendo toda a rudeza de fadigas physicas, dormindo ao relento, em alturas de 17.000 pés acima do nivel do mar, satisfeita e feliz, deleitando-se com as aventuras da viagem e com os panoramas sorprendentes das montanhas e valles, bafejadas pelo ar puro e fresco dos Andes.

Dotada de uma constituição forte e sadia, Mrs. Wright, tendo por lemma *querer é poder*, a sua opinião inflexivel é "que o triumpho corôa toda a obra encetada com a deliberação de vencer pela actividade, resolução e fé."

Uma das suas phrases favoritas é:—fazer tudo quanto é do meu dever — e não deixar para o dia seguinte o mais insignificante dos meus laboriosos affazeres.

Um jornalista norte-americano, referindo-se á sua operosa e intelligente actividade, disse que Mrs. Wright, optimista e bondosa, procura as boas qualidades dos que vem a conhecer, suggerindo-lhes pela propria attitudo apresentarem a parte mais favoravel do proprio character; e ocioso é dizer que formam uma legião os seus amigos em toda a parte do mundo.

Dedicando-se a escrever sobre o Brasil, Mrs. Wright, dentro de um anno, viajou 80.000 leguas do nosso territorio, tendo publicado o seu primeiro livro, que mereceu as mais honrosas referencias e geral acceitação.

Antes de voltar de novo a esta Capital, Mrs. Wright teve uma entrevista muito cordial com o Presidente Roosevelt, que lhe declarou interessar-se muito pelo seu trabalho sobre a America do Sul, e com especialidade o Brasil, e em Washington, com o Sr. Root, que se referio á amizade e ao interesse que lhe desperta a nossa patria, onde recebeu as mais vivas e sinceras demonstrações de sympathia.

A natural e febril actividade de Mrs. Wright em nada influio para enfraquecer os seus sentimentos femininos, nem tão pouco a sua popularidade, liberdade de acção e intelligencia concorreram para apagar-lhe os grandes predicados de um coração franco, sensivel e generoso.

O seu amor ao trabalho, os multiplos affazeres de escriptora, não conseguiram abandonar o interesse pelas encantadoras frivolidades do vestuario, em que tanto se deleita o sexo a que per-

tence e de que é uma representante que o exalta e engrandece sempre.

Depois do entusiasmo constante que dedica ao trabalho, vem o *eterno feminino*... o seu amor ás impressões artisticas e á harmonia fazem-na olhar com interesse para essas encantadoras preocupações da *toilette*, em que tanto se compraz o coração da mulher.

Admira francamente as linhas graciosas e as côres harmonicas, no que é grande entendedora.

Na simplicidade do seu vestuario, que tanto a torna elegante, e que desperta, desde logo, agradável impressão, bem demonstra o seu bom gosto e o apuro cuidadoso nas inconstantes transformações da moda pariziense.

Quando o seu espirito, sempre vivaz, cheio de expansões alegres e communicativas, se entrega a profunda meditação, não é facil descobrir-se dessa quietação resultará uma nova obra ácerca da America do Sul, ou uma seductora e elegante obra de modista.

Cinco vezes já a intrepida viajante escriptora atravessou os Andes. Na sua viagem á Bolivia, a que já nos referimos, fez o trajecto em mula, formando uma caravana de 7 cavallos, guias, criados, secretarios, etc., levando provisões para dous mezes. De La Paz atravessou o planalto a 14.000 pés acima do nivel do mar, altura de um dos picos do Colorado, seguindo para Oruro em diligencia, e dahi, ainda montada em muar, continuou a viagem através da Cordilheira para Cochabamba, excursão de seis dias, até chegar a Sucre.

No Brasil visitou quasi todos os Estados do Sul e do Norte, mostrando-se muito impressionada com as bellezas naturaes do Amazonas, cujo rio assombra pela pujança e grandeza das suas aguas.

Tres vezes subio Mrs. Wright o nosso Amazonas, entrando pelo canal de Breves, onde o rio é tão tortuoso e estreito que arvores formam, ao cahir na outra margem, sombrio tunnel, mais além, atravessando lugares em que é tão largo — que da amurada do navio apenas se avista uma das margens, vendo-se ás vezes seguir o navio bandos de borboletas polychromicas em lugar de aves aquaticas.

“Julgo-me sempre feliz e satisfeita”, diz Mrs. Wright, “quando tenho occasião de visitar o Brasil, a patria da minha adopção, e recordo-me sempre com *saudades* dos lindos versos: “Minha terra tem palmeiras...!” E como esquecel-a, se tenho especial carinho pelas poeticas e esbeltas palmeiras, cantadas pelo poeta maranhense, essas esguias e erectas arvores, em cujo cimo as verdejantes palmas saudam carinhosamente de grande altura o viajante extasiado diante da pujante natureza desse Brasil, tão grande pela formosa vastidão do seu territorio, tão nobre e generoso pelo genio hospitaleiro de seus naturaes.

Admiro os grandes homens que lutam e trabalham pelo engrandecimento de sua patria, movidos por sentimentos leaes de amor filial, cooperando efficazmente pelo seu progresso, pelo seu renome e pela sua grandeza moral. Affirmo com toda a sinceridade que nas minhas peregrinações pelo mundo, nunca encontrei povo mais carinhoso, de sentimentos tão cavalheirescos e elevados como o brasileiro.

O nome do Barão do Rio Branco não é sómente acatado e respeitado no Brasil. Nos paizes que percorri, deixou elle nas missões importantes que exerceu affirmado o seu valor de diplomata, de estadista, como digno emulo de Gladstone e de Bismarck”.

Mrs. Wright refere-se sempre com grande reconhecimento ao acolhimento que tem recebido no Brasil e á generosa benevolencia que lhe tem dispensado a imprensa.

Na ligeira conversação que ha dias tive a honra de entreter com a distincta escriptora, formulei uma série de perguntas, que aqui consigno e que bem demonstram a sua affabilidade e seu espirito gracioso e alegre, sem preocupações estudadas e fallaciosas.

— Tem então publicado muitos trabalhos ácerca da America do Sul?

— Durante a minha curta carreira litteraria tenho obtido successo maravilhoso, conseguindo realizar a conclusão de seis edições ácerca da Republica do Perú, tendo em via de publicação um novo livro sobre o Mexico, publiquei duas edições sobre o Brasil e o Novo Brasil, uma ácerca do Chile e outra ácerca da Bolivia. Continúo a trabalhar animadamente para conclusão do meu

trabalho relativo á historia de toda America do Sul. Desde que o destino me atirou no meio dos escriptores litterarios, sinto-me lisonjeada de ter vindo a um paiz onde tenho encontrado as maiores demonstrações de amizade e apreço. A minha grande surpresa e prazer é ter encontrado aqui muito dos costumes e tradições da minha terra, no Estado do Sul da America. Apesar de ter nascido no sul e ter sido meu saudoso pai senhor de escravos, cuja emancipação transformou a filha de familia rica em pobre *escrevinhadora*, eu sinto que a abolição foi uma das mais nobres e generosas reformas sociaes, entre todas a do Brasil, tão justamente corôada de flôres e de applausos. Um povo que realiza tão grave problema no meio de festas e de enthusiasmo, está fadado para commettimentos que hão de maravilhar o mundo.

— Será indiscreção saber a data do seu nascimento?

— Deixa-me applicar a chapa: *A mulher só tem a idade que parece*. Ha tanto tempo que vi a luz pela primeira vez, que já não me recordo da data do meu nascimento. Meu coração é ainda muito joven, apesar de meus cabellos brancos; sinto em meu peito o mesmo ardor com que aos 16 annos o sentia vibrar. Amo tudo o que é bello e bom e aprecio os homens intelligentes, as mulheres bonitas e bem educadas, gosto de bons livros, dos lindos cavallos, da optima musica e não desdenho um bom jantar. Os meus antepassados, tão finos e aristocraticos, nas veias dos quaes corria o sangue azul, deviam tel-o misturado com uma gotta de sangue bohemio... porque gosto dos artistas bons e máos e me interesso por todos os infortunios daquelles que procuram alcançar uma posição social. Em minha modesta casinha nos suburbios de New York os criados têm ordem expressa de não despedir ninguem que bata á minha porta, quer eu esteja presente ou ausente. Procuo agradar a todos os que soffrem, testemunhando-lhes a minha sympathia, ajudando-os segundo os meus parcos recursos.

— A sua preocupação de escriptora, a sua actividade e independencia mascula não lhe roubarão tempo para pensar nos males alheios, não enfraquecerão a sensibilidade affectiva, transformando-a em um ser indifferente, incapaz de sentimentalidades?

— Não! Lembre-se, primeiro que tudo, que sou mulher. Boa e generosa, afflijo-me com os soffrimentos alheios, e se nas

minhas mãos estivesse o poder de minorar todos os males, teria certeza que morreria abençoada por uma grande parte da humanidade. As lutas pela existencia, a minha actividade e as minhas preocupações de escriptora, o meu sentimento pratico e positivo não poderão nunca apoderar-se do meu coração. Sou mulher e como tal conservo a firmeza de todos os bons sentimentos, que só o sexo a que pertença sabe ter e dispensar com prodigalidade.

José Verissimo, referindo-se em um seu trabalho ácerca de Mrs. Wright, assim se exprimio:

“Com todas as qualidades viris, que mesmo em tantos homens faltam para o combate da vida, nada tem de mulher-homem, da *spinter* ingleza, desairoza, descurada de *toilette* e de modos, gestos e tom mais masculinos que femininos. Mrs. Wright não desertou do seu sexo. Não é uma *bas bleu*, nem uma preciosa; é uma senhora franca, alegre, natural, espirituosa e que, apesar da sua larga experiencia do mundo e da vida, conserva aquella ingenuidade que é talvez o dom mais singular de sua raça.”

Methodica, cuidadosa na observancia dos seus affazeres, Mrs. Wright toma diariamente notas do serviço que tem de executar no dia seguinte. Quando procede á arrumação de suas malas e dos seus papeis, só o faz depois da meia noite. Laconica no seu modo de escrever aos amigos ou ás pessoas com quem tem de tratar de negocios, as suas missivas são quasi sempre neste genero:

Meu caro Sr. . .

Sabbado, ás 2 horas.

1.º coalhada.

2.º Leoncio Corrêa.

Cumprimentos e recordações.

Marie Robinson Wright.

Este laconismo tem a seguinte traducção:

Vamos primeiro tomar uma coalhada e depois conferenciar com o Sr. Leoncio Corrêa, Director da Instrucção Publica, ácerca do pedido que lhe fizemos ha dias.

Curiosa é a sua mala de mão ou *valise*. Nella se encontram quasi sempre collecções de cartas de jornalistas, escriptores, estudantes, inspirados poetas, pobres que imploram, ambiciosas solici-

tações, propostas para formações de empregos e negocios e nenhuma fica sem resposta.

O n. 13 e o dia de sexta-feira, que são para muitas pessoas motivo de um preconceito de azar e infelicidades, constituem para Mrs. Robinson Wright um augurio de ventura; e de tal fórma a escriptora americana os tem por auspiciosos que, quando póde, não dispensa a sua protecção nos pequenos casos de solução problematica que lhe cabe resolver.

Não é Mrs. Wright dada ao *sport* athletico, mas adora a equitação; andando, porém, a pé o faz com passo firme e aligeirado e não desdenha um carro ou um automovel que lhe encurte o tempo e o espaço. *Time is money.*

Os seus trábálhos de escriptora têm despertado grande interesse na America, pelo que é a unica senhora norte-americana que faz parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sendo tambem do National Geographic Scienty de Washington, das Sociedades de Geographia do Rio de Janeiro e de La Paz, na Bolivia.

Não cabe nestas linhas fazer a critica da nova e augmentada edição do seu livro — *O Novo Brasil*, tarefa que só os competentes poderão desempenhar, pois o meu proposito outro intuito não teve senão o de apresentar ao publico essa senhora alta, muito alta, esbelta, de porte soberbo, um tanto delgada de fórmas, de andar donairoso, trajando sempre com requintada simplicidade, que atravessa muitas vezes as principaes ruas desta cidade.

O ALMIRANTE INHAÚMA

I

Honrar a memoria dos grandes servidores da patria é dever civico e salutar ensinamento para as gerações que lhes succedem. Narrar com fidelidade os vitoriosos feitos dos que se ennobreceram em qualquer dos ramos da actividade nacional, é colaborar efficazmente na historia de uma nação e concorrer para o seu engrandecimento moral aos olhos das grandes potencias, que contam na sua existencia factos e acções que as tornaram admiradas e respeitadas.

A historia, denominada a mestra da vida, é indubitavelmente o vasto archivo do passado, que nos põe em seguro contacto com remotas éras, levantando do esquecimento e do indifferentismo as figuras homericas dos que tanto souberam pelo seu valor e patriotismo exaltar as profissões que abraçaram e glorificar a patria, que com tanto amor serviram.

A data de hoje deve ser gratissima para todos os Brasileiros e mesmo Portuguezes, porque assignala o centenario do nascimento do grande marinheiro Joaquim José Ignacio, Visconde de Inhaúma, cujo nome perdurará nos gloriosos fastos da Marinha Nacional.

Para commemorar, pois, a memoria do almirante illustre, procuraremos nestas succintas linhas contar muitos dos factos de sua utilissima existencia, factos collidos nos archivos officiaes e na narração oral dos seus contemporaneos, alguns dos quaes ainda dedicam á patria e á familia os mais inestimaveis serviços.

Em 10 de Junho de 1810, chegou ao Rio de Janeiro a fragata portugueza *D. Carlota*, transportando o resto da bagagem

de D. João VI, já então installado no Brasil. Fazendo parte da guarnição da fragata vinha o 2.º Tenente da Armada portugueza, José Victorino de Barros, sua esposa, D. Maria Isabel de Barros, seus filhos menores de nome Maria e Joaquim, ambos nascidos em Lisboa, este a 1 de Agosto de 1808 e aquella em 24 de Maio de 1804.

Joaquim José Ignacio, como fôra formado todo o seu nome, aportára ás plagas brasileiras na idade de um anno, nove mezes e dias.

Os seus primeiros annos passaram-se entre folgedos proprios da idade e os carinhos affectivos dos seus progenitores, revelando porém, bem cedo decidida vocação para os estudos e grande força de vontade.

E' assim que, contando apenas pouco mais de dez annos de idade, começou a estudar a lingua portugueza no Seminario de S. Joaquim e latinidades na aula particular do Padre Felizardo Fortes, cursando depois a aula de philosophia do grande mestre Conego Januario da Cunha Barbosa, revelando-se sempre um estudante applicado e intelligente.

Completando o curso de mathematicas da Academia de Marinha, com approvações em todas as materias e elevados conceitos dos seus illustres mestres, teve praça de aspirante a guarda-marinha em 20 de Novembro de 1822, isto é, com a idade de 14 annos. Promovido a guarda-marinha em 11 de Novembro de 1823, a 16 de Janeiro de 1824 embarcando na náó *D. Pedro I*, onde o Almirante Lord Cockrane tinha içada a sua insignia e cuja tripulação de officiaes e marinheiros era de nacionalidade ingleza ao serviço do Imperio, tomou parte na Campanha de Pernambuco, Ceará e Maranhão, provincias que logo em principios de 1825 foram obrigadas a prestar obediencia ao Poder constituido. No Maranhão commandando o cutter *Independente* tomou activa parte no desarmamento da força revolucionaria da villa do Rosario. Promovido a 2.º tenente em Janeiro daquelle anno, em Junho partio no patacho *Pará* a incorporar-se á esquadra em operações de guerra no Rio da Prata. Entrando em diversos combates em Fevereiro de 1826 na Colonia do Sacramento, foi-lhe confiado ahí o commando da bateria denominada *Santa Rita*. O Al-

mirante Brown, da esquadra inimiga, sabendo que a praça estava reduzida a grande penuria, intimou o seu valente commandante, Manoel José Rodrigues, a render-se, com as forças navaes e de terra que alli existiam, no prazo improrogavel de 24 horas.

O brioso e intrepido General Rodrigues, que alli estava com o não menos valoroso official de marinha Frederico Mariath, respondeu a tão insolita intimação “que praças occupadas por forças de Sua Majestade não se rendem por simples intimações e só e tão sómente cedem á sorte das armas.”

A energia desta patriotica resposta enfureceu o chefe inimigo, que, reunindo a sua gente, apressou o desembarque de tropa e marinhagem, investindo com temeridade para a praça, com o fim de assaltal-a.

Os denodados Jorge Rodrigues e Mariath, secundados pelo commandante da bateria *Santa Rita*, o bravo 2.^o Tenente Joaquim José Ignacio, repelliram com heroicidade o ataque do inimigo, em numero muito superior, tomaram-lhe tres canhoneiras, mataram 48 homens, entre os quaes quatro officiaes, aprisionaram um capitão e 89 soldados, deixando feridos na refrega cerca de 100 homens!

Não desanimou com a derrota o Almirante Brown, que, redobrando as forças e incitado pelo desejo de se desferrar, projectou dar um assalto geral á praça por terra e mar, apertando cada vez mais o bloqueio. Diante desta emergencia o commandante da praça precisava communicar ao Vice-Almirante Rodrigo Lobo as occurrencias e solicitar prompto auxilio. Este estava a duas milhas de distancia.

Jorge Rodrigues requisitou, pois, de Mariath, commandante da força naval alli fundeada, um official de valor e de coragem, capaz de desempenhar a espinhosa missão junto ao chefe da esquadra.

A Joaquim Ignacio coube o arriscado e honroso encargo, que ufano, desvanecido por essa tão alta prova de confiança, embarca numa lancha desarmada, acompanhado do Capitão José Fernandes dos Santos Pereira, e protegido pela escuridão da noite, apagando a luz da bussola, atravessa com impavidez por entre 19 embarcações da esquadra que sustentava o bloqueio e no dia se-

guinte, 11 de Março, cumpria a sua missão junto do chefe da esquadra brasileira.

E não ficou ali o seu heroico feito. Por entre renhido fogo do inimigo que o perseguia, regressa acompanhado de tres barcos carregados de reforços e munições para a praça, sendo acolhido com grande jubilo e victoriado pela guarnição, que assim pôde levantar o bloqueio.

Em Fevereiro de 1827 foi á Patagonia como official da corveta *Duqueza de Goyaz*, que, naufragando á entrada da barra, sepultou 38 praças da sua guarnição, escapando com honra Joaquim Ignacio, pois foi o ultimo official que a abandonou.

No grande desembarque para tomar-se a povoação do forte del Carmen, entregando-lhe o commando da escuna *Constança*, cuja guarnição compunha-se de 16 jovens marinheiros bisonhos e dous officiaes de fazenda, naufragos da *Duqueza de Goyaz*. Quanto ao armamento, disse um historiador competente que constava de tres espingardas e tres velhas espadas!

Quatro horas depois eram o *Constança* e a *Escudeira* atacados por cinco embarcações inimigas. A *Escudeira* resistio com tenacidade ao ataque, mas tendo sido ferido o commandante e completamente desmontado o rodizio de prôa, rendeu-se, ficando o *Constança* a lutar com o inimigo muito superior em armamento e forças.

As embarcações atacantes cercaram a pequena escuna, e apesar da resistencia heroica de Joaquim Ignacio foi ella apresada, soffrendo este official depois graves accusações do Barão do Rio da Prata, mas que foram afinal desfeitas, sendo em pouco tempo Joaquim Ignacio promovido a 1.º Tenente e condecorado com o habito da Ordem de Christo.

Prisioneiro juntamente com a tripulação da escuna, foi conduzido para terra e entregue á guarda de soldados brutaes, soffrendo com os seus commandados as mais duras punições, sem attenção ao seu protesto contra tanta selvageria.

Receiosa a policia da Patagonia de que elles se insurgissem, reunio-os aos prisioneiros da escuna *Escudeira* e os embarcou em um brigue destinado a leval-os para Buenos-Aires.

Dous dias depois da partida, em alto mar, os aprisionados, incitados por Joaquim Ignacio, apoderaram-se do brigue e, illudindo a força naval inimiga, composta de duas corvetas, um brigue-escuna e dous pequenos barcos que pretendiam dar-lhes caça, chegaram a Montevidéo, em 27 de Agosto de 1827.

Passou Joaquim Ignacio para a barca *Greenfell*, que se dirigio para um cruzeiro na barra do Rio Grande do Sul, regressando a esta Capital em Julho de 1829.

Commandára Joaquim Ignacio em Outubro de 1831 a escuna *Jaguaripe*, surta neste porto, encarregada de vigiar as praças do corpo de artilharia de marinha removidas para as presigangas e que pretenderam desertar na noite de 6 daquelle mez.

Notando a pretensão criminosa dos soldados quando se preparavam para desembarcar na cidade, Joaquim Ignacio embarcou em uma das canôas e passando entre os amotinados, que já haviam tomado lanchas e escaleres, dirigio-se ao Arsenal de Marinha, onde communicou o facto, não temendo a descarga de mosquetaria dos insubordinados. Essa medida impedio o premeditado ataque á cidade por parte dos sublevados.

Era a escuna um velho barco já muito damnificado pelo tempo e de pessima construcção. Quando em Janeiro de 1833 sahia de Santos, foi acoçada por um tremendo temporal durante seis dias, naufragando na praia de Santa Martha, sendo salva a tripulação, graças á energia e calma de Joaquim Ignacio, que foi o ultimo a abandonar o velho barco.

Era piloto o escrivão do *Jaguaripe*, um irmão do moço commandante. Joaquim Ignacio ordenou a seu irmão que embarcasse para terra com a guarnição de bordo. Este, simulando obedecer, occultou-se em um recanto do navio. Quando Joaquim Ignacio julgava-se só, eis que lhe apparece seu irmão, prompto a acompanhal-o na morte ou na salvação.

“Fizeste mal em ficar”, diz-lhe Joaquim Ignacio, bastante emocionado. “Agora somos dous, não sabemos nadar e difficil será salvar-nos. Agarra-te áquelle pedaço de verga, eu me segurarei a esta taboa. Coragem! Deus nos protegerá.”

“Deus já me indicou o meio”, responde-lhe o dedicado piloto. “Vamos nos agarrar a esta boia; nos salvaremos ou morreremos juntos.”

Era a boia um cesto forrado de couro. Os dous irmãos abraçaram-se e atiraram-se com a boia á mercê do elemento revolto e bravo.

Depois de grandes esforços, ameaçados por vezes de serem arrancados pelo furor das ondas, conseguiram chegar á praia, já exaustos, reunindo-se aos seus companheiros de infortunio.

O piloto, que contava nessa época 21 annos, era o inditoso Bento José de Carvalho, mais tarde Capitão-Tenente commandante da corveta *Isabel*, que em 1860 naufragou nas costas de Marrocos, com muitos officiaes e praças da guarnição.

Em 1835 foi Joaquim Ignacio nomeado commandante da barca *Vinte e Nove de Agosto*, de 18 peças, commando proprio de patente mais elevada, o que significava uma alta distincção. Partio, pois, para o Maranhão, onde servio de Capitão do porto até o anno seguinte, prestando nessa provincia assignalados serviços para manutenção da ordem publica. Deste commando passou em 1837 para o do vapor *Urania*, sendo-lhe dado pelo Governo ordem de conduzir ao Rio Grande do Sul o Presidente nomeado, quando esta provincia estava desorganizada com prégão feito pelos rebeldes do General Antero. Tanto confiava o Governo no joven commandante, que entregou ao seu criterio desembarcar ou não o mesmo Presidente, facto que causou admiração por ter sido investido de poder tão discricionario um official moço ainda.

Promovido a capitão-tenente em Setembro do mesmo anno, passou a commandar o brigue *Constança*, até Junho de 1840.

Quando a provincia da Bahia lutava com a revolução denominada *Sabinada*, teve ainda occasião Joaquim Ignacio de affirmar os seus creditos de official brioso e destemido, já protegendo a marcha do Coronel Sepulveda, já hostilizando os revoltosos.

Uma barca austriaca carregada de mantimentos tentara romper o bloqueio e abastecer de viveres os revoltosos. O commandante do *Constança* faz força de vela sobre a barca e metralhando-a a obrigou a abandonar a criminosa intenção, apesar de ser hostilizado pelas balas do inimigo, soffrendo o brigue diversas avarias.

As tripulações dos navios estrangeiros surtos no porto, admiradas do valor e da pericia do bravo commandante do brigue, fizeram-lhe significativa demonstração de apreço.

Ainda em 1839 exercia o lugar de inspector dos Arsenaes do Rio Grande do Sul, quando os revoltosos tentaram atacar a cidade do Rio Grande, o que não levaram a effeito pelas medidas acertadas de resistencia tomadas por Joaquim Ignacio.

Em 1844 foi promovido a capitão de fragata e a 2 de Abril de 1845 recebeu o commando da fragata *Constituição*, que conduzio o Imperador D. Pedro II e a familia imperial ao sul do Brasil, sendo ao regressar agraciado com a commenda da Rosa, cuja insignia lhe foi dada pelo proprio Monarcha.

Em 1846 partio para a Europa com a referida fragata, que alli foi soffrer reparos de que carecia, regressando em Maio do anno seguinte. Uma das suas maiores satisfações foi ter alli conversado longamente a respeito do Brasil com Lord Cockrane, seu primeiro chefe, quando guarda-marinha, a bordo da náó *Pedro I*.

Exerceu em 1847 o cargo de membro da Commissão do Conselho Naval. Partio no anno seguinte para a Bahia, e tendo rebentado em 1848 a rebellião em Pernambuco, seguiu para o Recife com a fragata *Constituição*, do seu commando, a tomar conta das forças navaes, compostas de 11 navios guarnecidos por numero superior a 1.200 praças. Saltou em terra para defender a cidade á frente de 500 homens da guarnição e recolheu a bordo da fragata os principaes autores da rebellião, tratando-os sempre como irmãos prisioneiros.

Promovido a capitão de mar e guerra em Março daquelle anno, regressou a esta Capital, sendo nomeado inspector do Arsenal de Marinha, cargo que exerceu até 1854, já então no elevado posto de chefe de divisão. Durante a sua gestão no Arsenal, fez concluir a construcção da corveta *Bahiana*, construiu a corveta *Imperial Marinheiro*, o brigue *Maranhão*, o brigue-escuna *Tonelero* e o vapor *Ypiranga*, exercendo, depois de restabelecido de grave enfermidade, o cargo de Capitão do Porto.

Encarregado do Quartel General da Marinha e promovido no anno seguinte a chefe de esquadra, foi em 1858 nomeado membro do Conselho Naval, o qual presidio na qualidade de seu Vice-Presidente.

Em 1860, obtendo demissão daquelles cargos, por motivo de bem entendido melindre, retirou-se por algum tempo da activi-

dade de marinha, dedicando-se á leitura e estudo de obras de sciencias nauticas.

Nomeado ministro da Marinha do gabinete Caxias em 1861 e interinamente, por alguns dias, da pasta da Agricultura e Obras Publicas, então creada, iniciou com bastante intelligencia a sua organização.

Retirando-se do Ministerio em 1862, foi, dous mezes depois, nomeado membro do Conselho Naval e depois do Conselho Supremo Militar.

Nomeado em 3 de Dezembro de 1866 commandante em chefe das forças navaes no Paraguay, para alli partio no dia 5. Estão patentes na memoria de todos os Brasileiros os heroicos feitos das passagens de Curupaity e do Humaytá, que ennobreceram a Armada Nacional pelo denodo dos seus temerarios marinheiros, cujo valor, coragem e patriotismo encheram de glorias o Brasil e causaram admiração ás mais aguerridas e preparadas marinhas do mundo.

Foi sob a chefia do saudoso Almirante Joaquim José Ignacio que se realizaram no Paraguay os mais cruentos combates da nossa marinha de guerra, cujos feitos de heroicidade perduram em primeiro plano nos fastos da historia brasileira, entre outros muitos que engrandeceram e exaltaram as nossas forças de mar e terra.

Seria impossivel nestas linhas, escriptas apenas para commemorar a data do nascimento do almirante, relembrar com minudencia todos os reaes serviços prestados á patria pelo grande vulto da Marinha nacional.

Os apontamentos ligeiros da sua longa e utilissima vida militar, que aqui consignamos, são pallidos resumos colhidos exclusivamente para prestar modesta homenagem á memoria do valoroso Almirante, que durante 47 annos soube com tanto lustre e tanto patriotismo honrar a patria, da qual foi leal e dedicado servidor.

Barão e depois Visconde de Inhaúma, com grandeza, era Joaquim José Ignacio condecorado com a Grã-Cruz da Ordem de Aviz, com as commendas das Ordens da Rosa, de Christo, da Torre e Espada, de Portugal, Official da Legião de Honra, fidalgo cavalleiro da Casa Imperial e tinha o titulo de Conselho.

II

Era o velho Almirante de estatura mediana e encorpado. Emolduravam-lhe o rosto fartas suissas que terminavam na altura do queixo. Usava sempre, desde o seus primeiros annos, o cabello á escovinha, como um exemplo de hygiene e de obediencia á antiga ordenação militar. Seu cabello aspero assemelhava-se ao da raça mourisca. Trazia sempre bem escanhoados o labio superior e o queixo para melhor destacar as suissas, tratadas sempre com especial carinho e cuidado.

Calmo nas horas de perigo, rigoroso nos deveres da sua profissão, exemplar, disciplinador, jámais deixou de ser justiceiro, e se ingratições o feriam sabia esquecel-as com a generosidade de um coração bem formado; mas uma vez enfurecido tornava-se aspero, usando de phrases tão communs nos que passam a existencia lutando com as variadas transformações do oceano.

Em serviço andava sempre fardado, como correcto militar que era; mas, soffrendo de intermittentes achaques, usava, quando á paisana, calça de ganga ou branca, e trazia sempre sapatos rigorosamente engraxados, chapéo alto de pello preto e sobrecasaca.

A bordo muitas vezes matava o tempo passeiando a sós pelo convés, e em uma occasião trazia uma farda tão velha que, tendo perdido a côr, estava completamente ruça. Um negociante de nome Fontes alli chegado, vendo-o de costas, bateu-lhe fortemente no hombro, ordenando que fosse chamar o Almirante. Joaquim Ignacio volta-se rapidamente e desata numa tremenda reprehensão contra quem tão bruscamente procedera.

Quando a epidemia do cholera invadio esta Capital e commissões parciaes percorriam as ruas esmolando em favor das familias das victimas, o chefe de divisão Joaquim Ignacio, munido de sacola, percorreu a freguezia de Santa Rita, de porta em porta, conseguindo angariar a quantia de 4:000\$ para aquelle piedoso fim.

Designado para commandar as forças návas no Paraguay em 1866, Joaquim Ignacio no dia de embarcar, a 5 de Dezembro mais ou menos, ás 6 1/2 da manhã, foi ouvir missa por elle so-

licitada, na igreja da Ordem Terceira da Immaculada Conceição.

Entrando no templo tira a espada do boldrié e a colloca em cima do presbyterio.

Ajoelhado entrega-se á mais sincera oração e, quando o sacerdote começa a executar o acto da consagração, toma da espada, a desembainha, beija-lhe os cópos, com ella se abraça até o levantar a Deus. Nessa occasião a segura pelo meio da lamina e, offerecendo-a ao Sacramento, beija-a novamente e a abraça até o fim do religioso acto.

No Paraguay, em uma ordem do dia por elle publicada em Julho de 1867, concitando os seus commandados ao combate, ainda demonstrou os seus sentimentos religiosos, incluindo nesse brado de patriotismo estas palavras que bem parecem uma quadra poetica:

A Virgem da Conceição,
Nossa Senhora da Victoria...
Hão de nos levar com gloria
Até Assumpção!

Tão conhecidos se tornaram os seus sentimentos religiosos, quer entre as nossas forças de terra e mar, quer entre os nossos inimigos, que um jornal caricato de Assumpcion, *O Cabichuy* (Maribondo) desenhou a figura do velho Almirante fardado, montado em um encouraçado, trazendo pendente do pescoço varios rosarios e bentinhos, que lhe chegavam aos pés.

Marinheiro de valor, dotado de bastantes conhecimentos technicos da sua nobre profissão e illustrado, Joaquim Ignacio enviava do Paraguay pequenas correspondencias picarescas para a *Semana Illustrada*, semanario que se publicava nesta Capital, sob as assignaturas de *Leva á riba* ou *Cabo Simão*.

Tão habituado estava a dar a ordem de atracar o escaler, que quando Ministro da Marinha, quasi sempre ao dirigir-se ao cocheiro do seu carro, exclamava em voz alta: "Atraca o carro"...

Mariz e Barros, seu inditoso filho, tendo ido em commissão ao Amazonas, lá encontrou um commissario da Armada de nome Paim, que se queixou de estar alli ha muitos annos, completamente

esquecido, e pediu que aquelle official se interessasse por elle junto ao velho Almirante de fórma a ser transferido para esta Capital; e para que Mariz e Barros não se esquecesse do pedido fez-lhe presente de um papagaio.

O saudoso official de Marinha regressando, trouxe o papagaio e o levou para a residencia de seu illustre pai, com quem residia.

O papagaio a principio conservou-se em completa mudez, e Mariz e Barros não pensou mais no pedido do seu antigo proprietario.

Uma occasião o velho Almirante e Ministro é sorprendido pelo bichano, que começou a palrar, exclamando constantemente: "Não esqueça o Paim; não esqueça o Paim..."

Chamando a attenção do filho para a inesperada loquacidade do Papagaio, perguntou-lhe o que queria elle dizer. Foi então que Mariz e Barros lembrou-se do pobre commissario, explicando a seu venerando progenitor o pedido que lhe fôra feito. Um mez depois Paim tinha em estabelecimento naval desta Capital uma boa collocação.

O Barão e depois Visconde de Inhaúma tinha a maior satisfação em mostrar aos que frequentavam sua casa um *repucho de palombar* com que elle no inicio da sua carreira de marinha cosera, por vezes, as velas dos navios em que servio.

Ao receber de um amigo palavras de condolencia pela morte heroica de seu filho, o Tenente Mariz e Barros, na campanha do Paraguay, as lagrimas inundaram-lhe as faces.

"Resigne-se, General", disse-lhe o amigo, tambem bastante commovido.

"Não repare, é um navio velho a fazer agua; a bomba da resignação acertará de estancar-a."

Quando exercia o cargo de Ministro da Marinha, Joaquim Ignacio não mudou absolutamente do seu genio alegre, conversador e franco, sendo commum ouvir-lhe: "não posso mudar de natureza, e por isso conto passar por muitos desgostos; mas o que asseguro é que entrei Joaquim José Ignacio no firme proposito de sahir Joaquim José Ignacio. Não hei de dar aos abyssinios que me festejarem Ministro o trabalho de me apedrejarem ex-Ministro."

Joaquim José Ignacio casou-se em 1832 com a Sra. D. Maria José de Mariz Sarmiento, filha do Capitão de Mar e Guerra reformado Pedro Mariz de Souza Sarmiento. Do seu consorcio houve o bravo almirante os seguintes filhos: D. Anna Elisa de Mariz e Barros, Baroneza da Passagem, viuva do Almirante desse titulo e que felizmente ainda vive amada pelos seus filhos, netos e parentes; Joaquim José Ignacio, fallecido; Antonio Carlos de Mariz e Barros, morto heroicamente em combate quando commandava um vapor de guerra que atacava o forte do Itapirú, no Paraguay; D. Carlota Adelaide de Mariz e Barros, hoje viuva do Dr. Manoel Joaquim da Rocha Frota, respeitavel senhora, muito considerada e estimada na nossa sociedade; Constança e Manoel, fallecidos em tenra idade.

A figura de Inhaúma, expressivamente severa, despertava, ás primeiras impressões, o mais vivo respeito e o que é mais, elevado gráo de expontanea admiração.

Nunca lhe arrefeceu o accendrado amor pela sua profissão, como tambem a sinceridade do seu patriotismo e o carinhoso affecto que consagrava ao Brasil, que se não era seu berço, foi escola da sua formação intellectual e o vasto scenario onde se desdobraram o seu valor de aguerrido marinheiro e de denodado defensor da sua honra e da sua integridade.

Amantissimo chefe de familia, cheio de vehementes sentimentos de affectuosidade, Joaquim José Ignacio era um pai dedicado e extremoso, sentimentos estes que manifestava sempre em todos os actos mais solemnes de sua gloriosa existencia.

Quando sua filha Carlota empreendeu, em 1865, uma viagem ao Ceará, o velho marinheiro dirigio-lhe as seguintes estrophes:

Partes e ficamos. Partes para a terra estranha... Deixas a casa da doçura e da graça, aonde te era tudo promettido.

MICHELET — *La femme.*

Partes, deixas os teus pais saudosos,
O velho albergue, e o solar amigo...
Nossos prazeres, ó filha, vão contigo,
Sejam-te os mares ledos, bonançosos.

E quando, alfim em lares venturosos,
Das procellas já salva, e do perigo,
Lembra-te, um dia, teu bem-estar antigo,
Beija por nós os filhos teus formosos.

Fujam de ti os tetricos penares,
Do esposo ao lado o doce amor fruindo,
Como tu o sabes, só prazer lhe dares,

E aos Céos cá ficam os teus pais pedindo
De graças sobre ti lancem milhares...
A Deus... e sê feliz por tempo infindo.

De sua lavra é também o soneto seguinte por elle recitado em 1848 em um jantar que lhe foi offerecido no dia do seu anniversario natalicio, a bordo da fragata *Constituição*, o que bem affirma o genio alegre do autor.

A louca presumpção de ser poeta,
Que, a verdade fallar, nunca me invade,
Em mim quiz hoje ter tal potestade
Que por pouco me fez ficar pateta!

“Ha-de versos fazer”! diz-me faceta...
“Ha-de versos fazer”! zune a vaidade...
E houve um tal *vai vem a ha-de não ha-de*,
Que por fim ides ver o que acarreta.

—Nobre dona, louçã, gentil donzella...
“Por ahí não vais bem; dá-lhe outro geito”
— Ora, musa, não dês á taramella.

“Oh tu, que tens de humano o gesto e o peito,
Emboca a tuba (brada-me então ella)
Repete *Gratidão!* Tens tudo feito.”

Joaquim José Ignacio escreveu ainda varios trabalhos em prosa e verso, muitos dos quaes não foram publicados.

Em uma carta que dirigio a seu filho Mariz e Barros, então no Paraguay, em que exalta o modo brilhante porque se portou em combate, e dá noticia das manifestações que recebeu por aquelle motivo, entre as quaes do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz, termina com estas expressivas palavras:

“Agora que estamos a sangue frio, ouça-me. Portou-se bem, como um heróe; ganhou para si e para os seus honra e gloria, fez um nome, como nós desejava, e tantas vezes lhe tenho aconselhado; hoje és tú já o Barros de Paysandú, e não o filho do chefe de esquadra, tem direito a tudo e nenhum invejoso attribuirá mais ao filhotismo aquillo que obtiver. Continue a ser *official valente*; mas seja valente com reflexão, e sempre que *lhe tocar sel-o*. . . Nunca fuja de fazer o serviço que lhe compita, ou que os superiores lhe ordenem; mas não vá procurar voluntariamente o perigo, nem faça ostentação de coragem; digo-lhe isto por experiencia propria. Não mostre orgulho dos seus feitos; guarde o orgulho no intimo de sua consciencia para, ficando bem com ella, poder dizer a si proprio: Estou contente de mim porque servi bem o meu paiz. Seja affavel com todos; vença os seus inimigos tratando-os bem; sei que isto tem seus contras, mas é regra que segui por muito tempo, hoje. . . estou *quasi* sceptico a muitos respeitos.”

Longa se tornaria a publicação de certos particulares do bravo Almirante, nos quaes se observam o seu espirito leal e justiceiro, e onde elle exalta com sinceridade o valor militar dos Almirantes Tamandaré e Barroso, dos Tenentes Maurity, Eliziario Barbosa e tantos outros heróes das grandes campanhas.

De uma dessas missivas dirigidas a seu genro, o Dr. Rocha Frota, depois da passagem de Humaytá, extrahimos o seguinte periodo:

“Os Tulturús, os Uranos e quantos tratantes ha por aqui diziam que passasse a esquadra e cinco dias depois estaria feita a paz! A esquadra passou ha 6 dias, e nada de novo. E' verdade que faltou o essencial, que era o ir a esquadra toda a pique, exceptuado um só navio que passasse, debaixo de Humaytá!

Muito casmurro sou eu que não quiz fazer a vontade aos nossos bons alliados! mereço, por isso, demissão do commando (oh! quem a causara!). Estou soffrendo muito de insomnia; passam-se noites consecutivas que não durmo, sem que de dia possa

recuperar o perdido. Vão-me faltando as forças para o trabalho; tenho feito conhecer isso mesmo ao Ministro, e persistem em conservar-me aqui! Entretanto, consentem que um desavergonhado do *Diario do Povo*, que só vi depois deste meu ultimo feito, me descomponha, como se eu fôra um ente infame e abjecto, e não ha um desses muitos rabiscadores ao menos que inundam o *Jornal do Commercio* que diga duas palavras em meu abono! Isto é insupportavel; que venha para aqui algum Conselheiro novo ou algum senador em perspectiva, os quaes não têm, como eu, o peccado original, mas que não davam ao Brasil, como eu lhe dei, Curupaity e Humaytá, e deixe-me viver obscuramente os restos dos meus dias; é o pedido que já tenho feito, e hoje vou repetir.”

A 19 de Fevereiro de 1869, ás 7 horas da manhã, fundeou no nosso porto a corveta *Nictheroy*, em cujo bordo regressava da campanha o Visconde de Inhaúma, acompanhado do Chefe de Divisão Alvim, do Chefe de Corpo de Saude, Dr. José Marcellino de Mesquita, e varios officiaes.

O seu estado de saude era melindroso. Molestias adquiridas na acção dos combates sob a influencia do ar mephitico dos pantanos e lagôas paraguayas, haviam-lhe alterado a saude sériamente o a sua figura era a de um valetudinario completamente falto de forças e ás portas da morte.

O velho marinheiro veio para o Arsenal deitado no fundo do escaler, sendo retirado por marinheiros e conduzido em maca para sua residencia.

Como é sabido, D. Pedro II tinha por nórma evitar publicas manifestações de apreço aos seus servidores, afim de não offender melindres. Sciente, porém, da chegada do Almirante Inhaúma, simulou uma visita ao Arsenal, e lá se achava quando o escaler atracou ao cáes. Tão impressionado ficou e tão commovido diante de tão triste quadro, que não se approximou do bravo marinheiro, retirando-se immediatamente.

No dia 8 de Março, ás 4 horas da madrugada, falleceu na Tijuca, onde estava em tratamento, o velho e illustre marinheiro.

O corpo do bravo miĩtar foi conduzido para sua residencia, á rua do Senado, de onde ás 10 horas da manhã sahio o enterro para o cemiterio de S. Francisco Xavier, segurando nas argollas do caixão os Ministros da Marinha e da Guerra, Conselheiro

Affonso Celso, Conde de Tamandaré e os Barões de Itapagipe e de Suruhy, sendo acompanhado por mais de 300 carros.

Foram-lhe prestadas todas as honras militares do seu alto posto.

Noticiando a sua morte, assim se exprimio o *Jornal do Commercio* de 9 de Março:

“*Almirante Visconde de Inhaúma* — Falleceu hontem, ás 4 horas da madrugada, na Tijuca, onde se achava em tratamento, e sepulta-se hoje, ás 10 horas da manhã, no cemiterio de S. Francisco Xavier, o Sr. Almirante Conselheiro de Guerra Visconde de Inhaúma, que ha poucos dias desembarcou nesta Capital muito doente, tendo por este motivo pedido e obtido exoneração do commando em chefe da esquadra brasileira em operações contra o Governo do Paraguay.

Poupado pelas balas inimigas, o illustre marinheiro nem por isso deixou de ser uma das victimas desta guerra exterminadora que nos tem roubado preciosas existencias.

Poderia salvar-se se ha muito tempo se tivesse recolhido ao seio da patria e da familia; mas como bravo militar, como homem de pundonor e como cidadão patriota não quiz abandonar o campo de honra sem haver terminado a sua missão gloriosa, sem ter visto completamente reparada a offensa feita á bandeira nacional.

A longa vida militar do Visconde de Inhaúma é uma série não interrompida de serviços distinctos, quer como homem de mar, quer como administrador. Desde a guerra do Rio da Prata de 1825 a 1828 até á guerra do Paraguay, não ha um só successo militar na nossa historia em que o digno Almirante não tenha tomado parte.

Ministro da Marinha de 3 de Março de 1861 até 24 de Maio de 1862, foi tambem o primeiro Ministro da Agricultura, e coube-lhe a honra de organizar esta interessante parte da nossa administração.

Era seu mais ardente desejo commandar a esquadra e foi um dia de grande satisfação aquelle em que se vio honrado com esta nomeação. Successivamente feito Vice-Almirante, Barão e depois Visconde, foi finalmente elevado a Almirante e condecorado com a grã-cruz da Ordem da Rosa.

Estão frescos ainda todos os actos de heroismo e bravura por elle praticados, desde 15 de Agosto de 1867, em que transpoz as baterias de Curupaity, até 31 de Dezembro do anno findo, em que fundeou em Assumpção.

Tinha já as forças alquebradas em frente de Angustura, e a prudencia lhe aconselhava que se retirasse das aguas do Paraguay. Ainda, porém, aquella posição apresentava alguns canhões contra os nossos navios, e o almirante sustentou-se no seu posto, até que pôde dizer ao seu Governo que, não tendo mais navios inimigos que combater, nem baterias que destruir nas margens do rio, julgava chegada a occasião de pedir sua exoneração.

Estava consummado o sacrificio. O Almirante não era mais que um cadaver galvanizado pelo effeito magico do patriotismo. Passada a febre vertiginosa que o sustentara, o corpo abateu-se e nem as brizas do oceano, nem os ares da patria, nem os affagos da familia e as ovações dos amigos puderam reanimal-o.

Hontem, o Almirante Visconde de Inhaúma deixou de ser um grande homem do mar para tornar-se um dos vultos proeminentes da nossa historia.”

III

Era o Visconde de Inhaúma irmão do inditoso Bento José de Carvalho, commandante da *Corveta Isabel*, que naufragou em 1860 no Cabo Sparte, e de Antonio José Victorino de Barros, Director da Secretaria do Ministerio da Justiça, escriptor e poeta de grande merecimento.

No Museu da Marinha existe a espada, talim e fiador do denodado almirante, com os quaes se servio durante toda a campanha do Paraguay, offerta do seu sobrinho coronel Carlos Thomaz Pereira. E' uma arma forte e antiga, com lamina de dous gumes, e na Bibliotheca encontra-se copia manuscripta de uma memoria do General Bartholomeu Mitre relativa á guerra do Paraguay, escripta em Tujucuê em Setembro de 1867, annotada pi-carescamente pelo valente Almirante.

Como subsidio para a historia, aqui publicamos varias cartas até hoje não conhecidas, uma do proprio punho do illustre ma-

rinheiro e outras que lhe foram dirigidas pelo Marquez de Caxias e um importante documento official.

Em 12 de Janeiro de 1865 o então Ministro da Marinha, Conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima, dirigio um aviso ao velho Almirante, conjunctamente com diversos quesitos, no qual pedia que se manifestasse ácerca da força naval necessaria para a campanha contra o dictador do Paraguay.

Do volume encadernado de autographos que possuímos, temos o original da resposta que abaixo transcrevemos:

"Illm. Exm. Sr. — Na resposta que brevemente terei a honra de apresentar a V. Ex. sobre quesitos que acompanharão o Aviso de 12 do corrente, preveni de alguma fórma os desejos de V. Ex. manifestados em Aviso de hontem. Dando, comtudo, execução ao que V. Ex. nelle determina, devo informar o seguinte.

Além dos navios que possuímos, precisamos ter mais os abaixo declarados, cuja aquisição convém promover.

Para a guerra do Paraguay:

Tres vapores das dimensões, forças, lotação e armamento do que se está construindo em Toulon.

Quatro baterias fluctuantes de oitenta pés de comprimento, com a boca correspondente, encouraçadas, não demandando mais de quatro pés, armadas com a mais forte artilharia que possam montar: isto é, quatro peças, pelo menos, de 70 de Whitword. Estas baterias, passado o Paraguay, são exclusivamente destinadas para Matto Grosso.

Dous *Monitores* providos de arietes proprios para irem de encontro a estocadas e destruirer outros obstaculos. Taes embarcações pódem ser de 120 a 150 pés de comprimento, boca correspondente, demandando, ao mais, seis pés de agua, armados com duas peças de grande calibre em torre gyrante.

Confio muito no effeito que terão de produzir.

Para a guerra do Paraguay:

Doze lanchas, canhoneiras de ferro, com machinas de seis cavallos, demandando dous pés, com o comprimeito de 40 pés e boca correspondente, armadas com uma peça striada igual ás que tem para desembarque a *Corveta Nictheroy*, com 24 praças

de guarnição, cada uma dellas com clavina Minié, espada e revólver.

Para defesa dos portos e litoral do Imperio:

Se a guerra que temos a sustentar é apenas com as Republicas limitrophes, creio que bastam as embarcações de vela e vapores menos fortes que possuímos e poderemos dispensar do rio da Prata. O que temos a temer destas nações é a expedição de corsarios, que nunca serão em grande numero, maximé se lhes faltarem portos em que possam dispor das presas.

Se a defesa dos nossos portos e costas é contra a aggressão das grandes potencias, triste é dizel-o, vale mais reservar nossos cabedaes para uma defesa heroica e a todo o transe, em terra, guardando nossas fortificações e frustando desembarques.

Neste parecer levo em vista as forças do Thesouro Publico e a nossa marinagem, sem desconhecer que nos ficam os portos sem força naval e que os comboios não poderão ser bem defendidos com o que proponho. Não nos será muito facil guarnecer toda a nossa Armada e que o que indico se obtenha. Isto, porém, não priva de que substituamos por bom o máo existente, e, a pouco e pouco, se vá refazendo nossa esquadra com outras acquisições novas para preenchimento do lugar que deixarão aquelles vasos que nesta guerra se inutilizarem ou perderem. Seis navios mixtos, de força pouco inferior á da *Nictheroy*, não seriam em demasia.

Deus Guarde a V. Ex. — Quartel no Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1865.

Illm. Exm. Sr. Conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha. — O Chefe de Esquadra, *Joaquim José Ignacio.*”

“Tuyuty, 22 de Dezembro de 1866.

Exm. Sr. — Estimo que fizesse boa viagem. Recebi as cartas e officios que me fez o favor de mandar. Amanhã, ás 7 horas da manhã, estará uma carretilha e cavallos para o conduzir até aqui, aonde o espero para almoçar o máo chorrasco que temos, e conversaremos sobre as cousas daqui e da nossa terra. Já dei providencias para o desembarque da tropa e dinheiro que V. Ex. me diz que veio no vapor *Izabel*. Ainda não sei nada officialmente a respeito da sua nomeação. Naturalmente a V. Ex. teria sido

entregue na Côrte os officios. Recommende-me ao nosso Tamandaré. — Seu amigo e collega *M. de Caxias.*”

— “Exm. Sr. Ahi vai a ordem, mas vá até aonde vir que é possível: se na passagem de Curupaity a esquadra soffrer avarias consideraveis, a isso póde limitar-se; collocando-se em posição de onde bombardeie Humaytá, mas avise-me logo, para que possamos manobrar de accôrdo com a posição que tiver tomado a esquadra no rio. Toda a cautela é pouca para não soffrermos algum revez. Seu amigo. — *M. de Caxias.* Tujucû, 12 de Agosto de 1867.”

— “Exm. Amigo. — Só hoje posso responder á sua cartinha de 10. Mil parabens pelo resultado da sua primeira empreza; vou remetter hoje mesmo a sua parte ao Ministro da Marinha, chamando sua attenção para os officiaes que V. Ex. recommenda, o que não estava em uso até agora, não sei porque, mas o caso é que a Marinha não foi ainda bem considerada para as Graças. Que a sua rapaziada era optima, sabia eu, mas que era má de *vêla* para a escripta official fico sabendo agora, mas sem crer. Não se admire do pouco effeito das bombas paraguayas, no 2.º Corpo. Aqui ás vezes não me deixam dormir com tiros e ás vezes até descargas de fuzil, e raro é o dia em que temos um ou dous feridos. Até foguetes lançam muitas vezes, sem produzir o menor damno. Já me está incommodando a demora das ultimas malas do Rio de Janeiro, que supponho virão no *Apa*, que tambem já tarda, mas rogo-lhe que não gaste polvora com salvas. Não fui ha mais tempo porque tenho estado a pôr isto em estado de se poder mover, com geito de tropas, pois até agora suppunha-se que para se ser soldado bastava se ter armas e munições.

O Octaviano tornou a me mandar dizer que se retira. O homem ficou despeitado não só com o despacho do Sergio, para Pariz, como por eu o não deixar commandar de meias commigo o Exercito, como até agora acontecia.

Todas as demonstrações que se puder fazer, por esse lado, que mantenham o inimigo na crença de que o novo ataque principal será por Curupú, muito convém, para que elle puxe, como tem puxado, a sua maior força para esse lado da linha.

Tuyuty, 11 de Janeiro de 1867. — Amigo, camarada e collega. *M. de Caxias.*”

— “Confidencial — Illm. Exm. Sr. Vice-Almirante. Tuyuty, 6 de Agosto de 1867.

O Exercito fez a sua marcha de flanco e passou o Estero Rojas, sem que o inimigo o incommodasse. Ao chegarmos a Tujucûê, appareceu uma força inimiga das 3 armas, cujo numero se não pôde bem avaliar, mas que não era consideravel, a qual, sendo atacada por uma divisão de cavallaria do nosso Exercito, retirou-se para dentro de suas trincheiras, deixando no campo 100 mortos e 10 prisioneiros.

Parado o Exercito nesse ponto, no dia 3 de Agosto subsequente avançou uma divisão de cavallaria de 3 mil homens na direcção de S. Solano, e foi até 2 1/2 leguas além do Humaytá, conseguindo bater, no rio Londo, uma força inimiga de 700 homens de cavallaria, que foi completamente debandada, deixando no campo perto de 200 mortos, 30 prisioneiros, 400 armas, além de 600 rezes, 200 cavallos, eguas e pôtros, bem como cortar o fio electrico que communica Humaytá a Assumpção.

Tratámos então de abrir novas communicações com a base de operações, collocando-nos no flanco esquerdo do trincheiramento inimigo, o qual é fechado por outra trincheira, que vai até Humaytá.

Tendo no dia 31 do mez passado aqui se apresentado o General Mitre, assumio o Commando em Chefe dos Exercitos allia-dos, e deliberou que se ordenasse á esquadra procurar passar o Humaytá e collocar-se um pouco acima desse ponto pela altura do rio Londo, que desagua no Paraguay; sem o que não poderá o Exercito de terra abandonar esta posição, largando a sua base de operações, unica por ora por onde recebe recursos de munições de guerra, viveres, etc.

Logo que V. Ex. tenha transposto o Humaytá me fará immediatamente aviso, por Tuyuty, para que o Exercito possa transpôr a distancia de 2 leguas, a que se acha desse ponto.

O inimigo conserva-se todo concentrado no seu entrincheiramento, constando-se que tem apenas as guarnições das baterias em Humaytá, receiando que o Exercito assalte por terra, pois, na posição em que estamos, em 2 horas pôde chegar.

Como acima disse, convém que V. Ex. tente quanto antes passar o Humaytá, devendo avisar-me do dia em que tem de o

fazer, remettendo a communição ao Visconde de Porto Alegre, para este enviar-me immediatamente.

Logo que a esquadra tenha vencido esse passo, V. Ex. me avisará pela mesma via, afim de que possamos approximarmos do lugar em que a mesma esquadra estiver.”

Continúa a carta referindo-se ás remessas de munições; mas estando nesse ponto bastante damnificada não pudemos ler o periodo final.

— Tujucúê, 20 de Fevereiro de 1868. Meu amigo:

A sua esquadra brilhou! Não se podia fazer mais, nem com mais habilidade. Estive já hontem em Toyi com o Delfino, a quem dei um apertado abraço e aos commandantes e praticos dos felizes navios que subiram.

Não perderam um homem! Encontraram mais resistencia nas baterias do Timbó que em Humaytá. Os Paraguayos tiveram até desafôro de tentar abordar o *Alagôas* com canôas cheias de tropa; mas foram todos para o fundo, e um só não saltou no convés desse nosso monitor!

Eu por terra fiz o que lhe prometti: não mandei, fui em pessoa dirigir uma columna de seis mil homens das tres armas; na hora ajustada para a passagem dos monitores e encouraçados da esquadra e com essa força atacar o exterior de Humaytá, tomei depois de tres horas de renhido combate, o forte do flanco esquerdo daquella praça, que estava guarnecido com 15 bocas de fogo; todas já estão no meu acampamento.

Toda a guarnição do forte foi morta ou prisioneira; eu tive fóra do combate, entre mortos e feridos graves e levemente, cerca de 600 homens! Mas... depois de terprehendido o ataque, ou havia de ficar alli eu mesmo com toda a força que levei ou de vencer. Deus, pois, não me abandonou ainda desta vez.

Os dous vapores que Lopez tinha em Humaytá metteram-se na lagôa proxima do ponto que ataquei, e a minha bateria os bateu e os fez fugir, para irem ao fundo. Dei ordem ao Delfim para subir hoje com tres encouraçados até onde puder, e bombardear, se lhe for possível, a Assumpção.

Estou com muita pressa, o portador lhe dirá o resto. Seu amigo e collega, *Luiz*.

N. B.— Vou mandar o Penha levar a noticia no *S. José*, que deve sair amanhã; se quizer escrever ao Ministro alguma carta, elle póde ser portador. O Delfim foi contuso, mas não é cousa de cuidado. Elle ficou de remetter-me hoje a sua parte para enviar a V. Ex.”

— “Humaytá, 3 de Setembro de 1867. Minha querida velha.

Vou passando sem grande incommodo; minha molestia ao presente, ou antes, minhas molestias são a saudade, a velhice e o desejo que tenho de ver isto acabado. E se não está acabado a culpa não é minha. Propuz uma empresa arriscada, é certo, mas que acabaria metade desta luta; não approvaram, fizeram-me passar o Curupaity só, sem o menor adjutorio; Porto Alegre com 12 mil homens tinha vontade de morrer, mas não tinha ordem; Caxias com mais de vinte mil tambem não tinha ordem; passei assim mesmo com a maior das felicidades; perdi só dous homens na occasião, e dous depois com uns vinte feridos, dos quaes o mais grave foi o Capitão de Fragata Barbosa, que perdeu o braço esquerdo; meus navios levaram 256 balas no costado, sendo a mim distribuidas umas 14 e 47 ao Alvim; quasi perco o *Tamandaré*; ha 19 dias bombardeio Humaytá, que não posso passar por causa das tres correntes que tem atravessadas, unico obstaculo que tenho, por serio, porque antes de passal-o posso ter toda a esquadra destruida; assim tenho-me opposto a esta passagem, que o capricho do Sr. Ministro exige sem necessidade, nem conveniencia, e, segundo é voz geral, só para fazer com que perca o Brasil os seus encouraçados; não lhe farei a vontade; quero antes um conselho de guerra, para o qual me estou preparando; tenho lhes mostrado que não temo as balas, que nos perigos estou sempre na frente; o que não posso fazer é impossiveis; transpor um passo cheio de perigos naturaes e artificiaes, defendido por mais de 80 praças de grosso calibre, com uma esquadra de dez navios máos, estragados, além disso, por tres combates, é um impossivel justificado pela opinião, *que possuo escripta*, de dous officiaes generaes, um capitão de mar e guerra e dez commandantes; não me apanham descalço.

O Exercito, que conta quasi 40 mil homens, parou de encontro as trincheiras guarnecidas por 16 mil, dos quaes oito mil crianças, e a pobre Marinha, que não tem cousa alguma a fazer senão auxiliar os movimentos do Exercito, quando elle lhe fica

proximo, é que ha de tomar por si só um ponto que os livros escritos, ha quatro annos, ainda dizem que nenhuma marinha do mundo póde tomar!

O lugar em que estou é um ponto critico, se me faltarem mantimentos e munições; se não houver outro remedio, teria eu necessidade de descer para Curusú; mas tenho fé em Deus de que não serei forçado a passar por este desgosto, para o que, porém, já o Marquez me autorizou. Emfim, Deus, e Sua Santa Mãi me têm ajudado até agora, e certo não me desampararão no dia e momento do perigo.

O tempo está bom, ha dous dias; temos esperanças de que o Barão do Herval, se receber a cavallhada que espera, faça muita cousa; pela minha parte tenho me regalado de metter bombas em Humaytá sem que ella me offenda.

Tem-se apanhado não menos de oito torpedos, dous carregados com 120 libras de polvora cada um! E digam que Deus não nos protege.

Adeus. Um abraço a V., minha benção, e lembranças a todos. Muito estimo que Imbirana ahi esteja, e preferisse nossa casa. Não preciso recommendar-lhe uma pessoa a quem e a cuja familia tantos obsequios devemos.

Diga ao Dr. Amaro que nunca me esqueço delle.

Seu marido, que muito lhe estima. — *J. J. Ignacio.*”

— Em 7 de Março de 1868, dirigio Inhaúma do theatro da guerra a seguinte carta: “Illm. amigo e camarada Sr. A. Silveira da Motta.

Já por ahi deve saber-se da audaz tentativa paraguaya de abordar a esquadra. A’ vigilancia de nossa parte, bravura das guarnições do *Lima Barros*, do *Cabra*; a promptidão com que Gonçalves e Helvecio as soccorreram; o prestigio da insignia que o *Brasil* tem arvorada, livraram-nos de uma affronta e convertiram-n-a num dia de gloria. Em nosso poder ficaram 113 cadaveres e 15 prisioneiros, entre elles o Capitão Cespides e o Tenente Yola. O rio guardou em seu seio mais, talvez uns trezentos.

Perdemos o honrado e bravo Costa. Esta perda mortifica-me; eu era amigo deste nosso camarada. Tivemos mais uns vinte mortos, e quarenta e tantos feridos, destes uns quinze gravemente. Garcindo (que vai quasi salvo), Foster Vidal, J. Wandenkolk,

são deste numero: parece que todos escaparam; o ultimo é o que está mais grave. Que se pretenderá agora mais da esquadra?

Talvez que vá ella a Passo Pocú amarrar o Lopez com alguma embira. Não vai, porém, mandar... suas bombas. No dia 2 mesmo, ainda com a ferida quente, mandei vir o *Colombo* pela costa paraguaya metralhando tudo; estava ella inçada de fugidos. Tomou essas canôas, destruiu completamente o rancho, horta e arranjos da guarda que fica perto da ilha. Na madrugada seguinte (3), fiz subir do Curuzú o *Magé* e o *Beberibe*. O primeiro levou "tres" balas, que nenhum mal fizeram. E querem que eu não acredite na protecção divina?! Deixem-me com a minha crença, e ponham-me os alcunhas que quizerem.

Os jornaes de Buenos Aires exaltam, como devem, o feito do Humaytá; o *Standard* traz um magnifico artigo, equiparando-o a Trafalgar e Aboukir, e dizendo que nada ha de mais brilhante nos tempos modernos. O que fará, porém, a nossa imprensa? Toma alguma palavra da minha parte, que lhe dér no goto, chama-me estúpido, indolente, cobarde, que fiquei atrás da porta, etc., e reduz a nada o acto mais brilhante da nossa esquadra! De antemão vou procurando resignar-me.

Tenho á vista a sua carta de primeiro. Creio que já tem sufficiente conhecimento de mim e sabe que sou homem chão, e sem rebuço. Continue pois a escrever-me franca e lealmente; é isso o que me agrada. Tenho fome e sede de noticias; minha posição, como sabe, é critica, e mais critica se tornará se ficar aqui isolado sem saber o que se passa pelo mundo, principalmente pelo mundo que agora mais me interessa, que é o que fica para o N. e para E. do Humaytá.

Lembranças aos camaradas. De V. Ex. amigo e camarada e obrigado. — *Barão de Inhaúma.*"

A titulo ainda de curiosidade, aqui transcrevemos a seguinte carta do Almirante Tamandaré dirigida ao Visconde de Inhaúma:

"Bordo do *Itajahy*, na ilha do Amazonas, 21 de Dezembro de 1866.

Meu querido Joaquim I. Dou-te parabens pela tua feliz chegada ás aguas do Prata, em que outr'ora fomos *jovens* companheiros em trabalhos perigosos e glorias; e em que agora *velhos* alternamos no serviço do paiz. Deus corôe teu sacrificio nesta cam-

panha de honra com as maiores glorias e beneficios que sobre ti puder derramar, para assim compensar os grandes dissabores que tens amargurado. E que teu triumpho seja brevemente conseguido para voltares a tua familia, que contigo tem amargurado os males. Aqui te espero ancioso para navegar rumo de casa, não desejando exceder 32 mezes de ausencia.

Apressa-te, pois em vir, abraçar o teu amigo velho Joaquim II, ou pequinhas.

Se *Isabel* tiver ali demora, vem na *Beberibe*."

1908.

ESCOLA NAVAL

A estudiosa mocidade que nesta Escola procura constituir a Marinha do futuro e que tem como sagrado penhor a guarda carinhosa das suas grandes tradições de civismo, de valor e de patriotismo, receberá hoje os mais vivos cumprimentos pelo primeiro centenario deste instituto militar, onde se educaram Barroso, Tamandaré, Inhaúma, Delfim de Carvalho, Maurity, Jaceguay, Lima Barros, Joaquim Francisco de Abreu, Guilherme Greenhalgh, Saldanha da Gama e tantos outros heróes, cujos nomes perduração nos fastos gloriosos da nossa Marinha de guerra.

No intuito de concorrermos para o realce desta data gratissima, aqui consignaremos uma ligeira noticia que servirá de subsidio a quem tenha de escrever a historia, tão opulenta de ensinamentos, da corporação naval brasileira.

Desembarcando o Principe Regente D. João VI na cidade de S. Salvador da Bahia, a 23 de Janeiro de 1808, promulgou a memoravel lei que concedia a liberdade de navegação nos portos brasileiros.

Da Bahia veio o Principe Regente para esta Capital, onde desde logo iniciou nova era de civilização progressiva para o Brasil.

A Academia de Marinha era considerada parte da Côrte, pelo que a transferio de Lisboa para o Rio de Janeiro, sendo por aviso de 5 de Maio daquelle anno installada nas "hospedarias" dos Religiosos Benedictinos.

Os alumnos da antiga Academia de Marinha ou dos Guardas-Marinha de Lisboa vieram para o Brasil com D. João VI na não portugueza *Conde Henrique*.

Annos depois, promulgada a Constituição portugueza, passou ella de Academia Real de Marinha ou dos Guardas-Marinha a

denominar-se Academia Nacional e Real da Marinha ou dos Guardas-Marinha.

Proclamada a Independencia do Brasil, foi o titulo modificado de Real para Imperial, tendo nessa occasião os lentes Capitão de Fragata graduado Francisco Bernardino Mendes, Capitão-Tenente Augusto José de Carvalho e o 1.º Tenente Henrique Ferreira Estrella pedido demissão por serem contrarios ao acto de Pedro I, retirando-se todos para Lisboa.

Para o estudo do curso naval exigia-se naquella época certos privilegios de nascimento, estabelecendo a lei que não fosse admittido á praça de aspirante quem não tivesse fôro de fidalgo ou não fosse filho de chefe de divisão, capitão de mar e guerra, brigadeiro ou coronel. Ainda assim a Academia era dividida em duas classes: aspirantes a guarda-marinha e voluntarios da Real Armada de Marinha. Mais tarde abriu-se uma excepção para os voluntarios que mostrassem applicação nos estudos ou "habilitade", como significação de talento, excepção que tambem foi revogada tempos depois.

Para os alumnos menos favorecidos da fortuna que obtivessem approvação plena em todas as disciplinas do 1.º anno, estabeleceu o Governo o soldo diario de 400 réis.

Teve a Academia como seu primeiro commandante o Chefe de Divisão José Maria Duarte Pereira.

Em 15 de Novembro de 1831 deu-se nova organização ao instituto, reunindo-o á Academia Militar e extinguindo-se a companhia de aspirantes.

Depois de dous annos de funcionamento, incorporada á Academia Militar, que funcionava no edificio onde hoje está installada a escola Polytechnica, voltou a Escola de Marinha novamente para S. Bento, até que mais tarde passou para a não *Pedro II*.

Em 1833 restabeleceu-se a anterior legislação, mantendo-se a Academia Nacional e Imperial da Marinha e Companhia de Aspirantes. Em Janeiro de 1839 passou a Academia a funcionar a bordo da não *Pedro II*, dando-se nova organização e determinando que só poderiam ser admittidos á matricula menores de 12 a 16 annos de idade. Declarava o decreto que o navio destinado áquelle fim deveria ser convenientemente preparado, armado e

apparelhado, afim de que pudessem ahi os discipulos receber theorica e praticamente as lições das differentes materias do curso.

A não *Pedro II* foi construida no Arsenal de Marinha da Bahia em 1830, vindo para este porto em Dezembro desse anno, com o nome de *Imperador do Brasil*. Media 180 pés de comprimento pelo convés, 47 pés de boca maior e 38 pés e 6 pollegadas de pontal.

Achando-se a não em máo estado resolveu o Governo transferir a Academia para terra, dando-lhe novos estatutos, e entre as disposições nelles consignadas estabeleceu a aquisição de um navio, competentemente apparelhado, destinado ao ensino da manobra e trabalhos de apparelho, devendo os discipulos fazer exercicios sobre a véla, todas as fainas da arte de marinheiro, como fundear, rocegar, espiar, suspender ancoras do fundo por diversos modos e fazer exercicios de artilharia.

Depois de não pequenos esforços conseguiu o Governo adquirir o predio do largo da Prainha, pertencente a Felippe Nery de Carvalho, pela quantia de 150:000\$ e para elle transferio a Academia em 19 de Fevereiro de 1849.

O edificio, que se compõe de dous andares e pavimento terreo, tinha a frente para o largo da Prainha e os fundos para a ladeira Felippe Nery; nelle está actualmente installado o Lyceu Litterario Portuguez.

Naquelle tempo o primeiro andar era occupado pelo salão da directoria e por salas de aulas e no segundo andar, do lado da rua da Prainha, estavam installados dous alojamentos, alem de dous outros do lado da ladeira, o refeitório, banheiro, cozinha, e no extremo do edificio, na parte que dá para a rua da Saude, um pequeno gabinete de physica.

Os alumnos approvados simplesmente não tinham quartel no edificio, privilegio concedido sómente aos approvados plenamente.

Por aviso de 22 de Fevereiro de 1854 foi mandado restituir á Companhia dos Guardas-Marinha e Aspirantes a Guarda-Marinha, a bandeira que noutro tempo havia sido concedida.

Durante muitos annos a Academia pouco dilatara os conhecimentos de sciencia nautica, procurando apenas preparar homens para dirigir a navegação, até que, pouco a pouco, successivos regulamentos foram augmentando as disciplinas, e assim, em 1 de

Maio de 1858 foi reorganizada a Academia com a denominação de Escola de Marinha, sendo então amplamente creado o estudo de materias indispensaveis á formação completa dos que se dedicavam á nobre profissão da marinha.

Nessa reforma estabeleceu-se a viagem de instrucção e a criação de collegios navaes, tendo por fim preparar jovens para a Companhia de Aspirantes a Guarda-Marinha e determinou-se que ninguem poderia ter praça de aspirante com quartel fóra do Internato.

Em Junho de 1867 foi transferida a Escola para bordo da fragata *Constituição*, principiando a funcionar as aulas em 1 de Julho.

A fragata, que foi construida por ordem do Governo em Nova-York, em 1826, veio para o nosso porto com bandeira e guarnição norte-americanas, com o nome de *Amazonas*. Em 23 de Outubro do mesmo anno passou a denominar-se *Isabel* e a 13 de Maio de 1831 recebeu então o nome de *Constituição*. Media 177 pés de convés, 46 pés de boca maior e 15 pés de pontal. Conduzio esta fragata da Europa para o Brasil, sob o commando do Chefe de Divisão Theodoro Beaurepaire, a Imperatriz D. The-reza Christina.

No museu naval ainda existem as ricas bandeiras bordadas a ouro, em alto relevo, que foram içadas na carangueija e no mastro grande durante a viagem.

Em Março de 1883 foi transferida a Escola para a ilha das Enxadas.

Esta ilha está situada ao Norte da das Cobras e nella existio outr'ora uma grande pedreira, de onde se extrahio a pedra para a construcção da igreja do Carmo, por doação do Governador Ruy Vaz Pinto, em Janeiro de 1619. Posteriormente existira alli um predio pertencente a Felippe Antonio Barbosa, predio que foi tomado por ordem do Principe Regente em 1808, para servir de hospital da esquadra ingleza que acompanhara a Corte Portugueza. Para esse pequeno edificio foram nove annos depois transferidos os lazarus, afim de ser aquartellado no seu hospital, em S. Christovão, um dos batalhões da divisão Lecor.

A ilha teve a denominação de Vaz Pinto e depois de Enxadas por causa de uma barca que arribou a este porto, carregada

de instrumentos para lavoura, na sua maior parte enxadas, e que alli foram depositados e vendidos em leilão. Outros, porém, affirmam que essa denominação se deve á abundancia do peixe conhecido por enxadas.

Mais tarde servio de deposito de carvão de pedra, sendo então propriedade do Sr. Antonio Martins Lage, que vendeu a ilha ao Governo em 1869 pela quantia de 1.450:000\$000.

Entre os cidadãos notaveis que na Escola Naval figuraram, contam-se os Srs. José Maria da Silva Paranhos, depois Visconde do Rio Branco; Theophilo Benedicto Ottoni, que assentou praça de aspirante em 3 de Dezembro de 1827, foi promovido a guarda-marinha em 19 de Dezembro de 1828, tendo pedido demissão em 1830, já no posto de 2.º Tenente; Christiano Benedicto Ottoni, aspirante em 20 de Dezembro de 1828, guarda-marinha em 11 de Dezembro de 1829 e 2.º Tenente em 28 de Janeiro de 1834; Manoel Maria de Carvalho, hoje engenheiro civil; José Carlos de Carvalho, hoje Deputado Federal pelo Estado do Rio Grande do Sul; João Carlos Pereira Pinto, actualmente Consul Geral do Brasil em Liverpool e Junius Villeneuve, que, guarda-marinha a 17 de Setembro de 1825, servindo a bordo da fragata *Paula*, pediu demissão em Abril de 1827, já no posto de 2.º Tenente. Abandonando a carreira de marinha, adquirio o Sr. Villeneuve, de sociedade com A. Maugenal, em 1832, a propriedade do *Jornal do Commercio*.

A Escla teve dous brigues *Capeberibe*, que serviam para exercicios de navegação e manobras e que percorriam a nossa bahia com guardas-marinha e aspirantes.

Um era hiate e foi armado em brigue, servindo até 1861, em que teve baixa, e o outro, construido em Pernambuco, foi inutilizado por bala durante a revolta de Setembro, e mais dous patachos denominados *Aprendiz Marinheiro*. O primeiro era de construcção italiana e denominava-se antes *Adele Pastorino* e o outro construido no Arsenal de Marinha desta Capital.

Mais tarde foi dada baixa nestes navios pelas suas más condições, passando os exercicios a serem feitos em navios de guerra que ancoram nas immediações da Ilha das Enxadas.

Multiplas foram as reformas por que passou o curso da Escola Naval no sentido de proporcionar aos officiaes de marinha

o inteiro conhecimento de variadas sciencias, de fórma a tornar-se uma corporação respeitada não só pela illustração como pelo saber profissional. Ao valor, á coragem e ao civismo, que são innatos nos nossos bravos marinheiros, reunio-se um elevado gráo de cultura intellectual, que tanto nos honra e nos engrandece perante o mundo civilizado.

Em Janeiro de 1871 foi creado o Externato da Escola de Marinha, no Arsenal, que fazia depender a matricula no 1.º anno do curso da Escola de approvação obtida no novo curso, tanto em mathematicas como em geographia.

Em 22 de Abril daquelle anno foi alterado o regulamento da Escola, augmentando-se no curso o estudo de novas materias.

Supprimindo-se o Externato, foi creado o internato em 8 de Dezembro de 1876, com a denominação de Collegio Naval e a Escola de Marinha, sob a denominação de Escola Naval.

Por decreto de 17 de Março de 1899, reunio-se sob a denominação de Escola Naval a actual Escola a de Machinistas, continuando, porém, esta a funcionar no Arsenal de Marinha até Maio de 1902, em que na vigencia do regulamento de 2 de Maio de 1900, reunio-se de novo á primeira na Ilha das Enxadas, sob a direcção das mesmas autoridades, mas funcionando em externato. O regulamento de 31 de Janeiro de 1907 mandou aquartelar a Escola de Machinas, que ficou em tudo equiparada á Naval.

Tiveram os dignos officiaes da Marinha Nacional, além dos seus dias de glorias, os de grandes amarguras e de profundo pezar, que enlutaram a familia e a patria.

Em 31 de Dezembro de 1859, partio deste porto, sob o commando do capitão-tenente Bento José de Carvalho, a corveta *D. Isabel* em viagem de instrucção de guardas-marinha. Em 11 de Novembro do anno seguinte, ás 9 horas da noite, naufragou a bella corveta nas costas da Barbaria, a seis milhas ao sul do cabo Spartel, perto da bahia de Jeremias e de Tanger, perecendo neste terrivel desastre 123 pessoas da guarnição, entre as quaes o commandante, 21 officiaes e salvando-se apenas 88.

No numero dos mortos figuraram os guardas-marinha Isidro de Senna Madureira, José Lucio dos Santos Caldeira, José Maria dos Anjos Espozel, Manoel Gomes de Abreu Villar, Manoel Al-

ves de Abreu Sampaio, Frederico Carlos Ferreira da Cruz, José Joaquim Garcia Sobrinho, Antonio Luiz de Castro Barbosa, José de Araujo Góes e João Caetano da Silva Junior e dos salvos Guilherme Rodrigues Villares, Fernando Xavier de Castro, Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel, Francisco Soares de Andréa, Manoel Marques Mancebo e José Antonio Alvarim Costa.

As privações que soffreram os sobreviventes, arrojados a uma praia deserta, famintos, semi-nús e feridos, foram tristemente narradas com minudencias em uma carta dirigida a seu pai pelo 2.º Tenente José Marques Guimarães, que sobreviveu á horrenda catastrophe.

Geral foi a consternação nesta Capital pelo doloroso acontecimento que arrebatou tantas vidas preciosas e que privou a Patria de tão dignos e estudiosos jovens.

A 16 de Setembro de 1891, partio deste porto em viagem de instrucção com guardas-marinha o cruzador *Almirante Barroso*, sob o commando do então Capitão de Mar e Guerra Marques de Leão. O cruzador naufragou a 21 de Maio de 1893, na praia de Zeiti, no estreito de Dynbral, a 120 leguas do pharol de Suez, sendo toda a tripulação salva, com excepção de um machinista, pelo cruzador inglez *Delfin*, na tarde de 24.

O navio, que ficou completamente perdido, bateu em um banco de coral.

Na campanha do Paraguay, no glorioso feito da batalha do Riachuelo, onde se cobrio de virentes louros a nossa marinha de guerra, tomaram parte os Guardas-Marinha José Ignacio da Silva Coutinho, hoje Capitão de Corveta reformado; Manoel José Alves Barbosa, ha pouco fallecido no posto de contra-almirante; Affonso Henrique da Fonseca, já fallecido; o bravo José Guilherme Greenhalgh, morto no combate; Rodrigo Antonio Delamare, já fallecido; Antonio Augusto de Araujo Torreão, morto no combate; Aspirante Joaquim Cândido do Nascimento, já falecido; Manoel do Nascimento Castro e Silva, ferido gravemente e já fallecido; Francisco José de Lima Barros, morto no combate; José Gomensoro Vandenkolk, já fallecido; Francisco Eustachio da Costa Penha, fallecido, e Francisco de Paiva Bueno Brandão, hoje Almirante.

No glorioso feito da passagem do Humaytá tomaram parte os Guardas-Marinha André de Paulo Cirne Madeiro, Antonio Francisco Velho Junior, Alfredo Pereira de Araujo Neves, Horacio Belfort Duarte e Francisco Urbano da Silva Junior.

Na lutuosa e sanguinolenta revolta de 6 de Setembro e mais tarde no combate do Campo Osorio perderam a vida muitos briosos e valentes guardas-marinha e aspirantes.

No combate da Armação e neste porto, os Guardas-Marinha Trajano Galvão de Carvalho Bulhões e Arthur Copell Gaudino e os Aspirantes José Carlos Dias da Silva, Celso da Cunha Gonçalves, Pedro Cavalcante de Albuquerque, Manoel Clementino Carneiro da Cunha, Arnaldo Pinto Ribeiro Schiller, Fernando de Oliveira Figueiredo, Ernesto Alfredo Peixoto Jurema, Jonathan Rodrigues Loureiro Fraga e Sebastião de Saldanha da Gama.

Em Santa Catharina succumbiram os Aspirantes Pedro Lorena e Alvaro Monteiro da Motta e em Campo Osorio os Guardas-Marinha Alberto de Sá Peixoto, Arthur Torres, Antonio Candido de Carvalho e Aspirantes Durval Alves de Moraes e João Adrião Chaves.

Em memoria do glorioso Guarda-Marinha Greenhalgh, que, com desusado denodo, defendeu no Paraguay o pavilhão brasileiro, cahindo morto envolto entre as suas dobras, foi creado um premio, que consiste em uma medalha de ouro, para os alumnos que mais se distinguirem no curso da Escola.

Este premio foi instituido pelo Contra-Almirante Antonio Alves Camara, que á Escola prestou assignalados serviços, na qualidade de director.

Até hoje obtiveram essa honrosa distincção os Srs. José Francisco Martins Guimarães, hoje Capitão-Tenente; Alfredo de Andrade Dodsworth, Capitão Tenente; Paulo Pires de Sá, Capitão-Tenente; Justino de Campos Lomba, 1.º Tenente; Mario de Albuquerque Lima, 1.º Tenente; Francisco Pinheiro Chagas, 2.º Tenente; Sylvio de Noronha, 2.º Tenente, e José Garcia Pacheco de Aragão, 2.º Tenente.

Cursam actualmente a Escola Naval os seguintes academicos:

4.º anno — Guardas-Marinha João Duarte, Gilberto Huet de Bacellar, Mario Perry, Sylvio Weguelin de Abreu, Oscar Bar-

bosa Lima, Ildefonso Gouvêa de Castilho, José Frazão Milanez, Luiz de Areia Leão, Humberto de Areia Leão, Octavio Figueiredo de Medeiros, Roberto de Moraes Veiga, Francisco Pedro Rodrigues da Silva, Joaquim Terra da Costa, Napoleão Alexandre Muniz Freire, Oscar Eduardo Martins, Raul Ferreira Vianna Bandeira, Edgard de Mello, Agnello de Azevedo Mesquita, Raul de Santhiago Dantas, Christiano Maria de Figueiredo Aranha, Jeronymo Francisco Gonçalves Junior, Ramon Roubertie de Lima, Stilincon Muniz Freire, Carlos Frederico de Noronha, Luiz Garcia Barroso, Hugo Orosco, Paulo Leclerc Junior, Mario Mendes Borges, Alvaro Augusto Thomaz Gonçalves.

3.º anno — Aspirantes Alvaro Alberto da Motta e Silva, Luiz Claudio de Castilho, Alberto de Andrade Portugal, Antonio Guimarães, Antonio Juliano Ferreira Cantão, Mario de Azeredo Coutinho, João Paiva de Azevedo, Eugenio de Lacerda Jordão, José Valentim Dunham Filho, Juvenal Greenhalgh Ferreira Lima, Braz Pinheiro da Franca Velloso, Antão Alvares Barata, Hernani Fernandes de Souza, Sosthenes Barbosa, Francisco Barroso Magno, Armando Trompowsky de Almeida, Atilla Monteiro Aché, Arthur Pereira de Oliveira Durão, Plinio da Fonseca Mendonça Cabral, Salalino Coelho, Godofredo Rangel, Elyseu de Abreu Lima, Annibal Leite Ribeiro, Julio Cramer, Fernando Victor do Amaral Savaget, Eurico Parga Viveiros de Castro, Graciano Adolpho Monteiro de Barros, Pedro Augusto Bittencourt, Francisco de Sousa Paquet, Raul Lobato Ayres, Oscar Ribeiro de Carvalho, Eduardo Henrique Sisson, Eugenio da Costa Mattos, Americo Henninger, Nuno Octavio do Amaral Fontoura, Antonio de Santa Cruz Abreu, Belisario de Moura.

1.º anno — Aspirantes Paulo de Sá Castro Menezes, Cesar Maurity da Cunha Menezes, Renato de Almeida Guillobel, José Francisco de Paula Ramos, José de Brito Figueiredo, Heitor Galliez, Paulo de Souza Bandeira, Armando Pinto de Lima, José Joaquim Belfort Guimarães, Nelson de Noronha Carvalho, Abelardo de Lima Barros, Ernesto de Araujo, Augusto Pereira.

Alumno paisano — Antonio Rodrigues Teixeira.

Alumnos ouvintes — Alfredo Salomé da Silva, Armando Belfort Guimarães, Antonio Alves Camara Junior, Edmo Ferreira Gandara, Nelson Mége.

Curso de machinas — 3.º anno — Henrique Coutinho Marques, Mathias Bethencourt de Carvalho, José Cantarino Ramos, Cicero Bernardino dos Santos, Manoel Pinheiro Valle, Haroldo Duarte de Albuquerque Figueiredo, Paulo Fernandes Machado, Heitor Alves Trindade, Loé Gutierrez de Simas, Antonio Pedro Novaes de Abreu, José Marcos Romaguera Belfort.

2.º anno — Aspirantes Roberto Barreto Bruce, Armando de Carvalho Vargas, Mario da Cunha Godinho, Francisco de Assis Torres Gomes, Eduardo Torres Gomes, Henrique Augusto de Almeida Camillo, Guilherme Francisco da Motta, Benjamin Gonçalves da Costa, Heitor Plaisant, Alberto Leoncio Martins, Mario Trompowsky Livramento, Carlos Greenhagh de Oliveira, Newton Gomes Barroso, Luiz Guimarães Fernandes Pinheiro, Clidonor Borborema, Francisco Lucas Gomes Paulino, Gustavo Eugenio da Costa Ramos, Iracindo Carvalhaes Pinheiro, Jorge Travassos Wishart, Ary Parreiras, Henrique de Souza Cunha, Felicissimo da Gama Villa Nova Machado, Carlos Oscar Guimarães, Raul Augusto de Azambuja, Leonel Santa Cruz Aragão, Oldemar de Lemos, Raul de Mattos Costa, Benedicto Rangel Coutinho, Arnaldo Ferreira Gomes, João da Gama Bentes, Manoel Pinto Bittencourt, João Rodrigues da Costa, Armando Tavares Veras, Augusto Lopes Sampaio, José Cesario Vidal de Miranda, Fernando Muniz Freire, Ernani Lopes Vieira.

Alumnos paisanos — Hermes Pinheiro Fiuza e Ayres Ferreira Barroso Junior.

1.º anno — Luiz Carneiro Monteiro, João de Oliveira Bastos, Jayme Higgins, Octavio da Cunha Bastos, Armando Saint Brisson Cardoso Pereira, Heitor Varady, Alexis Cardoso de Carvalho Rocha, Christiano Gomes da Silva, Sylvio Pellico Vianna, Camillo de Andrade Netto, Manoel Gonçalves de Campos, Victor de Carvalho e Silva, Oldemar Silveira, Carlos de Faria Veiga, Orlando de Souza Martins Ferreira, Osmundo Monte de Aniquim, Dinorah Candido de Assis, Manoel Pereira Reis Netto, Alcibiades Dionysio dos Anjos, Cesar Gonçalves, José Machado Mendonça.

Alumnos ouvintes — Eugenio Pinto de Oliveira, Jorge Paes Leme, Altamir Accioli de Vasconcellos, Arlindo Maurity da

Cunha Menezes, Decodoro Neiva de Figueiredo, Epaminondas Gomes dos Santos e Antonio Peixoto de Azevedo.

O primeiro commandante da companhia de Guardas-Marinha e director fiscal da Real Academia no Brasil, de 5 de Maio de 1808 a 3 de Janeiro de 1809, e de 2 de Dezembro do mesmo anno a 23 de Dezembro de 1817, foi o Chefe de Divisão José Maria Dantas Pereira.

Desde então têm sido Commandantes ou Directores da Escola Naval os Srs.: Capitão de Mar e Guerra Francisco Maria Telles, Capitão de Mar e Guerra (lente) José de Souza Corrêa, Chefe de Divisão Luiz da Cunha Moreira, Capitão de Mar e Guerra José Pereira Pinto, Capitão de Mar e Guerra Pedro da Cunha, Chefe de Divisão Jacintho Roque de Senna Pereira, lente Francisco Miguel Pires, Tenente-Coronel José de Paiva e Silva, Chefe de Divisão João Henrique de Carvalho Mello, Chefe de Esquadra Conselheiro de Guerra Antonio Pedro de Carvalho, Capitão de Mar e Guerra graduado Francisco José de Mello, Chefe de Divisão Pedro Ferreira de Oliveira, Chefe de Esquadra Rodrigo Theodoro de Freitas, Chefe de Divisão Antonio Leonardo do Couto, Almirante Francisco Pereira Pinto, Barão de Ivinheima, Chefe de Divisão José Maria Wandenkolk, Barão de Araguay, Chefe de Divisão Raphael Mendes de Moraes e Valle, Contra-Almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim, Barão de Iguatemy, Chefe de Divisão Fortunato Fortes Vidal, Almirante Conselheiro de Guerra Elisiario José Barbosa, Contra-Almirante Manoel Carneiro da Rocha, Contra-Almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama, Contra Almirante Henrique Pinheiro Guedes, Capitão de Mar e Guerra Antonio Alves Camara (interino), Contra-Almirante Dionysio Manhães Barreto, João Justino de Proença, Julio Cesar de Noronha, Francisco Calheiros da Graça, Arthur Jaceguay, José Marques Guimarães, Duarte Huet Bacellar, Pinto Guedes, Carlos Frederico de Noronha e Joaquim Marques Baptista de Leão.

Grande tem sido o numero de viagens de instrucção para guardas-marinha e aspirantes desde a fundação da Escola Naval.

Entre os navios que desempenharam esta commissão estão: a corveta *Bertioga*, brigue-barca *Berenice*, brigues *Itamaracá* e

Maranhão, corvetas *Isabel* e *Januaria*, fragata *Constituição*, corvetas *Imperial Marinheiro*, *Nictheroy*, *Bahiana* e *Vital de Oliveira*, cruzadores *Amirante Barroso*, *Benjamin Constant*, etc.

A administração actual da Escola é a seguinte, além do Director: Commandante, Vice-Director, Capitão de Fragata Verissimo José da Costa; official superior, Capitão de Corveta Manoel Theodoro Machado Dutra; ajudante de ordens do Director, Capitão-Tenente, Hugo de Roure Mariz; Secretario da Escola, Capitão de Corveta Lucidio Augusto Pereira do Lago; 1.º official e bibliothecario, Capitão-Tenente honorario Antonio de Assis Figueiredo; 2.º official e archivista, 1.º Tenente honorario Amador Bueno de Andrade; immediato, Capitão de Corveta Eugenio Eloy de Andrade Camara; ajudante do corpo de alumnos, 1.º Tenente Aristides de Almeida Beltrão.

Officiaes instructores: Capitães-Tenentes Hermann Carlos Palmeira, de mathematicas; Olavo Luiz Vianna, de direito; Armando Ferreira, de escriptura e topographia; Rogerio Augusto de Siqueira, de artilharia; Ignacio Manoel de Azevedo Amaral, de navegação; Roberto de Barros, de aparelhos; Primeiros-Tenentes Ricardo Dias Vieira, de hydrographia; Armando Figueiredo, de torpedos; Mario de Albuquerque Lima, de navegação estimada; Galdino Pimentel Duarte, Capitães-Tenentes Ricardo Greenhalgh Barreto, de infantaria; machinista José Pinto da Motta Porto, 1.º Tenente machinista Henock Ramidoti.

Medicos: Capitães de Corveta Drs. Feliciano da Matta Baccellar, Saturnino de Carvalho e Albino Moreira da Costa Lima; Capitão-Tenente Dr. Luiz da França Marques de Faria.

Commissarios: Capitão de Corveta João Carlos dos Reis, 2.º Tenente Pedro Barbosa da Fonseca.

Preparadores: Capitão-Tenente João Augusto de Souza e Silva, preparador de oceanographia; 1.º Tenente Adolpho José de Carvalho Del-Vecchio, preparador de physica e electricidade; 2.º Tenente Affonso Machado, preparador de chimica.

Lentes da Escola: Agostinho Luiz da Gama, Manoel de Albuquerque Lima, João Nepomuceno Baptista, José Maria da

Fonseca Neves, João da Costa Pinto, João José Luiz Vianna, Augusto Belfort Roxo, Theophilo de Almeida, Pedro Cavalcante de Albuquerque, Adolpho José Del-Vecchio, Mario de Andrade Ramos, João Cordeiro da Graça, Eugenio Guimarães, Nelson de Vasconcellos e Almeida, Diogenes Lima e Silva, Carlos Haroldo de Abreu, Eugenio de Barros Gabaglia, Gregorio Mello e Cunha, Francisco Augusto de Paiva Bueno Brandão, Tito Barreto Galvão, Narciso do Prato Carvalho, José Figueiredo Costa, Augusto S. da Silva Diniz, José de Magalhães Castro, Balthazar Bernardino Baptista Pereira, Francisco Ferreira Braga, Carlos de Oliveira Sampaio, Tancredo de Moura e Marques Faria.

Professores: Miguel Hanhann, gymnastica, e Manoel Gonçalves Corrêa, esgrima.

O actual Commandante da Escola, Contra-Almirante Joaquim Marques Baptista de Leão, nasceu em 6 de Janeiro de 1847 e matriculou-se na Escola Naval em 1863; concluiu o curso em 1865, e sendo classificado n. 2 de sua turma foi embarcado a bordo do encouraçado *Barroso*, seguindo para a guerra do Paraguay.

Nesse navio, sob o commando do 1.º Tenente Silveira da Motta, passou Curupaty e Humaytá, tendo tomado parte em todos os bombardeios anteriores a essas passagens. Diante de Curuzú commandou a chata *Mercedes*, que armada de um canhão de 68, apoiava o flanco de um dos corpos do nosso Exercito. Ainda durante a guerra servio a bordo da corveta *Ypiranga*.

Durante a guerra conquistou os postos de 2.º tenente e 1.º tenente. De volta da guerra foi nomeado official da corveta *Nictheroy*, que, sob o commando de Jaceguay, fez uma viagem de instrucção com guardas-marinha no Atlantico Sul, passando por Santa Helena e Cabo da Boa Esperança.

No posto de 1.º tenente, e no de capitão-tenente foi immediato dos nossos melhores Commandantes e assim é que occupou esse cargo de confiança sob as ordens de Jaceguay, Tamborim, Piquet, Rollim, Joaquim José Pinto, Leal Ferreira e Custodio de Mello, sempre em viagens de instrucção com aspirantes e guardas-marinha.

Foi immediato: de Tamborim, na *Vital de Oliveira*, em viagens pela costa do Norte até ás Antilhas: de Piquet, na *Vital*

de Oliveira, fazendo diversas viagens de instrução com guardas-marinha pelas costas S. e N. do Brasil e desempenhando a comissão de sondagens de Pernambuco a S. Thomaz, para a collocação do cabo submarino; de Rollim, na *Nictheroy* e na *Bahiana*, em viagens de instrução pela costa do Brasil; de Joaquim José Pinto, na fragata *Amazonas* e na *Belmonte*; de Leal Ferreira, na *Guanabara*, em viagem de instrução pelo Atlantico N., passando pelas Antilhas, Estados Unidos e Europa; de Custodio de Mello, em viagens pela costa do Brasil na *Nictheroy*.

Como 1.º Tenente commandou a bombardeira *Pedro Afonso*, trazendo-a de Santa Catharina para o Rio de Janeiro; a canhoneira *Belmonte* na divisão naval do Rio da Prata, e a Escola de Aprendizes Marinheiros de Santos.

Como Capitão-Tenente foi durante muito tempo 2.º Commandante do Corpo de Imperiaes Marinheiros e commandou a Escola de Aprendizes Marinheiros do Rio de Janeiro e finalmente servio como immediato do cruzador *Barroso*, que, sob o commando de Custodio de Mello, partio deste porto em viagem de circumnavegação, levando a seu bordo o Principe D. Augusto. Foi promovido a Capitão de Fragata durante esta viagem e assumio o commando do navio em Bombaim por ter sido Mello promovido a Contra-Almirante.

De Bombaim o *Barroso* regressou ao Brasil pelo canal de Suez e Mediterraneo.

Aqui chegado, assumio o Commando da *Guanabara* e fez uma viagem ao Norte, de volta da qual foi nomeado novamente Commandante do *Barroso* e sahio em viagem de instrução de Guardas-Marinha, seguindo pelas Antilhas, Estados Unidos, Irlanda, Inglaterra, França, Portugal; passou o estreito de Gibraltar e percorreu o Mediterraneo, passando em Alger, Malta, Pirêo, Tarento, Spezzia e Toulon. Neste porto recebeu nova turma de Guardas-Marinha, tendo sido promovido a Capitão de Mar e Guerra; sahio mais uma vez para uma viagem de circumnavegação, devendo tocar na India, China e Japão e ahi aguardar a Embaixada Brasileira chefiada pelo Barão de Ladario, em missão especial no Oriente. Partindo de Toulon, tocou em varios portos do Mediterraneo, passou o canal de Suez e tendo o

navio sob o seu commando naufragado no mar Vermelho, recolhê-se ao Rio de Janeiro. Foi submettido a conselho de guerra e absolvido unanimemente.

Depois da revolução de 6 de Setembro foi nomeado commandante do Corpo de Marinheiros Nacionaes, afim de reorganizal-o. Exonerado do commando daquelle corpo, foi nomeado para exercer na Europa o commando de novos navios em construcção. Ahi commandou o novo cruzador *Amazonas* e o couraçado *Deodoro*. Regressou ao Brasil em fins de 1900 e em 1901 foi nomeado Capitão do Porto do Rio de Janeiro, lugar em que esteve até 12 de Dezembro de 1903, quando promovido a Contra-Almirante. Seguiu em principios de 1904 para commandar a divisão do Norte. Regressou ao Rio e exerceu o cargo de membro do Conselho Naval, após o qual commandou a divisão de couraçados. Nomeado director da Escola Naval em Junho de 1906, exerceu o cargo até Novembro, quando foi nomeado commandante da divisão de instrucção e inspector geral das Escolas Profissionaes. Em Março de 1907 foi nomeado novamente director da Escola Naval.

E' de toda a Marinha o official que conta maior numero de dias de mar, sendo que viajou muito pouco como simples official. Foi quasi sempre immediato ou commandante, e todas as gerações de officiaes de 1879 até 1892 o estimaram e o estimam pelo seu character bondoso, sabendo alliar aos rigores da disciplina o trato da sua educação. Assentou praça de aspirante em 25 de Fevereiro de 1863, promovido a guarda-marinha em 29 de Novembro de 1865, a 1.º tenente em 9 de Dezembro de 1879, a capitão de fragata em 8 de Janeiro de 1890, a capitão de mar e guerra em 20 de Abril de 1893 e a contra-almirante em 12 de Dezembro de 1903.

Todas as noticias da sua promoção as recebeu o Sr. Commandante Baptista Leão em viagem, fóra do nosso porto, com a excepção da de Contra-Almirante, que lhe foi conferida quando exercia o cargo de Capitão do Porto desta Capital.

O Commandante Baptista Leão possui as seguintes distincções honorificas: medalha de bronze da campanha do Paraguay, com passador n. 4, medalha de prata da passagem do Humaytá,

medalha de prata da Republica Argentina pela Campanha do Paraguay, medalha militar de ouro por mais de 30 annos de serviço, cavalleiro de Aviz, da Rosa, de Christo, do Cruzeiro e medalha de merito militar.

1908.

TREZE DE MAIO

A abolição da escravidão emergio rapidamente na historia patria e tanto mais prestes foi a sua incorporação nos fastos nacionaes gratissimos á nossa memoria, quanto os acontecimentos que se lhe seguiram logo, scindindo as tradições e creando regimen novo, fizeram evoluir o povo e o paiz para costumes e idéas em absoluto antagonismo com o que acabava de existir.

Até para os contemporaneos propugnadores do grande acto de 13 de Maio parece a gloriosa data um feito longinquo, uma ephemeride sempre assignalada nos annos que têm decorrido e vão decorrer. Se a sua lembrança, porém, é sempre vivaz para os que o acclamaram naquelles dias de enthusiasmo, de abnegados trabalhos e de puro devotamento á causa da patria e da liberdade, lemma da propaganda, para a nova geração que delle não foi testemunha, este dia inolvidavel é uma data historica, uma recordação confusa da vida infantil pelas festas a que foi chamada sob aquelle pallio de esperança de futuro melhor e mais gracioso.

Muitos livros se têm escripto sobre a abolição no Brasil para a instrucção da posteridade. Nacionaes e estrangeiros, actores das grandes scenas da propaganda, espectadores dos portentosos espectaculos civicos que ella dava sem descanso aos Brasileiros, chronistas cuidadosos de extrahir dos documentos escriptos do tempo a narração dos feitos que completaram a revolução nacional de 1888, têm vulgarizado nestes vinte e um annos os prolegomenos della; mas a obra inteira está por fazer pelo philosopho e pela critica justa que ha de pesar, medir, joeirar e apurar tão varios subsidios levados ao crysol da Historia.

Não é este artigo uma historia; são novos subsidios que trazemos a essa obra que outros realizarão, com a certeza que temos no que dizemos e com o talento que nos falta para bem dizer.

São reminiscencias pessoais, ecos distantes para todos, mas para nós ainda nitidos e sensíveis, saudade de entes amados que se foram para sempre do mundo e que neste dia tornamos a ver com o corpo e com a alma que os inspirava no mais ardente e no mais generoso movimento que os povos têm tido no caminho da sua civilização e das suas liberdades. É um contingente que levamos ao futuro historiador da abolição, contingente que tem o seu valor na sinceridade e na verdade.

A historia anecdotica não é a menos apreciavel e é, antes, a mais instructiva. Se as "memorias", outra fórma da Historia, fazem mover-se e viver personagens de outras éras perante os tempos novos, as narrativas anecdoticas marcam os caracteres, denunciam a vida, affirmam nos esforços e nas vicissitudes de cada dia de trabalho, a benemerencia, o genio e a parte individual dos promotores de uma revolução de que só os vindouros conhecem, sentem e gozam nos seus resultados.

Leiam estas linhas como reminiscencias do autor, a historia anecdotica de uma época de grande agitação e de grande civismo; recebam-n-as os leitores com a gratidão que devem ter por tantos Brasileiros benemeritos que expurgaram da nossa terra a macula que seculos de obscurantismo e de maldade haviam-lhe imposto e que ha vinte e um annos só não parecia indelevel aos homens da Propaganda abolicionista.

Não pretendemos nestas linhas, que outro intuito não têm senão o de commemorar a gloriosa lei, narrar com minucias a patriótica e altruistica historia da propaganda da abolição da escravatura nesta Capital.

Queremos aqui consignar alguns factos que haviam sido registrados no nosso livro de notas e que, dando-os á publicidade, servirão de subsidio para quem um dia tiver de escrever sobre a lei mais generosa, mais humanitaria e civilizadora que o Brasil ha promulgado.

Relembrar os heróes dessa grande campanha, dos quaes os mais denodados vencedores dormem no silencio dos tumulos, vivendo, porém, perenne e gratamente no coração dos descendentes dessa raça subjugada durante seculos pela ambição e pela injustiça dos homens, é dever patriótico, é uma justa e abençoada re-

compensa á memoria saudosa e imperecivel desses grandes batalhadores do Bem.

A matricula official encerrada a 30 de Março de 1888 dava ao Brasil a existencia de 723.419 escravizados, assim classificados segundo o sexo:

Do sexo masculino.....	384.615
Do sexo feminino.....	338.804
Total.	723.419

Segundo categorias de idade, distribuam-se do modo seguinte os mesmos escravos:

Menores de 30 annos.....	336.174
Maiores de 30 a 40 annos.....	195.726
Maiores de 40 a 50 annos.....	122.097
Maiores de 50 a 55 annos.....	40.600
Maiores de 55 a 60 annos.....	28.822
Total.....	723.419

Como é sabido, estatuiu a lei de 28 de Setembro de 1885 que por occasião da matricula, declarasse cada proprietario o valor dos escravos dados ao rol, fixando a lei, segundo categorias de idade, o valor maximo que poderia ser declarado, e do qual teria de deduzir-se, por anno, porcentagem prestabelecida. O valor declarado por esta fórma foi o seguinte:

Minas Geraes.....	129.316:288\$000
Rio de Janeiro.....	105.896:250\$500
S. Paulo.....	73.557:811\$000
Bahia.....	52.054:767\$000
Pernambuco.....	27.619:235\$500
Maranhão.....	22.499:874\$000
Sergipe.....	11.279:860\$000
Alagôas.....	10.039:004\$500
Espirito Santo.....	9.061:922\$000
Pará.....	6.825:538\$500
Piauhy.....	6.331:973\$929

Parahyba.....	6.259:230\$000
Rio Grande do Sul.....	5.947:363\$605
Município Neutro.....	4.974:289\$000
Goyaz.....	3.386:997\$000
Santa Catharina.....	3.379:200\$000
Paraná.....	2.465:200\$000
Rio Grande do Norte.....	2.134:987\$000
Matto Grosso.....	2.177:757\$000
Ceará.....	77:175\$000
Total.....	485.225:212\$534

Na fórma da interpretação dada ao modo de contar a deducção, acha-se reduzido a 5% o valor total acima declarado.

Referindo-se os ditos algarismos á data do encerramento da matricula, ou 30 de Março de 1887, é claro que desde então deve ter sido consideravel a reduccção effectuada pelos tres factores da emancipação: alforria, idade e obito. E' impossivel determinar, ainda mesmo de modo approximado, qual o algarismo resultante da reduccção.

Qualquer estatística, além de ficar necessariamente, em razão do tempo, áquem dos fastos registrados, seria ainda deficiente pela falta de averbação, para as quaes concediam os regulamentos o prazo de seis mezes. A' vista, porém, da celeridade com que se operou a emancipação na provincia de S. Paulo e em outras, ou em todas, ha razão para affirmar que a população escrava do Brasil não excedia de 600.000 almas.

Era assim determinado oficialmente o coefferente dos escravizados no Brasil, quando era intensa, pertinaz e activa a propaganda contra a escravidão, dirigida já annos antes com notavel tenacidade e talento por José do Patrocinio, Ferreira de Menezes, Joaquim Serra, Gusmão Lobo, André Rebouças, Joaquim Nabuco, João Clapp, poderosamente secundados pela Confederação Abolicionista, quer peia imprensa, quer por meio de conferencias publicas.

Vastos, largos e persistentes, eram os meios empregados pela Confederação para arrebatam do captivo os famintos da liber-

dade, do direito e da justiça, calando profundamente a benemerita propaganda dia a dia no coração generoso do povo fluminense.

Nos primeiros dias do mez de Maio de 1883 reuniram-se na sala da frente do antigo Hotel Bragança, na praça da Constituição, José do Patrocínio, João Clapp e o Tenente do Exército Manoel Joaquim Pereira e accordaram em estabelecer um plano proveitoso para continuar-se na propaganda da idéa abolicionista, empregando os meios já iniciados e postos em execução na então provincia do Ceará e que tão victoriosos resultados deram á nobre e humanitaria causa dos escravizados.

A unificação das diversas associações libertadoras, formando um centro disciplinado e forte, foi então assentada, constituindo-se a *Confederação Abolicionista*, installada em 12 de Maio do referido anno em sessão solemne realizada na sala da redacção da *Gazeta da Tarde*, com o concurso de doze associações abolicionistas e emancipadoras.

Em sessão de assembléa geral foi então resolvida a apresentação de um manifesto ao Parlamento Brasileiro. Em 26 de Agosto, pois, em sessão solemne realizada no theatro de Pedro II, concorrida por milhares de pessoas de todas as classes sociaes, entre as quaes notavam-se os Senadores Jaguaribe, Silveira da Motta e os Deputados Severino Ribeiro, Bulhões Jardim, José Marianno, Antonio Pinto de Mendonça e Aristides Espindola, foi lido e approvedo o seguinte manifesto, redigido por José do Patrocínio e Dr. André Rebouças:

“Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira.

Resurgimento de uma aspiração coetanea do nosso primeiro ideal de patria, a propaganda abolicionista não é uma aspiração anarchica de sentimento nem exigencia inopportuna de conclusões philosophicas, mas a representante idonea do direito no fôro dos nossos tratados e primitivas leis parlamentares.

A historia foi o juiz severo que lhe entregou o mandado com que ella hoje intima suppostos proprietarios a sahirem de uma posse criminosa, tal como a da liberdade humana, meio necessario para que possam agir efficazmente as tres leis naturaes de progresso social — concurso, mutualidade e solidariedade.

Filha legitima da lei, a propaganda abolicionista tem o direito de transpor os humbraes do Parlamento e, dentro dos limites constitucionaes, pedir que os delegados do povo a ouçam.

O estuario da escravidão entre nós teve duas vertentes: a espoliação da liberdade dos Incolas, por um lado; a espoliação da liberdade dos Africanos, por outro.

As duas torrentes de lagrimas e abjecções, de interesses oppressores e de martyrios não vingados, tiveram dous leitos differentes, ainda que entre si se abraçassem, lembrando-se da origem commum — a retrogradação social operada pelas descobertas. Uma se espraizou ao norte, outra inundou o sul.

Desde, porém, que resuscitou a escravidão, já condemnada pela civilização humana, os protestos appareceram.

O poder dos poderes, aquelle que ainda hoje se proclama proveniente de uma investidura sobrenatural — o Papado — fulminou essa volta barbara ao paganismo, desmentido sanguinario de uma religião de amor e fraternidade universal.

Não se diga que esta sentença só tem valor no fôro moral.

O Papado exercia então as funcções de supremo arbitro politico, principalmente para a Peninsula Iberica, a infeliz evocadora da escravidão. Tanto é isso verdade que foi elle chamado a dirimir a contenda de limites da patria adoptiva de Colombo e da patria de Pedralvares.

Portugal não reage pela força contra os decretos papaes; dissimula a vesania da cubiça no ardor religioso, e chama de conquista para a fé a violencia contra a humanidade. Não se propõe a escravizar, empenha-se em resgatar.

A detenção do indio e do escravo é apresentada como um noviciado religioso social.

Isto quer dizer que desde o seu inicio a escravidão moderna não foi propriedade legal, porque esta não foi autorizada nem legalizada pelo poder competente — o Papado.

Não obstante a fatalidade da civilização americana, confiada a duas nações pobres de população e além disso ainda quentes de uma cruzada tremenda em que haviam embotado em vingança obsecante os sentimentos altruistas, gerados pelo christianismo; essa fatalidade fez com que a escravidão se tornasse um facto e, o que é mais, obtivesse tolerancia universal.

Bastará essa sanção para legitimar a chamada propriedade escrava?

Não.

Primeiro, a liberdade natural do homem é um direito imprescriptível.

Segundo, a causa não era das que se findassem com a primeira sentença. A civilização appellou do facto brutal de mal comprehendidos interesses da industria para os direitos da humanidade e nunca deixou o feito correr á revelia.

A sua primeira victoria foi conseguida em favor dos indios brasileiros.

O seculo passado vio o braço diamantino do Marquez de Pombal levantar até á altura da humanidade os pobres filhos das florestas brasileiras, para os quaes se haviam convertido em grillhões seculares as capellas de flores da sua ingenua hospitalidade.

A propaganda em favor da emancipação africana começou com o mesmo estadista a ganhar a força que o poder religioso não conseguira dar-lhe.

O Marquez de Pombal fez sentir por lei que a escravidão dos Africanos era um recurso fatal da colonização da America, e não o exercicio de um direito. E, decretando a abolição do trafico para o territorio portuguez na Europa, a liberdade para os mestiços, a liberdade para os seus avós, bloqueou de tal fórma a escravidão, que ella em breve desapareceu dentro das terras européas do reino.

Da mão do vencedor dos jesuitas a bandeira da abolição do trafico passou para as da nacionalidade ingleza, que a devia converter em arrecife inevitavel em todos os mares.

Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira:

Não é sem constrangimento que recordamos á vossa memoria legislativa a historia dos tratados inglezes e luzo-brasileiros com relação ao trafico de Africanos.

Talvez nos nossos annaes patrios não haja outras paginas capazes de envergonhar-nos tanto na posteridade.

A fé punica incumbio-se de zelar pelo seu cumprimento, e dahi toda a serie de complicações que actualmente enredam a solução do problema do elemento servil.

Começaram em 1810 as transacções de Portugal com a Inglaterra, e desde então a alliança e amizade dos dous povos teve como base a abolição do commercio de escravos africanos.

A boa vontade da Inglaterra se manifesta nos subseqüentes tratados, já indemnizando perdas, já perdoando compromissos; por sua parte Portugal se obriga a abolir o trafico e a punil-o severamente, quando oriundo da parte da Africa ao norte do Equador.

A declaração da nossa independencia em 1822 interrompeu a marcha progressiva das negociações, que talvez tivessem como resultado a extincção completa do trafico em 1830, a julgar pelo que se fez de 1810 a 1817.

A Inglaterra aproveitou-se tanto quanto pôde das nossas difficuldades, para impôr-nos, como condição do reconhecimento da nossa independencia, um tratado abolindo o commercio de Africanos, e uma promessa de abolição total da escravidão.

Não é desconhecido do Parlamento brasileiro o trabalho inglorio do novo governo brasileiro para conseguir da Inglaterra separar ao menos as questões do reconhecimento da nossa independencia e da abolição do trafico.

Das instrucções dadas ao nosso representante junto ao Governo inglez, se vê que tomámos o solemne compromisso de celebrar com a Inglaterra um tratado de abolição do trafico, preço pelo qual aquella nação não só nos reconheceria independentes, como interporia seus bons officios para que Portugal se resignasse a consentir pacificamente na nossa separação.

O desempenho da nossa palavra foi a convenção de 23 de Novembro de 1826.

Tal foi a interpretação dada pela Camara dos Srs. Deputados, quando em 1827 foi submettida a debate essa convenção.

De feito, o governo estava autorizado pela Assembléa Constituinte a tratar com a Inglaterra ácerca do trafico, isto é, a nação medianeira quiz que se tornasse publico e solemne o compromisso do governo brasileiro.

Em Março de 1830, se houvesse da parte do Brasil lealdade no cumprimento da sua palavra de honra, devia ter cesado absolutamente o trafico.

Assim o entendeu o Ministro Manoel José de Souza França e por isso mesmo expedio a portaria de 21 de Maio de 1831, cujo teôr transcrevemos:

“Constando ao Governo de Sua Majestade Imperador que alguns negociantes, assim nacionaes como estrangeiros, especulam com deshonra da humanidade no vergonhoso contrabando de introduzir escravos da Costa da Africa nos portos do Brasil, *em respeito da extincção de semelhante commercio*: Manda a Regencia Provisoria em nome do Imperador, pela Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça, que a camara Municipal desta cidade faça expedir uma circular a todos os Juizes de Paz das freguezias do seu territorio, recommendando-lhes toda a vigilancia policial ao dito respeito: e que, no caso de serem introduzidos por contrabando alguns escravos novos no territorio de cada uma das ditas freguezias, procedam immediatamente ao respectivo corpo de delicto, e, constando por este que tal ou tal escravo boçal foi introduzido ahi por contrabando, façam delle sequestro e o remettam com o mesmo corpo de delicto ao Juiz Criminal do territorio, para elle proceder nos termos de Direito, em ordem a lhes ser restituída a sua liberdade e punidos os usurpadores della, segundo o art. 179 do novo Codigo, dando de tudo conta immediatamente á mesma Secretaria.”

O trafico estava, portanto, prohibido. O governo considerava a introduccção do africano, como escravo, crime de reduccção de pessoa livre á escravidão.

Neste sentido foram dirigidas pelo Ministro Souza França, de gloriosa memoria, circulares a todos os Juizes de Paz e Camaras Municipaes.

Quer dizer que a proclamação da extincção do trafico de Africanos, a decretação da liberdade delles, foi largamente divulgada e solemne. Nenhum habitante do Brasil podia allegar desconhecer a lei; ella fôra se hospedar nos mais longinquos desvãos do paiz.

Para se ver como era corrente esta jurisprudencia, basta ler as diversas reclamações levantadas no Parlamento, pedindo ao Governo que cumprisse a convenção de 1826.

A lei de 7 de Novembro de 1831 não foi mais do que a confirmação convencional. A abolição, contratada pelo Governo, passou a ser decretada pelo Parlamento. O desejo de tornal-a efectiva se vê no regulamento de 12 de Abril de 1832.

Os arts. 9.º e 10.º desse regulamento, o primeiro obrigando *ex-officio* os intendentes geraes de policia ou juizes de paz a procederem a averiguações, logo que lhes conste *que alguém comprou ou vendeu preto boçal*; o segundo, que os juizes de paz ou criminaes procedam oficialmente a todas as diligencias sempre que o preto *requerer* que veio para o Brasil depois da extincção do trafico, evidenciam o pensamento leal da Regencia.

Triumphara, portanto, na lei a propaganda abolicionista contra o trafico de Africanos.

As duas grandes vertentes do estuario da escravidão estavam niveladas.

Por um lado, o Marquez de Pombal, pela lei de 6 de Junho de 1755, libertára os Indios; por outro lado, a Regencia, pela lei de 7 de Novembro de 1831, abolira o trafico.

Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira:

E' impossivel contestar o principio de direito de imprescriptibilidade da liberdade natural.

Quando, porém, esta liberdade é decretada por lei ou por sentença, manda o direito a sua irrevogabilidade.

Semel pro libertate dictam sententiam retractari non oportet.

A primeira conclusão a tirar é que a escravidão do norte deixa presumir a perpetração em larga escala do crime de redução de pessoa livre a escravidão.

De feito, a mais leve noção de ethnologia deixa ver pela configuração craneana, pelo colorido da pelle, pela maciez dos cabellos, que a maioria dos chamados escravos do norte é descendente pura dos incolas brasileiros.

Será possivel que toda essa enorme população escrava, originaria do norte, seja o producto da procreação da mulher africana com os indigenas brasileiros?

E' sabido, e isto foi confessado pelos contemporaneos, que nos seculos XVII e XVIII a importação era sómente de homens. Às mulheres africanas eram importadas em diminuta escala.

No ultimo seculo principalmente, a industria se limitando á exploração de minas e á exportação do páo-Brasil e outras madeiras preciosas, o trabalho demandava principalmente o esforço do homem e não o da mulher.

Tudo nos leva, portanto, a crer que a mestiçagem da africana e indio se operou em pequena escala.

Entretanto, o ultimo relatório do Sr. Ministro da Agricultura apresenta nas provincias do norte o algarismo formidavel de 377.934 escravos.

Cumpra tambem observar que, se houvesse proporção razoavel entre a importação de homens e mulheres, o desenvolvimento da população escrava não podia de fórma alguma se manter nos limites actuaes, attendendo-se á larga introducção conhecida pelas estatisticas do trafico, geralmente aceitas.

O que se conclue, portanto, é que um legislador sincero e imparcial póde decretar immediatamente a abolição da escravidão do norte.

A escravidão de origem africana tem contra a sua legalidade os mais irresistiveis argumentos.

Governos e parlamentos se incumbiram de declarar que se violava a lei de 1831, isto é, que se praticava o crime de pirataria para engrossar a população escrava.

O projecto do Senado de 9 de Agosto de 1837 pedia a amnistia para os réos da lei de 7 de Novembro de 1831.

Diz o art. 13 desse malsinado projecto:

“Nenhuma acção poderá ser intentada em virtude da lei de 7 de Novembro de 1831, que fica revogada, e bem assim todas as outras em contrario.”

A Camara dos Deputados supprimio o artigo que aconselhava uma deslealdade no cumprimento da palavra nacional, hypothecada no acto do reconhecimento da sua independencia.

Não foi supprimida, porém, essa declaração formal de que havia quem estivesse incurso na penalidade da lei que se pretendia revogar.

Vieram depois as leis de 4 de Setembro de 1850 e 5 de Junho de 1854 tornar ainda mais clara a continuação do crime de pirataria. Essas leis crearam uma especie de magistratura aduaneira para a punição dos réos de contrabando humano.

Não pôde ser suspeito aos olhos do Parlamento, sob o ponto de vista abolicionista, o colleccionador Pereira Pinto, que apresenta a seguinte estatística da introdução criminosa de africanos:

1842.....	17.435
1843.....	19.095
1844.....	22.849
1845.....	19.453
1846.....	50.324
1847.....	56.172
1848.....	60.000
1849.....	54.000
1850.....	23.000
1851.....	3.287
1852.....	700
	<hr/>
	326.315

Vê-se, pois, que uma consideravel somma de Africanos foi importada, com o mais assombroso desrespeito e a mais ousada violencia da lei de 1831.

Cumpre-nos accrescentar uma observação de Euzebio de Queiroz:

“A Inglaterra vio que, tendo nos annos anteriores orçado por vinte mil o numero de Africanos annualmente importados no Brasil, esse numero, em vez de diminuir, augmentou, chegando em 1846 a 50.000, em 1847 a 56.000, em 1848 a 60.000!”

Tomando como base do calculo o numero de 20.000 Africanos annualmente importados, devemos augmentar a esse algarrismo a somma de 220.000 Africanos, pirateados de 1831 a 1842.

Deu-se este trafico? A demonstração é a portaria de Souza França.

O numero de Africanos importados criminosamente foi, portanto, de 546.315.

Este algarismo demonstra que a maior parte dos escravos existentes actualmente na zona comprehendida entre o rio São Francisco e o arroio Chuhi, é produzida pela pirataria impune, que elegeu o sul do imperio para o seu porto de descarga.

Comparando-se o algarismo 546.315 com o de 1.136.648 escravos, apresentado pelo ultimo relatorio do Ministerio da Agricultura, vê-se que a escravidão nas provincias do sul tem o cunho da mais revoltante illegalidade.

Para que se apprehenda melhor a verdade dessa affirmação, citaremos aqui as palavras de José Clemente Pereira, na sessão de 4 de Julho de 1827:

“Se vemos todos os dias com dor e magoa descerem muitas fazendas do estado prospero a que subiram ao gráo da mais deploravel decadencia, e vivendo em pouca fortuna os netos e muitas vezes os filhos de poderosos lavradores, este mal, Sr. Presidente, é devido ao desgraçado commercio de escravos, porque estes morrem todos os annos uns pelos outros, regularmente na razão de 5 por cento ao menos, e soffrem além disto mortandade extraordinaria na razão de 10, 15, 20 e mais por cento ao anno, resultando daqui, por um calculo fundado em experiencia, que todas as fazendas que não recebem novos braços na proporção de sua perda, hão de acabar indefectivelmente em muito poucos annos! E com braços tão precarios que estabelecimentos permanentes se podem esperar?”

Sendo tamanha a mortalidade e, demais disso, a facilidade do trafico até 1830 não prevenindo os proprietarios para que elles tratassem de desenvolver a producção humana, importando mulheres, é claro que a população escrava teria diminuido consideravelmente se não tivesse o concurso do contrabando.

Diante destas palavras, é de facil intuição que, só depois de ameaçado o trafico, se procurou augmentar a escravidão creoula, que é, portanto, filha de mulheres africanas pirateadas.

A conclusão, que a fatalidade dos algarismos e os ensinamentos ethnologicos impõem, é que a escravidão actual não tem uma origem genuinamente legal.

Ora, é principio juridico que a prova incumbe aos que são contra a liberdade, porque a seu favor está a presumpção plenissima do direito.

Este principio, que é tradicional em jurisprudencia, obriga o poder publico, representado na magistratura, a inclinar-se em favor do escravo.

Juiz neste pleito de honra nacional e desaffronta da humanidade, não se pôde pensar que o Parlamento brasileiro hesite em pronunciar a sua sentença.

Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira:

A lei fundamental do nosso paiz garantio na sua maior amplitude a propriedade e nenhuma mais absoluta do que a liberdade natural de cada homem.

Desde que a propriedade escrava está eivada da mais flagrante illegalidade, e que, em direito, a duvida da authenticidade da posse favorece a liberdade, é claro que vós não podeis, sem que vos desautoreis perante a civilização e a justiça universal, difficultal-a.

Uma consideração valiosa vem aqui a pello.

A Constituição brasileira não falla em escravos, mas unicamente em libertos.

Ora, o espirito emancipador que presidio á nossa independencia é incontestavel.

A revolução de 1817, em Pernambuco, foi coagida a definir-se sobre este ponto. A metropole explorou os interesses dos proprietarios de escravos em seu favor, apontando como radicalmente abolicionista o novo governo.

A Republica, em vez de repellir com esforço a accusação, responde pelo seu secretario: que o seu *governo agradece uma suspeita que o honra...* e se é verdade que afiança não querer uma emancipação prepostera, é igualmente verdade que a promette gradual e prudente, por ser a propriedade escrava uma das mais oppugnantes á justiça.

No trabalho genesiaco da nossa nacionalidade sente-se viver a cellula da emancipação.

A carta de lei de 20 de Outubro de 1823, expedida pelo Imperador por decreto da Assembléa Constituinte, estabelece no seu art. 24, § 10, como obrigação do presidente de provincia: "cuidar em promover o bom tratamento dos escravos e propôr arbitrios para facilitar *a sua lenta e gradual emancipação.*"

Este artigo de lei não é senão um resultado do artigo 254, do titulo XIII do primitivo projecto de Constituição: "Terá igualmente cuidado de crear estabelecimentos para a catechese e civilização dos Indios, emancipação lenta dos Negros e a sua educação religiosa e industrial."

E' verdade que a dissolução da Constituinte pôde ser considerada á primeira vista como a condemnação das suas idéas; e mais leve exame, porém, deixa ver que ella foi sómente resultado de uma questão da supremacia entre as prerogativas reaes e populares.

E, ainda mesmo que assim fosse, todas as idéas liberaes podiam ser condemnadas, excepto as que diziam respeito á emancipação, porque ali estava a Inglaterra, chave da abobada da independencia, para não admittir a retrogradação.

A logica manda mesmo ver na constituição em si o decreto de emancipação geral, porque de um lado ella só estabelece como condição para nacionalidade o nascimento em terras brasileiras; por outro lado extingue todas as penas e castigos, que se julgam necessarios para submeter o homem á escravidão. Se no meio desses dous estatutos se restringe a liberdade de voto aos libertos, esta restricção é feita pela posição de inferioridade mental e não pela condição, visto como ella se estende tambem a classes originariamente livres.

Essa restricção mesma deve ser considerada como uma confirmação da emancipação, pois que por ella entrava na sociedade uma massa enorme de cidadãos que poderiam, reclamando os seus direitos, servir de arma a ambiciosos politicos.

Ha algum fundamento para esse modo de ver, considerando-o á luz dos acontecimentos contemporaneos.

Quanto á emancipação total, não; porque se tratava ao mesmo tempo da abolição do trafico e o governo procurava obter condescendencias para continual-o; mas o que fica fóra de duvida é que a suppressão da palavra — escravo — em toda a Constituição não foi um lapso de memoria, mas um recurso premeditado para captar as sympathias do Governo inglez.

As difficuldades oppostas pela Inglaterra ao reconhecimento da nossa independencia, deviam ter augmentado com o acto des-

potico da dissolução da Constituinte, acto que produziu um abalo immenso no paiz e que teve como resultado uma revolução.

Na simples omissão da palavra — escravo — estava o penhor da nossa boa vontade emancipadora. A omissão foi, pois, proposital e consciente.

O finado Perdigão Malheiros, de saudosissima memoria, diz na sua obra — *A Escravidão no Brasil*:

“Declarada a independencia e continuando o trafico, contra as convenções referidas, o Governo inglez, que havia tomado a peito levar a cabo empreza tão gigantesca, qual a da abolição desse infame commercio no mundo, entrou em ajustes com o nascente Imperio, *desejando* mesmo a abolição da propria escravidão.”

O officio com que o Marquez de Queluz acompanhou a remessa da Convenção de 26 de Maio de 1827 á Camara dos Deputados, em 22 de Maio de 1827, é de uma importancia transcendente e faz entrever a série de compromissos tomados pelo Governo brasileiro, compromissos a que o Governo faltou, embora apregõe sempre a sua lealdade.

Diz o Marquez de Queluz:

“Logo que o Plenipotenciario britannico apresentou o seu projecto para a dita convenção, os Plenipotenciarios brasileiros lhe observaram que naviam mudado muito as circumstancias depois da época de 18 de Outubro de 1825, em que fôra assignada a convenção feita com Sir Charles Stuart, e que não foi ratificada por sua Majestade Britannica, pois que não estava reunida então a assembléa, e o governo podia attender aos interesses geraes da nação; e consequentemente achava-se agora o mesmo governo embaraçado de concluir ajuste algum a este respeito, visto que na Camara dos Deputados já havia apparecido um projecto de lei, em que se propunha a abolição do trafico dentro em seis annos; convindo por isso esperar pela proxima reunião da assembléa para proceder o governo com toda a circumspecção em um negocio de importancia vital para a nação.

“O Plenipotenciario britannico respondeu que elle pensava que Sua Majestade o Imperador não havia mudado dos seus sentimentos de justiça e humanidade, que tantas vezes manifestára sobre a *abolição da escravatura*, que não fôra mandado pela sua côrte para alongar, mas sim para abreviar o prazo, e que, além

disto, achando-se já prohibido o trafico de escravos ao norte do Equador, Sua Majestade Britannica querendo mostrar toda a contemplação para com os interesses deste imperio, que desejava promover, não quiz, depois do acto de sua independencia, requerer ao Governo portuguez o cumprimento dos tratados existentes com a Inglaterra, pelos quaes o mencionado trafico é geralmente prohibido ás nações estrangeiras. Que sem isto, talvez dentro em seis mezes o Brasil não tivesse porto algum onde fizesse aquelle trafico, a não ser por contrabando. Que a resistencia da parte do Governo brasileiro seria completamente inutil, porque asentado, como está, entre todas as nações cultas acabar com esse trafico geralmente, e tendo El-Rei fidelissimo promettido fazel-o tambem gradualmente, promessa que não se cumprio de maneira alguma o Governo britannico ou faria que Portugal fechasse os portos africanos ao commercio brasileiro de escravatura ou embaraçaria com suas esquadras o accessõ aos navios brasileiros que para elles se dirigissem.

“Dest’arte o Governo *attentou pelo bem da nação, cedendo por bem o que lhe seria tirado pela força*, poupando até as perdas que teria em caso contrario.

Dessas palavras francas, escapadas á verdade dos acontecimentos por quem muito os conhecia e era nelles grande parte, vê-se que o Governo brasileiro se compromettera a mais do que a extinguir o trafico: — a abolir a escravidão.

Como desempenhou elle o compromisso?

O Parlamento brasileiro sabe que uma grande reacção se operou no paiz, perturbando-lhe a constituição democratica e substituindo-a por uma tellocracia, que subjugou todas as forças vivas da nação.

Uma época de agitações que irrompiam em curtos periodos, se estendeu durante vinte e quatro annos, revolvendo o paiz no sul, norte e centro.

Para domar a insubordinação altiva das provincias, o Governo só podia dispôr de um meio: o proprietario de escravos, o fazendeiro que estava na sua immediata convivencia por intermedio do Parlamento, organizado por leis viciosas de eleição.

Em vez de tratar de cumprir os seus compromissos, vimos o Governo brasileiro não só archivar leis diffamatorias dos nossos

sentimentos de humanidade, como a de 1835, mas ainda vangloriar-se de ter subditos capazes de competir com os antigos Lacedemonios na astucia e com os Argelinos nas petulancias da pirataria.

Ainda mais, quando a imprensa da época denunciava não só os navios, mas os traficantes, escrevendo-lhes por extenso os nomes, assignalando-lhes os depositos, o governo brasileiro tem desembaraço bastante para negar todos esses factos, e amnistiar assim os criminosos. (*)

O Sr. Paulino José Soares de Souza, depois Visconde do Uruguay, não trepida em escrever ao Governo Inglez, contra o qual protesta:

“O abaixo assignado não desconhece que o trafico tem continuado com mais ou menos força, segundo as maiores ou menores alternativas de lucros que offerece em diversas épocas; mas por certo que não tem chegado ao ponto, figurado pelo Sr. Hamilton, de conduzirem-se pelas ruas desta Capital em dia claro, á vista de todos, negros boçaes, de haverem depositos onde sejam expostos á venda publica. O Governo Imperial não tem conhecimento de taes factos, e muito melhor fôra que a pessoa que deu taes informações ao Sr. Hamilton as houvesse tambem communicado ao Governo, que tem á sua disposição os meios convenientes para averiguar e reprimir, se forem verdadeiros, e de convencer de falsas taes noticias quando o sejam. O abaixo assignado duvida de que o numero de Africanos illicitamente importados suba tanto quanto pretende o Sr. Hamilton, e uma prova da exaggeração do seu calculo é o preço extraordinario, e sempre crescente, dos escravos nesta provincia.”

(*) Lê-se no *Philanthropo e Grito Nacional*:

“Ha em Nitherohy os seguintes depositos de Africanos livres, que se vendem como escravos, contra a lei de 7 de Novembro de 1831:

No fim do Campo de S. Bento, em casa do fallecido José de Souza Franca, pertencente a Clemente & Andrade.

Na Jurujuba, em casa de Jorge.

No Icarahy, em casa da viuva Salgueiro.

Na chacara de Sant'Anna, casa de Manoel José Cardoso.

Na subida de Sant'Anna.

Na praia de Muruhy, em casa de Mendonça & C.

No principio da rua Nova, em casa de Leal.

No morro do Cavallão, em casa de Machado.

Na Ponta da Arêa, em casa de Francisco Xavier Baptista.

Na Corte, eram conhecidos como principaes traficantes: Manoel Pinto da Fonseca, Joaquim Pinto da Fonseca, José Bernardino de Sá, Rivarosa, Antonio Pinto da Costa Saraiva, Amaral & Bastos, Manoel Ferreira Gomes, Ramos, *maneta*.

Entretanto, na sessão de 5 de Junho de 1852, o Sr. Paulino de Souza declarava que era verdade que todos os ministros, todos os governos tinham tido mais ou menos relações com os agentes do commercio de escravos. O Governo, porém, escudou-se num falso pundonor nacional para satisfazer aos interesses de uma politica sem horizontes além do eito da fazenda.

A verdade é que se fazia o trafico escandalosamente, porque a lavoura brasileira o queria, e o Governo entre nós é exclusivamente a somma das vontades da lavoura.

Assim pensou Nunes Machado quando, pintando o estado do paiz no problema da repressão do trafico, lastimando que se violasse a lei de 1831, que, executada, teria melhorado muito as condições de riqueza nacional, exclamou na sessão de 1.º de Setembro de 1848:

“Infelizmente, por uma dessas calamidades com que a Providencia se apraz de castigar os homens, o que prevaleceu foi aquelle desgraçado erro. Os agricultores, *considerando-se isoladamente*, cada um de per si, fascinados pelo receio de não poderem progredir em sua industria sem os braços africanos, cahiram no precipicio, e o paiz será para elle arrastado se a sabedoria dos poderes do Estado, se o bom senso da nação não tratarem de o evitar.”

Para ver qual a pressão, exercida pelas *conveniencias* nessa malfadada questão, basta dizer que Nunes Machado, que soube morrer pelas suas convicções, exclamou:

“Se pois não ha escravos no sentido que o Sr. Ministro disse... o mal é tamanho que, para tratar dos meios de remedial-o, nem se póde ter a liberdade de pensamento, a liberdade de discussão; o meu pensamento é outro, mas eu não sei como o hei de exprimir sem offender as *conveniencias*.”

E', finalmente, desolador para uma consciencia patriótica reler essas paginas, de onde surge como espectro a connivencia criminosa dos ministros com os contrabandistas da mercadoria humana.

Accusações cruzam-se de partido a partido, porque os ministros eram commensaes, parentes dos profissionaes da pirataria e haviam chegado mesmo a condecoral-os.

Em vão, desde 1852, começou um trabalho persistente de alguns representantes da nação para obter do Governo a emancipação gradual.

Ora os projectos não eram julgados objectos de deliberação, como aconteceu aos de Pedro Pereira da Silva Guimarães; ora eram sepultados nos archivos ou rejeitados, como os dos Senadores Jequitinhonha e Silveira da Motta.

Em vão, desde 1823, escriptores notaveis, poetas e jornalistas se esforçaram por fazer entrar no Parlamento a idéa da emancipação. Entretanto, no numero desses evangelizadores estavam José Bonifacio, o maior collaborador na obra da nossa nacionalidade, Tavares Bastos, uma das mais poderosas organizações intellectuaes da nossa patria.

De todos esses projectos, sahio a lei de 28 de Setembro de 1871, e vós bem sabeis, Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação, quanto sacrificio custou esse quinhão de gloria ao immortal Visconde do Rio Branco.

A lei de 28 de Setembro não existiria, se, do alto do throno, não viesse sustentar o braço do estadista a confiança patriotica de Sua Majestade o Imperador.

Ainda uma vez uma opposição de fazendeiros se quiz contrapôr aos compromissos solemnes da patria.

Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira:

A experiencia da lei de 28 de Setembro demonstra que nem mesmo hoje, quando somos na America a unica nação que possui escravos, quando a historia já cobrio de louros aquelles que trabalharam na extincção do trafico, ou de maldições aquelles que sustentaram a escravidão, se póde conseguir da parte dos possuidores de escravos boa fé e patriotismo.

Leis irrevogaveis, como são as de liberdade, accusam-n-os de um crime que a lei de 1831 chamou pirataria, que o Codigo Criminal chama redução de pessoa livre á escravidão.

No emtanto os réos, pronunciados pela propria flagrancia do delicto, se revoltam contra a propaganda abolicionista, que não é senão a honra nacional feita juiz, e ousam annunciar á venda homens livres.

Accusam de anarchica, de anti-patriotica, de criminosa, a palavra da justiça irrefutavel, a authenticidade do facto.

Tudo lhes foi concedido: o indulto do crime, decretado pelo facto, a exploração tranquillá de uma propriedade que não tem titulo legal que a defina.

Decretada a lei de 28 de Setembro, supremo favor, decreto da mais inexplicavel tolerancia, em vez de se mostrarem gratos, os possuidores de escravos tratam de falseal-a, commettendo os mais clamorosos crimes.

Nas cidades, arrancam-se as criancinhas recém-nascidas aos seios maternos, e faz-se do leite das mulheres reduzidas á escravidão o mais hediondo commercio, emquanto as criancinhas vão vagir a sua orphandade sem carinhos na roda dos hospícios, ou morrer de fome em casas que a baixo preço se encarregam do infanticidio sem vestigios.

Não obstante o aviso de 11 de Abril de 1846, que prohibio o aluguel da Africana para ama de leite, tem toda applicação á mãe escrava de hoje, porque a sua concepção e todas as funcções della derivadas já não são propriedade de terceiro.

As crianças que sobrevivem demonstram pelo seu organismo uma constituição fraca, completamente depauperada.

Depois são educadas como escravos, como escravos apregoadas em editaes e vendidas.

Na apresentação dos escravos para emancipações officiaes, preferem os escravos invalidos, aquelles que devem ser em breve recolhidos pelas casas de misericórdia.

Para defraudar o fisco, matriculam como de serviço rural escravos que vivem nas cidades ganhando alugueis enormes e aos quaes nem ao menos é dada uma insignificante parte do dinheiro ganho.

O commercio da prostituição da mulher escrava tem sido explorado na maior escala, como se póde demonstrar pelos annaes da policia desta Côrte.

Obsecados pela idéa de que lhes foge a presa, desenvolvem sentimentos os mais deshumanos.

E' assim que, não conseguindo mais ver na praça publica o pelourinho e a forca, elles applicam a lei de Lynch aos escravos que perpetram o crime de homicidio. Rasgam assim as leis que

instituíram o Jury e investiram o supremo magistrado da nação do direito de commutar as penas.

Quer isto dizer que os possuidores de escravos, criminosos de violação da lei de 1831, que não lhes admitte boa fé, não consentem no paiz nenhuma vontade que não seja a delles. Circumscreveram a nação aos seus interesses, a humanidade, a civilização, a justiça á sua avareza.

De modo que a lei de 28 de Setembro, longe de ter sido uma aurora de esperança para os miseros espoliados da liberdade, foi pelo contrario um decreto de exterminio de crianças, de prostituição de mulheres, de hecatombes de uma raça.

A' vista desta exposição tão succinta quanto exacta do elemento servil entre nós, julgamo-nos com o direito de pedir a extinção da escravidão.

A voz irrefutavel da estatistica vem em nosso auxilio.

Tomando como base do nosso calculo a população escrava da capital da nação, em que ha 40.000 escravos occupados em serviços domesticos, não é exagerado suppor que pelo menos um terço da população escrava está concorrendo nas cidades com o trabalho livre, em pura perda do progresso nacional.

Se a lavoura é que precisa de braços escravos, e se ella dispensa toda essa enorme somma de escravos existentes nas cidades, qual será o perigo de decretar logo a emancipação destes?

Nenhuma consideração de ordem economica ou politica se oppõe a que se tome essa medida, que é aliás um passo extraordinario no caminho da justiça.

Quanto á lavoura, é dever do Parlamento convencel-a de que, longe de cavar a sua ruina, a abolição da escravidão vem dar-lhe a maior pujança.

Dizia a lavoura que a extincção do trafico era a sua ruina, e no emtanto o algarismo da sua producção cresceu com aquelle facto, como provam os seguintes algarismos:

A exportação, que não excedera até o exercicio de 1849-50 de 57.926:000\$ (em 1847-48), elevou-se em 1850-51 a réis 67.788:000\$, e assim progressivamente, sendo a média por quinquennios a seguinte: 67.989:600\$ (de 1849-50 a 1853-54); de 100.514:000\$ (1854-55 a 1858-59); 121.978:800\$ (1859-60 a

1863-64); elevou-se a 141.000:000\$ no exercicio de 1864-65, e a de 157.016:485\$ no de 1865-66.

Os adversarios da abolição da escravidão oppõem, a este facto eloquente, a crise que tem abatido as provincias do norte. Dizem que a exportação do escravo é a sua origem.

Não ha objecção mais facil de ser removida.

A crise do norte tem a sua explicação no facto o mais natural de economia: a ruina de que sempre são ameaçados os povos que se entregam a uma producção exclusiva. Pernambuco e Parahyba se limitaram ao seu assucar; Ceará e Maranhão, ao norte, e Alagoas, ao sul, limitaram-se ao algodão.

Appareceu no mercado, por um lado, concorrendo com o assucar, a beterraba, que, preparada por melhores processos e mais baratos, attrahio o comprador; por outro, os Estados Unidos, produzindo algodão pelo trabalho livre, em proporções extraordinarias e por preço mais commodo, monopolizou por assim dizer o mercado.

Demais, á unidade temporaria no mercado, dando grande preço á producção, os nossos agricultores não se lembraram de garantir o futuro; pelo contrario, trataram de dissipar os lucros obtidos.

O escravo do norte foi exportado depois da crise: era elle, o desgraçado, a unica producção que restava.

O sul é a contra-prova. Apesar de ser o grande reservatorio da escravidão, vê-se a braços com uma crise não menos tremenda.

A causa é a mesma. A agricultura limitou-se ao café.

Nem os cereaes necessarios para a sua alimentação ella produz; prefere importal-os.

O apparecimento de concurrentes no mercado, trabalhando melhor o grão de ouro e com menor dispendio, trouxe á agricultura a baixa de que ella hoje se queixa e que não póde fazer cessar.

Não é, pois, claro que a crise do norte provenha da exportação do escravo.

O que é claro, o que está experimentalmente demonstrado, é que a escravidão, aferrando a lavoura á cultura extensiva e

impossibilitando a concorrência da intensiva, prepara para o paiz o mais desastrado futuro.

Por um lado não se póde crear um pessoal livre educado na lavoura; por outro se pretende conservar em funcção uma machina desorganizada, gastando uma a uma todas as suas peças, de modo que o resultado será extinguir-se a machina com a ultima peça.

A lei 28 de Setembro se propoz, auxiliada pela collaboração da morte, supprimir o trabalho escravo.

Como se effectua esta supressão? Lentamente, abrindo claros aqui e acolá, mas de modo que não obriga o lavrador actual a reformar o seu systema de trabalho.

A lei não vai tomar um municipio, uma zona, para transformar-a não só no systema de trabalho, como tambem no regimen da propriedade.

O que ella faz é tirar á lavoura os instrumentos julgados necessarios, deixando intactas a cultura extensiva e a grande propriedade.

Cada fazendeiro é privado de um, dous, ou tres trabalhadores, o que, não causando sensivel abalo á sua producção, não lhe chama a attenção para uma reforma de meios de produzir.

Este mal é de tamanha gravidade, que exige remedio o mais prompto e efficaz.

Emquanto subsistirem a escravidão e a grande propriedade, as populações do interior não se affeiçoarão ao trabalho agricola.

Desde que a paga não indemniza o trabalho, o trabalhador desaparece e a industria é abandonada.

Ora, é justamente o que acontece ao trabalho agricola.

O afastamento do mercado, a falta do consumidor, portanto, faz com que a producção diminua de valor. O transporte por si só absorve o lucro que o trabalhador poderia auferir. O resultado é que as populações preferem pedir á caça e á pesca os meios de vida que ellas só obtêm do sólo com grande esforço e sem lucro.

Os proprios fazendeiros têm articulado a queixa de que o café não compensa o trabalho, desde que elle tem de ser transportado de vinte leguas do litoral.

Não se considera, porém, a causa do phenomeno, e, entretanto, é da fazenda que vem o mal.

O fazendeiro monopoliza a vida do interior. Com a grande propriedade elle impede que a população se condense.

Obstando a criação de nucleos de população, elle afasta os mercados, e quanto mais afastado é o mercado tanto menor valor tem a producção agricola.

A lavoura pequena é, pois, incompativel com a escravidão e com a grande propriedade. O trabalhador rural livre não póde concorrer com o fazendeiro servido pelo escravo.

Entretanto, a lei de 28 de Setembro continúa na sua marcha contra a funcção, conservando o orgão fatal!

Qual o futuro que espera o paiz, collocada em taes circumstancias a industria agricola? E' evidente que ha de ser arrastado na ruina dos que exploram a grande propriedade e a escravidão.

A lei de 28 de Setembro, querendo substituir o trabalhador, não conseguirá senão cooperar com a escravidão e a grande propriedade para extinguir uma industria.

Para mais evidenciar o perigo, com que as duas fataes instituições nos ameaçam, tomemos como base do calculo as hypothecas ruraes do Banco do Brasil.

Este Banco tem emprestado á Provincia do Rio de Janeiro 13.741:909\$928 sobre 356 fazendas e 19.657 escravos.

A' Provincia de S. Paulo 10:220:617\$200 sobre 245 fazendas e 9.417 escravos.

A' Provincia de Minas Geraes 5.027:734\$740 sobre 5.229 escravos e 145 fazendas.

A' Provincia do Espirito Santo 214:206\$600 sobre 569 escravos e 12 fazendas.

O que se conclue é que uma população de 34.872 trabalhadores, em uma área de 758 fazendas, só tem o valor hypothecario de 29.204:468\$468.

Qualquer que seja o lado pelo qual encaremos este facto, elle enche de magua o observador imparcial.

Calculando ao trabalho de cada escravo um salario de 240\$ annuaes, temos que este salario representa o valor annual de 8.469:280\$, o que é o juro annual de 6 o/o do enorme capital de

141.154:666\$, valor detido em trabalho nas mãos dos devedores hypothecarios do Banco do Brasil.

Para se calcular o emprego desse capital, basta a cifra que elle obteve do Banco e demais disso acompanhado de uma área de 758 fazendas.

O depreciamento da terra e do trabalho não póde ter mais clara e mais evidente demonstração.

A grande propriedade e a escravidão se apresentam diante dos Algarismos em toda a sua tremenda estatura ameaçadora.

Por um lado, ellas afastam a população, matando o estímulo do trabalho; por outro lado, ellas não sabem utilizar o capital social representado pelos trabalhadores escravos; finalmente, ellas assentam o paiz numa economia ficticia, que o vai arruinando constitucionalmente, como incombativel molestia hereditaria.

Assim, pois, Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira:

Considerações de direito positivo, oriundo de leis como as de 1755 e 1831; considerações de ordem moral, como as que resultam do historico do nosso Parlamento e da lei de 28 de Setembro de 1871; considerações de economia politica, evidenciadas pelo depreciamento da terra e do trabalho, nos obrigam a insistir na urgencia da abolição da escravidão.

O bem da patria a exige, e não ha interesse maior que elle.

A extincção do trafico de Africanos foi entre nós realizada ao clarão dos morrões da esquadra ingleza, enquanto a nossa bandeira quedava enrolada em funeral, sob o tumulo daquelles que Bernardo de Vasconcellos chamou: — os operarios da nossa civilização.

O direito não se deixa esmagar, e desde que alguém tem delle consciencia não o abandona senão pela violencia.

O escravo tem sido o resignado secular; mas tres seculos de dôr são de mais para formar uma hora de desespero.

A lei de 28 de Setembro de 1871 enxertou a liberdade na arvore negra. O ingenuo é uma floração fanada ao nascer. Não obstante, ella sabe que ha um prazo fatal para o seu desabrochamento.

Terá o ingenuo a resignação necessaria para esperar esse prazo?

O que deve elle ao senhor de seus pais? Noções de moral? elle foi criado na senzala. Noções de bondade? negaram-lhe até o leite materno. Noções de civilização? elle é analphabeto. Noções de sociologia? elle encontra os seus progenitores no ceto, se-viciados, famintos, como recompensa de haverem formado o patrimonio de um povo.

A propria dignidade do genero humano o fará ter a sagrada impaciencia da posse de si mesmo.

Ainda uma vez se ha de operar a fatalidade das legislações de interesses de classe, mãi secular da anarchia.

A obra da civilização se ha de effectuar cégamente, se vós, Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira, não vos propuzerdes a encaminhal-a pela estrada larga da experiencia dos povos e do direito positivo.

José de Alencar, estudando a propriedade, historia a evolução do direito, acompanha-o do seu berço — a nação das aguias — até ao alto do Calvario. De lá desce pela torrente de dezoito seculos e quando chega a esse oceano enorme, que inundou o passado e deixou o sedimento para o nosso seculo, exclama:

“A revolução franceza consummou o que o christianismo iniciára, a redempção da humanidade. A religião começara reduzindo o homem interior, o *eu*, a consciencia. O direito acabára resgatando ao despotismo o homem externo, o *meu*, a personalidade. A guilhotina ha de ficar na posteridade como a cruz, instrumentos de supplicio ambos, transformados em symbolos veneraveis de um sublime sacrificio. Na primeira padeceu o homem-Deus pela sua creatura; na segunda o homem-Povo pela sua liberdade.

Ainda, é certo, o suor e o sangue da creatura, opprimida pela lei parricida, gottejam na terra que Deus formou para a existencia inviolavel e o trabalho livre.

Cada gotta, porém, que derrama é uma lagrima da humanidade e vai arrancar um grito á consciencia universal. Ha um remorso de povo, uma vergonha de nação. Sentem-n-a os paizes onde a escravidão e a pena de morte já não foram, além de abolidas, completamente extinctas na memoria publica.

Mas que importam estes sobejos de uma sociedade tranzida? A escravidão e a pena de morte já estão condemnadas pela scien-

cia e sem appello. Só falta que a legislação as arranque de seu código para inhumal-as nas miserias do passado. A redempção do homem, primeiro marco milliarío da humanidade, que caminha incessante para a perfeição, está consummada na razão universal, no mundo das idades.

Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira: — consummai-a na lei.

Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 1883. — Representantes do Club dos Libertos de Nictheroy, João F. Clapp, João Augusto de Pinho; representantes da *Gazeta da Tarde*, José do Patrocínio, João F. Serpa Junior; representantes da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, Dr. André Rebouças, Miguel A. Dias; representantes da Libertadora da Escola Militar, Tenente Manoel J. Pereira, Alferes P. Junqueira Nabuco, Dr. Luiz Valentim da Costa; representantes da Libertadora da Escola de Medicina, José Onofre M. Ribeiro, Medeiros Mallet, Amaro C. Rodrigues, P. Cintra; representantes da Caixa Libertadora José do Patrocínio, Capitão Emiliano Rosa de Senna, Domingos Gomes dos Santos, Abel da Trindade; representantes da Abolicionista Cearense, Leonel Nogueira Jaguaribe, Dr. João Paulo G. de Mattos, Adolpho Herberster Junior; representantes do Centro Abolicionista Ferreira de Menezes, Julio de Lemos, Procopio Lucio R. Russell, João F. Serpa Junior; representantes do Club Abolicionista Gutenberg, Alberto Victor G. da Fonseca, Evaristo Rodrigues da Costa, Luiz Pires; representantes do Club Tiradentes, Jeronymo Simões, Joaquim Gomes Braga e Ernesto Senna; representantes do Club Abolicionista dos Empregados do Commercio, Ataliba Clapp, João Bento Alves, Francisco Joaquim Braga; representantes da Caixa Abolicionista, Joaquim Nabuco, Jarbas F. das Chagas, José de A. Silva, Luiz Rodrigues da Silva; representante da Libertadora Pernambucana, Eugenio Bittencourt; representantes da Abolicionista Espirito Santense, Alferes Antonio Borges de Athayde Junior, Antonio Gomes Aguirre, Urbano Candido de Vasconcellos; representantes da Sociedade Libertadora Sul Rio Grandense, Bruno Gonçalves Chaves, João Pedro Machado, Francisco Octaviano Pereira.”

O manifesto produziu grande sensação, e calou tanto no espirito generoso do povo, que se multiplicaram logo as festas e be-

neficios em prol da concessão de cartas de liberdade aos infelizes espoliados da justiça e dos direitos do homem.

Delegados da Confederação nas provincias trabalhavam com desusado ardor, levando aos centros mais longinquos a idéa da abolição, destacando-se entre aquelles delegados, os Srs. Drs. José Agostinho dos Reis, no Pará; Aquino Fonseca, José Marianno e Bellarmino Carneiro, em Pernambuco; Cesar Zama e Antonio Spinola, na Bahia; Bruno Chaves, no Rio Grande do Sul, e Carlos de Lacerda, em Campos.

Patrocínio e Joaquim Nabuco, então na Europa, trabalharam com todo o talento e patriotismo em favor da humanitaria causa, mostrando aos governos estrangeiros os males que a escravidão trouxera ao Brasil e o modo por que os governos podiam compellir os seus compatriotas a não mais possuir escravos.

Joaquim Nabuco publicou, em Londres, seu notavel livro *O Abolicionismo*, apresentado ao Congresso de Milão, trabalho este que lhe deu o justo titulo de advogado dos direitos do homem escravizado, e José do Patrocínio, em Pariz, escreveu, em 24 horas, a memoria *L'Affranchissement du Ceará*, recebendo as mais vivas demonstrações de applausos de notaveis homens politicos e jornalistas de França.

A propaganda da abolição estava no seu auge de actividade. Os abolicionistas recorriam a todos os meios para burlar os senhores de escravos. Ora os subtrahiam de suas residencias, enviando-os para o interior, ora os fazendo embarcar ás occultas para as provincias, ou os internando nesta cidade, até poderem promover a sua liberdade juridica.

Entre muitas casas desta cidade em que a Confederação homisiava os escravos, contavam-se naquella época a do Sr. José de Seixas Magalhães, negociante portuguez, morador em uma grande chacara no Campo do *Leblon*, em Copacabana; a da familia do Capitão Emiliano da Rosa Senna; o deposito da padaria Guilherme Candido Pinheiro, na rua da Misericordia; a residencia particular do Coronel Francisco Borges de Almeida Côrte Real, á rua Conde de Bomfim; a de D. Luiza Regadas, no largo da Mãe do Bispo; a de Henrique de Araujo Lima, na rua Bella de S. João; a do Commendador José Roberto Sarmiento

e João Ferreira Serpa Junior, em S. Christovão; a de Ernesto Senna, na rua General Bruce; a do Dr. Cesar Marques, na rua Miguel de Frias; a de Miguel Dias, em Catumby; a de Evaristo Costa, na rua General Caldwell; a de D. Gabriella Caldeira, na rua Miguel de Frias, e muitas outras residencias particulares de conhecidos e fervorosos abolicionistas.

De S. Paulo, Luiz Gama, Dr. Antonio Bento, Gaspar da Silva, hoje Visconde de S. Boaventura e residente em Lisboa, Raul Pompéa e João China, em Guaratinguetá, e outros trabalhadores da nobre causa enviaram para esta Capital escravizados fugidos, avisando a Confederação por um telegramma assim concebido: "*Segue bagagem trem.*" Os escravizados eram prevenidos de que na estação Central se dirigissem ao cavalheiro que trouxesse á lapella do paletot uma *camelia branca*, dando-lhe a senha *Raul* e que, tendo como resposta *Serpa*, podia julgar-se garantido de todo o auxilio e protecção. Esta missão era quasi sempre desempenhada pelo Sr. João Ferreira Serpa Junior, que acompanhava o escravo para um dos asylos já acima referidos.

Aqui, a Confederação tratava de obter a sua liberdade ou enviava para a provincia do Ceará aos Srs. João Cordeiro, Dr. Frederico Borges, Justiniano Serpa, Pinto de Mendonça, João Lopes e outros delegados da Confederação naquella provincia, bem como ao Dr. José Mariano, em Pernambuco, e ao Comendador Augusto Marques, no Maranhão.

Os membros da Confederação procuravam embarcar os escravos furtivamente, usando para isso de artificios e ás vezes praticando verdadeiros actos de coragem e de ousadia, para illudir a vigilancia da policia, então chefiada pelo Desembargador Coelho Bastos, alcunhado o *Rapa côco*.

Quando a Confederação conseguia descobrir ou encontrar um escravo suppliciado por seus senhores, trazendo gargalheira, tronco ou ferido por espancamentos barbaros, expunha-o á contemplação do publico, percorrendo as ruas principaes da cidade, para assim impressionar a alma popular e augmentar o numero de adeptos.

Os membros da Confederação Abolicionista traziam sempre em seu poder cartas de liberdade, impressas com os seguintes dizeres: "Ave libertas! O abaixo assignado, possuidor do escla-

vizado de côr declara que concede plena e geral liberdade ao dito escravizado para que a gose como se de ventre livre nascesse em louvor á Confederação Abolicionista, pelo que passo o presente, que assigno. Rio de Janeiro, de de 188.... Como testemunhas

Quando encontravam um escravizado nas ruas, entregavam-lhe a carta, dando o nome de baptismo, a côr e assignando um nome fantastico como possuidor do mesmo, servindo como testemunhas desse acto.

Em seguida iam ao Juiz da 2ª Vara Civil, faziam a distribuição, que era quasi sempre dirigida para o cartorio do tabellião Bustamante Sá, velho e dedicado abolicionista, que depois de reconhecer as firmas das testemunhas registrava a carta, dando a cópia ao liberto, sendo logo inutilizado o original.

Desta fórma quando preso o liberto, este declarava que nunca tinha sido escravo da pessoa que se julgava seu senhor e sim de outro que lhe déra a liberdade na presença de testemunhas com firmas reconhecidas oficialmente.

Assim conseguiu a Confederação conceder grande numero de cartas de liberdade.

Por outro lado angariava donativos em festas publicas, nos theatros, solemnizando-as com a entrega das mesmas cartas.

Tinha a Confederação as mais vivas sympathias do então Juiz da 2ª Vara Civil, Dr. Julio Accioly de Brito, e de seu substituto, Dr. Pereira da Cunha, que aceitava com muito bom grado todos os requerimentos para deposito do peculio do escravo no Thesouro Nacional, afim de obter a respectiva carta de liberdade, cartas estas que eram sempre registradas nos tabelliães Pedro José de Castro, pelo seu filho Pedro Evangelista de Castro, hoje tabellião effectivo, Cunha Junior, Bustamante Sá e Cerqueira Lima.

Dessa trabalhosa missão era encarregado Domingos Gomes dos Santos, o *Radical*, que abnegadamente promovia os processos para a immediata liberdade dos depositantes.

Pela imprensa, representada principalmente na benemerita *Gazeta da Tarde*, fundada por Ferreira de Menezes, era viril a campanha em pról da abolição da escravatura, onde as pennas

adestradas de José do Patrocínio, Joaquim Serra, André Rebouças, Julio de Lemos, Hugo Leal, Adelino Fontoura, Gusmão Lobo, Joaquim Nabuco e outros davam combate de morte á secular, deshumana e anti-civilizadora instituição negreira.

A Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, composta de advogados, presidida por Joaquim Nabuco e secretariada pelo Engenheiro José Americo dos Santos, e todas as associações confederadas trabalhavam com raro denodo, realizando repetidas festas, publicando opusculos abolicionistas e assim conseguiram dentro de pouco tempo implantar no coração de nacionaes e estrangeiros o sentimento vivo, palpitante e sincero da igualdade e da fraternidade em pról da raça oprimida.

A' proporção que se fundava um *Club da Lavoura* surgia uma associação abolicionista.

Os abolicionistas não reconheciam escravos e sim escravizados, enquanto os emancipadores os reconheciam, fazendo pagar o valor dos mesmos aos seus possuidores, o que motivou por algum tempo certa divergencia entre os benemeritos Conselheiro Dr. Nicoláo Moreira e Dr. Vicente de Souza e outros dedicados batalhadores.

As conferencias abolicionistas tiveram como oradores, além do grande e saudoso José do Patrocínio, os Drs. Ubaldino do Amaral, Joaquim Nabuco, Vicente de Souza, Conselheiro Nicoláo Moreira, Campos da Paz, F. Turchi, Lopes Trovão, Senador Silveira da Motta, Dr. João Marques, Ennes de Souza, Alberto de Carvalho, Antonio Pinto de Mendonça e outros.

As festas libertadoras eram quasi sempre celebradas com o concurso intelligente dos brilhantes poetas Olavo Bilac, Luiz Murat, Arthur Azevedo, Lins de Albuquerque, Luiz Reis, Sylvestre de Lima, Mucio Teixeira, Fontoura Xavier, Adelino Fontoura, Luiz Delphino, Mello Moraes Filho, Luiz Nobrega, Leoncio Corrêa e tantos cultores da poesia nacional.

E' de justiça consignar os nomes da saudosa cantora brasileira Luiza Regadas, chamada o "Rouxinol da Abolição"; de D. Cacilda de Souza, de Corina Coaracy, da cantora lyrica Bulcihoff, que em uma festa realizada no theatro Lyrico concedeu, a expensas suas, 8 cartas de liberdade; das actrizes Massart, Suzanne Castera, Delsol, Rosa Villiot, Balbina Maia, Ismenia dos

Santos, Apollonia Pinto, Helena Cavallier, Delorme, Deolinda Amoedo, Theodorini, Gabi, Tessero, Manarezzi, Leonor Rivero, Isolina Monclar, Blanche Grau, Delmary e outras e dos actores Eugenio de Magalhães, Valle, Moreira de Vasconcellos, Joaquim Maia, Corrêa Vasques, Guilherme de Aguiar, Bernardo Lisboa, Colás, Castro, Guilherme da Silveira, Silva Pereira, Martins, Manoel Pery, M. Pinto, Dias Braga, Mattos, Machado, Peixoto, Xisto Bahia, Domingos Braga, os maestros Arthur Napoleão, Bassi, Carlos Gomes, Henrique de Mesquita, os professores Arthur Camillo, Frederico Mallio, Viriato, Villela, Francisco Carvalho, Cernichiaro, Martini, Duque Estrada Meyer, Pereira da Costa e tantos, tantos que generosamente se associaram á grande causa, concorrendo com a sua profissão artistica para o augmento do patrimonio destinado a arrancar do captivo os famintos de liberdade.

Em 25 de Março de 1884 foi executada, pela primeira vez, no festival abolicionista realizado no theatro Polytheama para solemnizar a liberdade da escravidão no Ceará, a "Marselheza dos Escravos", marcha executada por grande orchestra, composta e regida pelo seu autor, o benemerito da Confederação, Dr. Antonio Cardoso de Menezes e Souza, solemnidade esta em que o entusiasmo popular attingio ás raias de um delirio febril e communicativo.

Era já nessa época a idéa da abolição a aspiração da alma brasileira e da grande maioria dos estrangeiros que aqui encontraram sempre, como velha tradição, generosa hospitalidade e, o que é mais, os grandes e alevantados sentimentos de sincera fraternidade.

A 29 de Julho daquelle anno o *Jornal do Commercio* encimava o seu artigo de fundo com a phrase *Consummatum est!* em que com notavel espirito de observador via raiar em breve a aurora da liberdade e da igualdade de todos os Brasileiros.

O projecto do gabinete de 6 de Junho acabava de cair na Camara dos Deputados diante de uma moção de confiança e o *Jornal*, lamentando o facto, escreveu estas previdentes e propheticas ponderações:

"O voto da Camara foi um erro de que oxalá, não tenham de arrepender-se e nós todos de lamentar. O projecto do Go-

verno podia ser emendado, modificado, alternado ou ampliado, como quizessem; rejeital-o sem discutil-o significa não querer nada, e aqui o nada é impossivel já agora.

A torrente já se despenhou do monte; moderar-lhe, gyrrar-lhe o curso é de prudente politica; antepor-lhe um dique é obri-gal-a a reprezar-se momentaneamente até que, engrossada, ella rompa o estorvo e no impeto da quéda tudo arraste consigo, espalhando ruinas em torno. Nada querer aqui é desafiar tudo. Só cegos deixarão de vêr que não poderemos por tempo indefinido, nem resistir no interior á corrente da opressão, que vai tudo avassalando, nem sustentarmo-nos no exterior, unico paiz civilizado com escravos na communhão das nações.”

Este notavel artigo, que produzio a mais viva sensação entre o pequenao circulo de ambiciosos, retrogrados e anti-patrioticos adversarios da grande causa, muitos dos quaes ainda hoje vivem estygmatisados pelo desprezo publico, concorreu poderosamente para excitamento em mais alto gráo do já grande partido abolicionista, que cada dia mais se avolumava e se estendia rapidamente por todos os remotos pontos do Brasil.

A Confederação Abolicionista, proseguindo aos seus dedicados esforços em pról da libertação dos escravizados, nomeou varios de seus membros para que, constituídos em commissão, promovessem a libertação dos escravizados existentes nos quarteirões das diversas ruas desta cidade.

O primeiro quarteirão livre foi o da rua da Uruguayana entre Ouvidor e Sete de Setembro, onde estava installada a *Gazeta da tarde*, e depois o desta rua ao largo da Carioca, em seguida o da rua Nova do Ouvidor, toda a rua do Ouvidor, sendo que só do proprietario da Confeitaria Paschoal foram por elle espontaneamente libertos 28 escravizados, e assim continuou esta humanitaria medida a produzir os mais salutaes beneficios em prol dos infelizes captivos.

Esta commissão, que se compunha dos Srs. Luiz de Andrade, João Clapp, Julio de Lemos, Ernesto Senna, Procopio Russell, Evaristo Costa, Henrique Dias da Cruz, Manoel C. Lopes, Bento Joaquim da Costa Pereira Braga, Bernardino Ferreira Lobo e Alfredo Lopes de Miranda Abreu, obteve grande numero de cartas de liberdade para escravizados sem indemnização alguma,

além de um agradecimento e a confraternização de uns e outros nas festas celebradas publicamente pela Confederação.

O Centro Abolicionista da Escola Polytechnica tratou da libertação do largo de S. Francisco de Paula, tendo á sua frente os lentes Drs. Paulo Frontin, André Rebouças, Ennes de Souza, Getulio das Neves, Benjamin Constant, Carlos Sampaio e a maioria dos alumnos, que fizeram collocar nas esquinas do largo uma placa com a inscripção de *Praça da Liberdade*, que foi depois mandada retirar pela Municipalidade.

Para commemorar esse acto, realizou-se na propria Escola uma sessão solemne presidida pelo seu director, Conselheiro Miguel Archanjo Galvão, sendo orador o Sr. Dr. Getulio das Neves. A esta solemnidade compareceu a Confederação Abolicionista com o seu respectivo estandarte, empunhado pelo autor destas notas.

Nos quarteirões escoimados de escravizados fazia a Confederação collocar cartazes com as palavras "Não tem nem terá mais escravos", medida esta que estimulava e provocava a vaidade de uns e a generosidade de outros dos moradores de varias ruas, que por seu turno promoviam a libertação dos escravizados nellas residentes.

E assim continuou a tenaz propaganda, que cada vez mais angariava adeptos fervorosos, certa de que mais cedo do que pensavam os reaccionarios seria inevitavel o seu grande triumpho.

Organizaram-se clubs com planos sanguinarios para reagir contra a marcha victoriosa e pacifica das phalanges abolicionistas, mas nem as ameaças, nem as perseguições, nem a resistencia dos escravagistas conseguiram arrefecer o enthusiasmo dos propagandistas, resolutos e intemeratos na defesa do grande ideal da liberdade incondicional.

A Confederação estabeleceu um livro de honra com o titulo de *Livro Sete de Novembro*, onde eram consignados os nomes das pessoas que concediam cartas de liberdade aos seus escravizados, e dentro de poucos dias conseguiu obtel-as em numero de 61 dos seguintes e humanitarios Srs.: Dr. José Pereira Guimarães, uma; Conselheiro Francisco Augusto de Lima e Silva, uma; Francisco Pereira Ramos, quatro; Condessa de Itamaraty, sete; Carlos Augusto Rodrigues de Oliveira, uma; Augusto Maia Abreu Mello, uma; Luiz Cremona, uma; José de

Macedo Pereira, tres; Henrique Germack Possolo, uma; João Lourenço de Seixas, uma; José Ignacio Silveira da Motta, quatro; Joaquim José de Siqueira, seis; Antonio Aydano Gonçalves de Lacerda, uma; Frazão Gomes de Carvalho, uma; Joaquim Pínhireiro de Sampaio, uma; Dr. Joaquim José de Siqueira, uma; Custodio Evaristo Sampaio, uma; Isidoro Bevilacqua, duas; Justino José de Macedo Coimbra, duas; Alberto Baptista de Siqueira, uma; D. Maria Amalia Guimarães Torres, cinco; Manoel Rodrigues Fortes, uma; Alferes Alexandre Augusto Frias Villar, uma; D. Marianna Benedicto Ribeiro Gomes, tres; Victorino Martins Pereira de Azevedo, tres; D. Emilia Isabel da Rocha Masson, uma; Antonio José Ribeiro Bhering, uma; Carlos Xavier do Amaral, quatro; Joaquim Mendes de Oliveira uma; Jacomo N. de Vicenzi & Filho, uma.

Por toda a parte se promoviam diversões cujo producto pecuniario era destinado á libertação dos escravizados.

Já então os poderes municipaes celebravam festas e commemoravam datas nacionaes em que o principal objectivo era redimir o grande numero de captivos.

A propaganda da abolição no Brasil se coadunava com o espirito genuino do velho monarcha Pedro II e mais ainda palpitava como suprema aspiração no coração de Isabel, a *Redemptora*.

A familia imperial jámais regateou auxilios para a realização de festas abolicionistas, concorrendo sempre pecuniariamente para que ellas tivessem o maior esplendor e resultados praticos que servissem ao mesmo tempo para disseminar a idéa da abolição immediata.

Não escondiam os seus sentimentos nem o Imperador nem a Princeza Isabel entre os seus intimos e disso davam exuberantes demonstrações quando eram procurados pelos membros da Confederação Abolicionista.

A esse tempo tambem um grupo de senhoras fundou o Club Abolicionista *José do Patrocinio*, do qual era Presidente a Sra. D. Virginia Villa Nova; Secretaria, D. Adelina dos Santos; Thesoureira, D. Henriqueta Senna; Commissão Executiva: D. Epoina Senna, D. Cacilda de Souza e D. Rosalia de Senna.

Este club realizou varias festas abolicionistas, sendo a primeira com grande solemnidade no theatro S. Luiz.

A 10 de Agosto de 1884 era declarada livre de escravizados a Provincia do Amazonas, na presidencia do Dr. Theodureto Souto.

De grande resultado para a propaganda foram os celebres processos de Rosa Mourão e Francisca de Castro, senhoras de avultada fortuna, accusadas de barbaros espancamentos em suas escravizadas, factos estes que ecoaram dolorosamente na alma da nossa população, manifestados por compactas e repetidas adhesões á philantropica causa.

A *Gazeta da Tarde* e depois a *Cidade do Rio*, baluartes inexpugnaveis dos grandes combatentes do Bem, dirigidas por Ferreira de Menezes e José do Patrocinio, levavam a todos os longinquos recantos da nossa terra a noticia da marcha progressiva da propaganda, dos louros colhidos, e pela palavra escripta e convincente, cheia de fé e de amor ao proximo, concitavam todos os Brasileiros a se incorporarem á grande obra da redempção da patria, e a causa continuava a avolumar-se, invadindo todas as camadas sociaes, penetrando vasta, immensa e impavida na consciencia dos Poderes Publicos brasileiros.

Ave libertas era o grito unisono que, repercutindo em todo o Brasil, ecoava longe da patria entre os applausos das nações civilizadas, já ha muito expurgadas da aviltante exploração.

Outros orgãos da imprensa, como o *Paiz*, dirigido por Quintino Bocayuva, secretariado por Antonio Leitão, illuminado por Joaquim Serra, e a *Gazeta de Noticias*, sob a direcção de Ferreira de Araujo, acompanhado de Dermeval da Fonseca e Henrique Chaves, formavam na vanguarda desse *grande apostolado civilizador*, inculcando no seio do povo e dos Poderes Publicos os grandes e alevantados sentimentos de igualdade de todos os Brasileiros.

No fôro com notavel talento profissional os Drs. João Marques e Macedo Soares, denodados abolicionistas benemeritos da Confederação, pugnavam com desassombro pela causa dos escravizados, arrebatando-os por meio do estudo consciencioso e intelligente das nossas leis, das garras especuladoras do captiveiro.

As classes armadas e notadamente a mocidade da Escola Militar, capitaneada por Serzedello Corrêa, pronunciavam-se com desassombro, cerrando compactas fileiras em defesa da grande causa e tomando activa parte em todos os actos da Confederação Abolicionista.

E assim continuou a propaganda sempre victoriosa até 1888, quando depois de grandes tentativas foi decretada a "lei aurea" que redimio da escravidão centenas de milhares de Brasileiros, pela declaração da seguinte lei. n. 3.353:

"A Princeza Imperial regente em nome de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II faz saber a todos os subditos do Imperio que a assembléa geral decretou e ella sanccionou a lei seguinte:

Art. 1.º E' declarada extincta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Manda, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencerem que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas e interino dos Negocios Extrangeiros Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de S. M. o Imperador, a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, 67.º da independencia e do imperio. — *Princeza Imperial Regente.* — *Rodrigo Augusto da Silva.*

O Ministerio que promoveu a gloriosa lei era assim constituído: Presidente do Conselho, Ministro da Fazenda, Senador João Alfredo Corrêa de Oliveira; Ministro do Imperio, Deputado José Fernandes da Costa Pereira; Ministro da Justiça, Deputado Antonio Ferreira Vianna; Ministro dos Extrangeiros, Senador Antonio da Silva Prado; Ministro da Marinha, Senador Luiz Vieira da Silva; Ministro da Guerra, Senador Thomaz José Coelho de Almeida; Ministro da Agricultura, Deputado Rodrigo Augusto da Silva.

A Confederação Abolicionista compunha-se da direcção executiva e consultiva e della faziam parte os Srs. João Clapp, José do Patrocínio, André Rebouças, Luiz de Andrade, José de Sei-

xas Magalhães, Alberto Victor, Angelo Agostini, J. F. Serpa Junior, Tenente do Exército Manoel Joaquim Pereira, Ignacio von Doelinger, Ernesto Senna, Padre José Maria da Trindade, Dr. José Agostinho dos Reis, Evaristo Rodrigues da Costa, Jeronymo Simões e Joaquim Maria Serra.

Destes acham-se ainda vivos os Srs. Angelo Agostini, Evaristo Costa, J. F. Serpa Junior, Ernesto Senna, Luiz de Andrade, Jeronymo Simões, Ignacio von Doelinger e Dr. José Agostinho dos Reis.

Os estandartes pertencentes á Confederação e ás associações confederadas acham-se depositados na igreja de Nossa Senhora do Rosario desta Capital.

Aqui transcrevo a notavel carta que me dirigio o meu extremo amigo Dr. João Marques, cujo talento, character e nobreza de alevantados sentimentos admiro e acato como um estimulo e um salutar exemplo em todos os actos da minha humillima existencia.

CARTA A ERNESTO SENNA

Meu caro Senna, por muitas vezes em nossas palestras temos concordado que ainda está para escrever a historia da libertação dos escravos em nossa patria.

A modestia de uns, que muito agiram, faz com que elles se retraiam, com receio de incidirem na censura de auto-apologeticos, de nada lhes servindo o exemplo de Cesar, que conquistou as Gallias e altivamente escreveu a historia dessa conquista; outros descuram, absorvidos pelo cyclone da vida; a alguns a memoria já enfraqueceu; os tumulos encerram muitos... de modo que dia a dia escasseia o numero dos que, como o Apostolo, podem dizer á Posteridade: "*Eu vi!*"

Ha outras circumstancias que explicam essa falta. Houve graves interesses feridos e é natural a generosidade de não revolver chagas dolorosas: o historiador consciencioso terá de arrancar as pennas de certas gralhas que, no tempo da propaganda, ou eram contra a idéa ou eram apenas *sympathicos*, que prudentemente não se expunham, mas que no momento da victoria se enfeitaram com os louros conquistados por outros; e, principal-

mente, tratando-se da abolição, força é enaltecer a acção decisiva da Família Imperial, prudente e sábia no Imperador e arrojada e corajosa em D. Isabel.

Ha escrupulos adoraveis.

Fallar em certos nomes é crime de lesapatria e houve um professor, homem aliás de grande valia intellectual, que escrevendo uma historia do Brasil, adoptada aliás officialmente, ao tratar da guerra do Paraguay, não maculou seu trabalho referindo-se uma vez sequer ao nome do general em chefe das forças brasileiras, unicamente porque esse general era o genro do Imperador, o Sr. Conde d'Eu.

O professor teria envergadura para escrever a historia do christianismo omittindo o nome de Jesus, e demos graças aos Deuses Immortaes por elle não ter attribuido a descoberta do Brasil ao Sr. Tiradentes ou a outro procere seu correligionario.

Todavia encontramos na Inglaterra bellissimo exemplo para ser imitado: na galeria das estatuas dos Soberanos inglezes figura a de Cromwell ao lado da do Rei que elle fez assassinar.

A monarchia ingleza não se julgou autorizada a alterar a historia. A soberania de Cromwell foi um facto: elle a exerceu, bem ou mal, mas tanto como os reis legitimos. A estatua de Cromwell lá está attestando a existencia de um acontecimento historico e nem por isso a monarchia ingleza sente-se desprestigiada, ou a Inglaterra deixa de ser a *lealissima Inglaterra*.

Seja, porém, como fôr, a historia da abolição ainda não está escripta. E' talvez ainda cedo, convenho.

Mas nós que podemos dizer o *Eu vi!* do Apostolo, devemos ir colleccionando os elementos para o estudo do historiador futuro.

A parte propriamente parlamentar consta dos Annaes, mas não é a mais interessante. A parte intima, a que se passou nos bastidores, a que teve por scenario a alma popular, o estudo dos seus homens, a analyse das mil e uma circumstancias que ocorreram no periodo da propaganda... para que ficar tudo isto no esquecimento? A Chronica deve andar ao lado da Historia, e sem aquella muitas vezes esta ficará sem explicação.

A figura de mais destaque da propaganda abolicionista é sem duvida a de Patrocínio. Cumpre não deixal-a esmaecer. Virá a

lenda, dirão. Mas Patrocínio não precisa das fantasias da lenda para ser grande e lendario. Basta a verdade.

E' tempo de irem prestando seus depoimentos as testemunhas de vista.

Vou narrar um episodio, aproveitando a coincidência da data de hoje ou procurando-a propositalmente... Se tiver a fortuna de agradar e interessar, meu depoimento continuará. Se não, não.

Conheci Patrocínio em 1876. Chegara eu ha pouco da minha provincia e estudava preparatorios. Li a noticia da fundação de um club litterario sob o nome de *Gonçalves Dias*. Era um nome muito nosso, muito maranhense. Lá nós o consideravamos *só nosso* e vibravamos de enthusiasmo sempre que o ouviamos pronunciar. Naquelle época meu provincianismo ainda estava muito vivaz. Hoje ainda amo ardentemente a terra natal (que não revejo — ai! de mim — ha quasi 40 annos), mas aquelle ardor primitivo passou, concentrado em muito na terra de meus filhos, que é esta cidade, que adoro de todo coração.

Desejei ser socio do Club Gonçalves Dias. Proposto, fui logo aceito, apesar de ser ainda um menino, por descender de um homem illustre, que tambem honrava as tradições da terra gloriosa do padroeiro do Club.

O Club funcionava na Escola do Campo de S. Christovão e suas sessões tinham lugar aos domingos, durante o dia. Encontrei no Club, além de outros e outros, o velho Padre Trindade, o padre demagogo e philosopho, o Capitão Senna e o nosso José do Patrocínio, que então começara a apparecer na *Gazeta de Noticias*, escrevendo os celebres folhetins politicos sob o pseudonymo transparente de Proudhomme. Logo na primeira sessão fizemo-nos amigos, e ao descermos para a cidade, ás 3 da tarde, elle me lia no bond os originaes do seu folhetim do dia seguinte. Pouco depois fui para São Paulo fazer meu curso juridico, mas durante as férias nossa camaradagem continuava.

Em 1880 Joaquim Nabuco levantou na Camara dos Deputados a questão servil. Sua palavra teve repercussão em todo o paiz. A Academia de S. Paulo agitou-se, e os centros de propaganda surgiram de todos os lados.

Na pensão da rua Alegre, em que Sá Vianna e eu morávamos, fundou-se a *Emancipadora Academica*, a primeira sociedade abolicionista na ordem de antiguidade. No correr da escripta lembro-me terem sido seus fundadores, entre outros: Filinto Bastos, hoje Presidente do Tribunal de Revistas da Bahia, Sá Vianna, professor de Direito, Oscar Pederneiras, Augusto Marques, Cyro de Azevedo, actual Ministro Plenipotenciario em Vienna, Brasil Silvado, Carneiro Leão, Almeida Pereira, João Francisco Barcellos e outros.

Patrocínio, daqui do Rio, applaudia-nos furiosamente. Tornamo-nos naquella penna escravizada pela paixão da liberdade “os gloriosos, os immortaes, os benemeritos”. E elle era assim: ao abolicionista beijava servilmente as mãos e os pés; ao escravocrata esbofeteava impiedosamente.

Era um fanatico, e o fanatismo é uma fórma de loucura.

Concluido meu curso, vim advogar nesta cidade, e a confiança dos grandes juizes abolicionistas Monteiro de Azevedo e Salvador Moniz nomeava-me constantemente curador dos escravos litigantes: cheguei a funcionar em mais de dous mil processos. Em uma occasião um dos meus curatelados que propuzera acção de liberdade ia ser entregue ao seu senhor. Eu esgotara todos os recursos e procurava tentar mais um, antecipadamente perdido, apenas para ganhar tempo. No silencio do meu gabinete compulsava tristemente os autos á busca de uma inspiração — *de uma pontinha qualquer por onde pudesse puxar* — quando meus olhos distrahidos pouzaram sobre a certidão da matricula e dous dizeres dessa certidão offuscaram-me fulminantemente a vista: *Brasileira, Desconhecida*. Era um mundo que se abria diante de nós.

Pois que! Os dizeres da matricula eram fornecidos á repartição fiscal pelo proprio senhor do escravo e elle, o senhor, confessava desconhecer a filiação de seu escravo nascido no Brasil! No emtanto a lei dizia que o brasileiro só seria escravo quando nascesse de ventre escravo. A liberdade sempre se presumia, era principio de Direito. O individuo cuja filiação se desconhecia deveria ser equiparado ao *exposto*, que pela legislação portugueza, subsidiaria da nossa, era considerado filho legitimo, livre e nobre.

Baseei meus embargos nessa argumentação, abraçada e sustentada vigorosamente pelos Desembargadores Trigo de Loureiro e Carneiro de Campos e dentro de pouco tempo era essa a jurisprudencia uniforme do Tribunal da Relação. O incendio estava ateado. O Barão de S. Domingos, Juiz de Direito de Santos, por uma portaria, mandou dar baixa na matricula de 15.000 escravos inscriptos sem filiação desconhecida; o da comarca do Pomba fez o mesmo e todos os dias chegavam communições identicas á Confederação Abolicionista. Excedia de 200.000 o numero de libertados pela jurisprudencia do nosso Tribunal da Relação, quando foi promulgada a lei de 13 de Maio.

Todos estes factos concorriam para apertar os laços de amizade que prendiam Patrocínio a mim, e elle alludindo jovialmente á sua origem humilde dizia-me um pouco seu pai, como pai dos de filiação desconhecida.

Elle se expressava, porém, em termos claros e... rebarbativos...

Mas...

*

* *

Mas vamos ao episodio a que alludi no principio desta carta.

O dia 13 de Maio de 1888 correra freneticamente tumultuoso. Assistiramos no Senado á 3.^a votação da lei e correramos para o Paço da Cidade. Queríamos *vêr* a assignatura. *Eu vi* D. Isabel radiante de felicidade curvar-se sobre a mesa e assignar o decreto de sua immortalidade e de sua deposição. Entre mim e ella não medeiava a distancia de dous metros. *Eu ouvi Patrocínio* pronunciar as palavras que nunca mais se extinguirão de meus ouvidos: "Minh'alma sobe de joelhos nestes Paços..." E nós, os abolicionistas, nos abraçavamos, nos beijavamos, com os olhos luzindo de lagrimas e com a voz enrouquecida pelos gritos de enthusiasmo e de alegria.

Ao escurecer, na *Cidade do Rio*, resolvemos jantar juntos. João Clapp seguiu para o Hotel do Globo para nos reservarem o salão do 2.^o andar. Pouco depois voltou. Tudo encommendado, a 6\$ por cabeça. Haveria Champagne.

— Nosso jantar deve ser presidido pelo João Alfredo, aventou um.

— Impossível, obtemperamos. O João Alfredo é o Presidente do Conselho e por sua posição official não póde vir confraternizar comnosco, os *arruaceiros*, os *papa-peculios*, os *abolicionistas do alheio*. Seria improprio e nem elle se prestaria.

— Então o Dantas!

E de todos os lados era aclamado o nome do Conselheiro Dantas.

Immediatamente tu, meu Senna, tomaste um carro com ordem de *desencafuar* o Dantas, fosse onde fosse”.

Uma hora depois estavamos nas janellas do salão do Hotel do Globo, olhando anciosos os carros que se approximavam. Afinal um carro parou na porta do hotel e dous grandes pés sahiram de dentro delle e se espalharam pela calçada....

Eras tu, que bradavas para cima em tom victorioso: “Está aqui! Elle veio!”

Corremos ao seu encontro.

E o velho Dantas, risonho, lisonjeado, abraçava-nos a todos.

— Meus filhos... meus filhos...

— Viva o Conselheiro Dantas! estrugiamos nós.

— Oh! meninos... Deixem-se disto. Vocês me chamaram para jantar: vamos jantar, que estou com appetite. Eu ia sentar-me á mesa quando recebi o recado de vocês, explicava com bonhomia.

Quizemos sental-o á cabeceira da mesa.

— Não. Quem deve presidir é a Bibi, disse-nos indicando-nos a esposa de Patrocínio, unica senhora que se achava entre nós. Ella tem aturado muito o nosso José e merece esta recompensa. Sente-se na cabeceira, Bibi, ordenou.

E o nosso jantar prolongou-se até depois de meia noite, intimo, fraternal, exuberante de felicidade.

A essa hora o povo que ainda enchia as ruas soube que o estado-maior da propaganda abolicionista estava alli se banquetando e invadiu-nos a sala de roldão.

— Viva José do Patrocínio! Viva a Princeza Imperial! Viva o Conselheiro Dantas! Viva a liberdade! ululava o povo subindo as escadas do hotel.

A' 1 hora da noite separámo-nos. Patrocínio e eu, que movíamos para os mesmos lados, dirigimo-nos ao largo de São Francisco e tomámos um bond da Cancellá, sentando-nos no ultimo banco. Na rua dos Andradas entrou um grupo de uma sociedade com a competente banda de musica. Pouco depois deram com Patrocínio e...

— Toca o hymno! Toca o hymno! Viva o José do Patrocínio!

Os outros passageiros confraternizaram com os da banda de musica. Ao chegarmos ao Campo de Sant'Anna, Patrocínio segredou-me não poder fazer viagem tão longa no meio daquella barulhada e propoz-me a fuga.

Saltámos sorrateiramente, mas os perseguidores viram e quiseram tambem saltar. Pela astucia nada conseguimos; pela força era impossivel...

— Arranja-te como puderes, mas livra-me desta musica, senão eu parto a cabeça contra aquella parede, disse-me Patrocínio em tom ameaçador. Inventá qualquer cousa, mente mesmo, porque para isso é que és advogado.

Fui parlamentar com o chefe do bando. Conteilhe uma historia bregeira de um passeio a que nós íamos e no qual elles seriam de mais.

Riram-se e nos deixaram. E o bond seguiu e nós ficámos ouvindo os accórdes do Hymno Nacional entremeados com os "vivas a José do Patrocínio".

— E agora? perguntou-me Patrocínio ainda assustado.

Os bonds subiam cheios. Em qualquer um a scena se reproduziria.

— Vamos andar um pouco, lembrei eu. Isto ajudará a digestão.

E descemos a pé, a rua de S. Pedro, muito devagar, conversando sobre cousas indifferentes. Quando eu fallava no acontecimento do dia, elle se oppunha, dizendo que "ainda teria de fazer muitos discursos e que isto lhe bastava."

Seguimos assim até á rua Primeiro de Março, e encostados ao lado do Correio fomos á rua de S. José, por onde subimos. Seriam 3 1/2 da madrugada. Um kiosque fronteiro á igreja do Parto já estava aberto. Patrocínio lembrou "um cafézinho".

— Simples ou com pão? perguntou-nos o kiosqueiro.

Estavamos no meio da grande caneca, quando approximou-se um carroceiro. Depois de beber “os dous de canna” e de cuspinhar para o lado, segundo o estylo, reparou em Patrocínio e entusiasmou-se.

— Olha o iróe da libardade! Biba o Zé do Patrocínio! berrou!

Vieram outros e fez-se logo um grupo.

Passava um tilbury vasio.

— Fujamos, disse-me elle. Nem no kiosque...

E atirámo-nos dentro do tilbury.

— Não cabe tanta gente no carro, objectou o cocheiro.

— Cabe, cabe, disse Patrocínio. Nós nos arrumaremos como for possivel. Meu companheiro é gordo, é um pouco meu pai, e eu irei no collo delle.

O cocheiro reconheceu José do Patrocínio e... chamou-o de “heróe da liberdade”.

— Olha, cocheiro, isto aqui não é o kiosque, onde elles eram muitos e carroceiros. Tu aqui és um só e nós somos dous. Se repetes, nós te estrangularemos e ainda por cima te furtaremos o tilbury e o cavallo.

O pobre homem olhou espantado e eu tive de explicar-lhe a situação.

Na rua Figueira de Mello, proximo ao Campo de S. Christovão, abafavamos. Propuz saltarmos e fazer o resto do percurso a pé. O cocheiro não quiz receber pagamento: julgava-se bem pago pela honra de conduzir o... heróe da liberdade. “Eu tambem sou da raça *seu* Patrocínio.” E quando se vio a alguma distancia de nós, parou o tilbury e soltou uma porção de “Vivas” a José do Patrocínio.

— Canalha... rosnou Patrocínio.

Accendemos nossos charutos, entrámos no Campo e tomámos a direcção da rua de S. Luiz Gonzaga. Os lampeões de gaz já estavam apagados e a claridade do dia proximo começava a desfazer a escuridão da noite. Na altura da Escola Publica parei e fiz parar meu companheiro.

— Que bello dia para morreres, Patrocínio, disse-lhe eu. Nunca mais encontrarás outro igual. Morrerás em plena apothose e tua morte abalará o Brasil e ribombará por todo o mundo.

Talvez até vás para o Céu, meu velho, porque Deus deve estar muito contente contigo. Tua familia, com a effervescencia que ha, ficará a salvo de todas as necessidades, talvez millionaria. Teus filhos serão adoptados pela Nação. Teu enterro será um triumpho maior que os triumphos romanos, e teu tumulo será outro Santo Sepulchro. Tuas estatuas ornarão as praças publicas e teu nome ficará como um symbolo. Vais viver, meu velho, e vais para a politica... e aquillo emporcalha, meu amigo...

Elle nada me respondeu. Seguimos calados, mascando os charutos apagados. Na porta de sua casa, ao despedirmo-nos, elle soltou uma daquellas gargalhadas metallicas tão suas e, abraçando-me, disse-me:

— Malvado! Meu assassino!

No tom de sua voz havia algo de nervoso. O dia despontava e eu, rindo-me tambem, puz-me a atordoar a rua:

— Viva José do Patrocinio! Viva o heróe da liberdade!

*
* *

Passaram-se os annos...

Patrocinio morria aos poucos, agonizando de molestia, de desgostos, de desenganos e — por que não dizel-o? — de miseria. Morava em um suburbio, em um casebre de taboas junto ao galpão onde á custa de sua fome construía penosamente o balão Santa-Cruz.

Aquelle sonho de aguia suavizava-lhe as dores que lhe causavam as mordeduras dos reptis.

— Vês, meu amigo... Eu deveria ter morrido naquelle dia... Repara o abandono em que me acho... Elles eram tantos, tantos... Hoje parece que têm medo de mim. A miseria faz medo.

— Mas isto é historia antiga, Patrocinio, respondi. Christo, quando tinha pão e peixe para dar, vio em volta de si cinco mil estomagos a encher, cinco mil bocas para entoarem louvores e dez mil mãos para baterem-lhe palmas. No Calvario quantos eram? Vai contando pelos dedos, que os de uma só mão bastam e sobram: o discipulo amado, Maria e duas mulheres. E o outro

era branco e tu és apenas o Christo Negro; o outro era “O Filho de Deus”, e tu não passas de “*um* filho de Deus” como todos nós.

— Tens razão, meu amigo. Eu tinha me esquecido do Evangelho...

E dirigio-se á janella. Ha duas horas esperava alguém, que devia á sua penna e ao seu prestigio a honra e a fortuna e que lhe assegurava que naquelle dia lhe levaria certa somma, pequena amortização de antigo debito. Esse dinheiro seria o remedio para sua doença e o pão para o dia seguinte.

Escurecia.

Apontou ao longe, na estrada, um bond. Patrocínio olhava ancioso. O bond passou sem parar.

— Não vem... não vem... Minha pobre gente... Meu Deus...

E tropego, cambaleando, tossindo... tossindo... atirou-se na cama, soluçando baixinho para os seus não ouvirem. — *João Marques*”

Ahi ficam, pois, estas ligeiras notas, falhas, é certo, de informações de valia, mas que retirei da minha carteira de reporter na intenção despretenciosa de fazer conhecer umas tantas cousas que servirão talvez para a historia da Redempção dos Escravos no Brasil.

1909.

INDICE

O attentado de 5 de Novembro de 1897.....	5
Corpo de Bombeiros.....	29
Antonio Conselheiro.....	45
Cemiterios	53
O Correio no Brasil.....	95
A Igreja da Candelaria.....	119
Commemoração dos Mortos.....	143
Academia Nacional de Medicina.....	151
A Rainha Regente da Hespanha.....	157
Israel Soares.....	165
Os invalidos da Patria.....	173
Paula Ney	199
A Rainha Maria Pia.....	205
Os Irmãos Parlagrecco.....	217
O Dr. Prudente de Moraes, intimo.....	221
Hospital de S. Sebastião.....	225
A Missão Pasteur.....	239
Santos Dumont, intimo.....	245
O Ex-Presidente Cuestas.....	251
Thomas Ribeiro.....	263
O Duque de Caxias.....	269
Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico.....	289
Conselheiro Leonardo de Araujo.....	317
Riachuelo	327
José do Patrocínio.....	353
O Telegrapho no Brasil.....	367
Os cães.....	387
Lopes Trovão.....	393
Baurú e a canalização d'agua em S. Paulo.....	403
Pedro Ivo.....	411
Uma heroína da Guerra do Paraguay.....	445
Um feito memoravel.....	451
O Parque da Acclamação.....	487
Velhas usauças do Paço Imperial.....	499
Lo Schiavo.....	529
Francisco Manoel da Silva.....	553
Asylo da Velhice Desamparada.....	571
Igreja de Santo Antonio dos Pobres.....	575
Um reporter norte-americano.....	581
A Imprensa Regia.....	587
Uma escriptora norte-americana.....	611
O Almirante Inhauma.....	621
Escola Naval.....	647
Treze de Maio.....	663

